

Phenomenology, Humanities and Sciences

Fenomenologia, Humanidades e Ciências



Volume VII - Nº 2
2026

ISSN 2675-4673

Phenomenology,
Humanities
and Sciences

Fenomenologia, Humanidades e Ciências



Volume 7 – N. 2

2026

Ficha Catalográfica

Phenomenology, Humanities and Sciences - Fenomenologia, Humanidades e Ciências- Vol. 7, n. 2 (2026) – Curitiba, 2026.

193p.: il.: 30 cm

ISSN 2675-4673

1. Psicologia.

Citação:

Phenomenology, Humanities and Sciences - Fenomenologia, Humanidades e Ciências, v. 7 n.2, 2026. 193p

Impresso no Brasil
Printed in Brazil



Volume 7 – Nº 2 – 2026

Phenomenology, Humanities and Sciences - Fenomenologia, Humanidades e Ciências
ISSN 2675-4673

EXPEDIENTE

Editores

Adriano Furtado Holanda
(*Universidade Federal do Paraná*)

Yuri Ferrete
(*Universidade de Lisboa / Pontifícia Universidade Católica do Paraná*)

Editores Associados

Camila Muhl
(*FAE-Centro Universitário*)
Claudinei Aparecido de Freitas da Silva
(*Universidade Estadual do Oeste do Paraná*)
Mariana Cardoso Puchivailo
(*Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo*)
Hernani Pereira dos Santos
(*Universidade Estadual do Ceará*)
Leonardo Uderman
(*Universidad Complutense de Madrid*)
Erik Lind
(*Universidade de Lisboa*)

Conselho Editorial

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (*Universidade do Estado do Rio de Janeiro*)
André Vinícius Dias Senra (*Instituto Federal do Rio de Janeiro*)
Anna Luiza Coli (*Bergische Universität Wuppertal / Charles University Prague*)
Carlos Morujão (*Universidade Católica Portuguesa*)
Crisóstomo Lima do Nascimento (*Universidade Federal Fluminense*)
Daniel Guilhermino (*Universidade de São Paulo*)
Daniel Rodrigues Ramos (*Universidade Federal do Recôncavo Baiano*)
Danilo Saretta Verissimo (*Universidade Estadual Paulista/Assis*)
Darlindo Ferreira de Lima (*Universidade Federal de Pernambuco*)
Dionatans Godoy Quinhones (*Universidade Federal da Grande Dourados*)
Eduardo Luis Cormanich (*Universidade Federal de Juiz de Fora*)
Ewerton Helder Bentes Castro (*Universidade Federal do Amazonas*)
Guilherme Messas (*Faculdade de Medicina da Santa Casa de São Paulo*)
Ileno Izidio da Costa (*Universidade de Brasília*)
Joelma Ana Gutierrez Espíndula (*Universidade Federal de Roraima*)
José Olinda Braga (*Universidade Federal do Ceará*)
Julio César Vargas Bejarano (*Universidad del Valle, Colombia*)
Lúcia Stenzel (*Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre*)

Marciana Gonçalves Farinha (*Universidade Federal de Uberlândia*)
Marcos Aurélio Fernandes (*Universidade de Brasília*)
Marcus Sacchini Ayres Ferraz (*Universidade de São Paulo*)
María Lucrecia Rovalletti (*Universidade de Buenos Aires*)
Martina Korelc (*Universidade Federal de Goiás*)
Martin Miguel Buceta (*Universidad Nacional de San Martín*)
Nathalie de la Cadena (*Universidade Federal de Juiz de Fora*)
Nilton Júlio de Faria (*Pontifícia Universidade Católica de Campinas*)
Paolo Scolari (*Nietzsche-Gesellschaft*)
Pedro M. S. Alves (*Universidade de Lisboa, Portugal*)
Scheila Thomé (*Universidade Federal do Rio Grande do Sul*)
Shirley Macêdo Vieira de Melo (*Universidade Federal do Vale do São Francisco*)
Victor Luis Portugal Clavisso (*KU Leuven*)

Diagramação e Arte Final
Innovart Publicidade

Financiamento
Associação de Pesquisas em Fenomenologia (APFeno)

Produção Editorial
Yuri Ferrete (*Pontifícia Universidade Católica do Paraná*)

Normas de Apresentação e Encaminhamento de Manuscritos
Submissão exclusivamente online: <https://phenomenology.com.br/index.php/phe>

Editor
Associação de Pesquisas em Fenomenologia (APFeno)
E-mail: yuriferrete@gmail.com / aholanda@yahoo.com

As opiniões emitidas nos trabalhos aqui publicados, bem como a exatidão e adequação das referências bibliográficas são de exclusiva responsabilidade dos autores, portanto podem não expressar o pensamento dos editores. A reprodução do conteúdo desta publicação poderá ocorrer desde que citada a fonte.

SUMÁRIO

Editorial

Editorial.....	VII
-----------------------	------------

Artigos

Programas de Promoção e Prevenção Baseados na Logoterapia - Revisão de Escopo.....	130
Hareli Fernanda Garcia Cecchin (Universidade Federal do Tocantins), Ana Clara de Andrade Patrício (Universidade Federal da Paraíba) & Thiago Antônio Avelar de Aquino (Universidade Federal da Paraíba)	
Logotherapy-Based Promotion and Prevention Programs - Scope Review.....	143
Hareli Fernanda Garcia Cecchin (Universidade Federal do Tocantins), Ana Clara de Andrade Patrício (Universidade Federal da Paraíba) & Thiago Antônio Avelar de Aquino (Universidade Federal da Paraíba)	
Saúde Mental e Sentido para Vida: Pessoas Idosas e a Logoterapia	156
Jefferson da Silva (Centro Universitário São Camilo, São Paulo); Tatiana Iuriko Kawasaki Nakabayashi (Centro Universitário São Camilo, São Paulo) & Grasiela Aparecida Bomtempo (Centro Universitário São Camilo, São Paulo)	
Temporalidade, Sentido na Vida e Saúde Mental de Professores na Pandemia de Covid-19	168
Arthur Antunes Santos Alexandre (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Lucia Helena Pralon de Souza (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) & David Moises Barreto dos Santos (Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, Bahia)	
Tentativa de Suicídio e Sentido da Vida: Elaboraões da Pessoa no Encontro com Psicólogo	179
Lázaro Silva Queiroz (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, Minas Gerais), Roberta Vasconcelos Leite (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, Minas Gerais, Brasil) & Yuri Elias Gaspar (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, Minas Gerais, Brasil)	
A Psicoterapia das Alturas: A Revolução Antropológica da Logoterapia e Análise Existencial na Psicoterapia Vienaense.....	192
Valdir Barbosa Lima Neto (Instituto Sherpa, Fortaleza, Ceará, Brasil) & Adriano Frota Lima (Instituto Sherpa, Fortaleza, Ceará, Brasil)	
Revisão Teórico Conceitual da Hiper-Reflexividade sob a Perspectiva da Logoterapia	202
Flavia Neves Ferreira (Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, São Paulo)	
Diálogos sobre a Queda das Tradições e o Vazio Existencial em Viktor Frankl	211
Raissa Daniella Correa Gomes (Instituto Freedom, São Paulo) & Maria Helena Budal da Silva (Núcleo de Logoterapia de Curitiba)	
Contribuições da Logoterapia para a Realização do Pré-Natal Psicológico: Uma Revisão	223
Nathália Pujol Fernandes (Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro) & Tatiane Jardim Costa (Universidade Estácio de Sá, Petrópolis, Rio de Janeiro)	
A Trajetória Intelectual e a Teoria de Frankl: Sobre os Ombros de Gigantes	235
Sam Cyrus (Universidade de Brasília, UnB, Brasília) & Maria Inês Gandolfo Conceição (Universidade de Brasília, UnB, Brasília)	
Psicoterapia e Religião: Uma Questão (no)ética	244
Adriana Patrícia Egg-Serra (Universidade Federal do Paraná)	

Tradução – Texto Clássico

Apresentação à Tradução: Rogers e Skinner para além dos estereótipos: uma leitura do diálogo de 1962 ..	256
Lucia Marques Stenzel, Paulo Coelho Castelo Branco & Adriano Holanda	
Carl Rogers em Diálogo com B. F. Skinner (1962)	268
Carl R. Rogers & B. F. Skinner	



EDITORIAL

Editorial – Diálogos entre Fenomenologia e Logoterapia

Viktor Emil Frankl (1905-1997), cujo arcabouço é o foco deste número, tinha, em suas próprias palavras, “uma posição muito crítica em relação ao psicologismo, que estava profundamente assentado, [e] arraigado” (Frankl, 2026, p. 11) no campo das psicoterapias. Seus comentários contra o que designa de o “erro do psicologismo” (Frankl, 2026, p. 11) são herança paradigmática de Husserl, que criticava as várias categorias de reducionismo nas ciências naturais, em busca de uma doutrina universal focada na essência dos fenômenos (*eidós*).

Para Frankl, esse é um aspecto que vai além, e é o que torna possível o verdadeiro amor. Chega mesmo a dizer que “os que se amam *intendem* para a essência do ser amado e seu valor” (Frankl, 2016, p. 239) e “ninguém consegue ter consciência plena da essência última de outro ser humano sem amá-lo” (Frankl, 2002, p. 100). Se para Husserl a consciência é intencional, ou seja, é sempre consciência de alguma coisa; para Frankl, a consciência intencional demonstra-se amorosa. É isso que permite uma superação do abismo entre sujeito e objeto, recuperando um posicionamento correlato de um perante o outro, o que, no campo das relações humanas seria por Frankl designado de relação dialógica.

Como afirma Hart (1992), para Husserl, é no amor que os sujeitos reciprocamente podem auxiliar uns aos outros a realizarem seu pleno potencial, à semelhança de Frankl que ao enfatizar a necessidade de se conhecer no Outro “o que (...) pode ser” e o “que deveria ser” (Frankl, 2002, p. 100), respectivamente potencialidades pessoais e compromissos consigo mesmo. É nessa jornada entre o que se “é” e o que “poderia ser” e, mais, “deveria ser” que emerge esta edição da *Phenomenology, Humanities and Sciences*, uma revista que nasce da Fenomenologia e dialoga agora com a Logoterapia e Análise Existencial, já que ambas têm muito a compartilhar uma com a outra, num movimento que anima o crescimento de ambas as perspectivas. Esta publicação emerge, portanto, da leitura da realidade e das possibilidades que a Logoterapia apresenta (seu “é” e seu “pode ser”) e, sobretudo seu compromisso em cuidar de um mundo em busca de sentido (seu “deveria ser”), num diálogo institucional entre o Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade (LabFeno) e a Associação de Pesquisas em Fenomenologia (APFeno), por um lado responsáveis pela revista, e a Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial (ABLAE), como co-partícipe da presente edição (em especial sua Gestão 2023-2024), por outro. Estas três entidades se unem para criar uma realidade concreta, consubstanciada neste número.

Para Husserl, uma das habilidades intuitivas é conceber a conjunção de três elementos. É como se fizesse parte da natureza humana perceber, um ou dois ou três objetos ante si; uma criança, ao ver quatro ou mais diz que há “muitos” objetos. Não à toa, a raiz etimológica da palavra “três” aparenta se conectar com o prefixo “trans”; ou, e a antropologia demonstra, há idiomas que desenvolvem vocabulário até o “três” e assumem uma espécie de fronteira para além dele, vide os povos originários, como os Pirahã, que não possuem termos para números grandes; como se houvesse uma compreensão intuitiva de até onde as coisas são percebidas imediatamente, e a partir de onde elas são inferidas. Talvez seja essa percepção prática do conceito de três que faça tantas teorias da psicologia – como a Estrutura Tripartite Psíquica de Freud, os três motivos de McClelland, a teoria triangular do amor de Sternberg, a reciprocidade triádica de Bandura – e mesmo abordagens religiosas – o Trikaya budista, os três céus e infernos zoroastrianos, a Trindade cristã, o Trimurti hindú – serem compostas por três elementos. Para Husserl, o umbral da percepção direta era ultrapassado ao se criar/inventar palavras para conceitos abstratos (quatro, cinco, mil...). Husserl argumentava que para algo ser autenticamente entendido, a mente deve ser capaz de poder lidar com todos os componentes em simultâneo. Porventura essa percepção terá conduzido Frankl, consciente ou intuitivamente, ao conceber a sua teoria em grupos de três – “três pressupostos, que formam uma cadeia de elos interconectados” (Frankl, 2020, p. 22); a antropologia tridimensional e os três principais reducionismos; as três escolas de pensamento, e as três “vontades”; os três categorias de valores e a tríade trágica.

A linguagem emerge, então, para descrever fenômenos complexos da vida e, à medida que a humanidade se tornou sedentária e foi se estabelecendo em locais distintos, começou a criar metáforas que simbolizavam experiências que eventualmente se tornaram histórias com maior ou menor grau de complexidade (Bühler, 2020). Essas histórias passam de geração a geração, criando as nossas convenções e tradições que, como apontado pelo artigo de Raissa Daniella Correa Gomes & Maria Helena Budal da Silva – “Diálogos sobre a Queda das Tradições e o Vazio Existencial em Viktor Frankl” – nascem de aspectos culturais e comportamentais de outros momentos históricos, sustentam visões de mundo e influenciam a forma como as pessoas vivem. Assim, as histórias permitem



compreender as circunstâncias que conduziram pensamentos de figuras específicas que emergem em cada época, como no caso de Frankl e sua trajetória intelectual abordados pelo manuscrito “A Trajetória Intelectual e a Teoria de Frankl: Sobre os Ombros de Gigantes” – de Sam Cyrós & Maria Inês Gandolfo Conceição. Com isso, torna-se possível explorar e destacar inovações específicas e implicações práticas para a uma compreensão mais ampla da prática clínica contemporânea perante os desafios existenciais da atualidade, um dos focos do artigo “A Psicoterapia das Alturas: A Revolução Antropológica da Logoterapia e Análise Existencial na Psicoterapia Vienaense”, de autoria de Valdir Barbosa Lima Neto & Adriano Frota Lima. Estes três artigos, que constam da presente edição, ajudam seus leitores a conhecer o que é a Logoterapia e Análise Existencial de Frankl.

O maior de todos os desafios existenciais, na ótica da Logoterapia, será porventura a questão do sentido. Por isso, a pesquisa aqui apresentada por Hareli Fernanda García Cecchin, Ana Clara de Andrade Patrício & Thiago Antônio Avelar de Aquino – no manuscrito “Programas de Promoção e Prevenção Baseados na Logoterapia – Revisão de Escopo” – torna-se de alta importância, já que, apresentam os resultados de uma revisão de escopo a partir de estudos que tinham como foco a prevenção do suicídio e detectam a promoção da busca do sentido da vida e a prevenção do vazio existencial como elementos fundamentais para o processo. Nessa linha, é também necessário compreender a importância de identificar relações com pessoas significativas e sua presença, relações que permitam um olhar melhor perante a própria vida, uma espécie de *vínculo com a vida*, como apresentam Lázaro Silva Queiroz, Roberta Vasconcelos Leite & Yuri Elias Gaspar, no artigo “Tentativa de Suicídio e Sentido da Vida: Elaboraões da Pessoa no Encontro com Psicólogo”. E é então que um duplo aspecto não pode ser esquecido: a distinção entre a busca e a presença de sentido; como trazido por Arthur Antunes Santos Alexandre, Lucia Helena Pralon de Souza & David Moises Barreto dos Santos – no manuscrito “Temporalidade, Sentido na Vida e Saúde Mental de Professores na Pandemia de Covid-19”; enquanto o primeiro avalia a motivação para encontrar ou aprofundar, o segundo se relaciona com a percepção que a vida tem sentido; apesar de focar em profissionais da educação em contexto específico, apresenta resultados que, entre outras coisas, indicam que a presença é maior nas pessoas de terceira idade e a busca na população mais jovem. Este é um trio de artigos aqui publicados, conduzindo seus leitores a um melhor entendimento do amplo e profundo conceito de sentido.

O que vemos na presente edição é a linguagem frankliana sendo impressa por uma nova geração de autores que seguem a tradição do próprio Frankl: simplicidade sem perder profundidade. Autores deste porte conferem esperança que os logoterapeutas não se converteram nem converterão em meros “seguidores ortodoxos da logoterapia – ainda bem”, mas que são capazes de combinar, “espontaneamente o tratamento logoterápico com outros tratamentos” (Frankl, 2026, p. 23), outras perspectivas – citando autores como Jaspers, Ricoeur e Heidegger – e outros contextos. Como é o caso do artigo de Nathália Pujol Fernandes & Tatiane Jardim Costa, intitulado “Contribuições da Logoterapia para a Realização do Pré-Natal Psicológico: Uma Revisão”, propõe um diálogo com a enfermagem enquanto nos convoca a temas específicos como a prática perinatal. Jefferson da Silva, Tatiana Iuriko Kawasaki Nakabayashi & Grasiela Aparecida Bomtempo – no artigo “Saúde Mental e Sentido para Vida: Pessoas Idosas e a Logoterapia” –, por sua vez, dialogam com críticas ao capitalismo no qual pessoas idosas são vistas, em suas palavras, como descartáveis para o sistema, propondo caminhos para que elas, em suas experiências de vida, se alegrem com suas histórias, assumam o que não foi possível e se tornem aptas a viver o presente enquanto sonham e se lançam ao futuro com novas perspectivas. Por fim, Flavia Neves Ferreira, no manuscrito “Revisão Teórica Conceitual da Hiper-Reflexividade sob a Perspectiva da Logoterapia”, dialoga várias visões internas na logoterapia sobre hiper-reflexão, auto-transcendência e derreflexão, enquanto salienta o papel do encontro entre paciente e terapeuta, já que ele é fundante para a adesão ao processo terapêutico. Uma tríade de artigos aqui se fazendo presente para abordar momentos diferentes da existência humana.

E como toda boa história tem uma cena pós-crédito que lhe engrandece, um último artigo é aqui apresentado: um estudo teórico, reflexivo e atual que analisa uma tensão ética e política num Brasil de embates entre laicismo e religiosidade, buscando o ponto de equilíbrio saudável da laicidade. O que Adriana Patrícia Egg-Serra faz – no artigo “Psicoterapia e Religião: Uma Questão (no)ética” – é tecer, a partir do pensamento frankliano um marco sobre religiosidade como manifestação cultural com o qual psicólogos desta ou de outras abordagens tenham um olhar de acolhimento do mundo vivencial de seus pacientes, sem laicismo, proselitismo ou reificações do fenômeno espiritual.

O que a presente edição oferece, portanto, é uma proposta de revisitar quem é o ser humano e como podemos compreender a existência através da rehumanização dos processos. Husserl nota que não é fácil perceber a plena realidade do Outro. Justamente por isso, o encontro terapêutico demanda cautela com o excesso de elementos que o artificializam, para que a caminhada seja dotada com sentido possível e real, em prol da pessoa ante o psicólogo, e não dos dados coisificados e computados. Por isso, este número torna-se, acima de tudo, uma defesa da irredutibilidade do fenômeno da consciência e da experiência subjetiva, ou inter-subjetiva; um regresso à humanização, uma rehumanização da psicologia além de psicologismos.

Humanizada em seu pensamento, fenomenológica em sua matriz, e necessariamente empírica em sua prática, a Logoterapia emerge hoje para a sua terceira fase histórica, ou terceira onda, já que ondas se mesclam. A primeira onda seria a das figuras históricas ímpares, que plantaram a semente e a regaram; onda que naturalmente começa com o próprio fundador, Viktor Frankl, e passa por figuras internacionais como Eugenio Fizzotti, Geronimo Acevedo, Izar Xausa, Martha Iglesias, Oscar Oro e, claro, Eleonore “Elly” Katharina Frankl, que faleceu muito recentemente, a 10 de junho de 2026. Descrita sempre como dotada de inteligência prática e humanidade



manifesta em cortesia, generosidade e afeto, ela é mais que a primeira-dama da Logoterapia: foi quem ajudou a concretizar e amadurecer a Logoterapia, encorajando Frankl e outros pesquisadores em seus esforços constantes de desenvolver esta ciência. Em seu obituário, Alexander Batthyány (2026), escreve: “ela não recebia nem percebia pessoas como representantes de instituições, mas como pessoas”, observando seus sorrisos e risos. Esta é a rehumanização para além de qualquer reducionismo.

A segunda onda, ao menos no Brasil, foi a institucional. Com a vinda de Frankl ao Brasil nos anos 80 do século passado, surgem muitas entidades e associações, até que em 2010 se cria a ABLAE, a irmã mais nova e cheia de garra da primeira de todas, a SOBRAL, de 1984. Nesse período institucional, a Logoterapia cresce de maneira leve, com a preocupação de criar novos profissionais, que sejam, acima de tudo, bons seres humanos. E é aí que emerge a terceira onda! Apesar de estarmos com remanescentes da primeira onda, com alguns alunos de Frankl ainda vivos, e as instituições da segunda onda continuarem crescendo e se desenvolvendo, chegamos ao momento mais importante. Os fundadores e as instituições são agentes fundamentais de qualquer grupo, mas o real poder advém da responsabilidade assumida pelos indivíduos. Este número da *Phenomenology, Humanities and Sciences* é prova disso. Os vários livros publicados anualmente são prova disso. Os cursos sempre lotados de Logoterapia são prova disso. A terceira onda é a da livre e responsável iniciativa individual, de pessoas que estão na caminhada, esforçando-se em se tornar não quem podem ser, mas quem deveriam já ser. E, como diz Frankl (2022):

As pessoas (...) que podem e devem atuar através de seu ser estão em minoria. Isso o nosso pessimismo sabe. Mas é justamente isso que distingue o ativismo contemporâneo, é justamente isso que distingue a inaudita responsabilidade dos poucos. (...) O que tudo isso quer dizer? O que foi exposto até aqui nos revela duas coisas: Tudo reside no ser humano individual, apesar da quantidade, no máximo, diminuta de pessoas da mesma ideia; e tudo reside no fato que ele realiza na prática — e não com meras palavras — o sentido da vida conforme seu próprio ser (p. 30-31).

Então, a Logoterapia e Análise Existencial nasce de mentes e intelectos, mas crer apenas nisso seria cair no psicologismo. A Logoterapia e Análise Existencial emerge sim da razão, mas se aprimora na responsabilidade contínua em sermos melhores seres humanos, tentando a cada dia rehumanizar o mundo e a ciência. É do espírito que nos transcende, da essência de cada um, focado em fazer um trabalho coletivo, para além dos psicologismos, que a Logoterapia alça seu voo. E, por isso, minha alegria em poder ter servido como um dos editores para a presente edição.

Sam Cyrus
Doutor em Psicologia Clínica e Cultura (UnB)
(Editor Convidado)

Referências

- Batthyány, A. (2026). *Eleonore Frankl, 1925–2026: An Obituary*. Psychology Today. <https://www.psychologytoday.com/us/blog/consciousness-and-meaning-at-lifes-end/202606/eleonore-frankl-1925-2026-an-obituary>
- Bühler, K. (2020). *Teoria da Linguagem*. Kirion.
- Frankl, V. E. (2026). *No princípio era o sentido*. Vozes/Nobilis.
- Frankl, V. E. (2022). *Sobre o sentido da vida*. Vozes/Nobilis.
- Frankl, V. (2020). *Psicoterapia e Existencialismo: textos selecionados em logoterapia*. É Realizações.
- Frankl, V. (2016). *Psicoterapia e Sentido de Vida: fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial*. Quadrante.
- Frankl, V. (2002). *Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Vozes/Sinodal.
- Hart, J. (1992). *The Person and the Common Life: Studies in a Husserlian Social Ethics* (Phaenomenologica 126), Dordrecht/Boston: Kluwer Academic Publishers. doi:10.1007/978-94-015-7991-9

Número finalizado em 27.08.2026



Editorial – Complemento ao Dossier

Em complemento à construção desse importante *dossier* sobre Logoterapia, e ao relevante editorial assinado pelo Dr. Sam Cyrours – editor convidado, e responsável pela maior parte da organização desse número – que nos traz informações necessárias para a própria memória da abordagem e da construção das práticas *psi* como um todo, cabe-nos enquanto editores responsáveis pela revista, acrescentar e comemorar a tradução de um dos mais importantes diálogos da Psicologia moderna, que acompanha o conjunto de manuscritos desse número.

Antes de apresentar tal contribuição, devemos agradecer imensamente à generosidade de Natalie Rogers, bem como os editores Howard Kirschenbaum e Valerie Land Henderson, por autorizar a tradução do presente diálogo, presente na obra – *Carl Rogers – Dialogues: Conversations with Martin Buber, Paul Tillich, B. F. Skinner, Gregory Bateson, Michael Polanyi, Rollo May, and others* (Kirschenbaum & Henderson, 1989). Já tivemos a grata oportunidade de absorver parte dos diálogos empenhados por Rogers ao longo de sua carreira – graças à mesma generosidade, que tornou possível vir a público, durante o ano de 2008, duas conversações de grande relevância: com Paul Tillich (Rogers & Tillich, 2008) e com Martin Buber (Rogers & Buber, 2008) – e agora, finalmente, apresentamos ao público de língua portuguesa, a transcrição e a tradução de uma das discussões mais importantes da história da psicologia moderna, em um dos mais destacados encontros entre gigantes da ciência psicológica.

Rogers é um dos mais importantes nomes no campo da Psicologia Clínica, e sua relevância – bem como seu esforço em pesquisas sobre o tema – são reconhecidas na literatura como um dos nomes que mais influenciou o cenário e o campo (Goldfried, 2007; Cook, Biyanova & Coyne, 2009). Importante destacar o quanto que Rogers empreendeu, em toda sua carreira e em sua obra, e o quanto desenvolveu pesquisas sobre os fatores determinantes de mudanças em psicoterapia, inclusive apontando, no próprio diálogo que: “Já considere todos os tipos de hipóteses, inclusive a possibilidade de a psicoterapia ser um condicionamento operante. Ambos acreditamos, creio eu, que poderiam ser realizados estudos que gradualmente lançariam luz sobre as causas da mudança” (p. 107).

O debate entre Rogers e Skinner, que ora trazemos, se deu entre os dias 11 e 12 de junho de 1962, diante de uma audiência de mais de quinhentas pessoas, sobre questões relativas à “Educação e o Controle do Comportamento Humano” – título dado ao evento à época, mas tocando uma multiplicidade de temas que tornam esse diálogo um importante documento de debate sobre ciência, subjetividade, sociedade; enfim, um documento de grande relevância para os buscam estudar questões de epistemologia da Psicologia.

A tradução desse diálogo representa igualmente um grande esforço na direção de trazer a público um texto qualificado, estudado e pensado, no sentido de fidelidade tanto em relação à estrutura do diálogo e da linguagem, como na direção de um reconhecimento dos termos formais de expressão. O texto final, em sua versão em português, vem acrescido de várias notas explicativas – inclusive como justificativas de escolhas de seus caminhos de tradução, demonstrando o empenho e a dedicação dos responsáveis por essa tarefa.

Com relação a isto, vale ressaltar que o processo de tradução foi realizado em três etapas: uma primeira tradução – efetivada com esmero e muito cuidado – por parte de Julia Kulcheski Paludo e Julie Frank –; uma revisão técnica, crítica e dialogada, feita por especialistas no pensamento de Rogers – Lucia Marques Stenzel (Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre/UFCSPA), Paulo Coelho Castelo Branco (Universidade Federal do Ceará/UFC) e Virgílio Soares Luna Coelho (Universidade Federal do Ceará/UFC) –; e, uma revisão da tradução final após a revisão técnica, por A. F. Holanda, editor da revista. Importante destacar esse esforço coletivo, dado o histórico que temos, no país, de traduções pouco confiáveis ou simplesmente “apressadas”, que transformam textos importantes – sejam de Fenomenologia, Gestalt-terapia, Abordagem Centrada na Pessoa, filosofias da existência, dentre outros – em problemas ou em más interpretações.

Por fim, destacamos que a tradução vem antecedida e acompanhada por uma apresentação, por um novo estudo, intitulado “Rogers e Skinner para além dos estereótipos: uma leitura do diálogo de 1962”, com a autoria de Lucia Stenzel, Paulo Coelho Castelo Branco & Adriano Holanda.

Temos certeza que a organização desse número, com todo o cuidado em seu planejamento, reflexão, avaliação e efetivação, poderá ser uma grande contribuição para a Psicologia Humanista de língua portuguesa e, quiçá, para um coletivo ainda maior de pesquisadores e pensadores em ciências humanas.

Yuri Ferrete

Claudinei Aparecido de Freitas da Silva

Adriano Furtado Holanda

(Editores)



Referências

- Cook, J. M., Biyanova, T., & Coyne, J. C. (2009). Influential psychotherapy figures, authors, and books: An Internet survey of over 2,000 psychotherapists. *Psychotherapy (Chicago, Ill.)*, 46(1), 42–51. <https://doi.org/10.1037/a0015152> . Link: https://1drv.ms/b/s!Am_JSTLFsy5tl4UZ8srMhcJgwjH1eA?e=aWq6xX
- Kirschenbaum, H. & Henderson, V. L. (1989) (Eds). *Carl Rogers – Dialogues: Conversations with Martin Buber, Paul Tillich, B. F. Skinner, Gregory Bateson, Michael Polanyi, Rollo May, and others*. Houghton Mifflin Company: Boston, Massachusetts.
- Goldfried, M. R. (2007). What has psychotherapy inherited from Carl Rogers? *Psychotherapy (Chicago)*. 44 (3): 249-252. doi: 10.1037/0033-3204.44.3.249. PMID: 22122246. Disponível em : <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22122246/>
- Rogers, C. R. & Buber, M. (2008). Carl Rogers Dialogues – Diálogo entre Carl Rogers e Martin Buber. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 14(2), 233-243 (Tradução de Andréa de Alvarenga Lima e Revisão Técnica de Adriano Holanda). Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000200012&lng=pt&tlng=pt.
- Rogers, C. R. & Tillich, P. (2008). Carl Rogers Dialogues – Diálogo entre Carl Rogers e Paul Tillich. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 14(1), 121-127 (Tradução de Marcos Ricardo Janzen; e revisão técnica de Gustavo Vieira da Silva e Adriano Holanda). Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000100017&lng=pt&tlng=en.

Número finalizado em 27.08.2026



EDITORIAL

Editorial - Dialogues between Phenomenology and Logotherapy

Viktor Emil Frankl (1905-1997), whose framework is the focus of this issue, had, in his own words, “a very critical position regarding psychologism, which was deeply seated, [and] ingrained” (Frankl, 2026, p. 11) in the field of psychotherapies. His comments against what he designates as the “error of psychologism” (Frankl, 2026, p. 11) is a heritage from Husserl, who criticized the various categories of reductionism in natural sciences, in search of a universal doctrine focused on the essence of phenomena (*eidos*).

For Frankl, this is an aspect that goes further, and it is what makes true love possible. He even says that “those who love intend towards the essence of the beloved and their value” (Frankl, 2016, p. 239) and “no one can become fully aware of the ultimate essence of another human being without loving them” (Frankl, 2002, p. 100). If for Husserl consciousness is intentional, that is, it is always consciousness of something; for Frankl, intentional consciousness is loving. This is what allows overcoming the abyss between subject and object, recovering a correlated positioning of the one before the other, which, in the field of human relations, would be designated by Frankl as a dialogical encounter.

After all, for Husserl, it is in love that subjects can reciprocally help each other realize their full potential (Hart, 1992), similar to Frankl who seems to complement it by underlining the need to know in the Other “what (...) can be” and “what should be” (Frankl, 2002, p. 100), personal potentials and commitments to oneself, respectively. It is in this journey between what “is” and what “could be” and, moreover, “should be” that this edition of *Phenomenology, Humanities and Sciences* emerges. Logotherapy and Existential Analysis, by the one hand, and Phenomenology, by the other, have much to share with one another; and the scientific growth of one animates the growth of the other. This publication emerges, therefore, from reading reality and possibilities that Logotherapy presents (its “is” and its “can be”) and, above all, its commitment to caring for a world in search of meaning (its “should be”), in an institutional dialogue between the *Laboratory of Phenomenology and Subjectivity* (LabFeno) and the *Association for Research in Phenomenology* (APFeno), on the one hand responsible for the Journal, and the *Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial* (“Brazilian Association of Logotherapy and Existential Analysis” - ABLAE), as co-responsible for the present edition, on the other. These three entities joined forces to create a concrete reality, embodied in this issue.

For Husserl, one of the intuitive abilities is to conceive the conjunction of three elements. It is as if it is part of human nature to perceive one, two, or three objects before us; a child, upon seeing four or more, says there are “many” objects. It’s not by accident that the etymological root of the word “three” seems to connect with the prefix “trans-”; or, anthropology demonstrates, there are languages that develop vocabulary up to three and assume a kind of boundary beyond it, see the traditional peoples, such as the Pirahã, who do not have terms for large numbers. As if there was an intuited understanding of the extent to which things are immediately perceived, and from where they are inferred. Perhaps it is this practical perception of the concept of three that makes so many psychology theories – such as Freud’s Tripartite Psychic Structure, McClelland’s three motives, Sternberg’s triangular theory of love, Bandura’s triadic reciprocity –, and even religious approaches – as the Buddhist Trikaya, the three Zoroastrian heavens and hells, the Christian Trinity, the Hindu Trimurti – to be composed of three elements. For Husserl, the threshold of direct perception was crossed when words for abstract concepts (four, five, a thousand...) were created/invented. Husserl argued that for something to be authentically understood, the mind must be able to handle all components simultaneously.



Perhaps this perception led Frankl, consciously or intuitively, to conceive his theory in groups of three – “three premises, which form a chain of interconnected links” (Frankl, 2020, p. 22); a three-dimensional anthropology and the three main reductionisms; the three schools of thought, and the three “wills”; the three categories of values and the tragic triad.

Language then emerges to describe complex phenomena of life and, as humanity became sedentary and settled in distinct locations, it began to create metaphors that symbolized experiences that eventually became stories with a greater or lesser degree of complexity (Bühler, 2020). These stories are passed from generation to generation, creating our known conventions and traditions that – as noted in the article by Raissa Daniella Correa Gomes and Maria Helena Budal da Silva, “Dialogues on the Decline of Traditions and Existential Vacuum in Viktor Frankl” – are born from cultural and behavioral aspects of other historical moments, sustain worldviews, and influence the way people live. Thus, stories allow us to understand the circumstances that guided thoughts of specific figures who emerge in each era, such as Frankl and the intellectual journey discussed in the manuscript “Frankl’s intellectual trajectory and theory: on the shoulders of giants” by Sam Cyrous and Maria Inês Gandolfo Conceição. With this, it becomes possible to explore and highlight specific innovations and practical implications for a broader understanding of contemporary clinical practice in the face of today’s existential challenges, a key focus of the article “The Psychotherapy of Heights: The Anthropological Revolution of Logotherapy and Existential Analysis in Viennese Psychotherapy” by Valdir Barbosa Lima Neto and Adriano Frota Lima. These three articles, included in the present edition, help readers understand what Frankl’s Logotherapy and Existential Analysis is.

The greatest of all existential challenges, from the perspective of Logotherapy, is perhaps the question of meaning. Therefore, the research presented here by Hareli Fernanda Garcia Cecchin, Ana Clara de Andrade Patrício, and Thiago Antônio Avelar de Aquino – in the manuscript “Logotherapy-Based Promotion and Prevention Programs – Scope Review” – becomes highly important, since they present the results of a scoping review based on studies focusing on suicide prevention and detect the promotion of the search for the meaning of life and the prevention of existential vacuum as fundamental elements for the process. Along these lines, it is also necessary to understand the importance of identifying relationships with and the presence of significant people, which allow for a better outlook on one’s own life, a kind of *bond with life*, as presented by Lázaro Silva Queiroz, Roberta Vasconcelos Leite, and Yuri Elias Gaspar in the article “Suicide attempt and the meaning of life: the person’s elaborations in the meeting with a psychologist”. A twofold aspect to always be remembered is brought up by Arthur Antunes Santos Alexandre, Lucia Helena Pralon de Souza, and David Moises Barreto dos Santos in the manuscript “Temporality, Meaning in Life, and Mental Health of Teachers During the COVID-19 Pandemic”: the distinction between the search for and the presence of meaning; while the former evaluates the motivation to find or deepen it, the latter relates to the perception that life has meaning. Despite focusing on education professionals in a specific context, it presents results indicating, among other things, that presence is higher in the elderly and the search is higher in the younger population. This is a trio of articles published here, guiding readers to a better understanding of the broad and profound concept of meaning.

What we see in this edition is the Franklian language being imprinted by a new generation of authors who follow the tradition of Frankl himself: simplicity without losing depth. Authors of this caliber provide hope that logotherapists have not converted nor will they convert into mere “orthodox followers of logotherapy – thankfully”, but that they are capable of combining “spontaneously logotherapeutic treatment with other treatments” (Frankl, 2026, p. 23), other perspectives – citing authors like Jaspers, Ricoeur, and Heidegger – as well as other contexts. Such is the case with the article by Nathália Pujol Fernandes and Tatiane Jardim Costa, titled “Contributions of Logotherapy to Psychological Prenatal Care: An Integrative Literature Review”, which proposes a dialogue with nursing while summoning us to specific themes like perinatal practice. Meanwhile, Jefferson da Silva, Tatiana Iuriko Kawasaki Nakabayashi, and Grasielle Aparecida Bomtempo – in the article “Mental Health and Meaning in Life: Older People and Logotherapy”, in turn, dialogue with critiques of capitalism in which elderly people are seen, in their words, as disposable to the system, proposing ways for them, in their life experiences, to rejoice in their stories, assume what was not possible, and become able to live the present while dreaming and launching themselves into the future with new perspectives. Finally, in the manuscript “The Theoretical-Conceptual Review of Hyper-Reflexivity from the Perspective of Logotherapy and Existential Analysis”, Flavia Neves Ferreira dialogues several internal views in logotherapy regarding hyper-reflection, self-transcendence, and dereflection, while emphasizing the role of the encounter between patient and therapist, since it is foundational for adherence to the therapeutic process. A triad of articles presented here to address different moments of human existence.

And just as every good stories feature a post-credit scene that ennobles them, a final article is here presented: a theoretical study, both reflexive and current, analyzing an ethical and political tension in Brazil, one of clashes between laicism and religiosity, while seeking the break-even point of healthy laicity. Adriana Patrícia Egg-Serra – in the article “Psicoterapia e Religião: Uma Questão (no)ética” – weaves, from Franklian thought, a framework for religiosity as a cultural manifestation through which psychologists – regardless of their specific orientation – to adopt an accepting view of their patients’ lived world, free from secularist bias, proselytism or reifications of the espiritual phenomenon.



What the current edition offers is, thus, a proposal to revisit who is a human being, and how we can understand existence through the rehumanization of processes. Husserl notes that it is not easy to perceive the full reality of the Other, therefore, caution is needed before the excess of elements that artificialize the therapeutic process, so that the journey is endowed with possible and real meaning, in favor of the person before the psychologist, and not of an objectified and computed set of data. Hence, this issue becomes, above all, a defense against the reduction of the phenomenon of consciousness and of the subjective, or intersubjective, experience; a return to humanization, a re-humanization of psychology beyond psychologism.

Humanized in its thinking, phenomenological in its matrix, and often empirical in its practice, Logotherapy emerges today for its third historical phase, or third wave, since waves merge. The first wave would be that of the unique historical figures, who planted the seed and watered it; a wave that naturally begins with the founder himself, Viktor Frankl, and passes through international figures such as Eugenio Fizzotti, Gerónimo Acevedo, Izar Xausa, Martha Iglesias, Oscar Oro and, of course, Eleonore "Elly" Katharina Frankl, who passed away very recently, on June 10, 2026. Always described as endowed with practical intelligence and humanity manifest in courtesy, generosity, and affection, she is more than the first lady of Logotherapy: she was the one who helped concretize and mature Logotherapy, encouraging Frankl and other researchers in their constant efforts to develop this science. In her obituary, Alexander Batthyány (2026) says: "She received and perceived people not as representatives of institutions, but as persons", observing their smiles and laughter. This is rehumanization beyond any reductionism.

The second wave, at least in Brazil, was institutional. With Frankl's arrival in Brazil in the 1980s, many entities and associations emerged, until ABLAE (*Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial*) was created in 2010, the younger and feisty sister of the first of all, SOBRAL (*Sociedade Brasileira de Logoterapia*), from 1984. During this institutional period, Logotherapy grew lightly, with the concern of creating new professionals, who are, above all, good human beings. And that is where the third wave emerges! Although we have remnants of the first wave, with some of Frankl's students still alive, and the institutions of the second wave continuing to grow and develop, we arrive at the most important moment. Founders and institutions are fundamental agents of any group, but real power comes from the responsibility assumed by individuals. This issue of Phenomenology, Humanities and Sciences is proof of this. The several books published annually are proof of this. The always crowded Logotherapy courses are proof of this. The third wave is that of free and responsible individual initiative, of people who are on the journey, striving to become not who they can be, but who they should already be. And, as Frankl (2022) put it:

People (...) who can and should act through their being are in the minority. This our pessimism knows. But this is exactly what distinguishes contemporary activism, this is exactly what distinguishes the unheard-of responsibility of the few. (...) What does all this mean? What has been exposed so far reveals two things to us: Everything resides in the individual human being, despite the quantity, at most, small number of people of the same idea; and everything resides in the fact that they realize in practice and not with mere words the meaning of life according to their own being (p. 30-31).

Therefore, Logotherapy and Existential Analysis is born from minds and intellects, but to believe only in this would be to fall into psychologism. Logotherapy and Existential Analysis does emerge from reason, but is improved by the continuous responsibility of being better human beings, trying every day to re-humanize both the world and science. It is from the spirit that transcends us, from the essence of each one, focused on doing collective work, beyond psychologisms, that Logotherapy takes its flight. And, therefore, my joy in being able to have served as a guest editor for the current edition.

Sam Cyrus
PhD in Clinical Psychology and Culture (UnB)
(Guest Editor)

Referências

- Batthyány, A. (2026). *Eleonore Frankl, 1925–2026: An Obituary*. Psychology Today. <https://www.psychologytoday.com/us/blog/consciousness-and-meaning-at-lifes-end/202606/eleonore-frankl-1925-2026-an-obituary>
- Bühler, K. (2020). *Teoria da Linguagem*. Kirion.
- Frankl, V. E. (2026). *No princípio era o sentido*. Vozes/Nobilis.
- Frankl, V. E. (2022). *Sobre o sentido da vida*. Vozes/Nobilis.



- Frankl, V. (2020). *Psicoterapia e Existencialismo*: textos selecionados em logoterapia. É Realizações.
- Frankl, V. (2016). *Psicoterapia e Sentido de Vida*: fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial. Quadrante.
- Frankl, V. (2002). *Em Busca de Sentido*: um psicólogo no campo de concentração. Vozes/Sinodal
- Hart, J. (1992). *The Person and the Common Life*: Studies in a Husserlian Social Ethics (Phaenomenologica 126), Dordrecht/Boston: Kluwer Academic Publishers. doi:10.1007/978-94-015-7991-9

Issue finalized on 08.27.2026

Editorial – Complement

In addition to the development of this important dossier on Logotherapy – and the significant editorial by Dr. Sam Cyrus (guest editor and the primary organizer of this issue), which provides essential information for the history of the approach and the evolution of psychological practices as a whole – we, as the journal's editors, wish to highlight and celebrate the translation to portuguese of one of modern psychology's most important dialogues, which accompanies the collection of manuscripts in this issue.

Before presenting this contribution, we must express our immense gratitude for the generosity of Natalie Rogers, as well as editors Howard Kirschenbaum and Valerie Land Henderson, for authorizing the translation of this dialogue, which appears in the work "Carl Rogers – Dialogues: Conversations with Martin Buber, Paul Tillich, B. F. Skinner, Gregory Bateson, Michael Polanyi, Rollo May, and others" (Kirschenbaum & Henderson, 1989). We have previously had the welcome opportunity to engage with some of the dialogues Rogers conducted throughout his career – thanks to that same generosity, which made it possible to publish two highly significant conversations in 2008: one with Paul Tillich (Rogers & Tillich, 2008) and another with Martin Buber (Rogers & Buber, 2008). Now, we finally present to the Portuguese-speaking public the transcript and translation of one of the most important discussions in the history of modern psychology – a truly distinguished encounter between giants of psychological science.

Rogers is one of the most important figures in the field of clinical psychology; his relevance – as well as his research efforts in the area – is acknowledged in the literature, recognizing him as a key influence on the landscape and the field itself (Goldfried, 2007; Cook, Biyanova & Coyne, 2009). It is important to highlight the scope of Rogers's work and career, particularly his research into the factors determining change in psychotherapy – including his observation, made during a dialogue, that: "I have played with all kinds of hypotheses – including the possibility of psychotherapy being operant conditioning. We both agree, I believe, that studies could be set up which would gradually throw light on what the causes of change might be" (p. 107).

The debate between Rogers and Skinner presented here took place on June 11 and 12, 1962, before an audience of over five hundred people. It centered on issues regarding "Education and the Control of Human Behavior" – the title given to the event at the time – yet touched upon a multitude of themes that make this dialogue an important document for debating science, subjectivity, and society; in short, a document of great relevance for those seeking to study questions regarding the epistemology of psychology.

Translating this dialogue also represents a significant effort to present the public with a high-quality, thoroughly studied, and carefully considered text – one that remains faithful to both the dialogue's structure and language while acknowledging formal modes of expression. The final Portuguese version includes numerous explanatory notes – including justifications for specific translation choices – demonstrating the commitment and dedication of those responsible for the task.

In this regard, it is worth noting that the translation process was carried out in three stages: an initial translation – executed with great care and diligence by Julia Kulcheski Paludo and Julie Fank; a technical, critical, and collaborative review conducted by specialists in Rogers's thought – Lucia Marques Stenzel (Federal University of Health Sciences of Porto Alegre/UFCSPA), Paulo Coelho Castelo Branco (Federal University of Ceará/UFC), and Virgílio Soares Luna Coelho (Federal University of Ceará/UFC); and a final review of the translation, following the technical review, by A. F. Holanda, the journal's editor. It is important to highlight this collective effort, given the country's history of unreliable or simply "hasty" translations that turn important texts—whether in Phenomenology, Gestalt therapy, the Person-Centered Approach, existential philosophies, among others—into sources of confusion or misinterpretation.

Finally, we highlight that the translation is preceded and accompanied by an introduction—a new study titled "Rogers and Skinner Beyond Stereotypes: A Reading of the 1962 Dialogue"—authored by Lucia Marques Stenzel, Paulo Coelho Castelo Branco, and Adriano Holanda.



We are confident that the organization of this issue—meticulously planned, reflected upon, evaluated, and executed—will make a significant contribution to Humanistic Psychology in the Portuguese-speaking world and, perhaps, to an even broader community of researchers and thinkers in the human sciences.

Yuri Ferrete
Claudinei Aparecido de Freitas da Silva
Adriano Furtado Holanda
(Editores)

Referências

- Cook, J. M., Biyanova, T., & Coyne, J. C. (2009). Influential psychotherapy figures, authors, and books: An Internet survey of over 2,000 psychotherapists. *Psychotherapy (Chicago, Ill.)*, 46(1), 42–51. <https://doi.org/10.1037/a0015152> . Link: https://1drv.ms/b/s!Am_JSTLFsy5tl4UZ8srMhcJgwjH1eA?e=aWq6xX
- Kirschenbaum, H. & Henderson, V. L. (1989) (Eds). *Carl Rogers – Dialogues: Conversations with Martin Buber, Paul Tillich, B. F. Skinner, Gregory Bateson, Michael Polanyi, Rollo May, and others*. Houghton Mifflin Company: Boston, Massachusetts.
- Goldfried, M. R. (2007). What has psychotherapy inherited from Carl Rogers? *Psychotherapy (Chicago)*. 44 (3): 249-252. doi: 10.1037/0033-3204.44.3.249. PMID: 22122246. Disponível em : <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22122246/>
- Rogers, C. R. & Buber, M. (2008). Carl Rogers Dialogues – Diálogo entre Carl Rogers e Martin Buber. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 14(2), 233-243 (Tradução de Andréa de Alvarenga Lima e Revisão Técnica de Adriano Holanda). Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000200012&lng=pt&tlng=pt.
- Rogers, C. R. & Tillich, P. (2008). Carl Rogers Dialogues – Diálogo entre Carl Rogers e Paul Tillich. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 14(1), 121-127 (Tradução de Marcos Ricardo Janzen; e revisão técnica de Gustavo Vieira da Silva e Adriano Holanda). Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000100017&lng=pt&tlng=en.





PROGRAMAS DE PROMOÇÃO E PREVENÇÃO BASEADOS NA LOGOTERAPIA – REVISÃO DE ESCOPO

Logotherapy-based promotion and prevention programs – scope review

Programas de promoción y prevención basados en Logoterapia - revisión de alcance

HARELI FERNANDA GARCIA CECCHIN*

ANA CLARA DE ANDRADE PATRÍCIO**

THIAGO ANTÔNIO AVELAR DE AQUINO***

DOI: <https://doi.org/10.62506/tqpcnt94>

Resumo: A prevenção e a promoção da saúde mental foram uma preocupação constante da Logoterapia e Análise Existencial (LAE) como teoria centrada no sentido da vida. Diante disso, o objetivo foi descrever e analisar o grau de aprofundamento teórico e metodológico de intervenções que usam a LAE para a promoção do sentido da vida, a prevenção do vazio existencial, a prevenção do suicídio ou a redução de sintomas depressivos. Realizou-se uma revisão de escopo com consulta a especialistas e busca nas bases de dados Pubmed e Scielo, com 440 resultados, 12 atendendo os seguintes critérios de inclusão: a) artigos que relatem intervenções que utilizaram a LAE como teoria de base ou em alguma componente da intervenção, tendo como desfecho promoção do sentido da vida ou prevenção do vazio existencial ou redução de sintomas depressivos ou prevenção do suicídio; b) artigos com texto completo disponível; c) artigos escritos em inglês, em espanhol ou em português. Os resultados indicam que os conceitos mais presentes foram os valores atitudinais, os vivenciais e os criativos, ainda que as intervenções tenham sido heterogêneas quanto às variáveis de desfecho e de público-alvo. Conclui-se que as intervenções têm grau satisfatório de aprofundamento teórico na Logoterapia, mas, em termos metodológicos, necessitam de delineamentos experimentais mais rigorosos.

Palavras-chave: Sentido da Vida. Vazio Existencial. Depressão. Prevenção do Suicídio. Logoterapia.

Abstract: Prevention and promotion of mental health were a constant concern of Logotherapy and Existential Analysis (LEA) as a theory centered on the meaning of life. Therefore, the objective was to describe and analyze the degree of theoretical and methodological deepening of interventions that use LEA to promote the meaning of life, prevent existential emptiness, prevent suicide or reduce depressive symptoms. We carried out a scope review consulting with specialists, and searched in Pubmed and Scielo databases, with 440 results, 12 meeting the following inclusion criteria: a) articles that report interventions that used LEA as the basic theory or in some component of the intervention, having as outcome promoting the meaning of life or prevention of existential emptiness or reduction of depressive symptoms or suicide prevention; b) articles with full text available; (c) articles written in English, Spanish or Portuguese. The results indicate that the most present concepts were attitudinal, experiential and creative values, although the interventions were heterogeneous regarding the outcome and target audience variables. It is concluded that the interventions have a satisfactory degree of theoretical deepening in logotherapy, but, in methodological terms, they require more rigorous experimental designs.

Keywords: meaning of Life. Existential vacuum. Depression. Suicide prevention. Logotherapy.

Resumen: La prevención y la promoción de la salud mental fueron una preocupación constante de la Logoterapia y Análisis Existencial (LAE) como teoría centrada en el sentido de la vida. Delante de eso, el objetivo fue describir y analizar el grado de profundidad teórica y metodológica de intervenciones que usan la LAE para la promoción del sentido de la vida, la prevención del vacío existencial, la prevención del suicidio o la reducción de síntomas depresivos. Se realizó una revisión de alcance con consulta a especialistas y búsqueda en las bases de datos de Pubmed y Scielo, con 440 resultados, 12 atendiendo los siguientes criterios de inclusión: a) artículos que relaten intervenciones que utilizaron la LAE como teoría de base o en alguna componente de la intervención, teniendo como resultado la promoción del sentido de la vida o prevención del vacío existencial o reducción de síntomas depresivos o prevención del suicidio; b) artículos con texto completo disponible; c) artículos escritos en inglés, en español o en portugués. Los resultados indican que los conceptos más presentes fueron los valores actitudinales, los experienciales y los creativos, aunque las intervenciones hayan sido heterogéneas como las variables de desfecho y de público-objetivo. Se concluye que las intervenciones tienen un grado satisfactorio de profundidad teórica en la Logoterapia, pero en términos metodológicos necesitan de delineamientos experimentales más rigurosos.

Palabras clave: sentido de la vida. Vacío existencial. Depresión. Prevención del suicidio. Logoterapia.

* Universidade Federal do Tocantins. Email: harelifernanda@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4875-7638>

** Universidade Federal da Paraíba. Email: anaclara.apatricao@gmail.com . Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2954-5675>

*** Universidade Federal da Paraíba. Email: thiagoaquino19.ta@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3903-8378>



Introdução

O pensamento de Viktor Frankl e, consequentemente, da teoria que ele constituiu, a Logoterapia e Análise Existencial (LAE), tem encontrado ampla propagação, não se limitando apenas à aplicação no contexto clínico individual. Atualmente, ela tem sido observada em intervenções para a promoção da saúde e prevenção de doenças. Para pensar acerca dessa temática no contexto da LAE, torna-se necessário, inicialmente, partir da premissa de que "(...) a situação imunológica depende da situação afetiva, que por sua vez depende essencialmente da motivação, especialmente da orientação de sentido" (Frankl, 1995, p. 240). Dessa forma, uma condição necessária para proteger a vida humana seria promover a busca de sentido da vida, posto que se constitui, em última instância, como a motivação primária na visão de Viktor Frankl.

Nessa direção, o autor supracitado constituiu uma teoria psicoterápica para ajudar as descobertas de sentidos na vida (Frankl, 1986). Sua base antropológica se encontra em três instâncias indissociáveis: a liberdade da vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida. A liberdade da vontade traz à tona a questão do livre arbítrio. Entretanto, o ser humano não é livre dos condicionamentos biopsicossociais, mas livre para se posicionar perante tais sujeições. Devido a isso, compreende-se que o ser humano possui a capacidade de autodistanciamento, que o torna capaz de escolher uma postura livre e responsável (Frankl, 2020).

A segunda dimensão da teoria é a vontade de sentido. Para o autor em foco, o ser humano sempre procura um sentido para a sua vida e pode adoecer psiquicamente na medida em que frustra o seu anseio primordial, denominando esse fenômeno de vazio existencial (Frankl, 1989). Para encontrar sentidos, o ser humano necessita transcender a si mesmo e se direcionar para o algo ou alguém no mundo, por meio da autotranscendência: "A autotranscendência assinala o fato antropológico fundamental de que a existência do homem sempre se refere a alguma coisa que não ela mesma - a algo ou alguém, isto é, a um objetivo por ser alcançado ou a uma existência de uma outra pessoa que ele encontre" (Frankl, 1991, p. 18).

Por fim, a terceira base da LAE é o sentido da vida, que constitui uma visão filosófica. A vontade de sentido emerge na medida em que percebe um sentido que emana do mundo. Assim, a fonte do sentido seria a própria vida, por esse motivo a pessoa não deveria dar sentido, mas descobrir o sentido que estaria latente nas situações (Frankl, 2019). Os caminhos para o encontro do sentido estariam nos valores (Frankl, 1986). Por meio deles, o ser humano descobre sentidos ao vivenciar outro ser humano (valor vivencial), ao criar algo para transformar o mundo para melhor (valor criativo) e ao se posicionar dignamente perante uma situação imutável que imprime sofrimento (valor atitudinal).

Além dos constructos teóricos, a LAE apresenta algumas técnicas, dentre as quais destacam-se: autobiografia, intenção paradoxal e derreflexão. A autobiografia é uma técnica de autorelato para a compreensão da própria existência, sendo proposta na LAE por Lukas (1998) para compreensão do presente, passado e futuro do sujeito que está sendo atendido. As técnicas de intenção paradoxal e derreflexão repousam sobre a capacidade de autodistanciamento e autotranscendência do ser humano, respectivamente (Frankl, 2016). A LAE admite o uso de técnicas de outras teorias, desde que seja preservada a antropologia frankliana, ou seja, sua visão de homem e de mundo. Considerando essas questões, torna-se necessário compreender a sua aplicabilidade para a prevenção e a promoção da saúde mental.

A prevenção e a promoção da saúde mental foram uma preocupação constante da LAE como uma modalidade de profilaxia centrada no sentido da vida. Pode-se considerar que seu nascedouro decorre do programa de prevenção ao suicídio organizado por Viktor Frankl por meio dos Centros de Aconselhamento Juvenil. Inicialmente, foi constituído em Viena, em fevereiro de 1928, e, posteriormente, expandiu-se para outras seis cidades com a função de atender jovens em dificuldades de forma gratuita (Frankl, 1990; 2000; 2010).

Os aconselhamentos eram individuais e contavam com a colaboração de outros psicoterapeutas. No começo, as dificuldades dos jovens eram diversas, desde problemas sexuais, conflitos familiares, transtornos neuróticos, até questões econômicas. Entretanto, após a queda da bolsa de valores em Nova York, que ocasionou uma depressão econômica mundial, ele constatou a neurose do desemprego, caracterizada pela apatia, decorrente da falsa associação entre a falta de emprego e a sensação de que a vida não tinha mais valor (Frankl, 1989; 2010).

Além dos centros de aconselhamentos, que tinham um caráter preventivo, Frankl ministrou, na década de 1920, o primeiro curso sobre higiene psíquica na Universidade para o Povo, em Viena (Frankl, 1990). Com o aumento das taxas de suicídio, em 1930, o autor em foco organizou uma ação especial na cidade de Viena que resultou, naquele ano, em nenhum registro de morte voluntária entre os jovens (Frankl, 2010). Essa experiência o fez pensar, em 1933, no seguinte princípio: "Não consigo imaginar nada superior ao sentido de ter um dever, uma missão para levar a cabo, que possa fazer que uma pessoa seja capaz de suportar as dificuldades subjetivas e objetivas!" (Frankl, 2010, p. 132).

Ademais, essa vivência de Frankl foi fundamental para a sua prática da prevenção no contexto do campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial, ainda como um prisioneiro comum nos campos de concentração. Inicialmente, era necessário prevenir o choque de admissão, que era caracterizado pelo pânico. De forma mais específica, concentrava-se nas pessoas mais vulneráveis, como os idosos e os enfermos, para combater o vazio mental. Essa inter-



venção era realizada em grupo com a ajuda de uma oradora, a rabina Regina Jonas (Frankl, 2020). Quanto à prevenção do suicídio, ele organizou um serviço de informação para identificar e atender os prisioneiros que manifestassem ideia suicida (Frankl, 2020). Sua estratégia era apelar para a vontade de viver e trazer à consciência aquilo que a vida ainda esperava deles, dessa maneira, despertava a busca por um sentido na vida.

No contexto recente, Martinez Ortiz (2006) considerou cinco fundamentos para a consecução de uma prevenção fundamentada na LAE: (1) ajudar o ser humano a se tornar responsável pela sua própria saúde e por sua comunidade; (2) centrar-se nos recursos pessoais saudáveis; (3) promover a autonomia liberdade e responsabilidade da pessoa; (4) abordar o tema do sentido da vida como promotor da saúde e (5) despertar a resiliência. Aquino, Simeão e Rodrigues (2021), por sua vez, sugerem uma relação entre a prevenção em saúde mental e a LAE. Para os autores, a prevenção universal praticada por Frankl poderia estar relacionada tanto à divulgação dos pressupostos por meio do livro “Em busca de sentido”, quanto em relação às palestras radiofônicas para a população geral proferida por Viktor Frankl no pós-guerra. Já a prevenção seletiva deveria ser dirigida aos grupos de adolescentes para proteger as consequências do vazio existencial desencadeado pela perda da tradição. Por fim, a prevenção indicada, poderia ser dirigida para aqueles que já tivessem sintomas como drogadição, agressão e ideia suicida. Sabendo que a logoterapia surge a partir da prevenção ao suicídio, demanda-se conhecer a aplicabilidade dessa abordagem no contexto atual.

Um dos sintomas do vazio existencial contemporâneo é o suicídio. Para Frankl (1989), na medida em que o ser humano não percebe nenhum sentido, há uma tendência de dar cabo à própria vida, a despeito de todas as outras necessidades estarem satisfeitas. Entretanto, alertou que, mesmo que nem toda razão de suicídio deva ser reduzida à frustração existencial, ter um sentido para viver proporciona uma maior suportabilidade para preferir a vida (Frankl, 1991). Esse pressuposto é corroborado por um estudo com 110 pacientes adultos em tratamento, em que duas variáveis apresentam-se como protetoras dos sintomas da depressão: percepção da presença de sentido da vida e percepção positiva do futuro (Aquino, Dará & Simeão, 2016).

Desse modo, promover a busca do sentido da vida e reduzir sintomas de transtornos mentais, sobretudo de ansiedade e de depressão, são relevantes para o tratamento precoce do suicídio (Bertolote, 2002; Drum & Denmark, 2012; Frankl, 1991). No entanto, ainda que o sentido da vida seja avaliado como um importante fator de proteção do suicídio (Constanza, 2019), esse constructo teórico não se restringe à LAE, sendo abordado por outras correntes teóricas, como a Teoria Interpessoal do Suicídio (Drabenstott, 2019), apresentando algumas diferenças conceituais e epistemológicas (Reker, 2000; Glaw et al., 2017). No entanto, a LAE demonstra ser a teoria mais ampla para abordar o sentido da vida, porque ela é bem sistematizada ao possuir uma base antropológica que descreve a busca de sentido do ser humano. Tendo isso em vista, essa pesquisa debruçou-se sobre estudos fundamentados na LAE que tinham como foco a prevenção do suicídio e desfechos correlatos, como a redução dos sintomas da depressão, a promoção da busca do sentido da vida e a prevenção do vazio existencial.

Avaliar o uso da LAE em intervenções desse tipo tem relevância científica e social, porque, além de demonstrar padrões de evidência (Gottfredson et al., 2015), ajuda a ilustrar a aplicação da teoria para além do contexto clínico psicoterápico. O mapeamento de estudos com base na LAE, pode encorajar a adaptação cultural, o design e o aprimoramento de intervenções preventivas em saúde mental cientificamente embasadas. Além disso, o aumento de intervenções desse tipo pode ser útil para aqueles que não acessam a psicoterapia convencional, seja devido a questões financeiras, seja por resistência. Além de ajudar pessoas que estão em sofrimento mental, oferecendo um serviço de curto prazo e baixo custo.

Considerando o exposto, este estudo teve como norteadora de pesquisa a seguinte questão: como a LAE está sendo utilizada em intervenções de prevenção do suicídio, de redução de sintomas depressivos, de prevenção do vazio existencial e de promoção da busca do sentido da vida? Ademais, o objetivo foi descrever e analisar o grau de aprofundamento teórico e metodológico de intervenções que usam a LAE para a promoção da busca do sentido da vida, a prevenção do vazio existencial, a prevenção do suicídio ou a redução de sintomas depressivos.

Método

Uma revisão de escopo foi conduzida visando identificar toda a literatura relevante, independentemente do desenho do estudo, característica desse tipo de revisão (Arksey & O’malley, 2005; Tricco et al., 2018). Foram seguidos os seis estágios de Colquhoun et al. (2014) para as revisões de escopo: 1) formular a questão de pesquisa; 2) consultar especialistas no assunto; 3) identificar e buscar de estudos relevantes em bases de dados científicas; 4) construir um banco de dados e selecionar estudos relevantes; 5) construir uma estrutura para agrupar os dados; 6) coletar, resumir e relatar os dados. Dada a natureza do estudo, os especialistas foram consultados no início da pesquisa, junto com a busca nas bases de dados eletrônicas, ao invés de serem consultados no final, como propõem os autores anteriormente citados.

A busca por estudos relevantes se deu nas bases de dados Pubmed e Scielo, com os seguintes termos de busca em inglês, espanhol e português: “sentido da vida”, “vazio existencial”, “logoterapia”, “suicídio”, “prevenção do suicídio”, “logo-autobiografia”, “depressão”. Utilizou-se a seguinte estratégia de busca: (sentido da vida OR meaning of life OR sentido de la vida) OR (vazio existencial OR existencial void OR vacío existencial) OR (logoterapia AND suicídio OR logotherapy AND suicide or logoterapia AND suicidio) OR (prevenção do suicídio OR suicide prevention OR prevención del suicidio) OR (depressão OR depression OR depresión) OR (deprimido OR depressed OR deprimido) OR (logo-autobiografia OR logo-autobiography OR logo-autobiografía). O banco de dados completo está disponível mediante solicitação aos autores dessa pesquisa. Não foram aplicados limites de tempo e de idioma nas buscas.

No estágio de consulta a especialistas, encaminhou-se comunicação para os 144 institutos distribuídos em 45 países com e-mail disponível na página do Viktor Frankl Institut (<https://www.viktorfrankl.org/>). A comunicação foi enviada no dia 18 de novembro de 2021 e estava escrita em inglês, espanhol e português. Ela pedia para que os institutos indicassem intervenções de prevenção do suicídio que utilizavam a LAE como teoria de base. Alguns especialistas sugeriram que a questão também fosse colocada nos grupos de Facebook “*Logotherapy - The Third Viennese School of Psychotherapy*” e “*Viktor E. Frankl - Logotherapy & Existential Analysis*”, que conta com membros de diversos países. Sugestão que foi acatada e executada pela equipe de pesquisa no dia 22 de novembro de 2021. Também foram consultados via e-mail 2 pesquisadores com produção científica relevante no assunto.

Critérios de inclusão do material e processo de seleção dos estudos

Os critérios de inclusão, tanto das publicações sugeridas por especialistas como aquelas encontradas nas bases de dados foram: a) artigos que relatem intervenções que utilizaram a LAE como teoria de base ou em alguma componente da intervenção, tendo como desfecho promoção da busca do sentido da vida ou prevenção do vazio existencial ou redução de sintomas depressivos ou prevenção do suicídio; b) artigos com texto completo disponível; c) artigos escritos em inglês, em espanhol ou em português.

Nas etapas de busca nas bases de dados foram identificadas 406 publicações, distribuídas nas bases de dados da seguinte forma: Pubmed (385) e Scielo (21). As bases de dados foram pesquisadas a partir de suas respectivas datas de início até 30 de novembro de 2021. Após a leitura do título e dos resumos dos artigos, e aplicação de critérios de inclusão, 289 estudos foram descartados e 40 estudos foram mantidos para análise do texto integral. Após análise do texto integral, foram eliminados os estudos que não utilizavam a LAE como teoria de base ou em componentes da intervenção, totalizando 11 estudos incluídos nesta revisão de escopo. As principais razões para a exclusão foram: o estudo apresentava uma pesquisa clínica, epidemiológica ou de validação de instrumento (64,7%), o estudo não estava fundamentado na LAE (12,5%), o estudo era teórico (8,8%), o estudo era uma revisão de literatura (6,4%). Dois revisores trabalharam independentemente na revisão da base de dados. O índice de concordância foi de 99%. Os desacordos foram resolvidos através de debate e consenso.

A consulta aos especialistas retornou 34 respostas (17 por e-mail e 17 nos grupos de Facebook). Em apenas 10 respostas foi sugerido algum tipo de material sobre o tema. tratava-se de vídeos de palestras, sites de eventos, cursos, textos de blog, livros, teses, artigos (a lista completa pode ser obtida via solicitação ao primeiro autor). Após aplicação dos critérios de inclusão, apenas 1 sugestão de material foi incluída. A revisão de escopo contou com uma amostra de 12 publicações. A Figura 1 mostra o fluxograma da busca.

Procedimentos de coleta dos dados

Em todos os artigos incluídos, dois revisores independentes usaram tabelas no Excel para extrair e categorizar os dados. Realizou-se um teste com os 10 primeiros artigos selecionados. Todos os estudos escolhidos foram organizados por temática: espaço-temporal (ano e país de publicação), teoria (combinação de teorias, constructos da LAE, técnicas utilizadas), metodológica (delineamento, variáveis de desfecho, instrumentos de medição, tamanho da amostra, resultados, envolvimento do público-alvo) e estrutural (público-alvo, contexto, quantidade de encontros, duração dos encontros, periodicidade, modalidade e canal de entrega, quantidade de participantes nos grupos, idade dos participantes).

As informações sobre a fundamentação teórica da intervenção e técnicas utilizadas foram extraídas apenas se mencionadas de forma explícita no resumo da intervenção ou

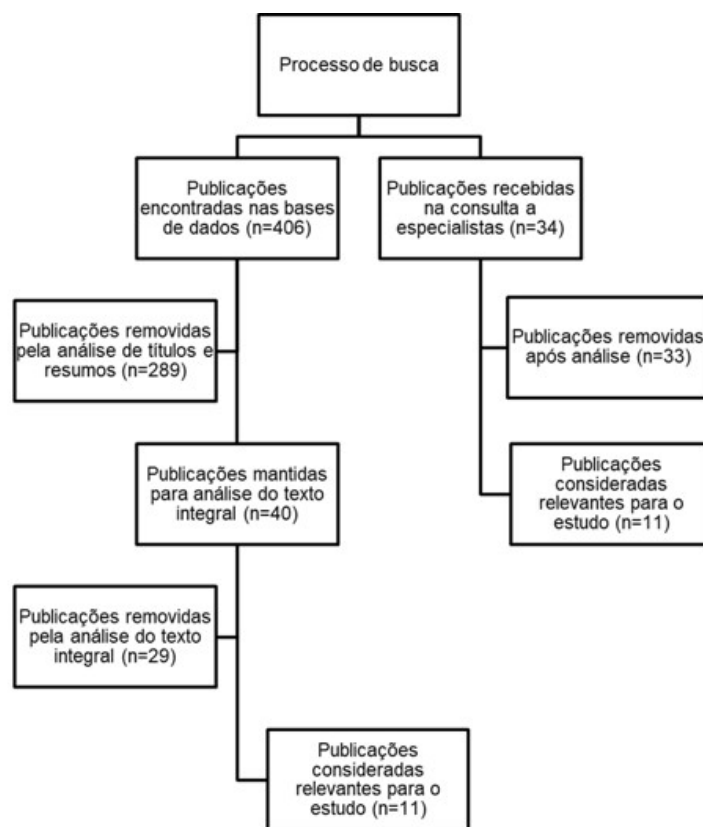


Figura 1
Fluxograma Prisma (busca na literatura e consulta a especialistas).



na descrição das sessões. Essas informações não foram extraídas caso fossem mencionadas na introdução do artigo, mas não estivessem na descrição da intervenção, informando que foram utilizadas no programa. As informações sobre os instrumentos de medida utilizados consideraram a diversidade geográfica das publicações, de modo que um mesmo instrumento utilizado em países diferentes foi registrado apenas uma vez, apesar da diferença de nomenclatura.

Procedimentos de análise

A análise se deu pelo método de revisão narrativa e analítica descritiva (Colquhoun et al., 2014). Foi realizada uma análise da localização geográfica dos estudos por meio de um mapa de calor e foram construídos três quadros analíticos para fornecer uma visão geral da amplitude da literatura. A análise da estrutura das intervenções foi feita com base nos critérios de evidência de eficácia, efetividade e disseminação da *Society of Prevention Research – SPR* (Gottfredson et al., 2015) e do arcabouço teórico da Ciência da Prevenção (Atkins et al., 2017; Eldredge et al., 2016; Michie et al., 2011; Wallerstein et al., 2017).

A análise da profundidade teórica dos artigos foi feita com base nos fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial. Foram consideradas intervenções com alto aprofundamento teórico aquelas que mencionavam explicitamente os constructos centrais da Logoterapia (liberdade da vontade, vontade de sentido, valores atitudinais, vivenciais e criativos, entre outros) e utilizavam técnicas desenvolvidas por Viktor Frankl e Elisabeth Lukas. As intervenções que citavam a Logoterapia sem indicar o uso de técnicas específicas ou sem fundamentação teórica detalhada foram classificadas como tendo baixo aprofundamento teórico.

A análise da profundidade metodológica dos artigos foi feita com base nos critérios da *Society of Prevention Research – SPR* (Gottfredson et al., 2015) e do arcabouço teórico da Ciência da Prevenção (Atkins et al., 2017; Eldredge et al., 2016; Michie et al., 2011; Wallerstein et al., 2017). Foram consideradas como metodologicamente rigorosas as intervenções que utilizaram ensaios clínicos randomizados ou quase-experimentais. As intervenções que utilizaram delineamentos sem grupo controle ou sem avaliação de longo prazo foram categorizadas como metodologicamente limitadas.

Resultados

A base documental do estudo foi composta por 12 estudos (10 em inglês e 2 em português), publicados entre os anos de 2008 e 2021. Eles foram publicados em 6 países: Brasil (n = 2), Canadá (n = 1), Coreia do Sul (n = 4), Estados Unidos da América (n = 2), Irã (n = 3) e Taiwan (n = 1). Do ponto de vista teórico, a maioria dos estudos (n = 8) utilizou apenas a LAE como teoria de base. E 4 artigos combinaram a LAE com outras teorias, com a intervenção sobre o luto proposta por Lichtenthal et al. (2019), utilizando a teoria do apego e o modelo de apego cognitivo do luto prolongado e as intervenções que fizeram uso da logoterapia (vide Tabela 1). Os constructos da teoria mais utilizados foram: valores (atitudinais, vivenciais e criativos), auto-transcendência, liberdade, sentido da morte e sentido da vida (vide Tabela 2). Entre as técnicas mais utilizadas estão: escrita de autobiografia, tarefas psicoeducativas, derreflexão, diálogo socrático, intenção paradoxal, biblioterapia (leitura e discussão de fábulas, poemas etc.) e construção do projeto de vida, detalhada na Tabela 2.

Do ponto de vista metodológico, a maioria dos estudos (n = 8) utilizou delineamento quase-experimental. Quanto às variáveis de desfecho, as intervenções procuraram promover a busca do sentido da vida (n = 7), prevenir o vazio existencial (n = 1), prevenir o suicídio (n = 1) e reduzir os sintomas depressivos (n = 11). Algumas intervenções (n = 4) procuraram promover a busca do sentido da vida e reduzir os sintomas depressivos concomitantemente. Essas intervenções não mencionaram se um serviço de saúde estava disponível caso o participante precisasse de psicoterapia individual e/ou acompanhamento psiquiátrico devido a não redução dos sintomas via intervenção ou a gravidade dos mesmos.

A maior parte das intervenções que tinha a promoção da busca do sentido da vida como variável de desfecho utilizou o Purpose in Life (PIL) test. Trata-se de um teste que mensura a percepção do sentido da vida e está adaptado culturalmente em vários países diferentes. Nos casos em que o desfecho era reduzir sintomas de depressão e ansiedade, as escalas Beck foram as mais utilizadas (Beck Depression Inventory - BDI, Beck Anxiety Inventory - BAI), ainda que não exclusivamente.

O tamanho das amostras variou de 3 a 48 sujeitos (média de 34,2 sujeitos). A maioria das intervenções apresentou eficácia nas variáveis de desfecho avaliadas. Apenas 2 intervenções não apresentaram efeito significativo sobre os sintomas de ansiedade e de angústia. As intervenções (n = 10) não contaram com o envolvimento do público-alvo, porém 2 programas fizeram um estudo piloto antes da implementação e 1 realizou ensaios para avaliar e refinar o tratamento por meio de feedback ativo. Os estudos não contaram com o envolvimento de partes interessadas (potenciais usuários da intervenção, profissionais de saúde, gestores) no desenho da intervenção. Todos os estudos rastreados procederam a uma avaliação parcial de eficácia, uma vez que, utilizando os critérios de Gottfredson et al. (2015), observou-se que 5 estudos não realizaram acompanhamento de longo prazo, 1 estudo não utilizou múltiplas medidas. Não foram encontradas avaliações de efetividade e custo-efetividade. Nenhum estudo mediu efeitos colaterais potenciais ou efeitos iatrogênicos. A Tabela 1 resume as principais informações metodológicas dos estudos.

Em alguns estudos, a relação da teoria com a técnica não está explícita. Em 2 estudos, os autores usam o termo modulação de atitudes, sem, no entanto, citar Elisabeth Lukas (1990) que cunhou o termo. Kim & Choi (2020) afirmam que a modulação de atitudes se dá a partir do diálogo socrático, citando o livro *“The doctor and the soul: from psychotherapy to logotherapy”*, de



Tabela 1
Informações metodológicas dos estudos

	Aquino et al., 2011	Bahar et al., 2021	Kim et al., 2020
Delineamento	Quase-experimental	Quase-experimental	Quase-experimental
Variáveis de desfecho	Vazio existencial	Ansiedade de morte, esperança, depressão e adesão ao tratamento medicamentoso	sintomas depressivos
Tamanho da amostra	33 sujeitos	40 sujeitos	44 sujeitos
Resultados	Diminuição do desespero existencial e do vazio existencial e aumento da realização existencial	Redução da ansiedade da morte, depressão e uso adequado de medicamentos para controlar a glicose, e o aumento da esperança	efeitos significativos no propósito de vida, sintomas depressivos, autoestima e qualidade de vida, não foi observado efeito significativo sobre os sintomas de ansiedade.
Envolvimento do público-alvo	Não houve	Não houve	Teste piloto e revisão por três especialistas
	Sun et al., 2019	Delavari et al., 2014	Heisel et al., 2020
Delineamento	quase-experimental	ensaio clínico randomizado	quase-experimental
Variáveis de desfecho	sofrimento, depressão e desmoralização	ansiedade e depressão	melhorar a resiliência psicológica e prevenir o início ou a exacerbação da ideação suicida
Tamanho da amostra	64 sujeitos	30 sujeitos	30 sujeitos
Resultados	melhoras na depressão, melhora relacionada à perda de significado, disforia, desânimo, desamparo, sensação de fracasso e desmoralização. Sem efeito significativo na angústia	redução dos níveis de ansiedade e depressão	Maior orientação para encontrar sentido da (na) vida, aumento do bem-estar psicológico e satisfação com a vida, satisfação com a aposentadoria e classificações gerais de saúde. Diminuição da ideação suicida, da desesperança e solidão autoavaliada.
Envolvimento do público-alvo	Não houve	Não houve	Não houve
	Robatmili et al., 2015	Cho et al., 2021	Cho, 2008
Delineamento	ensaio clínico randomizado	quase-experimental	quase-experimental
Variáveis de desfecho	melhorar o senso de sentido de vida e reduzir os níveis de depressão	reduzir o estresse e a depressão e ajudar a encontrar um sentido para suas vidas	Sentido da vida, somatização, sensibilidade interpessoal, depressão, hostilidade, ansiedade
Tamanho da amostra	20 sujeitos	48 sujeitos	40 sujeitos
Resultados	redução dos níveis de depressão e na intensificação de um senso de sentido na vida	níveis mais baixos de estresse e depressão e níveis mais elevados em relação ao sentido da vida	Aumento da percepção do sentido de vida e diminuição da somatização, sensibilidade interpessoal, depressão, hostilidade e ansiedade
Envolvimento do público-alvo	Não houve	Teste piloto com 3 indivíduos deste público.	Não houve
	Cho et al., 2013	Lichtenthal, 2019	Pontes, 2019
Delineamento	quase-experimental	estudo de casos	estudo de casos
Variáveis de desfecho	Sentido da vida e depressão	Senso de significado e os sintomas de transtorno de luto prolongado (PGD) dos pais. Depressão, desesperança, ansiedade, vínculos contínuos, dimensões de apego, afeto positivo e negativo e qualidade de vida relacionada à saúde (desfechos secundários)	sentido da vida
Tamanho da amostra	40 sujeitos	19 sujeitos	3 sujeitos
Resultados	Aumento da percepção do sentido da vida e diminuição dos sintomas depressivos.	melhorias longitudinais pós-intervenção em luto prolongado, senso de significado, depressão, desesperança, laços contínuos com seu filho, crescimento pós-traumático, afeto positivo e vários domínios de qualidade de vida relacionados à saúde	aumento da percepção do sentido da vida
Envolvimento do público-alvo	Não houve	Foram realizados dois ensaios abertos com uma pequena amostra para avaliar e refinar o tratamento por meio de feedback ativo do participante.	Não houve

Frankl (1986). E Delavari et al. (2014) afirmam usar a técnica de modulação de atitudes em um dos encontros, citando o livro *“Man’s Search for Meaning”* de Frankl (1967). Em ambos os livros, Frankl fala da importância da atitude perante o sofrimento ou a alguma situação que não se pode controlar, mas não menciona a modulação de atitudes enquanto técnica. Algo semelhante acontece em 3 estudos (Aquino et al., 2011; Delavari et al., 2014; Kim & Choi, 2020) em que os autores mencionam as técnicas de intenção paradoxal e derreflexão, sem relacioná-las com o seu fundamento teórico e antropológico que é a capacidade de autodistanciamento e a autotranscendência do ser humano, respectivamente (Frankl, 2016). O uso da autobiografia é relatado em 3 estudos com o uso do termo logo-autobiografia. Em um deles, os autores afirmam que, no ano de 2008, Sunhee Choo “modificou a logoterapia convencional com um programa de autobiografia guiada e, em seguida, integrou os dois programas em uma logo-autobiografia” (Cho et al., 2013, p.34). No entanto, apesar de a autobiografia ser um gênero literário e uma técnica utilizada em várias áreas do conhecimento, ela foi proposta para ser usada numa orientação logoterápica pela primeira vez por



Tabela 2
Constructos e técnicas da Logoterapia que foram utilizados nas intervenções

	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	A11	A12
Constructos da teoria												
Liberdade da vontade, vontade de sentido e sentido da vida	x		x								x	
Valores: atitudinais, vivenciais e criativos		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
Autodistanciamento												x
Autotranscendência	x	x	x			x		x				x
Consciência		x										x
Responsabilidade	x	x			x							
Liberdade	x	x			x		x					x
Dever-ser												x
Vir-a-ser	x											
Coragem												x
Conformismo e totalitarismo	x											
Sentido da morte		x			x				x		x	
Sentido da vida						x				x	x	x
Suprasentido	x											
Triade Trágica: Dor/sofrimento, culpa e morte						x						
Triade edificante: otimismo/esperança, gratidão e alegria						x						
Técnicas utilizadas												
derreflexão			x									
diálogo socrático	x		x									
intenção paradoxal			x									
modulação de atitudes			x									
auto-biografia								x	x	x		x
tarefas psicoeducativas (tarefa de casa)		x					x				x	
biblioterapia	x											x
construção do projeto de vida	x											x
técnicas de elicitación					x							
técnica de conscientização de valores							x					
improvisação												x
individualização												x
expressão da ansiedade esperada					x							

Nota: A1 = Aquino et al., 2011; A2 = Bahar et al., 2021; A3 = Kim et al., 2020; A4 = Sun et al., 2019; A5 = Delavari, 2014; A6 = Heisel et al., 2020; A7 = Robatmili, 2015; A8 = Cho et al., 2021; A9 = Cho, 2008; A10 = Cho et al., 2013; A11 = Lichtenthal, 2019; A12 = Pontes, 2019.

Elisabeth Lukas (1998). Esses equívocos podem ter ocorrido devido à ausência de tradução dos livros de Elisabeth Lukas para o inglês em décadas anteriores e à não publicação de artigos, dificultando a disseminação de suas ideias em outros países

Em outras situações, foi observado um uso combinado da LAE com outras teorias. Em um estudo, os autores mencionam a Teoria do Caminho Recíproco da Criação de Sentido (Lichtenthal et al., 2019) criada a partir de entrevistas qualitativas realizadas com pais enlutados por câncer que mescla a LAE com teorias sobre o luto e o modelo integrado de construção do sentido de Park (2010), partindo do pressuposto que o sentido tem um movimento recíproco e dinâmico (Lichtenthal et al., 2015). Em outro estudo, os autores afirmam que “a LAE é uma abordagem da psicoterapia centrada no significado; é compatível com a terapia cognitivo-comportamental” (Bahar et al., 2021, p. 2) e citam estudos baseados na Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) e na Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT), mas não informaram se usaram conceitos ou técnicas dessas teorias na intervenção. Em outro estudo, os autores (Delavari et al., 2014) não informam que utilizaram mais de uma abordagem teórica, mas, na descrição das sessões, relatam ter feito uso da expressão da ansiedade esperada, uma técnica da Psicologia Reversa, sem, contudo, citar a fonte. Esta técnica não é conhecida na LAE.

Indubitavelmente, a LAE foi concebida como um sistema de psicoterapia complementar e aberta para a contribuição de outras perspectivas. Nessa esteira, Pacciolla (2024) aventou a possibilidade de uma perspectiva denominada de cognitivismo existencial, abordagem que visa compreender o autodirecionamento do paciente e a sua interpretação da realidade, bem como



adentrar no significado do sintoma e no significado da vida. Assim, pode desvelar não apenas as dissonâncias cognitivas e afetivas, mas sobretudo as dissonâncias existenciais.

Do ponto de vista estrutural, o público-alvo das intervenções foi heterogêneo, sendo composto de adolescentes e jovens (estudantes do ensino médio e de universidades), adultos com condições clínicas (esposas de alcoólatras, mães de crianças com câncer, pacientes com câncer de mama e ginecológico, pacientes diabéticos com depressão, pais que perderam um filho para o câncer, pessoas vivendo com HIV, mulheres imigrantes) e idosos (idosos com sintomas depressivos sem ideação suicida, homens aposentados ou pensando em se aposentar). As intervenções foram entregues em escolas, universidades, hospitais, clínicas de saúde e centros comunitários. A idade dos participantes variou de 14 a 70 anos. A quantidade de encontros variou de 4 a 16 (média de 9,1), com duração de 60 a 120 minutos (média de 81,2), e periodicidade de 1 vez, a cada quinzena, a 2 vezes por semana (média de 1,2). A quantidade de participantes nas intervenções variou de 3 a 34 indivíduos.

A maioria das intervenções (n=10) foi entregue de forma presencial e duas de forma mista, sendo presencialmente e por telefone e presencialmente e por videoconferência. Essa última avaliou a melhora dos sintomas e a aliança terapêutica nas sessões presenciais e por videoconferência, encontrando resultados semelhantes e percebendo que a entrega por canais virtuais pode ser eficaz (Lichtenthal et al., 2019). A Tabela 3 apresenta as informações resumidas anteriormente. Dada a diversidade dos estudos em termos de público-alvo e variáveis de desfecho, não foi possível realizar uma comparação entre eles.

Tabela 3
Características da estrutura dos estudos

	Aquino 2011	Bahar 2021	Kim, 2020
Público-alvo	estudantes do ensino médio	pacientes diabéticos com depressão	idosos com sintomas depressivos sem ideação suicida
Contexto	escola pública	Não informa, mas parece ter sido no hospital	Centro de idosos
Quantidade de encontros	15 encontros	10 encontros	8 encontros
Duração dos encontros	45 minutos	90 minutos	90 minutos
Periodicidade	2 por semana	1 por semana	2 por semana
Modalidade de entrega	Em grupo	Em grupo	Em grupo
Canal de entrega	Presencial	Presencial	Presencial
Quantidade de participantes	15 no GE e 18 no GC	20 no GE e 20 no GC	23 no GE e 21 no GC
Idade	14 a 18 anos	20 a 70 anos	média de 77 anos
	Sun 2019	Delavari, 2014	Heisel, 2020
Público-alvo	pacientes com câncer de mama e ginecológico	mães de crianças com câncer	Homens aposentados ou pensando em se aposentar
Contexto	hospital	não informa	Centro comunitário
Quantidade de encontros	4 a 6 encontros	9 encontros	12 encontros
Duração dos encontros	60 minutos	90 minutos	90 a 120 minutos
Periodicidade	quinzenal	1 por semana	1 por semana
Modalidade de entrega	Individual	Em grupo	Em grupo
Canal de entrega	Presencial e por telefone (caso necessário)	Presencial	Presencial
Quantidade de participantes	34 no GE e 30 no GC	15 no GE e 15 no GC	10 em cada grupo
Idade	média de 53 anos	de 20 a 45 anos	55 a 70 anos (média de 63,7)
	Robatmili, 2015	Cho, 2021	Cho, 2008
Público-alvo	estudantes universitários	estudantes universitários	esposas de alcoólatras
Contexto	não informa	Na universidade	Centros de aconselhamento sobre o álcool
Quantidade de encontros	10 encontros	6 encontros	6 encontros
Duração dos encontros	60 minutos	90 minutos	120 minutos
Periodicidade	1 por semana	1 por semana	1 por semana
Modalidade de entrega	Em grupo	Em grupo	Em grupo
Canal de entrega	Presencial	Presencial	Presencial
Quantidade de participantes	10 no GE e 10 no GC	22 no GE e 26 no GC	19 no GE e 21 no GC
Idade	não informa	idade média de 21,54 anos (DP 2,84)	média de 46,28 anos
	Cho, 2013	Lichtenthal, 2019	Pontes, 2019
Público-alvo	mulheres imigrantes coreanas vivendo nos EUA	pais que perderam um filho para o câncer	pessoas vivendo com HIV
Contexto	Clínicas de saúde mental e em uma organização comunitária coreana	Não informa	sala de oficinas do hospital
Quantidade de encontros	6 encontros	16	8
Duração dos encontros	60 minutos	60 a 90 minutos	120 minutos
Periodicidade	1 vez semana	1 vez por semana	2 vezes por semana
Modalidade de entrega	Em grupo e individual (a depender da escolha do participante)	em grupo	em grupo
Canal de entrega	Presencial	pessoalmente ou por meio de videoconferência	Presencial
Quantidade de participantes	20 no GE e 20 no GC	11 no grupo presencial e 8 no grupo por vídeo conferência	3 participantes
Idade	média de 56,10 no grupo experimental e 47,40 no grupo controle	de 36 a 65 anos (média de 49,4 anos)	46 a 58 anos



Discussão

O objetivo deste estudo foi descrever e analisar o grau de aprofundamento teórico e metodológico de intervenções que usam a LAE para a promoção da busca do sentido da vida, a prevenção do vazio existencial, a prevenção do suicídio ou a redução de sintomas depressivos. Os achados sugerem que há um modesto número de estudos ($n = 12$), mas um corpo crescente de pesquisas identificando estratégias eficazes de prevenção de suicídio e desfechos correlatos baseadas na LAE. Os estudos são recentes e estão distribuídos em vários países.

Os estudos rastreados por esta revisão de escopo foram publicados mais de meio século depois da popularização da teoria e fora do seu país de origem, uma vez que não foram localizados estudos nos países da Europa Ocidental. Isso traz pistas sobre o desenvolvimento da teoria, uma vez que os escritos de Frankl se iniciaram na Áustria, em 1926 (momento em que usa pela primeira vez a palavra Logoterapia), e ganharam notoriedade nos anos 50 (Aquino, 2020). Na Europa, essa ausência de intervenções usando a LAE pode indicar uma prática voltada predominantemente ao campo neuropsiquiátrico, e à necessidade de aplicação da teoria em outros contextos (Girmenia et al., 2014). Questões históricas também podem ter influenciado a produção recente nessa área. Os princípios preventivos passaram a ser adotados mundialmente nos anos 1970 e 1980, por influência da Organização Mundial da Saúde (OMS), ganhando mais força no final da década de 90, a partir da revisão do modelo de prevenção pelo Institute of Medicine (IOM) (Abreu et al.; 2015, Schneider, 2015).

Do ponto de vista teórico, algumas intervenções fizeram uso da logo-autobiografia (Cho et al., 2013; Cho, 2008; Choo & Jang, 2021). Frankl (1991) considera que o desenvolvimento do ser humano se desdobra por meio da sua biografia, o que permite configurar a Logoterapia como uma forma de análise existencial. No entanto, se essa técnica for utilizada apenas para analisar o passado, apenas a clarificação do ser, ela estaria alinhada na Daseinsanalyse de Binswanger e no pensamento de Heidegger. Para Frankl (1986), é necessário analisar o vir a ser, o poder ser, as possibilidades de ser no mundo que se encontram na área da liberdade. Os estudos que fizeram uso da logo-autobiografia não se propuseram a analisar as possibilidades de ser no mundo dos participantes, motivo pelo qual não podem ser considerados como baseados unicamente na LAE.

Os constructos teóricos da LAE que mais aparecem nas intervenções são os valores atitudinais, vivenciais e criativos, apesar da diversidade de públicos, desfechos e contextos geográficos. Esses parecem ser os componentes centrais das intervenções e os principais mecanismos propulsores da mudança (Gottfredson et al., 2015). No entanto, 5 intervenções não citam as principais técnicas da LAE: autobiografia, derreflexão, diálogo socrático, intenção paradoxal, modulação de atitudes, o que pode ser um indício de pouca ênfase na técnica ou compreensão superficial dos fundamentos da teoria. A autobiografia é uma forma de realizar a análise existencial por meio da descoberta de valores e sentidos na vida dentro da temporalidade do passado do presente e do futuro (Lukas, 1998). A derreflexão é a técnica utilizada para quebrar o ciclo vicioso da hiperreflexão mórbida, direcionando o olhar do paciente para algo ou alguém além de si mesmo, reduzindo o egocentrismo (Lukas, 1989); o diálogo socrático, por sua vez, é utilizado para desvelar sentidos e valores encobertos nas situações por meio de perguntas dirigidas à consciência (Lukas, 1989); já a intenção paradoxal trata-se da inversão da intenção ao fazer com que a pessoa deseje aquilo que teme, mobilizando o autodistanciamento por meio do humor (Frankl, 1991); por fim, a modulação de atitudes objetiva trabalhar a postura interior do ser humano perante algo positivo ou negativo por meio da ativação da vontade de sentido (Lukas, 1989). De forma geral, a LAE coloca a técnica como um meio para um fim, para acessar e despertar os fenômenos humanos. Sendo assim, as técnicas são um meio para acessar a dimensão saudável do ser humano, a pessoa por detrás da patologia.

Do ponto de vista metodológico, as variáveis de desfecho foram heterogêneas, os estudos fizeram uma avaliação parcial de eficácia e o envolvimento de partes interessadas foi quase inexistente. Em cinco intervenções, as variáveis de desfecho combinaram promoção da busca do sentido da vida e a redução dos sintomas da depressão, que seria, do ponto de vista da Ciência da Prevenção (Abreu, 2015), abordar a promoção da saúde e a prevenção secundária, ou tratamento precoce. No entanto, do ponto de vista da LAE, seria um tipo de prevenção indicada, uma vez que atua com aqueles que já possuem um vazio existencial instaurado e já apresentam sintomatologia de suicídio, ainda que de forma leve, considerando a integralidade do ser humano (Aquino et al., 2021).

A revisão encontrou apenas uma intervenção em que a prevenção do suicídio é um dos desfechos. E outra, apesar de focar na redução do estresse e da depressão e na promoção da busca do sentido da vida, afirma que pode ser utilizada como uma estratégia de prevenção, aumentando a percepção do sentido de vida dos participantes (Choo, 2021). Resultados semelhantes foram encontrados na revisão de Cecchin et al. (2022) que buscou intervenções para a prevenção do suicídio em estudantes universitários, não encontrando programas baseados na LAE. Esse dado demonstra certa contradição, uma vez que a LAE praticamente surge a partir da prevenção do suicídio, na década de 1920. Esse foi o interesse principal de Frankl, que o fez construir a teoria. E, atualmente, não se vê isso de fato sendo concretamente trabalhado. A dificuldade na medição desse desfecho pode ser uma das causas. Principalmente quando a prevenção do suicídio é tida como um desfecho distal, e não como um desfecho proximal. O trabalho de prevenção em nível universal e seletivo deve ser destinado aos indivíduos sem ideação suicida, atuando sob fatores de risco relacionados a depressão e ansiedade (Bertolote, 2002).

Por outro lado, a revisão identificou uma pequena quantidade de pesquisas conduzidas sob o formato de ensaios clínicos randomizados (ECRs) o que impacta a robustez dos achados (Gottfredson et al., 2015). A maioria dos estudos incluídos utilizou delineamentos quase-experimentais, o que reflete desafios comuns em pesquisas de intervenções psicológicas, especialmente em ambientes clínicos, comunitários e educacionais.



A implementação de ECRs nesse campo enfrenta obstáculos práticos e éticos. A randomização completa pode ser difícil devido à resistência de participantes e instituições em aceitar alocação aleatória para grupos de controle que não recebem a intervenção. Além disso, em muitos contextos, como hospitais e grupos de apoio, privar indivíduos de uma intervenção potencialmente benéfica levanta preocupações éticas. A natureza personalizada das intervenções baseadas na Logoterapia e Análise Existencial (LAE) também representa um desafio para a padronização necessária em ensaios rigorosos.

A ausência de ECRs reduz a capacidade de estabelecer relações causais fortes entre as intervenções e os desfechos avaliados (Gottfredson et al., 2015). Isso pode comprometer a generalização dos achados, uma vez que fatores contextuais, como diferenças culturais e institucionais, podem influenciar os resultados (Wallerstein et al., 2017). Como alternativa, estudos futuros podem adotar delineamentos híbridos, combinando métodos experimentais e avaliativos para superar algumas dessas limitações. A randomização por conglomerados e ensaios clínicos pragmáticos podem oferecer evidências mais robustas sem comprometer a viabilidade da pesquisa.

Além disso, nenhum estudo contou com o envolvimento de partes interessadas no desenho da intervenção. Diversas teorias que orientam o design de intervenções recomendam que as partes interessadas participem de todo o processo de construção, que vai desde a formulação do problema e avaliação de necessidades e se estende até a definição dos elementos que irão compor o programa (Atkins et al., 2017; Eldredge et al., 2016; Michie et al., 2011; Wallerstein et al., 2017). A sinergia de esforços entre pesquisadores e partes interessadas contribui para um maior uso dos recursos disponíveis e aumento de parcerias, fortalecendo os resultados a médio prazo e ampliando as chances de manutenção da intervenção ao longo do tempo.

Do ponto de vista estrutural, o público-alvo e os canais de entrega são pontos a serem observados. As intervenções foram construídas para públicos heterogêneos, visando auxiliar nos desafios de cada período do desenvolvimento. Prevaleram intervenções voltadas para assistência e tratamento de pessoas com doenças crônicas (diabetes, câncer, HIV) e seus familiares. A revisão de Girmenia et al. (2014) também encontrou resultados semelhantes. Esses achados podem ser influência de uma das bases de dados consultadas no presente estudo, uma vez que a PubMed é voltada para a literatura científica biomédica internacional. Entretanto, esses resultados também podem indicar uma expansão da LAE para o contexto da saúde de forma mais ampla. Ela está sendo utilizada em situações em que o ser humano se encontra em situação de grave sofrimento e se depara com questões existenciais, possibilitando a humanização do cuidado e o apoio psicológico e espiritual em situações em que as ciências médicas não conseguem dar respostas (Girmenia et al., 2014).

Entre as lacunas na literatura identificadas por meio da revisão, está a ausência de avaliações de efetividade e custo-efetividade, uma vez que todos os estudos rastreados procederam a uma avaliação parcial de eficácia. Desse modo, mais estudos são necessários para medir o efeito duradouro das intervenções e para recomendar a sua ampla disseminação. Outra lacuna é a ausência de avaliação dos efeitos colaterais potenciais ou efeitos iatrogênicos das intervenções. Para que uma intervenção seja considerada eficaz, não deve haver efeitos negativos graves (iatrogênicos) em desfechos importantes (Gottfredson et al., 2015), no entanto, para realizar essa afirmação, esses efeitos devem ser observados e medidos.

Entre as limitações deste estudo estão o número reduzido de bases de dados consultadas. Além disso, o uso dos termos de busca em inglês, espanhol e português pode ter limitado os resultados. Em estudos futuros, recomenda-se incluir outras bases relevantes na área da Psicologia e saúde mental, como PsycINFO, Web of Science e Embase.

Os resultados apontam algumas sugestões para novas pesquisas na área, e, para que ela seja expandida, é necessária a padronização em questões metodológicas em cinco aspectos. O primeiro aspecto diz respeito à realização de estudos experimentais mais rigorosos, com o uso de ensaios clínicos randomizados (ECRs) ou delineamentos híbridos, combinando métodos experimentais e avaliativos. Em contextos onde a randomização individual pode ser inviável, a randomização por conglomerados pode ser uma alternativa, alocando grupos inteiros (como turmas escolares ou unidades hospitalares) para diferentes condições experimentais. Para avaliar a efetividade das intervenções em cenários do mundo real, sugere-se a adoção de ECRs pragmáticos, que permitam flexibilidade na implementação e maior representatividade dos participantes. Nos casos em que um grupo controle sem intervenção possa ser eticamente problemático, sugere-se a adoção de grupos de lista de espera, tratamento como o usual ou comparações entre diferentes formatos de intervenção (presencial *versus* online).

O segundo aspecto está relacionado ao uso do mesmo instrumento para medição de um desfecho. Por exemplo, no caso do desfecho sentido de vida, recomenda-se o uso do PIL test, uma vez que esse se encontra validado em vários países. Os esforços na padronização do uso dos instrumentos de medida poderiam facilitar a comparação entre dados de diferentes intervenções e a condução de revisões sistemáticas e metanálises, com o qual Girmenia et al. (2014) concordam.

O terceiro aponta que os estudos devem realizar avaliações de longo prazo (follow-up) para avaliar se os efeitos se mantêm no tempo. Além de fornecer sessões de reforço periódicos para auxiliar na manutenção e melhoria dos efeitos.

O quarto aspecto sugere-se fazer avaliação de viabilidade e aceitabilidade das intervenções, avaliando questões como a aliança terapêutica e colhendo sugestões dos participantes de como aprimorar a intervenção.

O quinto indica a realização de estudos com amostras maiores, permitindo conduzir avaliações de efetividade e custo-efetividade. Além disso, envolver as partes interessadas, como profissionais de saúde, educadores e gestores, no planejamento das intervenções pode aumentar a aplicabilidade dos achados e a adesão dos participantes. Todos esses cuidados podem fortalecer as evidências sobre o impacto da LAE na promoção da busca do sentido da vida, prevenção do vazio existencial e do suicídio, e redução de sintomas depressivos.



Quanto às intervenções que combinaram a LAE com outras abordagens, recorda-se a postura de Frankl (1989) sobre o assunto “quanto à logoterapia, eu mesmo sou um que sempre tenho ensinado que ela não é uma panacéia, e por isso é aberta à cooperação com outros métodos psicoterapêuticos e é aberta à sua própria evolução” (p.10). No entanto, ele recomenda “muito cuidado, porém, para que o ecletismo não degenerem em sincretismo” (Frankl, 1978, p. 201). Desse modo, sugerem-se duas estratégias para ampliar a adequação teórica das intervenções. Em primeiro lugar, a formação de uma equipe para o desenho da intervenção. Em geral, profissionais e pesquisadores são especialistas em uma área. Em uma equipe, cada integrante pode compartilhar conhecimentos de acordo com o seu domínio teórico e técnico, garantindo o uso fundamentado de cada teoria. Em segundo lugar, a adoção de uma honestidade explícita dos pontos de convergência e divergência entre as teorias utilizadas na intervenção, se e quais escolhas foram realizadas e sob qual justificativa. Isso pode contribuir com a legitimidade e a adoção do estudo por outros pesquisadores e/ou profissionais.

A LAE compreende que o ser humano é complexo e que apenas um ponto de vista ou uma abordagem teórica podem não ser suficientes para explicar e intervir em alguns fenômenos. No entanto, é preciso perceber que as abordagens teóricas estão alicerçadas em posturas epistemológicas que podem ser divergentes em alguns aspectos, daí a importância da honestidade intelectual dos pesquisadores. Estudos futuros podem avaliar a aceitabilidade e credibilidade de intervenções que fazem o uso de mais de uma abordagem teórica. E as implicações desse uso combinado no meio científico e social.

Em outras revisões de literatura, sugere-se a consulta a mais bases de dados e o uso dos termos “*Meaning-Centered Grief Therapy* (MCGT)” e “*Meaning-Centered Psychotherapy* (MCP)” na estratégia de busca, para localizar mais estudos. Esses termos foram encontrados em alguns estudos durante o processo de revisão da base de dados e parecem nomear intervenções baseadas na LAE em alguns países no mundo.

Do ponto de vista estrutural, sugere-se que estudos futuros ofereçam programas de intervenção online, aumentando o público atendido e promovendo a participação contínua e autônoma. Do ponto de vista teórico, sugere-se que os autores apresentem a fundamentação das técnicas utilizadas, deixando explícito se houve combinação de abordagens psicológicas.

Em termos de implicações para a prática, sugere-se que haja uma maior interlocução entre os institutos de Logoterapia e as produções científicas. Uma vez que os estudos rastreados por esta revisão de escopo são provenientes de 6 países que contam com institutos de Logoterapia, e, na consulta aos mesmos, essas intervenções não foram citadas. Seria interessante que houvesse uma plataforma que reunisse não só os livros, mas também os artigos científicos.

Em resumo, as intervenções para promoção da busca do sentido da vida, a prevenção do vazio existencial, a prevenção do suicídio ou a redução de sintomas depressivos demonstraram um grau satisfatório de aprofundamento teórico na LAE, apresentando os principais constructos e técnicas utilizadas. Em termos metodológicos, ainda há muito o que avançar, porque boa parte das intervenções não faz uso de ensaios clínicos randomizados, que é o delineamento que oferece a melhor evidência científica.

Referências

- Abreu, S., Barleta, J. B., & Murta, S. G. (2015). Prevenção e promoção em saúde mental: pressupostos teóricos e marcos conceituais. In S. G. Murta, C. Leandro-França, K. B. Santos, & L. Polejack (eds.). *Prevenção e Promoção em Saúde Mental: Fundamentos, Planejamento e Estratégias de Intervenção* (1ª ed., pp.168-191). Novo Hamburgo: Sinopsys.
- Aquino, T. A. A. (2020). Viktor Frankl: para além de suas memórias. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 26(2), 232-240. <http://dx.doi.org/10.18065/2020v26n2.10>
- Aquino, T. A. A., Dará, D. M. B., & Simeão, S. S. S. (2016). Depressão, percepção ontológica do tempo e sentido da vida. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 12(1), 35-41. <https://doi.org/10.5935/1808-5687.20160006>
- Aquino, T. A. A., Silva, J. P., Figueirêdo, A. T. B., Dourado, É. T. S., & Farias, E. C. S. (2011). Avaliação de uma proposta de prevenção do vazio existencial com adolescentes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(1), 146-159. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000100013>
- Aquino, T. A. A.; Simeão, S. de S.; & Rodrigues, L. X. (2021). O sentido na vida como prevenção do vazio existencial. In M. Rodrigues & D. S. Pereira (Orgs). *Psicologia Positiva: dos conceitos à aplicação* (1ª ed., pp. 49-67). Novo Hamburgo: Sinopsys.
- Arksey, H., & O'Malley, L. (2005). Scoping studies: towards a methodological framework. *International Journal of Social Research Methodology*, 8(1), 19-32. <https://doi.org/10.1080/1364557032000119616>
- Atkins, L., Francis, J., Islam, R. et al. (2017). A guide to using the Theoretical Domains Framework of behaviour change to investigate implementation problems. *Implementation Sci*, 12(1), 77. <https://doi.org/10.1186/s13012-017-0605-9>
- Bahar, A., Shahriary, M., & Fazlali, M. (2021). Effectiveness of Logotherapy on Death Anxiety, Hope, Depression, and Proper use of Glucose Control Drugs in Diabetic Patients with Depression. *International journal of preventive medicine*, 12(6). https://doi.org/10.4103/ijpvm.IJPVM_553_18



- Bertolote, J. M., & Fleischmann, A. (2002). Suicide and psychiatric diagnosis: a worldwide perspective. *World psychiatry: official journal of the World Psychiatric Association (WPA)*, 1(3), 181–185. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1489848/>
- Cecchin, H.F.G., Murta, S.G., de Macedo, E.O.S. et al. Scoping review of 30 years of suicide prevention in university students around the world: efficacy, effectiveness, and cost-effectiveness. *Psicol. Refl. Crit.* 35, 22 (2022). <https://doi.org/10.1186/s41155-022-00227-x>
- Cho, S., Bernstein, K. S., Roh, S., & Chen, D. C. (2013). Logo-autobiography and its effectiveness on depressed Korean immigrant women. *Journal of transcultural nursing: official journal of the Transcultural Nursing Society*, 24(1), 33–42. <https://doi.org/10.1177/1043659612452005>
- Cho, S., & Jang, S. J. (2021). Effects of an Existential Nursing Intervention for College Students in the COVID-19 Pandemic Situation. *International journal of environmental research and public health*, 18(10), 52–68. <https://doi.org/10.3390/ijerph18105268>
- Colquhoun, H. L., Levac, D., O'Brien, K. K., Straus, S., Tricco, A. C., Perrier, L., Kastner, M., & Moher, D. (2014). Scoping reviews: time for clarity in definition, methods, and reporting. *Journal of Clinical Epidemiology*, 67(12), 1291–1294. <https://doi.org/10.1016/j.jclinepi.2014.03.013>
- Delavari, H., Nasirian, M., & Baezgar B. K. (2014). Logo therapy effect on anxiety and depression in mothers of children with cancer. *Iranian journal of pediatric hematology and oncology*, 4(2), 42–48. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4083198/>
- Drabenstott, M. A (2019). Matter of Life and Death: Integrating Mattering into the Interpersonal-Psychological Theory of Suicide. *Suicide & life-threatening behavior*, 49(4), 1006–1018. <https://doi.org/10.1111/sltb.12504>
- Drum, D. J., & Denmark, A. B. (2012). Campus suicide prevention: bridging paradigms and forging partnerships. *Harvard review of psychiatry*, 20(4), 209–221. <https://doi.org/10.3109/10673229.2012.712841>
- Eldredge, L. K. B.; Markham, C. M.; Ruiter; R. A. C.; Fernández, M. E.; Kok, G.; & Parcel, G. S. (2016). *Planning health promotion programs: An intervention mapping approach* (4th ed). Jossey-Bass Public Health, Wiley.
- Frankl, V. E. (1967). *Man's Search for Meaning* (4th ed). Tehran: University Publication.
- Frankl, V. E. (1978). *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Frankl, V. E. (1986). *The doctor and the soul: from psychotherapy to Logotherapy*. New York: Vitage Books.
- Frankl, V. E. (1989). *Um sentido para a vida: Psicoterapia e humanismo*. Aparecida: Editora Santuário.
- Frankl, V. E. (1990). *A questão do sentido em psicoterapia*. Campinas: Quadrantes.
- Frankl, V. E. (1991). *A psicoterapia na prática*. Campinas: Papirus.
- Frankl, V. E. (1995). *Logoterapia e análise existencial*. Campinas: Editorial Psy II.
- Frankl, V. E. (2000). *Las raíces de la logoterapia: Escritos juveniles 1923 – 1942*. Buenos Aires: San Pablo.
- Frankl, V. E. (2010). *O que não está escrito em meus livros: memórias*. São Paulo: É Realizações.
- Frankl, V. E. (2016). *Teoria e Terapia das Neuroses*. São Paulo: É Realizações.
- Frankl, V. E. (2019). *Sofrimento humano: fundamentos antropológicos da psicoterapia*. São Paulo: É Realizações.
- Frankl, V. E. (2020). *Psicoterapia e existencialismo: textos selecionados em logoterapia*. São Paulo: É Realizações.
- Frankl, V. E. (2021). *O sofrimento humano: Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. São Paulo: É Realizações.
- Girmenia, E., Andrissi, L., & Tambone, V. (2014). Sulle applicazioni cliniche della logoterapia: una rassegna sull'eredità di Victor Emil Frankl [On the clinical applications of logotherapy: a review of Victor Emil Frankl inheritance]. *La Clinica terapeutica*, 165(4), 330–335. <https://doi.org/10.7417/CT.2014.1751>
- Glaw, X.; Kable, A.; Hazelton, M.; & Inder, K. (2017). Meaning in life and meaning of life in mental health care: An integrative literature review. *Issues Ment. Health Nurs.*, 38, 243–252. <https://doi.org/10.1080/01612840.2016.1253804>



- Gottfredson, D. C., Cook, T. D., Gardner, F. E., Gorman-Smith, D., Howe, G. W., Sandler, I. N., & Zafft, K. M. (2015). Standards of Evidence for Efficacy, Effectiveness, and Scale-up Research in Prevention Science: Next Generation. *Prevention science: the official journal of the Society for Prevention Research*, 16(7), 893–926. <https://doi.org/10.1007/s11121-015-0555-x>
- Kim, C., & Choi, H. (2020). The efficacy of group logotherapy on community-dwelling older adults with depressive symptoms: A mixed methods study. *Perspectives in psychiatric care, Advance online publication*, 57(2). <https://doi.org/10.1111/ppc.12635>
- Lichtenthal, W. G., & Breitbart, W. (2015). The central role of meaning in adjustment to the loss of a child to cancer: implications for the development of meaning-centered grief therapy. *Current opinion in supportive and palliative care*, 9(1), 46–51. <https://doi.org/10.1097/SPC.0000000000000117>
- Lichtenthal, W. G., Catarozoli, C., Masterson, M., Slivjak, E., Schofield, E., Roberts, K. E., Neimeyer, R. A., Wiener, L., Prigerson, H. G., Kissane, D. W., Li, Y., & Breitbart, W. (2019). An open trial of meaning-centered grief therapy: Rationale and preliminary evaluation. *Palliative & supportive care*, 17(1), 2–12. <https://doi.org/10.1017/S1478951518000925>
- Lukas, E. (1989). *Logoterapia: A força desafiadora do espírito*. São Paulo: Loyola; Santos, SP: Leopoldianum.
- Lukas, E. (1990). *Mentalização e Saúde: a arte de viver e Logoterapia*. Petrópolis: Vozes.
- Lukas, E. (1998). *Uma vida fascinante: Em la tensión entre ser y deber ser*. Buenos Aires: San Pablo.
- Michie, S., van Stralen, M.M. & West, R. (2011). The behaviour change wheel: A new method for characterising and designing behaviour change interventions. *Implementation Sci*, 6(42). <https://doi.org/10.1186/1748-5908-6-42>
- Ortiz, E. M. (2006). *Hacia una prevención con sentido*. Bogotá: Colectivo aquí y ahora.
- Pacciolla, A. (2024). *Logos e coscienza: Logoterapia e cognitivismo esistenziale*. Roma: Humanitas Edizioni.
- Park C. L. (2010). Making sense of the meaning literature: an integrative review of meaning making and its effects on adjustment to stressful life events. *Psychological Bulletin*, 136(2), 257–301. <https://doi.org/10.1037/a0018301>
- Reker, G.T. (2000). Theoretical perspective, dimensions, and measurement of existential meaning. In: *Exploring Existential Meaning: Optimizing Human Development Across the Life Span* (pp. 39–55). Recker, G.T., Chamberlain, K. (Eds.). New York: SAGE Publications Inc.
- Schneider, D. R. (2015). Da saúde mental à atenção psicossocial: trajetórias da prevenção e da promoção da saúde. In S. G. Murta, C. Leandro-França, K. B. Santos, & L. Polejack (Eds.). *Prevenção e Promoção em Saúde Mental: Fundamentos, Planejamento e Estratégias de Intervenção* (1ª ed., pp. 34–53). Novo Hamburgo: Sinopsys.
- Tricco, A. C., Lillie, E., Zarin, W., O'Brien, K. K., Colquhoun, H., Levac, D., Moher, D., Peters, M., Horsley, T., Weeks, L., Hempel, S., Akl, E. A., Chang, C., McGowan, J., Stewart, L., Hartling, L., Aldcroft, A., Wilson, M. G., Garritty, C., Lewin, S., ... & Straus, S. E. (2018). PRISMA Extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR): Checklist and Explanation. *Annals of internal medicine*, 169(7), 467–473. <https://doi.org/10.7326/M18-0850>
- Wallerstein, N., Duran, B., Oetzel, J. G., & Minkler, M. (2017). *Community-based participatory research for health: Advancing social and health equity* (3rd ed.), Jossey-Bass.

Recebido em 15.12.2024 – Primeira Decisão Editorial em 18.02.2025 – Aceito em 02.05.2025



LOGOTHERAPY-BASED PROMOTION AND PREVENTION PROGRAMS – SCOPE REVIEW

Programas de promoção e prevenção baseados na Logoterapia – revisão de escopo
Programas de promoción y prevención basados en Logoterapia - revisión de alcance

HARELI FERNANDA GARCIA CECCHIN*
ANA CLARA DE ANDRADE PATRÍCIO**
THIAGO ANTÔNIO AVELAR DE AQUINO***

DOI: <https://doi.org/10.62506/tqpcnt94>

Abstract: Prevention and promotion of mental health were a constant concern of Logotherapy and Existential Analysis (LEA) as a theory centered on the meaning of life. Therefore, the objective was to describe and analyze the degree of theoretical and methodological deepening of interventions that use LEA to promote the meaning of life, prevent existential emptiness, prevent suicide or reduce depressive symptoms. We carried out a scope review consulting with specialists, and searched in Pubmed and Scielo databases, with 440 results, 12 meeting the following inclusion criteria: a) articles that report interventions that used LEA as the basic theory or in some component of the intervention, having as outcome promoting the meaning of life or prevention of existential emptiness or reduction of depressive symptoms or suicide prevention; b) articles with full text available; c) articles written in English, Spanish or Portuguese. The results indicate that the most present concepts were attitudinal, experiential and creative values, although the interventions were heterogeneous regarding the outcome and target audience variables. It is concluded that the interventions have a satisfactory degree of theoretical deepening in logotherapy, but, in methodological terms, they require more rigorous experimental designs.

Keywords: meaning of Life. Existential vacuum. Depression. Suicide prevention. Logotherapy.

Resumen: La prevención y la promoción de la salud mental fueron una preocupación constante de la Logoterapia y Análisis Existencial (LAE) como teoría centrada en el sentido de la vida. Delante de eso, el objetivo fue describir y analizar el grado de profundidad teórica y metodológica de intervenciones que usan la LAE para la promoción del sentido de la vida, la prevención del vacío existencial, la prevención del suicidio o la reducción de síntomas depresivos. Se realizó una revisión de alcance con consulta a especialistas y búsqueda en las bases de datos de Pubmed y Scielo, con 440 resultados, 12 atendiendo los siguientes criterios de inclusión: a) artículos que relaten intervenciones que utilizaron la LAE como teoría de base o en alguna componente de la intervención, teniendo como resultado la promoción del sentido de la vida o prevención del vacío existencial o reducción de síntomas depresivos o prevención del suicidio; b) artículos con texto completo disponible; c) artículos escritos en inglés, en español o en portugués. Los resultados indican que los conceptos más presentes fueron los valores actitudinales, los experienciales y los creativos, aunque las intervenciones hayan sido heterogéneas como las variables de desfecho y de público-objetivo. Se concluye que las intervenciones tienen un grado satisfactorio de profundidad teórica en la Logoterapia, pero en términos metodológicos necesitan de delineamientos experimentales más rigurosos.

Palabras clave: sentido de la vida. Vacío existencial. Depresión. Prevención del suicidio. Logoterapia.

Resumo: A prevenção e a promoção da saúde mental foram uma preocupação constante da Logoterapia e Análise Existencial (LAE) como teoria centrada no sentido da vida. Diante disso, o objetivo foi descrever e analisar o grau de aprofundamento teórico e metodológico de intervenções que usam a LAE para a promoção do sentido da vida, a prevenção do vazio existencial, a prevenção do suicídio ou a redução de sintomas depressivos. Realizou-se uma revisão de escopo com consulta a especialistas e busca nas bases de dados Pubmed e Scielo, com 440 resultados, 12 atendendo os seguintes critérios de inclusão: a) artigos que relatem intervenções que utilizaram a LAE como teoria de base ou em alguma componente da intervenção, tendo como desfecho promoção do sentido da vida ou prevenção do vazio existencial ou redução de sintomas depressivos ou prevenção do suicídio; b) artigos com texto completo disponível; c) artigos escritos em inglês, em espanhol ou em português. Os resultados indicam que os conceitos mais presentes foram os valores atitudinais, os vivenciais e os criativos, ainda que as intervenções tenham sido heterogêneas quanto às variáveis de desfecho e de público-alvo. Conclui-se que as intervenções têm grau satisfatório de aprofundamento teórico na Logoterapia, mas, em termos metodológicos, necessitam de delineamentos experimentais mais rigorosos.

Palavras-chave: Sentido da Vida. Vazio Existencial. Depressão. Prevenção do Suicídio. Logoterapia.

* Universidade Federal do Tocantins. Email: harelifernanda@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4875-7638>

** Universidade Federal da Paraíba. Email: anaclara.apatiricio@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2954-5675>

*** Universidade Federal da Paraíba. Email: thiagoaquino19.ta@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3903-8378>



Introduction

The thought of Viktor Frankl, and consequently the theory he founded, Logotherapy and Existential Analysis (LEA), has spread widely and is not limited to application in the individual clinical context. Currently, it has been observed in interventions for health promotion and disease prevention. To approach this topic within the context of LEA, it is necessary to begin with the premise that "(...) the immunological situation depends on the affective situation, which in turn depends essentially on motivation, especially on the orientation toward meaning" (Frankl, 1995, p. 240). Thus, a necessary condition for protecting human life would be to promote the search for meaning in life, since it is constituted, ultimately, as the primary motivation in Viktor Frankl's view.

In this direction, the aforementioned author developed a psychotherapeutic theory to assist in the discovery of meaning in life (Frankl, 1986). Its anthropological foundation lies in three inseparable dimensions: freedom of will, the will to meaning, and the meaning of life. Freedom of will brings to light the question of free choice. However, the human being is not free from biopsychosocial conditioning, but free to take a stance toward such conditions. Therefore, it is understood that the human being possesses the capacity for self-distancing, which allows a free and responsible posture (Frankl, 2020).

The second dimension of the theory is the will to meaning. For Frankl, the human being always seeks meaning for life and may become mentally ill to the extent that this primordial aspiration is frustrated, a phenomenon he called existential vacuum (Frankl, 1989). To find meaning, the person needs to transcend oneself and direct oneself toward something or someone in the world through self-transcendence: "Self-transcendence denotes the fundamental anthropological fact that human existence always points to something beyond itself—to something or someone, that is, a goal to be achieved or the existence of another person whom one encounters" (Frankl, 1991, p. 18).

Finally, the third foundation of LEA is the meaning of life, which constitutes a philosophical view. The will to meaning emerges as one perceives meaning that emanates from life. Thus, the source of meaning would be life itself; for this reason, one should not give meaning but discover the meaning latent in situations (Frankl, 2019). The pathways to finding meaning lie in the values (Frankl, 1986). Through them, the human being discovers meaning by (a) encountering another human being (experiential value), (b) creating something to transform the world for the better (creative value), and (c) adopting a dignified attitude toward an immutable situation that brings suffering (attitudinal value).

In addition to theoretical constructs, LEA presents some techniques, among which the following stand out: autobiography, paradoxical intention, and dereflection. Autobiography is a self-report technique for understanding one's own existence, proposed in LEA by Lukas (1998) for understanding the subject's present, past, and future. The techniques of paradoxical intention and dereflection rely respectively on the human capacity for self-distancing and self-transcendence (Frankl, 2016). LEA allows the use of techniques from other theories, as long as the Franklian anthropology—its view of the human being and of the world—is preserved. Considering these points, it becomes necessary to understand its applicability for mental health promotion and prevention.

Mental health promotion and prevention have been a constant concern of LEA, as a form of prophylaxis centered on the meaning of life. Its origin can be traced to the suicide prevention program organized by Viktor Frankl through the Youth Counseling Centers. Initially established in Vienna in February 1928, it later expanded to six other cities, offering free assistance to young people in difficulties (Frankl, 1990; 2000; 2010).

The counseling sessions were individual and counted on the collaboration of other psychotherapists. Initially, the young people's difficulties were diverse, ranging from sexual problems, family conflicts, and neurotic disorders to economic issues. However, after the stock market crash in New York, which triggered a worldwide economic depression, Frankl observed the neurosis of unemployment, characterized by apathy resulting from the false association between unemployment and the sensation that life no longer had value (Frankl, 1989; 2010).

In addition to counseling centers with a preventive focus, Frankl taught the first course on mental hygiene at the People's University in Vienna during the 1920s (Frankl, 1990). With rising suicide rates, in 1930 he organized a special action in Vienna that resulted in no recorded voluntary deaths among young people that year (Frankl, 2010). This experience led him, in 1933, to assert: "I cannot imagine anything superior to the sense of having a duty, a mission to carry out, which can make a person capable of enduring subjective and objective difficulties!" (Frankl, 2010, p. 132).

Moreover, this experience was fundamental for his preventive practice in concentration camps during World War II, while he himself was an inmate. Initially, it was necessary to prevent the admission shock, characterized by panic. More specifically, the focus was on more vulnerable people, such as the elderly and the sick, to combat mental emptiness. This intervention was carried out in groups with the help of a speaker, Rabbi Regina Jonas (Frankl, 2020). Regarding suicide prevention, he organized an information service to identify and assist prisoners who expressed suicidal ideation (Frankl, 2020). His strategy was to appeal to the will to live and bring to awareness what life still expected of them, thus awakening the search for meaning.



In the more recent context, Martinez Ortiz (2006) considered five principles for the implementation of prevention based on LEA: (1) helping the human being become responsible for his or her own health and that of the community; (2) focusing on healthy personal resources; (3) promoting autonomy, freedom, and personal responsibility; (4) addressing the theme of meaning in life as a promoter of health; and (5) fostering resilience. Aquino, Simeão, and Rodrigues (2021), in turn, suggested a relationship between mental health prevention and LEA. For these authors, the universal prevention carried out by Frankl could be related both to the dissemination of assumptions through the book *Man's Search for Meaning* and to the radio lectures delivered to the general population in the post-war period. Selective prevention should be directed toward adolescent groups in order to protect them from the consequences of existential vacuum triggered by the loss of tradition. Finally, indicated prevention could be directed to those who already displayed symptoms such as drug use, aggression, and suicidal ideation. Knowing that Logotherapy emerges from suicide prevention, it is necessary to understand the applicability of this approach in the current context.

One of the symptoms of contemporary existential vacuum is suicide. For Frankl (1989), to the extent that a human being does not perceive any meaning, there is a tendency to end one's own life, despite all other needs being met. However, he warned that although not every reason for suicide should be reduced to existential frustration, having meaning to live provides greater capacity to endure life (Frankl, 1991). This assumption is supported by a study with 110 adult patients in treatment, in which two variables appeared as protective factors against depressive symptoms: perception of meaning in life and positive perception of the future (Aquino, Dará & Simeão, 2016).

Thus, promoting the search for meaning in life and reducing symptoms of mental disorders, especially anxiety and depression, are relevant strategies for early suicide prevention (Bertolote, 2002; Drum & Denmark, 2012; Frankl, 1991). However, although meaning in life is considered an important protective factor for suicide (Constanza, 2019), this theoretical construct is not limited to LEA. It is also addressed by other theoretical approaches, such as the Interpersonal Theory of Suicide (Drabentstott, 2019), presenting some conceptual and epistemological differences (Reker, 2000; Glaw et al., 2017). However, LEA appears to be the most comprehensive theory to address meaning in life, because it is well systematized and has an anthropological foundation that describes the human search for meaning. Considering this, the present study examined LEA-based interventions focused on suicide prevention and related outcomes, such as the reduction of depressive symptoms, the promotion of meaning in life, and the prevention of existential vacuum.

Evaluating the use of LEA in interventions of this type has scientific and social relevance, because, besides demonstrating patterns of evidence (Gottfredson et al., 2015), it helps illustrate how the theory can be applied beyond the individual psychotherapeutic context. Mapping studies based on LEA may encourage cultural adaptation, design, and improvement of scientifically grounded mental health preventive interventions. Furthermore, expanding such interventions may benefit individuals who do not access conventional psychotherapy, whether due to financial issues or resistance, offering short-term and low-cost services to support those experiencing psychological suffering.

Considering the foregoing, this study was guided by the following research question: How is LEA being used in interventions aimed at suicide prevention, reduction of depressive symptoms, prevention of existential vacuum, and promotion of meaning in life? Therefore, the objective was to describe and analyze the degree of theoretical and methodological depth of interventions that use LEA for the promotion of meaning in life, prevention of existential vacuum, suicide prevention, or reduction of depressive symptoms.

Method

A scoping review was conducted to identify all relevant literature, regardless of the study design, a characteristic of this type of review (Arksey & O'Malley, 2005; Tricco et al., 2018). The six stages of Colquhoun et al. (2014) for scoping reviews were followed: 1) formulating the research question; 2) consulting subject matter experts; 3) identifying and searching for relevant studies in scientific databases; 4) building a database and selecting relevant studies; 5) building a structure to group the data; 6) collecting, summarizing, and reporting the data. Given the nature of the study, experts were consulted at the beginning of the research, along with the search in electronic databases, instead of being consulted at the end, as proposed by the authors previously cited.

The search for relevant studies was conducted in the Pubmed and Scielo databases, using the following search terms in English, Spanish, and Portuguese: "meaning of life", "existential void", "logotherapy", "suicide", "suicide prevention", "logo-autobiography", "depression". The following search strategy was used: (meaning of life OR meaning of life OR sentido de la vida) OR (existential void OR existencial void OR vacío existencial) OR (logotherapy AND suicide OR logotherapy AND suicide OR logoterapia AND suicidio) OR (suicide prevention OR suicide prevention OR prevención del suicidio) OR (depression OR depression OR depresión) OR (depressed OR depressed OR deprimido) OR (logo-autobiography OR logo-autobiography OR logo-autobiografía). The complete database is available upon request to the authors of this research. No time or language limits were applied to the searches.

During the expert consultation phase, a communication was sent to the 144 institutes distributed across 45 countries, with email addresses available on the Viktor Frankl Institute website (<https://www.viktorfrankl.org/>). The communication was sent on November 18, 2021, and was written in English, Spanish, and Portuguese. It requested that the institutes indicate suicide prevention interventions that used Existential Analysis of Life (LAE) as a theoretical basis. Some experts suggested that the question also be raised in the Facebook groups "Logotherapy - The Third

Viennese School of Psychotherapy” and “Viktor E. Frankl - Logotherapy & Existential Analysis,” which have members from various countries. This suggestion was accepted and implemented by the research team on November 22, 2021. Two researchers with relevant scientific output on the subject were also consulted via email.

Inclusion criteria for the material and selection process of the studies

The inclusion criteria, both for publications suggested by experts and those found in databases, were: a) articles that report interventions that used LAE as a basic theory or in some component of the intervention, with the outcome being the promotion of the search for meaning in life or prevention of existential emptiness or reduction of depressive symptoms or suicide prevention; b) articles with full text available; c) articles written in English, Spanish, or Portuguese.

In the database search stages, 406 publications were identified, distributed in the databases as follows: Pubmed (385) and Scielo (21). The databases were searched from their respective start dates until November 30, 2021. After reading the title and abstracts of the articles, and applying inclusion criteria, 289 studies were discarded and 40 studies were retained for full-text analysis. After analyzing the full text, studies that did not use LAE as a theoretical basis or in components of the intervention were eliminated, totaling 11 studies included in this scoping review. The main reasons for exclusion were: the study presented clinical, epidemiological, or instrument validation research (64.7%), the study was not based on LAE (12.5%), the study was theoretical (8.8%), the study was a literature review (6.4%). Two reviewers worked independently on the review of the database. The agreement rate was 99%. Disagreements were resolved through debate and consensus.

The consultation with experts returned 34 responses (17 by email and 17 in Facebook groups). In only 10 responses was some type of material suggested on the topic. These were videos of lectures, event websites, courses, blog posts, books, theses, articles (the complete list can be obtained by requesting it from the first author). After applying the inclusion criteria, only 1 suggested material was included. The scoping review included a sample of 12 publications. Figure 1 shows the search flowchart.

Data Collection Procedures

In all included articles, two independent reviewers used Excel spreadsheets to extract and categorize the data. A test was conducted with the first 10 selected articles. All chosen studies were organized by theme: spatio-temporal (year and country of publication), theory (combination of theories, constructs of LAE, techniques used), methodological (design, outcome variables, measurement instruments, sample size, results, target audience involvement) and structural (target audience, context, number of meetings, duration of meetings, periodicity, modality and delivery channel, number of participants in the groups, age of participants).

Information on the theoretical basis of the intervention and techniques used was extracted only if explicitly mentioned in the intervention abstract or in the session description. This information was not extracted if it was mentioned in the article introduction but was not in the intervention description, stating that it was used in the program. The information on the measuring instruments used took into account the geographical diversity of the pu-

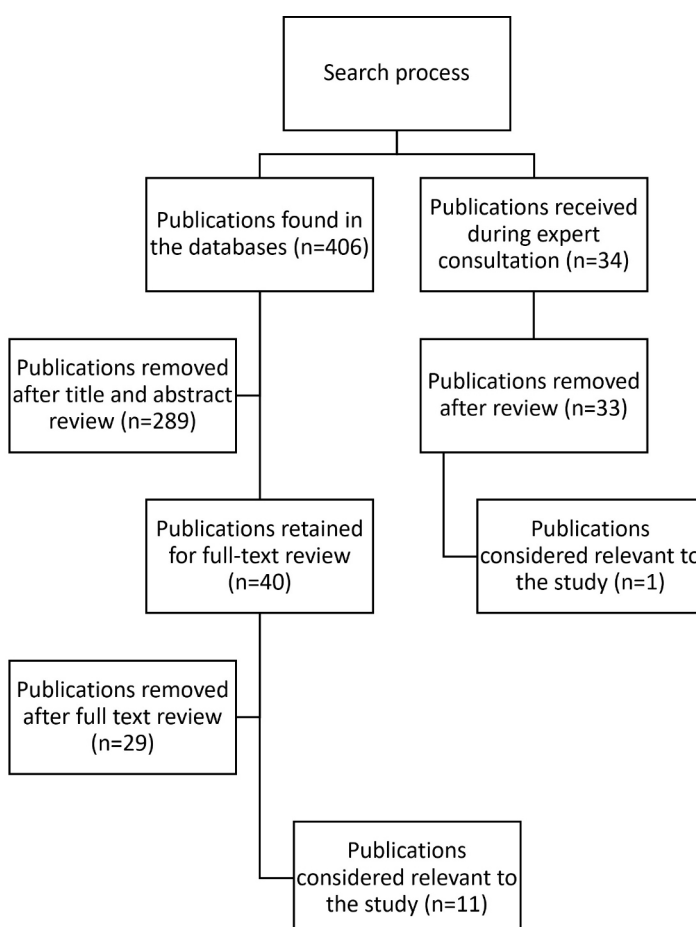


Figure 1
Prisma Flowchart (literature search and consultation with experts).



blications, so that the same instrument used in different countries was recorded only once, despite the difference in nomenclature.

Analysis Procedures

The analysis was conducted using the narrative and descriptive analytical review method (Colquhoun et al., 2014). A geographical location analysis of the studies was performed using a heat map, and three analytical frameworks were constructed to provide an overview of the breadth of the literature. The analysis of the structure of the interventions was based on the criteria of evidence of efficacy, effectiveness, and dissemination of the Society of Prevention Research – SPR (Gottfredson et al., 2015) and the theoretical framework of Prevention Science (Atkins et al., 2017; Eldredge et al., 2016; Michie et al., 2011; Wallerstein et al., 2017).

The analysis of the theoretical depth of the articles was based on the fundamentals of Logotherapy and Existential Analysis. Interventions with high theoretical depth were considered to be those that explicitly mentioned the central constructs of Logotherapy (freedom of will, will to meaning, attitudinal, experiential and creative values, among others) and used techniques developed by Viktor Frankl and Elisabeth Lukas. Interventions that cited Logotherapy without indicating the use of specific techniques or without detailed theoretical foundation were classified as having low theoretical depth.

The analysis of the methodological depth of the articles was based on the criteria of the Society of Prevention Research – SPR (Gottfredson et al., 2015) and the theoretical framework of Prevention Science (Atkins et al., 2017; Eldredge et al., 2016; Michie et al., 2011; Wallerstein et al., 2017). Interventions that used randomized or quasi-experimental clinical trials were considered methodologically rigorous. Interventions that used designs without a control group or without long-term evaluation were categorized as methodologically limited.

Results

The study's documentary base consisted of 12 studies (10 in English and 2 in Portuguese), published between 2008 and 2021. They were published in 6 countries: Brazil (n = 2), Canada (n = 1), South Korea (n = 4), United States of America (n = 2), Iran (n = 3), and Taiwan (n = 1). From a theoretical point of view, most studies (n = 8) used only LAE as a basic theory. And 4 articles combined LAE with other theories, with the grief intervention proposed by Lichtenthal et al. (2019), using attachment theory and the cognitive attachment model of prolonged grief, and interventions that made use of logo-autobiography (see Table 1). The most frequently used constructs of the theory were: values (attitudinal, experiential, and creative), self-transcendence, freedom, meaning of death, and meaning of life (see Table 2). Among the most used techniques are autobiography writing, psychoeducational tasks, dereflection, Socratic dialogue, paradoxical intention, bibliotherapy (reading and discussion of fables, poems, etc.) and the construction of a life project, detailed in Table 2.

From a methodological point of view, most studies (n = 8) used a quasi-experimental design. Regarding outcome variables, the interventions sought to promote the search for meaning in life (n = 7), prevent existential emptiness (n = 1), prevent suicide (n = 1) and reduce depressive symptoms (n = 11). Some interventions (n = 4) sought to promote the search for meaning in life and reduce depressive symptoms concomitantly. These interventions did not mention whether a health service was available if the participant needed individual psychotherapy and/or psychiatric follow-up due to the lack of reduction of symptoms via intervention or the severity of the same.

Most interventions that had the promotion of the search for meaning in life as an outcome variable used the Purpose in Life (PIL) test. This is a test that measures the perception of the meaning of life and is culturally adapted in several different countries. In cases where the outcome was to reduce symptoms of depression and anxiety, the Beck scales were the most used (Beck Depression Inventory - BDI, Beck Anxiety Inventory - BAI), although not exclusively.

The sample sizes ranged from 3 to 48 subjects (average of 34.2 subjects). Most interventions were effective in the outcome variables assessed. Only 2 interventions did not show a significant effect on symptoms of anxiety and distress. The interventions (n = 10) did not involve the target audience, but 2 programs conducted a pilot study before implementation and 1 conducted trials to evaluate and refine the treatment through active feedback. The studies did not involve stakeholders (potential users of the intervention, health professionals, managers) in the intervention design. All the studies screened conducted a partial efficacy assessment, since, using the criteria of Gottfredson et al. (2015), it was observed that 5 studies did not perform long-term follow-up, and 1 study did not use multiple measures. No assessments of effectiveness and cost-effectiveness were found. No study measured potential side effects or iatrogenic effects. Table 1 summarizes the main methodological information of the studies.

In some studies, the relationship between theory and technique is not explicit. In 2 studies, the authors use the term attitude modulation, without, however, citing Elisabeth Lukas (1990) who coined the term. Kim & Choi (2020) state that attitude modulation occurs through Socratic dialogue, citing the book "The doctor and the soul: from psychotherapy to logotherapy", by Frankl (1986). And Delavari et al. (2014) claim to use the attitude modulation technique in one of the meetings, citing Frankl's book "Man's Search for Meaning" (1967). In both books, Frankl discusses the importance of attitude towards suffering or situations beyond one's control, but does not mention attitude mo-



Table 1
Methodological information from studies

	Aquino et al., 2011	Bahar et al., 2021	Kim et al., 2020
Outline	Quasi-experimental	Quasi-experimental	Quasi-experimental
Outcome variables	Existential emptiness	Death anxiety, hope, depression, and adherence to medication treatment.	depressive symptoms
Sample size	33 subjects	40 subjects	44 subjects
Results	Reduction of existential despair and existential emptiness, and increase in existential fulfillment.	Reducing anxiety about death and depression, using appropriate medication to control glucose, and increasing hope.	Significant effects were observed on purpose in life, depressive symptoms, self-esteem, and quality of life; however, no significant effect was observed on anxiety symptoms.
Target audience engagement	There was no	There was no	Pilot test and review by three experts.
	Sun et al., 2019	Delavari et al., 2014	Heisel et al., 2020
Outline	quasi-experimental	randomized clinical trial	quasi-experimental
Outcome variables	suffering, depression and demoralization	anxiety and depression	to improve psychological resilience and prevent the onset or exacerbation of suicidal ideation.
Sample size	64 subjects	30 subjects	30 subjects
Results	Improvements in depression, improvement related to loss of meaning, dysphoria, discouragement, helplessness, feelings of failure and demoralization. No significant effect on distress.	reduction of anxiety and depression levels	Greater focus on finding meaning in life, increased psychological well-being and life satisfaction, satisfaction with retirement, and overall health ratings. Decreased suicidal ideation, hopelessness, and self-rated loneliness.
Target audience engagement	There was no	There was no	There was no
	Robatmili et al., 2015	Cho et al., 2021	Cho, 2008
Outline	randomized clinical trial	quasi-experimental	quasi-experimental
Outcome variables	to improve the sense of meaning in life and reduce levels of depression.	to reduce stress and depression and help them find meaning in their lives.	Meaning of life, somatization, interpersonal sensitivity, depression, hostility, anxiety
Sample size	20 subjects	48 subjects	40 subjects
Results	reduction of depression levels and an increased sense of meaning in life.	Lower levels of stress and depression, and higher levels of meaning in life.	Increased perception of meaning in life and decreased somatization, interpersonal sensitivity, depression, hostility, and anxiety.
Target audience engagement	There was no	Pilot test with 3 individuals from this target audience.	There was no
	Cho et al., 2013	Lichtenthal, 2019	Bridges, 2019
Outline	quasi-experimental	case studies	case studies
Outcome variables	Meaning of life and depression	Sense of meaning and symptoms of prolonged bereavement disorder (PBD) in parents. Depression, hopelessness, anxiety, ongoing attachments, attachment dimensions, positive and negative affect, and health-related quality of life (secondary outcomes).	meaning of life
Sample size	40 subjects	19 subjects	3 subjects
Results	Increased perception of the meaning of life and reduction of depressive symptoms.	Longitudinal post-intervention improvements in prolonged grief, sense of meaning, depression, hopelessness, continued bonding with their child, post-traumatic growth, positive affect, and various health-related quality of life domains.	increased perception of the meaning of life
Target audience engagement	There was no	Two open-label trials were conducted with a small sample size to evaluate and refine the treatment through active participant feedback.	There was no

dulation as a technique. Something similar occurs in 3 studies (Aquino et al., 2011; Delavari et al.; 2014, Kim & Choi, 2020) where the authors mention the techniques of paradoxical intention and dereflection, without relating them to their theoretical and anthropological foundation, which is the capacity for self-distancing and self-transcendence of the human being, respectively (Frankl, 2016). The use of autobiography is reported in 3 studies using the term logo-autobiography. In one of them, the authors state that, in 2008, Sunhee Choo “modified conventional logotherapy with a guided autobiography program and then integrated the two programs into a logo-autobiography” (Cho et al., 2013, p. 34). However, although autobiography is a literary genre and a technique used in various fields of knowledge, it was first proposed for use in logotherapy by Elisabeth Lukas (1998). These misunderstandings may have occurred due to the lack of translation of Elisabeth Lukas's books into English in previous decades and the non-publication of articles, hindering the dissemination of her ideas in other countries.



Table 2
Constructs and techniques of Logotherapy that were used in the interventions

	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	A11	A12
Constructs of theory												
Freedom of will, will to meaning, and meaning of life.	x		x								x	
Values: attitudinal, experiential, and creative		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
Self-distancing												x
Self-transcendence	x	x	x			x		x				x
Conscience		x										x
Responsibility	x	x			x							
Freedom	x	x			x		x					x
It ought to be												x
Becoming	x											
Courage												x
Conformity and totalitarianism	x											
The meaning of death		x			x				x		x	
Meaning of life						x				x	x	x
Supersense	x											
Tragic Triad: Pain/suffering, guilt, and death.						x						
Uplifting triad: optimism/hope, gratitude, and joy.						x						
Techniques used												
reflection			x									
Socratic dialogue	x		x									
paradoxical intention			x									
modulation of attitudes			x									
autobiography								x	x	x		x
psychoeducational tasks (homework)		x					x				x	
bibliotherapy	x											x
building a life project	x											x
elicitation techniques					x							
values awareness technique							x					
improvisation												x
individualization												x
expression of expected anxiety					x							

Note: A1 = Aquino et al., 2011; A2 = Bahar et al., 2021; A3 = Kim et al., 2020; A4 = Sun et al., 2019; A5 = Delavari, 2014; A6 = Heisel et al., 2020; A7 = Robatmili, 2015; A8 = Cho et al., 2021; A9 = Cho, 2008; A10 = Cho et al., 2013; A11 = Lichtenthal, 2019; A12 = Pontes, 2019.

In other situations, a combined use of LAE with other theories has been observed. In one study, the authors mention the Reciprocal Path of Meaning-Making Theory (Lichtenthal et al., 2019), created from qualitative interviews conducted with parents bereaved by cancer, which blends LAE with theories about grief and Park's (2010) integrated model of meaning-making, based on the assumption that meaning has a reciprocal and dynamic movement (Lichtenthal et al., 2015). In another study, the authors state that "LAE is a meaning-centered approach to psychotherapy; it is compatible with cognitive-behavioral therapy" (Bahar et al., 2021, p. 2) and cite studies based on Cognitive-Behavioral Therapy (CBT) and Acceptance and Commitment Therapy (ACT), but did not report whether they used concepts or techniques from these theories in the intervention. In another study, the authors (Delavari et al., 2014) do not report using more than one theoretical approach, but in the description of the sessions, they report having used the expression of expected anxiety, a technique from Reverse Psychology, without, however, citing the source. This technique is not known in LAE.

Undoubtedly, LAE was conceived as a complementary psychotherapy system open to the contribution of other perspectives. In this vein, Pacciolla (2024) suggested the possibility of a perspective called existential cognitivism, an approach that aims to understand the patient's self-direction and their interpretation of reality, as well as to delve into the meaning of the symptom and the meaning of life. Thus, it can unveil not only cognitive and affective dissonances, but above all existential dissonances.

From a structural point of view, the target audience for the interventions was heterogeneous, comprising adolescents and young adults (high school and university students), adults with clinical conditions (wives of alcoholics, mothers of children with cancer, patients with breast and gynecological cancer, diabetic patients



with depression, parents who lost a child to cancer, people living with HIV, immigrant women), and older adults (older adults with depressive symptoms without suicidal ideation, retired men or those considering retirement). The interventions were delivered in schools, universities, hospitals, health clinics, and community centers. The age of the participants ranged from 14 to 70 years. The number of meetings ranged from 4 to 16 (average of 9.1), lasting from 60 to 120 minutes (average of 81.2), and with a frequency of once every two weeks to twice a week (average of 1.2). The number of participants in the interventions ranged from 3 to 34 individuals. Most interventions (n=10) were delivered in person, and two were delivered in a hybrid format, combining in-person and telephone sessions, and in-person and videoconference sessions. The latter assessed symptom improvement and the therapeutic alliance in both in-person and videoconference sessions, finding similar results and indicating that delivery via virtual channels can be effective (Lichtenthal et al., 2019). Table 3 presents the summarized information above. Given the diversity of studies in terms of target audience and outcome variables, a direct comparison between them was not possible.

Table 3
Characteristics of the structure of the studies

	Aquino 2011	Bahar 2021	Kim, 2020
Target audience	high school students	diabetic patients with depression	elderly people with depressive symptoms but without suicidal ideation
Context	public school	It doesn't specify, but it appears to have been at the hospital.	Senior center
Number of meetings	15 meetings	10 meetings	8 meetings
Duration of meetings	45 minutes	90 minutes	90 minutes
Frequency	2 per week	1 per week	2 per week
Delivery method	In a group	In a group	In a group
Delivery channel	In person	In person	In person
Number of participants	15 in GE and 18 in GC	20 in GE and 20 in GC	23 in GE and 21 in GC
Age	14 to 18 years old	20 to 70 years old	average age 77 years
	Sun 2019	Delavari, 2014	Heisel, 2020
Target audience	patients with breast and gynecological cancer	mothers of children with cancer	Retired men or men thinking about retiring.
Context	hospital	does not inform	Community center
Number of meetings	4 to 6 meetings	9 meetings	12 meetings
Duration of meetings	60 minutes	90 minutes	90 to 120 minutes
Frequency	bi-weekly	1 per week	1 per week
Delivery method	Individual	In a group	In a group
Delivery channel	In person and by phone (if necessary)	In person	In person
Number of participants	34 in GE and 30 in GC	15 in GE and 15 in GC	10 in each group
Age	average age 53 years	20 to 45 years old	55 to 70 years old (average of 63.7)
	Robatmili, 2015	Cho, 2021	Cho, 2008
Target audience	university students	university students	wives of alcoholics
Context	does not inform	At the university	Alcohol counseling centers
Number of meetings	10 meetings	6 meetings	6 meetings
Duration of meetings	60 minutes	90 minutes	120 minutes
Frequency	1 per week	1 per week	1 per week
Delivery method	In a group	In a group	In a group
Delivery channel	In person	In person	In person
Number of participants	10 in GE and 10 in GC	22 in GE and 26 in GC	19 in GE and 21 in GC
Age	does not inform	average age of 21.54 years (SD 2.84)	average age 46.28 years
	Cho, 2013	Lichtenthal, 2019	Bridges, 2019
Target audience	Korean immigrant women living in the USA	parents who lost a child to cancer	people living with HIV
Context	Mental health clinics and a Korean community organization	It does not inform.	hospital workshop room
Number of meetings	6 meetings	16	8
Duration of meetings	60 minutes	60 to 90 minutes	120 minutes
Frequency	Once a week	Once a week	twice a week
Delivery method	In groups and individually (depending on the participant's choice)	in a group	in a group
Delivery channel	In person	in person or via video conference	In person
Number of participants	20 in GE and 20 in GC	11 in the in-person group and 8 in the video conferencing group.	3 participants
Age	The average score was 56.10 in the experimental group and 47.40 in the control group.	36 to 65 years old (average age 49.4 years)	46 to 58 years old



Discussion

The objective of this study was to describe and analyze the degree of theoretical and methodological depth of interventions that use LAE to promote the search for meaning in life, the prevention of existential emptiness, suicide prevention, or the reduction of depressive symptoms. The findings suggest that there is a modest number of studies ($n = 12$), but a growing body of research identifying effective suicide prevention strategies and related outcomes based on LAE. The studies are recent and distributed across several countries.

The studies tracked by this scoping review were published more than half a century after the theory's popularization and outside its country of origin, as no studies were found in Western European countries. This provides clues about the development of the theory, since Frankl's writings began in Austria in 1926 (when he first used the word Logotherapy) and gained notoriety in the 1950s (Aquino, 2020). In Europe, this absence of interventions using LAE may indicate a practice predominantly focused on the neuropsychiatric field, and the need to apply the theory in other contexts (Girmenia et al., 2014). Historical issues may also have influenced recent production in this area. Preventive principles began to be adopted worldwide in the 1970s and 1980s, influenced by the World Health Organization (WHO), gaining more strength in the late 1990s, following the revision of the prevention model by the Institute of Medicine (IOM) (Abreu et al.; 2015, Schneider, 2015).

From a theoretical point of view, some interventions have made use of logo-autobiography (Cho et al., 2013; Cho, 2008; Choo & Jang, 2021). Frankl (1991) considers that the development of the human being unfolds through their biography, which allows Logotherapy to be configured as a form of existential analysis. However, if this technique is used only to analyze the past, only the clarification of being, it would be aligned with Binswanger's *Daseinsanalyse* and Heidegger's thought. For Frankl (1986), it is necessary to analyze becoming, the power to be, the possibilities of being in the world that are found in the area of freedom. Studies that have used logo-autobiography have not proposed to analyze the possibilities of being in the world of the participants, which is why they cannot be considered as based solely on LAE.

The theoretical constructs of LAE that appear most in the interventions are attitudinal, experiential, and creative values, despite the diversity of audiences, outcomes, and geographical contexts. These seem to be the central components of the interventions and the main driving mechanisms of change (Gottfredson et al., 2015). However, 5 interventions do not mention the main techniques of LAE: autobiography, dereflection, Socratic dialogue, paradoxical intention, attitude modulation, which may indicate little emphasis on the technique or a superficial understanding of the theory's fundamentals. Autobiography is a way of conducting existential analysis through the discovery of values and meanings in life within the temporality of the past, present, and future (Lukas, 1998). Dereflection is the technique used to break the vicious cycle of morbid hyperreflexion, directing the patient's gaze towards something or someone beyond themselves, reducing egocentrism (Lukas, 1989); Socratic dialogue, in turn, is used to unveil hidden meanings and values in situations through questions directed at consciousness (Lukas, 1989); Paradoxical intention, on the other hand, involves the inversion of intention by making the person desire what they fear, mobilizing self-distancing through humor (Frankl, 1991); finally, attitude modulation aims to work on the inner posture of the human being towards something positive or negative through the activation of the will to meaning (Lukas, 1989). In general, LAE positions technique as a means to an end, to access and awaken human phenomena. Thus, techniques are a means to access the healthy dimension of the human being, the person behind the pathology.

From a methodological point of view, the outcome variables were heterogeneous, the studies made a partial assessment of effectiveness, and stakeholder involvement was almost nonexistent. In five interventions, the outcome variables combined promoting the search for meaning in life and reducing symptoms of depression, which, from the perspective of Prevention Science (Abreu, 2015), would address health promotion and secondary prevention, or early treatment. However, from the perspective of LAE, it would be an indicated type of prevention, since it acts with those who already have an established existential void and already present suicidal symptoms, albeit in a mild form, considering the integrality of the human being (Aquino et al., 2021).

The review found only one intervention in which suicide prevention is one of the outcomes. And another, despite focusing on reducing stress and depression and promoting the search for meaning in life, states that it can be used as a prevention strategy, increasing participants' perception of the meaning of life (Choo, 2021). Similar results were found in the review by Cecchin et al. (2022), which sought interventions for suicide prevention among university students and found no programs based on LAE. This data demonstrates a certain contradiction, since LAE practically emerged from suicide prevention in the 1920s. This was Frankl's main interest, which led him to develop theory. And, currently, this is not actually being concretely worked on. The difficulty in measuring this outcome may be one of the causes. Especially when suicide prevention is considered a distal outcome, and not a proximal outcome. Prevention work at a universal and selective level should be aimed at individuals without suicidal ideation, acting on risk factors related to depression and anxiety (Bertolote, 2002).

On the other hand, the review identified a small number of studies conducted in the form of randomized clinical trials (RCTs), which impacts the robustness of the findings (Gottfredson et al., 2015). Most of the included studies used quasi-experimental designs, reflecting common challenges in psychological intervention research, especially in clinical, community, and educational settings.

The implementation of RCTs in this field faces practical and ethical obstacles. Complete randomization can be difficult due to resistance from participants and institutions to accept random allocation to control



groups that do not receive the intervention. Furthermore, in many contexts, such as hospitals and support groups, depriving individuals of a potentially beneficial intervention raises ethical concerns. The personalized nature of Logotherapy and Existential Analysis (LAE)-based interventions also presents a challenge to the standardization required in rigorous trials.

The absence of RCTs reduces the ability to establish strong causal relationships between interventions and assessed outcomes (Gottfredson et al., 2015). This can compromise the generalizability of findings, since contextual factors, such as cultural and institutional differences, can influence results (Wallerstein et al., 2017). Alternatively, future studies could adopt hybrid designs, combining experimental and evaluative methods to overcome some of these limitations. Cluster randomization and pragmatic clinical trials can offer more robust evidence without compromising the feasibility of the research.

In addition, no study involved stakeholders in the intervention design. Several theories that guide the design of interventions recommend that stakeholders participate throughout the entire design process, from problem formulation and needs assessment to defining the elements that will make up the program (Atkins et al., 2017; Eldredge et al., 2016; Michie et al., 2011; Wallerstein et al., 2017). The synergy of efforts between researchers and stakeholders contributes to greater use of available resources and increased partnerships, strengthening medium-term results and increasing the chances of maintaining the intervention over time.

From a structural point of view, the target audience and delivery channels are points to be observed. The interventions were designed for heterogeneous audiences, aiming to assist with the challenges of each developmental stage. Interventions focused on assisting and treating people with chronic diseases (diabetes, cancer, HIV) and their families prevailed. The review by Girmenia et al. (2014) also found similar results. These findings may be influenced by one of the databases consulted in this study, since PubMed is focused on international biomedical scientific literature. However, these results may also indicate an expansion of LAE to the broader health context. It is being used in situations where the human being is in a state of severe suffering and faces existential questions, enabling the humanization of care and psychological and spiritual support in situations where medical sciences cannot provide answers (Girmenia et al., 2014).

Among the gaps in the literature identified through the review is the absence of effectiveness and cost-effectiveness assessments, since all the studies screened proceeded with a partial assessment of effectiveness. Thus, more studies are needed to measure the lasting effect of the interventions and to recommend their widespread dissemination. Another gap is the absence of assessment of potential side effects or iatrogenic effects of the interventions. For an intervention to be considered effective, there should be no serious negative (iatrogenic) effects on important outcomes (Gottfredson et al., 2015), however, to make this claim, these effects must be observed and measured.

Among the limitations of this study are the reduced number of databases consulted. In addition, the use of search terms in English, Spanish and Portuguese may have limited the results. In future studies, it is recommended to include other relevant databases in the area of Psychology and mental health, such as PsycINFO, Web of Science and Embase. The results suggest some avenues for further research in the area, and for it to be expanded, standardization of methodological issues is necessary in five aspects. The first aspect concerns conducting more rigorous experimental studies, using randomized controlled trials (RCTs) or hybrid designs, combining experimental and evaluative methods. In contexts where individual randomization may be unfeasible, cluster randomization can be an alternative, allocating entire groups (such as school classes or hospital units) to different experimental conditions. To evaluate the effectiveness of interventions in real-world settings, the adoption of pragmatic RCTs is suggested, allowing for flexibility in implementation and greater representativeness of participants. In cases where a control group without intervention may be ethically problematic, the adoption of waitlist groups, treatment as usual, or comparisons between different intervention formats (in-person versus online) is suggested.

The second aspect relates to the use of the same instrument for measuring an outcome. For example, in the case of the outcome meaning of life, the use of the PIL test is recommended, since it has been validated in several countries. Efforts to standardize the use of measurement instruments could facilitate the comparison between data from different interventions and the conduct of systematic reviews and meta-analyses, with which Girmenia et al. (2014) agree.

The third point indicates that studies should conduct long-term evaluations (follow-up) to assess whether the effects are maintained over time. In addition to providing periodic reinforcement sessions to assist in maintaining and improving the effects.

The fourth aspect suggests conducting feasibility and acceptability assessments of the interventions, evaluating issues such as the therapeutic alliance and gathering suggestions from participants on how to improve the intervention.

The fifth indicates conducting studies with larger samples, allowing for effectiveness and cost-effectiveness assessments. Furthermore, involving stakeholders, such as health professionals, educators, and managers, in the planning of interventions can increase the applicability of the findings and participant adherence. All these precautions can strengthen the evidence on the impact of LAE in promoting the search for meaning in life, preventing existential emptiness and suicide, and reducing depressive symptoms.

Regarding interventions that combined LAE with other approaches, Frankl's (1989) stance on the subject is recalled: "as for logotherapy, I myself am one who has always taught that it is not a panacea, and therefore it is open to cooperation with other psychotherapeutic methods and is open to its own evolution" (p. 10). However, he recom-



mends "great care, however, so that eclecticism does not degenerate into syncretism" (Frankl, 1978, p. 201). Thus, two strategies are suggested to broaden the theoretical adequacy of the interventions. First, the formation of a team for the design of the intervention. In general, professionals and researchers are specialists in a field. In a team, each member can share knowledge according to their theoretical and technical expertise, ensuring the well-founded use of each theory. Secondly, the adoption of explicit honesty regarding the points of convergence and divergence between the theories used in the intervention, if and what choices were made and under what justification. This can contribute to the legitimacy and adoption of the study by other researchers and/or professionals.

LAE understands that human beings are complex and that only one point of view or theoretical approach may not be sufficient to explain and intervene in some phenomena. However, it is necessary to realize that theoretical approaches are based on epistemological positions that may diverge in some aspects, hence the importance of the intellectual honesty of researchers. Future studies can evaluate the acceptability and credibility of interventions that make use of more than one theoretical approach, and the implications of this combined use in the scientific and social environment.

In other literature reviews, it is suggested to consult more databases and use the terms "Meaning-Centered Grief Therapy (MCGT)" and "Meaning-Centered Psychotherapy (MCP)" in the search strategy to locate more studies. These terms were found in some studies during the database review process and seem to name interventions based on LAE in some countries around the world.

From a structural point of view, it is suggested that future studies offer online intervention programs, increasing the audience served and promoting continuous and autonomous participation. From a theoretical point of view, it is suggested that the authors present the rationale for the techniques used, making it explicit whether there was a combination of psychological approaches.

In terms of implications for practice, it is suggested that there should be greater dialogue between Logotherapy institutes and scientific publications. Since the studies tracked by this scoping review come from 6 countries that have Logotherapy institutes, and these interventions were not mentioned in consultation with them, it would be interesting to have a platform that brings together not only books but also scientific articles.

In summary, interventions to promote the search for meaning in life, the prevention of existential emptiness, suicide prevention, or the reduction of depressive symptoms demonstrated a satisfactory degree of theoretical depth in LAE, presenting the main constructs and techniques used. In methodological terms, there is still much to be done, because a large part of the interventions do not use randomized clinical trials, which is the design that offers the best scientific evidence.

References

- Abreu, S., Barleta, J. B., & Murta, S. G. (2015). Prevenção e promoção em saúde mental: pressupostos teóricos e marcos conceituais. In S. G. Murta, C. Leandro-França, K. B. Santos, & L. Polejack (eds.). *Prevenção e Promoção em Saúde Mental: Fundamentos, Planejamento e Estratégias de Intervenção* (1ª ed., pp.168-191). Novo Hamburgo: Sinopsys.
- Aquino, T. A. A. (2020). Viktor Frankl: para além de suas memórias. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 26(2), 232-240. <http://dx.doi.org/10.18065/2020v26n2.10>
- Aquino, T. A. A., Dará, D. M. B., & Simeão, S. S. S. (2016). Depressão, percepção ontológica do tempo e sentido da vida. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 12(1), 35-41. <https://doi.org/10.5935/1808-5687.20160006>
- Aquino, T. A. A., Silva, J. P., Figueirêdo, A. T. B., Dourado, É. T. S., & Farias, E. C. S. (2011). Avaliação de uma proposta de prevenção do vazio existencial com adolescentes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(1), 146-159. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000100013>
- Aquino, T. A. A.; Simeão, S. de S.; & Rodrigues, L. X. (2021). O sentido na vida como prevenção do vazio existencial. In M. Rodrigues & D. S. Pereira (Orgs). *Psicologia Positiva: dos conceitos à aplicação* (1ª ed., pp. 49-67). Novo Hamburgo: Sinopsys.
- Arksey, H., & O'Malley, L. (2005). Scoping studies: towards a methodological framework. *International Journal of Social Research Methodology*, 8(1), 19-32. <https://doi.org/10.1080/1364557032000119616>
- Atkins, L., Francis, J., Islam, R. et al. (2017). A guide to using the Theoretical Domains Framework of behaviour change to investigate implementation problems. *Implementation Sci*, 12(1), 77. <https://doi.org/10.1186/s13012-017-0605-9>
- Bahar, A., Shahriary, M., & Fazlali, M. (2021). Effectiveness of Logotherapy on Death Anxiety, Hope, Depression, and Proper use of Glucose Control Drugs in Diabetic Patients with Depression. *International journal of preventive medicine*, 12(6). https://doi.org/10.4103/ijpvm.IJPVM_553_18



- Bertolote, J. M., & Fleischmann, A. (2002). Suicide and psychiatric diagnosis: a worldwide perspective. *World psychiatry: official journal of the World Psychiatric Association (WPA)*, 1(3), 181–185. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1489848/>
- Cecchin, H.F.G., Murta, S.G., de Macedo, E.O.S. et al. Scoping review of 30 years of suicide prevention in university students around the world: efficacy, effectiveness, and cost-effectiveness. *Psicol. Refl. Crít.* 35, 22 (2022). <https://doi.org/10.1186/s41155-022-00227-x>
- Cho, S., Bernstein, K. S., Roh, S., & Chen, D. C. (2013). Logo-autobiography and its effectiveness on depressed Korean immigrant women. *Journal of transcultural nursing: official journal of the Transcultural Nursing Society*, 24(1), 33–42. <https://doi.org/10.1177/1043659612452005>
- Cho, S., & Jang, S. J. (2021). Effects of an Existential Nursing Intervention for College Students in the COVID-19 Pandemic Situation. *International journal of environmental research and public health*, 18(10), 52–68. <https://doi.org/10.3390/ijerph18105268>
- Colquhoun, H. L., Levac, D., O'Brien, K. K., Straus, S., Tricco, A. C., Perrier, L., Kastner, M., & Moher, D. (2014). Scoping reviews: time for clarity in definition, methods, and reporting. *Journal of Clinical Epidemiology*, 67(12), 1291–1294. <https://doi.org/10.1016/j.jclinepi.2014.03.013>
- Delavari, H., Nasirian, M., & Baezgar B. K. (2014). Logo therapy effect on anxiety and depression in mothers of children with cancer. *Iranian journal of pediatric hematology and oncology*, 4(2), 42–48. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4083198/>
- Drabenstott, M. A (2019). Matter of Life and Death: Integrating Mattering into the Interpersonal-Psychological Theory of Suicide. *Suicide & life-threatening behavior*, 49(4), 1006–1018. <https://doi.org/10.1111/sltb.12504>
- Drum, D. J., & Denmark, A. B. (2012). Campus suicide prevention: bridging paradigms and forging partnerships. *Harvard review of psychiatry*, 20(4), 209–221. <https://doi.org/10.3109/10673229.2012.712841>
- Eldredge, L. K. B.; Markham, C. M.; Ruiter; R. A. C.; Fernández, M. E.; Kok, G.; & Parcel, G. S. (2016). *Planning health promotion programs: An intervention mapping approach* (4th ed). Jossey-Bass Public Health, Wiley.
- Frankl, V. E. (1967). *Man's Search for Meaning* (4th ed). Tehran: University Publication.
- Frankl, V. E. (1978). *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Frankl, V. E. (1986). *The doctor and the soul: from psychotherapy to Logotherapy*. New York: Vitage Books.
- Frankl, V. E. (1989). *Um sentido para a vida: Psicoterapia e humanismo*. Aparecida: Editora Santuário.
- Frankl, V. E. (1990). *A questão do sentido em psicoterapia*. Campinas: Quadrantes.
- Frankl, V. E. (1991). *A psicoterapia na prática*. Campinas: Papyrus.
- Frankl, V. E. (1995). *Logoterapia e análise existencial*. Campinas: Editorial Psy II.
- Frankl, V. E. (2000). *Las raíces de la logoterapia: Escritos juveniles 1923 – 1942*. Buenos Aires: San Pablo.
- Frankl, V. E. (2010). *O que não está escrito em meus livros: memórias*. São Paulo: É Realizações.
- Frankl, V. E. (2016). *Teoria e Terapia das Neuroses*. São Paulo: É Realizações.
- Frankl, V. E. (2019). *Sofrimento humano: fundamentos antropológicos da psicoterapia*. São Paulo: É Realizações.
- Frankl, V. E. (2020). *Psicoterapia e existencialismo: textos selecionados em logoterapia*. São Paulo: É Realizações.
- Frankl, V. E. (2021). *O sofrimento humano: Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. São Paulo: É Realizações.
- Girmenia, E., Andrissi, L., & Tambone, V. (2014). Sulle applicazioni cliniche della logoterapia: una rassegna sull'eredità di Victor Emil Frankl [On the clinical applications of logotherapy: a review of Victor Emil Frankl inheritance]. *La Clinica terapeutica*, 165(4), 330–335. <https://doi.org/10.7417/CT.2014.1751>
- Glaw, X.; Kable, A.; Hazelton, M.; & Inder, K. (2017). Meaning in life and meaning of life in mental health care: An integrative literature review. *Issues Ment. Health Nurs.*, 38, 243–252. <https://doi.org/10.1080/01612840.2016.1253804>



- Gottfredson, D. C., Cook, T. D., Gardner, F. E., Gorman-Smith, D., Howe, G. W., Sandler, I. N., & Zafft, K. M. (2015). Standards of Evidence for Efficacy, Effectiveness, and Scale-up Research in Prevention Science: Next Generation. *Prevention science: the official journal of the Society for Prevention Research*, 16(7), 893–926. <https://doi.org/10.1007/s11121-015-0555-x>
- Kim, C., & Choi, H. (2020). The efficacy of group logotherapy on community-dwelling older adults with depressive symptoms: A mixed methods study. *Perspectives in psychiatric care, Advance online publication*, 57(2). <https://doi.org/10.1111/ppc.12635>
- Lichtenthal, W. G., & Breitbart, W. (2015). The central role of meaning in adjustment to the loss of a child to cancer: implications for the development of meaning-centered grief therapy. *Current opinion in supportive and palliative care*, 9(1), 46–51. <https://doi.org/10.1097/SPC.0000000000000117>
- Lichtenthal, W. G., Catarozoli, C., Masterson, M., Slivjak, E., Schofield, E., Roberts, K. E., Neimeyer, R. A., Wiener, L., Prigerson, H. G., Kissane, D. W., Li, Y., & Breitbart, W. (2019). An open trial of meaning-centered grief therapy: Rationale and preliminary evaluation. *Palliative & supportive care*, 17(1), 2–12. <https://doi.org/10.1017/S1478951518000925>
- Lukas, E. (1989). *Logoterapia: A Força Desafiadora do Espírito*. São Paulo: Loyola/Santos, SP: Leopoldianum.
- Lukas, E. (1990). *Mentalização e Saúde: a arte de viver e Logoterapia*. Petrópolis: Vozes.
- Lukas, E. (1998). *Uma vida fascinante: Em la tensión entre ser y deber ser*. Buenos Aires: San Pablo.
- Michie, S., van Stralen, M.M. & West, R. (2011). The behaviour change wheel: A new method for characterising and designing behaviour change interventions. *Implementation Sci*, 6(42). <https://doi.org/10.1186/1748-5908-6-42>
- Ortiz, E. M. (2006). *Hacia una prevención con sentido*. Bogotá: Colectivo aquí y ahora.
- Pacciolla, A. (2024). *Logos e coscienza: Logoterapia e cognitivismo esistenziale*. Roma: Humanitas Edizioni.
- Park C. L. (2010). Making sense of the meaning literature: an integrative review of meaning making and its effects on adjustment to stressful life events. *Psychological Bulletin*, 136(2), 257–301. <https://doi.org/10.1037/a0018301>
- Reker, G.T. (2000). Theoretical perspective, dimensions, and measurement of existential meaning. In: *Exploring Existential Meaning: Optimizing Human Development Across the Life Span* (pp. 39–55). Recker, G.T., Chamberlain, K. (Eds.). New York: SAGE Publications Inc.
- Schneider, D. R. (2015). Da saúde mental à atenção psicossocial: trajetórias da prevenção e da promoção da saúde. In S. G. Murta, C. Leandro-França, K. B. Santos, & L. Polejack (Eds.). *Prevenção e Promoção em Saúde Mental: Fundamentos, Planejamento e Estratégias de Intervenção* (1ª ed., pp. 34-53). Novo Hamburgo: Sinopsys.
- Tricco, A. C., Lillie, E., Zarin, W., O'Brien, K. K., Colquhoun, H., Levac, D., Moher, D., Peters, M., Horsley, T., Weeks, L., Hempel, S., Akl, E. A., Chang, C., McGowan, J., Stewart, L., Hartling, L., Aldcroft, A., Wilson, M. G., Garritty, C., Lewin, S., ... & Straus, S. E. (2018). PRISMA Extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR): Checklist and Explanation. *Annals of internal medicine*, 169(7), 467-473. <https://doi.org/10.7326/M18-0850>
- Wallerstein, N., Duran, B., Oetzel, J. G., & Minkler, M. (2017). *Community-based participatory research for health: Advancing social and health equity* (3rd ed.), Jossey-Bass.

Recebido em 15.12.2024 – Primeira Decisão Editorial em 18.02.2025 – Aceito em 02.05.2025



SAÚDE MENTAL E SENTIDO PARA VIDA: PESSOAS IDOSAS E A LOGOTERAPIA

Mental Health and Meaning in Life: Older People and Logotherapy

Salud Mental y Sentido de la Vida: Personas Mayores y Logoterapia

JEFFERSON DA SILVA*

TATIANA IURIKO KAWASAKI NAKABAYASHI**

GRASIELE APARECIDA BONTEMPO***

DOI: <https://doi.org/10.62506/0fnwpb04>

Resumo: O artigo tem como objetivo refletir sobre a proposta da logoterapia e o impacto na saúde mental da pessoa idosa, considerando vivências relacionadas ao período da pandemia e pós-pandemia. Para esta reflexão, foram considerados os atendimentos realizados por uma clínica-escola, durante os anos de 2021 e 2022, período este que contempla o início do encerramento da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) relacionada ao COVID-19. Dessa forma, foram levantados dados das entrevistas de triagem e dos prontuários dos pacientes assistidos relacionados à procura pelo atendimento psicológico. Pretende-se discutir caminhos de cuidado e sentido para a pessoa idosa, uma vez que, segundo Viktor E. Frankl, a vida possibilita a compreensão de um sentido, mesmo diante dos sofrimentos. A dor, a culpa e a morte, temas recorrentes na pandemia, também podem ser tornar possibilidades de ressignificação para vida. Por isso, a pessoa idosa, mesmo tendo que lidar com os limites da própria idade e os sofrimentos deixados pela pandemia, pode orientar e ressignificar sua vida. O tempo passado, presente e futuro ganham novas significações para a pessoa idosa quando se possui um sentido.

Palavras-chave: Pandemia; Pessoa Idosa; Saúde Mental; Sentido.

Abstract: The article aims to reflect on the proposal of logotherapy and the impact on the mental health of the elderly, considering experiences related to the pandemic and post-pandemic period. For this reflection, the study considers the care provided by a university-affiliated clinic between 2021 and 2022, a timeframe that encompasses the beginning of the closure of the Public Health Emergency of National Importance (ESPIN) related to COVID-19. Thus, data were gathered from screening interviews and medical records of patients who sought psychological support during this period. The discussion aims to explore approaches to care and the search for meaning among the elderly, since, according to Viktor E. Frankl, life offers opportunities for the discovery of meaning, even in the face of suffering. Themes such as pain, guilt and death – prevalent during the pandemic – can also serve as possibilities for reinterpreting and reframing one's existence. Therefore, despite the challenges posed by aging and the enduring psychological effects of the pandemic, older individuals can guide and reframe their lives. The interplay of past, present, and future takes on new significance when guided by a sense of purpose.

Keywords: Pandemic; Old Person; Mental Health; Meaning.

Resumen: El artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la propuesta de logoterapia y el impacto en la salud mental de las personas mayores, considerando experiencias relacionadas con la pandemia y el período pospandémico. Para esta reflexión se consideró la atención brindada por una clínica docente durante los años 2021 y 2022, período que comprende el inicio del cierre de la Emergencia de Salud Pública de Importancia Nacional (ESPIN) relacionada con el COVID-19. Así, se recolectaron datos de las entrevistas de tamizaje y de las historias clínicas de los pacientes atendidos relacionados a la búsqueda de atención psicológica. Se pretende discutir las formas de cuidado y significado para las personas mayores, ya que, según Viktor E. Frankl, la vida permite la comprensión del significado, incluso frente al sufrimiento. El dolor, la culpa y la muerte, temas recurrentes en la pandemia, también pueden ser utilizados como posibilidades para replantear la vida. Por lo tanto, las personas mayores, incluso teniendo que lidiar con los límites de su propia edad y el sufrimiento dejado por la pandemia, pueden guiar y replantear sus vidas. Los tiempos pasado, presente y futuro adquieren nuevos significados para la persona mayor cuando tienen un significado.

Palabras clave: Pandemia; Persona de edad avanzada; Salud mental; Sentido.

* Centro Universitário São Camilo, São Paulo.
Email: jefferson@prof.saocamilo-sp.br . Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2671-4621>

** Centro Universitário São Camilo, São Paulo.
Email: tatiana.nakabayashi@prof.saocamilo-sp.br . Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5111-349X>

*** Centro Universitário São Camilo, São Paulo.
Email: grasielle.bomtempo@saocamilo-sp.br . Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-8234-5742>



Introdução

O envelhecimento, seja individual ou populacional, pode ser compreendido como um processo de mudanças biopsicossociais que envolvem tanto ganhos quanto perdas. Ele inclui o acúmulo de experiências, crescimento pessoal e também o declínio de capacidades físicas e psíquicas, processo esse denominado senescência (Freitas e Py, 2016). Associado a este processo, emergem representações sociais que vinculam o envelhecer a doenças, sofrimentos, gastos com medicamentos e improdutividade, além de limitações econômicas relacionadas à previdência social.

Neste sentido, a lógica capitalista tende a enxergar a pessoa idosa como não produtiva, o que contribui para sua desvalorização social. Como afirmam Gonçalves et al (2019, p. 87), “a pessoa idosa é vista sem utilidade para o sistema, a partir disso, são feitas algumas atribuições para esse público como o de inutilidade, descartável e dispensável.” Esse processo reforça o ageísmo, preconceito, estereotipia e discriminação com base na idade de uma pessoa, que segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2021), está diretamente associado à piora da saúde física e mental. Tais atribuições afetam a vida emocional das pessoas idosas, impactando negativamente em diferentes esferas da vida e podendo levar à perda do sentido da vida e, em casos extremos, à ideação suicida (Santana, 2020).

Uma revisão integrativa realizada por Silva et al. (2021) sobre o ageísmo no contexto da pandemia da COVID-19 revelou o agravamento dessas condutas, destacando discursos que desvalorizam a vida da pessoa idosa, decisões pautadas unicamente em critérios etários e a distribuição desigual de recursos médicos. Se a insegurança e o medo do futuro são questões desafiadoras no processo de envelhecimento, esses fatores foram amplificados no contexto pandêmico, intensificando sintomas de ansiedade, conflitos familiares e o enfrentamento do medo e da morte (Danzmann, 2022). Além disso, Barros et al. (2020) identificaram elevados índices de sofrimento emocional alterações no sono e sentimentos de tristeza entre a população idosa brasileira durante a pandemia.

O presente estudo tem como foco pessoas idosas que buscaram atendimento psicológico em uma clínica-escola vinculada a uma Instituição de Ensino Superior (IES) localizada na cidade de São Paulo. Foram considerados para análise triagens e prontuários de pessoas idosas que buscaram atendimento psicológico nos períodos de 2021 a 2022, que marca a transição entre o auge da pandemia de COVID-19 e o início do período pós-pandêmico no Brasil. Assim, o presente artigo aborda um recorte específico da realidade brasileira, mas insere-se em um debate mais amplo sobre o envelhecimento, saúde mental e sentido da vida em contextos de crise.

Depois de mais de dois anos de pandemia, com a chegada da vacina e com a declaração do Ministério da Saúde acerca do encerramento da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN), através da Portaria nº 913 de 22 de abril de 2022, a esperança começou a ressurgir. No entanto, os impactos emocionais deixados pela pandemia persistiram, especialmente entre a população idosa. Neste contexto, torna-se necessário refletir sobre estratégias terapêuticas que favoreçam a saúde mental e a ressignificação da vida.

A clínica-escola onde as pessoas idosas foram assistidas integra uma Instituição de Ensino Superior (IES) privada com atuação em São Paulo há mais de 10 anos. Vinculada a cursos da área da saúde, a clínica tem como missão oferecer atendimento psicológico gratuito à população e formação prática aos estudantes de Psicologia.

Diante disso, o presente artigo, com base em dados coletados nos atendimentos psicológicos realizados na clínica-escola, propõe discutir caminhos psicoterapêuticos à luz da logoterapia, como o objetivo de auxiliar a pessoa idosa na busca por sentido, mesmo diante de contexto de sofrimento, como o vivenciado durante e após a pandemia.



1. Método

O presente trabalho teve um caráter retrospectivo e descritivo, uma vez que foi realizado um levantamento dos atendimentos realizados em uma clínica-escola vinculada a uma Instituição de Ensino Superior (IES) privada na cidade de São Paulo, entre os anos de 2021 e 2022. Foram analisados triagens e prontuários de pessoas idosas que buscaram atendimento psicológico nesse período. Foram incluídos apenas casos que foram efetivamente acompanhados pela clínica, sendo excluídos as pessoas que foram encaminhadas para outros serviços. As informações tabuladas compreenderam dados sociodemográficos, histórico clínico e a queixas psicológicas apresentadas no momento da triagem.

Para compreensão das queixas apresentadas pelos pacientes, foram considerados os diferentes processos vivenciais da tríade trágica¹ (sofrimento, culpa e morte), condições inerentes da existência humana. O sofrimento é a condição humana que causa dores, angústias e até desesperança, sendo uma experiência vivida por cada pessoa existente, mergulhada por questões físicas, psíquicas e sociais. A culpa é a condição humana que causa o sentimento de remorso, falta em relação a si mesmo ou em relação ao outro – a falta do não vivenciado ou não vivido no presente da existência. A morte é condição inevitável da existência humana que revela a transitoriedade da vida, o fim de um projeto de vida. Para Viktor Frankl (1991), essas condições podem representar não apenas limites existenciais, mas também oportunidades de transformação pessoal e descoberta de sentido, mesmo diante de adversidades extremas.

Do ponto de vista ético, este estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) pelo Comitê de Pesquisa da Instituição responsável pelo serviço-escola, conforme as normas da Resolução nº 466/12, número do parecer CAAEE: 15095319.5.0000.0062. O uso dos dados seguiu os princípios éticos da confidencialidade, anonimato e respeito à dignidade dos participantes.

2. Resultados

Entre janeiro de 2021 e dezembro 2022, foram realizadas 141 triagens, das quais oito (5,7% do total de triagens) preencheram os critérios de inclusão neste estudo. Todos os atendimentos ocorreram de forma online, com sessões semanais de aproximadamente 50 minutos, totalizando 10 sessões por paciente.

A média de idade foi 67 anos (DP = 5,65), variando entre 60 e 76 anos, sendo a maioria do gênero feminino (75%, n = 6). Quanto ao estado civil, observou-se diversidade entre os participantes: 37,5% eram casados, 37,5% separados, 12,5% viúvos e 12,5% solteiros. Sobre a moradia, duas pessoas viviam com cônjuge e filhos, duas com filhos apenas, duas residiam sozinhas e uma com outros parentes.

Acerca da escolaridade, entre os dados válidos (isto é, informados em prontuário), três pessoas (37,5%) tinham ensino superior completo, duas (25,0%) possuíam ensino médio completo e uma (12,5%), havia cursado apenas parte do ensino fundamental. Em relação à situação laboral, três participantes (37,5%) trabalhavam como autônomos, duas (25,0%) estavam empregadas e duas (25,0%) aposentadas por tempo de serviço, sendo a maioria declarava renda pessoal de até dois salários-mínimos.

Em relação ao histórico de doenças clínicas, a maioria das pessoas idosas (87,5%) era acompanhada de forma regular, por médicos de diversas especialidades, devido a doenças crônicas e metade delas já tinham tido experiências prévias com psicoterapia e/ou acompanhamento psiquiátrico.

As motivações que levaram essas pessoas a buscarem atendimento psicológico foram classificadas em três grandes temáticas: pandemia (5 pessoas; 62,5%), histórico psiquiátrico (2 pessoas; 25%) e doenças clínicas prévias (1 pessoa; 12,5%), conforme detalhado na Tabela 1.

As principais queixas associadas à pandemia, organizadas segundo a tríade trágica de Viktor E. Frankl (sofrimento, culpa e morte), foram: agravamento de questões emocionais, alterações no padrão de sono e solidão (classificadas como manifestação do sofrimento, de acordo com Frankl); conflitos familiares e impacto na vida laboral e ou financeira (classificadas como manifestação de sofrimento e culpa); e preocupação com o futuro/sem perspectivas quanto ao futuro e luto por morte decorrente da COVID-19 (consideradas manifestações de morte), conforme apresentado na Tabela 2.

Em relação às queixas vinculadas ao histórico psiquiátrico, as duas pessoas que buscaram atendimento por essa razão relataram agravamento de questões emocionais (sofrimento), conflitos familiares (sofrimento e culpa) e impacto financeiro (sofrimento e culpa). Já a única participante com histórico de doenças clínicas prévias também relatou agravamento emocional (sofrimento) e conflitos familiares (sofrimento e culpa). De modo geral, observou-se que as queixas mais recorrentes entre os participantes foram o agravamento de questões emocionais e alterações no sono. Ao cruzar os dados sociodemográficos com os motivos para atendimento, constatou-se que os dois participantes do gênero masculino relataram o impacto financeiro da pandemia como principal razão para buscar apoio psicológico. Entre os casados, dois de três mencionaram agravamento emocional e prejuízos na vida laboral e financeira, enquanto entre os separados, as principais queixas foram agravamento emocional e alterações do sono.

¹ O conceito de tríade trágica utilizado na logoterapia de Viktor Frankl, tem origem na filosofia de Karl Jaspers. Em sua obra *Psicopatologia Geral* (1987), Jaspers apresenta a ideia de que a existência humana é inevitavelmente confrontada com situações-limite, como o sofrimento, a culpa a morte, que podem ser eliminadas, mas apenas enfrentadas existencialmente. Frankl retoma esse tripé conceitual e o sistematiza sob a denominação de tríade trágica.



Tabela 1 – Principais temáticas apresentadas pelas pessoas idosas para a busca por atendimento psicológico entre janeiro de 2021 a dezembro de 2022.

Temática	Frequência (n)	Percentual (%)
Pandemia	5	62,5%
Histórico psiquiátrico	2	25,0%
Doenças clínicas prévias	1	12,5%

Tabela 2 – Queixas apresentadas pelas pessoas idosas referentes à pandemia e classificadas de acordo com a tríade trágica de Viktor E. Frankl.

Queixas apresentadas pelas pessoas idosas referentes à pandemia	Frequência (n)*	Percentual (%)	Tríade trágica
Agravamento de questões emocionais	5	100%	Sufrimento
Alterações no padrão de sono	4	80%	Sufrimento
Conflitos familiares	3	60%	Sufrimento e culpa
Impacto na vida laboral / financeira	3	60%	Sufrimento e culpa
Preocupação com o futuro / sem perspectivas quanto ao futuro	2	40%	Morte
Solidão	2	40%	Sufrimento
Luto por morte decorrente da COVID-19	1	40%	Morte

* Foram considerados apenas os dados válidos (n=5) para o cálculo das porcentagens

3. Discussão

3.1 A Pessoa Idosa e os Impactos da Pandemia

Desde o ano de 2020 até meados de 2022, o Brasil e o mundo vivenciaram a pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2, marcada por mortes e pelo risco constante do contágio. Somente no Brasil, segundo o site CORONAVIRUS/Brasil, foram registrados mais de 705 mil casos de óbitos até o período de 2023. Felizmente, com a chegada da vacina e as doses de reforço, a situação mais agravante foi superada e, no dia 22 de abril de 2022, o Ministério da Saúde decretou o encerramento da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN).

No entanto, os impactos na saúde mental que o vírus deixou são numerosos. Milhares de pessoas estão no processo de reinserção no mercado de trabalho ou perderam seus empregos, enfrentando dificuldades econômicas e incertezas quanto ao futuro. Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2022), a taxa de desemprego no Brasil chegou 14,7% refletindo o impacto prolongado da pandemia. A Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2021), destacou que a recuperação no setor de empregos tem sido desigual e lenta, especialmente para pessoas vulneráveis, como a de pessoas idosas.

Muitas famílias permanecem enlutadas pela perda de seus entes queridos, fato corroborado pelos achados deste estudo. De acordo com o documento das Nações Unidas (ONU, 2020), há um risco significativo de aumento de sintomas de depressão e ansiedade como consequência da pandemia, exigindo investimentos em saúde mental. Estudos realizados em pacientes idosos que foram acometidos pelo vírus encontraram associações entre a infecção por SARS-CoV-2 e o aumento do risco de declínio cognitivo (Liu et al., 2021), bem como a persistência de sintomas relacionados a fadiga, dor no corpo, alterações cognitivas e dificuldades respiratórias (Global Burden of Disease Long COVID Collaborators, 2022).



Considerando o período pandêmico, alguns estudos revelaram que as medidas para conter a pandemia da COVID-19 contribuíram para o aumento dos sintomas de estresse, ansiedade e depressão (Wang et al., 2020). Achados semelhantes foram identificados por Barros et al. (2020) em sua investigação acerca de sintomas de tristeza, nervosismo e alterações no padrão do sono em uma amostra de 45.161 brasileiros. Esta amostra foi obtida na pesquisa intitulada “ConVid – Pesquisa de Comportamentos” realizada pela Fundação Oswaldo Cruz, Universidade Federal do Minas Gerais e a Universidade Estadual de Campinas. Os dados foram obtidos entre 24 de abril a 24 de maio de 2020 e, dentre os achados, 52,6% dos participantes relataram sentir-se ansioso ou nervoso frequentemente ou quase frequentemente, 43,5% dos participantes alegaram alterações no sono que previamente não tinham e 48,0% que tinham alterações no sono informaram que os sintomas se agravaram. Além disso, 40,4% dos participantes relataram sentir-se tristes ou deprimidos. Especialmente entre as pessoas idosas, 31,7% relataram sentir-se frequentemente ansiosos ou nervosos, 27,5% indicaram sentimentos de tristeza ou depressão e 29,1% relataram alterações no sono. Nesse sentido, os achados do presente estudo corroboram com dados encontrados na literatura, uma vez que o agravamento de questões emocionais foi a principal queixa relatada pelas pessoas idosas que buscaram atendimento psicológico nos anos de 2021 e 2022.

Romero et al. (2021) também utilizaram o banco de dados do “ConVid – Pesquisa de Comportamentos” e a análise realizada somente com participantes idosos (n=9.173) demonstrou que parte da população idosa sentiu frequente solidão pelo distanciamento de amigos e familiares na pandemia. Ainda nesse estudo, foram evidenciadas mudanças econômicas importantes: a redução da renda familiar foi relatada por 47,1% das pessoas idosas, sendo que 31,9% afirmaram receber menos que um salário-mínimo mensal. Achados do presente estudo seguem nesse mesmo sentido, uma vez que a diminuição de renda foi uma das queixas relatadas pelas pessoas idosas, especialmente entre as pessoas idosas do gênero biológico masculino.

Duarte et al. (2020) investigaram os fatores associados a prejuízos na saúde mental de indivíduos residentes no Rio Grande do Sul, em uma amostra composta por 799 indivíduos, com 18 a 75 anos de idade, e majoritariamente do sexo feminino (82,7%). A redução da renda familiar, o pertencimento aos grupos de risco e exposição constante a informações sobre o número de óbitos e infectados foram considerados fatores de risco significativos para transtornos mentais menores. Ademais, variáveis como sexo (feminino), faixa etária (jovens) e histórico de transtorno mental também foram associados a maiores prejuízos à saúde mental.

O medo, a ansiedade, o desemprego e a morte agravaram a crise sanitária e a saúde mental de muitas pessoas, no Brasil e no mundo. A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022) alertou para uma crise global de saúde mental com efeitos persistentes após a pandemia. Unidas a essas condições quase inevitáveis, as questões ideológico-políticas brasileiras tendem a manter os impactos na saúde mental. Durante o auge da pandemia, foi possível acompanhar o atravessamento de diversas narrativas sobre o contágio do vírus, a imunização e a contenção. Eram narrativas ora negacionistas, ora conscienciosas, e os governantes mudando seus discursos constantemente, não conseguindo direcionar a população. Como afirmam Silva e Castiel (2020, p. 2), “...proliferam versões distorcidas de conceitos e fatos científicos, que adotam formas narrativas e retóricas extraordinariamente plausíveis que vicejam em meio à escassez de conteúdos orientadores sobre práticas de biossegurança em período de pandemia”. As pessoas, atravessadas por diferentes formas de narrativas durante a pandemia foram profundamente impactadas em sua subjetividade e na dimensão coletiva. Sigolo et al. (2022) destacam que, na contramão das diretrizes adotadas por instituições internacionais, o Brasil vivenciou a propagação de desinformações e a omissão na implementação de políticas públicas mínimas para o enfrentamento da pandemia.

Dados estatísticos epidemiológicos de diversos países demonstraram que as pessoas idosas foram as principais vítimas na pandemia (Correa; Justo, 2021), havendo, inclusive, a intensificação de vivências típicas da própria senescência, como o questionamento da finitude, declínio das habilidades e competências e reflexão sobre as relações interpessoais. No Brasil e no mundo, observou-se um maior número de contágios do SARS-CoV-2 na população adulta e, sobretudo, casos de letalidade na população idosa. “A presença de morbidades associadas contribui significativamente para o incremento dessa taxa, e no Brasil verifica-se que 69,3% dos óbitos ocorreram em pessoas com mais de 60 anos e destes, 64% apresentavam ao menos um fator de risco.” (Barbosa et al, 2020, p. 11).

3.2 Sofrimento e morte: o *sim à vida apesar de tudo*

Segundo Viktor E. Frankl (2020), o medo do envelhecimento e da morte é generalizado na cultural atual, pois as pessoas não sabem lidar com a transitoriedade da vida e acabam por perderem o sentido da existência. De acordo com Baltes e Baltes (1990, apud Neri, 2006), durante toda a trajetória de vida, o indivíduo encara mudanças que desafiam sua capacidade adaptativa uma vez que o processo de desenvolvimento, incluindo o próprio envelhecimento, envolve contextos de ganhos e de perdas.

É preciso que a pessoa reconheça e aceite a etapa da vida em que se encontra, vivenciando plenamente sua idade e os processos que ela implica, pois é justamente nesse movimento que torna possível seguir amadurecendo (Griffa e Moreno, 2001). Isso significa que o amadurecimento não é somente uma questão cronológica, mas deve ser compreendido como caminho de orientação da própria vida. Nesse sentido, para Viktor



E. Frankl, psiquiatra e fundador da logoterapia, dentre vários temas que podem colaborar com o desenvolvimento humano, como o envelhecimento, a questão do sentido da vida torna-se uma possibilidade de orientação na saúde mental e ressignificação da vida. Para ele, “...a vida tem sentido sempre, literalmente até o último suspiro.” (Frankl, 1989, p. 33), sugerindo que a vida tem um sentido e este pode ser despertado mesmo diante dos sofrimentos.

Letalidade, luto e outras inúmeras condições experiências vivenciadas pelas pessoas idosas e por várias pessoas ao longo da pandemia constituem realidades que, em grande parte, não podem ser alteradas retrospectivamente. No entanto, essas vivências podem ser ressignificadas, uma vez que é possível adotar uma nova atitude diante delas, possibilitando, assim, a descoberta de um novo significado para existência vivida (Frankl, 1990b).

Segundo Frankl (1990b), é possível extrair um sentido favorável à vida em cada situação – um otimismo mesmo diante das tragédias. As circunstâncias que a vida apresenta possuem muito mais a oferecer do que a subtrair, mas tudo dependerá da maneira como se reage diante delas. “De qualquer sorte subsiste a possibilidade, também no que concerne aos aspectos trágicos da existência, *‘to make the best of it’*”, como tão bem o exprime a frase inglesa.” (Frankl, 1990a, p. 14). É nessa direção que a logoterapia, com sua base fenomenológico-existencial, possibilita desvelar caminhos de orientação para as pessoas que sofreram os impactos da pandemia na saúde mental, como as pessoas idosas.

Viktor E. Frankl não nega os sofrimentos e os condicionamentos próprios da vida, como os criados por forças externas como as guerras e os genocídios, mas, como se afirmou, ainda assim é possível dizer sim à vida. É possível dizer sim à vida, mesmo diante das dores e sofrimentos causados pela pandemia. É possível dizer sim à vida no processo de envelhecimento, mesmo que a sociedade atual tenha uma tendência de valorizar a jovialidade.

A vida não se limita à jovialidade, à produtividade, à busca de subsistência, de prazer ou poder, mas à capacidade de orientar-se por um sentido. Diz ele: o homem é “...incondicionado na medida em que ‘não se deixa absorver’ na sua condicionalidade.” (Frankl, 1978, p. 69). Qualquer pessoa, mesmo em condições subumanas, permanece homem em si mesmo e ainda tem a possibilidade de transcender seus próprios sofrimentos; e mesmo tendo sofrido as torturas do nazismo em Auschwitz, Frankl (1992, p.61) afirma que a “...existência humana sempre vai além de si mesmo, já está sempre indicando um sentido...”. Para ele, a busca pelo sentido é realizada a partir de um confronto com a existência tal como essa se mostra.

Nota-se que Viktor E. Frankl, em sua abordagem analítica existencial, é otimista em relação ao ser humano, o que não significa ingenuidade ou negação da realidade, como por exemplo, uma negação dos sofrimentos emocionais deixados pela pandemia, mas, ao contrário, ele assume a transitoriedade da vida sem, contudo, negar as possibilidades de sentido que cada situação pode apresentar. Ele chama essa perspectiva de otimismo trágico, o que significa que uma pessoa pode vivenciar seu potencial mesmo diante da tragédia (Frankl, 1991). Transformar o sofrimento numa conquista e numa realização humana, extrair da culpa a oportunidade de mudar a si mesmo significa fazer da transitoriedade da vida um incentivo para ações responsáveis (Frankl, 1991), transformando a si mesmo diante da dor, da culpa e da morte. “Por dor quero dizer sofrimento” (Frankl, 2020, p. 34) e o sofrimento é a manifestação de dores psicológicas que lutam contra certas emoções, lembranças difíceis e desagradáveis, projetos não realizados, sensações não desejadas. É uma experiência existencial que atinge a pessoa e as múltiplas causas. Uma pessoa pode sofrer a perda de um emprego e se sentir inútil, pode sofrer pelo afastamento dos filhos, pelo distanciamento social, pela perda de um amigo, enfim, por múltiplas possibilidades.

Para Viktor E. Frankl, apesar de qualquer sofrimento, mesmo aqueles inevitáveis que não podem serem remediados ou afastados, é possível o encontrar um sentido. No entanto, a pessoa que sofre terá que encontrar forças em si mesma para não permitir que o sofrimento a consuma. Em primeiro lugar, aquele que sofre precisa assumir o seu sofrimento, tomar para si mesmo suas dores, realizar um esforço não apenas moral, mas como possibilidade de crescimento *apesar de...* Nas próprias palavras de Frankl (1978, p.240), “...o indivíduo que sofre não é capaz de plasmar seu destino exteriormente, mas justamente o sofrimento lhe oferece a oportunidade de superar interiormente o destino, transpondo-o do campo factual para o existencial.”

Muitas situações são inevitáveis, não são passíveis de serem transformadas, não imediatamente principalmente por quem sofre, embora seja possível transformar-se a si mesmo diante do sofrimento, transpor-se do campo factual para o existencial, ou seja, mudar o foco sobre as causas do sofrimento para desvelar as outras possibilidades que lhe restam. É como se perguntar, o que se poderia fazer da própria vida apesar deste sofrimento? Levantar o questionamento é dar possibilidade de ampliar a visão de si mesmo para além dos próprios sofrimentos, é dar abertura para liberar as outras potencialidades que não foram atingidas pelo sofrimento. É ampliar o horizonte dos fenômenos. Se a pandemia potencializou as ansiedades, angústias e os sofrimentos emocionais, ainda assim, cada pessoa possui um grande potencial em si mesma para ressignificar sua própria vida.

Nesse sentido, não se pode reduzir uma pessoa somente à dimensão biopsicossocial, mas é importante integrar sua dimensão espiritual. O espiritual é a dimensão humana que dá possibilidade da autotranscendência. O ser humano está “...centrado como um indivíduo em pessoa determinada – como centro espiritual exis-

² “Tirar o máximo proveito de algo”



tencial – e somente por isso, o ser humano é também um ser integrado: somente a pessoa espiritual estabelece a unidade e totalidade do ente humano.” (Frankl, 1992, p. 21). É do centro espiritual-existencial que nascem todas as atividades especificamente humanas, a possibilidade de abertura que se prolonga no psíquico e no somático. Nessa direção, para Viktor E. Frankl, mesmo uma pessoa vivenciando grandes sofrimentos ou sendo atingida emocionalmente, ainda assim, pela própria força do espírito, pela própria abertura de si mesmo, é possível mudar de atitude perante as condições que lhe causam sofrimentos. Diz ele: “absorve o sofrimento – ‘brota a luz’ – a existência se faz transparente, o homem olha através dela, ao ser que sofre se abrem perspectivas que vão até o fundo.” (Frankl, 1978, p. 243). É nesse sentido que qualquer pessoa como, por exemplo, a pessoa idosa, mesmo tendo vivenciado muitos sofrimentos como o isolamento social, o afastamento de familiares e a perda de amigos, ainda assim é possível ir além de si mesma e encontrar novos caminhos. Os sofrimentos não precisam ser as últimas condições na vida de nenhuma pessoa.

A culpa e a morte são outros aspectos salientados por Viktor E. Frankl passíveis de despertarem sentido quando enfrentados com hombridade. E a culpa pode ser acompanhada de remorso: “É aquele se molestar insistentemente com pensamentos e sentimentos desagradáveis, uma sensação de que alguma coisa não foi como devia e a gente tem algo a ver com isso.” (Pompéia & Sapienza, 2018, p. 89). Assumir a própria culpa perante qualquer situação da qual se é responsável se torna uma possibilidade de mudar a si mesmo. Se a culpa causa grandes sofrimentos, é uma oportunidade para assumi-la e tornar-se aberto a uma outra oportunidade. Se o remorso é gerado por algo que deveria ter feito ao longo de uma vida, principalmente, para a pessoa idosa que carrega em seus ombros suas experiências, vivências e escolhas, em um balanço sobre a própria vida, ele não deveria ser visto somente nos seus aspectos negativos, mas também nas possibilidades que foram realizadas e na capacidade de aceitar as próprias falhas e limitações perante as próprias escolhas. Isso não significa retirar a culpa, mas um reconhecimento dos próprios limites e a possibilidade de ser diferente perante a falta assumida.

O último aspecto da condição que pode ser enfrentado e passível de despertar sentido é a transitoriedade da vida, uma vez que a morte é um fenômeno pertencente ao ciclo da vida. Como ensina a filosofia de Heidegger, o *Dasein* é um ser voltado para a morte, um ser voltado para o fim. “O ‘fim’ do ser-no-mundo é a morte. Esse fim, que pertence ao poder-ser, isto é, à existência, limita e determina a totalidade cada vez possível da presença.” (Heidegger, 2015, p. 306). Assumir essa condição não significa cultuar a morte, mas sim encarar-la como uma questão que se manifesta com o nascimento. A cada nascimento nasce a possibilidade do morrer. Mas, infelizmente, em uma cultura que cultua a jovialidade e a longevidade, encarar a possibilidade da morte parece causar desespero e medo do futuro. Talvez, seja esse um dos aspectos que mais precisam serem enfrentados por todos da sociedade atual, principalmente neste período da pandemia em que o óbito e a experiência do luto se fizeram presentes.

Sentir e experimentar a transitoriedade da vida pelo morrer de um outro não deve ser experimentado como um atrofamento do seu próprio ser, mas um apelo para aproveitar a cada instante. “Não seria precisamente essa radical transitoriedade um apelo para aproveitar-se a cada instante, a fim de se fazer bom uso da possibilidade latente da realização de sentido.” (Frankl, 1990a, p. 28).

Surge uma questão, qual seja, como fazer esse apelo para uma pessoa idosa que perdeu seu companheiro de uma vida toda, perdeu muitos de seus amigos, principalmente no período da pandemia e colhe as consequências posteriores a ela? Como ajudá-la a enfrentar essa transitoriedade e as perspectivas de futuro?

Diz Viktor E. Frankl que, infelizmente, costuma-se “...ver apenas os campos de restolhos da transitoriedade, perdendo de vista os celeiros repletos das colheitas de nossa vida – as ações que praticamos, as obras que realizamos, as pessoas queridas que amamos, aquilo que com coragem e dignidade suportamos.” (Frankl, 1990a, p. 28). Talvez, a afirmação acima seja uma possibilidade de resposta, ou seja, na morte de alguém muito querido, costuma-se enfatizar as dores e sofrimentos causados pela experiência do luto e se esquece tudo aquilo que se construiu com o outro ao longo dos anos, as colheitas de uma vida e o quanto o ente querido, que terminou sua caminhada, desejaria que essas colheitas não fossem perdidas pela dor da saudade, mas ressignificadas e transformadas em fonte de vida. Aqui cabe, mais uma vez, salientar que não há uma negação do sofrimento causado pelo luto e nem uma negação da saudade, mas, para além desses sentimentos, existem outras possibilidades que os entes queridos também deixaram e são: os valores construídos, as obras realizadas, as ações praticadas, os desafios enfrentados, enfim, as colheitas no celeiro que necessariamente não precisam ficar mortas com o ente que se foi, mas transformadas em memória e sentido para aquele que se amou tanto.

O principal é não se fechar em si mesmo e ser sufocado pela dor da saudade, mas continuar mantendo a abertura do próprio ser. Daí a máxima frankliana: “Vive de modo tal como viverias se pela segunda vez vivesses e tivesses feito na primeira vez tudo tão errado como intentas fazê-lo.” (Frankl, 1990a, p. 28). A morte e o morrer não podem ser vistos somente como um fim, mas um chamado para viver. A vida chama cada pessoa e cabe a cada um saber responder ao seu chamado.

É importante notar que diante da tríade trágica, sofrimento, culpa e morte, há um apelo feito a cada pessoa, é um chamado para a descoberta dos valores de atitude, valores estes que não dependem da alguma causa externa, mas da mudança de postura diante das diversas situações. As situações podem não mudar, mas é possível mudar-se a si mesmo perante as situações. Até o último instante, é possível despertar para algum sentido na vida. É sobre a temporalidade e o processo de envelhecimento que se pretende refletir no próximo tópico.



3.3 A Busca pelo sentido e o envelhecimento

Até aqui se refletiu a respeito da pessoa idosa, os impactos da pandemia, sobre a tríade trágica e as possibilidades de sentido. Foi possível acompanhar que, para cada pessoa, como a pessoa idosa, cabe a tomada de atitude frente às diversas situações que precisam ser enfrentadas. Sofrimentos, culpa e a experiência do luto são circunstâncias da vida que ninguém deseja passar, mas são inevitáveis, pois faz parte da condição humana – e, cedo ou tarde, todos terão que enfrentar tais condições. As questões que se levantam são: quais as atitudes que serão tomadas diante dessas condições limitadoras? Quais aconselhamentos são passíveis de orientar uma pessoa em seu processo de envelhecimento? Como uma pessoa idosa pode se orientar para manter sua saúde mental após tantas perdas, inclusive simbólicas, vivenciadas na pandemia?

Cabe aqui recordar que a vida tem sempre uma possibilidade de sentido, um caminho que pode ser descoberto. Pode-se aproveitar a possibilidade de sentido em todos os momentos e situações. É nessa perspectiva que Elizabeth Lukas (1992), colaboradora Viktor Frankl e importante referência nas discussões teóricas e metodológicas da Logoterapia, escreve um artigo sobre a velhice e sua relação com a temporalidade.

Agostinho (1997), na sua obra *As Confissões*, no capítulo XI, levanta a questão: O que é, pois, o tempo? No dia a dia, fala-se do tempo, mas, quando se tenta explicá-lo, parece que escapa às palavras. Isso significa que a experiência da temporalidade é frágil. Ao mesmo tempo em que se vive, se é envolvido por ela. Vive-se, mas, ao tentar expressá-lo, ele escapa. O que é, pois, tentar expressar o passado, o presente e o futuro? Viktor E. Frankl (1990) afirma: aproveite a cada instante para a realização do sentido. É sobre o olhar deste instante, do presente, que Elizabeth Lukas (1992) faz um apelo à pessoa idosa a olhar para trás e para frente, tendo o presente como uma tarefa a ser realizada. Ela propõe um caminho para o presente, conduzindo uma reflexão sobre o passado sem perder de vista as perspectivas para o futuro. Diz ela: “...da plataforma do presente o homem contempla três direções, e destas três direções eu gostaria de obter, no que segue, três perspectivas para o homem idoso, que denominarei ‘olhar para trás’, ‘a tarefa do presente’ e ‘olhar para a frente’” (Lukas, 1992, p. 170). Esse pode ser um convite para todos, mas, especialmente, para as pessoas que passam pelo processo de envelhecimento e para as pessoas idosas que acabaram perdendo as perspectivas para o futuro com os impactos da pandemia. Parafraseando a metáfora de Viktor E. Frankl (1990), ao longo da vida, pelas ações praticadas, obras realizadas, conquistas e amizades, guarda-se no celeiro com muitas colheitas que não podem ser esquecidas, mas, ao contrário, deve-se servir de energia para as tarefas do presente.

Lukas (1992) propõe, primeiramente, voltar os olhos para o passado e realizar um balanço existencial entre ser e devir. “O vivido e o não-vivido em sua historicidade, o criado, experimentado, sofrido, e o perdido, o não-criado, não-experimentado e não-sofrido.” (Lukas, 1992, p. 170). Neimeyer (2007; 2016) propõe possibilidades de intervenções, a partir do resgate de memórias da história de vida, ativando um processo criativo, com o intuito de elaboração de si.

Fixando os olhos nos êxitos, a pessoa idosa é convidada a recordar os frutos bem-sucedidos e conquistados ao longo de sua história de vida. São as colheitas guardadas no celeiro de sua história, como por exemplo, os filhos, os netos, as viagens, os trabalhos realizados, enfim uma infinidade de possibilidades que a vida pôde lhe proporcionar. É um “...para que foi bom ele ter vivido.” (Lukas, 1992, p. 171). Entretanto, contemplar os êxitos bem-sucedidos não é somente se apegar em um passado glorioso, mas é também respeitar as limitações das ações que não puderam serem realizadas, os fracassos, a vida que não foi vivida. É valorizar o limitado e se alegrar com o que foi possível. É uma relação entre o ser, o que foi realizado e forjou sua própria identidade, e o devir, as possibilidades que passaram e que não foram passíveis de serem alcançadas. Diante do devir, das realidades que não foram possíveis de serem realizadas, cabe uma reconciliação consigo mesmo. “O perdão é uma espécie de cura da memória, o acabamento de seu luto; liberta do peso da dívida, a memória fica liberada para grandes projetos. O perdão dá futuro à memória” (Ricoeur, 2008, p. 196). Quando se dá o perdão a um outro, nasce a possibilidade de libertar a memória de suas dores mais profundas e projetar-se para um futuro. “Ora, perdoar é uma das grandes oportunidades de sentido na velhice, e realizá-la equivale a expiar as próprias culpas.” (Lukas, 1992, p. 175). É nesse movimento entre o ser e o devir que uma pessoa idosa mesmo debilitada e sofrendo todas as fragilidades próprias do envelhecimento, pode “...sorrir sobre os dias luminosos que teve e que nada e ninguém pode fazer com que deixem de ter acontecido.” (Lukas, 1992, p. 172). As histórias experimentadas e vividas são guardadas na memória e podem ser revisitadas não só como um certo saudosismo, mas como possibilidade de gerar o presente. Como afirma Heidegger (2015): o *Dasein* só retrovém advindo a si e porque retrovém ao devir é que gera o presente.

Com isso, é possível adentrar na segunda perspectiva temporal à tarefa presente. Esse segundo aspecto da temporalidade significa aprender a responder às situações como estas se apresentam, “...o sentido do momento presente pode o homem responder Sim ou Não, pode cumpri-lo ou deixar de cumpri-lo – mas quando cumpre cumpre-o sempre livremente.” (Lukas, 1992, p. 176). É um saber responder ao dia de hoje, sem idealizações, mas viver o momento conforme a situação exigir. Ninguém pode atribuir sentido ou determinar os caminhos que alguém deve seguir na vida, pois cabe à própria pessoa fazer suas escolhas com base no que lhe ressoa. O que lhe compete é extrair o que lhe é melhor de cada circunstância. O psicoterapeuta não pode “..prescrever o sentido, mas pode descrevê-lo. Com isso, refiro-me a descrever o que se passa num homem quando ele experimenta algo como dotado de sentido.” (Frankl, 2020, p. 34). O que cabe ao fenomenólogo é



recorrer aos dados imediatos da experiência e ampliá-los (Frankl, 2020).

A pessoa idosa, com seus anos de experiência e de vivências, tem a possibilidade de extrair sentido e significado das situações sem desperdiçar tempo com questões superficiais. As capacidades psicofísicas podem se fragilizar devido ao processo de envelhecimento, mas, de acordo com Viktor Frankl, as capacidades espirituais continuam crescendo – ou seja, a pessoa idosa pode crescer na sua abertura ao outro e assim escutar o chamado que a vida lhe propõe. Cada “...homem, em todas as situações da vida, conta com um caminho único e irrepetível, pelo qual pode chegar à realização das mais peculiares possibilidades.” (Frankl, 2003, p. 92).

Enfim, o terceiro aspecto da temporalidade proposto é o *olhar para a frente*. A pessoa idosa “...não deve viver apenas no passado e no presente, ele também ainda tem um futuro diante de si, mesmo que este futuro esteja resumido a poucos dias, semanas ou anos.” (Lukas, 1992, p. 179). Isso significa que a pessoa idosa é convidada a assumir o tempo que se tem, aceitando os limites psicofísicos impostos pelo tempo. Ser uma pessoa idosa não deve ser um impedimento para olhar o futuro ou planejar, pois mesmo que “...o futuro não venha mais a realizar-se, o fato de olhar para ele e de planejá-lo foi uma experiência bonita, uma vivência que valeu a pena ser vivida.” (Lukas, 1992, p. 180).

Nota-se que, para a perspectiva logoterapêutica, uma pessoa, seja em qualquer fase de sua vida, pode crescer para além das dimensões somáticas e psíquicas, pois como se afirmou, ela traz em si mesma a dimensão espiritual que a ajuda a crescer em cada momento. Assim, uma pessoa idosa mesmo enfraquecida pelo próprio tempo e tendo sofrido os impactos da pandemia, ainda assim, pode continuar a crescer e experimentar muitas vivências que a vida o pode proporcionar. O importante é manter-se aberto conforme a vida fizer o seu chamado. Nesse sentido, em período pós-pandemia, a pessoa idosa, com cuidado, é convidada a voltar a ver os amigos, conviver com os familiares, viver novos lazeres, enfim, se abrir para a vida e as novas possibilidades que irão se descortinar.

Considerações Finais

O desenvolvimento humano pode ser compreendido como uma trajetória contínua e o envelhecimento pertence a esse *continuum*, não sendo considerado, meramente, um estágio marcado por declínios e perdas. Entretanto, em uma sociedade marcada pelo capitalismo, a pessoa idosa é vista como descartável para o sistema socioeconômico e o período de pandemia agravou a percepção da fragilidade da vida e impactou na saúde mental de toda uma população. Sintomas de ansiedade, nervosismo, depressão, falta de perspectiva para vida e medo do futuro foram vivenciados por muitos – especialmente, pelas pessoas idosas. Nesse sentido, tornou-se urgente para a psicologia encontrar caminhos que possam ajudar na orientação e ressignificação da vida destas pessoas. Nessa direção, a abordagem fenomenológico-existencial, especificamente, a logoterapia, lança caminhos que podem colaborar com a saúde mental das pessoas idosas no período pós-pandemia – ressaltando que, este período pós-pandemia compreende uma percepção particular de tempo e não meramente o cronológico. Para esta abordagem, a vida pode ter um sentido, mesmo nas condições de sofrimento, de culpa, de morte e de temporalidade. Tais condições fazem parte da vida humana e, em última instância, cabe a cada pessoa a liberdade e a responsabilidade de responder de maneira significativa a elas. Isso significa mudar de atitude perante os sofrimentos, o remorso e a transitoriedade da vida, ou seja, aprender a viver a cada instante e desvelar as possibilidades de cada momento, contudo, sem deixar de se reconciliar com o passado e se projetar para o futuro, mesmo que este último permaneça incompleto pelas próprias circunstâncias da temporalidade.

A pessoa idosa, com suas experiências de vida, pode se alegrar com suas histórias, assumir o que não foi possível e viver o presente sem deixar de sonhar. Ela é convidada, mesmo diante de inúmeros sofrimentos deixados pela pandemia, a se lançar para o futuro e construir novas perspectivas, mesmo que elas permaneçam incompletas.

Referências

Agostinho. (1997). *Confissões*. São Paulo: Paulus.

Barbosa, I. R., Galvão, M. H., Souza, T. A., Gomes, S. M., Medeiros, A. A. & Lima, K. C., Incidência e mortalidade por COVID-19 na população idosa brasileira e sua relação com indicadores contextuais: um estudo ecológico. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.* 2020;23(1):e200171. Retirado em 20 de março de 2022, em <https://www.scielo.br/j/rbgg/a/84SR89v94tDTH3tdppdDjtj/?format=pdf&lang=pt>

Barbosa, I. R., Galvão, M. H., Souza, T. A., Gomes, S. M., Medeiros, A. A. & Lima, K. C., Incidência e mortalidade por COVID-19 na população idosa brasileira e sua relação com indicadores contextuais: um estudo ecológico. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.* 2020;23(1):e200171. Retirado em 20 de março de 2022, em <https://www.scielo.br/j/rbgg/a/84SR89v94tDTH3tdppdDjtj/?format=pdf&lang=pt>



- Barros, M. B. A., Lima, M. G., Malta, D. C., Szwarcwald, C. L., Azevedo, R. C. S., Romero, D., Souza Junior, P. R. B., Azevedo, L. O., Machado, I. E., Damascena, G. N., Gomes, C. S., Werneck, A. O., da Silva, D. R. P., de Pina, M. F., Gracie, R. Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília, 29(4): e2020427, 2020. Retirado em 22 de abril de 2022, em https://www.scielo.br/j/ress/a/nFWPcDjfNcLD84Qx7Hf5ynq/?lang=pt&ilang=pt_BR#
- Brasil. Portaria nº 188, de 3 de fevereiro de 2020. Declara Emergência em Saúde Pública de importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV). *Diário Oficial da União*. Brasília, DF, n.24-A, p.1, edição extra. 4º fev. 2020. Seção 1. Disponível em <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=600&pagina=1&data=04/02/2020&totalArquivos=1>. Acesso 22 de abril de 2022.
- Brasil. Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. *Diário Oficial da União*. Brasília, DF, n.26, p.1. 6º fev. 2020. Seção 1. Disponível em <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=07/02/2020&jornal=515&pagina=1&totalArquivos=77>. Acesso 22 de abril de 2022.
- Camargo, B. V. (2020). *Métodos e procedimentos de pesquisa em ciências humanas e psicologia*. Curitiba: CRV.
- Correa, M. R. & Justo J. S. Pandemia e envelhecimento. *Revista Espaço Acadêmico*. Edição Especial, Fev. 2021. Ano XX. Retirado em 23 de março de 2022, em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/57087>.
- Duarte, M. Q., Santo, M. A. S., Lima, C. P., Giordani, J. P., Trentini, C. M. COVID-19 e os impactos na saúde mental: uma amostra do Rio Grande do Sul, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 25(9):3401-3411, 2020. Retirado em 22 de abril de 2022, em <https://www.scielo.br/j/csc/a/ghSHWNYkP6gqJm4LQVhkB7g/?lang=en>.
- Danzmann, P. S., Vestena, L. T., Carlesso, J. P. P. Consequências sociais, psicológicas e físicas na saúde mental das pessoas idosas na pandemia da COVID-19. *Perspectivas em Psicologia*, Uberlândia, 26 (1): 1-17, jan/jun, 2022. Retirado em 19 de abril de 2022, em <https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/65023>
- Frankl, E. V. (1978). *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar editora.
- Frankl, E. V. (1989). *Sede de sentido*. São Paulo: Quadrante.
- Frankl, E. V. (1990a). *Dar Sentido à vida: A logoterapia de Viktor Frankl*. São Leopoldo, RS: Sinodal/ Petrópolis, RJ: Vozes.
- Frankl, E. V., (1990b). *A questão do sentido em Psicoterapia*. Campinas, SP: Papirus.
- Frankl, E. V. (1991). *Em busca de sentido: Um Psicólogo no campo de concentração*. São Leopoldo, RS: Sinodal/ Petrópolis, RJ: Vozes.
- Frankl, E. V. (1992). *Presença Ignorada de Deus*. 9. ed. São Leopoldo, RS: Sinodal/ Petrópolis, RJ: Vozes.
- Frankl, E. V. (2003). *Psicoterapia e sentido da vida – fundamentos da Logoterapia e análise existencial*. 4 ed. São Paulo: Quadrante.
- Frankl, E. V. (2020). *Psicoterapia e Existencialismo: textos selecionados em logoterapia*. São Paulo: É realizações.
- Freitas, E. V. de e Py, L. (2016). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan Ltda.
- Global Burden of Disease Long COVID Collaborators. Estimated Global Proportions of Individuals With Persistent Fatigue, Cognitive, and Respiratory Symptom Clusters Following Symptomatic COVID-19 in 2020 and 2021. *JAMA*. 2022 Oct 25; 328(16): 1604–1615. doi: 10.1001/jama.2022.18931
- Gonçalves, E. S., Sousa S. M. e Ferreira, A. H. (2019) *Oficinas Interativas para Idosos em instituição de longa permanência*. *Revista Perspectivas em Psicologia*, Uberlândia, vol. 23, n. 2, pp. 86 - 102, Jul/Dez. Retirado em 22 março de 2022, em <https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/52214>.
- Griffa, M. C. e Moreno J. E. (2001). *Chaves Psicologia do Desenvolvimento: adolescência, vida adulta e velhice*. Tomo 2. São Paulo: Paulinas.



- Heidegger, M. *Ser e Tempo*. (2015). Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2022). *Carta de Conjuntura*. Disponível em [https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/2022/03/desempenho-recente-do-mercado-de-trabalho-e-perspectivas-2/#:~:text=Na%20compara%C3%A7%C3%A3o%20com%20o%20mesmo,4%25%20em%20janeiro%20deste%20ano](https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/2022/03/desempenho-recente-do-mercado-de-trabalho-e-perspectivas-2/#:~:text=Na%20compara%C3%A7%C3%A3o%20com%20o%20mesmo,4%25%20em%20janeiro%20deste%20ano.). Acesso em 20 de abril de 2025.
- Jaspers, Karl (1987). *Psicopatologia Geral; Psicologia Compreensiva, Explicativa e Fenomenologia*. v. 1. Rio de Janeiro, RJ: Atheneu.
- Liu, Y., Wang, Y., Wang, Q., Chen, Y., Chen, X., Li, Y., Cen, Y., Xu, C., Hu, T., Liu, X., Yang, L., Li, S., Liu, X., Liu, C., Zhu, J., Li, W., Zhang, L., Liu, J., Wang, Y. Post-infection cognitive impairments in a cohort of elderly patients with COVID-19. *Molecular Neurodegeneration*, 16(48), 2021. <https://doi.org/10.1186/s13024-021-00469-w>
- Lukas, E. (1992). *Prevenção Psicológica: A prevenção de crises e a proteção do mundo interior do ponto de vista da logoterapia*. Leopoldo, RS: Sinodal/ Petrópolis, RJ: Vozes.
- Ministério da Saúde (2021). *Ministério da Saúde. Corona/Brasil*. Disponível em: < <https://covid.saude.gov.br/> >. Acesso 06.07.2021.
- Neimeyer, R.A (2007). *Aprender de la perdida: una guía para afrontar el duelo*. Ediciones Paidós: Iberica.
- Neimeyer, R.A (2016). *Techniques of Grief Therapy: assesment and intervention (Series in Death, Dying, and Bereavement)* (p. v). Taylor and Francis. Edição do Kindle.
- Neri, A.L. O legado de Paul B. Baltes à psicologia do desenvolvimento e do envelhecimento. *Temas em Psicologia*, v.14, n.1, p.17-34, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2006000100005
- Organização Mundial da Saúde (2020). *O impacto da pandemia na saúde mental das pessoas já é extremamente preocupante*. Disponível em <https://brasil.un.org/pt-br/85787-oms-o-impacto-da-pandemia-na-saude-mental-das-pessoas-ja-e-extremamente-preocupante> . acesso 10 de junho 2021.
- Organização Mundial da Saúde (2021). *Ageing: ageism*. Disponível em <https://www.who.int/news-room/questions-and-answers/item/ageing-ageism>. Acesso em 22 de abril de 2022.
- Organização Mundial da Saúde (2022). *Word mental health report: Transforming mental health for all*. Disponível em <https://www.sbponline.org.br/arquivos/9789240049338-eng.pdf> Acesso em 20 de abril de 2025.
- Organização Internacional do Trabalho (2021). *COVID-19 and the world of work*. Disponível em https://www.ilo.org/sites/default/files/wcmsp5/groups/public/%40dgreports/%40dcomm/documents/briefingnote/wcms_767028.pdf Acesso em 21 de abril de 2025.
- Papalia, D. E. e Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: AMGH.
- Pompéia J. A. e Sapienza, B. T. (2018). *Na presença do sentido: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas*. São Paulo: EDUC; ABC.
- Ricoeur, P. (2008). *O justo 1: A justiça como regra moral e como instituição*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.
- Romero, D. E., Muzy, J., Damacena, G. N., Souza, N. A., Almeida, W. S., Szwarcwald, C. L., Malta, D. C., Barros M. B. A., Júnior, P. R. B. S., Azevedo, L. O., Gracie, R., Pina, M. F., Lima, M. G., Machado, Í. E., Gomes, C. S., Werneck, A. O. & Silva, D. R. P. (2021). Idosos no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil: efeitos nas condições de saúde, renda e trabalho. *Cad. Saúde Pública*; 37(3):e00216620. Retirado em 22 de março de 2022, em <https://www.scielo.br/j/csp/a/gXG5RYBXmdhc8ZtvKjt7kzc/?lang=pt>
- Santana, A. C. N., Santos, T. R. & Santos, L. D. A. (2020). O Perfil dos idosos que participam de centro de convivência para a terceira idade, com foco nos transtornos mentais comuns. *Revista Perspectivas Psicológica*, Uberlândia, v.24, nº 1, jan/jun. DOI 10.14393/ PPv24n1a2020-659. Retirado em 05 de abril de 2022, em <https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/57659>.



- Sigolo, V. M., Percesso, J., Arantes, P. F., Sano, H., Moura, M., Foguel, D. Smaili, S.S., Chioro, A., A onda pró-ciência em tempos de negacionismo percepção da sociedade brasileira sobre a ciência, cientistas e universidades na pandemia da COVID-19. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*. v.28, 12, 3687-3700, 2023. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1413-812320232812.20212022> Acesso 22 de abril de 2025.
- Silva, P. V. e Castiel, L. D. (2020). Luis David Castiel. COVID-19, as fakes news e o sono da razão comunicativa gerando monstros: a narrativa dos riscos e os riscos das narrativas. *Cad. Saúde Pública* 2020; 36(7): e00101920, p. 1-12.
- Silva, M. F., da Silva, D. S. M., Bacurau, A. G. M., Francisco, P. M. S. B., Assumpção, D., Neri, A. L., Borim, F. S. A. Ageismo contra idosos no contexto da pandemia da covid-19: uma revisão integrativa. *Rev Saude Publica*. São Paulo, 55:4, 2021. Retirado em 22 de abril de 2022 em <http://www.rsp.fsp.usp.br/artigo/ageismo-contra-idosos-no-contexto-da-pandemia-da-covid-19-uma-revisao-integrativa/>.
- Wang, S. S., Teo, W. Z., Yee, C. W., & Chai, Y. W. (2020). Pursuing a good death in the time of COVID-19 [Ahead of Print]. *Journal of Palliative Medicine*. <https://dx.doi.org/10.1089/jpm.2020.0198>

Recebido em 25.04.2024 – Primeira Decisão Editorial em 13.04.2025 – Aceito em 08.05.2025



TEMPORALIDADE, SENTIDO NA VIDA E SAÚDE MENTAL DE PROFESSORES NA PANDEMIA DE COVID-19.

Temporality, Meaning in Life, and Mental Health of Teachers During the COVID-19 Pandemic.

Temporalidad, Sentido de la Vida y Salud Mental de Profesores Durante la Pandemia de COVID-19

ARTHUR ANTUNES SANTOS ALEXANDRE*

LUCIA HELENA PRALON DE SOUZA**

DAVID MOISES BARRETO DOS SANTOS***

DOI: <https://doi.org/10.62506/4jxfs123>

Resumo: O presente artigo aborda a temática da temporalidade segundo a logoterapia e suas relações com o sentido na vida e saúde mental de professores durante a pandemia de covid-19. A pesquisa de natureza quantitativa fez uso de três instrumentos de coleta, o questionário de sentido da vida (QSV), o questionário de saúde mental positiva (MLQ) além de um questionário sociodemográfico de onde foi extraída a informação sobre a idade dos participantes. Os resultados sugerem que os professores idosos quando comparados aos mais jovens apresentam melhores índices de sentido na vida e saúde mental positiva. Seguimos as discussões com o campo teórico da logoterapia no âmbito da temporalidade para a compreensão dos resultados, além disso, os resultados apontam para a necessidade de se repensar a formação inicial e continuada de professores para a promoção do sentido na vida e da saúde mental considerando os elementos da ontologia do tempo de Viktor Frankl no ciclo vital docente.

Palavra-chave: Logoterapia; Temporalidade; Educação; Docência; Pandemia.

Abstract: This article addresses the theme of temporality according to logotherapy and its relationships with the meaning in life and mental health of teachers during the covid-19 pandemic. The quantitative research made use of three collection instruments, the meaning of life questionnaire (QSV), the positive mental health questionnaire (MLQ) in addition to a sociodemographic questionnaire from which information about the age of the participants was extracted. The results suggest that elderly teachers, when compared to younger ones, have better levels of meaning in life and positive mental health. We continued the discussions with the theoretical field of logotherapy within the scope of temporality to understand the results, in addition, the results point to the need to rethink the initial and continued training of teachers to promote meaning in life and mental health considering the elements of Viktor Frankl's ontology of time in the teaching life cycle.

Keywords: Logotherapy; Temporality; Education; Teaching; Pandemic

Resumen: Este artículo aborda el tema de la temporalidad según la logoterapia y sus relaciones con el sentido de la vida y la salud mental de los docentes durante la pandemia de covid-19. La investigación cuantitativa hizo uso de tres instrumentos de recolección, el cuestionario de significado de vida (QSV), el cuestionario de salud mental positiva (MLQ) además de un cuestionario sociodemográfico del cual se extrajo información sobre la edad de los participantes. Los resultados sugieren que los profesores de edad avanzada, en comparación con los más jóvenes, tienen mejores niveles de significado en la vida y salud mental positiva. Continuamos las discusiones con el campo teórico de la logoterapia en el ámbito de la temporalidad para comprender los resultados, además, los resultados apuntan a la necesidad de repensar la formación inicial y continua de los docentes para promover el sentido de la vida y la salud mental considerando los elementos de La ontología del tiempo de Viktor Frankl en el ciclo de vida docente.

Palabras-clave: Logoterapia; Temporalidad; Educación; Docencia, Pandemia

* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Email: arthur.alexandre91@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-9368-1579>

** Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Email: luciapralon2@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2120-1795>

*** Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Feira de Santana, Bahia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7906-2073>



Introdução

O contexto da profissão docente no Brasil é marcado por inúmeras controvérsias e desafios de múltiplas ordens. Em particular, as aceleradas mudanças dos contextos educacionais nas últimas décadas têm colocado frequentemente o professor no centro do debate e da mobilização sobre a educação em diferentes cenários globais (Nóvoa, 2022; Tardif & Lessard, 2005). Nesse sentido, os desafios históricos impostos à categoria, têm deixado reflexos na saúde desses profissionais. Impactos sobre a saúde física com aumento no acometimento de problemas cardiovasculares, labirintite, faringite e fadiga (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico [OCDE], 2021), além de prejuízos à saúde mental com elevados índices de afastamento profissional em decorrência de ansiedade, estresse, depressão e burnout (Carlotto, 2011; Goelzer, Rocha & Berlese, 2023).

Este cenário sobre a profissão docente foi agravado no período da pandemia de covid-19. As inesperadas mudanças causadas pela necessidade de preservar a própria vida, infligiram sobre os professores a necessidade de uma profunda adaptação e reformulação nas suas estruturas de trabalho. A adesão compulsória ao Ensino Remoto Emergencial (ERE) colocou sobre os professores pesos maiores do que aqueles que já existiam, como o acúmulo de funções, a imprevisibilidade de sua ação (Fialho & Neves, 2022) e novos desafios como o medo da morte, o luto, a incerteza quanto ao futuro e todos os sofrimentos que marcaram o período da pandemia (Medeiros, Pereira, Silva & Dias, 2020; OCDE, 2021).

No entanto, para além dos desafios impostos no período da pandemia, não foram poucas as iniciativas que puderam amenizar os sofrimentos e impulsionar à esperança aqueles e aquelas que se dedicaram ao ato de educar nesse período. Freire (2023) afirma que a educação é um ato de amor e que por isso mesmo exige coragem. Com muita coragem, os professores ofereceram respostas aos inúmeros desafios que foram impostos, respondendo criativamente aos mesmos (Llanos Zuloaga, 2020).

Ainda que, os cenários educacionais sejam marcados pelas estruturas tradicionais de ensino, pautadas em lógicas produtivistas, tecnicistas e bancárias, o esforço necessário de humanização da educação ganhou mais destaque e operacionalizou práticas e iniciativas ao redor da manutenção do bem-estar e da saúde mental dos professores e dos estudantes. Assim, se faz urgente a necessidade do aprofundamento de outros aspectos teóricos e metodológicos que possam contribuir para a manutenção do bem-estar e da saúde mental de dessa população (Lizana, Veja-Fernandez, Gomez, Leyton & Lera, 2021).

No entanto, as implicações causadas pelo cenário educacional não são sentidas por todos os professores da mesma forma. Um aspecto que deve ser considerado são os ciclos de vida docente que se manifestam na temporalidade de maneira singular e característica. Outrossim, os aspectos existenciais dos professores, bem como as potências geradoras de sentido na vida, segundo Logoterapia e Análise Existencial, surgem como importantes ferramentas psicossociais que podem contribuir para a manutenção da saúde mental docente (Silva & Cruz, 2020; Damásio, Melo e Silva, 2013).

Portanto, este estudo tem o objetivo de verificar as relações existentes entre os níveis de sentido na vida e de saúde mental, nas diferentes faixas etárias de uma amostra de professores durante o período da pandemia. Além disso, o artigo pretende estabelecer relações teóricas em diálogo com os dados empíricos, com a ontologia do tempo de Viktor Frankl, a fim de contribuir com o arcabouço teórico e empírico para o campo.

Logoterapia e Análise Existencial

O psiquiatra austríaco Viktor Emil Frankl (1905-1997), fundador da logoterapia e Análise Existencial, defende que a vida tem um sentido e que cabe ao ser humano a decisão de engajar-se ou não na busca por esse sentido. O ser humano que está orientado para um sentido existencial é capaz de resistir às condições mais adversas, como presente nas palavras do filósofo Nietzsche ao dizer que “quem tem por que viver, aguenta quase qualquer como” (Frankl, 1987, p. 56).

Segundo a Logoterapia e Análise Existencial, a pessoa costuma encontrar e realizar sentido por meio de três caminhos, a saber, os valores criativos, os de experiências e os atitudinais (Frankl, 2011). Os valores criativos, correspondem às iniciativas humanas orientadas à realização de algo para o mundo, como no trabalho ou no serviço comunitário, por exemplo. Os valores de experiências, compreendem as vivências em que o homem recebe do mundo (ou de alguém), como num ato de contemplação da natureza, ou na leitura de um livro. Já os valores de atitude, são aqueles que emergem, entre outros, em contextos de sofrimentos inevitáveis, em que o ser humano é convidado a elevar-se acima de si mesmo (Frankl, 2011).

O autor austríaco assegura ainda que além da constituição biopsíquica, o ser humano também é dotado de outra dimensão, a que Frankl chamou de dimensão noética, onde se localizam todas as manifestações unicamente humanas, como a arte, o senso ético, o estético, a consciência, o amor, a vontade de sentido, entre outros. Por-



tanto, a logoterapia rompe com as visões reducionistas do ser que restringem o ser humano a apenas um olhar exclusivamente biológico, psicológico ou social, compreendendo a pessoa humana em sua totalidade biopsico-social-noética, em sua unicidade e irrepetibilidade (Frankl, 2011; Pereira, 2020).

Com relação aos seus fundamentos, a logoterapia se sustenta sobre três pilares, a liberdade da vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida. A liberdade da vontade é um aspecto essencial para se compreender a dinâmica teórica e prática de Viktor Frankl. Para o autor, o ser humano em toda e qualquer condição é livre para tomar uma decisão acerca do seu destino, daquilo que não pode mudar. O ser humano não é livre dos seus condicionamentos, mas é livre para escolher como irá enfrentar toda e qualquer condição que se apresente a ele (Frankl, 2011; Pereira, 2020).

O autor defende que livre dos condicionamentos impostos pela orientação ao prazer ou ao poder, o ser humano pode buscar sua realização existencial num sentido fora de si, no mundo de maneira objetiva por meio dos valores, o que caracteriza sua autotranscendência. Sobre isso, Frankl afirma:

quero salientar que o verdadeiro sentido da vida deve ser descoberto no mundo, e não dentro da pessoa humana ou de sua psique, como se fosse um sistema fechado. Chamei esta característica constitutiva de "a autotranscendência da existência humana". Ela denota o fato de que ser humano sempre aponta e se dirige para algo ou alguém diferente de si mesmo - seja um sentido a realizar ou outro ser humano a encontrar. (Frankl, 1987, pp. 75)

Nesse sentido, vivenciando valores e experimentando sentidos únicos na vida, o ser humano pode colher bem-estar e felicidade, não como finalidade de sua busca, mas como consequências naturais do sentido que realiza. Empiricamente, pesquisas confirmam aquilo que a teoria aponta: estudos realizados ao redor do mundo encontram essa correlação positiva entre sentido na vida e melhores índices de saúde mental, qualidade de vida, bem-estar e saúde física (Glaw et al., 2016; Heintzelman e King, 2014; Damásio, Melo e Silva, 2013).

No campo da educação, a logoterapia tem ganhado cada vez mais proeminência ao se destacar como um dispositivo teórico que permite pensar uma pedagogia centrada no sentido na vida, necessário para um processo de reumanização da educação. Frankl concebe a educação como um extravasamento de todo e qualquer reducionismo, seja ele no campo da técnica ou do conhecimento. O aprendizado, humanizado e significativo não pode ocorrer no domínio da doxa e sim do logos, reservando a todos os envolvidos no processo educacional, vivências mais significativas e verdadeiramente emancipatórias (Frankl, 2011).

Neste sentido, a logoterapia oferece um arcabouço teórico e metodológico de grande profundidade para apontar caminhos para os dilemas contemporâneos.

Ontologia do Tempo de Viktor Frankl

A relação entre temporalidade e a percepção do sentido na vida é teorizada por Viktor Frankl no que ele chama de ontologia do tempo. Empiricamente, poucas são as pesquisas em logoterapia que abordam esta temática e verificam suas influências e fatores associados (Aquino et al., 2017; Vieira, 2014; Vieira e Aquino, 2016). Outrossim, deve-se levar em conta também as dimensões relacionadas ao desenvolvimento humano nas diferentes possibilidades e relações sociais e culturais que podem impactar as diferentes etapas da vida.

Muitas foram as reflexões e abordagens, na sua maioria filosóficas, acerca do tempo. Esta força que nos assola a todos, incontrolável e por vezes irascível, torna-nos inertes frente ao seu poder devastador de nos apontar para a certeza última de tudo que vive: a sua finitude. Essa, por sua vez, é interpretada muitas vezes como promotora de desespero. No entanto, na visão da logoterapia, a certeza da finitude pode ser uma oportunidade de realização de sentido, desde que o ser humano se volte em contemplação para o monumento que ergueu ao longo de sua existência, encontrando nele as oportunidades de realização de sentido (Frankl, 2005; 2011).

Viktor Frankl desenvolve sua teoria sobre a temporalidade partindo da crítica a duas visões filosóficas distintas, uma platônica e outra existencialista. Segundo o existencialismo, o futuro é "nada" e o passado também, logo é no presente (por mais passageiro que ele seja) que ser humano tem a única possibilidade de transpor os limites do seu "nada". A filosofia existencial assume o heroísmo trágico como a possibilidade de o ser humano realizar sentido em sua vida apesar da transitoriedade da sua vida. Segundo esta concepção, o ser humano "vem do nada" e "volta ao nada", logo, realizar o sentido em sua existência, no presente, é um ato de heroísmo (Aquino et al., 2017; Frankl, 2005).

Em contrapartida, a visão platônica assume que não é o presente, mas sim a eternidade a verdadeira realidade. O tempo não existe, é uma aparência, uma mera projeção da consciência daquilo a que todos estão destinados, a eternidade. Assim o platonismo nega a existência temporal e todas as coisas estão fixas num mundo ideal em que passado, presente e futuro coexistem. Ao negar a temporalidade, o platonismo entende que o tempo não é fluido mas fixo, está posto, dado, imutável. Esta noção gera o quietismo e está muito ligada à crença num ser superior que controla todas as coisas. (Aquino et al., 2017; Frankl, 2005).

Para Frankl, essas duas visões antagônicas e radicais se contrapõem em dois aspectos, no fatalismo e no pessimismo. Se para o platonismo fatalista o tempo não existe, significa que o passado, o presente e o futuro coexistem e produzem um "já é", um "está feito". No mundo das ideias, do ser superior imutável, todas as coisas



“já são”. Para o existencialismo, seu pessimismo fica expresso na instabilidade temporal, ou seja, nada é, o passado e o futuro não existem, e no presente tudo é instável e mutável, gerando como consequência, o que pode se chamar de pessimismo do existencialismo (Frankl, 2005).

A logoterapia assume, então, uma visão que tenciona este cabo de forças, dando um novo olhar para a temporalidade. Para explicar, Frankl usa a analogia da ampulheta do tempo.

A parte superior da ampulheta representa o futuro – o qual ainda está para acontecer, como a areia na parte superior que deve passar pela abertura estreita e que representa o presente. E a parte inferior da ampulheta representa o passado – a areia que já passou pela abertura estreita. O existencialismo vê apenas a passagem estreita do presente, sem dar atenção à parte superior e à inferior, o futuro e o passado. O quietismo, no outro lado, vê a ampulheta em sua totalidade, mas considera a areia como uma massa inerte que não “escorre”, mas simplesmente é. (Frankl 2005, p.107)

A logoterapia assume uma posição de equilíbrio diante das duas visões, se em parte entende que o futuro “não é” (como creem os existencialistas), compreende também que o passado é a pura realidade, é de fato o que existe. O que se pode extrair de compreensão é que a areia é móvel e fluida até o momento que cruza a barreira estreita do presente. Quando ela passa para a parte de baixo, ela se torna fixa. No passado, todas as coisas estão postas e colocadas como num monumento que se ergue e nada pode destruir (Frankl, 2005).

Nestes termos, temos uma noção singular acerca da transitoriedade da vida. Esta só se entende desta forma – transitória – na medida das possibilidades de realização de sentido que são oportunizadas pela própria vida. No ponto em que as possibilidades de criação, experiência e atitude são realizadas, elas são eternizadas no passado e mesmo a finitude da vida não é capaz de apagar o que de fato existiu, foi realizado, experimentado ou vivenciado. Os valores não se esgotam, ganham contornos de eternidade. O sentido realizado, portanto, não morre (Frankl, 2005).

Assim, a ontologia do tempo de Viktor Frankl nos ajuda a compreender como que de fato a vida adulta ou a terceira idade é um momento privilegiado para que as pessoas possam contemplar os seus monumentos, desde que tenham sido despertadas em sua dimensão noética para perceber os sentidos revelados ao longo de sua vida. A juventude se torna um momento oportuno para se construir passados. Para isso os jovens devem ser despertados na educabilidade do ser e na busca por sentidos, pautando-se na liberdade e na responsabilidade dos seus atos, pois a areia do tempo que cruza o presente se fixará no eterno que se chama passado.

Assim, toda a construção teórica da logoterapia aponta para a possibilidade de vidas mais significativas e felizes em todas as etapas do desenvolvimento, desde a juventude com os desafios próprios do amadurecimento das escolhas livres e responsáveis até a vida adulta. Igualmente na fase idosa com a iminência da transitoriedade da vida, que anuncia como pregoeiro a sua finitude. Esse aspecto, apesar de ser mais latente entre os idosos é constitutivo de toda existência humana, nas diferentes fases da vida.

Metodologia

O desenho metodológico deste estudo possui uma natureza quantitativa, mas com a interpretação dos dados assumindo contornos teóricos baseados na logoterapia, permitindo assim a confluência de saberes e métodos para ampliar a possibilidade de articulação a partir dos resultados empíricos (César, Silva e Bicalho, 2013).

Participantes e Coleta

A amostra foi composta por um total de 2.075 professores com uma grande distribuição etária, variando de 18 a 84 anos. Na sua maioria são mulheres (59%) e estão distribuídos nas cinco regiões brasileiras.

A coleta dos dados foi realizada no contexto de uma pesquisa guarda-chuva (Santos, Corrêa e Aquino, 2024), no período de 2 de maio e 18 de julho de 2021 (momento em que o Brasil vivia uma segunda onda de Covid-19). A amostragem foi não probabilística bola de neve com participantes da população em geral, incluindo professores, público-alvo deste estudo. Os participantes foram convidados a compartilhar a pesquisa em sua rede de contatos e a responder aos instrumentos da pesquisa por meio de formulários viabilizados pela internet via Google Forms. Os convites foram enviados por meio de redes sociais e e-mails institucionais de professores, que estavam disponíveis no site de suas respectivas instituições. O estudo foi aprovado pelo comitê de ética da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS (C.A.E.E. 43225521.7.0000.0053).

Instrumentos de Coleta

Foram adotados três instrumentos de coleta, um questionário sociodemográfico foi elaborado e foram adotados dois instrumentos psicométricos validados e adaptados para a realidade brasileira, um questionário para medir os níveis de sentido na vida e outro para medir indicadores de saúde mental. Os instrumentos e suas características estão descritos abaixo.



- Questionário sociodemográfico, elaborado pelos pesquisadores, contendo dados sobre idade, sexo biológico, cidade, estado, escolaridade, número de pessoas com quem reside, profissão, situação do trabalho, se contraiu ou não covid, se perdeu algum familiar ou não durante a pandemia e situação da vacinação.
- Questionário Sentido na Vida (MLQ) (Steger et al., 2006), composto de 10 itens a serem avaliados em uma escala de 7 pontos, de 1 (totalmente falso) a 7 (totalmente verdadeiro). Concentra dois fatores com cinco itens cada: busca de sentido, que avalia a motivação das pessoas para encontrar ou aprofundar o sentido nas suas vidas; e presença de sentido, que avalia o quanto as pessoas percebem que suas vidas têm sentido. O instrumento foi validado para a versão brasileira (QSV) por Damásio e Koller (2014). A pontuação de cada fator é calculada somando as respostas dos seus respectivos itens. O alfa de Cronbach desse questionário foi 0,75 para a amostra do presente estudo.
- Questionário de saúde mental positiva - forma abreviada (MHC-SF), um instrumento elaborado para avaliar a saúde mental positiva (Keyes, 2005; 2006). Validado para o português em versão brasileira por Machado e Bandeira (2015), esse instrumento consiste em uma escala de 14 perguntas que são respondidas no formato de escala likert, variando de “nunca” (1) a “todos os dias” (6) e contemplam áreas subdivididas com 3 perguntas que avaliam o bem-estar emocional, com alfa de Cronbach de 0,90, 6 que correspondem ao bem-estar psicológico, com alfa de Cronbach 0,87 e 5 ao bem-estar social com alfa de Cronbach 0,82.

Análise dos Dados

Uma vez que o foco deste estudo é o recorte temporal, a idade foi o principal dado sociodemográfico tomado como parâmetro. De modo particular, para as análises, o grupo foi dividido em três faixas etárias distintas de acordo com a classificação adotada por Aquino *et al.* (2017), jovens adultos, com pessoas entre 18 e 34 anos; adultos, com pessoas entre 35 e 59 anos e terceira idade com pessoas entre 60 e 84 anos.¹

Para realizar a análise comparativa entre as diferentes faixas etárias, foram conduzidos testes do tipo ANOVA e os testes de distribuição de normalidade de Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk demonstraram que as variáveis não apresentavam distribuição normal. Procedimentos de *bootstrapping* (1000 re-amostragens; 95% IC BCa) foram realizados para prover maior confiabilidade dos resultados, corrigir desvios de normalidade da distribuição da amostra e diferenças entre os tamanhos dos grupos e, também, para apresentar um intervalo de confiança de 95% para as diferenças entre as médias. O teste de homogeneidade de variância de Levene demonstrou que os grupos não apresentam homogeneidade de variância para as variáveis de presença de sentido na vida (Levene (2, 2021) = 8,905, $p < 0,001$), busca de sentido na vida (Levene (2, 2021) = 6,614, $p < 0,001$), bem-estar emocional (Levene (2, 2021) = 3,803, $p = 0,022$) e bem-estar psicológico (Levene (2, 2021) = 6,809, $p < 0,001$). Assim, para essas variáveis foram solicitadas a correção de Welch e a avaliação de post-hoc com a técnica de Games-Howell. Para a variável bem-estar social, que apresentava homogeneidade de variância (Levene (2, 2021) = 6,809, $p < 0,001$), foi executada a avaliação de post-hoc por meio da técnica de Hochberg. Os dados foram analisados no *software* SPSS versão 18.0 (SPSS Inc, 2009).

Resultados e Discussão

Os resultados descritivos das diferenças entre as médias dos grupos do estudo encontram-se na Tabela 1 e os resultados das comparações entre as médias (testes de post-hoc com *Bootstrapping*) para os níveis de sentido na vida, presença de sentido, bem-estar social, psicológico e emocional encontram-se na Tabela 2.

Tabela 1:
Estatísticas descritivas das variáveis para amostra total e separada por grupos

Estatísticas				Estimativas de <i>Bootstrapping</i>		
				Intervalo de Confiança da Média		
				(95% IC Bca)		
Descritivas				Erro	Limite	Limite Superior
				Padrão	Inferior	
Presença de sentido	Jovem	Média	24,95	0,45	24,03	25,85
	adulto	Desvio-Padrão	7,04	0,28	6,52	7,52
	Adulto	Média	26,31	0,18	25,95	26,64
		Desvio-Padrão	7,08	0,13	6,81	7,34
	Terceira idade	Média	28,78	0,41	27,90	29,61
		Desvio-Padrão	5,97	0,40	5,51	6,60
Amostra total	Amostra	Média	26,40	0,16	26,08	26,72
		Desvio-Padrão	7,02	0,12	6,80	7,23

¹ Aquino et al. (2017) faz uma outra distinção incluindo uma separação para um grupo de jovens com faixa etária entre 18 e 24 anos, em nossa amostra este grupo era minoria e dada a natureza do estudo com um grupo profissional específico, optamos por unificar o grupo de jovens ao de jovens adultos.



Busca de sentido	Jovem	Média	21,68	0,48	20,80	22,59
	adulto	Desvio-Padrão	7,90	0,29	7,34	8,43
	Adulto	Média	20,77	0,22	20,32	21,17
		Desvio-Padrão	8,50	0,11	8,27	8,75
	Terceira	Média	19,77	0,65	18,57	20,93
	idade	Desvio-Padrão	9,29	0,29	8,72	9,77
	Amostra	Média	20,77	0,19	20,41	21,13
	total	Desvio-Padrão	8,52	0,09	8,33	8,74
	Jovem	Média	13,31	0,21	12,92	13,71
	adulto	Desvio-Padrão	3,24	0,13	2,97	3,48
Bem-estar emocional	Adulto	Média	12,93	0,09	12,74	13,13
		Desvio-Padrão	3,51	0,57	3,40	3,61
	Terceira	Média	14,09	0,22	13,61	14,58
	idade	Desvio-Padrão	3,30	0,16	3,00	3,57
	Amostra	Média	13,10	0,08	12,93	13,28
	total	Desvio-Padrão	3,47	0,05	3,37	3,55
	Jovem	Média	14,80	0,32	14,10	15,42
	adulto	Desvio-Padrão	5,19	0,19	4,84	5,51
	Adulto	Média	15,39	0,14	15,10	15,72
		Desvio-Padrão	5,33	0,80	5,16	5,48
Bem-estar social	Terceira	Média	18,08	0,36	17,36	18,82
	idade	Desvio-Padrão	5,17	0,19	4,82	5,46
	Amostra	Média	15,60	0,12	15,36	15,87
	total	Desvio-Padrão	5,37	0,07	5,23	5,50

Com relação à variável presença de sentido na vida, os resultados da ANOVA demonstraram que haviam diferenças entre os grupos [Welch's $F(2, 415,88) = 22,62, p < 0,001$; Welch's $\omega^2 = 0,02$]. O teste post-hoc de Games-Howell, interpretado por meio de procedimentos de *bootstrapping*, demonstrou que os escores do grupo de jovens adultos foram menores do que os escores do grupo de adultos (tamanho de efeito alto, Glass' delta = 0,51), e do que os escores do grupo da terceira idade (tamanho de efeito pequeno, Glass' delta = 0,20). Para mais, os escores do grupo de adultos foram menores do que os escores do grupo da terceira idade (tamanho de efeito médio, Glass' delta = 0,41).

No que concerne à variável busca de sentido na vida, os resultados da ANOVA também demonstraram que haviam diferenças entre os grupos [Welch's $F(2, 398,63) = 2,96, p = 0,053$; Welch's $\omega^2 = 0,00$]. O teste post-hoc de Games-Howell, interpretado por meio de procedimentos de *bootstrapping*, demonstrou que os escores do grupo de jovens adultos foram maiores do que os escores do grupo da terceira idade (tamanho de efeito pequeno, Glass' delta = 0,21). No entanto com o grupo de adultos a diferença não foi significativa quando comparada aos jovens adultos (tamanho de efeito muito pequeno, Glass' delta = 0,11) e ao grupo da terceira idade (tamanho de efeito muito pequeno, Glass' delta = 0,11).

A análise dos níveis de bem-estar também sugeriu diferenças estatisticamente significativas. Os resultados da ANOVA demonstraram que haviam diferenças entre os grupos [Welch's $F(2, 410,68) = 12,04, p < 0,001$; Welch's $\omega^2 = 0,01$] nos níveis de bem-estar emocional. O teste post-hoc de Games-Howell, interpretado por meio de procedimentos de *bootstrapping*, demonstrou que os escores do grupo da terceira idade foram maiores do que os escores do grupo de jovens adultos (tamanho de efeito pequeno, Glass' delta = 0,23) e do que o grupo de adultos (tamanho de efeito pequeno, Glass' delta = 0,34).

Posteriormente, os resultados da ANOVA também sugeriram que haviam diferenças entre os grupos [Levene's $F(2, 2021,00) = 0,25, p = 0,78$; Levene's $\omega^2 = 0,026$] nos níveis de bem-estar social. O teste post-hoc de Hochberg, interpretado por meio de procedimentos de *bootstrapping*, demonstrou que os escores do grupo da terceira idade foram maiores do que os escores do grupo de jovens adultos (tamanho de efeito médio, Glass' delta = 0,64) e do que o grupo de adultos (tamanho de efeito médio, Glass' delta = 0,52).

Por fim, os resultados da ANOVA apontaram para a existência de diferenças entre os grupos [Welch's $F(2, 411,97) = 28,11, p < 0,001$; Welch's $\omega^2 = 0,03$] nos níveis de bem-estar psicológico. O teste post-hoc de Games-Howell, interpretado por meio de procedimentos de *bootstrapping*, demonstrou que os escores do grupo da terceira idade foram maiores do que os escores do grupo de jovens adultos (tamanho de efeito médio, Glass' delta = 0,64) e do que o grupo de adultos (tamanho de efeito médio, Glass' delta = 0,52).

Tabela 2:
Comparação das médias e resultados dos testes post hoc com bootstrapping (IC BCa 95%)

Comparações entre grupos				Estimativas de Bootstrapping (95% IC BCa)			Tamanho de Efeito (Glass' Delta)
				ΔM	Erro- padr ão	Limite inferio r	Limite Superior
Presença de sentido ¹	Jovens adulto s	Adultos	-1,35	0,48	-2,32	-0,42	0,51 médio
		3º idade	-3,82	0,61	-5,02	-2,63	0,20 muito baixo
	Adulto	3º idade	-2,47	0,44	-3,23	-1,68	0,41 pequeno
		3º idade	0,92	0,53	-0,03	1,96	0,11 muito baixo
Busca de sentido ¹	Jovens adulto s	Adultos	0,92	0,53	-0,03	1,96	0,21 pequeno
		3º idade	1,91	0,81	0,26	3,55	0,11 muito baixo
	Adulto	3º idade	1,00	0,70	-0,44	2,38	0,11 muito baixo
		3º idade	-0,39	0,22	-0,07	0,81	0,23 pequeno
Bem-estar emociona l ¹	Jovens adulto s	Adultos	0,39	0,22	-0,07	0,81	0,34 pequeno
		3º idade	-0,77	0,30	-1,35	-0,21	0,11 muito baixo
	Adulto	3º idade	-1,16	0,24	-1,62	-0,71	0,64 médio
		3º idade	-3,28	0,48	-4,23	-2,39	0,52 médio
Bem-estar social ²	Jovens adulto s	Adultos	-0,59	0,35	-1,35	0,08	0,10 muito baixo
		3º idade	-3,28	0,48	-4,23	-2,39	0,64 médio
	Adulto	3º idade	-2,69	0,38	-3,40	-1,95	0,52 médio
		3º idade	-0,60	0,41	-1,46	0,20	0,64 médio
Bem-estar psicológic o ¹	Jovens adulto s	Adultos	-0,60	0,41	-1,46	0,20	0,10 muito baixo
		3º idade	-3,30	0,50	-4,26	-2,34	0,64 médio
	Adulto	3º idade	-2,69	0,38	-3,40	-1,95	0,52 médio
		3º idade	-0,60	0,41	-1,46	0,20	0,64 médio

¹ Teste de post-hoc de Games-Howell; ²Teste de post-hoc de Hochberg.

A análise dos dados nos possibilitou perceber que os níveis de presença de sentido foram mais elevados nas pessoas da terceira idade e que os níveis de busca de sentido foram maiores na população mais jovem. Este achado vai ao encontro do que Aquino *et al.*, (2017) encontrou numa pesquisa conduzida com 766 participantes na cidade de João Pessoa - PB, cuja amostra contava com estudantes universitários e população em geral. Os níveis mais elevados de busca de sentido pelos grupos mais jovens de professores podem estar relacionados com o fato de as pessoas se encontrarem numa fase do seu desenvolvimento humano em que a busca por oportunidades e realização se apresenta de maneira mais clara. No entanto, as próprias diferenças entre presença e busca de sentido carecem de melhores aprofundamentos na literatura para a delimitação dos seus fatores de influência como cultura, gênero, etnia, além da idade (Schutte et al., 2023; King & Hicks, 2021).



Wong (2018) aponta que a orientação da busca por sentido pode se dar de duas formas, uma positivamente orientada, em que a busca por sentido se alinha a realizações autênticas e significativas, ou ainda negativamente orientada para encontrar explicações e soluções para os problemas enfrentados. Estudos demonstram que existem diferenças nas correlações dentre busca de sentido e presença de sentido em perspectivas culturais distintas. Em países orientais são encontradas correlações positivas, em contrapartida estudos em países ocidentais demonstram correlações negativas, ou seja, maiores níveis de presença de sentido geralmente implicam em níveis mais baixos de busca de sentido. Isso revela que possivelmente, os aspectos culturais relacionados à busca por realização podem interferir nessa percepção (Schutte et al. 2023).

Com relação à saúde mental positiva, os níveis de bem-estar foram todos eles (psicológico, emocional e social) mais elevados nas pessoas idosas. Ademais, mesmo diante dos desafios encontrados nessa fase da vida como por exemplo o declínio da saúde física, os professores idosos apresentam índices melhores de bem-estar. Essa relação, nos aponta para os possíveis aspectos promotores de realização existencial que se relacionam às docências, já que nessa amostra o índice de sentido na vida na população idosa também foi maior.

Como supracitado, a literatura é bem consolidada em afirmar que as pessoas com maiores níveis de sentido de vida apresentam melhores níveis de indicadores de saúde mental e isto também se verificou nessa amostra. O aspecto autotranscendente das relações humanizadoras, que estão na base da prática docente (Freire, 2023), parece colaborar para a consolidação de passados como verdadeiros monumentos a serem contemplados, sugerindo que a temporalidade pode ser promotora de possibilidades vitais e realizações em vez de angústias.

Outrossim, o ciclo de vida dos professores tem sido investigado por diferentes perspectivas, a mais clássica, que se apoia nos estudos de Huberman (2000) aponta para o desenvolvimento profissional docente, sobretudo no âmbito da carreira. Segundo esta noção, no ciclo de vida profissional docente existem as sequências de exploração e estabilização, que se verificam no início da carreira, chegando até as fases mais maduras de desinvestimento, em que os valores pessoais emergem com mais força sobre a dedicação excessiva ao trabalho.

No entanto, não é somente o aspecto profissional que influencia o ciclo vital de um professor, outras variáveis podem impactar os diferentes momentos do desenvolvimento da vida docente e a construção de sua identidade. Portanto, a compreensão desse fenômeno precisa considerar uma série de fatores que se relacionam, como os valores e expectativas pessoais, os contextos sócio-históricos, culturais e claro, existenciais (Cavaco, 1999; Huberman, 2000)

Ao longo dos anos e da evolução das sociedades, as relações humanas atravessam mudanças profundas e os espaços educacionais são profundamente impactados, modificando também aqueles que atuam nos seus mais variados contextos (Cavaco, 1999; Silva & Cruz, 2020). Nesse sentido, professores jovens são lançados em ambientes contraditórios e imprevisíveis, são obrigados a conciliar as condicionantes da profissão com os sonhos que alimentam e revalorizar no cotidiano os seus esforços. Os professores mais velhos tendem a atravessar esses desafios, desenvolvendo redes de apoio e de resistência que oferecem oportunidades de crescimento e desenvolvimento na docência e nos aspectos humanos. Essas redes são os coletivos, os grupos científicos, de formação e trocas de saberes específicos à prática docente que fortalecem vínculos e promovem bem-estar (Cavaco, 1999; Silva & Cruz, 2020).

Sendo assim, emerge a necessidade e a importância da valorização da formação docente em todas as suas nuances. Sob a perspectiva deste estudo, a formação inicial assume o papel de promover nos jovens professores o refino da consciência para a apreensão dos sentidos que se revelam em cada situação cotidiana, desta forma, ao longo do seu ciclo de desenvolvimento integral, poderão com liberdade e responsabilidade escolher no presente, as areias que erguerão seus monumentos existenciais no passado, realizando valores de criação, de vivência e nas ocasiões de sofrimento, descobrindo o sentido revelado também nele.

Outrossim, os professores em formação continuada podem descobrir em cada ocasião a possibilidade de recomeços pautados nos seus sentidos na vida. Não se conformando ao que outros lhe dizem para fazer ou fazendo o que todos fazem. Frankl (2011) aponta esta postura do conformismo (fazer o que todos fazem) ou do totalitarismo (fazer o que me dizem para fazer) como uma consequência do vazio existencial em que as atitudes do ser humano não são pautadas nos seus valores, nem na liberdade ou responsabilidade.

Nesse sentido, ressalta-se a importância de rememorar um dos papéis da educação, que segundo Freire (2023), é conduzir as sociedades da intransitividade da consciência à transividade crítica. Nesse sentido, o papel que a logoterapia pode ter na formação continuada, que é de apontar caminhos de realização existencial, se torna crucial. A postura ativa, livre e responsável sobre os limites impostos, é uma atitude própria daqueles que não estão paralisados no vazio existencial, mas buscam continuamente experimentar sentido a partir dos valores.

Sobre a transitoriedade da vida e sua finitude, a temporalidade de Viktor Frankl pode favorecer um desenvolvimento mais sadio e significativo para os professores em formação continuada. Na medida em que a realização existencial e o sentido de vida se tornam melhor consolidados na pessoa, a sua percepção acerca da transitoriedade da vida se torna mais positiva, pois há uma compreensão mais aprofundada de que os sentidos realizados não morrem. Assim, o fortalecimento da dimensão noética por meio da formação inicial e continuada se torna fator de promoção ao bem-estar e prevenção ao adoecimento psíquico.



Esse aspecto, revela uma condição controversa na docência, que se verifica num estudo conduzido por Arantes e Seixas (2021) no período da pandemia. Segundo as autoras, alguns professores se sentiram afetados com desejos de desistir diante dos desafios da docência. Porém, muitos foram os que afirmaram com convicção um profundo sentimento de realização, de que a docência e os motivos que os fizeram permanecer nela continuavam a ser mais fortes e mais elevados que os desafios que se apresentavam. Os projetos vitais ligados à docência ainda eram fortes e geraram essas convicções, revelando essa dinâmica própria e por vezes controversas do exercício profissional docente, que também se revela em diferentes contextos da vida humana.

Posto isso, a pesquisa que aqui se relata apresenta limites quanto ao aprofundamento dos fatores associados aos índices que se revelam nos resultados, bem como algumas particularidades acerca do período da pandemia que devem ser mais aprofundados. Fatores como o desemprego, a impossibilidade de construção dos seus projetos pessoais e os medos relativos à covid-19 podem ter tido impactos significativos sobre os jovens, enquanto, para os idosos, esses efeitos tiveram outras repercussões por algum nível de estabilidade presente. Ademais, também reconhecemos a necessidade de um estudo que considere os fatores relativos ao desenvolvimento da docência em si, levando em conta aspectos como nível de ensino em que atua o professor, condições de trabalho e fatores sociais diversos para que as apreensões acerca do ciclo de vida dos professores e os seus sentidos na vida sejam mais apuradas.

As implicações do estudo vão na direção de possibilitar uma reflexão e caminhos acerca da formação inicial e continuada de professores. É fundamental considerar os aspectos da temporalidade sob uma ótica positiva, oportunizando a realização de sentidos na vida. Além disso, sugerir o estabelecimento de protocolos em espaços educacionais para que sejam promotores de saúde mental e existencial, por meio de ações coordenadas e institucionalizadas colaborando para a humanização da educação e da docência.

Considerações Finais

Partindo do objetivo geral deste estudo de verificar as relações existentes entre os níveis de sentido na vida e de saúde mental, nas diferentes faixas etárias de um grupo de professores durante pandemia, os resultados evidenciam que os professores mais idosos apresentam uma maior percepção de sentido na vida o que se relaciona com melhores indicadores de saúde mental positiva. Isso revela que ao longo dos seus ciclos de vida, a areia que correu do futuro para o passado tendeu a consolidar monumentos significativos, belos e dignos de serem contemplados, e valorizados.

Portanto, assumimos que este aspecto pode se relacionar com a profissão docente, que mesmo diante das controvérsias e desafios, possibilita aos que se engajam no seu exercício vida significativa e feliz. Outrossim, fica a nossa reflexão acerca de quais têm sido as diretrizes ou os caminhos que a formação da nova geração de professores tem seguido. Se nossos jovens professores não forem despertados na capacidade de ver a profissão docente para além de si mesmos e buscarem criativamente maneiras de se erguerem acima de seus próprios condicionamentos, teremos uma geração cada vez mais adoecida e necessitada de atenção especializada.

Com isso, percebe-se que ao longo da vida, do desenvolvimento humano e das carreiras docentes, muitas serão as condicionantes de ordem biológica, psicológica ou sociológica que poderão emergir. Mas em todas elas, a capacidade de enxergar um sentido na vida, de resgatar os valores e colocar-se em movimento de saída sempre estarão reservadas à dimensão noética que não se abala, não adocece, mas que necessita ser acendida, despertada.

A logoterapia pode ser uma fonte de conhecimento teórico-prático e apoiar a formação inicial e continuada de professores, pois em toda e qualquer condição a vida sempre oferece a possibilidade de realização de sentido. Assim, a logoterapia pode cumprir o papel educacional de despertar consciências para sentidos e valores a serem realizados em cada experiência cotidiana e auxiliar os professores em formação a construir ciclos vitais profissionais autênticos para que o seu ser-fazer professor realize valores e compartilhe sentidos.

Referências

- Aquino, T. A. A., Gouveia, V. V., Gomes, E. S., & Silva, L. B. (2017). A percepção do sentido da vida no ciclo vital: uma perspectiva temporal. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 35(2), 375–386. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.3728>
- Arantes, V., & Seixas, G. B. (2021). Educação, escola e pandemia: Experiências e investigação sobre professores, alunos e gestores (D. D'Auria-Tardeli, Org.). São Paulo: Pimenta Cultural. ISBN 978-65-5939-310-7
- Araújo, U. F. (2020). *Projetos de vida: Fundamentos psicológicos, éticos e práticas educacionais*. São Paulo: Summus. ISBN 978-65-5549-000-8
- Araújo, U. F., Arantes, V., & Pinheiro, V. (2020). *Projetos de vida: Fundamentos psicológicos, éticos e práticas educacionais*. São Paulo: Summus. ISBN 978-65-5549-000-8



- Carloto, M. S. (2011). Síndrome de burnout em professores: Prevalência e fatores associados. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(4), 403–410.
- Cavaco, M. H. (1999). Ofício professor: O tempo e as mudanças. In A. Nóvoa (Org.), *Professor Profissão* (2ª ed., pp. 93–124). Porto: Porto Editora.
- César, J. M., Silva, F. H., & Bicalho, P. P. G. (2013). O lugar do quantitativo na pesquisa cartográfica. *Fractal: Revista de Psicologia*, 25(2), 357–372.
- Damásio, B. F., Melo, R. L. P., & Silva, J. P. (2013). Sentido de vida, bem-estar psicológico e qualidade de vida em professores escolares. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 23(54), 23–54.
- Damásio, B. F., & Koller, S. H. (2015). Meaning in Life Questionnaire: Adaptation process and psychometric properties of the Brazilian version. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 47(3), 185–195. <https://doi.org/10.1016/j.rlp.2015.06.004>
- Damon, W. (2009). O que o jovem quer da vida? – Como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes (J. Valpassos, Trad.). São Paulo: Summus.
- Fialho, L. M. F., & Neves, V. N. S. (2022). Professores em meio ao ensino remoto emergencial: repercussões do isolamento social na educação formal. *Educação e Pesquisa*, 48, e260256. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248260256por>
- Frankl, V. E. (1978). Fundamentos antropológicos da psicoterapia (R. Bitencourt, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Frankl, V. E. (1987). Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração (W. O. Schlupp & C. C. Aveline, Trans.). Porto Alegre: Sulina; São Leopoldo: Sinodal.
- Frankl, V. E. (1990). A questão do sentido em psicoterapia (J. Mitre, Trad.). Campinas, SP: Papirus.
- Frankl, V. E. (2002). La voluntad de sentido (Fundación Arché, Trad.). Barcelona: Editora Herder.
- Frankl, V. E. (2003). Psicoterapia e sentido da vida. São Paulo: Quadrante.
- Frankl, V. E. (2005). Um sentido para a vida: Psicoterapia e humanismo (V. H. S. Lapenta, Trad.). Aparecida, SP: Ideias e Letras.
- Frankl, V. E. (2011). A vontade de sentido: Fundamentos e aplicações da logoterapia (I. S. Pereira, Trad.). São Paulo: Sinodal.
- Frankl, V. E. (2015). Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração (W. O. Schlupp & C. C. Aveline, Trans., 29ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Freire, P. (2023). Educação como prática da liberdade. São Paulo: Paz e Terra.
- Glaw, X., Kable, A., Hazelton, M., & Inder, K. (2017). Meaning in Life and Meaning of Life in Mental Health Care: An Integrative Literature Review. *Issues in Mental Health Nursing*, 38(3), 243–252. <https://doi.org/10.1080/01612840.2016.1253804>
- Goelzer, D., da Rocha, C., & Berlese, D. B. (2023). Medidas preventivas de estresse e síndrome de Burnout em professores: Uma revisão bibliográfica. *Concilium*, 23 (18), 564–571. <https://doi.org/10.53660/CLM-1980-23N47>
- Heintzelman, S. J., & King, L. A. (2014). A vida é bastante significativa. *American Psychologist*, 69, 561–574. <https://doi.org/10.1037/a0035049>
- Huberman, M. (2000). O ciclo de vida profissional dos professores. In A. Nóvoa (Org.), *Vidas de professores* (2ª ed.). Porto: Porto Editora.
- Keyes, C. L. (2006). Mental health in adolescence: Is America's youth flourishing? *American Journal of Orthopsychiatry*, 76(3), 395–402. <https://doi.org/10.1037/0002-9432.76.3.395>
- Keyes, C. L. (2005). The Subjective Well-Being of America's Youth: Toward a Comprehensive Assessment. *Adolescent & Family Health*, 4. https://www.researchgate.net/publication/232509662_The_Subjective_Well-Being_of_America's_Youth_Toward_a_Comprehensive_Assessment



- King, L. A., & Hicks, J. A. (2021). The science of meaning in life. *Annual Review of Psychology*, 72, 561–584. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-072420-122921>
- Lizana, P. A., Vega-Fernandez, G., Gomez-Bruton, A., Leyton, B., & Lera, L. (2021). Impact of the COVID-19 Pandemic on Teacher Quality of Life: A Longitudinal Study from before and during the Health Crisis. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(7), 3764. <https://doi.org/10.3390/ijerph18073764>
- Llanos Zuloaga, M. (2020). Arte, criatividade e resiliência: recursos frente à pandemia. *Avances en Psicología*, 28 (2), 191–204. <https://doi.org/10.33539/avpsicol.2020.v28n2.2248>
- Machado, W. de L., & Bandeira, D. R. (2015). Positive Mental Health Scale: Validation of the Mental Health Continuum - Short Form; *Psico-USF*, 20(2), 259–274. <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200207>
- Medeiros, A. Y. B. B. V. de, Pereira, E. R., Silva, R. M. C. R. A., & Dias, F. A. (2020). Fases psicológicas e sentido da vida em tempos de isolamento social devido à pandemia da COVID-19: Uma reflexão à luz de Viktor Frankl. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, 9(5), e122953331. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i5.3331>
- Moran, S. (2009). Objetivo: Superdotação na inteligência intrapessoal. *High Ability Studies*, 20 (2), 143–159. <https://doi.org/10.1080/13598130903358501>
- Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. (2021). A educação no Brasil: uma perspectiva internacional. <https://doi.org/10.1787/60a667f7-en>
- Pereira, I. S. (2021). Tratado de logoterapia e análise existencial: Filosofia e sentido da vida na obra de Viktor Frankl. São Leopoldo: Sinodal.
- Santos, D. M. B. dos, Corrêa, D. A., & Aquino, T. A. A. de. (2024). Sentido de vida durante a pandemia de COVID-19 no Brasil: Impacto da qualidade de vida e fatores sociodemográficos. *Journal of HealthPsychology*. <https://doi.org/10.1177/13591053241241479>
- Schutte, L., Brdar, I., Wissing, M. P., et al. (2023). Questionário de medição da invariância do significado da vida em 17 países. *Pesquisa Aplicada Qualidade de Vida*, 18, 1491–1519. <https://doi.org/10.1007/s11482-023-10150-7>
- Silva, K. A. C. P. C. da, & Cruz, S. P. D. S. (2020). As pesquisas sobre ciclos de vida profissional docente: Revisão da literatura. *Formação em Movimento*, 2 (4), 439–458. <https://doi.org/10.38117/2675-181X.formov2020.v2i2n4.439-458>
- Steger, M. F., Frazier, P., Oishi, S., & Kaler, M. (2006). The Meaning in Life Questionnaire: Assessing the presence of and search for meaning in life. *Journal of Counseling Psychology*, 53(1), 80-93.
- Tardif, M., & Lessard, C. (2005). O trabalho docente: Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas (J. B. Kreuch, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Vieira, D. C. R. (2014). A velhice em uma dimensão existencial: Perspectivas entre sentido de vida, religiosidade, vitalidade e temporalidade (Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.)
- Vieira, D. C. R. & Aquino, T. A. (2016). Vitalidade subjetiva, sentido na vida e religiosidade em idosos: Um estudo correlacional. *Tendências em Psicologia/Temas em Psicologia*, 24(2), 483–494.
- Wong, P. T. P. (2018). *Two-factor theory of search for meaning*. INPM Press (Toronto). Disponível em: [http:// www.drpaulwong.com/two-factor-theory-of-search-for-meaning](http://www.drpaulwong.com/two-factor-theory-of-search-for-meaning).

Recebido em 15.12.2024 – Primeira Decisão Editorial em 31.01.2025 – Aceito em 22.02.2025



TENTATIVA DE SUICÍDIO E SENTIDO DA VIDA: ELABORAÇÕES DA PESSOA NO ENCONTRO COM PSICÓLOGO

Suicide attempt and the meaning of life: the person's elaborations in the meeting with a psychologist

Intento de suicidio y sentido de la vida: las elaboraciones de la persona en el encuentro con un psicólogo

LÁZARO SILVA QUEIROZ*

ROBERTA VASCONCELOS LEITE**

YURI ELIAS GASPAR***

DOI: <https://doi.org/10.62506/fa2n2887>

Resumo: Objetivamos investigar como a pessoa, no encontro com o psicólogo-entrevistador, elabora sua experiência de tentativa de suicídio e articula tal elaboração à questão do sentido da vida, tal como proposto pela Logoterapia de Viktor Frankl. Realizamos entrevista fenomenológica com uma usuária de um Centro de Atenção Psicossocial que havia tentado suicídio duas vezes. A análise fenomenológica da entrevista foi realizada segundo as diretrizes de van der Leeuw. Quando analisamos a tentativa de suicídio a partir da história de vida apresentada pela entrevistada, compreendemos que este ato não pode ser tomado de forma isolada. Apreendemos também impactos das relações no modo como a entrevistada compreendia a si mesma, o mundo e suas tentativas de suicídio. Tais relações, nas elaborações da entrevistada, dependendo da configuração, emergiram como fator de negação de si ou como potente fonte de sentido e fator de afirmação da vida. Diante disso, concluímos que a descoberta de um sentido para a vida pode impactar positivamente na maneira como a pessoa vive e elabora suas experiências podendo, assim, afastá-la do ato suicida.

Palavras-chave: Fenomenologia; Logoterapia; Tentativa de Suicídio; Sentido da Vida.

Abstract: We aim to investigate how the person, in the meeting with the psychologist-interviewer, elaborates their experience of attempted suicide and articulates this elaboration to the question of the meaning of life, as proposed by Viktor Frankl's Logotherapy. We carried out a phenomenological interview with a user of a Psychosocial Care Center who had attempted suicide twice. We performed a phenomenological analysis of the interview according to van der Leeuw's guidelines. When we analyze the suicide attempt based on the life story presented by the interviewee, we understand that this act cannot be taken in isolation. We also learned about the impacts of relationships on the way the interviewee understood herself, the world and her suicide attempts. Such relationships, in the interviewee's elaborations, depending on the configuration, emerged as a factor of self-denial or as a powerful source of meaning and life-affirming factor. In view of this, we conclude that the discovery of a meaning for life can have a positive impact on the way a person lives and elaborates their experiences and can thus prevent them from committing suicide.

Keywords: Phenomenology; Logotherapy; Suicide Attempt; Meaning of Life.

Resumen: Nuestro objetivo es investigar cómo la persona, en el encuentro con el psicólogo-entrevistador, elabora su experiencia de intento de suicidio y articula esta elaboración a la pregunta por el sentido de la vida, como propone la Logoterapia de Viktor Frankl. Realizamos una entrevista fenomenológica a una usuaria de un Centro de Atención Psicosocial que había intentado suicidarse dos veces. Realizamos un análisis fenomenológico de la entrevista según las directrices de van der Leeuw. Cuando analizamos el intento de suicidio a partir de la historia de vida presentada por el entrevistado, entendemos que este acto no puede tomarse de forma aislada. También aprendimos sobre los impactos de las relaciones en la forma en que la entrevistada se entiende a sí misma, al mundo y a sus intentos de suicidio. Tales relaciones, en las elaboraciones de los entrevistados, según la configuración, emergieron como un factor de abnegación o como una poderosa fuente de significado y factor de afirmación de la vida. Ante esto, concluimos que el descubrimiento de un sentido a la vida puede tener un impacto positivo en la forma en que una persona vive y elabora sus experiencias y así puede prevenir que se suicide.

Palabras-clave: Fenomenología; Logoterapia; Intento de suicidio; Significado de la vida.

* Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, Minas Gerais, Brasil. E-mail: lazaro.queiroz@ufvjm.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-3542-6308>

** Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, Minas Gerais, Brasil. E-mail: roberta.leite@ufvjm.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3110-0509>

*** Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, Minas Gerais, Brasil. E-mail: yuri.gaspar@ufvjm.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4217-4848>



Introdução

Etimologicamente a palavra suicídio é derivada de dois vocábulos latinos: *sui* que pode ser traduzido como si mesmo e *caederes* que faz referência ao ato de matar (Maciel & Pontes, 2019; Sena & Penso, 2019). Durkheim (1897/2000), a partir de seu estudo clássico sobre o tema, caracteriza o suicídio como a morte que resulta direta ou indiretamente de um ato praticado pela própria pessoa. Nessa mesma direção, a Organização Mundial da Saúde (2000) define suicídio como ato intencional de acabar com a própria vida. Na contemporaneidade, em consequência do aumento expressivo no número de tentativas e suicídios consumados, esse fenômeno passou a ser visto como um grave problema de saúde pública (Almeida, 2019; Angerami, 2019; Maciel & Pontes, 2019).

Conforme dados epidemiológicos, o número de óbitos por suicídio ultrapassa, anualmente, 800 mil em todo o mundo. Esse número fez o suicídio tornar-se, em 2012, a 15ª causa de mortalidade na população em geral (Abreu, Lima, Kohlrausch & Soares, 2010; Brasil, 2017; Maciel & Pontes, 2019). Entre jovens de 15 a 29 anos, a situação é ainda mais grave visto que o suicídio ocupa a 2ª posição em relação às outras causas de mortes (Brasil, 2017; Maciel & Pontes, 2019). Botega (2014) ressalta que, em média, 1920 pessoas suicidam-se todos os dias pelo mundo. Isso significa que a cada 40 segundos uma pessoa põe fim na própria vida (Cardoso et al. 2012).

Diante desse cenário, é grande o número de estudiosos de diferentes disciplinas e perspectivas que se debruçam sobre essa temática e que afirmam que o suicídio é um fenômeno de alta complexidade, envolvendo múltiplos fatores (Almeida, 2019; Maciel & Pontes, 2019; Sousa, 2019). Aquino (2009) aponta que, de maneira geral, o estudo sobre o suicídio divide-se em três grandes abordagens: sociológica, orgânica e psicológica. Na abordagem sociológica, destaca-se a obra do sociólogo francês Émile Durkheim (1897/2000). A abordagem orgânica geralmente associa o comportamento suicida a transtornos mentais (Kaplan, Sadock & Grebb, 1997; First, Frances & Pincus, 2004) e alterações de aspectos neurobiológicos (Turecki, 1999). A abordagem psicológica subdivide-se em diferentes vertentes de compreensão e investigação do tema como, por exemplo, a perspectiva da terapia cognitivo-comportamental (Gatti & Mendes, 2020; Marback & Pelisoli, 2014), a visão psicanalítica (Freud, 1917/1969; Gay, 1999), a teoria dos estágios de Poldinger (1969) e a visão fenomenológica (Angerami, 2019; Landsberg, 1946/2009; Oliveira, Leite & Gaspar, 2021; Rabelo, 2019).

No campo da psicologia fenomenológica, Angerami (2019) compreende o suicídio como um ato de desespero onde a pessoa não consegue encontrar alternativas para um intenso sofrimento, optando pela autoaniquilação. Para esse autor, a tentativa de compreensão do suicídio culmina necessariamente em um paradoxo, visto que a essência do fenômeno é inapreensível, fazendo-se permanente seu caráter de mistério.

Na Logoterapia, vertente da psicoterapia moderna proposta pelo psiquiatra vienense Viktor Emil Frankl, para se pensar acerca do posicionamento humano diante do sofrimento é indispensável que a reflexão contemple a discussão acerca do sentido da vida. A descoberta de um sentido para a existência possibilitaria ao ser humano resistir a grandes sofrimentos que pode vivenciar ao longo de sua história. Dessa forma, quando se pensa em suicídio, se faz pertinente a pergunta do quanto a descoberta de um sentido para a vida pode possibilitar, àquele que sofre, a construção de outras alternativas diante da dor. A experiência de que sua vida tem um sentido tornaria a pessoa menos propensa ao suicídio (Frankl, 1945/2008, 1946/2003, 1959/1978). Rocha, Boris e Moreira (2012) apontam a sensação de falta de sentido para a vida como um componente relevante na tomada de decisão do sujeito sobre dar um fim na própria vida.

Para Frankl (1946/2003), a pergunta acerca do sentido da vida é inevitável e cada vez mais fundamental. Frankl (1945/2008) chegou a afirmar que, ao contrário do tempo de Freud ou Adler, onde as pessoas se queixavam de sentimentos de inferioridade ou frustrações sexuais, em seu tempo as pessoas passaram a se queixar de um sentimento de inutilidade da vida que se manifestava por meio do tédio, do desinteresse e da indiferença. Essa experiência de sensação de falta de sentido para a vida ou vazio existencial poderia gerar transtornos psicossociais como, por exemplo, aquilo que o próprio Frankl (1945/2008) denominou de tríade da neurose de massa, composta pela depressão, agressividade e toxicodependência. Para Frankl (1945/2008, 1946/2003), o indivíduo que ainda não descobriu um sentido para sua existência prescinde de um elemento que poderia criar obstáculos a diversas tendências e impulsos suicidas decorrentes de fatores biológicos, sociológicos e/ou psicológicos.

Frankl (1946/2003) afirma que o ato suicida carece de justificativa. Mesmo em situações em que a pessoa possui a convicção subjetiva de que sua situação não tem outra saída, nada garante que o futuro não poderá ser diferente.

Com efeito, a convicção subjetiva é afinal a mesma firme convicção em todos aqueles que se decidem pelo suicídio, e nenhum deles pode saber de antemão se precisamente a sua convicção é objetiva e fun-



damentada ou, pelo contrário, não virá a ser desmentida pelo acontecer das próximas horas que, dadas certas circunstâncias... não mais viverá (Frankl, 2003, p. 89).

Em relação ao mundo contemporâneo, Frankl (1945/2008, 1946/2003, 1959/1978) propõe que a vivência da falta de sentido para a vida é um fator crucial para o aumento no número de suicídios. Segundo a psicóloga vienense Elisabeth Lukas (1992), discípula de Frankl, a ausência de sentido para a vida leva o ser humano a buscar compensação no prazer, que está vinculado ao poder, ao sucesso, ao dinheiro e ao hedonismo. Em um nível mais amplo, Lukas (1992) aponta que nas últimas décadas do século XX, a sociedade deixou de vivenciar valores e abandonou tradições, o que levou ao fracasso da realização de sentido reforçando a busca pelo prazer como o caminho para a felicidade. O paradoxo é que quanto mais o indivíduo transforma essa busca na finalidade última de sua existência, menor é o seu sentimento de prazer e realização, consequentemente maior é a experiência de inutilidade da própria vida e vazio existencial. Nesse processo, a vida sem sentido torna-se também sem prazer, beirando o insuportável.

Frankl (1946/2003) afirma ainda que vivemos em uma época em que as pessoas têm buscado meios para viver, mas não têm encontrado razões para viver. As pessoas buscam meios para a própria subsistência, mas têm encontrado dificuldade na busca pelo sentido que é fundamental na superação dos sofrimentos. A descoberta de um sentido para a vida pode conduzir o sujeito a um posicionamento diferente diante das dores existenciais.

Frankl (1945/2008, 1946/2003, 1959/1978) propõe que o sentido da existência humana deve ser descoberto no mundo e não dentro da pessoa ou da sua *psique*. Frankl (1945/2008) chamou essa característica constitutiva do indivíduo de autotranscendência da existência humana. Tal conceito remete ao fato de que o ser humano sempre se dirige a algo ou alguém diferente de si mesmo. Isso significa que a essência da existência humana radica na autotranscendência, “ser homem significa, de *per si* e sempre, dirigir-se e ordenar-se a algo ou alguém: entregar-se o homem a uma obra a que se dedica, a um homem que ama, ou a Deus, a quem serve” (Frankl, 2003, p. 45).

Frankl (1945/2008, 1946/2003, 1959/1978), de maneira ampla, aponta três caminhos pelos quais se pode chegar ao sentido da vida: os valores de criação, de experiência e de atitude. A efetivação dos valores de criação se dá pela consumação de um trabalho ou de um ato que somente aquela pessoa pode realizar. Aqui temos a concretização da potencialidade singular de cada pessoa mediante um fazer como, por exemplo, a criação de uma obra artística ou científica (Frankl, 1946/2003).

Mas a pessoa humana não atinge a plenitude da sua existência somente quando efetua uma ação ou cria uma obra, encontra sentido na vida também ao experimentar certo tipo de vivências. Esses são os valores de experiência ou vivenciais “que se realizam, por exemplo, ao acolher o mundo, na entrega à beleza da natureza ou da arte” (Frankl, 2003, p. 82). Os valores vivenciais também podem ser realizados quando o indivíduo se depara com algo ou alguém que lhe possibilita vivenciar experiências como o amor, a amizade, a bondade ou a verdade (Frankl, 1945/2008).

A terceira possibilidade de realização através do sentido encontra-se nos valores de atitude que nos remetem ao posicionamento da pessoa humana em relação a um sofrimento inevitável que o destino lhe impõe. Dessa forma, essa categoria de valores diz respeito ao modo como o ser humano se insere em uma limitação imutável da sua vida, “mesmo uma vítima desamparada, numa situação sem esperança, enfrentando um destino que não pode mudar, pode erguer-se acima de si mesma, crescer para além de si mesma e, assim, mudar-se a si mesma” (Frankl, 2008, p. 168).

Quando pensamos em possibilidades de intervenção do psicólogo em relação à pessoa com intenção suicida, o encontro é elemento primário. Nesse sentido, esta pesquisa se propõe a refletir sobre de que forma o encontro com o psicólogo-entrevistador impactou na vivência e na elaboração da pessoa entrevistada em torno da sua experiência de tentativa de suicídio. Um aspecto importante é que neste trabalho, o encontro é compreendido enquanto acontecimento que pode apresentar reverberações significativas na pessoa que o vivencia (Gaspar, 2014; Mahfoud, 1989, 2018, 2019). Assim sendo, este estudo se propôs a investigar como a pessoa, no encontro com o psicólogo-entrevistador, elabora sua experiência de tentativa de suicídio e articula tal elaboração à questão do sentido da vida. A presente pesquisa se enquadra na perspectiva fenomenológica, em diálogo com pressupostos da Logoterapia, e propôs a coleta de dados empíricos através de entrevista fenomenológica semiestruturada para compreender o fenômeno do suicídio sob a luz da experiência de uma pessoa que tentou se matar, obedecendo à máxima husserliana de voltar às coisas mesmas (Ales Bello, 2004). A compreensão do fenômeno em análise ancorou-se na *epoché* (Ales Bello, 2004), isto é, na suspensão dos pré-juízos sobre o tema num movimento de abertura para a experiência tal como ela se manifesta, buscando colher elementos que possam enriquecer a compreensão do suicídio enquanto fenômeno humano, complexo e carregado de sentidos pessoais, sociais, culturais e históricos.

Metodologia

Diante das várias possibilidades de investigação acerca do suicídio, adotamos o método fenomenológico por considerar sua ênfase na experiência tal como elaborada pelo próprio sujeito e por buscar analisar como



a vivência se estrutura em sua unidade e complexidade (Oliveira, Leite & Gaspar, 2021; Rabelo, 2019).

Optamos pela realização de entrevista fenomenológica como instrumento de coleta de dados por reconhecê-la como propícia para acessar o modo com o qual o sujeito vive e elabora a própria experiência por meio de uma escuta interpessoal, suspensiva, empática e reflexiva (Barreira & Ranieri, 2013). Essa modalidade de entrevista foi realizada com uma mulher de 46 anos que havia feito duas tentativas de suicídio e, no momento da entrevista, estava em acompanhamento em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) onde o psicólogo-entrevistador trabalhava. Os CAPS são serviços públicos disponibilizados para o tratamento de pessoas com transtornos mentais graves e/ou persistentes. Os usuários dos CAPS têm acesso a vários serviços ofertados pela instituição: oficinas terapêuticas, atendimentos psicológicos, atendimentos em grupo, consultas médicas, visitas domiciliares, atendimentos com familiares, dentre outros (Brasil, 2006).

Após autorização das instâncias competentes¹, a entrevista foi realizada presencialmente no CAPS, em ambiente sigiloso e adequado. Foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) impresso para leitura, assinatura e devolução. Antes do início da entrevista, foram descritos os objetivos da pesquisa e se disponibilizou tempo suficiente para o esclarecimento das possíveis dúvidas em relação ao TCLE.

No momento da entrevista, foi feita a seguinte pergunta disparadora: “Gostaria que você me falasse sobre a sua história de vida, destacando momentos significativos bons ou ruins que já viveu”. A pergunta é intencionalmente ampla visto que se considera o tema da pesquisa delicado. Essa forma de abordagem do tema é indicada por especialistas (Brasil, 2006; OMS, 2000) e aplicada em outros estudos (Oliveira, Leite & Gaspar, 2021), o que atesta a sua pertinência. Como roteiro orientador, algumas questões foram abordadas como: momento de vida em que a tentativa ocorreu, situações vividas que poderiam estar relacionadas ao acontecimento, ausência ou presença de apoio social antes e após a tentativa, possíveis fatores protetores, cuidado atual com a própria saúde mental, tratamentos pregressos em serviços de saúde mental, sentidos da vida que o sujeito entrevistado reconhecia como significativos, como os outros lidavam com o sujeito entrevistado naquele momento, dentre outros. A entrevista foi gravada em registro sonoro e, posteriormente, transcrita integralmente.

No tópico “Resultados”, utilizamos um nome fictício para a pessoa entrevistada e seus familiares com o objetivo de manter sua identidade em sigilo. Além disso, grafamos em itálico os termos retirados da transcrição da entrevista e destacamos também entre aspas trechos longos da fala da participante que não estão recuados em relação ao texto.

A análise de dados foi baseada na metodologia fenomenológica proposta por van der Leeuw (1964), que toma os relatos como expressões das vivências e realiza uma “escavação” da subjetividade e do mundo-da-vida. Nesse procedimento, busca-se apreender a vivência em sua estrutura. Trata-se de uma reconstrução realizada pelo investigador com o intuito de descrever o fenômeno a ser compreendido a partir dos sentidos intencionais que se abrem ao sujeito da experiência. Para tanto, van der Leeuw (1964) propõe diretrizes metodológicas que foram sintetizadas por Leite e Mahfoud (2010) da seguinte forma:

1) Nomeação de conjunto de vivências, de modo a organizá-las e torná-las inteligíveis. Neste momento, tomamos o fenômeno a partir da vivência que pretendíamos investigar, ou seja, a tentativa de suicídio e o sentido da vida, prosseguindo na organização e compreensão daquilo que se mostra;

2) Inserção metódica na própria vida. Trata-se de deixar ressoar no pesquisador a vivência contida no relato. Tal ressonância, ao mesmo tempo em que acontece no pesquisador, é indicativa da vibração do outro. É uma vibração que reconhece, a um só tempo, a pessoalidade de quem está envolvido e a humanidade que os aproxima. Sem essa vibração, não se estaria habilitado a compreender de que tipo de experiência efetivamente se trata. No que se refere ao tema do suicídio, essa ressonância foi fundamental para empatizarmos com a pessoa entrevistada e reconhecer os sentidos que constituíam a sua experiência;

3) *Epoché*. Para chegar a compreender o fenômeno efetivamente enquanto vivência, é preciso que se adote uma atitude que colha o relato enquanto elaboração da experiência (e não como fato a ser comprovado ou refutado). Além disso, foi fundamental suspender as concepções prévias que carregávamos sobre o que era o fenômeno do suicídio para que pudéssemos captar os elementos constitutivos daquilo que se apresentou durante a entrevista. Essa foi uma atitude fundamental especialmente por se tratar de um tema carregado de tabus e preconceitos;

4) Elucidação das vivências e clarificação das conexões de sentido existentes. Neste movimento de suspender e deixar ressoar para apreender aquilo que se manifesta, pode-se clarificar aquilo que se encontra. Momento em que as nomeações inicialmente propostas foram problematizadas e complexificadas a partir da contínua reinserção nos dados e em que as categorias delineadas ganharam corpo, maior detalhamento e precisão. Elucidando com mais rigor as vivências contempladas, apreendemos conexões de sentido entre elas. Neste momento, buscamos compreender os diferentes significados que compõem a experiência da pessoa em relação à sua tentativa de suicídio bem como o sentido da vida como um fator que compõe essa elaboração;

5) Compreensão das conexões de sentido de modo a configurá-las como informação. Este passo refere-se à formulação da compreensão das conexões de sentido que configuram a experiência típica relacionada ao fenômeno estudado, qual seja, como a pessoa, no encontro com o psicólogo-entrevistador, elabora sua expe-

¹ Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, registro CAAE 59245322.7.0000.5108.



riência de tentativa de suicídio e, eventualmente, articula tal elaboração à questão do sentido da vida. Foi fundamental a constante vinculação entre compreensão e vivência: provocação a não deixar a compreensão abstrata, desvinculada da experiência compreendida;

6) Retificação contínua. Para manter a análise rigorosa, ressalta-se a importância de se retificar continuamente as compreensões alcançadas no confronto com os dados colhidos, seja com os referenciais teóricos adotados, seja nas reuniões de orientação e nos grupos de pesquisa. Sem essa retificação, corremos o risco de nos perder na própria compreensão, perdendo assim aquilo que a pesquisa visa alcançar;

7) Reconstrução e testemunho do fenômeno. Por fim, buscamos reconstruir a experiência vivida de modo a dar o testemunho daquilo que encontramos tornando acessível a compreensão da constituição e dinamismo próprio da experiência pesquisada.

Em relação à apresentação dos resultados, realizamos a reconstrução da experiência da pessoa entrevistada, intercalando trechos da entrevista e nossas análises. Iniciamos o relato apresentando brevemente a entrevistada e sua relação prévia com o entrevistador no contexto do CAPS, além de evidenciar os fatores que nos fizeram escolher aquela pessoa como sujeito de pesquisa. Reconstruímos a experiência de modo a explicitar elementos relacionados à experiência de tentativa de suicídio e o movimento próprio da pessoa entrevistada em seu encontro com o psicólogo-entrevistador. Ao final da entrevista analisada, realizamos uma síntese da experiência, buscando retomar aspectos relacionados à tentativa de suicídio e ao encontro da entrevistada com o psicólogo-entrevistador durante a entrevista. Posteriormente, realizamos uma discussão dos resultados selecionando alguns temas relevantes que emergiram da análise da entrevista.

Resultados

Joana tem 46 anos de idade, é mãe de dois filhos adultos (a filha Beatriz reside com ela e o filho Caio mora em outro município). Joana não concluiu o ensino fundamental e, no momento da entrevista, encontrava-se desempregada. A entrevistada é viúva: perdeu o marido no ano de 2015. Em 2009, seu esposo foi diagnosticado com esclerose múltipla e com a evolução da doença tornou-se totalmente dependente dela. Durante alguns anos, Joana se dedicou quase exclusivamente aos cuidados do marido que faleceu seis anos após o diagnóstico.

A entrevistada é acompanhada desde o ano de 2009 no CAPS onde o psicólogo-entrevistador trabalhava. Joana tentou suicídio duas vezes no ano de 2022 através da ingestão de uma grande quantidade de medicações psicotrópicas. Após a primeira tentativa, ficou em internação hospitalar por dezesseis dias, grande parte deles no CTI. O convite para Joana participar desta pesquisa aconteceu pelo fato de ter uma relação de confiança bem consolidada com o psicólogo-entrevistador, além da riqueza de sua experiência pessoal e seu desejo manifesto de falar sobre sua tentativa de suicídio. No dia da entrevista, compareceu ao CAPS sozinha e aparentava bom ânimo, sendo muito colaborativa e receptiva a todas as perguntas feitas durante esta entrevista.

Após leitura e assinatura do TCLE, pedi a Joana que me falasse sobre os momentos significativos bons e ruins que viveu ao longo de sua vida. Joana destacou então o fato de ter passado por muitos momentos de *luta* ao longo de sua história. Segundo ela, as dificuldades começaram quando estava com vinte e dois anos de idade e persistiam até o momento do nosso encontro. A entrevistada destacou aquela que considerou a *luta* mais difícil de sua vida: *a tentativa de suicídio*.

Eu já vivi... é... bons momentos e ruins momentos também na minha vida. Os momentos mais ruins começou eu tava com vinte dois anos. Ai dos vinte dois anos até a idade que eu tô agora, que eu tô com quarenta e seis foi uma luta assim... Uma atrás da outra, direto, e a luta mais que eu considero assim que foi mais pior pra mim foi a do ano passado que eu tentei cometer suicídio. Então, pra mim, foi a luta pior que existiu pra mim é essa... Essa luta foi a pior.

Em um primeiro momento, destacamos, na elaboração de Joana, o uso do verbo *lutar* que nos remete a um posicionamento pessoal diante do vivido, há um embate onde ela *luta*, ou seja, coloca-se de maneira ativa perante aquilo que lhe acontece, perante *os momentos mais ruins* da vida e *a tentativa de suicídio* foi, para ela, o pior deles.

Após escutar as primeiras elaborações de Joana, decidi explorar mais detidamente os fatores que estavam relacionados à sua tentativa de suicídio: *"Você pode me falar sobre o que aconteceu que te levou a tentar suicídio?"*. Diante da minha pergunta, Joana realizou um primeiro movimento de aproximação do seu ato de tentar tirar a própria vida e o associou a um fim de relacionamento.

Então a pessoa, você sabe com quem que eu tive um relacionamento... Então isso não deu certo, aí isso atrapalhou a minha mente. Aí foi entrando na minha cabeça... Foi isso mais que levou eu a cometer o suicídio. Pensei que eu não ia viver a minha vida mais, eu não queria viver a vida mais. Aí eu tentei fazer, cometer suicídio.

Inicialmente Joana associou sua tentativa de suicídio ao fim de um relacionamento, ou melhor, à manei-



ra como ela viveu o término de um relacionamento amoroso que foi *entrando em sua cabeça e atrapalhou sua mente*. As expressões *entrar na cabeça* e *atrapalhar a mente* remetem a algo que foi vivido pela entrevistada como desorganizador naquele momento. Na elaboração de Joana, o conflito vivido no relacionamento *entrou em sua cabeça e atrapalhou sua mente* de tal forma que emergiu um juízo decisivo sobre a vida, *“pensei que eu não ia viver a minha vida mais, eu não queria viver a vida mais. Ai eu tentei fazer, cometer suicídio”*.

Em seguida, traçando um movimento de complexificação da sua experiência, a entrevistada apontou outros elementos que permearam seu juízo de que *não queria viver a vida mais*. Na elaboração de Joana, durante seu relacionamento, alguns familiares se colocaram *contra* ela.

A maioria da minha família, às vezes uns não, mas outros virou contra, ficou contra, falou umas coisas até em mim pra me chegar assim em mim e me falar aquilo... Ai então que juntou tudo aquilo na minha cabeça e nessa época eu tava bem atacada mesmo. Ai foi isso que levou.

Identificamos elementos relacionais que contribuíram para a desorganização de Joana e culminaram no seu juízo de que *não queria viver a vida mais*. O relacionamento amoroso impactou outros relacionamentos que também eram significativos na experiência da entrevistada. Joana sentiu-se desorganizada pelo término do relacionamento amoroso e, naquele momento, sentiu-se também sem apoio dos seus familiares.

A tentativa de suicídio, na elaboração de Joana, vinculou-se à maneira que ela vivia diferentes relacionamentos. Aconteceu em um contexto onde ela se sentia desorganizada perante relacionamentos em que era negada. Subentendemos que há um modo de se relacionar com o outro que conduz Joana ao juízo de que a vida não valia a pena ser vivida.

Tentei compreender melhor quais comentários haviam sido desorganizadores para Joana naquela situação: *“E o que foi que as pessoas da sua família disseram?”*. Joana explicitou então os julgamentos feitos por uma familiar onde esta afirmava que ela *não era nada*, ela *não era de Deus*: *“Tipo... Não todos, né? Foi praticamente uma da minha família, falou que tipo assim, que o que tinha feito, eu não era nada mais e umas palavras muito pesadas que ela falou comigo: que eu não era nada mais, que eu não era de Deus”*. Busquei entender melhor o contexto no qual aqueles julgamentos foram feitos: *“E o que foi que você fez que eles disseram isso pra você? Que você não era nada mais, que você não era de Deus?”*. Joana esclareceu que aqueles comentários foram feitos em decorrência do seu relacionamento amoroso:

Devido esse caso que eu tive com essa pessoa. Por causa da igreja. Ai essa pessoa falou isso, dessa forma. Falou isso, então, essa pessoa falou várias coisas que me magoou muito, coisa que eu sei que na realidade não é, mas a pessoa falou, então aquilo me magoou.

Neste momento, Joana esclareceu o quanto aqueles comentários feitos pela familiar ressoaram nela, o quanto ela se sentiu *magoada* frente àqueles juízos. Na elaboração de Joana, foi exatamente naquele contexto que emergiu o juízo de que ela deveria acabar com a própria vida, *“então me levou aquilo, eu pensei, eu falei assim: eu não tenho outra saída, não tenho outra situação mais, eu tenho que acabar comigo”*. Naquele cenário onde se sentiu desorganizada pelo término do relacionamento e *magoada* pelos julgamentos feitos por uma familiar, a entrevistada não conseguia vislumbrar outra *saída* para si mesma além da morte.

Nesse momento, sintetizei para ela: *“Entendi, naquele momento você não conseguia perceber outras saídas pra sua vida além da morte.”* Na elaboração de Joana, a morte se apresentava como *saída* porque permitiria a ela se livrar daquelas situações que estava vivenciando, sua morte era a certeza de que ficaria livre de tudo aquilo. *“Eu não conseguia saber... Pra mim, a saída é essa. Vou ter certeza. Fazendo isso eu fico livre de ouvir conversa e as pessoas vão ficar livres de mim. Foi o que no momento, naquele momento, eu pensei que... E depois veio o que aconteceu”*. A partir da experiência de Joana, percebemos que a tentativa de suicídio acontece em um contexto em que a pessoa não consegue perceber outras possibilidades de se livrar da própria dor que não seja pela via da morte. Não necessariamente o suicida deseja morrer, às vezes, o suicídio é almejado diante do desejo de se libertar do sofrimento.

Logo em seguida, dentro do processo de elaboração de Joana, apareceu uma posição pessoal diferente em relação ao suicídio. Joana falou sobre seu arrependimento por ter feito aquilo, lembrou-se de pessoas que tentaram ajudá-la. A entrevistada passou a perceber o suicídio como algo com o qual não *concordava*.

Uma coisa que eu arrependi, eu não poderia ter feito isso... Eu podia ter ouvido alguns conselhos, até eu não sei se alguém sentiu, chamou, conversou comigo sobre isso... E nesse momento eu pensei: L., né, conversou comigo... Daí eu não ouvi aquele conselho, um conselho de como... Naquele momento, eu não ouvi aquele conselho, eu achei que era uma coisa boa. Mas acabou no final não foi... Não foi bom pra mim porque eu percebi que é uma coisa que eu não concordava e eu vi que eu não concordava.

Aqui evidenciou-se o movimento realizado por Joana que, inicialmente, conseguia vislumbrar uma saída apenas na morte e, em um segundo momento, entendeu que sua tentativa de suicídio *não foi boa*. Em sua elaboração, a morte deixou de se apresentar como única saída possível. Portanto, refletindo retrospectiva-



mente, Joana foi capaz de perceber que não havia só aquela saída, havia pessoas que lhe davam bons *conselhos*, conversavam com ela.

Ao revelar mais detalhes sobre o término de seu relacionamento, Joana falou sobre o *choque* que viveu ao descobrir após *um ano* de relacionamento que o companheiro fazia algo que ela não gostava. Aquele ato era motivo de reprovação por parte de sua família.

O que ele usava que eu não sabia, né, que eu... Eu tive, falei assim: se ele tivesse falado comigo no começo, não tivesse me escondido, tudo bem. Mas eu descobri já estava fazendo um ano, então aquilo pra mim foi um... foi um choque, um baque mesmo. Só que essa pessoa não aceitou que eu reclamasse, que era uma coisa que eu venho de uma família assim muito rígida. Ai depois aconteceu tudo que aconteceu, aí isso pra mim, eu fiquei muito chateada.

Entendemos que o outro, na elaboração de Joana, se apresenta como grande critério e referência. Na estruturação da sua vivência, o outro se constitui em um elemento decisivo seja para desorganizá-la, seja como elemento fundamental em seu processo de retomada da vida, como veremos adiante. Dessa forma, consideramos que o outro emerge como elemento central que compõe a compreensão de Joana sobre si mesma. O outro é capaz de se inserir de tal forma em sua subjetividade que para se *livrar* do outro, Joana opta pelo suicídio, *“e essa pessoa continuou me ligando e falando coisa e então eu pensei: já que é assim, eu vou tirar minha própria vida”*.

Ao prosseguir em suas elaborações, Joana passou a falar sobre seu processo de retomada da vida a partir da *segunda oportunidade* que recebeu de *Deus* e de sua decisão pessoal de não tentar suicídio novamente.

Eu tentei o suicídio, eu tentei não, eu fiz mesmo, né? Que como meus papel lá em casa tem morte cerebral. Mas só que Deus segurou a minha vida, me deu uma segunda oportunidade de novo. Então hoje eu já... eu não tenho isso na minha cabeça mais, eu não quero isso pra mim nem pra ninguém. Se um chegar em mim e falar assim: eu vou cometer suicídio, eu falo, pelo amor de Deus, não faça isso porque se fizer e acontecer tudo...

Joana falou sobre a repercussão da sua tentativa de suicídio na própria vida e na vida dos filhos, principalmente na vida da filha Beatriz. A entrevistada revelou sofrer ao se dar conta dos desdobramentos de sua tentativa de suicídio na vida da filha. Para Joana, aquele momento foi vivido por Beatriz com muito sofrimento.

Às vezes, tudo bem pra quem fez, pra família não. Mas igual no meu caso, eu tentei, não consegui, então pra mim foi muito ruim. Foi muito difícil, até hoje é difícil pra mim. Já tem um ano, né? Então, às vezes, eu lembro, é muito difícil pra você... É difícil. Agora que eu tô começando a lembrar, principalmente do CTI, então pra mim... Eu já começo a pensar que foi uma coisa muito triste. Principalmente pra Beatriz vendo isso tudo que ela viu. Então eu sinto uma tristeza com isso, por ela ter visto, ela ter sofrido. Então ali, todo dia vendo eu sofrer... Vendo eu em coma depois que... Assim como ela viu que me amarrou, assim, então pra mim hoje em dia isso... Eu sinto tristeza e sinto vergonha dela por ser a filha minha e viu eu nessa situação. Ela sem poder fazer nada. Então é muito difícil.

Até aquele momento do nosso diálogo, a entrevistada havia ressaltado dois fatores que a conduziram à tentativa de suicídio. Fiz a pergunta seguinte com a intencionalidade de levantar outros fatores - caso existissem - e proporcionar que Joana continuasse em seu movimento reflexivo sobre aquela experiência: *“Você destacou duas coisas no início da sua fala, que foi o julgamento dos seus familiares e o conflito nesse relacionamento... Além desses dois fatores, tem alguma outra coisa que pode ter influenciado nessa situação?”*. Joana trouxe à tona um novo elemento: o fato de se sentir *fracassada*. A entrevistada, ao olhar para si mesma, tinha o juízo de que era uma *mulher fracassada*. Sentia que vivia *dando trabalho*, encontrava-se em situação de vulnerabilidade social e não conseguia ajudar a filha no pagamento das despesas domésticas.

Várias coisas. Igual a minha vida financeira, por exemplo. Também isso tudo entrou na minha cabeça, e assim... Porque assim... Quando eu pensava que um dia ia ajudar ela em casa, começava a vir... Quando chegava a conta de luz, conta de água e aquilo, né, então entrava tudo. Então aquilo, eu já comecei a pensar: gente, sempre eu falava essa palavra, eu sou uma fracassada. Sempre eu falava com ela: eu nunca pensei, na minha vida, que eu ia ser uma mulher, dessa forma, fracassada. Eu fracassei, eu não gosto de viver assim dando trabalho pra ninguém. Eu falei: eu só vivo dando trabalho. Então isso também, isso aí foi muito ruim também, essa parte.

Reelaborei, de maneira sintética, o último juízo trazido por Joana para que ela continuasse a falar sobre aquele tema: *“Entendi. Então você tinha a sensação de que você era uma pessoa fracassada...”*. A entrevistada falou sobre como se sentia não sendo a mãe que gostaria de ser, ela considerava que não exercia o papel de mãe como deveria. Manifestou-se a discrepância entre aquilo que Joana julgava que deveria ser como mãe e aquilo que ela considerava ser na realidade. Dessa distinção, ganhou força o juízo de que era uma *mulher fracassada*.

Eu tinha a sensação que eu era uma mãe, aquela mãe que eu não conseguia pôr nada dentro de casa. Eu não



conseguia ajudar até os próprios filhos, né? Então isso também causou tudo, causou tudo na minha mente. Sobre isso, então pra mim era difícil, difícil de eu aceitar que eu não... Pra mim, a minha vida não prestava, eu pensava: eu sou fracassada. Foi isso que levou eu não ter mais vontade de viver.

À luz da experiência trazida por Joana, ficou evidente o possível impacto de uma condição de vulnerabilidade social em relação à subjetividade. A incapacidade de ajudar financeiramente a filha culminou, em Joana, na imagem de si mesma vinculada ao fracasso. A autoimagem atravessada por um juízo negativo de si mesma foi elemento importante na concretização da tentativa de suicídio da entrevistada.

Em nosso encontro, ao revisitar o ato de tentar suicídio e suas decorrências, Joana vai enriquecendo sua elaboração em torno daquelas experiências. Naquele processo, realizou um movimento de complexificação do seu entendimento sobre aquelas situações que havia vivido: sua tentativa de suicídio estava associada a vários fatores. Entendemos que o encontro da pessoa que tentou suicídio com uma presença humana cuidadosa pode deflagrar uma série de processos e ressignificações em relação ao acontecimento. Sentir-se realmente acompanhada possibilita à pessoa revisitar a experiência - mesmo que esta seja muito difícil - permitindo o surgimento de novos posicionamentos e significados em relação àquilo que foi vivido.

Após a alta hospitalar, Joana tentou suicídio uma segunda vez. Todavia, aparentemente, a segunda tentativa não trouxe grandes consequências como a primeira: a filha tomou providências imediatas e Joana ficou em observação no hospital por apenas um dia.

Foi isso e depois disso, eu vim de U. e quando foi em novembro eu tentei de novo. Só que aí quando ela percebeu que eu tava tomando os remédios, ela tomou de mim. Só que eu só fiquei internada aqui de uma noite pro dia, fiquei uma noite e um dia internada, só em observação.

Naquele momento da nossa conversa, eu queria entender quais impactos aquelas duas tentativas de suicídio haviam tido na vida de Joana: “Como é que ficou sua vida depois dessas duas tentativas de suicídio? Houve alguma mudança na sua vida? Isso te impactou de alguma forma?” Joana revelou então uma mudança pessoal após as tentativas de suicídio, falou sobre pedir força a Deus, a importância da mãe e dos filhos e da sua vontade de continuar vivendo seja a vida boa ou ruim.

Houve. Pra mim, houve melhora. Pra mim, houve melhora porque, assim, eu comecei a cair na realidade. Eu comecei a cair na realidade que nem toda coisa a gente pode fazer. A pessoa, por exemplo, não... tipo assim, não tem um motivo pra isso. Aconteceu então foi isso. Pedi Deus força primeiramente e focar em quem tá me ajudando. A pessoa que me ajuda dá pra mim um conselho bom... Vem, né, umas palavras boas. Viver minha vida da forma que ela for, mas eu quero viver minha vida seja boa, seja ela ruim. Eu quero viver minha vida porque eu fui pensar também na minha família, principalmente, minha mãe e meus filhos. Eu tenho eles ainda.

Depois das tentativas de suicídio, a relação de Joana com a vida mudou. Ela entendeu que *nem toda coisa a gente pode fazer* e decidiu focar em quem tá ajudando. Joana ressaltou um tipo específico de relacionamento onde outras pessoas querem ajudá-la e passou a colocar isso em primeiro plano. A entrevistada identificou pessoas que são importantes para ela (mãe e filhos) e assim decidiu continuar vivendo a vida seja boa, seja ela ruim. Após as tentativas de suicídio, Joana fez um movimento de reconhecer um tipo específico de relacionamento (de ajuda) capaz de fortalecer seu vínculo com a vida. A partir das elaborações de Joana, compreendemos que a capacidade de identificar, na realidade, relações e pessoas significativas possibilita uma vinculação diferente à vida. Reconhecer presenças significativas permite àquele que reconhece olhar de maneira diferente a própria vida.

Dessa forma, a partir das últimas elaborações de Joana, a família me pareceu ser um elemento fundamental em seu processo de retomada de si mesma após as tentativas de suicídio. Decidi explorar melhor este aspecto: “Parece que a família foi um elemento importante nesse processo de retomada da vida...” Joana deixou clara a importância da mãe e dos filhos em seu processo de mudança em relação à vida. A entrevistada experimentou empatia em relação aos membros da família, imaginou o quanto sua morte levaria ao sofrimento aquelas pessoas que amava e, principalmente, deu-se conta de todo o sofrimento que a filha viveu enquanto estava em processo de internação.

Pra mim, foi. Porque depois disso que Beatriz principalmente, igual vendo aquilo, ela sofreu muito. Ela falou: “Mãe, eu sofri muito, a senhora não faz isso mais não, que eu sofri muito... Aí como eu sofri, a senhora não sabe o que eu passei dentro de U., sem dinheiro, indo de pé da pensão lá naquele hospital. De pé todo dia, todo dia”. Foi dezesseis dias, ela ia me ver eu tava em coma... Mas aquilo tudo foi muito difícil, ela falou. “Você tá sofrendo, mas quem tá sofrendo é nós, mais ainda.” E mãe, né, sofreu muito também. Então aí foi isso que caiu a... a minha ficha caiu. Aí eu fui pensar porque se eu tivesse feito, o sofrimento dos meus filhos e minha mãe ia ser muito grande. Porque se eu já passei por um sofrimento de perder um da minha família, eu já sei o que é isso. Eu já sei como é o sofrimento.

“Você já viveu essa dor da perda.” Frente a minha afirmação, Joana ressaltou o quanto sua mãe e seus filhos sofre-



riam caso seu suicídio tivesse sido consumado. Lembrou-se de todo sofrimento vivenciado com a perda do marido:

Sim. Eu já, igual eu pensei, se eles me perdessem principalmente mãe e meus filhos iam sofrer muito. Por eu falar assim... porque eu já tive uma perda do meu esposo, né? Foi uma perda que eu tive dele. Depois desse que eu tentei suicídio, eu pensei aquela dor que eu senti, que eu carreguei é a mesma dor. Principalmente meus filhos ia carregar de perder a mãe e o pai, quer dizer, já perderam o pai, se eles perdesse eu... Então ia ser uma dor que não havia... ninguém ia saber o que eles ia sentir, né?

Joana reafirmou sua decisão de continuar vivendo sua vida independentemente de qualquer coisa: “Então isso tudo fez eu parar e pensar e querer viver minha vida seja ela, né, seja ela boa ou seja mais ruim... Eu quero viver a minha vida. E um conselho, se alguém falar comigo: ‘eu vou suicidar’, o meu conselho é que não.” Joana redescobriu relações pessoais que davam sentido à sua vida, redescobriu sua vontade de viver.

Ao retomarmos a entrevista com Joana, julgamos que alguns aspectos relacionados à sua elaboração e ao seu movimento pessoal merecem destaque. Em diversos momentos da entrevista, na elaboração de Joana, surgiu um outro que se tornou ponto de referência. Em um primeiro momento, outro que compõe seu movimento de vislumbrar no suicídio a única saída possível: outro que *entrou em sua mente* desorganizando-a e outro que disse que ela *não era nada*, questionando assim seu valor pessoal. Em um segundo momento, o outro surge em condição antagônica dando-lhe uma *segunda oportunidade* e sofrendo ao vê-la experienciar as consequências de suas tentativas de suicídio. De fato, dentro da elaboração de Joana, o outro é elemento fundamental seja como fonte de sofrimento ou fonte de sentido. Sobre o movimento pessoal de Joana, destacamos a forma como ela se relaciona com a possibilidade de provocar a própria morte. Joana sai de uma posição onde só enxergava saída no suicídio para um lugar de total afirmação da própria vida, diz de forma enfática: *eu quero viver a minha vida, seja ela boa ou ruim*.

Em nosso encontro, houve um movimento de complexificação do entendimento de Joana sobre aquilo que havia vivido. A cada pergunta, vinham à tona elementos novos que enriqueceram nossa compreensão em torno daquilo que havia acontecido. Relacionamento amoroso, relacionamentos familiares, situação de vulnerabilidade social, autopercepção negativa: temas que Joana escolheu abordar que nos ajudam a decifrar parcialmente aquilo que foi vivido por ela e que culminou em sua tentativa de suicídio.

Discussão

Na Fenomenologia como proposta por Husserl, é essencial a compreensão da mútua constituição entre sujeito e mundo e a consequente reconciliação entre o particular e o universal. Nesse movimento de reaproximação, o filósofo formula o conceito de mundo-da-vida que se refere ao mundo histórico e cultural, pré-científico, pré-reflexivo, nascido e estruturado no âmbito da intersubjetividade. Além disso, a Fenomenologia recoloca a experiência como elemento central para a constituição do eu-no-mundo evidenciando como o sujeito estrutura e é estruturado pelo seu mundo circundante (Rabelo, 2019). Ancorado em tais formulações, nosso trabalho se propôs a compreender a experiência de tentativa de suicídio a partir da vivência de uma pessoa que tentou suicídio considerando que esta vivência originariamente encontra-se interligada ao seu mundo histórico e cultural.

Ao analisarmos as tentativas de suicídio a partir do movimento realizado por Joana ao longo da entrevista, compreendemos que tais tentativas apareceram enquanto desfecho de um processo que aconteceu em um determinado contexto social, cultural e histórico. No relato da entrevistada, emergiram vivências de diversos acontecimentos que foram associados às suas tentativas de suicídio: término de relacionamento, negação por parte de familiares e o fato de sentir-se uma mulher fracassada.

Na ontologia dimensional proposta por Frankl (1946/2003), fundamentada no paradigma fenomenológico, a estrutura humana possui um caráter tridimensional pois apresenta: a dimensão somática, que compreende os fenômenos corporais; a dimensão psíquica, que abrange os condicionamentos, os afetos e os instintos; e a dimensão espiritual ou noológica, que diferencia o homem dos outros animais, ao permitir que se posicione perante sua condição psicofísica e lhe assegure o livre-arbítrio. Vale destacar que essas três dimensões, apesar de diferentes, não estão separadas ou isoladas, constituem uma unidade e são pertencentes umas às outras. Ao afirmar que pretende continuar vivendo independentemente de qualquer condição adversa ou pensamento, Joana evidencia tal estrutura humana na medida em que manifesta um posicionamento pessoal diante da sua condição psicofísica e/ou ambiental. Ou seja, ao se posicionar afirmando a vida mesmo diante do sofrimento, Joana efetiva aquilo que Frankl (1945/2008, 1946/2003, 1959/1978) nomeia como valores atitudinais que emergem exatamente desta possibilidade genuinamente humana de ser livre em quaisquer circunstâncias.

Frankl (1946/2003), ao refletir sobre o sentido da culpa, aponta que tal vivência pode apresentar um sentido existencial e ético na medida em que se configura como um sinal da liberdade e responsabilidade humanas. No relato de Joana, evidencia-se que a culpa emerge quando percebe o sofrimento da filha e se arrepende da tentativa de suicídio. Neste contexto, a culpa, assim como proposto por Frankl (1946/2003), é vivida quando ela toma consciência da própria responsabilidade perante a filha trazendo à tona sua condição de pes-



soa dotada de livre-arbítrio. Outra vivência citada por Joana que aponta para o sentido é o amor que ela nutre pela mãe e pelos filhos. Frankl (1945/2008, 1946/2003, 1959/1978) ressalta que o amor se caracteriza como uma das formas mais elevadas pelas quais a pessoa humana realiza o sentido da vida ao impulsional-a a ir além de si mesma e vislumbrar significado no outro. No relato de Joana ficou explícito o quanto o amor da mãe e dos filhos foi potencializador do seu movimento de desejar continuar vivendo mesmo em condições que poderia julgar adversas. Assim, podemos afirmar que Joana faz um movimento de reconhecimento de valores vivenciais encontrando sentido a partir do amor vivido pelos familiares.

Frankl (1945/2008, 1946/2003, 1959/1978) nos apresenta o conceito de noodinâmica que seria um dos grandes pilares da Logoterapia. Podemos definir noodinâmica como a tensão entre aquilo que a pessoa é e aquilo que poderia se tornar na medida em que há um sentido concreto a ser realizado. No caso de Joana, tal dinâmica existencial se manifesta quando ela percebe a mãe que é e aponta a mãe que deveria vir a ser. Aqui localizamos um movimento de tentativa de melhoria de si a partir da autotranscendência (direcionado aos filhos) quando ela se dá conta da própria responsabilidade no exercício da maternidade.

Frankl (1945/2008, 1946/2003, 1959/1978) apresenta a tríade sofrimento-culpa-morte (tríade trágica da existência) que designa três experiências humanas inevitáveis que confrontam a pessoa com sua condição existencial. É importante ressaltar que, para Frankl (1945/2008, 1946/2003, 1959/1978), tais realidades não anulam o sentido; pelo contrário, podem se tornar fontes privilegiadas de sentido, a depender da atitude pessoal adotada diante delas. Joana explicitamente se confronta com tal tríade na medida em que há o sofrimento pelo confronto com suas agruras existenciais (perdas, abandono, solidão, limites), culpa pela consciência de sua responsabilidade pelo sofrimento daqueles que ama e conscientização da morte como limite da sua condição de ser-no-mundo.

Sobre os impactos da condição de desemprego na subjetividade, temos que, segundo Dejours (2009), o trabalho pode ser elemento central para a formação da identidade e estabelecimento de laços sociais podendo repercutir diretamente na saúde mental daquele que o exerce. No que se refere a relações de gênero, por exemplo, pode possibilitar a superação das desigualdades, reverberando não somente na economia financeira, mas também na vida afetiva e sexual. Conforme Vasconcelos e Oliveira (2004), o trabalho produz sentido de inclusão social visto que a própria sociedade atribui valor aos que estão produzindo. Em pesquisa realizada com um grupo de pessoas desempregadas, Barbosa et al. (2021) identificaram que algumas significações recorrentes no grupo foram aquelas ligadas a sentimentos de perda e exclusão vivenciados na situação de desemprego, visto que a perda de rendimentos dificulta a manutenção das necessidades básicas da família, situação que leva essas pessoas a serem vistas pelo grupo familiar e social como improdutivas e culpadas. Frankl (1945/2008, 1946/2003, 1959/1978) nos apresenta o conceito de neurose de desemprego que seria uma modalidade de neurose noogênica (relacionada à dimensão espiritual) que ocorre quando o indivíduo, ao perder o trabalho, perde também a sensação de utilidade, o sentimento de valor pessoal e o sentido existencial ligado ao fazer cotidiano. Tal sofrimento emerge da identificação criada pelo indivíduo entre seu valor pessoal e sua função profissional e da vivência do trabalho como única fonte de sentido. No caso de Joana, estar desempregada e, assim, não possuir renda mostrou-se um elemento fortemente ligado à sua percepção de que era uma mulher fracassada. Joana sentia-se inútil ao não conseguir ajudar a filha no pagamento das despesas domésticas, sentia-se um peso para outras pessoas. Assim, diante de tudo que vivia, a condição de estar desempregada era mais um elemento vivido como gerador de sofrimento.

Dentro da elaboração de Joana, suas tentativas de suicídio apareceram enquanto ações relacionadas a uma possível saída para situações geradoras de sofrimento. Nas tentativas de suicídio, Joana não tinha como primeira finalidade a morte. Em um contexto de vida de grande desconforto, vislumbrava no suicídio uma possibilidade de libertação daquela condição. No momento em que concretizou a primeira tentativa, por exemplo, Joana disse que buscava no suicídio uma saída para o sofrimento que vivia pelo término do relacionamento, pela crítica de familiares e por sentir-se uma mulher fracassada.

Ao retomar tais elaborações da entrevistada, consideramos pertinente ressaltar o impacto da forma como ela vivia e elaborava seus relacionamentos pessoais vinculando-os à efetivação, ou não, das tentativas de suicídio. Tais relacionamentos atravessavam sua subjetividade e se constituíram como elementos de negação ou de afirmação da vida, configurando-se como potente fator de risco ou de proteção ao suicídio. Assim, Joana falou sobre o impacto emocional do término de seu relacionamento e das críticas que recebeu por parte de familiares. Em sentido oposto, apresentou o reconhecimento de relações interpessoais com pessoas que queriam ajudá-la e o vínculo afetivo com a mãe e os filhos como elementos cruciais em seu processo de retomada da vida. Relações interpessoais que demonstraram sua potência ao mobilizar a entrevistada a novas elaborações e posicionamentos constituindo-se como aspecto fundamental para negação de si ou afirmação da vida através da vivência de sentido.

Após retomar o valor dos relacionamentos com mãe e filhos, Joana faz o movimento de afirmar a vida nas mais diversas condições. Nessa direção, Lukas (1992) aponta que a descoberta de um sentido para a vida configura-se como importante elemento de prevenção ao ato suicida na medida em que se contrapõe a tal ato.

Numa vida vazia e sem sentido, falta o porquê de viver, e sem uma resposta para a pergunta “por que viver?”, também não há resposta para a pergunta “por que não morrer?”. (...) O conceito genérico de toda



prevenção de suicídios se condensa, assim, na presença de uma resposta disponível para toda pessoa, a qualquer hora, para a pergunta “para que viver?”. (Lukas, 1992, p. 190-191)

Em sentido análogo, Mahfoud (2018) aponta a radicalidade da pergunta “Vale a pena viver?” como questionamento que remete a pessoa humana a sua necessidade de descoberta de sentido. Nessa condição, emerge uma busca por resposta e não encontrá-la “pode ser tão exasperante a ponto de esvanecer os recursos pessoais para o enfrentamento dos desafios cotidianos e para a construção de vínculos interpessoais significativos” (Mahfoud, 2018, p. 423). Para Mahfoud (2018), é justamente esse posicionamento que possibilita ao sujeito humano se dar conta da provocação que se insinua na vida despertando-o para o reconhecimento do valor da própria vida. Assim a ideação suicida, na contramão desse movimento, poderia se configurar como alternativa para a ausência de concretização do percurso que levaria à descoberta de sentidos.

Sem sentido de vida, acaba-se por desejar a morte. Mesmo antes de se ter a chance de formular uma resposta pessoal à pergunta: “Vale a pena viver?”, a pessoa pode desistir da vida. (...) Em tal contexto de falta de sentido e falta de significado pessoal para o enfrentamento de adversidades cotidianas, a solução do suicídio nem mesmo aparece ao sujeito acompanhada por alguma resistência mais significativa (Mahfoud, 2018, p. 426).

Surpreendentemente, Joana redescobriu o valor da própria vida ao dar-se conta do que sua morte significaria para sua mãe e filhos. Desse movimento, emergiu uma resignificação radical da vida a ponto de afirmar que estaria disposta a viver em qualquer condição. Naquele momento dramático, Joana descobriu um sentido capaz de opor forte resistência ao desejo de morrer mesmo em condições adversas. Entendeu que viver vale a pena.

Considerações Finais

Em seu livro “Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração”, Viktor Frankl (1945/2008) relata a experiência de extremo sofrimento vivida nos três anos em que foi prisioneiro de campos de concentração nazistas. Ao longo do texto, retoma algumas vezes a máxima do filósofo alemão Friedrich Nietzsche: “Quem tem porque viver, suporta quase qualquer coisa”. A frase, repetida por Frankl (1945/2008), aponta para a liberdade humana na medida em que ressalta a possibilidade de se colocar de maneira afirmativa em relação à vida mesmo em condições extremamente adversas. Quando as pessoas descobrem um sentido, elas tendem a se posicionar de maneira a afirmar a vida mesmo diante das piores situações. Para Frankl (1945/2008, 1946/2003, 1959/1978), a descoberta de um sentido faz qualquer pessoa olhar de forma diferente a própria existência.

O movimento descrito por Joana ao longo da entrevista é capaz de reafirmar a potência da descoberta de um sentido para a vida como proposto por Frankl (1945/2008, 1946/2003, 1959/1978) ao elaborar as bases da Logoterapia. A entrevistada descreve o surgimento de um novo modo de olhar para si ao descobrir um sentido para a vida. No momento da entrevista, Joana demonstra clareza de que não pode erradicar totalmente os dissabores da sua existência, mas demonstra disposição para continuar vivendo seja a vida boa ou ruim. As elaborações de Joana apontam a descoberta de um sentido capaz de afirmar a vida mesmo em condições bastante adversas.

Referências

- Abreu, K. P., Lima, M. A. D. da S., Kohlrausch, E. & Soares, J. F. (2010). Comportamento suicida: fatores de risco e intervenções preventivas. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 12 (1), 195-200. Recuperado em novembro de 2024, de <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/9537>
- Ales Bello, A. (2004). *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião*. (M. Mahfoud & M. Massimi, Trans.). Bauru: EDUSC.
- Angerami, V. A. (2019). O desespero da noite de Natal. In: V. A. Angerami (Org.), *Suicídio e suas interfaces: o ardiloso emaranhado da autodestruição* (p. 11-41). Belo Horizonte: Artesã.
- Aquino, T. A. A. de. (2009). *Atitudes e intenções de cometer suicídio: seus correlatos existenciais e normativos* (Tese de doutorado em Psicologia Social). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Barbosa, E. A. G., Moura, A. R., Schlindwein, V. de L. D. C., Cruz, J. P. da, Silva, M. O. da & Santos, R. F. R. (2021). Grupo de apoio psicológico aos trabalhadores em situação de desemprego. *Psicologia: ciência e profissão*, 41, p. 1-13.
- Barreira, C. R. A. & Ranieri, L. P. (2013). Aplicação de contribuições de Edith Stein à sistematização de pesqui-



- sa fenomenológica em psicologia: a entrevista como fonte de acesso às vivências. In: M. Mahfoud & M. Massimi (Org.), *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa* (p. 449-466). Belo Horizonte: Artesã.
- Botega, N. J. (2014). Comportamento suicida: epidemiologia. *Revista Psicologia USP*, 25 (3), p. 231-36.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2006). *Prevenção do suicídio: Manual dirigido a profissionais das equipes de saúde mental*. Brasília, DF: Ministério da Saúde.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2017). *Boletim Epidemiológico de Tentativas e Óbitos por Suicídio no Brasil*. Brasília: Ministério da Saúde. Recuperado em Novembro de 2024, de <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/2017-025-Perfil-epidemiologico-das-tentativas-e-obitos-por-suicidio-no-Brasil-e-a-rede-de-atencao-a-saude.pdf>
- Cardoso, H. F., Baptista, M. N., Ventura, C. D., Branão, E. M., Padovan, F. D. & Gomes, M. A. (2012). Suicídio no Brasil e América Latina: revisão bibliométrica na base de dados Redalycs. *Diaphora*, 12 (2), p. 42-8.
- Durkheim, E. (2000). *O suicídio: estudo de sociologia*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1897)
- First, B. M., Frances, A., & Pincus, H. A. (2004). *Manual de diagnóstico diferencial do DSM-IV-TR*. Porto Alegre: Artmed.
- Frankl, V. E. (2008). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Petrópolis: Vozes. (Originalmente publicado em 1945)
- Frankl, V. E. (1978). *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1959)
- Frankl, V. E. (2003). *Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos de logoterapia e análise existencial* (4a. ed.). São Paulo: Quadrante. (Originalmente publicado em 1946)
- Freud, S. (1969). *Luto e melancolia* (J. O. de A. Abreu, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1917)
- Gaspar, Y. E. (2014). *Unidade na diversidade: Investigação fenomenológica de experiências de encontro inter-religioso* (Tese de Doutorado em Psicologia Social). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Gatti, P. V. & Mendes, A. I. F. (2020). As Contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental para a Prevenção do Suicídio em Pacientes com Depressão: Revisão Narrativa. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 16 (1), p. 19-25.
- Gay, P. (1999). *Freud: uma vida para o nosso tempo* (D. Bottmann, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Kaplan, H. I., Sadock, B. J., & Grebb, J. A. (1997). *Compêndio de Psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica*. São Paulo: Artmed.
- Landsberg, P. L. (2009). *Ensaio sobre a experiência de morte e outros ensaios* (E. S. Abreu, E. Aguiar & C. Benjamim, Trans.). Rio de Janeiro: Contraponto. (Originalmente publicado em 1946)
- Leite, R. V. & Mahfoud, M. (2010). Contribuciones de la fenomenología a la investigación sobre la cultura popular y la educación. *Krinein*, 07, p. 127-150.
- Lukas, E. (1992). *Assistência logoterapêutica*. Petrópolis: Vozes.
- Maciel, S. C. & Pontes, A. de M. (2019). Pacientes com HIV/AIDS e ideação suicida: resgatando o sentido na vida através da logoterapia e análise existencial. In: V. A. Angerami (Org.). *Suicídio e suas interfaces: o ardiloso emaranhado da autodestruição* (p. 249-69). Belo Horizonte: Artesã.
- Mahfoud, M. (1989). O eu, o outro e o movimento em formação. In: Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), *Anais da XIX Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia* (p. 545-549).
- Mahfoud; M. (2018). Vale a pena viver? A pergunta radical requer resposta pessoal. In: V. A. Angerami (Org.), *Sobre o suicídio: A psicoterapia diante da autodestruição* (p. 423-33). Belo Horizonte: Artesã.
- Mahfoud, M. (2019). Suicídio versus encontro interpessoal: luzes e sombras no processo psicoterápico. In: V.



- A. Angerami (Org.), *Suicídio e suas interfaces: o ardiloso emaranhado da autodestruição* (p. 391-403). Belo Horizonte: Artesã.
- Marback, R. F. & Pelisoli, C. (2014). Terapia cognitivo-comportamental no manejo da desesperança e pensamentos suicidas. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 10 (2), p. 122-129.
- Oliveira, A. J. A. de, Leite, R. V. & Gaspar, Y. E. (2021). Vivências e Elaboraões Sobre a Tentativa de Suicídio na Adolescência: Estudo de Caso Fenomenológico. *Revista Psicologia e Saúde*, 13 (2), p. 19-32.
- Organização Mundial da Saúde. (2000). *Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da saúde em atenção primária*. Genebra: Departamento de Saúde Mental.
- Poldinger, W. (1969). *La tentativa al suicidio: estudio medico-psicológico y medico sociológico*. Madri: Morais S. A.
- Rabelo, E. A. (2019). *A morte de si por escrito: análise fenomenológica de cartas e bilhetes deixados por pessoas que se mataram* (Tese de Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Rocha, M. A. S. da, Boris, G. D. J. B. & Moreira, V. (2012). A experiência suicida numa perspectiva humanista-fenomenológica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 18 (1), p. 69-78.
- Sena, D. P. A. de & Penso, M. A. (2019). Por que os nossos jovens se matam? In: V. A. Angerami (Org.), *Suicídio e suas interfaces: o ardiloso emaranhado da autodestruição* (p. 271-91). Belo Horizonte: Artesã.
- Sousa, G. S. de. (2019). Atuação do enfermeiro no comportamento suicida. In: ANGERAMI, V. A. (Org.), *Suicídio e suas interfaces: o ardiloso emaranhado da autodestruição* (p. 63-72).
- Turecki, G. (1999). O suicídio e sua relação com o comportamento impulsivo-agressivo. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 21, p. 18-21.
- Van der Leeuw, G. (1964). *Fenomenología de la religión*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Vasconcelos, Z. B. & Oliveira, I. D. (2004). *Orientação vocacional: Alguns aspectos teóricos, técnicos e práticos*. São Paulo: Vetor.

Recebido em 15.12.2024 – Primeira Decisão Editorial em 23.12.2025 – Aceito em 20.01.2026



A PSICOTERAPIA DAS ALTURAS: A REVOLUÇÃO ANTROPOLÓGICA DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL NA PSICOTERAPIA VIENENSE

The Psychotherapy of Heights: The Anthropological Revolution of Logotherapy and Existential Analysis in Viennese Psychotherapy

La Psicoterapia de las Alturas: La Revolución Antropológica de la Logoterapia y el Análisis Existencial en la Psicoterapia Vienesa

VALDIR BARBOSA LIMA NETO*

ADRIANO FROTA LIMA**

DOI: <https://doi.org/10.62506/qsynb537>

Resumo: A Logoterapia, desenvolvida por Viktor Frankl, consolidou-se como a terceira escola vienense de psicoterapia, ao lado da Psicanálise de Sigmund Freud e da Psicologia Individual de Alfred Adler. Diferenciando-se dessas abordagens, a Logoterapia enfatiza a dimensão existencial e espiritual do ser humano, destacando a "vontade de sentido" como o principal motivador da vida. Este artigo revisa a genealogia histórica da Logoterapia, situando-a no contexto da Psicologia Profunda e explorando suas inovações teóricas e práticas. O conceito de "psicoterapia das alturas" é discutido como uma integração entre as profundezas psíquicas e as alturas noéticas, que abarcam os valores e significados fundamentais para a existência humana. Frankl criticava as abordagens psicoterapêuticas que desumanizavam o paciente, tratando-o apenas como um objeto de análise, e propôs uma visão tridimensional do ser humano, que integra as dimensões somática, psíquica e espiritual. Ao introduzir a dimensão noética na clínica, a Logoterapia promove uma abordagem ética e metodológica que humaniza a prática psicoterapêutica, ampliando as possibilidades de tratamento para frustrações e vazios existenciais. Conclui-se que a Logoterapia oferece uma verdadeira revolução antropológica no campo da psicoterapia, apresentando-se como uma proposta integral e transformadora para o cuidado em saúde mental.

Palavras-chave: Logoterapia, psicoterapia das alturas, valores, antropologia, humanização.

Abstract: Logotherapy, developed by Viktor Frankl, established itself as the third Viennese school of psychotherapy, alongside Sigmund Freud's Psychoanalysis and Alfred Adler's Individual Psychology. Differing from these approaches, Logotherapy emphasizes the existential and spiritual dimensions of the human being, highlighting the "will to meaning" as life's primary motivator. This article reviews the historical genealogy of Logotherapy, situating it within the context of Depth Psychology and exploring its theoretical and practical innovations. The concept of "psychotherapy of heights" is discussed as an integration between the psychic depths and the noetic heights, encompassing values and fundamental meanings for human existence. Frankl criticized psychotherapeutic approaches that dehumanized the patient, treating them solely as an object of analysis, and proposed a three-dimensional view of the human being, integrating the somatic, psychic, and spiritual dimensions. By introducing the noetic dimension into clinical practice, Logotherapy promotes an ethical and methodological approach that humanizes psychotherapeutic practice, expanding treatment possibilities for existential frustrations and voids. It is concluded that Logotherapy offers a true anthropological revolution in the field of psychotherapy, presenting itself as a comprehensive and transformative proposal for mental health care.

Keywords: Logotherapy, psychotherapy of heights, values, anthropology, humanization.

Resumen: La Logoterapia, desarrollada por Viktor Frankl, se consolidó como la tercera escuela vienesa de psicoterapia, junto al Psicoanálisis de Sigmund Freud y la Psicología Individual de Alfred Adler. A diferencia de estos enfoques, la Logoterapia enfatiza la dimensión existencial y espiritual del ser humano, destacando la "voluntad de sentido" como el principal motivador de la vida. Este artículo revisa la genealogía histórica de la Logoterapia, situándola en el contexto de la Psicología Profunda y explorando sus innovaciones teóricas y prácticas. El concepto de "psicoterapia de las alturas" se discute como una integración entre las profundidades psíquicas y las alturas noéticas, que abarcan los valores y significados fundamentales para la existencia humana. Frankl criticaba los enfoques psicoterapéuticos que deshumanizaban al paciente, tratándolo únicamente como un objeto de análisis, y propuso una visión tridimensional del ser humano, que integra las dimensiones somática, psíquica y espiritual. Al introducir la dimensión noética en la clínica, la Logoterapia promueve un enfoque ético y metodológico que humaniza la práctica psicoterapéutica, ampliando las posibilidades de tratamiento para frustraciones y vacíos existenciales. Se concluye que la Logoterapia ofrece una verdadera revolución antropológica en el campo de la psicoterapia, presentándose como una propuesta integral y transformadora para el cuidado de la salud mental.

Palabras clave: Logoterapia, psicoterapia de las alturas, valores, antropología, humanización.

* Instituto Sherpa. Fortaleza, Ceará, Brasil. Email: limaneto.vb@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-6263-2344>

** Instituto Sherpa. Fortaleza, Ceará, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-0530-4171>



Introdução

A Logoterapia e Análise Existencial (LAE), criada pelo psiquiatra e neurologista Viktor Frankl, emergiu como a terceira escola vienense de psicoterapia na década de 1930, ao lado da Psicanálise de Sigmund Freud e da Psicologia Individual de Alfred Adler. Esses pensadores inauguraram a chamada Psicologia Profunda, uma perspectiva que se contrapunha à psicologia experimental da escola de Leipzig, liderada por Wilhelm Wundt. Enquanto a psicologia experimental partia do estudo do organismo humano e sua fisiologia como base para compreender emoções e consciência, a Psicologia Profunda deslocou a cena da investigação do laboratório para o centro da prática clínica, enfocando o inconsciente e a dimensão dos significados na psique humana como campo de estudos e prática (Shamdasani, 2011). Essa abordagem revolucionou o estudo da subjetividade e abriu novas possibilidades para a escuta e a intervenção terapêuticas.

Frankl (2021), como herdeiro dessa tradição vienense, reconheceu o valor das contribuições da Psicologia Profunda, mas buscou ir além de seus limites.

Qualquer novo desenvolvimento psicoterápico deve necessariamente estar fundamentado na psicanálise e na psicologia individual. É nosso estrito dever ter em mente esses fundamentos. No entanto, o terreno sobre o qual eles foram fixados tem suas limitações. Por mais alta que seja essa estrutura, temos o dever e o privilégio de construir outros andares sobre suas fundações (Frankl, 2021, p.191).

O pai da Logoterapia se diferenciou dos “psicólogos das profundezas” ao propor um deslocamento da atenção exclusiva às pulsões inconscientes e aos desejos anímicos, integrando a dimensão existencial e espiritual do ser humano em sua prática clínica. Frankl não reivindicava para si o título de fundador de uma nova escola psicoterapêutica. Como ele mesmo afirmou: “Eu mesmo não me coloco, de maneira alguma, no mesmo patamar que Adler e Freud. A expressão ‘terceira corrente da psicoterapia’ não veio de mim, mas de Wolfgang Soucek; sempre pensei a logoterapia como um complemento, mas não como um substituto para a psicoterapia” (Frankl, 2012, p. 261-262). Sua proposta nasceu como um desdobramento crítico — e ao mesmo tempo integrador — da psicologia profunda, buscando reformular a imagem de ser humano que sustentava as práticas psicoterapêuticas de sua época.

Essa trajetória teórica e prática representou uma transformação significativa na psicoterapia, ao configurar um projeto de construção de uma antropologia para o campo psicoterapêutico, ou seja, transformar o modo de ver o paciente no campo da clínica. Frankl se afastou do modelo tradicional da Psicologia Profunda, marcado pelas tradições freudianas e adlerianas, e direcionou-se para uma psicoterapia de inspiração fenomenológica e existencial. Em suas experiências clínicas e estudos, desenvolveu uma abordagem inovadora, denominada “psicoterapia das alturas”. Essa proposta ampliou o olhar clínico ao integrar a dimensão biológica, enfatizada pela psicologia experimental e comportamental, e a dimensão psíquica, abordada pela Psicologia Profunda, com as “alturas” dos valores, ideais e significados que compõem a dimensão existencial do paciente. Essa concepção oferece uma visão integrada do ser humano, contemplando suas dimensões somática, psíquica e espiritual ou noética.

A compreensão dessa perspectiva exige uma análise detalhada de como Frankl concebeu a interação entre as “profundezas” psíquicas e as “alturas” noéticas, promovendo uma reformulação antropológica na psicoterapia e operando uma transformação nas lentes clínicas. Ao incluir os valores e os sentidos como aspectos centrais da prática, a Logoterapia previne reducionismos e amplia as possibilidades terapêuticas, especialmente no tratamento de frustrações e vazios existenciais.

Este artigo explora a genealogia histórica da Logoterapia, destacando suas inovações em relação à Psicologia Profunda e as implicações práticas de sua proposta como uma “psicoterapia das alturas”. O objetivo é enfatizar o significado de uma prática psicoterapêutica que se dirige às alturas, contextualizando historicamente o nascimento da Logoterapia e Análise Existencial e apresentando as escolas vienenses que influenciaram seu desenvolvimento. Para tanto, utilizou-se uma revisão de literatura integrativa, contemplando textos clássicos de Viktor Frankl traduzidos para o português, abrangendo escritos de 1938 até os anos 1970, bem como obras de Freud e Adler, além de comentadores e epistemólogos da psicologia. Assim, pretende-se contribuir para uma compreensão mais ampla e aplicada da Logoterapia, ressaltando sua relevância na prática clínica contemporânea e sua capacidade de abordar os desafios existenciais do ser humano.



1. As Escolas de Psicoterapia Vienenses: Prelúdios da Clínica Psicológica Moderna

Viktor Emil Frankl nasceu em Viena, Áustria, em 1905, cidade amplamente reconhecida como berço da psicologia clínica e da psicoterapia moderna. Foi em Viena que se consolidaram os primeiros tratamentos e saberes clínicos voltados ao psiquismo humano, marcando uma mudança nos paradigmas da medicina ocidental e ampliando as fronteiras da compreensão da mente no início do século XX. Entre esses avanços, a Psicanálise, desenvolvida por Sigmund Freud, destacou-se como o alicerce de uma nova forma de abordar o sofrimento humano, desvinculando-se das perspectivas exclusivamente orgânicas ou moralistas predominantes na época (Moreira, Romagnoli & Neves, 2007).

A ciência psicológica, contudo, teve suas raízes em outra tradição. Em 1879, Wilhelm Wundt fundou, em Leipzig, o primeiro laboratório experimental de psicologia, formalizando a disciplina como uma ciência objetiva. Sob forte influência do paradigma das ciências naturais e do modelo biomédico, Wundt e seus contemporâneos buscavam compreender a mente humana por meio de métodos experimentais, estabelecendo uma abordagem que relacionava os fenômenos psicológicos aos processos fisiológicos. Inspirado pela "psicofisiologia" de Gustav Fechner, Wundt consolidou uma psicologia voltada para a objetividade, utilizando métodos que conectam o funcionamento biológico aos fenômenos mentais (Figueiredo & Santi, 2008).

A psicologia experimental tinha como propósito superar as especulações filosóficas e encontrar na biologia, fisiologia e neurologia os fundamentos para uma ciência da subjetividade. Contudo, suas limitações tornaram-se evidentes ao lidar com o que era conhecido como "moléstias dos nervos", como a histeria, um quadro sem causa orgânica identificável. Na tentativa de tratar essas condições, métodos invasivos, como choques elétricos, banhos gelados e contenções físicas, eram frequentemente utilizados, reforçando a visão organicista predominante na época (Foucault, 2008). Esse fiscalismo extremo não só desumaniza os pacientes, mas também negligenciava aspectos fundamentais da experiência humana.

A histeria, amplamente diagnosticada entre mulheres na Europa dos séculos XIX e XX, desafiava a lógica biomédica. Seus sintomas físicos, como cegueira, surdez ou paralisias, careciam de causas orgânicas claras, evidenciando uma lacuna no entendimento médico da época. Na ausência de explicações biológicas, muitos médicos atribuíram esses quadros a fingimento ou fraquezas morais, perpetuando uma abordagem reducionista e moralista sobre o sofrimento psíquico.

Foi nesse cenário que Freud, médico e neurologista, iniciou sua revolução. Inquieto com a inadequação das explicações e intervenções médicas vigentes, Freud direcionou seus esforços para uma investigação mais profunda da mente humana. Ele desenvolveu uma nova metodologia que não dependia de intervenções físicas, mas sim de uma escuta atenta e de uma análise dos conteúdos inconscientes. Essa abordagem marcou o nascimento da Psicologia Profunda, inaugurando um novo olhar sobre o psiquismo e os significados subjacentes à experiência humana (Foucault, 2006).

Inspirada por Freud, a Psicologia Profunda contrastava em método e propósito com a psicologia experimental. Enquanto esta última se concentrava nos processos conscientes e na introspecção, a Psicologia Profunda mergulhava nas "profundezas" da psique, explorando o inconsciente como um campo de significados ocultos que influenciavam a vida mental e emocional. O termo foi cunhado por Eugen Bleuler, psiquiatra e colaborador de Freud, para destacar essa abordagem inovadora que se diferenciava radicalmente das tentativas de estudar a mente de maneira objetiva e fisiológica (Jung, 2012).

A Psicanálise e a Psicologia Profunda, além de trazerem uma nova compreensão sobre o inconsciente, abriram caminho para que a psicologia se afastasse do paradigma exclusivamente organicista, promovendo uma visão mais integrada e complexa do ser humano. Não é exagero afirmar que Freud inaugurou um "segundo nascimento" da psicologia, ou mesmo o nascimento da psicologia clínica, consolidando-a como uma ciência voltada para os significados da experiência humana, em oposição à visão reducionista que predominava até então. Essa ruptura metodológica e epistemológica estabeleceu as bases para o desenvolvimento de novas abordagens, como a Psicologia Individual de Alfred Adler e, posteriormente, a Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl, que ampliaram ainda mais os horizontes da prática psicoterapêutica.

2. Surgimento da Psicanálise: A Primeira Escola de Psicoterapia Vienense

No final do século XIX, Sigmund Freud deu início a seus estudos sobre métodos "alternativos" para compreender e tratar as neuroses, com foco especial na histeria. Durante suas investigações, explorou a hipnose como técnica terapêutica, método que vinha sendo desenvolvido por Jean-Martin Charcot, bem como estudou as teorias sobre o inconsciente e a teoria do trauma de Pierre Janet, ambos da escola psiquiátrica francesa. Esses pesquisadores já trabalhavam com a ideia de conteúdos ocultos nas profundezas da mente, contribuindo para que Freud avançasse e consolidasse sua teoria psicanalítica, especialmente no que diz respeito ao protagonismo do inconsciente na vida mental (Foucault, 2021).

Freud observou, em suas práticas clínicas, que os sintomas histericos frequentemente estavam associados a traumas da infância das pacientes, envolvendo temáticas de conotações sexuais e eróticas. Esses traumas



mas, fossem eles factuais ou fantasiosos, tinham efeitos reais sobre a subjetividade dos pacientes, levando Freud a concentrar sua atenção na realidade psíquica. Ele deslocou, assim, o foco do tratamento clínico das disfunções orgânicas para a vivência subjetiva e os significados atribuídos à experiência individual. Essa mudança marcou o início de uma nova compreensão do sofrimento humano, destacando o papel central da interpretação simbólica e dos afetos reprimidos na constituição dos sintomas (Goldberg, 2021).

Ao explorar as dinâmicas subjacentes às experiências vividas, Freud desenvolveu a concepção de uma dimensão não reflexiva no ser humano: o inconsciente. Essa esfera subjetiva, regida por afetos e pulsões, atua de maneira invisível, moldando ações, desejos e comportamentos. Freud identificou um "conflito mascarado" dentro de cada indivíduo, no qual mecanismos psíquicos trabalham para reprimir ideias e desejos inconscientes que conflitam com a imagem moral e social consciente.

Para Freud (2017), todos os sujeitos são atravessados por contradições e tensões internas, o que oferece uma rica chave para a compreensão das neuroses e outras "doenças nervosas" que intrigavam a psiquiatria do século XIX. O objetivo central da psicanálise era, portanto, promover uma tomada de consciência desses conteúdos inconscientes, ajudando o paciente a integrar os elementos reprimidos e a lidar com os sintomas de maneira mais saudável. Como afirmou Freud:

Formulamos como sendo a nossa tarefa médica levar o doente neurótico a conhecer as emoções recalçadas e inconscientes existentes dentro dele e, para esse fim, revelar as resistências que nele atuam contra tais ampliações do conhecimento sobre sua própria pessoa (Freud, 2017, p. 200).

Freud desafiou as concepções predominantes da época, que privilegiavam a razão e a moral como centrais à humanidade, ao argumentar que esses valores são secundários em relação aos instintos e desejos humanos primordiais. Sua abordagem colocou em xeque a visão cartesiana do ser humano como essencialmente racional, revelando o protagonismo do inconsciente na formação da subjetividade.

A psicanálise também introduziu uma nova perspectiva energética para o psiquismo humano. Freud posicionou a questão erótica no centro da constituição da subjetividade, entendendo o ser humano como animado por uma energia vital que cria tensões intrapsíquicas, as quais precisam ser aliviadas por meio de relações com objetos ou pessoas. Essa dinâmica, regida pelo chamado princípio do prazer, explica a busca constante pela redução de tensões internas e pelo alívio do desconforto emocional.

Em síntese, Freud demonstrou que a repressão de impulsos eróticos e afetos, frequentemente relacionada a conflitos inconscientes, gera tensões que podem se manifestar em sintomas patológicos. O processo terapêutico, então, consistia em trazer esses conteúdos reprimidos à consciência, permitindo que o paciente se reconciliasse com seus próprios desejos e conflitos internos.

Pela primeira vez, a atividade clínica focava-se no discurso do paciente, retirando do centro da prática os exames biológicos e intervenções físicas. Freud transformou a prática psiquiátrica ao enfatizar a interpretação simbólica, os significados subjetivos e a biografia individual como elementos fundamentais para a compreensão dos fenômenos humanos.

Pela psicanálise reconhecemos que os destinos da libido são decisivos para a saúde ou para a doença nervosa. [...] Foi justamente a investigação psicanalítica que nos possibilitou demonstrar que a predisposição neurótica reside na história do desenvolvimento da libido (Freud, 2016, p. 70).

A publicação de *A Interpretação dos Sonhos* (1900/1901) marcou formalmente o nascimento da psicanálise como a primeira escola de psicoterapia moderna. Em pouco mais de uma década, a psicanálise já havia se espalhado pelos principais centros intelectuais do mundo ocidental, influenciando profundamente o campo das ciências humanas e médicas. Esse crescimento também gerou dissidências significativas, como a fundação da Psicologia Individual por Alfred Adler, em 1911, que representou a segunda grande escola de psicoterapia vienense.

3. Adler e a Psicologia Individual: A Segunda Escola de Psicoterapia Vienense

Alfred Adler, médico psiquiatra e um dos membros fundadores da Sociedade Psicanalítica de Viena, esteve ao lado de Freud nos primeiros grupos de estudo dedicados à Psicanálise. Contudo, ao longo de uma década de colaboração, Adler começou a questionar aspectos fundamentais da teoria freudiana, especialmente no que se refere à etiologia sexual das neuroses. Enquanto Freud atribuía à libido de origem erótica o papel central na constituição do psiquismo, Adler propôs uma visão alternativa, concebendo a tensão intrapsíquica como uma força de superação e potência que move o ser humano em direção à superioridade na vida (Handlbauer, 2020).

A Psicologia Individual, como ficou conhecida sua abordagem, emergiu das discordâncias com Freud e foi influenciada tanto pelo pensamento marxista quanto pelo niilismo filosófico de Nietzsche (Jung, 2012). Adler desenvolveu uma psicologia profunda voltada para o social, marcando um afastamento do determinismo biológico e sexual de Freud, ao enfatizar o papel da comunidade e da cooperação social na formação da psique.



Adler argumentava que a condição humana é marcada pela fragilidade e dependência desde o nascimento. O ser humano, em sua condição inicial, é incapaz de sobreviver sem o cuidado de outros, o que revela uma inferioridade orgânica intrínseca e o liga a um instinto gregário fundamental. A necessidade de convivência em comunidade é, segundo Adler, a base para o desenvolvimento do psiquismo humano.

Toda a escala zoológica nos demonstra a lei fundamental de que as espécies, cujos membros são incapazes de arrostar a luta pela sua própria conservação, buscam na vida gregária recursos eficazes para preservá-la (Adler, 1957, p. 39).

Esse sentimento de inferioridade, que surge nos primeiros anos de vida, é um dos pilares da teoria adleriana. A percepção da fragilidade intrínseca leva o indivíduo a buscar sua superação, criando um impulso que Adler chamou de *vontade de superioridade*. Essa força motriz impulsiona o ser humano a alcançar metas futuras, superar desafios e desenvolver um estilo de vida único. Adler entendia o psiquismo como profundamente teleológico: toda ação humana está orientada por uma finalidade ou objetivo que busca dar sentido às experiências de vida.

Adler também destacou a relação indissociável entre a dimensão social e a individualidade. Para ele, a vida psíquica se desenvolve em um constante equilíbrio entre o desejo de afirmação individual e a necessidade de cooperação com o grupo. O sentimento de comunidade é visto como essencial para o crescimento saudável do indivíduo e a superação das neuroses. “Desde que uma pessoa lute pela superioridade, temperando-a com o interesse social, está vivendo do lado útil da vida e pode realizar algo com acerto. Mas, se carecer de interesse social, não estará realmente preparada para a solução dos problemas da vida” (Adler, 1956, p. 70).

A neurose, segundo Adler (1957), é entendida como uma forma disfuncional de lidar com o sentimento de inferioridade. Em vez de buscar uma integração saudável com o ambiente social, o indivíduo neurótico recorre a estratégias de compensação que exacerbam o isolamento e o egoísmo. A Psicologia Individual propõe a reorientação desses padrões, ajudando o paciente a encontrar um propósito de vida que esteja alinhado tanto com suas metas pessoais quanto com as necessidades de sua comunidade. Na leitura do próprio Frankl:

De acordo com a psicologia individual, em certa medida todo ser humano sofre de um sentimento de inferioridade. E isso pela simples condição humana, ou seja, de um ser que nas primeiras etapas de sua vida, mais do que o animal, é por completo dependente da ajuda dos outros, dos adultos, dos pais. Mas o sentimento de inferioridade comum da criança normal é superado, é ajustado, ou conforme a psicologia individual o expressa, é compensado por uma natural aspiração por segurança no contexto da Comunidade humana (Frankl, 2018, p.33).

Adler também desenvolveu um conceito central para sua abordagem: o *protótipo de vida*. Desde a infância, o indivíduo cria um modelo mental de como superar suas vulnerabilidades e alcançar seus objetivos. Esse protótipo guia inconscientemente o desenvolvimento da personalidade e das relações sociais ao longo da vida. Para Adler, o papel do terapeuta é identificar e trabalhar com esse protótipo, ajudando o paciente a redefinir suas metas de forma mais funcional e integrativa. “Em cada espírito existe um conceito de finalidade ou ideal a ser atingido, situado além das condições atuais, um desejo de vencer as deficiências e dificuldades do presente, expressos na elaboração de um objetivo concreto no futuro” (Adler, 1956, p. 33).

A prática clínica adleriana é marcada por sua abordagem diretiva e interativa. A Psicologia Individual adota uma metodologia de traço psicoeducativo, com ênfase na análise do estilo de vida, nos padrões de comportamento e nos traços de caráter dos pacientes. Adler também dedicou atenção ao trabalho com famílias, acreditando que a prevenção de distúrbios psíquicos deve começar na infância, por meio da educação e do fortalecimento das relações interpessoais.

A segunda escola de psicoterapia vienense radicalizou a rejeição ao determinismo biológico ao enfatizar a natureza social do ser humano e sua busca por sentido. Enquanto Freud via o indivíduo como movido por instintos eróticos e em constante tensão com o mundo, Adler entendia o ser humano como um ser gregário, cujo crescimento pessoal está intrinsecamente ligado à comunidade (Adler, 1956).

Por fim, Adler abriu caminho para uma psicologia mais voltada para as questões sociais e para a integração do indivíduo em seu meio. Sua teoria ofereceu uma nova perspectiva para a prática psicoterapêutica, centrando-se na superação das dificuldades pessoais por meio de metas que transcendem a individualidade e servem ao bem comum. Essa visão seria posteriormente complementada por Viktor Frankl, que introduziu a dimensão espiritual e noética na tradição vienense, consolidando a terceira escola de psicoterapia.

4. A Terceira Escola de Psicoterapia Vienense: Um Compimento ao Campo da Psicoterapia

Quem poderia falar de psicoterapia sem mencionar Freud e Adler? E, em se tratando da psicoterapia, quem poderia deixar de partir da psicanálise e da psicologia individual para depois e sempre a elas se



referir? [...] A obra de seus criadores impõe-se ao nosso pensamento na história da psicoterapia, sem que dela possamos prescindir. Ainda que se trate de ultrapassar os princípios da psicanálise e da psicologia individual, continua válida a sua doutrina como base das investigações (Frankl, 2016, P.31)

Ao longo das primeiras duas décadas do século XX, psicanálise e psicologia individual consolidaram-se como as duas grandes escolas de psicoterapia vienense. A Logoterapia e Análise Existencial (LAE), criada por Viktor Frankl, surgiu como a terceira escola de psicoterapia vienense, consolidando-se não como uma ruptura, mas como um complemento às tradições psicanalítica e adleriana. Frankl, que iniciou seus estudos ainda na adolescência com um precoce envolvimento com a psicanálise e correspondência com Freud, acabou encontrando maior afinidade nos Círculos da Psicologia Individual. No entanto, tanto a psicanálise quanto a psicologia adleriana seriam alvo de suas reflexões críticas, especialmente no que se refere ao reducionismo que ambas, em sua visão, apresentavam em relação ao ser humano.

Apesar de reconhecer os avanços dessas escolas, Frankl identificava nelas um ponto cego: tanto a psicanálise quanto a psicologia individual, embora tivessem superado o reducionismo biologicista da psiquiatria do século XIX e aberto novos caminhos para a escuta da alma, pareciam estancar numa compreensão exclusivamente psicodinâmica do ser humano.

Para Frankl, as abordagens da psicologia profunda fundamentavam-se em forças inconscientes e mecanismos compensatórios que, com essa delimitação estrita, acabavam por reduzir a subjetividade humana a um sistema mecânico de autorregulação psíquica. Isso resultava numa leitura clínica que culminava numa explicação do paciente redutível a dinâmicas mecânicas e energéticas de seu psiquismo. Sobre o efeito desse entendimento na psicanálise, ele afirma:

[...] a psicanálise não somente adotou a objetividade, mas sucumbiu a ela. A objetividade finalmente levou à objetificação ou coisificação, isto é, fez do ser humano uma coisa. A psicanálise vê o paciente como sendo regido por mecanismos, e o terapeuta como aquele que sabe lidar com tais mecanismos. Ele é a pessoa que conhece a técnica de consertar esses mecanismos quando defeituosos. (Frankl, 2007, p. 14)

Na leitura frankliana, a alma humana vinha sendo reduzida pela psicologia profunda a um sistema fechado, regido por impulsos em busca de alívio ou equilíbrio. Essa concepção negligenciava a possibilidade de o ser humano agir com liberdade e realizar atos movidos por intenções genuínas, afinal, para ela todo ato do sujeito era oriundo de desejos que sempre visavam à satisfação pulsional inconsciente.

Na ânsia de desvelar os mecanismos inconscientes dos sintomas, a psicoterapia das profundezas arriscava-se a reduzir todos os atos humanos a movimentos centrados no próprio sujeito, interpretando toda ação como derivada do mundo pulsional e de suas necessidades internas, não havendo possibilidade de relação, de correspondência e inter-afetação no contato direto da pessoa com o mundo e com a alteridade.

Para Frankl(2019), essa atitude não saía ilesa, cobrava um preço e resultava em uma série de consequências em vários níveis, sobretudo de proporções antropológicas! Eis a chave de leitura pela qual Frankl irá analisar criticamente as psicoterapias de seu tempo: o prisma dos efeitos na visão de humano que teorias produzem e como conduzem o relacionamento com os pacientes. Foi essa crítica que o levou a afirmar que toda psicoterapia, consciente ou não, possui uma teoria antropológica e uma filosofia de vida subjacente: “Não há psicoterapia que não contenha uma teoria antropológica e uma filosofia de vida subjacente. Intencionalmente ou não, a psicoterapia se funda nesses dois eixos” (Frankl, 2010, p. 25).

Assim, na visão de Frankl, toda escola psicoterápica, ao atuar sobre o sofrimento humano, projeta implicações antropológicas que repercutem para além do consultório. Ou seja, inevitavelmente, uma clínica psicoterápica terá efeitos metaclínicos e implicações valorativas para além das quatro paredes de sua clínica. Frankl buscava superar essas limitações ao propor uma nova visão antropológica para a psicoterapia, integrando não apenas o biológico e o psíquico, mas também o espiritual. Para ele, era fundamental resgatar o ser humano enquanto um ser dotado de liberdade, responsabilidade e valores, evitando sua redução a meros mecanismos intrapsíquicos.

Mas por trás da interpretação da psicologia em termos de mera técnica espreita o cinismo. É verdade que vemos o terapeuta como simples técnico somente se, primeiro, virmos o paciente como um tipo de máquina. Somente um *homme machini*, diria eu, precisa de um *médecin* technicien. (Frankl, 2007, p. 14)

Toda essa reflexão fermenta e tensiona as ideias do jovem Viktor, especialmente diante de novos encontros e interlocuções que teve em sua formação, ainda na passagem pela psicologia individual. Nos círculos adlerianos, Frankl acaba se aproximando de duas figuras que se tornaram decisivas nas mudanças de rumo dos seus estudos: Rudolf Allers e Oswald Schwarz.

Leitores de fenomenologia, Allers e Schwarz vinham pensando a psicanálise e a psicoterapia de uma forma mais crítica, vendo além de sua fascinante abertura ao psiquismo e ao inconsciente no âmbito médico. Para esses pensadores, em alguma medida, elas pareciam ter um efeito coisificante em seus postulados, em técnicas e, em última instância, na forma de proceder na relação terapêutica e seus impactos na visão do ser



humano. Os dois desenvolvem uma sólida amizade com Frankl, e o incentivam a conhecer a obra do pensador Max Scheler, apurando seus estudos em filosofia e psicoterapia. Com eles, Frankl ampliou seus horizontes filosóficos, mergulhou nos estudos da fenomenologia e encontrou respaldo para suas inquietações antropológicas.

Frankl capta, nessa perspectiva, sintonia com seus incômodos, dentro do que ele passou a chamar de "psicologia psicologista" e passa a pensar e a escrever sobre a possibilidade de superar tal reducionismo em diálogo ainda com os estudos em psicologia individual.

5. Influências Fenomenológicas e a Construção de uma Nova Abordagem

A fenomenologia, como corrente filosófica fundada por Edmund Husserl no início do século XX, propõe um caminho de conhecimento da realidade a partir da experiência vivida tal como ela se apresenta à consciência. Em vez de explicar o mundo por meio de teorias ou sistemas pré-concebidos, a fenomenologia busca descrever a essência dos fenômenos da maneira como se manifestam na subjetividade. No campo da psicologia e da psiquiatria, essa abordagem influenciou profundamente autores como Ludwig Binswanger, Eugène Minkowski, Medard Boss e o próprio Frankl, que passaram a considerar a experiência existencial do sujeito como núcleo da investigação clínica.

A fenomenologia também abriu caminhos para a crítica aos modelos reducionistas e mecanicistas, oferecendo uma compreensão mais integral do ser humano em sua liberdade, existência e abertura ao mundo (Holanda, 2014). O termo "coisificação" em Frankl ressoa com a crítica existencial de Heidegger ao esquecimento do ser e com a fenomenologia, especialmente na tradição de Max Scheler. Designa o processo pelo qual o sujeito deixa de ser compreendido como pessoa — livre, valorativa, responsável — e passa a ser tratado como um organismo funcional a ser reparado ou ajustado.

Max Scheler, considerado um dos fundadores da antropologia filosófica e um expoente da fenomenologia, defendeu uma visão do ser humano como pessoa centrada em valores, emoções e atos de amor, opondo-se à visão mecanicista da psicologia experimental. Frankl relata sua profunda influência: "Por esse tempo, enxerguei definitivamente meu próprio 'psicologismo'. Fui totalmente sacudido por Max Scheler, e carregava seu livro *Formalismus in der Ethik* [Formalismo na ética] como uma bíblia. Estava mais do que na hora de uma autocrítica do meu próprio psicologismo" (Frankl, 2010, p. 71).

O psicologismo, na concepção frankliana, pode ser entendido como uma tendência desvalorizadora que reduz o ser humano a seus condicionamentos psíquicos:

O psicologismo pode-se entender, portanto, como meio de uma tendência desvalorizadora. Assim, qualquer orientação de pesquisa dominada por ele deixa de ser expressão da entrega cognoscitiva a uma coisa. Mas o psicologismo, na nossa opinião, é ainda a manifestação parcial de um fenômeno mais amplo. O final do século XIX e o começo do século XX deformaram completamente a imagem do homem, vendo-o predominantemente nos seus vários estados de sujeição, quer dizer, na sua hipotética impotência em face dos liames que o atam; assim, o biológico, o psicológico, o sociológico. E a liberdade verdadeiramente humana, a liberdade perante todas estas vinculações, a liberdade do espírito em face da natureza - a única, aliás, que constitui a essência do homem -, foi esquecida. (Frankl, 2019, p. 75)

A psiquiatria existencial, vertente desenvolvida principalmente no contexto europeu entre as décadas de 1920 e 1940, com forte influência da fenomenologia de Edmund Husserl e da ontologia de Martin Heidegger, propunha superar o paradigma biomédico tradicional e compreender o sofrimento psíquico a partir da existência concreta e subjetiva do indivíduo. Psiquiatras como Binswanger, Boss e Minkowski foram pioneiros nesse campo, integrando conceitos filosóficos à prática clínica e propondo uma psicopatologia centrada na experiência vivida.

Frankl, em diálogo com essa tradição, mas desenvolvendo um caminho próprio, propõe uma psicoterapia que não se limita às profundezas psíquicas, mas que também contempla as alturas antropológicas do ser humano. Assim, ele entenderá que, se a psicanálise é uma psicoterapia das profundezas, a logoterapia pode ser considerada uma psicoterapia das alturas, pois reconhece no ser humano não apenas o abismo de suas pulsões, mas também o cume de suas aspirações espirituais, ou seja, vivencia além de impulsos, a atração por valores e ideais, que personalizam sua relação com o mundo para além da necessidade, colocando em cena uma lógica de propósitos e causas.

Em realidade, porém, o homem não é um ser impelido por algo pulsional, mas é antes um ser atraído pelo elemento valorativo. [...] Os valores me atraem, mas não me impelem. Eu me decido pela realização de valores em liberdade e responsabilidade; para a realização de valores, tomo uma resolução, articulo-me com o mundo de valores; mas em tudo isso não há como falar de caráter pulsional. Com certeza, não é apenas o elemento psíquico, mas também o espiritual que possui a sua dinâmica; a dinâmica do espiritual, contudo, não é fundada pelo caráter pulsional, mas pela aspiração valorativa. O caráter pulsional psíquico e as pulsões imergem nessa aspiração valorativa espiritual como energia "de alimentação" (Frankl, 2012, p.108).



Esta concepção de "psicoterapia das alturas" não significa, contudo, uma negação das contribuições da psicologia profunda. Pelo contrário, representa uma integração que reconhece tanto as profundezas psíquicas quanto as alturas noéticas como dimensões constitutivas do ser humano.

Cumpramos perguntar-nos se não terá já soado a hora de vermos, no âmbito da psicoterapia, a existência humana, não só na sua profundidade, mas também nas suas alturas — para se ultrapassar deliberadamente, não apenas o nível do físico, mas também o do psíquico, abarcando também por princípio a esfera do espiritual. A psicoterapia feita até a presente data bem pouco nos deixou ver da realidade espiritual do homem. (Frankl, 2019, p.37)

Embora sua crítica tenha se concentrado inicialmente nas escolas da psicologia profunda, Frankl (2010) também incluía em seu diagnóstico as psicoterapias de orientação comportamental e cognitivista, especialmente aquelas desenvolvidas nos Estados Unidos, como a Análise do Comportamento de B.F. Skinner e a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC). Para Frankl, essas abordagens, embora eficazes na modificação de comportamentos e padrões de pensamento, seguem a tradição direta da psicologia experimental e correm o risco de recair num biologicismo reducionista. Ao ignorarem a dimensão dos valores, dos ideais e do sentido, tendem a reduzir o ser humano a um organismo adaptativo, condicionado a estímulos e reforços. Assim, também elas podem contribuir, inadvertidamente, para o esvaziamento antropológico que a proposta frankliana busca superar.

Não há psicoterapia que não contenha uma teoria antropológica e uma filosofia de vida subjacente. Intencionalmente ou não, a psicoterapia se funda nesses dois eixos. Desse modo, a questão não deve ser se a psicoterapia é ou não baseada numa *Weltanschauung*, mas, sim, saber se tal *Weltanschauung* subjacente está certa ou errada. "Certa ou errada", no entanto, significa, nesse contexto, se, em determinada teoria ou filosofia, a humanidade do homem se mantém preservada ou não. O caráter especificamente humano do homem é negligenciado, por exemplo, por aqueles psicólogos que aderem ou ao "modelo da máquina" ou ao "modelo do rato", como Gordon W. Allport classificou (Frankl, 2011, p.25).

A proposta de Frankl, ao desenvolver a Logoterapia e Análise Existencial, foi justamente oferecer uma alternativa a esses modelos reducionistas, reconhecendo no ser humano não apenas suas determinações biológicas e psicológicas, mas também sua capacidade de autodeterminação e transcendência. Assim, antes de mais nada, sua escola de psicoterapia é um complemento antropológico à psicoterapia como um todo, uma verdadeira fundamentação rumo à humanização do olhar e da prática clínica em psicoterapia.

Assim, Frankl pode ser considerado um reformista no campo da psicoterapia e da psiquiatria. Sua proposta de análise existencial logoterapêutica busca ampliar o alcance da prática clínica, trazendo à tona a dimensão espiritual como parte essencial do cuidado psicoterapêutico. Ao incluir os valores, propósitos e o sentido da vida como elementos centrais de sua abordagem, Frankl reformulou a relação terapêutica, oferecendo uma alternativa ao reducionismo técnico e mecanicista das escolas anteriores.

Essa crítica ao psicologismo, como Frankl denomina as práticas que reduzem o ser humano a mecanismos intrapsíquicos, está no cerne de sua análise existencial. Para ele, era necessário superar não apenas o biologicismo, mas também o reducionismo psicológico que coisifica o ser humano e ignorava sua capacidade de transcender o sofrimento. "A luta contra as tendências despersonalizadoras e desumanizadoras que emanam do psicologismo na psicoterapia é realmente o nó condutor que perpassa todas as minhas obras" (Frankl, 2010, p. 78).

Frankl compreendia que a dimensão noética — onde residem os valores e o sentido da vida — era essencial para uma prática psicoterapêutica que respeitasse a totalidade do ser humano. A inclusão dessa dimensão por meio de sua análise existencial permitiu que a Logoterapia transcendesse as abordagens reducionistas, integrando biologia, psique e espiritualidade de maneira harmoniosa. Ainda assim, Frankl (2011) não acusava as teorias psicológicas de promoverem, deliberadamente, a desumanização. Ele reconhecia que os efeitos antropológicos como problemas e desafios do espírito da época do surgimento dessas práticas, eram pontos cegos gerados por uma hegemonia técnico-científica que reduzia o humano a formas limitadas e calculáveis.

Para Frankl (2019), a LAE seria um caminho para prevenir os efeitos colaterais da psicoterapia psicologista, assim ele entende que: "A Logoterapia não invalida as descobertas das escolas anteriores, mas as envolve ao reinterpretá-las sob a ótica de uma dimensão superior" (p. 37-38). Eis o sentido específico de uma psicoterapia das alturas. Dessa forma, a Logoterapia não se propõe a substituir as demais escolas de psicoterapia, mas a complementá-las, trazendo uma visão ampliada e humanizada para o cuidado em saúde mental. Essa proposta figura, portanto, como a contribuição mais valiosa e o principal diferencial da Terceira Escola de Viena: ampliar o diálogo com os saberes e com os cuidados em psicoterapia, elevar o olhar do humano, de suas profundezas a suas alturas.

A LAE não apenas complementa as tradições freudiana e adleriana, mas também inaugura um novo paradigma na psicoterapia. Ao integrar as dimensões somática, psíquica e espiritual, Frankl propõe uma prática que humaniza o cuidado clínico, oferecendo uma resposta ética e metodológica às limitações das psicoterapias



as de sua época. Seu legado continua a inspirar práticas que valorizam a busca de sentido como elemento central para a saúde e a integridade humana.

Considerações Finais

A Logoterapia e Análise Existencial, desenvolvida por Viktor Frankl, representa uma contribuição significativa para o campo da psicoterapia ao propor uma abordagem que reconhece e valoriza a dimensão existencial e espiritual do ser humano. A busca por sentido não é uma racionalização secundária de impulsos mais primitivos, mas uma necessidade fundamental da psique humana, tão importante quanto as necessidades biológicas e psicológicas. Ao criticar o reducionismo psicologista das abordagens tradicionais e propor uma "psicoterapia das alturas", Frankl não apenas complementou as contribuições da psicologia profunda, mas também ofereceu uma perspectiva integradora que reconhece a complexidade multidimensional da existência humana.

A visão tridimensional do ser humano proposta por Frankl, que integra as dimensões somática, psíquica e espiritual, permite uma compreensão mais abrangente do sofrimento humano e abre novas possibilidades terapêuticas. Ao introduzir a dimensão noética na clínica, a Logoterapia promove uma abordagem ética e metodológica que humaniza a prática psicoterapêutica, ampliando as possibilidades de tratamento para frustrações e vazios existenciais.

Em um mundo cada vez mais marcado pelo vazio existencial e pela perda de referências valorativas, a contribuição de Frankl mostra-se particularmente relevante. Sua proposta de uma psicoterapia que reconhece e valoriza a dimensão espiritual do ser humano oferece um contraponto necessário às tendências reducionistas e mecanicistas que ainda persistem em muitas abordagens contemporâneas.

Conclui-se, portanto, que a Logoterapia oferece uma verdadeira revolução antropológica no campo da psicoterapia, apresentando-se como uma proposta integral e transformadora para o cuidado em saúde mental. Ao reconhecer no ser humano não apenas suas determinações biológicas e psicológicas, mas também sua capacidade de autodeterminação e transcendência, a abordagem frankliana contribui para uma prática clínica mais humanizada e alinhada com as necessidades existenciais do ser humano contemporâneo.

Referências

- Adler, A. (1956). *A Ciência de Viver* (5ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Livraria José Olympio Editora.
- Adler, A. (1957). *A Ciência da Natureza Humana*. São Paulo, SP: Companhia Editorial Nacional.
- Figueiredo, L. C. M., & Santi, P. L. R. (2008). *Psicologia, uma (nova) introdução: uma visão histórica da psicologia como ciência* (3ª ed.). São Paulo: EDUC.
- Foucault, M. (2006). *O Poder Psiquiátrico*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2022). *Ludwing Binswanger y el análisis existencial: Un enfoque filosófico de la enfermedad mental*. Buenos Aires, AR: Siglo Veintiuno Editores.
- Frankl, V. E. (2005). *Um Sentido Para A Vida: Psicoterapia E Humanismo* (11ª ed.). São Paulo, SP: Ideias E Letras.
- Frankl, V. E. (2007). *A Presença Ignorada de Deus*. São Paulo, SP: Vozes.
- Frankl, V. E. (2010). *O Que Não Está Escrito nos Meus Livros: Memórias*. São Paulo, SP: É Realizações.
- Frankl, V. E. (2011). *A Vontade de Sentido: Fundamentos e Aplicações da Logoterapia* (1ª ed.). São Paulo, SP: Paulus.
- Frankl, V. E. (2012). *Logoterapia e Análise Existencial: Textos de seis décadas*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.
- Frankl, V. E. (2019). *Psicoterapia e Sentido da Vida: Fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial* (7ª ed.). São Paulo, SP: Quadrante.
- Frankl, V. E. (2019). *O Sofrimento Humano: Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia*. São Paulo, SP: É Realizações.
- Frankl, V. E. (2020). *Psicoterapia e Existencialismo*. São Paulo, SP: É Realizações.
- Frankl, V. E. (2021). *A Falta de Sentido: Um desafio para a psicoterapia e filosofia*. Campinas, SP: Auster.
- Freud, S. (2016). *Neurose, Psicose e Perversão*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.



- Freud, S. (2017). *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Goldberg, L. (2021). *Freud: Uma introdução à clínica psicanalítica*. São Paulo, SP: Edições 70.
- Handlbauer, B. (2020). *A controvérsia de Freud-Adler* (F. Lubisco, Trad.). São Paulo, SP: Madras.
- Holanda, A. (2014). *Fenomenologia e humanismo: reflexões necessárias*. Curitiba, PR: Juruá.
- Jung, C. G. (2012). *Psicologia do inconsciente*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Moreira, J. O., Romagnoli, R. C., & Neves, E. O. (2007). O surgimento da clínica psicológica: Da prática curativa aos dispositivos de promoção de saúde. *Revista Psicologia: Ciência e Profissão*, 27(4), 608–621.
- Shamdasani, S. (2005). *Jung e a construção da psicologia moderna: O sonho de uma ciência* (M. S. Mourão Netto, Trad.). Aparecida, SP: Idéias & Letras.

Recebido em 16.12.2024 – Primeira Decisão Editorial em 22.04.2025 – Aceito em 19.02.2026



REVISÃO TEÓRICO-CONCEITUAL DA HIPER-REFLEXIVIDADE SOB A PERSPECTIVA DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

The Theoretical-Conceptual Review of Hyper-Reflexivity from the Perspective of Logotherapy and Existential Analysis
Revisión Teórico-Conceptual de la Hiperreflexividad desde la Perspectiva de la Logoterapia y el Análisis Existencial

FLÁVIA NEVES FERREIRA*

DOI: <https://doi.org/10.62506/17fs3815>

Resumo: Este artigo realizou um exame conceitual das manifestações da hiper-reflexividade, uma condição caracterizada por aquilo que é reflexivo ou racionaliza em demasia. O objetivo residia em compreender, de forma mais ampla, o fenômeno da hiper-reflexividade, sob a ótica da Logoterapia e Análise Existencial, abordagem desenvolvida pelo médico vienense Viktor Emil Frankl. A Logoterapia representa uma escola no campo da psicoterapia, que desenvolveu uma técnica psicoterápica, além de ser considerada por vários autores como pertencente à "psiquiatria existencial". Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de caráter analítico-conceitual, fundamentada nos pressupostos da fenomenologia e da antropologia frankliana. Os resultados indicam que a hiper-reflexividade não deve ser reduzida a um aspecto meramente cognitivo, uma vez que pode restringir a manifestação dos recursos do inconsciente espiritual ou da dimensão noológica, dificultando a realização de valores e o encontro de sentido na vida, o que acentua a vulnerabilidade ao adoecimento psíquico. Verificou-se, ainda, que essa concepção aparece em Frankl a partir de duas problematizações inter-relacionadas: a crítica às teorias psicológicas orientadas pelo paradigma homeostático e a análise do modo de vida moderno, cujo desfecho pode culminar no vazio existencial. Conclui-se que a hiper-reflexividade expressa uma ruptura no modo espontâneo e pré-reflexivo de habitar o mundo, exigindo da clínica a reabertura do horizonte existencial do sujeito.

Palavras-chave: Hiper-reflexividade; Psiquiatria Existencial; Viktor Frankl.

Abstract: This article presents a conceptual examination of the manifestations of hyper-reflexivity, a condition characterized by excessive reflection or rationalization. The objective was to understand, more broadly, the phenomenon of hyper-reflexivity from the perspective of Logotherapy and Existential Analysis, an approach developed by the Viennese physician Viktor Emil Frankl. Logotherapy represents a school within the field of psychotherapy, which developed a psychotherapeutic technique and is considered by several authors to belong to "existential psychiatry". This is bibliographical research, of an analytical-conceptual nature, based on the assumptions of Franklian phenomenology and anthropology. The results indicate that hyper-reflexivity should not be reduced to a merely cognitive aspect, since it can restrict the manifestation of the resources of the spiritual unconscious or the noological dimension, hindering the realization of values and the finding of meaning in life, which accentuates vulnerability to psychic illness. It was also found that this conception appears in Frankl from two interrelated problematizations: the critique of psychological theories oriented by the homeostatic paradigm and the analysis of the modern way of life, whose outcome can culminate in existential emptiness. It is concluded that hyper-reflexivity expresses a rupture in the spontaneous and pre-reflective way of inhabiting the world, requiring the clinic to reopen the existential horizon of the subject.

Keywords: Hyper-reflexivity; Existential Psychiatry; Viktor Frankl.

Resumen: Este artículo presenta un análisis conceptual de las manifestaciones de la hiperreflexividad, una condición caracterizada por la reflexión o racionalización excesivas. El objetivo fue comprender, de manera más amplia, el fenómeno de la hiperreflexividad desde la perspectiva de la Logoterapia y el Análisis Existencial, un enfoque desarrollado por el médico vienés Viktor Emil Frankl. La Logoterapia representa una escuela dentro del campo de la psicoterapia, que desarrolló una técnica psicoterapéutica y es considerada por varios autores como perteneciente a la "psiquiatria existencial". Se trata de una investigación bibliográfica, de carácter analítico-conceptual, basada en los postulados de la fenomenología y la antropología franklianas. Los resultados indican que la hiperreflexividad no debe reducirse a un mero aspecto cognitivo, ya que puede restringir la manifestación de los recursos del inconsciente espiritual o de la dimensión noológica, dificultando la realización de valores y la búsqueda de sentido en la vida, lo que acentúa la vulnerabilidad a la enfermedad psíquica. También se constató que esta concepción surge en Frankl de dos problematizaciones interrelacionadas: la crítica de las teorías psicológicas orientadas por el paradigma homeostático y el análisis del modo de vida moderno, cuyo resultado puede culminar en un vacío existencial. Se concluye que la hiperreflexividad expresa una ruptura en la forma espontánea y prerreflexiva de habitar el mundo, lo que exige que la clínica abra el horizonte existencial del sujeto.

Palabras-clave: Hiperreflexividad; Psiquiatría existencial; Viktor Frankl.

* Doutora em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Assis).

E-mail: psiflaneves@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0542-8674>



Introdução

Este artigo investiga a noção de hiper-reflexividade, uma condição caracterizada por uma intensa atividade mental e uma tendência a ruminar excessivamente sobre pensamentos e sentimentos. Em suma, diz respeito àquilo que se torna excessivamente reflexivo, ou que racionaliza em demasia. O interesse por essa temática segue a tendência das pesquisas no campo da Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea, as quais têm explorado esta experiência na esquizofrenia, cuja característica prodrômica revela-se por uma diminuição mais imediata do *self* ou da autoconsciência, do senso estável do compartilhamento com o outro e com o mundo, e, por conseguinte, exibe uma tendência à hiper-reflexividade (Ver Sass, 2017; Sass & Parnas, 2003; Sass, Parnas, & Zahavi, 2011).

Por mais que as alterações do *self* ou da autoconsciência estejam presentes, principalmente nos quadros de psicose, Parnas *et al.* (1995) apontam que elas também podem aparecer em muitas outras manifestações psicopatológicas. Isso significa que a hiper-reflexividade não se confunde com a esquizofrenia, pois pode ocorrer em pacientes não esquizofrênicos, conforme já previa Viktor Emil Frankl (1905-1997), fundador da Logoterapia e Análise Existencial.

Com base no prefácio da obra *Psicoterapia e existencialismo: textos selecionados em logoterapia*, Frankl (2020) afirma que a Logoterapia representa uma escola no campo da psicoterapia, além de ser considerada, por vários autores, como pertencente à “psiquiatria existencial”. Sendo assim, entre os temas passíveis de abordagem pela Logoterapia, destacam-se as manifestações hiper-reflexivas

Nessa direção, o nosso objetivo reside em compreender de forma mais ampla o fenômeno da hiper-reflexividade, sob o viés da Logoterapia e Análise Existencial. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de método analítico-conceitual, que se configura como um modo indutivo e descritivo de investigar e esclarecer melhor o conceito em questão.

Sendo assim, buscaremos apresentar os principais fundamentos da Logoterapia e da Análise Existencial e, posteriormente, discutir as características das manifestações hiper-reflexivas no campo da psicopatologia sob a perspectiva logoterapêutica. Além disso, traremos alguns recursos para a prevenção da hiper-reflexão e, por fim, faremos uma breve reflexão sobre a reflexividade e a iatrogenia.

Fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial

No âmbito da psicoterapia, a Logoterapia não se ocupa apenas com o “*ontos*” (do ser), mas também com o “*logos*” (o sentido). Conforme explicita Frankl (1978, p.197), “a finalidade do que chamamos de logoterapia é incluir o logos na psicoterapia; a finalidade do que denominamos de análise existencial é incluir a existência na psicoterapia”. Diante disso, a Logoterapia e Análise Existencial possui três pilares fundamentais: a liberdade da vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida.

O primeiro pilar, a liberdade da vontade, remete a noção de liberdade enquanto instância constitutiva do ser humano, pois embora o ser humano não seja livre de condicionamentos, ele é livre para tomar uma posição diante deles, nas palavras do autor: “significa a liberdade da vontade humana [...] o homem não é livre de suas contingências, mas, sim, livre para tomar uma atitude [...]” (Frankl, 2011, p.26). E ainda, nesse dinamismo repousa no ser humano a sua outra instância constitutiva, a responsabilidade, visto que ao assumir uma posição ele também decide sobre si mesmo.

É importante compreender que a responsabilidade, e a própria ideia de responder diante de algo, não se reduzem a decisões entre diferentes possibilidades que aparecem na vida. Na medida em que a Logoterapia e a Análise Existencial concentra-se no sentido da existência humana, bem como na busca da pessoa por esse sentido, Frankl (2020, p. 32) explica: “Uma vez que a orientação ao sentido se transforma em confrontação com o sentido, alcança-se aquele estágio de maturação e desenvolvimento no qual a liberdade [...] se torna responsabilidade”, isso significa ‘responder’ à busca de sentido.

Aqui torna-se notório o contraste com as noções da psicodinâmica freudiana, distanciando-se, principalmente, da ideia de uma homeostase. Com isso, Frankl (2020, p.98) estabelece uma noodinâmica, a qual se constitui por “[...] um campo de tensão cujos polos são representados pelo homem e pelo sentido que o convoca”. A tensão mencionada pelo autor diz respeito à dinâmica tensional entre os polos ‘ser’ (situação atual) e ‘dever-ser’ (sentido). Essa tensão é inerente ao ser humano e indispensável para sua saúde mental, porquanto, a “noodinâmica dá ordem e estrutura à vida do homem [...] deixa ao homem a liberdade de escolher entre a realização ou a negação do sentido que o espera” (Frankl, 2020, p. 98).

Diante dessas considerações, entende-se que a responsabilidade, tal qual a consciência, são fenômenos próprios do ser humano, como ‘elementos existenciais’. Destarte, não pode ser reduzida a mera atitude comportamental ou instância psíquica, nem a um construto racional-cognitivo, pois a responsabilidade emana do



que Frankl denomina de 'inconsciente espiritual', uma dimensão especificamente humana.

O segundo pilar, a vontade de sentido, corresponde a uma dinâmica motivacional que acompanha o homem em toda sua existência, pois, ele está inerentemente empenhado para realização de algo. Nesse horizonte, Frankl discute diretamente com a psicanálise freudiana e a psicologia individual adleriana, visto que a vontade de sentido não trata de simples restauração do equilíbrio intrapsíquico, ou de uma equivalência entre as diversas entidades psíquicas. Pode ser, então, definida como “o esforço mais básico do homem na direção de encontrar e realizar sentidos e propósitos” (Frankl, 2011, p.50).

O terceiro pilar, o sentido da vida, consiste na premissa central dessa abordagem. Na medida em que somos seres intencionais, somos existenciais e à medida que estamos direcionados para algo ou para alguém, somos atraídos pela busca do sentido da vida. Frankl (2011) pontua que o sentido de cada situação da vida, em termos psicológicos, é entendido como um sentido que transcende o mero significado subjetivo do propósito, tratando-se de um sentido que está no mundo e que o sujeito pode apreender e realizar através dos valores; da compreensão de si mesmo e do mundo; dos projetos de vida e do enfrentamento do sofrimento inevitável.

O sentido da vida, ou os múltiplos sentidos pelos quais a vida diariamente nos interpela, é encontrado de forma objetiva na ação que, em uma situação concreta e irrepetível, permite a realização do valor mais elevado possível. Notemos: sentimos os valores, e não os captamos pela cognição. Isto é muito importante para a contraposição ao cognitivismo, inclusive ao “cognitivismo existencial”. Para Frankl (2011) a busca de sentido está orientada por um conjunto de universais de valores: criando um trabalho ou praticando um ato (valor de criação); experimentando algo ou encontrando alguém (valor de experiências), também pela atitude tomada em relação ao sofrimento inevitável (valores de atitude). Para o autor, o sentido não pode ser criado, e sim encontrado pelo afinamento da consciência.

Os valores e o sentido integram o cerne da Logoterapia, na qual a visão de homem é alicerçada em uma perspectiva ontológica e antropológica dimensional, sob as bases das dimensões biológica, psicológica e noológica que constituem o ser humano, por isso Frankl (2011) destaca o corpo e a psique como ponto de partida do processo de “tornar-se” pessoa. Assim, as dimensões, biológicas e psíquicas, correspondem à expressão da existência, mas não à sua essência, localizada na dimensão noológica.

Em última análise, Frankl (2011) reconhece o inconsciente instintivo, mas também um inconsciente espiritual, noção que será esclarecida a partir de agora. Nessa formulação, há uma tensão entre consciente e inconsciente que conduz à uma relativização do estado de consciência como critério fundamental para pensar a qualidade própria do ser humano, isto é, aquilo que o distingue dos demais seres. Esse critério distintivo corresponde à diferença entre espiritualidade e impulsividade, independentemente de serem conscientes ou inconscientes.

Desdobrando esses conceitos, podemos afirmar que, na impulsividade, o ser humano é comandado pelos instintos, enquanto, na dimensão espiritual, ele é capaz de decidir e agir com liberdade e responsabilidade. Isso significa que a expressão “ser-pessoa” corresponde ao espiritual-existencial em sua dimensão profunda e, por conseguinte, o inconsciente espiritual oferece ao ser humano a possibilidade de desenvolver suas potencialidades.

A palavra “espírito”, na obra de Frankl, foi, gradualmente, sendo substituída por “dimensão noológica” (ou “noética”), como sinônimo, em decorrência de uma série de mal-entendidos teóricos, especialmente, nos Estados Unidos e no Brasil, em que o vocábulo possui significação de caráter religioso, ao contrário do sentido da palavra alemã *Geist*:

O que nós compreendemos como dimensão noológica se refere a uma conceituação antropológica, muito mais do que teológica. O mesmo também vale para o ‘logos’, no contexto do termo ‘logoterapia’. Além de denotar ‘sentido’, ‘logos’ aqui significa ‘espírito’ – mas, novamente, sem qualquer conotação religiosa primária. Aqui, ‘logos’ significa a humanidade do ser humano e o sentido de ser humano! (Frankl, 1988, p. 17).

Assim, Frankl (2016) explica que ‘pessoa’ se refere a uma unidade e totalidade, ou seja, caracteriza-se pelas dimensões biológica-psíquica-espiritual, na qual o homem é um ser único ou uma unidade antropológica, e nela estão integradas as suas diferenças ontológicas. A dimensão espiritual ‘instrumentaliza’ o organismo psicofísico, utilizando-o como mecanismo de expressão à vida, além disso, o espiritual é o centro dos principais recursos tipicamente humanos como a autotranscendência e o autodistanciamento.

É importante destacar que a dimensão noológica não adoece, pois corresponde ao núcleo saudável da pessoa. Por sua vez, quando a dimensão psicofísica é afetada, ela pode impedir, em menor ou maior grau, as manifestações dos recursos noológicos, como a autotranscendência e o autodistanciamento, tornando a pessoa mais vulnerável e favorecendo o início de um processo de adoecimento.

A Contribuição da Psiquiatria Existencial de Viktor Frankl

Observamos que a concepção de hiper-reflexividade aparece em Frankl, basicamente, a partir de duas problematizações inter-relacionadas. A primeira refere-se a uma das principais críticas franklianas em rela-



ção às teorias psicológicas; a segunda corresponde ao modo de vida na modernidade, cujo desfecho pode culminar no “vazio existencial”.

Concernente à primeira problematização, podemos notar que o exame crítico das teorias psicológicas embasadas nos ditames da homeostase¹ é constante no quadro analítico proposto por Frankl. Assim, o princípio do prazer admitido pela Psicanálise, o princípio do poder firmado pela Psicologia Individual de Alfred Adler, bem como a busca última pela autorrealização preconizado por Abraham Maslow, são colocados em xeque pelo logoterapeuta, visto que “o prazer, mais do que a finalidade dos esforços humanos, é, de fato, o efeito da realização de sentido. O poder, por sua vez, mais do que um fim em si mesmo, constitui, na verdade, um meio para um fim” (Frankl, 2011, p.50). Já a autorrealização pode ser compreendida como efeito colateral da autotranscendência.

Segundo Frankl (1978, p.13), “o objetivo de uma hiper-intencionalidade acompanhada de uma hiper-reflexão: passa a ser conteúdo exclusivo e objeto único da atenção”. Porém, quanto mais se concentra no prazer e no poder, mais ele irá se esvaír, tal qual o lançamento de um bumerangue que não alcança o seu alvo. Tendo em vista a premissa da teoria motivacional da Logoterapia, relacionada à vontade de sentido, parte-se do pressuposto de que o ser humano não só tende a buscar um sentido e realizá-lo, mas, também, a encontrar outras existências a fim de lhes dedicar seu afeto, por meio da intersubjetividade². Em ambos os casos, o encontro com o sentido e com o outro fornecem ao ser humano motivos para sentir felicidade e experimentar prazer. Esse movimento, entretanto, é desviado na neurose, visto que “no neurótico, esse esforço primário é desviado para o objetivo direto da felicidade, em função da procura de prazer” (Frankl, 1978, p. 13).

A inserção da felicidade e do prazer como alvo principal para preenchimento da vida humana, leva-nos para a segunda problematização da hiper-reflexividade, instaurada pelo hedonismo, no qual o ser humano passa a orientar-se pela busca do prazer e pela fuga do sofrimento. Contudo, quando o homem é guiado pelo princípio do prazer, tomando como objetivo final o bem-estar e a felicidade, pode desencadear uma hiper-intencionalidade e, conseqüentemente, uma hiper-reflexividade psicopatológica.

Diante disso, cabe situar a psicopatologia das “neuroses” delineada por Viktor Frankl. Ainda que o termo “neurose”³ possa assumir uma conotação complexa, decidimos manter o seu uso para facilitar o entendimento dos padrões patogênicos tratados pelo médico vienense. Para refletir sobre esse problema, Frankl (2016) utiliza fatos ocorridos na prática clínica e, assim, estabelece dois princípios básicos de classificação nosológica: a sintomatologia, cujo escopo é no modo como as alterações da experiência se manifestam; e a etiologia da doença em questão, diferenciando-as em fenopsíquicas ou fenossomáticas e somatogênicas ou psicogênicas.

Diante desse quadro classificatório, gostaríamos de sinalizar que nosso foco de interesse circunscreve-se, essencialmente, ao exame da neurose psicogênica. A seguir, explicaremos os comportamentos relacionados à hiper-vigilância, ou seja, a “hiper-intenção” (obsessão ou fixação em um resultado ou desfecho); e à “hiper-reflexão” (a fixação em “ver” algo em nós mesmos ou nos outros).

Os Padrões Patogênicos da Hiper-Reflexividade

Na obra *Teoria e Terapia das Neuroses*, Frankl (2016, p. 209) exemplifica o mecanismo da hiper-reflexividade a partir da seguinte metáfora:

Enquanto uma centopeia caminhava com tranquilidade mexendo espontaneamente cada uma de suas articulações, um inseto lhe perguntou como conseguia coordenar todas aquelas penas sem nenhuma dificuldade. A centopeia respondeu que nunca se fizera essa pergunta e, portanto, para poder responder teria de se observar atentamente. O resultado foi desastroso. A centopeia – por causa das observações – perdeu sua espontaneidade e, assim, as pernas começaram a atrapalhar umas às outras até ela não conseguir mais caminhar corretamente.

Observa-se que a problemática da reflexividade em demasia não diz respeito a uma racionalidade exagerada associada à função mental, e sim ao modo como algo normalmente implícito se torna focal e explícito, conduzindo a uma diminuição da vitalidade espontânea da pessoa no mundo. Embora os recursos psicológicos sejam intactos, as possibilidades de sua manifestação podem ser restritas ou diminuídas, principalmente, a partir das manifestações hiper-reflexivas.

¹ Para Frankl, Goldstein é um dos primeiros críticos da tese que vê no homem um ser voltado para a satisfação dos impulsos ou das necessidades, portanto, ele levanta objeções à homeostase, pois, uma pessoa cuja principal meta é a manutenção do nível de adaptação manifesta sinais psicopatológicos de neurose (Frankl, 1978, p. 32).

² A intersubjetividade é o movimento relacional da vida social que permite a partilha de sentidos e experiências entre as pessoas.

³ Frankl (2016) elucida que o termo “neurose” foi cunhado por Cullen e, embora os autores Bumke, Kurt Schneider e Kloos advertissem a extinção do conceito, Frankl decide tomar posição intermediária entre a concepção de Werner Villingier, que advoga contra uma ampliação de seu conteúdo e de autores como Rümke, que enxerga a neurose como uma unidade sintomatológica. Dessa forma, Frankl (2016, p. 60) explica: “sugerimos partir da definição que diz que está correto chamar de neurótica toda doença que é psicogênica”. Mais adiante, o autor complementa “podemos definir a neurose como uma doença psicogênica, mas, ainda além, como uma doença psicogênica primária. Essa definição vale no sentido estrito de neurose - ou seja, não no das pseudoneuroses” (Frankl, 2016, p. 63).



Na descrição da neurose em sua condição psicogênica, conforme explanado por Frankl (2016), o autor propõe três padrões de reações patológicas⁴: o padrão fóbico (fuga do medo); o padrão obsessivo-compulsivo (luta contra obsessões e compulsões); e o padrão neurótico sexual (o paciente não está lutando contra algo, mas por algo como o prazer sexual).

O primeiro padrão de neurose corresponde à neurose de angústia⁵, na qual o paciente reage a determinado sintoma com medo de que ele possa surgir. Isto é, reage com ansiedade antecipatória, fazendo com que o sintoma ressurgir e reforce o medo inicial. Segundo Frankl (2016), a ansiedade antecipatória corresponde à etiologia da neurose, de maneira a fixar-se num sintoma fugaz e, portanto, inofensivo, que faz com que a atenção da pessoa se mantenha focada nesse sintoma.

Vamos imaginar um sujeito que manifesta uma gagueira momentânea toda vez que necessita falar em público. No instante em que é convocado para ministrar uma palestra, o medo do seu sintoma parece aumentar disparadamente. O simples fato de temer que a gagueira aconteça amplia a possibilidade de sua incidência. O medo impossibilita esse sujeito de fazer o que realmente deseja: conceder a palestra sem gaguejar. Logo, a ansiedade antecipatória gera uma hiper-reflexão, com atenção excessiva a um determinado sintoma e, por conseguinte, “o medo faz o que teme e, ao mesmo tempo, inviabiliza o que se propõe” (Valiente, 2009, p. 260). Em síntese, não é o sintoma em si que gera medo, mas a angústia associada a ele.

No círculo da ansiedade antecipatória, produz-se uma fobia correlativa que intensifica o sintoma e, com isso, o sintoma intensificado reforça o temor do seu retorno. Nesse aspecto, a hiper-reflexão diz respeito a um circuito de auto-observação e monitoramento, em que a atenção a si mesmo se automatiza. Por isso, a experiência do sujeito torna-se um objeto penetrante de atenção, assumido sob uma perspectiva externa, acarretando perda no modo espontâneo de agir no mundo (Fuchs, 2010). Assim, a auto-experiência retrocede explicitamente com uma qualidade não familiar de “objeto”. Desse ponto de vista, a hiper-reflexividade poderia ser mais bem compreendida como uma hiper-objetificação ou auto-objetificação. Frankl (2016) também pontua que as situações nas quais o sujeito se torna objeto de atenção e de constante auto-observação podem levar à despersonalização.

Além disso, Frankl (2016, p.128) exemplifica: “a angústia reflexiva pode se transformar numa angústia transitiva: um paciente tem medo do seu superior, depois tem medo de falar com o superior, depois tem medo de falar, depois tem medo do medo”. Sendo assim, o denominador comum da neurose de angústia é o medo do medo, e a reação pode resultar em fuga, como acontece na agorafobia, transtorno que leva a pessoa evitar sair de casa.

Junto ao padrão fóbico, circunscrito como fuga do medo, existe outro padrão, o obsessivo-compulsivo, que se expressa na luta contra as obsessões e as compulsões, revelando uma “hiperacusia da consciência na área das determinações (que se refere às decisões), na área cognitiva (que se refere ao conhecimento), há uma hiper-reflexão, uma obsessão pela observação” (Frankl, 2016, p. 206).

Quando as ideias obsessivas aparecem, exercem forte pressão interna. A reação natural da pessoa é tentar suprimi-las, de modo que não se realiza apenas o medo do medo, como no primeiro padrão, mas o medo de si própria. O paciente teme colocar em prática ideias obsessivas de conteúdo criminoso, atacando alguém, a si mesmo, ou ainda teme ser acometido por doença grave. Novamente, forma-se um círculo vicioso, pois quanto mais o paciente luta contra obsessões e compulsões, mais fortes elas se tornam. Com efeito, a pessoa se encontra presa no que Frankl (2016) denomina de “círculo vicioso diabólico”.

O caso supracitado assemelha-se ao quadro do transtorno obsessivo-compulsivo, no qual a pessoa é infligida por ideias obsessivas e reage tentando reprimi-las, o que frequentemente leva à compulsão à repetição. Segundo explicita Fuchs (2018, p. 15), o sujeito “autonomiza-se a possibilidade do controle pulsional e afetivo, que o homem tem enquanto ser que determina a si mesmo”. E, para Jaspers (1985), o obsessivo tem um prejuízo importante da capacidade de sustentar uma atenção dialética e isso vai se manifestar em: hiper-racionalidade, indecisão, angústia.

Dessa forma, a angústia conduz a defesas excessivas sob a forma de múltiplos rituais de autodisciplinamento, pois o “homem neurótico compulsivo, perfeccionista, quer fazer tudo por medo de perder o controle” (Fuchs, 2018, p. 16). Isso quer dizer que a fuga de pensamentos obsessivos também potencializa a despersonalização, uma vez que a pessoa ingressa em um grau elevado de auto-observação, capaz de prejudicar funções reguladas automaticamente.

O terceiro padrão diz respeito ao mecanismo de excesso de atenção que, todavia, não se trata de uma luta contra algo, mas por algo, em busca do prazer. Nesse padrão, Frankl (2016) analisa os casos de impotência sexual nos quais, segundo ele, quanto mais a pessoa busca o prazer, mais ele se esvai. Para romper o círculo, as forças centrífugas devem surgir e, ao contrário de lutar pela potência e pelo orgasmo, o paciente deve ser ele mesmo e entregar-se à vivência, ou seja, ele deve deixar de observar a si mesmo.

Existem muitos processos que deveriam surgir de maneira natural e espontânea, mas que podem ser seriamente prejudicados quando a pessoa se torna o centro da auto-observação exagerada típica da hiper-

⁴ “Não existem neuroses puramente somatogênicas, psicogênicas e noogênicas, mas muito mais casos mistos - casos nos quais um fator somatogênico, psicogênico noogênico protagoniza opiniões teóricas e intenções terapêuticas” (Frankl, 2016, p. 13).

⁵ Na psicologia descritiva, podem ser reconhecidas por meio de transtornos como: fobia social, ataques de pânico, transtorno de personalidade esquizoide, entre outros.



reflexão. Embora as neuroses sexuais sejam o estereótipo mais característico desse terceiro padrão, há outras manifestações que respondem ao mesmo mecanismo, como a inspiração criativa, o sono, a deglutição, a respiração, o riso e o choro. Frankl (2016, p. 248) corrobora que "toda reflexão desnecessária, a única coisa que faz é prejudicar" a espontaneidade e a criatividade da pessoa.

Outro exemplo pode ser observado no desejo de adormecer da pessoa insone. É precisamente esse querer que não a deixa descansar, pois a pré-condição para o sono é justamente o relaxamento. Em outras palavras, o desejo de dormir faz com que a consciência monitore atentamente seu nível de relaxamento mental e físico; desse modo, o monitoramento mantém um estado de alerta que prejudica as chances de relaxar e adormecer.

Por fim, ressaltamos que a hiper-reflexividade não deve ser vista apenas como um aspecto meramente cognitivo. O que queremos dizer é que, na medida em que pode restringir a expressão dos recursos do inconsciente espiritual, ela dificulta a realização de valores e o encontro de sentido na vida. O círculo neurótico da auto-observação excessiva pode, inclusive, implicar estranhamento de si, dificuldade de reconhecimento do outro e isolamento do mundo habitual.

Técnicas da Logoterapia e Análise Existencial

Nesta seção, mostraremos algumas técnicas da Logoterapia clínica para prevenção e tratamento da hiper-reflexão sem, entretanto, sucumbir a uma dimensão instrumentalista. O próprio vocábulo "técnica" assemelha-se a uma armadilha, pois parece conduzir a uma substancialização do conhecimento como ferramenta teórica.

Embora as técnicas da Logoterapia também sejam utilizadas por algumas terapias cognitivas, o seu objetivo é completamente distinto na clínica logoterapêutica, pois não visa-se modificar ou modelar um comportamento, mas sim ampliar ao máximo a gama de possibilidades do paciente para realização de valores, ampliar o encontro de possibilidades de sentidos e, por sua vez, mobilizar os recursos espirituais/noológicos. Diante desse aspecto, o dinamismo psicológico deve assumir sempre um sentido a partir da situação existencial imediata do paciente (Pacciolla, 2017), e o centro desse dinamismo psíquico deve ser a possibilidade de exercício da liberdade.

Entre as técnicas básicas da Logoterapia, podemos citar o denominador comum, a intenção paradoxal, a derreflexão e o diálogo socrático. Em particular, o diálogo socrático é um estilo de encontro psicoterapêutico que pode surgir entre duas ou mais pessoas que buscam, por meio de perguntas, comentários, descrições e da própria relação terapeuta-paciente, ajudar na tomada de consciência a respeito da sua liberdade, convidando o paciente a responder, por si mesmo, sobre aquilo que a vida lhe questiona. De todo modo, "[...] toda psicoterapia, em particular a logoterapia, deve ter por base, e como modelo, o clássico diálogo socrático" (Frankl, 1976, p.12).

No processo psicoterapêutico, o diagnóstico clínico e a decisão sobre a inserção das técnicas dependem do que Frankl (1976) nomeia como "casuística clínica", a qual refere-se ao ato de realizar uma descrição fenomenológica sobre os sintomas que a pessoa traz como demanda, a fim de indicar um caminho ao processo psicoterapêutico. A elaboração de uma casuística depende de cada caso, de acordo com as especificidades do atendimento.

Certamente, o desenvolvimento de intervenções terapêuticas não é um protocolo, porque não há protocolos. Há, isto sim, momentos que podem suscitar alguma intervenção, devendo-se atentar à individualidade e à especificidade que cada situação exige. Elisabeth Lukas (2003) enfatiza que, antes da realização de alguma técnica, deve-se operar um aperfeiçoamento acadêmico, um trabalho investigativo e ganhar uma competência referente à própria experiência profissional. A autora pontua também a importância do desenvolvimento e do amadurecimento da consciência como verdadeiros recursos terapêuticos a serem oferecidos durante o encontro.

Apesar de Frankl (1978) eleger a expressão "casuística clínica" a fim de elencar as propriedades do campo terapêutico, essa casuística não foi rigidamente estruturada, pois a eficácia da terapia não se reduz a nenhuma "lei" de causa e efeito. Diante disso, Bruzzone (2012, p.113) leva-nos a compreender o receio de Frankl de ver a Logoterapia "se tornar apenas mais uma técnica[...]", contrário a uma metodologia codificada, "a sua intenção foi sempre devolver a humanidade do encontro à relação terapêutica".

Nesse sentido, Frankl (2003, p.121) escreve: "é a técnica da humanidade que pode nos salvar da desumanidade da técnica". Essa premissa evidencia a realidade de toda a terapêutica: o foco não está na aplicação de nenhuma técnica, mas sim na humanidade do terapeuta construída a partir do encontro com o outro. A relação terapêutica, portanto, abrange tanto a singularidade do paciente quando a personalidade do terapeuta. Daí a importância de lembrarmos da individualidade de cada pessoa e, ao mesmo tempo, a unicidade de cada encontro, uma vez que "com cada paciente deve, de certa maneira, começar de novo e desde o início" (Bruzzone, 2012, p.112).

Posto tais considerações, apresentaremos os principais componentes que contemplam a intenção paradoxal e a derreflexão. A intenção paradoxal⁶ foi desenvolvida, sobretudo, para o tratamento dos dois primeiros padrões de reação patogênicos: da neurose de angústia e o da neurose obsessiva-compulsiva. Porém, pode ser utilizada em outros casos, como nos distúrbios do sono, entre outros.

⁶ Sobre as críticas referentes à aplicabilidade das técnicas logoterapêuticas, sugere-se a leitura da obra *Aplicaciones prácticas* (2009), de Sàenz Valiente.



De modo geral, o objetivo do procedimento paradoxal consiste em reverter a hiper-intenção de fugir da ansiedade, no caso da neurose de angústia; ou a hiper-intenção de combater a ansiedade (obsessão) na neurose obsessiva. Na medida em que a ansiedade antecipatória faz a pessoa concentrar toda sua atenção naquilo que teme, a intenção paradoxal busca mobilizar o autodistanciamento (Frankl, 2016). Por isso, sua principal estratégia é o uso do humor, pois ele permite que a pessoa coloque distância entre si mesma e aquilo que deve enfrentar. Em outras palavras, possibilita que ela se distancie de sua auto-observação e, assim, seja capaz de autorregular-se.

O logoterapeuta deve oferecer ao paciente uma demonstração prática daquilo que ele pode dizer a si mesmo, de modo que venha a querer justamente aquilo que teme que aconteça, substituindo o medo patogênico pelo desejo paradoxal. O conteúdo da intenção paradoxal, isto é, aquilo que a pessoa deve propor a si mesma ou desejar, só pode ser formulado com base na experiência particular do medo ou da ansiedade advindos da própria pessoa. Por isso, não há fórmula padrão: o conteúdo dependerá da especificidade de cada caso.

Anteriormente observamos que a hiper-reflexão concentra toda a atenção em movimentos que deveriam ser executados de forma natural e espontânea. Diante disso, a técnica da derreflexão é empregada quando o problema é causado pelo excesso de reflexão ou pensamento, isto é, pela “hiper-reflexão”, ou pelo excesso de atenção dirigido à resolução de um problema, isto é, pela “hiper-intenção”. Nessas situações, o objetivo é neutralizar a inclinação à auto-observação (Frankl, 2016).

A técnica não consiste em uma negação ou uma distração, mas envolve uma reorientação radical da atenção. O que se procura é aprender a ignorar a si mesmo, a ignorar os sintomas, a ver fora de si mesmo e a orientar-se para algo diferente. Por conta dessa característica, a derreflexão é menos específica do que a intenção paradoxal, tendo em vista que convoca o paciente a buscar sentido, engajar-se em objetivos e em tarefas.

Aqui, o recurso a ser mobilizado é a autotranscendência, já que está muito mais relacionada a uma mudança de atitude. Com isso, podemos afirmar que a derreflexão, dentro da clínica logoterapêutica, refere-se à aplicação da vontade de sentido, pois implica na capacidade de autotranscender. Quando o sujeito restitui a capacidade de distanciar-se de si e autotranscender, abre-se um leque de possibilidades para o encontro de sentido da vida. Dessa forma, a psicoterapia torna-se Logoterapia.

Vamos analisar a seguinte situação hipotética: em uma viagem de avião, deparamo-nos com um passageiro ansioso apresenta pânico de altura. Nessa circunstância, poderíamos engajar-nos com ele por meio de um diálogo, questionando-o, por exemplo, sobre os motivos da viagem e os seus planos. Precisamos nos atentar, aqui, para a chave da derreflexão, que não é somente desviar o foco do passageiro de seu medo, mas em reorientar sua atenção para algo externo que lhe seja significativo, direcionando-o para as dimensões positivas de quando houver a aterrissagem do voo. Isso faz com que ele se volte para sentimentos e pensamentos relacionados aos seus planos, às ações e às tarefas a serem realizadas ao chegar ao destino. A pessoa, em vez de auto-observar-se, deve esquecer-se de si; contudo, ela não pode fazê-lo a menos que se entregue a algo, a um objetivo, a uma tarefa ou a um sentido em particular.

Nas primeiras páginas da obra *A psicoterapia na prática*, Frankl (1976, p.17) ressalta: “nem todos os métodos podem ser aplicados em todos os casos e com as mesmas possibilidades de sucesso, nem tampouco todos os terapeutas podem usar todos os métodos com o mesmo sucesso”. Ademais, os limites⁷ para a aplicação das técnicas logoterapêuticas estão relacionados a variáveis do paciente ou do terapeuta, que tornam inapropriado o uso de qualquer um desses recursos.

Também precisamos notar que o mesmo distúrbio – digamos insônia ou impotência sexual – pode ser tratado com intenção paradoxal ou com derreflexão, a depender da situação. A razão disso é que a etiologia de um único e mesmo distúrbio pode ser compreendida de maneiras diferentes (Valiente, 2009). A título de exemplo, a insônia pode ser entendida como resultante de uma hiper-intenção do sono, caso em que é indicada a derreflexão, ou de um medo ansioso da insônia, caso em que é indicada a intenção paradoxal. De modo semelhante, a disfunção sexual pode surgir de uma antecipação ansiosa da impotência, exigindo intenção paradoxal. Isso significa que é preciso conhecer a dinâmica psicológica e existencial do caso em questão, e não apenas dirigir a atenção ao diagnóstico que subjaz à manifestação psicopatológica.

Reflexividade e Iatrogenia

A palavra “iatrogenia”, formada por *iatros* (médico) e *genesis* (geração), significa: “aqueles estados mórbidos (principalmente neuróticos) nos quais [...] é “o médico - (*iatros*) – o seu fator patogênico. Essa patogênese desencadeada pelo médico se apoia essencialmente na ansiedade antecipatória” (Frankl, 2016, p. 146). No escopo psicoterapêutico, salientam-se alguns cuidados para que o profissional realize um cuidado ético e saudável, a fim de evitar a iatrogenia.

Se nos voltarmos à questão da possível profilaxia das neuroses iatrogênicas, podemos dizer que ela deve começar com a anamnese, pois é nesse momento que o paciente fala e lhe é proporcionado um alívio que já deriva da própria expressão narrativa, uma vez que permite ao paciente objetivar seu sintoma e, ao mesmo

⁷ Quanto às contraindicações, Frankl (1976, p.102) faz o seguinte comentário: “a intenção paradoxal não deve ser usada em casos de depressão psicótica e nos casos de esquizofrenia”. O médico detalha cuidadosamente as contraindicações em várias obras, incluindo fundamentos e aplicações da Logoterapia e Psicanálise e Existencialismo.



tempo, distanciar-se dele. Elisabeth Lukas (2003) elenca algumas atitudes que favorecem a iatrogenia, tais como fornecer previsões negativas que não servem a um propósito positivo; e fornecer diagnósticos sem explicar as implicações práticas; expressar interpretações *a priori* com hipóteses incertas.

Além disso, não há muitos materiais sobre a prática introspectiva em psicoterapia, o que há à nossa disposição são alguns textos de Sass e de seus colaboradores (Sass, Nelson & Pienkos, 2013), assim como Fuchs (2012), que alertam para o fato de que os tratamentos introspectivos podem ser iatrogênicos. Esses autores discutem os elementos paradoxais da psicoterapia, dando destaque a um aspecto central do atendimento clínico, qual seja, a ênfase na reflexão cognitiva, cujo efeito pode desencadear um círculo hiper-reflexivo. Em grande parte, a motivação das práticas psicoterapêuticas está na mudança da atitude defensiva do sujeito. Contudo, esse direcionamento da atenção à introspecção e à reflexividade em demasia pode ter o efeito paradoxal de aumentar, em vez de diminuir, as experiências perturbadas do *self*.

A introspecção envolve um afastamento do mundo prático e das relações intersubjetivas próprias da experiência ordinária do sujeito, em favor de objetos internos que podem assumir uma qualidade reificada quando colocados no foco da consciência. Desse modo, o efeito potencialmente alienante da atenção focal pode encorajar formas disfuncionais de ruminação ou de autoconsciência excessiva, seja em relação a si mesmo, seja em relação a algo externo.

A psicoterapia de inspiração fenomenológica não se baseia na introspecção. Ao contrário, seu objetivo é superar a prerrogativa de uma psique “interiorizada”. Por essa razão, os psicoterapeutas de base fenomenológica não buscam modificar estados internos do paciente. Em vez disso, concentram-se no espaço vivido, no modo pré-reflexivo ou implícito de o sujeito estar no mundo e nos modos fundamentais de sua existência (Fuchs, 2007). Dessa forma, defendemos que a tarefa da psicoterapia consiste em explorar e compreender o espaço vivido do paciente, a fim de reabrir seu horizonte de possibilidades.

Para os psicoterapeutas, a principal ferramenta clínica é a relação terapêutica, compreendida como um campo privilegiado para a ampliação do espaço vivido em seu modo pré-reflexivo, isto é, implícito, de estar com os outros. Nessa direção, Fuchs (2010, p. 548) afirma que a investigação clínica deve se orientar por questões como: “Como o paciente percebe o mundo? [...] Como o tempo vivido e o espaço vivido se transformam para essa pessoa? Como é o mundo para o paciente esquizofrênico, obsessivo ou suicida?”. Nesse contexto, não é a dimensão explicativa da vida que importa, mas a dimensão vivida da existência, assim como Frankl (2019) corrobora que devemos priorizar as perguntas da vida comum como “para quê” em detrimento de “por quê?” e, então, devemos deixar de perguntar: “qual que é o seu problema?” e começarmos a indagar “o que é importante para você?”

Por fim, cumpre salientar a importância do encontro entre paciente e terapeuta, uma vez que esse momento constitui condição fundamental para a adesão ao processo psicoterapêutico, afinal, sem vinculação, não há encontro possível. Não queremos com isso propor uma padronização técnica nem estabelecer uma normativa para a dinâmica do encontro, pois não se pode generalizar a experiência singular que se dá entre duas pessoas espiritual-existenciais.

Conclusão

Vimos que a hiper-reflexão não é meramente uma racionalização exagerada com características, por exemplo, de uma atitude filosófica. A vitalidade e a flexibilidade da razão, propriedades que permitem ao sujeito adaptar-se ao meio e sentir-se familiarizado com as diversas situações, mostram-se escassas na atividade hiper-reflexiva. Sendo assim, muitas das experiências relatadas e observadas em indivíduos que apresentam autoconceito distorcido, emoções exageradas e relacionamentos interpessoais fragilizados podem desencadear um aumento da reflexividade.

Como explanado por Frankl (2016), o círculo vicioso neurótico surge dessa reflexão excessiva, que desorganiza o curso de ações que, em condições ordinárias, aconteceriam de maneira implícita e automática. Ademais, a fuga de pensamentos obsessivos potencializa a despersonalização. Assim, essa despersonalização ingressa no grau da auto-observação, que, como tal, pode desordenar todas as funções que são reguladas automaticamente. Ao mesmo tempo, há uma redução da intencionalidade direcionada à experiência, o que dificulta a capacidade de criar e manter um mundo subjetivo coerente de sentido e de propósitos.

Na Logoterapia, em particular, o sentido é uma verdade em ‘ato’, algo que se faz, que se move e que movimenta o ser-no-mundo em direção ao mundo. O lugar próprio do sentido, portanto, não é o intelecto, mas a vontade. Por isso, a terapia não se reduz à tomada de consciência das dinâmicas psíquicas que privam o indivíduo de sua liberdade; trata-se, antes, da tomada de posição diante de cada dinâmica, restituindo à pessoa sua responsabilidade.

Constatamos que a temática da hiper-reflexividade, quando inserida em uma reflexão fenomenológica com base em uma autocompreensão pré-reflexiva da existência, pode chegar a proposições antropológicas fundamentais sobre as condições de possibilidade das alterações da experiência do sujeito. Com isso, os pressupostos balizadores da Logoterapia de Viktor Frankl (2016) oferecem contribuições para o campo da psicoterapia e da psiquiatria existencial. Afinal, a abordagem representa, ao mesmo tempo, o propósito essencial da fenomenologia na crítica ao psicologismo naturalista, na defesa da irredutibilidade do fenômeno da consciência e da experiência subjetiva.



Referências

- Bruzzone, D. (2012). Persona y valores entre la fenomenología y el análisis existencial. *Nous - Boletín de Logoterapia y Análisis Existencial*. Disponível em: http://logoterapia.net/uploads/16_bruzzone_2012_personayvalores.pdf
- D. *Handbook of Phenomenology and Cognitive Science*. Dordrecht: Springer Science, p. 546-73.
- Frankl, V. (1976). *A Psicoterapia na Prática*. São Paulo: EPU.
- Frankl, V. (1978). *Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Frankl, V. (1988). *The Will to Meaning*. Nova Iorque: Meridian Books.
- Frankl, V. (2003). *Sede de sentido*. São Paulo: Quadrante.
- Frankl, V. (2011). *A Vontade de Sentido – Fundamentos e Aplicações da Logoterapia*. São Paulo: Paulus Editora.
- Frankl, V. (2016). *Teoria e terapia das neuroses: introdução à logoterapia e à análise existencial*. São Paulo: É Realizações.
- Frankl, V. (2019). *O sofrimento humano: fundamentos antropológicos da psicoterapia*. São Paulo: É Realizações.
- Frankl, V. (2020). *Psicoterapia e Existencialismo – textos selecionados em logoterapia*. São Paulo: É Realizações.
- Fuchs T. (2007) Psychotherapy of the lived space: a phenomenological and ecological concept. *Am J Psychother*, 61(4), p. 423-39. Disponível em: [10.1176/appi.psychotherapy.2007.61.4.423](https://doi.org/10.1176/appi.psychotherapy.2007.61.4.423)
- Fuchs, T. (2010). Phenomenology and Psychopathology. In: Gallagher, S. & Schmicking, D. *Handbook of Phenomenology and Cognitive Science* (p. 546-573). Dordrecht: Springer Science.
- Fuchs, T. (2012). The feeling of being alive: Organic foundations of self-awareness. In: *Feelings of Being Alive*. Edited by: Joerg Fingerhut and Sabine Marienberg. Berlim: Ed. De Gruyter.
- Fuchs, T. (2017). *Ecology of the Brain: The phenomenology and biology of the embodied mind* (International Perspectives in Philosophy & Psychiatry). Oxford University Press.
- Fuchs, T. (2018). *Para uma psiquiatria fenomenológica*. Trad. Marco Casanova. Rio de Janeiro: Ed. Via Verita.
- Jaspers, K. (1985). *La filosofía*. México: FCE.
- Lukas, E. (2003). *Logoterapia - La búsqueda de sentido*. Madrid: Paidós.
- Pacciolla, A. (2017). *Psicologia contemporânea e Viktor Frankl: Fundamentos para uma psicoterapia existencial*. São Paulo: Editora Cidade Nova.
- Parnas, J. et al. (1995). Research in psychopathology: epistemologic issues. *Compr. Psychiatry*, v.36, n.3, p.167-81. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0010440X9590078A>
- Sass, L. & Parnas, J. (2003). Schizophrenia, consciousness and the self. *Schizophr. Bull.*, v.29, n.3, p.427-44. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/oxfordjournals.schbul.a007017>
- Sass, L. (2017). *Sadness and Modernism*. Insanity in the Light of Modern Art, Literature and Thought. Oxford University Press.
- Sass, L., Nelson, B. & Pienkos, E. (2013). Introspection and Schizophrenia: A comparative investigation of anomalous self-experiences. *Consciousness and Cognition*. 22(3), 853–867. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.CONCOG.2013.05.004>
- Sass, L., Parnas, J., & Zahavi, D. (2011). Phenomenological psychopathology and schizophrenia: Contemporary approaches and misunderstandings. *Philosophy, Psychiatry, & Psychology*, 18(1), 1–23. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/ppp.2011.0008>
- Valiente, S. (2009). *Logoterapia en acción*. Aplicaciones practicas. Buenos Aires: San Pablo.



DIÁLOGOS SOBRE A QUEDA DAS TRADIÇÕES E O VAZIO EXISTENCIAL EM VIKTOR FRANKL

Dialogues on the Decline of Traditions and Existential Vacuum in Viktor Frankl
Diálogos sobre la caída de las tradiciones y el vacío existencial en Viktor Frankl

RAISSA DANIELLA CORREA GOMES*
MARIA HELENA BUDAL DA SILVA**

DOI: <https://doi.org/10.62506/w0dhcx79>

Resumo: Este artigo teve como base a recorrente citação presente nas obras de Frankl acerca da relação entre a etiologia do vazio existencial e a queda das tradições. Buscando esclarecer a que se refere Frankl ao mencionar a queda das tradições e porque essa seria uma das causas do vazio existencial, o presente estudo adotou uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, com abordagem qualitativa, fundamentada no método dialético. Como resultado, elucidou uma temática crucial para a compreensão da Logoterapia e da Análise Existencial, contribuindo para evitar distorções teóricas ao proporcionar maior clarificação de conceitos essenciais, como sentido e valor. Além disso, evidenciou que a Logoterapia é fenomenológica e não moral, como afirmava o próprio autor. Na discussão dos resultados, foi apresentada uma análise crítica do tema, levantando debates necessários sobre a contemporaneidade e demonstrando a urgência de intervenções e mudanças a nível individual e coletivo. As considerações finais, no entanto, ressaltam a complexidade do tema, evidenciando a necessidade de um aprofundamento mais abrangente, ao mesmo tempo em que reconhecem as limitações da pesquisa.

Palavras-chave: Logoterapia, vazio existencial, consciência, fenomenologia.

Abstract: This article is based on a recurring citation in Frankl's works regarding the relationship between the etiology of the existential vacuum and the decline of traditions. Seeking to clarify what Frankl refers to as the decline of traditions and why this would be one of the causes of the existential vacuum, this study conducted an exploratory bibliographic research with a qualitative approach, grounded in the dialectical method. As a result, it elucidated a crucial theme for understanding Logotherapy and Existential Analysis, contributing to the prevention of theoretical distortions by providing greater clarification of essential concepts such as meaning and value. Additionally, it highlighted that Logotherapy is phenomenological rather than moral, as the author himself stated. In the discussion of the results, a critical analysis of the topic was presented, raising necessary debates on contemporary issues and demonstrating the urgency of interventions and changes at both the individual and collective levels. The final considerations, however, emphasize the complexity of the subject, indicating the need for further exploration while acknowledging the research's limitations.

Keywords: Logotherapy, existential vacuum, consciousness, phenomenology.

Resumen: Este artículo se basa en una cita recurrente en las obras de Frankl sobre la relación entre la etiología del vacío existencial y la caída de las tradiciones. Buscando aclarar a qué se refiere Frankl con el término "caída de las tradiciones" y por qué esta sería una de las causas del vacío existencial, este estudio llevó a cabo una investigación exploratoria bibliográfica con un enfoque cualitativo, fundamentado en el método dialéctico. Como resultado, elucidó una temática crucial para la comprensión de la Logoterapia y el Análisis Existencial, contribuyendo a evitar distorsiones teóricas al proporcionar una mayor clarificación de conceptos esenciales como sentido y valor. Además, evidenció que la Logoterapia es fenomenológica y no moral, como afirmaba el propio autor. En la discusión de los resultados, se presentó un análisis crítico sobre el tema, planteando debates necesarios sobre la contemporaneidad y demostrando la urgencia de intervenciones y cambios a nivel tanto individual como colectivo. Sin embargo, las consideraciones finales destacan la complejidad del tema, indicando la necesidad de un mayor aprofundamiento, al tiempo que reconocen las limitaciones de la investigación.

Palabras-clave: Logoterapia, vacío existencial, conciencia, fenomenología.

* Instituto Freedom (São Paulo). E-mail: psicóloga.daniellacorrea@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0914-7370>

** Núcleo de Logoterapia de Curitiba. E-mail: mari_budal@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3443-9594>



Introdução

O contexto histórico do final do século XIX e começo do século XX, marcado por reducionismos e nihilismo, provocou posicionamentos críticos em Viktor Frankl, o influenciando na construção da Logoterapia. Frankl (2011, 2019) opunha-se a qualquer unilateralidade na compreensão do ser humano, pois isso o reduzia a “nada mais que...” processos celulares, conteúdos instintivos ou condições sociais. Para o autor, qualquer ismo seria negligente com a totalidade do ser, favorecendo a facticidade em detrimento do facultativo. Como consequência desse movimento, também haveria a negação dos valores e da possibilidade de encontrar sentido, resultando em uma desvalorização da vida.

Segundo Frankl (2011, 2019), o contato com a teoria dos valores de Max Scheler foi crucial para sua superação do psicologismo. Alinhado a outros teóricos que contestavam as tendências reducionistas predominantes no saber científico da época, o fundador da Logoterapia propunha uma reformulação na concepção de ser humano adotada pelas correntes psicológicas vigentes. Diante disso, sinalizou as lacunas deixadas por seus antecessores ao apresentar sua proposta antropológica tridimensional, reconhecendo as dimensões psicofísicas e incluindo a dimensão noética - dimensão essa que caracteriza o especificamente humano -, elucidando a integralidade da pessoa. Sua teoria, portanto, demonstra o aspecto relacional do ser com o mundo circundante, orientando-se aos valores e clarificando a dinâmica da existência.

A etimologia da palavra Logoterapia indica uma terapia voltada ao Logos, compreendido como sentido — ou seja, à busca de um sentido único e irrepetível. O conceito de sentido é central na cosmovisão frankliana, e está diretamente relacionado à dimensão noética do ser humano. Dessa forma, a ontologia frankliana considera o ser humano livre para se opor às suas facticidades e agir de forma consciente e responsável, o que Frankl denominou “liberdade da vontade”. Além disso, a existência humana é movida por uma vontade primária de encontrar sentido para a vida, indo além da mera busca de prazer e poder — trata-se da “vontade de sentido”. Assim, ao direcionar-se para além de si mesmo e manter uma relação dialética com o mundo dos valores, o ser humano concretiza sua existência, realizando o que Frankl chama de “sentido de vida” (Frankl, 2011, 2019).

Viktor Frankl (2011, 2019) chamava a atenção para o que denominou como neurose noogênica. Ele esclarece que o questionamento e a busca por um sentido de vida nada tem de patológico. O anseio humano em relação à própria existência aponta para um aspecto de maturidade e deve ser mobilizado terapêuticamente. O risco ocorre quando há restrição no campo noético e adoecimento nas dimensões psicofísicas, impactando a capacidade do ser humano de apreender o mundo fora de si e, por consequência, de valorar sua existência, levando-o a comportamentos fatalistas constantes. Assim, a Logoterapia pode auxiliar nos mais diversos casos, mas se apresenta como uma terapia específica para aqueles que sofrem pela sensação de vazio existencial, na qual sua vida, aparentemente, não apresenta mais nenhum sentido a ser realizado e nenhum valor que valha a pena concretizar.

A problemática da pesquisa foi formulada a partir da recorrente citação encontrada em diferentes obras de Viktor Frankl (2011), embora com pequenas variações nas palavras:

Aquilo que conceituei como “vácuo existencial” constitui um desafio à psiquiatria e à psicologia atualmente. Cada vez mais pacientes se queixam de um sentimento de vazio e de falta de sentido, fenômeno que, sob meu ponto de vista, parece derivar de dois fatores. Ao contrário do animal, os instintos não dizem ao homem o que ele tem de fazer. E, ao contrário do homem de gerações atrás, a tradição não lhe diz mais o que deveria fazer. Frequentemente, mal sabe o homem o que ele, basicamente, deseja fazer. Ao invés disso, acaba por, simplesmente, reproduzir o que as outras pessoas fazem (conformismo), ou fazer o que os outros querem que ele faça (totalitarismo) (p. 9)¹.

Nota-se a relevância do trecho, não só por sua constante citação mas também por seu conteúdo. No entanto, alguns questionamentos são necessários: É claro em língua portuguesa o significado da palavra tradição? E qual é o entendimento acerca desse termo na Logoterapia? É preciso clarificar a resposta dessas perguntas para garantir que não haja equívocos conceituais, pois o risco seria de propagar o entendimento de uma Logoterapia moralista, ao invés de fenomenológica, como alerta o próprio Frankl (2011). Assim, a questão problema da pesquisa se organizou desta forma: O que é necessário compreender na relação levantada por Viktor Frankl entre o vazio existencial e a queda das tradições de modo que não ocorram desvios de seu pensamento?

¹ O leitor poderá encontrar esse trecho em todas as obras selecionadas para a construção do artigo, e para comprovar essa afirmativa (Frankl, 2011, p. 9; Frankl, 2016a, p. 26; Frankl, 2016b, p. 17; Frankl, 2017, p. 101; Frankl, 2019, p. 26; Frankl, 2020, p. 39-40; Frankl, 2021, p. 60-61).



Acerca da relevância teórica/científica, foram realizadas buscas nas bases de dados Google Acadêmico, na plataforma de periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e na Scielo, utilizando as palavras-chave: Logoterapia, vazio existencial, consciência e fenomenologia. Justifica-se o uso da última palavra-chave em razão da base fenomenológica na construção da Logoterapia, especialmente, para compreensão do conceito consciência. O operador booleano AND foi utilizado para encontrar artigos que contivessem todas essas palavras-chave simultaneamente, enquanto o operador OR foi aplicado para incluir variações relacionadas aos termos. A pesquisa foi realizada no idioma português (Brasil) e no intervalo de publicações entre 2014 e 2024. Não foi encontrada nenhuma pesquisa que abordasse o tema do vazio existencial a partir da perspectiva deste artigo, que analisa de forma específica a relação entre o fenômeno do vazio existencial e a queda das tradições. Isso demonstra que a proposta estudada é inovadora, não sendo a ideia finalizar a discussão, mas sim iniciar um convite ao diálogo sobre o tema.

Acerca da relevância social, ressalta-se a indicação de Frankl (2011, 2019) de que o vazio existencial é um fenômeno de massa, convocando a necessidade, tanto dos profissionais que atuam na área da saúde e educação quanto da sociedade em geral, de uma profunda reflexão antropológica e existencial. Esse apontamento segue atual, sendo ainda urgente elaborar intervenções eficazes para essa problemática.

Objetivos

O objetivo geral deste artigo foi explorar nas obras de Viktor Frankl a relação proposta pelo autor entre a queda das tradições e o fenômeno do vazio existencial. Para isso, foram estabelecidos quatro objetivos específicos: O primeiro foi descrever o que Frankl compreende por queda das tradições. O segundo investigou qual o impacto da queda das tradições na manifestação do vazio existencial. O terceiro identificou quais respostas o ser humano contemporâneo tem oferecido frente a queda das tradições e como estas colaboram para o desenvolvimento da neurose noogênica. O quarto e último teve como objetivo provocar reflexões sobre o impacto das tradições na manifestação do vazio existencial e seus desdobramentos para a neurose noogênica de acordo com a Logoterapia.

Metodologia

O presente artigo trata de uma pesquisa bibliográfica do tipo exploratória, com abordagem qualitativa e utilizando o método dialético. O procedimento da pesquisa bibliográfica começa com a definição dos critérios técnicos para a coleta e análise de dados. A partir dessa etapa, é necessário organizar a coleta para que o pesquisador possa, posteriormente, descrever os resultados encontrados na bibliografia selecionada. A apresentação dos resultados segue o raciocínio construído a partir dos objetivos estabelecidos, considerando, conforme o método dialético, os pontos da tese, antítese e síntese. Após essa exploração, na etapa de discussão dos resultados, o pesquisador deverá integrar as ideias da investigação sobre o problema da pesquisa, refletindo criticamente sobre as análises elaboradas (De Lima & Mioto, 2007).

A etapa de coleta de dados desta pesquisa priorizou a utilização de livros do autor Viktor E. Frankl, especificamente em português brasileiro, com a finalidade de acessar diretamente a obra do fundador da Logoterapia e garantir a fidelidade à teoria original. Considerou-se como "português brasileiro" as traduções publicadas no Brasil por editoras reconhecidas, priorizando as edições mais recentes disponíveis até a data de escrita deste artigo. As palavras-chave que guiaram a coleta foram: vazio existencial, consciência e tradições. Esses descritores foram escolhidos com base na relevância teórica das temáticas abordadas por Frankl e no alinhamento com os objetivos da pesquisa. A seleção das obras foi realizada por meio de pesquisas na internet, especialmente em sites de editoras e plataformas de venda de livros, garantindo que a coleta contemplasse obras representativas da Logoterapia disponíveis no mercado editorial brasileiro.

A partir disso foram selecionados os seguintes critérios de inclusão os livros lançados ou reeditados entre 2011 e 2021. Esse critério foi adotado para assegurar que os materiais selecionados estejam atualizados em relação às edições disponíveis. Além da atualização editorial, a seleção das obras levou em consideração a sua importância para a construção da Logoterapia, a partir dos seguintes critérios: A) Relevância histórica: Obras que tiveram um impacto significativo no desenvolvimento da Logoterapia. B) Complexidade do conteúdo: Foram priorizadas obras que apresentam um nível aprofundado de discussão teórica e conceitual, evitando textos introdutórios ou simplificados. C) Diálogo com logoterapeutas experientes: Obras que mantêm um diálogo contínuo com profissionais experientes da Logoterapia, seja por meio de citações, discussões ou atualizações feitas ao longo do tempo, garantindo que estejam alinhadas com as práticas contemporâneas da área. Como critérios de exclusão da pesquisa foram selecionadas as obras de caráter biográfico, entrevistas ou relatos pessoais, bem como livros que não se enquadraram nas temáticas centrais da Logoterapia, conforme definido nos critérios acima.

A seleção das obras seguiu o seguinte roteiro de leitura: A) Dados de publicação da obra: Título, ano de publicação e última revisão. B) Caracterização da obra: Tema central, resumo, títulos dos capítulos e sua relevância para a construção da Logoterapia, conforme os critérios descritos anteriormente. C) Contribuição



para a pesquisa: Comparação dos dados coletados com as palavras-chave e os objetivos da pesquisa.

Esclarece-se que as respostas dos itens A e B foram coletadas diretamente das obras ou de sites oficiais, garantindo a imparcialidade e a fidedignidade dos dados. O item C foi preenchido a partir da correlação das respostas anteriores com os descritores principais. As palavras consciência, tradições e vazio existencial deveriam estar presentes na análise; no entanto, caso uma obra abordasse apenas uma dessas palavras-chave, foi considerada dentro dos critérios de inclusão, desde que seu enfoque estivesse no aprofundamento específico desta temática.

Após a busca inicial, o levantamento totalizou 17 obras. Aplicados os critérios de inclusão, exclusão e o roteiro de leitura, o número final de obras selecionadas foi de 7. Cada obra selecionada foi lida integralmente, com trechos relevantes marcados conforme as palavras-chave, o objetivo geral e os objetivos específicos da pesquisa. Esses trechos foram transcritos integralmente em um documento de Word e, posteriormente, reorganizados de acordo com os objetivos específicos estabelecidos. A partir dessa organização, foi possível construir a descrição dos resultados encontrados.

Resultados

Objetivo Específico 1: Descrever o que Frankl compreende por queda das tradições.

Uma das possíveis etiologias do fenômeno do vazio existencial é a queda das tradições. Como afirma Frankl (2011), “em segundo lugar, contrariamente ao que ocorria nas gerações passadas, nem convenções, nem tradições e, sequer valores orientam o homem de hoje sobre o que ele deveria fazer, ora, atualmente, muitas vezes, ele mal sabe o que deseja fazer” (p. 105). As convenções e tradições de uma geração sustentam uma visão de mundo, apontando também para aspectos culturais e comportamentais de um tempo histórico, influenciando, portanto, a forma como as pessoas de determinada sociedade vivem. Esses indicativos, construídos a partir das tradições, poderão ser compreendidos como veículos de sentido quando estiverem atrelados à concretização de valores. Assim, a queda das tradições resultou na perda da validade incondicional de alguns direcionamentos presentes em gerações passadas, como os Dez Mandamentos. Em contrapartida, a humanidade atual manifesta uma fase de obscurecimento na captação dos valores juntamente a um declínio de referenciais, por consequência, as pessoas parecem estar desorientadas, necessitando reencontrar diante quem ou o que devem responder (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

Isso não significa que tal queda tenha impactado as possibilidades de encontrar o sentido único em situação igualmente única, como demonstra Frankl (2019):

Tendo perecido as tradições, não se foi com elas o sentido que veiculavam? A resposta é “não”, e pelo simples motivo de que o caso das tradições afeta apenas os valores, não afeta de modo algum sentido. Este é poupado, na sua condição de algo único e irreproduzível, a ser descoberto oportunamente, enquanto o valor constitui uma situação típica, recorrente, que caracteriza a condição humana. Em vez de algo absolutamente singular, temos no valor um fenômeno de índole universal. Em conclusão, a vida permanecerá dotada de sentido, mesmo quando todas as tradições desaparecerem e nenhum valor de aplicação geral se mantiver (p. 30-31).

Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) esclarece que o sentido de vida não é uma tentativa de dar uma resposta universal para a existência, fazendo uma diferenciação conceitual entre sentido de ou na vida, da vida e suprasentido, sendo que o encontro de sentido na vida é trans-subjetivo, é a partir do ser-em-situação. Portanto, a queda das tradições não impede o encontro de sentido, o sentido único permanece como possibilidade incondicional, inclusive como caminho para apreender e cristalizar novas possibilidades de atos valorativos. Para tanto, é preciso que a pessoa da contemporaneidade se reposicione frente a esse cenário de esgotamento dos referenciais, para tomadas de atitudes conscientes e responsáveis, concretizando esses sentidos irrepetíveis. Sobre o desaparecimento das tradições, Frankl (2011) pontua que “desse modo, em vez de novos valores serem encontrados através de sentidos únicos, o inverso ocorre. Valores universais estão em declínio” (p. 83).

Valores são possibilidades amplas com qualidades essenciais, que guiam o ser humano na sua busca para encontrar e concretizar o sentido, aliviando, de certa forma, o processo de tomada de decisões. Isso porque os valores são como universais de sentido, que no enfrentamento de situações próprias da condição humana, se cristalizaram. Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) apresenta três categorias de valores: de criação, de vivência e de atitude. É a partir do que o ser humano é capaz de entregar ao mundo, de contemplar do mundo e da forma como se posiciona diante do inescapável da vida, que os sentidos poderão ser apreendidos e os valores concretizados. Os valores atraem o ser humano, estando o mesmo livre para engajar-se ou não na concretização desses valores. O conceito de valores na Logoterapia não é sinônimo de algo imposto, tampouco, os valores e sentido podem ser compreendidos como mera expressão do si mesmo, o sentido de vida é encontrado nesse responder às exigências da situação, não sendo respostas arbitrárias ou inventadas



(Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) critica o relativismo, apresentando uma proposta que se opõe a qualquer tentativa de subjetificar os valores e o sentido. Esclarece que a cognição humana alcança recortes do todo, por meio da sua capacidade de colocar em perspectiva o mundo objetivo. Assim, o ser-mundo se encontra em uma relação dialética, na qual a pessoa está em abertura, junto ao mundo circundante, e o mundo contextualiza, coloca em situação a pessoa. Dessa maneira, uma visão de mundo não pode ser compreendida como uma proposta absoluta, que responde em totalidade a realidade. A importância de preservar esse campo tensional entre ser-mundo, também aponta para a problemática da queda das tradições, como cita Frankl (2011) “o sentido único de hoje é o valor universal de amanhã. É desse modo que as religiões são criadas e que os valores evoluem. A consciência, logo, tem o poder de descobrir sentidos únicos que contradizem valores estabelecidos” (p. 82-83).

Entre outros teóricos, Frankl (2017) é influenciado por Max Scheler, elucidando o embasamento fenomenológico da Logoterapia, como mostra na citação abaixo:

É justamente tarefa da consciência revelar ao ser humano “aquele único necessário”. Trata-se daquela possibilidade única e exclusiva de uma pessoa concreta numa situação concreta, possibilidade à qual Max Scheler quis se referir com o conceito “valores de situação”. Refere-se, portanto, a algo absolutamente individual, a um “deveria ser” individual, que não pode ser abarcado por nenhuma lei geral, por nenhuma “lei moral” formulada em termos universais (por exemplo, no sentido do imperativo kantiano), mas prescrito precisamente por uma “lei individual” (Georg Simmel). Não pode nunca ser conhecido racionalmente, mas compreendido apenas intuitivamente. E essa função intuitiva é realizada pela consciência moral (p. 31).

Assim, quaisquer padrões pré-concebidos, interpretações racionais ou doutrinações obscurecem a busca pelo sentido, contrariando a análise descritiva a qual se propõe a Logoterapia. Portanto, é a experiência das pessoas comuns, que ao responder às exigências da vida, desvelam os caminhos para a concretização dos valores. O ser humano é capaz de valorar a própria existência, clarificando as possibilidades com qualidades essenciais. Portanto, é a pessoa-espiritual quem sabe, um saber intuitivo, que compreende o existir, apontando para uma autocompreensão ontológica pré-reflexiva da existência (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021). A proposta da Logoterapia é traduzir em termos científicos essa acurada análise fenomenológica da experiência valorativa do ser, como pontua Frankl (2011) “a logoterapia se baseia em afirmações sobre valores tomados como fatos, não em julgamentos sobre fatos tomados como valores” (p. 92).

Por fim, Frankl (2017, 2019) debate sobre o termo moral, afastando qualquer tentativa de correlacionar valores com moralismo, como afirma “o sentido não é algo que possa ser dado, isso seria moralismo. E moral, na acepção tradicional, é um conceito fadado a ser brevemente superado. Mais cedo ou mais tarde deixaremos, com efeito, de moralizar e daremos à moral um caráter ontológico” (2019, p. 29). Para o autor, logo o determinante sobre bem ou mal será aquilo que propicia ou restringe o encontro de sentido e, portanto, a concretização dos valores. Ainda, é a consciência noética, intuitiva e pré-reflexiva, que capta os valores e possibilita o valorar da existência, com qualidades anteriores a qualquer moral explícita. Assim, a Logoterapia não faz apreciação sobre sentido ou valor, não se propõe a analisar os conceitos em si, visto que, tanto sentido quanto valor não são termos explicáveis, são executáveis, vividos (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

Objetivo específico 2: investigar qual o impacto da queda das tradições para a manifestação do vazio existencial.

Cada tempo histórico é demarcado pela presença mais ou menos ativa de determinados valores, como também, por convenções e tradições que estruturam a vida das pessoas inseridas naquele contexto. O declínio dos referenciais de valores, resultando nessa perda de direções a seguir, gera tempos de instabilidade. Na Logoterapia a pessoa-espiritual é compreendida enquanto tridimensional em relação ao mundo circundante. As tradições abarcam, portanto, os fatores sociais, sendo que a queda das tradições, apontada como uma das possibilidades etiológicas do fenômeno vazio existencial, afligiou esse campo relacional ser-mundo. Se nas gerações passadas havia esses referenciais sólidos que orientavam as pessoas em suas vidas, tanto individuais, quanto em sociedades, atualmente, com a perda dessas indicações, Frankl (2016b) pontua que:

Perguntar pelo sentido da existência, questionar esse sentido, é antes um ato humano mais do que um sofrimento neurótico; no mínimo, trata-se de uma manifestação de maturidade intelectual: uma oferta de sentido não é mais aceita de maneira acrítica e sem questionamentos - ou seja, de maneira irrefletida - das mãos da tradição, mas o sentido que a ser descoberto e encontrado com independência e autonomia (...). Se a frustração existencial for mesmo uma neurose, trata-se então de uma neurose sociogênica. Mas é um fato sociológico - a perda da tradição - que torna o homem contemporâneo tão existencialmente inseguro” (p. 18).



Frente a esse esgotamento dos referenciais de valores, há a necessidade do ser humano reposicionar-se, visto que, quase não há mais o que lhe indique – ou há um super estímulo de indicações – como agir, como se relacionar e como viver. Assim, é necessário que assuma a responsabilidade sobre a própria existência, se confrontando com a urgência de concretizar o sentido único para aquela situação. Diariamente, a pessoa-espiritual precisa responder aos questionamentos das situações que compõem sua vida, na forma como se posiciona diante das exigências do dia a dia se desvela o sentido, para tanto, é preciso intender para os valores que ali se escondem e confiar no sentido como possibilidade incondicional. Do contrário, caso se ausente dessa responsabilidade e decaia em uma descrença sobre os valores e o sentido, o risco é que se perceba desorientado e cada vez mais inseguro sobre sua capacidade de decidir, perdendo-se no abismo do relativismo e do subjetivismo, por consequência, obscurecendo o valor sobre si e sobre a vida (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

Essa cegueira em relação aos valores propicia a manifestação do niilismo, a convicção de que nada possui sentido. Ainda assim, a busca pelo sentido da vida é um questionamento especificamente humano, que pode tanto ser abafado quanto tentado a responder pela via da teorização, decaindo em reducionismos. O niilismo é considerado a máscara do reducionismo, a tendência de reduzir a realidade e suas possibilidades a mero processos de condicionamentos. Nesse movimento causa-efeito, perde-se o caráter intencional da existência, frustrando a vida de sentido. Ainda, a tentativa de considerações lógicas, de responder em absoluto a problemática da existência, perde a sua função de orientação, de guia, ao negar os mistérios da existência, que não cabem em respostas prontas, retirando a unicidade do ser e o privando da sua responsabilidade de responder à vida (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021). Acerca da relação entre o fenômeno do vazio existencial e a descrença nos valores Alexander Pfander afirma:

A geração que vive neste crepúsculo de valores é cega para eles e nem desconfia da sua incapacidade. A única teoria de valores que subsiste é o utilitarismo, em que o interesse geral é tido não apenas como mais alto interesse, mas também como mais elevado valor, não se percebendo que ele pressupõe outro valor, não utilitário. O pensamento fica meio caminho, falta de fundamento. A decadência dos valores faz o mundo e atividade dos homens parecerem insensatos e estereis. A natureza das coisas não permite, contudo, que os valores sejam criados artificialmente. O conceito de valor não admite a interferência da vontade dos homens. É preciso que o indivíduo seja gradativamente educado e criado no ambiente impregnado do conhecimento dos valores. A cegueira nesse ponto propicia o surgimento dos fantasmas do desespero e do sentimento de que a vida não tem sentido (1973 conforme citado por Frankl, 2019, p. 25)

Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) afirma que a autenticidade da existência humana se encontra na autotranscendência, conceito que só poderá ser compreendido na relação entre o ser e esse polo objetivo dos valores. É essa polaridade entre a realidade e os ideais a serem materializados que concedem estrutura à existência, que garante a integridade moral e possui grande sustentação para a saúde mental. Diante desse cenário de instabilidade, resultado do declínio dos valores, somado por essas tendências reducionistas e pela descrença do niilismo, o entusiasmo pelo cultivo de ideais e de valorar a própria existência, é ameaçada. Por consequência, o ser humano da contemporaneidade, diferente dos tempos passados, não possui mais frustração sexual, mas sim, existencial.

Ainda, a industrialização oportunizou o surgimento da sociedade da abundância, a qual apresenta diferentes meios de satisfação das necessidades e, até mesmo, cria algumas artificialmente. A sociedade consumista incentiva a busca pelo prazer e poder, resultando em tendências autocentradas e em relações de utilitarismo. Com a esquivia de responder às exigências da vida, com esse excesso de satisfação juntamente com a perda desse caráter intencional das relações, há pouca tensão fecunda para o encontro do sentido, sendo substituída por uma busca da homeostase. A necessidade básica, a vontade de sentido, é negligenciada e, em meio a tanta abundância, o ser humano não sabe em busca do que prosseguir. E, uma vez que a vontade de sentido é constantemente negligenciada ou frustrada, apesar da cultura do bem-estar e da abundância que o cerca, a pessoa decai na sensação de vazio da existência. Por último, Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) esclarece que seria um equívoco presumir que apenas a resolução das problemáticas sociais sanaria o fenômeno do vazio existencial, o que aconteceria é que quando as questões sociais estivessem resolvidas, os questionamentos existenciais se evidenciariam para a consciência.

Objetivo específico 3: Identificar quais respostas o ser humano da contemporaneidade tem oferecido frente à queda das tradições e como essas colaboram para o desenvolvimento da neurose noogênica

O movimento reducionista também alcança a antropologia ao negligenciar a dimensão noética, que, para Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) corresponde ao especificamente humano. Como resultado, o ser pessoa é reduzido a meros processos de condicionamentos e/ou a conteúdos psíquicos. Com isso, nega-se a possibilidade de autonomia e independência para decidir, e a liberdade para se posicionar frente aos condicionantes, como os fatores sociais, é vista como autoengano. Dessa forma, a percepção do ser hu-



mano sobre si mesmo é distorcida, o levando a assumir um discurso fatalista, de identificação com suas facticidades, contribuindo ainda mais para a perda do campo tensional, nesse caso, entre o ser e as suas limitações. A pessoa-espiritual possui a inerente capacidade de oposição aos seus determinantes, de avaliar e reavaliar a realidade, de julgar as próprias ações em termos morais e éticos, para, assim, escolher, posicionar-se para além desses fatores. Para Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) a liberdade não é um atributo da mente ou da psique, mas do espírito - palavra que deve ser compreendida em caráter antropológico e não teológico.

Para conceber esse giro antropológico proposto por Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021), que aponta para o facultativo da pessoa-espiritual, é preciso compreender a consciência em seu caráter intencional, essa que coloca o ser humano em abertura com o mundo e o guia na busca pelo sentido. Portanto, a consciência noética da pessoa espiritual, não corresponde ao superego, não se confunde com pseudomoralidade, é intuitiva, capacitando o ser humano a encontrar o sentido único das situações igualmente únicas, não se submetendo a uma lei geral. Apenas quando a autocompreensão estiver distorcida por padrões pré-concebidos, é que a pessoa se refere ao sentido como algo inventado, dado, pronto. Nos tempos atuais, muitas possibilidades são diariamente oferecidas, e não podendo escapar da necessidade de escolher entre elas, será preciso apreender o que é ou não essencial, e para que isso não ocorra de forma arbitrária, a pessoa precisará recorrer a consciência noética, pois é essa consciência que qualifica decisões livres e responsáveis.

A pessoa-espiritual será livre, inclusive, diante da consciência, podendo tanto seguir quanto rejeitar o que lhe é apontado por esta. Quando, contudo, a voz dessa consciência é constantemente sufocada, corre-se o risco da manifestação do conformismo, que é seguir o que os demais fazem, ou do totalitarismo, que seria aceitar o que lhe é exigido. Para tanto, dependerá se as expectativas excessivamente generalizadas de uma sociedade são simplesmente dadas ou então impostas. Por isso, frente a essa fase de declínio dos valores, em tempos de instabilidade de referenciais, o ser humano necessita de uma consciência noética aguçada e de uma confiança na sua capacidade de decidir, do contrário, se verá à mercê da fragilidade da contemporaneidade e dos inúmeros estímulos apresentados por essa sociedade industrializada (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

Ao renunciar a autonomia de suas escolhas, concedendo ao outro o poder de decisão e, assim, se deixando ser conduzido por terceiros ao invés de escutar a própria consciência noética, a pessoa vai experimentando uma existência inautêntica. Tanto o conformismo quanto o totalitarismo representam uma fuga da liberdade e responsabilidade. No primeiro caso, haverá um movimento de massificação, de perda da unicidade, na qual se reproduz o que os demais fazem. No segundo, haverá um movimento de restrição da liberdade, um aprisionamento, em aceitar de pronto o que é demandado, sem espaço para refletir acerca das próprias escolhas. Com isso, as pessoas da contemporaneidade vão ficando cada vez mais inseguras sobre sua capacidade de decidir, com medo de tomarem decisões autônomas e com comportamentos de fuga do enfrentamento das exigências da vida, assim, há o risco de uma contínua sensação de frustração existencial. Afinal, por meio das escolhas a pessoa estruturará sua vida e tecerá sua existência, como ser sem assumir a responsabilidade por escolher? (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) afirma que a frustração existencial em si não é patológica, porém, quando não redirecionada para escolhas que preencham a vida com conteúdo de sentido, pode levar a manifestação do completo sentimento de vazio existencial. E, quando a vontade de sentido permanece insatisfeita, a vontade de prazer e poder surge como meios de anestesiá-la essa sensação e também como desvios da realização do sentido. O vazio existencial pode seguir latente, sendo mascarado por comportamentos compensatórios, para evitar entrar em contato com essa sensação de completa falta de sentido para a vida, o ser humano se lança na busca pelo prestígio social, bem-estar e felicidade, e assim segue tentando preencher esse vazio com conteúdo supérfluos e transitórios, tornando o poder e prazer a finalidade de sua vida. Em uma sociedade abundante, as pessoas possuem muitos meios para viver; contudo, com objetivos tão autocentrados, não possuem uma razão para isso.

Com isso, a sensação de inteiro vazio existencial pode se tornar tão intensa, acompanhado do sentimento de apatia – uma falta de iniciativa para viver, para participar do mundo, para agir – e/ou do tédio – uma perda de interesse autêntico pela vida e pelo mundo –, que colabora para o desenvolvimento da neurose noogênica. Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) esclarece que a neurose noogênica não corresponde a um adoecimento da dimensão noética, pois essa permanece como a dimensão saudável, embora seja possível que existam dificuldades nas dimensões biológicas e psicológicas, que gerem restrições ao acesso e a atuação do campo noético, correndo assim o risco dos comportamentos supracitados. Assim, a neurose é de temática existencial, porém, a manifestação sintomatológica será psíquica, física e, até mesmo, com consequências sociais.

Questionar-se sobre o sentido da vida demonstra uma sinceridade intelectual, é um ato humano saudável que deve ser mobilizado. É quando a pessoa-espiritual se abre para essa indagação, ousando desafiar essa ideia de forma livre e responsável, que poderá ir em busca de encontrar a resposta, a partir do seu viver. Essa é uma busca exigente e não se deve ter vergonha do desespero existencial que aí se evoca, mas sim, prosseguir com coragem e confiança. Coragem para não desistir desse questionamento e confiança para acreditar no sentido como possibilidade incondicional. Em conclusão, não deve o ser humano aceitar de pronto, acritica-



mente, o sentido de vida, justamente por isso, não é a proposta da Logoterapia dar o sentido, o caminho é despertar a liberdade para aguçar essa consciência noética e encorajar o ser-responsável, percebendo a pessoa como um espírito independente (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

Objetivo específico 4: Provocar reflexões sobre o impacto da queda das tradições na manifestação do vazio existencial e seus desdobramentos para a neurose noogênica de acordo com a Logoterapia

A queda das tradições se refere a perda de orientações que em gerações passadas eram consideradas valiosas e tinham o lugar de instruir o ser humano em suas ações. O advento da industrialização provocou inúmeras mudanças sociais, como na forma de trabalhar, se relacionar, se divertir, ou seja, em todas as condições que estruturam o viver. Com isso, certas maneiras de perceber o mundo também foram se enfraquecendo e tradições antes incondicionais se esgotaram. Assim, com a perda dessas direções, cabe a pessoa-espiritual a autonomia da decisão, contudo, o que, frequentemente parece estar acontecendo no cenário atual, são pessoas que mal sabem o que querem, sendo engolidas pela massa ou aceitando de pronto as expectativas que lhe são impostas (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

Portanto, Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) parece chamar a atenção que frente a esse cenário de mudanças, se faz necessário que as pessoas atuem com consciência e responsabilidade, encontrando o sentido único de situações únicas para, dessa forma, estarem em abertura para iluminar novas possibilidades de atos valorativos e serem agentes de transformação no mundo. Para isso, é preciso desenvolver uma confiança na capacidade de decidir de maneira independente e uma mobilização para a descoberta do sentido, aceitando a exigência do momento, respondendo ao chamado do sentido, ao invés de abafá-lo ou negá-lo. Do contrário, se diante desse momento de instabilidade, o ser humano assumir uma posição passiva, fatalista e de renúncia de sua responsabilidade, haverá uma insegurança existencial e desorientação sobre a vida. Com esse posicionamento, o risco será que não só valores universais sigam em declínio, mas que o encontro de sentido único deixe de ser concretizado, ainda que permaneçam como possibilidade incondicional, e, com isso, dificultando a cristalização de novas possibilidades de atos valorativos para a sociedade atual.

Com isso, vai-se perdendo esse polo objetivo da relação ser-mundo, esse campo tensional fecundo deixa de ser preservado. Parte disso também se deve a uma cegueira para os valores, que mina o entusiasmo pelo cultivo de ideais, esquecendo-se que, para encontrar o sentido é necessário estar em contato com os valores, é preciso de algo que atraia, que puxe o ser humano em direção ao sentido, visto que, sentido não é mera projeção de si mesmo. A pessoa-espiritual possui essa capacidade de se reposicionar, inclusive, frente aos seus condicionantes sociais, a sua consciência noética pode o guiar na direção contrária ao que é moralmente estabelecido pela sociedade, começando uma revolução para o encontro de novas possibilidades de atos valorativos. Assim, para além de uma confiança no sentido, é preciso uma entrega para a vida e para os valores que ali se escondem (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

É assim que, por exemplo, a cultura evolui, visto que acompanha as mudanças sociais e sendo concebidas por seres humanos, podem muito bem ser revista e transformada por essa capacidade de oposição e de criação da consciência noética. Para tanto, principalmente em uma era que não mais cultiva valores, mas sim, apresenta tendências individuais e subjetivas, devem as pessoas estar em abertura com a realidade por meio dessa consciência ativa, alerta para perceber o que é ou não essencial ao humano, a contrariar a tendência reducionista e confrontar a exigência dos tempos atuais que clama pelo exercício da responsabilidade. Os quatro sintomas da neurose coletiva podem estar relacionados ao medo da liberdade, a fuga da responsabilidade e a insegurança dessa consciência adormecida. Sendo esses: a atitude existencial provisória – uma atitude presentista, focada no aproveitar o hoje, sem se importar com o amanhã –, a atitude fatalista – uma descrença na capacidade de se posicionar, com o discurso de é assim e pronto –, pensamento coletivista – é um entregar-se a massa, abrindo a mão da singularidade –, e o fanatismo – uma crença de que apenas uma opinião importa, de que há uma verdade absoluta. (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

Para Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) é claro que enquanto o ser humano for capaz de uma consciência atenta, estará imune da neurose coletiva. A pessoa-espiritual é um ser que age no mundo, que participa, que transforma a sua realidade e que é, igualmente, transformada pela vida, e isso se dá por meio de atos. Portanto, a responsabilidade não acata nenhuma determinação, não está para a obrigatoriedade, mas sim, para o dever-ser, para o responder na ação as exigências da vida, na execução da essência na existência. Atualmente, o que parece acontecer é que o ser humano da contemporaneidade se encontra entediado existencialmente, indiferente em relação ao mundo, cansado da sua própria realidade.

A queda das tradições provoca a necessidade de reposicionamentos, não só individuais, mas também coletivos. Tanto a Educação quanto a Psicologia precisam acompanhar essa problemática, com novas demandas as quais é urgente intervir, como por exemplo, no favorecimento do aguçamento da consciência noética, afinando a capacidade de descobrir o sentido único. Além disso, é preciso investir na ampliação da visão antropológica, permitindo que a pessoa-espiritual se expresse de forma integral, saindo do racionalismo e indo além de uma percepção dualista de si mesmo, reduzida apenas à mente e ao corpo. Frankl alerta, contudo, que o (a) logoterapeuta não é um moralista e nem um intelectual, não lhe cabe dar ou prescrever o sentido para aqueles que acompanha. Seu papel é de mediação existencial, o tornar consciente a liberdade para despertar a responsabilidade,



para que a pessoa-espiritual possa perceber sua categoria pessoal de valores e preencher o sentido que lhe cabe, nas situações que vivencia. Ainda, é preciso uma análise cuidadosa da realidade atual para rever o que está sendo proposto enquanto visão de pessoa e mundo, e assim, poder cultivar um tipo de filosofia saudável, no qual o sentido se mostre como uma possibilidade incondicional (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

Discussão dos resultados

Discutir a relação entre a queda das tradições e o vazio existencial é imprescindível para evitar equívocos não só sobre esse fenômeno, como também, considerando a importância do tema, impedir que tal incompreensão se desdobre por toda a teoria. Assim, a proposta do artigo foi aprofundar essa temática, fazendo um recorte do conteúdo exposto no trecho. Na apresentação dos resultados, alguns pontos puderam ser esclarecidos e serão evidenciados ao longo dessa etapa, enquanto outros parecem inconclusivos pela complexidade do tema, abrindo margem para questionamentos importantes, que também serão comentados ao longo dessa discussão. Afinal, considerando a profundidade do tema, a intenção segue sendo um convite ao diálogo e não o encerramento do assunto proposto.

No terceiro pilar da Logoterapia – o sentido da vida –, Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) discute o relativismo, subjetivismo e a objetividade do sentido, elucidando a relação dialética ser-mundo. Assim, as possibilidades de sentido se encontram a partir da transubjetividade, pela qual a pessoa – polo subjetivo – chega de forma particular a valores objetivos – mundo –. O sentido é pessoal à medida que é único para cada pessoa e também é situacional, visto que é específico de determinado momento, sendo, portanto, intransferível e irrepetível. Com isso, fica evidente que a pessoa-espiritual necessita de algo que a oriente existencialmente, de um “para que” que estruture sua existência e a direcione para o dever-ser, conectando o primeiro pilar liberdade da vontade com o segundo pilar a vontade de sentido. Tal ponto guia não pode ser compreendido como mera expressão de si mesmo, a objetividade do sentido se preserva por ser algo que está para além da própria pessoa. Desta maneira, esse campo tensional da pessoa com o mundo é necessário para concretização do sentido, é preciso que a possibilidade de escolha esteja atrelada aos valores que estão no mundo, do contrário, voltada a si mesmo e sem algo objetivo que a oriente, a pessoa poderá decair no sentimento de vazio e insegurança existencial. Conclui-se que, sem esse referencial de sentido, que são os valores, não se pode compreender os pilares que fundamentam a Logoterapia. A partir disso, se levanta o questionamento: Será que para a pessoa-espiritual estar em abertura para os valores é preciso das tradições e convenções?

Quando Frankl (2011) menciona “nem tradições, nem convenções e sequer valores orientam o homem de hoje sobre o que ele deveria fazer” (p. 105), não parece estar dando o mesmo significado para essas três palavras e as considerar como sinônimos pode gerar confusão conceitual. Para maior clarificação, é preciso contextualizar essas palavras na Logoterapia, ao invés de partir de um significado pronto ou construído de forma pessoal. Esse foi um dos intuitos do primeiro objetivo, posto que, para descrever o que compreende Frankl por queda das tradições, é preciso esclarecer o que seria tradições na Logoterapia. Como ponto de partida é essencial relembrar que Frankl (2011) afirma não almejar meros duplicadores de suas ideias, incentivando o espírito independente e criativo dos logoterapeutas, entretanto, para preservar a fidedignidade, é importante manter-se alinhado e não se desviar do que fundamenta a proposta frankliana, pois assim se perderia o que torna a Logoterapia o que é para a transformar em outra coisa. Não foi possível, entretanto, chegar a um total esclarecimento do questionamento sobre o termo tradições e convenções, alguns pontos carecem de maior elucidação, os quais serão discutidos a seguir buscando resgatar os conceitos indispensáveis da Logoterapia e os relacionando com descrições do dicionário da língua portuguesa.

O dicionário de língua portuguesa do Instituto Houaiss (2010) descreve a palavra *convecção* como: “2 conjuntos de costumes sociais estabelecidos e aceito pelos indivíduos de uma comunidade, como regras de boa educação, de boa conduta etc” (p. 198). Já a palavra *tradição* é retratada como: “1 herança cultural passada oralmente através das gerações; 2 conjuntos de valores morais, espirituais etc., transmitidos de geração em geração” (p. 763). A partir dos significados apresentados é possível complementar que convenções e tradições são um conjunto de direcionamentos, possuindo o papel de estruturar a forma de viver de uma sociedade em determinado tempo histórico. Sendo assim, ambas as palavras podem acompanhar mudanças sociais, com a capacidade de renovação e concedendo características específicas para uma geração. Relacionando as explanações supracitadas sobre a Logoterapia, é possível ponderar que, quando as convenções e tradições são orientações atreladas a valores, podem ser entendidas como veículos de sentido, visto que facilitam a tomada de decisão direcionadas ao sentido. O conceito de valores não é compreendido na Logoterapia de forma arbitrária, então, se as convenções e tradições forem repassadas de forma impositiva, sem espaço para reflexões individuais, seria incoerente vinculá-las aos valores, pois descaracterizaria o embasamento fenomenológico e invalidaria os fundamentos da Logoterapia. Não se pode partir de nenhum conceito que anule a liberdade de escolha, retire da pessoa-espiritual a responsabilidade por sua própria existência, generalizando as respostas e desfazendo a busca por sentidos únicos (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021). Orientação e comando são duas palavras distintas, conclui-se que, é preciso contextualizar de onde parte e para onde aponta as convenções e tradições, se são um referencial de sentido, com espaço para a autonomia, ou se são comandos impositivos, restringindo a pessoa-espiritual.

Diante do exposto e seguindo a proposta do segundo objetivo específico que foi investigar qual o impacto



da queda das tradições para a manifestação do vazio existencial, outro questionamento surge: Então, quais tradições que ao se esgotarem colaboraram para o desenvolvimento em massa do sentimento de vazio existencial? Nesse ponto, há uma lacuna teórica do artigo, pela limitação do recorte da pesquisa, pois para responder a essas perguntas seria necessário maior aprofundamento sobre a temática dos valores e, por isso, nas ideias de Max Scheler (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021). Partindo do que foi possível coletar nos resultados, se valores são cristalizados a partir do enfrentamento de situações típicas da condição humana, apresentando um caráter mais geral, é plausível considerar que os valores podem auxiliar na consolidação de tradições. Mesmo nesse caso, não parece concebível apontar esses dois termos como sinônimos. Em contraponto, parece essencial relembrar que a Logoterapia também se fundamenta na consideração incondicional da dignidade da pessoa-espiritual, assim, qualquer movimento que oprima, despersonalize ou anule a existência, precisaria urgentemente ser revisto. Essa afirmativa também se baseia na proposta de Frankl (2019) sobre ontologizar a moral, sendo o bem e mal aquilo que possibilita ou não a concretização do sentido. Aliado a isso, Frankl (2011) apresenta o conceito de monantropismo, que seria a busca por uma unidade humana, com espaço e respeito à diversidade, já que somos seres únicos e múltiplos ao mesmo tempo.

Como o próprio Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) alerta, a Logoterapia não é moralista, não podendo, portanto, estar vinculada a um entendimento tradicionalista da relação entre a queda das tradições e a manifestação do vazio existencial. Novamente, utilizando do recurso da descrição de palavras, o dicionário de língua portuguesa do Instituto Houaiss (2010, p. 763) aponta tradicionalismo como: “forte ligação com as tradições; conservadorismo. Antônimo a renovação”. Quando Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) discorre sobre a cognição humana, a apresentando como finita ao considerar que a percepção alcança recortes do todo objetivo, fica evidente não só a impossibilidade de uma visão de mundo absoluta, como também, que sempre haverá espaço para uma revisão da vida. O sentido possui caráter situacional e pessoal e, justamente por isso, se mantém como possibilidade incondicional, não sendo afetado pelo esgotamento das tradições e pelo declínio dos referenciais que a acompanham. Assim, compreender a tradição enquanto imutável é retirar essa possibilidade de crescimento, de transformação da humanidade. O sentido único de hoje, quando encontrado e concretizado, pode reformular as tradições que abafavam os valores, para tradições que tornem a evidenciá-los. Tanto o sentido quanto os valores perderão sua qualidade de guia se forem compreendidos como um lugar a se chegar e estacionar, afinal, a mudança faz parte da nossa condição enquanto existência, seja a nível individual ou coletiva. O que foi uma orientação universal em um tempo histórico pode ser ampliada ou revista em outro, a forma de funcionamento do mundo não é estável. Ainda, podemos acrescentar que não afetando o sentido em si, a queda das tradições interfere no campo de possibilidades da apreensão do sentido, visto que tal campo se reduz conforme o ser humano não faz contato com os valores. O sentido e os valores são intuídos pela consciência, vindo a luz com maior ou menor clareza, as tradições podem facilitar ou ofuscar este processo. Com isso, sendo os discursos sociais da contemporaneidade baseados no incentivo à felicidade individual, fomentando perspectivas egocêntricas da vida e fortalecendo o subjetivismo, a consequência é uma aplicação valorativa muito reduzida e relativa.

Ao apresentar sua antropologia tri-dimensional, Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) está propondo uma pessoa capaz de ser além do que é, de fazer algo de si mesma, não sendo apenas as suas condicionalidades, mas com a possibilidade intrinsecamente humana de decisão. As tendências reducionistas negligenciam essa dimensão especificamente humana, desconsiderando a capacidade para se posicionar e tratando a liberdade como autoengano. Na Logoterapia, a liberdade para atitudes de superação não é apenas diante dos fatores psico-físicos, mas também sobre as influências sociais. A pessoa é espiritual em relação com o mundo, podendo ser agente ativa sobre o mundo, transformando a sua realidade tanto interior quanto exterior. Por isso, se as tradições forem compreendidas enquanto tradicionalismo, também estariam anulando a autonomia e a potência de transformação da pessoa-espiritual, sendo incoerente com a proposta frankliana. Se em tempos de transição social o ser humano não se reposicionar, reencontrando diante o que ou quem responder e, assim, concretizando sentidos únicos, novas possibilidades de atos valorativos universais não poderão ser cristalizadas, reforçando e dando continuidade à fase de declínio dos valores. A partir dessa discussão, outro questionamento é importante: Quais seriam os fatores históricos que contribuíram para essa fase de esgotamento das tradições? Em suas obras Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) não se aprofunda na resposta dessa pergunta, talvez por sua proposta de estudo e formação intelectual não serem focadas nos aspectos sociais. Ainda sim, aponta que com o advento da industrialização referências antes sólidas e que guiavam o ser humano no que deveria fazer, se desfizeram, gerando tempos de instabilidade. Com isso, as pessoas se encontram desorientadas e à mercê das tendências contemporâneas.

A queda das tradições não parece ser o único fator para o desenvolvimento do vazio existencial, por isso, o terceiro objetivo se propôs identificar quais respostas o ser humano da contemporaneidade tem oferecido frente a queda das tradições e como estas colaboram para o desenvolvimento da neurose noogênica. Afinal, em um momento de esgotamento dos referenciais e tempos de tanta instabilidade, ao que resta o ser humano? Responder a própria vida assumindo a autonomia das decisões, contudo, não parece estar sendo esse o posicionamento das pessoas da contemporaneidade, pelo contrário, há uma renúncia da responsabilidade gerando uma crescente sensação de insegurança existencial. Em pano de fundo, o pandeterminismo e o niilismo seguem atuais, contribuindo para o fatalismo e obscurecendo a relação com os valores, dificultando a apreensão das possibilidades de sentido. Assim, a autonomia para responder à vida, principalmente as questões vitais, que dizem respeito ao fundamental



da existência, será cada vez mais afetada caso a pessoa-espiritual se mantenha nesse lugar de identificação com seus condicionantes e de fechamento em si mesma. É urgente a necessidade do aguçamento da consciência noética, da ampliação da visão antropológica e do incentivo a assumir o chamado do sentido. Com isso, seria possível reconstruir referenciais ancorada em uma filosofia de vida saudável, que estivesse pautada na autotranscendência, no respeito e na partilha, dando lugar para a dignidade e para o valor da vida de todos (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

A consciência na Logoterapia não pode ser confundida com superego, justamente por sua capacidade de oposição a qualquer convenção ou padrão normativo. A consciência noética possui a capacidade crítica de questionar tradições arbitrárias e capacidade criativa para gerar mudanças, para agir no mundo. Na Logoterapia o ser-consciente está relacionado ao ser-responsável, tal responsabilidade é sempre diante algo ou alguém, o que também aponta para a intencionalidade da consciência. Assim, é preciso que a pessoa-espiritual assuma a autonomia sobre suas decisões e a responsabilidade sobre sua existência, se colocando diante do mundo em busca de algo que esteja para além dos próprios interesses e superando relações de utilitarismo. O sentido único só poderá ser concretizado por meio de ações, só assim é possível modificar e transformar a realidade, iluminando novas possibilidades de atos valorativos. Isso significa que não basta apenas uma consciência crítica, a existência precisa ser vivida em ato, uma crítica sem movimento não será capaz de gerar mudanças. Ainda, o responder à vida não abarca apenas questões individuais, mas também sociais, serão as pessoas no plural que poderão solucionar as problemáticas coletivas. O tédio e a apatia, duas características do sentimento de vazio existencial, impactam a relação do ser com o mundo, provocando não só uma indiferença aos valores, mas também de perda de iniciativa, de entrega aos valores. Ou seja, um mundo em que o fenômeno do vazio existencial se manifeste em massa é bastante perigoso, pois resulta em pessoas passivas, gerando uma provável alienação das questões coletivas e uma inércia coletiva (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

O reducionismo é uma tendência generalizante e tudo o que escapa dessa tentativa é reduzido a epifenômeno ou tratado como uma superstição. Assim, conceitos como sentido de vida e valores, são ignorados pela impossibilidade de medição, pois não podem ser compreendidos a partir da causalidade. Essa tentativa explicativa da existência impede a apreensão da problematicidade do sentido, pois na tentativa de respostas prontas e lógicas, há um grande risco de levar para a descrença sobre o sentido, resultando no afastamento dos valores e na condenação da disposição ao cultivo dos ideais. Diante do exposto, seria igualmente reducionista compreender o sentimento do vazio existencial como “isso leva àquilo”; há uma multiplicidade de fatores. Portanto, seguindo a proposta do quarto e último objetivo que foi provocar reflexões sobre o impacto das tradições na manifestação do vazio existencial e seus desdobramentos para a neurose noogênica de acordo com a Logoterapia, parece possível relacionar esse fenômeno a fase de instabilidade pelas perdas de referenciais, com esse pano de fundo do pandeterminismo e niilismo junto o posicionamento das pessoas da contemporaneidade frente a esse cenário. Quanto mais declinar a responsabilidade de suas escolhas à terceiros, mais insegura existencialmente a pessoa ficará, isso porque deixará de confiar na sua capacidade de escolher e de perceber a liberdade como uma possibilidade. Somado a isso, quanto mais descrente acerca dos valores e fechado em si mesmo, mais a pessoa decairá para o autocentrismo, resultando na prevalência daquilo que é útil em detrimento do que é essencial. Como resultado, perde-se o fundamento do existir, o caráter essencial da existência, que é a autotranscendência (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

Frankl (2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021) alerta acerca da objetificação da pessoa e da subjetificação do sentido. Com a perda desse campo tensional para um movimento dicotômico mente-corpo, há o grande risco da relativização do sentido. É possível refletir se para além da perda das tradições, a questão também seja a forma como a sociedade se estruturou a partir disso, afinal, a educação, as expectativas e os discursos sociais, não oportunizam espaço para reflexões existenciais, tampouco, para a busca de sentido único e consequente cristalização de novas possibilidades de atos valorativos. Ainda, fica o questionamento: A expressão “queda das tradições” é o mesmo que “declínio dos valores”? Não parece possível afirmar que os valores tenham se perdido, visto que, seguem como possibilidades a serem concretizadas auxiliando na construção de novas ou reformulando antigas tradições. As convenções e tradições parecem dar forma aos valores, mas não estando vinculado aos valores em si, pois esse não é um conceito definível, mas sim, executável. Portanto, presume-se que a queda das tradições atinja a maneira como é esperado que sejam concretizados os valores, caso a orientação aponte aos valores. E com a perda desses referenciais ficando no lugar inúmeras orientações, algumas até mesmo controversas e, em maioria, incentivando a busca incessante pelo prazer, supervalorizando os bens materiais, favorecendo comportamentos autocentrados, distorcendo a visão da pessoa sobre si mesmo e obscurecendo a vida no seu valor, será mesmo um solo fértil para a manifestação em massa do vazio existencial.

A industrialização, o advento das tecnologias e os avanços científicos colaboraram para tempos de rápidas mudanças, impactando inclusive a maneira como as relações são estabelecidas, o trabalho é realizado e o mundo é compreendido. Diversas tradições e convenções que antes respondiam às questões sociais, já não se mostram pertinentes aos tempos de hoje, sendo parte da condição evolutiva da humanidade rever suas normas de vivência e padrões de comportamento. Para isso, é preciso que a relação ser-mundo seja preservada, pois é justamente esse campo relacional que permite a tensão fecunda para o encontro de novas possibilidades de atos valorativos. Contudo, em uma cultura do bem-estar até mesmo a dose de tensão saudável evocada pelo questionamento sobre o sentido de vida é suprimida. Qualquer condição que impacte a homeostase precisa ser rapidamente reparada, são



diversos os discursos que apontam para o cuidado com o “eu” como a preocupação principal, desencorajando a pessoa na busca pelo sentido e tornando o desequilíbrio algo a ser evitado a qualquer custo, resultando em sujeitos com baixa tolerância à frustração, incapazes de transformar o trágico da vida em triunfo pessoal e alienados ao sofrimento alheio (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

Por fim, ao abafar a voz da consciência, as pessoas da contemporaneidade aparentam estarem perdidas, incapazes de discernir entre tantas demandas e a responderem a velocidade dos tempos modernos. Ao não assumirem a autonomia por suas decisões, vão delineando as próprias vidas conforme terceiros, se afastando da autenticidade para se aproximar da inautenticidade. Com isso, demonstram estarem cada vez mais indiferentes ao mundo, entediados existencialmente ao mesmo tempo que esgotados da própria realidade. Os quatro sintomas da neurose coletiva – atitude existencial provisória, fatalismo, coletivismo e fanatismo – são consequência da maneira como homens e mulheres estão se posicionando diante da queda das tradições, com esquiva da responsabilidade e a dormência da consciência. Em consequência, fica improvável a construção de uma nova filosofia de vida, pois para tanto, é preciso que as pessoas da contemporaneidade estejam em alerta sobre as problemáticas coletivas e dispostas a serem agentes de transformação no mundo. Em períodos de tanta instabilidade, é preciso que a busca pelo sentido único seja mobilizada e que cada um se empenhe em assumir o lugar que lhe cabe em abertura para as necessidades do mundo, vivemos tempo de clamor da responsabilidade e de urgência que a vida seja vivida em seu caráter de missão. É preciso afetação com o mundo e coragem para encontrar caminhos coletivos que apontem para a fraternidade, para a autotranscendência e para o amor como valores incondicionais. E essa não é uma proposta apenas para os educadores e profissionais da saúde, é um chamado em massa que precisa ser ouvido por todos nós (Frankl, 2011, 2016a, 2016b, 2017, 2019, 2020, 2021).

Considerações Finais

O conteúdo apresentado conseguiu atender o objetivo geral de explorar a temática e evidenciou que é preciso cuidado para não simplificar a relação entre a queda das tradições e o fenômeno do vazio existencial. Ainda assim, os objetivos específicos não puderam ser atendidos completamente, não sendo possível esgotar a temática. Justifica-se que o assunto estudado seja bastante complexo, sendo preciso fazer recortes do tema para atender às exigências estruturais de um artigo. Dessa forma, abre-se margem para complementação a partir de pesquisas futuras.

Conclui-se que o artigo conseguiu corresponder ao título estabelecido – um convite ao diálogo – visto que, ainda que haja lacunas teóricas, apresentou um conteúdo consistente, permitindo não só iniciar, mas também, apontar para a urgência da continuidade da discussão, a qual deve estar voltada não só para os profissionais da saúde e educadores, mas também, para a sociedade em geral. Além disso, o convite vai além e se estende para a ação coletiva, pois só assim será possível promover as mudanças tão necessárias para a atualidade.

Referências

- De Lima, T. C. S., & Miotto, R. C. T. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: A pesquisa bibliográfica. *Revista Kátal*, 10(Edição Especial), 37-45. <http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe.pdf>
- Frankl, V. E. (2011). *A vontade de sentido: Fundamentos e aplicações da logoterapia*. Paulus.
- Frankl, V. E. (2016a). *Psicoterapia e sentido de vida*. Quadrantes.
- Frankl, V. E. (2016b). *Teoria e terapia das neuroses*. É Realizações.
- Frankl, V. E. (2017). *A presença ignorada de Deus*. Vozes.
- Frankl, V. E. (2019). *O sofrimento humano: Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. É Realizações.
- Frankl, V. E. (2020). *Psicoterapia e existencialismo*. É Realizações.
- Frankl, V. E. (2021). *A falta de sentido: Um desafio para a psicoterapia e filosofia*. Auster.
- Houaiss, A., Villar, M. de S., & Franco, F. M. de M. (2010). *Mini dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Objetiva.

Recebido em 24.04.2024 – Primeira Decisão Editorial em 31.01.2025 – Aceito em 18.02.2025



CONTRIBUIÇÕES DA LOGOTERAPIA PARA A REALIZAÇÃO DO PRÉ-NATAL PSICOLÓGICO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

*Contributions of Logotherapy to Psychological Prenatal Care: An Integrative
Literature Review*
*Aportaciones de la Logoterapia a la Atención Prenatal Psicológica: Una Revisión
Bibliográfica Integradora*

NATHÁLIA PUJOL FERNANDES*

TATIANE JARDIM COSTA**

DOI: <https://doi.org/10.62506/62bd2528>

Resumo: O objetivo deste estudo foi identificar materiais bibliográficos produzidos recentemente no Brasil que orientem psicólogos e logoterapeutas no acompanhamento de gestantes durante o pré-natal psicológico. Foi realizada uma revisão integrativa de literatura a partir de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica, utilizando os descritores: Cuidado Pré-Natal AND Psicologia; Cuidado Pré-Natal AND Logoterapia; Cuidado Pré-natal AND Existencialismo; Gestação AND Psicologia; Gestação AND Logoterapia; Gestação AND Existencialismo. O levantamento de dados foi feito entre março e junho de 2024, de forma manual, nas seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Periódicos em Psicologia (PePsic), onde foram encontrados materiais que correlacionam Cuidado Pré-Natal e Gestação com Psicologia, mas não com os demais descritores. Apesar disso, foi possível correlacionar os dados encontrados com a literatura desejada, demonstrando a necessidade de novas pesquisas na área.

Palavras-chave: Existencialismo; Cuidado Pré-Natal; Gestação; Logoterapia; Psicologia.

Abstract: The aim of this study was to identify bibliographic materials recently produced in Brazil that provide guidance for psychologists and logotherapists in accompanying pregnant women during psychological prenatal care. An integrative literature review was carried out using a qualitative bibliographic approach, using the following descriptors: Prenatal Care AND Psychology; Prenatal Care AND Logotherapy; Prenatal Care AND Existentialism; Pregnancy AND Psychology; Pregnancy AND Logotherapy; Pregnancy AND Existentialism. The data was collected manually between March and June 2024 in the following databases: Virtual Health Library (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) and Psychology Journals (PePsic), where materials were found that correlate Prenatal Care and Pregnancy with Psychology, but not with the other descriptors, despite this, it was possible to correlate the data found with the desired literature. This demonstrates the need for further research in this area.

Keywords: Existentialism; Prenatal Care; Pregnancy; Logotherapy; Psychology.

Resumen: El objetivo de este estudio fue identificar material bibliográfico producido recientemente en Brasil que oriente a psicólogos y logoterapeutas en el acompañamiento de gestantes durante el cuidado prenatal psicológico. Se realizó una revisión bibliográfica integradora utilizando un abordaje bibliográfico cualitativo, utilizando los siguientes descriptores: Acompañamiento prenatal Y Psicología; Acompañamiento prenatal Y Logoterapia; Acompañamiento prenatal Y Existencialismo; Embarazo Y Psicología; Embarazo Y Logoterapia; Embarazo Y Existencialismo. Los datos fueron recolectados manualmente entre marzo y junio de 2024 en las siguientes bases de datos: Biblioteca Virtual de Salud (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) y Psychology Journals (PePsic), donde fueron encontrados materiales que correlacionan Prenatal Care y Pregnancy con Psicología, pero no con los demás descriptores. A pesar de eso, fue posible correlacionar los datos encontrados con la literatura deseada, esto demuestra la necesidad de seguir investigando en esta área.

Palabras-clave: Existencialismo; Cuidado Prenatal; Embarazo; Logoterapia; Psicología.

* Universidade Estácio de Sá. E-mail: npujolferrnandes@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-6275-5583>

** Universidade Estácio de Sá, Campus Petrópolis, Rio de Janeiro. E-mail: tatijardim83@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9923-7045>



Introdução

A Logoterapia é uma abordagem psicoterápica fundada no século XX em Viena, na Áustria, pelo médico psiquiatra Viktor Emil Frankl, com base na reflexão sobre o sentido da vida e como o ser humano é motivado a buscá-lo. É conhecida como a 3ª Escola Vienense de Psicoterapia, sucedendo, em termos cronológicos, a 1ª Escola, a Psicanálise, fundada por Sigmund Freud, e a 2ª Escola, a Psicologia Individual, proposta por Alfred Adler. Enquanto Freud defendia a vontade de prazer e Adler, a vontade de poder, Frankl compreendeu que o ser humano tem “uma vontade de sentido como o centro gravitacional de sua existência” (Aquino, 2011, p. 43). Essa vontade de sentido não é apagada por adversidades da vida, mas pelo contrário, o autor entendia que a vida sempre tem um sentido, mesmo diante de situações de sofrimento (Frankl, 2017).

Essa abordagem tem como base duas linhas filosóficas: o Existencialismo e a Fenomenologia. A primeira, pelo fato de se debruçar na reflexão sobre existência humana, apesar de, para o autor, a Logoterapia ultrapassar trabalhos realizados por autores existencialistas, pois não se dedica apenas a uma análise da existência, mas reflete também sobre o sentido desta e, dessa forma, compreende o ser humano como um ser capaz de questionar essa sua existência e de concentrar-se nos sentidos a serem realizados por ele no futuro (Frankl, 2017).

Outra base de reflexão existencialista presente na Logoterapia é a da compreensão de “liberdade e responsabilidade”. Para Viktor Frankl (2020, p. 23), apesar do ser humano ser marcado por condicionamentos — uma vez que é um ser finito —, sejam eles de ordem física, psicológica ou social, ele sempre “é livre para elevar-se sobre o plano dos determinantes somáticos e psíquicos de sua existência”, pois, “não se pode conceber algo que condicione o ser humano a ponto de deixá-lo sem a menor liberdade” (Frankl, 2017, p. 154).

Já na Fenomenologia, essa escola encontra bases, uma vez que convida o indivíduo a uma autocompreensão, ou seja, uma compreensão reflexiva de si, por adotar pressupostos como “vontade” e pelo fato do logoterapeuta precisar conduzir o paciente a alargar seu campo de visão com relação a sentidos e valores (Frankl, 2020).

Segundo Maldonado (2013), a gestação é um dos períodos mais críticos no desenvolvimento da personalidade de uma mulher, que passa por mudanças físicas, psicológicas e sociais. Podendo a psicologia trazer grandes contribuições para aliviar os sofrimentos nesse período, muito tem se dedicado à produção científica do chamado “pré-natal psicológico”, um acompanhamento psicológico de forma individual ou em grupo, para a escuta de mulheres que se veem diante de uma nova realidade, a de gestar um novo ser humano e de ocupar um novo espaço social como mães.

Ainda de acordo com a autora (2013), gestar e ter um filho são momentos que podem ser vistos como uma transição existencial – um marco importante de mudanças significativas que impulsiona um reajustamento da personalidade –, ou até mesmo uma crise, se referindo a um momento inesperado como uma “perturbação temporária de um estado de equilíbrio” (Rapoport, 1956 como citado em Maldonado, 2013, p. 21). Uma gestação pode então, a depender de como a mulher se relaciona com ela e de fatores ambientais que a influenciam, ser vivenciada como um período de amadurecimento de sua personalidade ou de forma adoecedora, que não termina com o parto, mas inclusive pode ser agravada no puerpério, um novo momento de mudanças físicas e ambientais, pela chegada do filho e uma reestruturação familiar.

Segundo Cordeiro (2022, p. 60), a Psicologia vem se dedicando a promover ações relativas ao pré-natal psicológico, em busca da prevenção e promoção de saúde mental durante o período gestacional “abrindo (...) espaço de humanização, acolhimento, escuta, apoio, informação e cuidado”, mas sem apontar uma abordagem específica que seja mais indicada para essa atuação. Apesar disso, é à luz da abordagem psicanalítica que se encontram mais materiais desse campo de atuação.

Nesse contexto, reflete-se como a Logoterapia poderia contribuir para que a gestante possa ampliar a visão sobre o campo de possibilidades a vivenciar e para que essa possa dar uma resposta à vida diante de uma situação nova e imutável, pois, como disse Helmuth Krüger (2017, p. 12), essa abordagem se baseia na compreensão de experiências feitas por pessoas, com o objetivo de lhes oferecer o “delineamento de uma vida mais significativa, estimulante e saudável”. O autor também compreende que, a partir do momento em que a pessoa reconhece o sentido de sua vida, ela é capaz de, entre outros aspectos, apresentar atitudes mais positivas, direcionar sua cognição para metas importantes e oferecer mais significado a relações interpessoais.

Dessa forma, buscou-se, no presente trabalho, reunir publicações significativas a respeito da linha teórica desejada, a Logoterapia, bem como produções acadêmicas no que tange a experiência da gestação e as mudanças,



sobretudo psicológicas, vividas pelas mulheres nesse período, a fim de compreender a aplicabilidade da abordagem no pré-natal psicológico e poder contribuir com o trabalho de psicólogos e logoterapeutas que se dediquem ou desejam dedicar-se a esta temática, dada a relevância que o pré-natal psicológico vem tendo no contexto brasileiro.

Metodologia

A presente pesquisa trata-se de uma Revisão Integrativa de Literatura de abordagem qualitativa do tipo bibliográfica. Construída, portanto, “como finalidade sintetizar resultados obtidos em pesquisas sobre um tema ou questão, de maneira sistemática, ordenada e abrangente” (Araújo & Leite, 2023, p. 2311) e com base em um levantamento e uma revisão de materiais já publicados sobre o assunto desejado, de fontes consideradas como secundárias, ou seja, livros, artigos, publicações avulsas e teses (Markoni & Lakatos, 2003, Souza, Oliveira & Alves, 2021). Objetiva-se também à construção de uma descrição das características desejadas e a correlação entre as variáveis dessa pesquisa, a partir da coleta de dados, classificando-a também como “descritiva” (Gil, 1946).

Como pergunta norteadora para essa pesquisa, definiu-se duas indagações: Como compreender a aplicabilidade da Logoterapia na realização do pré-natal psicológico? O que a Logoterapia pode contribuir ao pré-natal psicológico?

Procedimentos

Inicialmente, definiu-se os “Descritores em Ciência da Saúde (DeCS)” desejados para a construção das palavras-chave da pesquisa e os seguintes termos foram utilizados para a busca de dados: Cuidado Pré-Natal AND Psicologia; Cuidado Pré-Natal AND Logoterapia; Cuidado Pré-natal AND Existencialismo; Gestação AND Psicologia; Gestação AND Logoterapia; Gestação AND Existencialismo.

O levantamento de dados foi feito entre março e junho de 2024, com pesquisas realizadas de forma manual, ou seja, sem o uso de *software* de pesquisas, utilizando filtros para pesquisas de textos completos, em português, publicados no Brasil e no marco temporal de 5 anos (entre 2019 e 2024). Além disso, foi estabelecido como critérios de inclusão estudos realizados sobre ou com gestantes, de uma forma geral, que oferecessem uma reflexão sobre a saúde mental dessas. Como critérios de exclusão foi demarcado estudos sobre: i) gravidez na adolescência; ii) aborto provocado; iii) adoção; iv) acompanhamentos de gestantes por outras áreas do conhecimento que não a relacionada diretamente à saúde mental; v) puerpério; vi) vivência paterna da gestação; vii) COVID-19.

A pesquisa foi feita a partir da consulta das seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), com os indexadores: LILACS, Coleciona SUS e Índex Psicologia - Periódicos; Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Periódicos em Psicologia (PePsic), nas quais foram encontrados artigos que concatenam “cuidado pré-natal AND psicologia” e “gestação AND psicologia”, mas não houve resultado, em nenhuma das bases escolhidas, com as correlações com os descritores “Logoterapia” e “Existencialismo”. Os dados encontrados foram analisados como o disposto na tabela 1.

Tabela 1
Seleção de artigos

Identificação	Artigos identificados (N=188): BVS (N=167); SciELO (N=11); PePsic (N=10)
Avaliação	Artigos excluídos na avaliação de títulos, resumos e repetições (N=161)
Elegibilidade	Artigos excluídos após a leitura completa (N=6): BVS (N=5); SciELO (N=1); PePsic (N=0)
Inclusão	Artigos completos mantidos (N=21): BVS (N=13); SciELO (N=3); PePsic (N=5)

Os artigos completos mantidos e seus principais temas foram dispostos na Tabela 2.

Não tendo sido encontrado dados que correlacionassem a Logoterapia com o acompanhamento perinatal de gestantes, optou-se por expandir o escopo da pesquisa para complementar a reflexão desejada.



Tabela 2
Artigos encontrados e seus principais temas

Título	Autores	Data de publicação	Principais temas abordados
Apego materno-fetal e transtornos psiquiátricos em gestantes com fetos malformados	Souza, Oliveira e Alves	2022	Quebra de expectativas; Diagnóstico de malformação fetal; Autoestima da mulher; Gestação Gemelar; Apego; Fatores econômicos e geográficos
A psicologia na maternidade hospitalar: um relato de experiência	Queiroz, Azevedo, Cherer e Chatelard	2020	Psicologia Hospitalar; Equipe multiprofissional e inserção da Psicologia nessa; Prematuridade; Dificuldades com o pai e a rede de apoio
Atendimento psicológico durante o pré-natal de risco: ameaça de aborto e hospitalização prolongada	Aguiar e Bodanese	2019	Pré-natal do ponto de vista médico; Acompanhamento psicológico; Atendimento multiprofissional; Prematuridade; Psicanálise; Constelação Stern; Winnicott; Relação mãe-bebê; Apoio social; Culpa
Bem-estar e saúde mental materna	Steen e Francisco	2019	Ansiedade; Estresse; Auto-acompanhamento; Saúde mental; Saúde física; Depressão; Assistência Pré-natal; Impacto da saúde mental materna no bebê
Expectativas e vivências no processo de parto a partir do interacionismo simbólico	M. R., Lopes e Silveira	2021	Medicalização do parto; Expectativas sobre o parto; Interacionismo simbólico; Parto normal; Protagonismo da gestante; Saúde mental; Grupo de gestantes; Medo da dor; Paradigmas sociais
Fatores associados ao nascimento pré-termo: da regressão logística à modelagem com equações estruturais	Oliveira et al.	2019	Fatores de risco para o parto pré-termo; Importância da assistência pré-natal
Grupo de gestantes “Ser Mãe”: uma experiência de estágio em uma Unidade Básica de Saúde	Varotto e Mari	2023	Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PAISM); Escuta Psicológica; Grupo de gestantes
Intervenções Psicológicas Necessárias: A Prática Como Residente no Serviço de Medicina Fetal	Ladino, Fernandes, Cunha e Monteiro	2023	Impacto do diagnóstico de malformação nos pais; Dificuldades da atuação psicológica; Imaginário e apoio social; Luto; Trabalho interdisciplinar; Paternidade
Marcas da maternidade: do ventre para a vida toda	Forlin, Castro, Alberton e Fernandes	2019	Gestação e adoção; Vínculo mãe-bebê; Paternidade; Psicodrama; Culpa; Relações familiares; Papel materno
O apoio social e a vivência gestacional: uma revisão integrativa	Almeida, Silva, Batista, Nobre, & Maia	2022	Apoio social; Depressão pós-parto
O pré natal psicológico como intervenção preventiva no período gravídico puerperal: uma revisão integrativa da literatura.	Araújo e Leite	2023	Desenvolvimento psicológico da mulher; Alteração nos níveis hormonais e mudança de humor; Humanização da assistência; Transtornos mentais no pós-parto; Mudanças físicas e sociais; PAISM
O pré-natal psicológico como um modelo de assistência durante a gestação	Benincasa, Freitas, Romagnolo, Januário e Heleno	2019	Pré-natal Psicológico; Vínculo mãe-bebê; Culpa; Relação conjugal; Rede de apoio; Ansiedade e medos; Feminilidade; Amamentação; Parto; Depressão; Paternidade
Partejar de primíparas: reflexos na amamentação	Castro, Melo, Moraes e Santos	2019	Centros de Parto Normal; Rede Cegonha; Boas Práticas de Atenção ao Parto e Nascimento; Autonomia feminina; Assistência no parto; Acolhimento da equipe e processo humanizado; Técnicas não farmacológicas para manejo de dor; Contato pele a pele; Aspectos biopsicossociais da amamentação
Redes sociais significativas de gestantes de alto risco: um estudo qualitativo	Maffei, Menezes, Krenkel e Crepaldi	2022	Redes sociais; Serviços de saúde e assistência
Repercussões da utilização do plano de parto no processo de parturição	R. M. K., Medeiros, Figueiredo, Correa e Barbieri	2019	Plano de parto; Autonomia feminina
Representações sociais de mulheres grávidas sobre a gestação de alto risco: repercussões para assistência pré-natal	Pereira et al.	2023	Mudanças fisiológicas, físicas e emocionais na gestação; Gestação de alto risco; Equipe multidisciplinar; Teoria de Representações Sociais; Apoio familiar; Fantasias e medos; Mudanças de hábitos de saúde; Dimensão sociocultural; Acesso à tecnologia como fonte de informação
Saúde mental e apoio social materno: influências no desenvolvimento do bebê nos dois primeiros anos	Irurita-Ballesteros, Falcão, Rocinholt, Landeira-Fernandez	2019	Depressão; Ansiedade; Relação mãe-bebê; Síndrome Alcoólica Fetal; Apoio social; Políticas Públicas; Apoio conjugal; Escolaridade materna
Sentimento materno ao receber um diagnóstico de malformação congênita	A. C. R., Medeiros et al.	2021	Malformação congênita; Luto; Suporte psicossocial para os pais; Atuação psicológica
Sentimentos maternos frente ao óbito perinatal	B. G., Lopes, Carletto, Ivastcheschen e Borges	2021	Óbito perinatal; Acolhimento por parte da equipe de saúde e família; Diagnóstico de malformação congênita
Somatização na gestação: a relação das ansiedades e impressões oníricas sob a perspectiva psicanalítica	Bonassi e Melgaço	2020	Psicanálise; Psicossomática; Ansiedade; Espaço e suporte social; Estratégias de acolhimento; Vínculo mãe-bebê; Política de Humanização de Atenção à Saúde da Mulher; Equipe Multiprofissional; Vínculo profissional-paciente; Traduções Oníricas
Vínculo mãe-bebê: acolhimento e intervenções no âmbito institucional, combate aos desamparos da maternidade	Braga, Silva e Bonassi	2021	Vínculo mãe-bebê; Importância da orientação médica e psicológica; Psicanálise; Melanie Klein

Análise

A pesquisa realizada apontou o fato de que a gestação é um momento de grandes mudanças físicas, sociais e emocionais. Podendo ser vivenciado como um momento de alegria (Bonassi & Melgaço, 2020) e oportunidade de crescimento pessoal (Maffei et al., 2022), como também com a presença de estresse, ansiedade e depressão (Benincasa et al., 2019, Irurita-Ballesteros et al., 2019, Lopes & Silveira, 2021, Souza et al., 2022, Steen & Francisco, 2019) além da presença de “insegurança, intranquilidade e cansaço” (Bonassi & Melgaço, 2020, p. 149). Segundo



Pereira et al. (2023), na maioria dos casos, a gestação evolui sem intercorrências, mas há uma probabilidade de que 20% apresentem um quadro desfavorável para a mãe e para o bebê, configurando uma gestação de alto risco.

Por gestação de alto risco, Pereira et al. (2023, p. 5) consideram os quadros que apresentam condições clínicas e sociais não esperadas, que afetam o estilo de vida materno e são associadas a um perigo para a gestação, necessitando de suporte técnico especializado. Os autores notaram em seu estudo também que para as gestantes de alto risco a família representava um papel importante como “suporte para enfrentamento das adaptações, dificuldades e ressignificação dessa realidade”.

Para Araújo e Leite (2023) também o aumento nos níveis dos hormônios estrogênio e progesterona pode estar atrelado a mudanças de humor durante a gestação, além de a baixa brusca desses estar associada à depressão no puerpério. Os autores, com base nos estudos de Arrais (2014) ainda pontuam que esse fato também leva as gestantes a vivenciarem um período de dificuldade em sentir prazer, desconstruindo crenças socioculturais de a gestação ser sempre um momento de grande alegria e felicidade para a mulher. Além disso, de acordo com o Manual de Gestação de Alto Risco (Ministério da Saúde, 2022, p. 495) “Aproximadamente uma em quatro gestantes apresentará algum transtorno psiquiátrico durante a gravidez (...) Essas alterações mentais se associam ao pior prognóstico obstétrico, com menor aderência ao pré-natal e maior mortalidade perinatal.”

Aspectos socioculturais em torno da gestação

O período gestacional mobiliza não somente gestantes, mas também pais, familiares, profissionais de saúde e o contexto social, como um todo, em relação a elas. A boa vivência desse período pode ser marcada por relações interpessoais saudáveis e um suporte adequado e atencioso da equipe de saúde, uma vez que, “uma rede acessível, estável e atenta às necessidades do sujeito contribui para o reconhecimento de competência, autoestima, identidade, pertencimento e adaptação frente a eventos estressores” (Sluzki, 1997 como citado em Maffei et al., 2022, p. 3).

Segundo Almeida et al. (2022) e Irurita-Ballesteros et al. (2019), o apoio social pode atuar como fator de proteção ao adoecimento psíquico nesse período. Em contrapartida, relações conturbadas, como baixo suporte emocional, violência e histórico de abusos, são consideradas fatores de risco para o aparecimento de transtornos psíquicos como a depressão pós-parto.

A espera de um bebê reverbera fortemente no imaginário social como um momento repleto de emoções e expectativas positivas, mas preocupações com o parto, o pós-parto e possíveis diagnósticos de malformação congênita afetam a boa vivência gestacional. Especialmente quando há comparação das gestantes com outras mulheres que vivenciaram dificuldades nesse período (Bonassi & Melgaço, 2020). Assim, de acordo com Lopes & Silveira (2021) um acompanhamento psicológico nesse momento tem grande valor na compreensão da família em que esse bebê está sendo gerado.

A esse respeito, Krüger (2017, pp. 24-25) propôs o conceito “história em nós” (em alemão: *Geschichte in uns*), quando reflete que “somos portadores da história da sociedade em que nos encontramos inseridos”, uma vez que somos marcados por uma herança cultural e condicionados a padrões, normas e costumes. “Apesar dessas limitações”, avança o autor, “sempre há a possibilidade de exercitar a nossa autonomia (...) dando aos papéis sociais aos quais nos sentimos obrigados a desempenhar um conteúdo mais pessoal”. Assim, podemos compreender que também a gestante é convidada a vivenciar esse período de um modo único, apesar do contexto em que se insere.

Krüger (2017, p. 25) afirma ainda que, para exercer tal autonomia “exige-se autoconsciência, clareza quanto ao que se deseja ser ou alcançar e, não raro, coragem”, e se recorda da reflexão de Viktor Frankl sobre o ser humano ser um ser incondicionado. Isso porque, para o autor, “o homem nunca é completamente condicionado, no sentido de ser determinado por quaisquer fatos ou forças. (...) Em última análise, o homem torna-se aquilo que fez de si”, pois fatos e fatores são como a “matéria-prima para (...) atos de autoconstrução” (Frankl, 2020, pp.78-79).

Malformação congênita e luto perinatal

Quando o casal se depara com um diagnóstico de malformação congênita, pode surgir o sentimento de que eles estão diante do término de sonho, afetando o bebê desejado e idealizado por esses pais. Nesse momento, o contexto em que vivem pode contribuir para o surgimento de sentimentos como incapacidade e culpa pela quebra de expectativa gerada (Medeiros et al., 2021, Ladino et al., 2023 e Vicente et al., 2016), além disso, a autoestima da mulher também é afetada, uma vez que se compara com outras mulheres, que não receberam tal diagnóstico (Souza et al., 2022).

De acordo com Souza et al. (2022, p. 41), “as múltiplas mudanças vivenciadas nesse período exigem adaptações e podem representar riscos para o desenvolvimento de diversas psicopatologias, como ansiedade e depressão”. Uma preocupação se estende para as possíveis e prováveis reverberações no pós-parto, pois, “essa vulnerabilidade psicológica pode interferir na interação e no vínculo que a gestante estabelece com o feto no período pré-natal, principalmente em gestantes com fetos malformados”. Segundo Vicente et al. (2016), após o diagnóstico de malformação congênita, é preciso avaliar os indicadores emocionais da



gestante e possíveis estratégias de enfrentamento dessa situação, para a melhor qualidade de vida da mãe e do bebê.

Para Lopes et al. (2021, pp. 1494-1495), “muitas mães ainda precisam passar por momentos de decisão, dos quais devem escolher sobre a continuidade da gestação, ou não, ou ainda a escolha de salvar sua própria vida”. Em caso de intercorrências que levam ao óbito perinatal, ou seja, a perda do feto gerado, é vista pelos autores como “experiência dolorosa que traz sentimentos de fracasso, angústia, medo e revolta”, além de uma grande dificuldade dentro do meio social que deposita na mulher a expectativa de realização pessoal e marcas de felicidade com o período gestacional. Necessitando de grande apoio emocional, por parte da equipe de saúde e da sua rede familiar, pois, ainda de acordo com os autores: “nesse momento, a mãe não sabe se ainda é mãe ou deixou de ser”.

Nessa experiência, a gestante se vê diante do que Viktor Frankl denomina de “triade trágica da existência humana”: dor, morte e culpa (Dias & Zubicuetaa, 2022). E de acordo com a Logoterapia, até mesmo “a morte e o sofrimento têm, potencialmente, sentido” (Frankl, 2020, p.103). Pois, o ser humano tem a capacidade de “1. transformar o sofrimento numa conquista e numa realização humana; 2. extrair da culpa a oportunidade de mudar a si mesmo para melhor; 3. fazer da transitoriedade da vida um incentivo para realizar ações com responsabilidade” (Frankl, 2017, p.161).

Prematuridade

De acordo com o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (2024), a prematuridade é compreendida como o parto realizado antes de se completar a 37ª semana de gestação e representa um desafio de grande importância para o sistema de saúde brasileiro, uma vez que, segundo o mesmo boletim, o DataSUS¹ registrou mais de 3 milhões de nascimentos pré-termos entre 2012 e 2022.

Como variáveis para um parto prematuro, Oliveira et al. (2019) apontam diversos aspectos como psicossociais, econômicos, idade materna, gravidez indesejada e presença de patologias como pressão alta, eclâmpsia, diabetes, além da precariedade e o não acesso a uma assistência pré-natal. Concluindo, no seu estudo, como ponto positivo para a saúde materna e infantil um bom acompanhamento pré-natal também como fator preventivo para a prematuridade. Isso porque estados de ansiedade, insegurança e medo podem elevar “o nível de cortisol no sangue, diminuindo a função do sistema imunológico, deixando o corpo mais suscetível a infecções e parto pré-termo” (Araújo & Leite, 2023, p. 2316).

Além disso, de acordo com Queiroz et al. (2020, p. 58) pode haver uma grande diferença entre o bebê desejado e esperado e a realidade que os pais, de fato, encontram. Exigindo uma adequação à realidade no caso de um parto prematuro, por exemplo, pois desperta nos pais uma sensação de falta de controle da situação, ficando a depender das recomendações e procedimentos da equipe de saúde. Assim, de acordo com seus apontamentos, “o serviço de psicologia tem demonstrado ser essencial nas maternidades” com o intuito de “proporcionar um auxílio no processo de construção de um lugar materno (...) preparação para o parto e intervenção na relação pais/bebê” além de ser também uma forma de “viabilizar um espaço de escuta humanizado dentro dos serviços de saúde, além de diversos manejos técnicos”.

Importância do pré-natal psicológico

A médica, epidemiologista, pesquisadora e docente da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP/Fiocruz), Mariza Theme, em entrevista realizada em 2020 (Fundação Oswaldo Cruz, 2021) fez um alerta à presença dos seguintes transtornos mentais durante a gestação e o pós-parto “depressão, ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático, psicose pós-parto, transtorno de pânico e fobias”.

Segundo Maldonado (2013) e Miranda (2022), cuidar da saúde mental materna durante a gestação tem um efeito duplo na melhor qualidade de vida da mulher e também do bebê, permitindo a gestação de uma nova geração de forma mais saudável. Pois, se sintomas adversos de cunho psicológico, como estresse e ansiedade, não receberem o devido cuidado, podem “se cronificar e trazer danos futuros, acarretando em um pós-parto difícil e dificultando a vinculação mãe-bebê” (Miranda, 2022, p. 44), além de poderem contribuir para “a prematuridade e outras variáveis de risco ao desenvolvimento” (Schiavo, et al., 2020; Schiavo & Perosa, 2020; Schiavo, 2016; Moraes, et al., 2013; Pereira, et al., 2014 como citado em Schiavo et al., 2021, p. 99).

Assim, de acordo com Steen & Francisco (2019) e Araújo & Leite (2023), a assistência pré-natal se faz necessária justamente para a promoção do bem-estar materno e aquisição de estratégias de resiliência e enfrentamento para um melhor manejo de ansiedade, estresse e medo e prevenção da depressão. Uma vez que se compreende ainda que a incidência de depressão no pós-parto se dá em decorrência da depressão no pré-parto e que identificada precocemente pode haver maiores chances de contorno de efeitos negativos.

Além disso, segundo apontado por Theme (Fundação Oswaldo Cruz, 2021), esse é um “período importante para o estabelecimento dos padrões parentais, para a formação de vínculo e para o desenvolvimento infantil”. Para Castro et al. (2019) esse vínculo pode ser estimulado pela amamentação precoce, uma vez que o aleitamento

¹ Departamento de Informação e Informática do SUS (Sistema Único de Saúde)



materno está associado a diversas condições biopsicossociais, como fortalecimento da relação materno infantil e estabilidade emocional do recém-nascido. O que chama a atenção da Psicologia para a necessidade de um olhar cuidadoso também para esse momento, pois, apesar de ser uma prática realizada comumente pela enfermagem, diz respeito a aspectos de seu campo de estudos.

Benincasa et al. (2019, p. 10) também apontam a importância de um programa de Pré-natal Psicológico, pois, “à medida em que as gestantes tomam consciência de suas capacidades e potenciais, encontram formas adequadas de lidar com as adversidades que envolvem a experiência da maternidade”. Na maioria dos materiais encontrados, os autores reconhecem os benefícios da presença de um acompanhamento psicológico e da presença de um profissional de Psicologia na composição de uma equipe multidisciplinar (Aguiar & Benincasa, 2019, Bodanese, 2019, Bonassi & Melgaço, 2020, Braga, Silva & Bonassi, 2021, Ladino et al., 2023, Maffei et al., 2022, Medeiros et al., 2021, Medeiros et al., 2019, Pereira et al., 2023, Queiroz et al., 2020, Steen & Francisco, 2019, Varotto & Mari, 2023). Sendo pontuado também, por Maffei et al. (2022, p. 11) que “a boa relação estabelecida entre a gestante e os profissionais de saúde”, de uma maneira geral, “tende a facilitar a confiança e a adesão às orientações sobre o processo gestacional, parto e puerpério”.

História do pré-natal psicológico

O psicanalista Ludwig Janus, ex-Presidente da *International Society for Prenatal and Perinatal Psychology and Medicine* (ISPPM, s.d.)², reflete sobre a gestação ser um “acontecimento biopsíquico, no qual a mãe e o organismo materno se tornam um lar para que a criança se desenvolva a partir de seu próprio potencial” (Janus, s.d., p. 4. Tradução nossa)³. Todo o processo gestacional, para o autor, se dá de forma “holística”, ou seja, integral, e não como um processo puramente biológico, como se pensava no passado. Janus pontua que foi somente com as contribuições do psicanalista austríaco Otto Rank, em 1924, e do psicanalista húngaro-americano, Nandor Fodor, em 1949, que estudaram os efeitos dos impactos traumáticos do nascimento na vida do indivíduo, que os aspectos psicológicos do período perinatal começaram a ganhar espaço de estudo (Rank, 1924; Fodor, 1949 como citado em Janus, s.d.).

Os psicanalistas, porém, dedicavam-se à análise do indivíduo somente a partir do pós-parto, abrindo espaço para que autores da chamada Psicologia Humanista se debruçassem nos aspectos psicológicos da gestação, entre eles: Arthur Janov, Stanislav Grof e William Emerson, nos Estados Unidos; Frank Lake e Ronald Laing, na Inglaterra; e Gustav Hans Graber e Friedrich Kruse, nos países de idioma alemão (Janus, s.d.).

Ainda de acordo com Janus, o termo “Psicologia Perinatal” começou a ser utilizado somente nas décadas de 70 e 80, com o desenvolvimento de sociedades científicas para o estudo deste campo: A *Studiengemeinschaft für Pränatale Psychologie*⁴, fundada em 1971, pelo Dr. Gustav Hans Graber em Viena, na Áustria, de base psicanalítica, que se tornou, *International Society for Prenatal and Perinatal Psychology and Medicine* (ISPPM)⁵, em 1986, uma sociedade inter e transdisciplinar — graças às contribuições de Fedor-Freybergh e os estudos sobre a psico-neuroendocrinologia da gravidez e do parto, fornecendo um elo de ligação entre psicologia e medicina —, e as ligações com a *Association for Prenatal and Perinatal Psychology and Health* (APPAH)⁶, fundada em 1981 nos EUA, e a *Associazione Nazionale per l'Educazione Prenatale* (ANEP)⁷, na Itália (Janus, s.d.; ISPPM, s.d.).

No Brasil, foi a partir de contribuições de autores como Maria Tereza Maldonado, que publicou na década de 70 sua tese de mestrado *Psicologia da Gravidez, parto e puerpério*, um clássico material para essa área, que esse assunto ganhou espaço (Schiavo, s.d.) e que a saúde mental da gestante passou a ganhar relevância, até porque, segundo Maldonado (2013, p.19), a gravidez é um dos “três períodos críticos de transição que constituem fases do desenvolvimento da personalidade” presentes no ciclo de vida de uma mulher, juntamente com a adolescência e o climatério, os quais apresentam diversos aspectos em comum, descritos por ela como sendo:

(...) períodos de transição biologicamente determinados, caracterizados por mudanças metabólicas complexas, estado temporário de equilíbrio instável devido às grandes perspectivas de mudanças envolvidas nos aspectos de papel social, necessidade de novas adaptações, reajustamentos interpessoais e intrapsíquicos e mudança de identidade.

A autora completa que “ter um filho, iniciar a vida profissional, casar-se, descasar-se, aposentar-se, entrar no climatério são exemplos de transições que podem ou não ser vividas como crises”, uma vez que transições existenciais são importantes marcos, mas que “também envolvem mudanças significativas, reorganizações, aprendizagem” (Maldonado, 2013, pp. 21-22) que podem ser vividas de forma negativa, “provocando na mulher

² Sociedade Internacional para Psicologia e Medicina Pré-Natal e Perinatal (Tradução nossa)

³ Original: “Die Schwangerschaft ist ein biopsychologisches Geschehen, in dessen Rahmen die Mutter und der mütterliche Organismus zur Heimstatt des sich aus seinen eigenen Potenzialen heraus entwickelnden Kindes wird”.

⁴ Associação de Estudos para a Psicologia Pré-natal (Tradução nossa)

⁵ Sociedade Internacional para Psicologia e Medicina Pré-Natal e Perinatal (Tradução nossa)

⁶ Associação para Psicologia e Saúde Pré-natal e Perinatal (Tradução nossa)

⁷ Associação Nacional para a Educação Pré-Natal (Tradução nossa)



sensações de cansaço, preocupação, mal-estar, frustração, medo e ansiedade” (Rapoport & Piccinini, 2011 como citado em Schiavo et al., 2021, p. 99).

Na mesma época da publicação da obra de Maldonado, deram início a traduções de *Psicologia da Gravidez, Parto e Puerpério* de Raquel Soifer, *Maternidade e Sexo* de Marie Langer e *Gravidez a história interior* de Joan Raphael-Leff (Schiavo, s.d.). Já na década de 90, houve a chegada do livro *Nove meses na vida da mulher: Uma abordagem psicanalítica da gravidez e do nascimento*, escrito por Myriam Szejer e Richard Stewart, publicado em versão brasileira em 1997, após a vinda da autora para o II Encontro Brasileiro para o Estudo do Psiquismo Pré e Perinatal — “Decifrando a Linguagem dos Bebês” —, promovido pela Associação Brasileira para o Estudo do Psiquismo Pré e Perinatal (ABREP), em 1994, para o qual a autora trouxe o original do livro que havia sido lançado a pouco em Paris. A partir do conhecimento da obra, a docente Neymar Brandão obteve inspiração para um curso que já ministrava no estado de São Paulo sobre Psicologia da Gravidez (Szejer & Stewart, 1997).

Segundo a Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP), outras contribuições foram importantes para a chamada “Psicologia Perinatal” no Brasil: na década de 80 o termo “Psicologia Obstétrica” passou a ser utilizado pela docente e organizadora dos primeiros cursos sobre o assunto para profissionais da Psicologia, Fátima Bortoletti; na década de 90 deu-se o início do Instituto Gerar de Vera Iaconelli, para oferecer informações para pais sobre o período de gestação, o parto e também o puerpério, a partir das discussões acerca de partos humanizados e violências obstétricas. Atualmente um nome que vem ganhando destaque, sobretudo no meio digital, é o da Prof^a Dr^a Rafaela Schiavo, criadora do instituto Mater Online, dedicado à formação de psicólogas(os) para atuação na área perinatal, além da Prof^a Dr^a Alessandra Arrais (Schiavo, s.d.).

Hoje no Brasil, a atuação da Psicologia com essa demanda se dá a partir do chamado Pré-Natal Psicológico, um acompanhamento psicoterápico, de forma individual ou grupal, de gestantes, pais e rede de apoio — rede composta por pessoas próximas aos genitores que contribuem com esses no cuidado do recém-nascido. A área de atuação recebe o nome de Psicologia Perinatal, Psicologia da Maternidade, Psicologia Obstétrica ou Psicologia da Gravidez, Parto e Puerpério, de acordo com a SBP, e se dedica a demandas como: “planejamento familiar, luto perinatal, gravidez, parto e pós-parto, bem como dispõem de técnicas para prevenção de alterações emocionais significativas próprias desse período, como a ansiedade, estresse e depressão” (Schiavo, s.d.).

Segundo Cordeiro (2022, p. 39) a presença de profissionais de Psicologia em unidades de atendimento à gestante de alto risco, ou seja, “que apresenta um aumento de possibilidades de complicação no período gestacional ou no momento do parto”, foi resguardada já na década de 90 pela Portaria 3.477, de 20 de agosto de 1998, do Ministério da Saúde. Tal documento foi depois revogado pela Portaria n. 1.020, de 29 de maio de 2013, na qual é reforçado o fato de a gestação, o parto e o nascimento serem “fenômenos fisiológicos que devem ser parte de uma experiência de vida saudável envolvendo mudanças dinâmicas do ponto de vista físico, social e emocional” (Ministério da Saúde, 2013).

Logoterapia aplicada ao acompanhamento gestacional

Viktor Frankl postula 3 pressupostos básicos da Logoterapia que são a Liberdade de Vontade, a Vontade de Sentido e o Sentido da Vida, pressupostos que foram concebidos a partir da reflexão que a pessoa humana é um ser dotado de uma dimensão Noética que a possibilita a capacidade de “valorar, posicionar-se e decidir” (Lukas, 1992 como citado em Aquino, 2011, p. 46).

A dimensão Noética, ou espiritual, é compreendida como o “núcleo integrador do ser humano” (Aquino, 2011, p. 47), um ser único e insubstituível, capaz de sair de si para ir ao encontro de outro ser humano e do sentido de sua vida, por ser confrontado por um valor específico em sua existência e de ter a capacidade de responder, com criatividade, às questões que a vida lhe impõe. Essa capacidade de saída de, o autor da Logoterapia chamou de “autotranscendência”.

Em um grupo de ajuda a mulheres que passam por conflitos na gestação nos países de idioma alemão⁸: *Pro Femina e.V.*, a Logoterapia já é aplicada para o aconselhamento e orientação de gestantes. Inspirados pela abordagem, expressam em seu *website* que

(...) em situações precárias de tomada de decisão, como essas, a própria visão fica frequentemente, e de forma compreensível, focada no problema. Muitas outras coisas, que também são importantes, desaparecem do campo de visão. Nesses casos, um bom aconselhamento ajuda a ampliar a visão de volta para o quadro geral e a encarar a situação por uma nova perspectiva. Porque, na realidade, a vida é muito maior e vasta do que a impressão momentânea (Onusseit, s.d. Tradução nossa)⁹.

No contexto brasileiro, Cordeiro (2022), Dias e Zubicuetaa (2022) e Silva (2020) já se debruçaram também na compreensão do uso da Logoterapia no acompanhamento de gestantes; Oliveira e outros (2022) refletiram

⁸ Alemanha, Áustria, Suíça e também o sul do Tirol (Onusseit, s.d.)

⁹ Original: “Ein Schwangerschaftskonflikt ist immer auch eine Art Lebenskrise. In solch prekären Entscheidungssituationen ist der eigene Blick oft und verständlicherweise problemfokussiert. Vieles andere, was eigentlich und auch wichtig ist, verschwindet aus dem Blickfeld. Gute Beratung hilft in solchen Situationen dabei, den Blick wieder für das große Ganze zu öffnen und die Situation nochmal aus einem ganz neuen Blickwinkel zu betrachten. Denn das Leben ist in Wirklichkeit viel größer und weiter als diese Momentaufnahme”.



sobre a utilização da abordagem com os pais no caso de internação de crianças, incluindo o recém-nascido — ou seja, também estes últimos contribuíram com publicações para a atuação da Psicologia Perinatal que abarca não só a gestação, mas também o parto e o puerpério —; e Santos e Vega (2019) abarcaram a compreensão de que através da realização consciente e intencional de valores a mulher, enquanto mãe, poderá encontrar sentido.

Segundo o autor da Logoterapia, “homens e mulheres se preocupam com o sentido de suas vidas, pois possuem a consciência da finitude da existência” (Aquino, 2011, p. 54). E esse sentido pode ser alcançado através de valores: criativo, de vivência e de atitude. Sendo o valor criativo, aquele alcançado através de tarefas realizadas, como o trabalho; o de vivência, experimentado através do encontro com o mundo: a arte, a natureza, outros seres humanos; e o de atitude, vivenciado pelas escolhas feitas diante de uma situação imutável (Dias & Zubicueta, 2022).

Stockinger et al. (2022, p. 3) compreendem que a partir da Logoterapia, e da “tomada de consideração do todo constituinte, o qual nos forma como o ser bio-psico-social-cultural e espiritual” (Santana & Zanatta, 2021 como citado em Stockinger et al., 2022, p.4), é possível se pensar em um modelo de cuidado em saúde com uma perspectiva valorativa que possibilita ao indivíduo uma “autopercepção de várias áreas do si mesmo e que passa suas possibilidades de empoderamento e apropriação de si de forma autoconsciente, visando o desenvolvimento, atualização, sentido e qualidade de vida”. Oferecendo uma boa direção de tratamento diante da preocupação apresentada por Lopes & Silveira (2021), Castro et al. (2019) e Medeiros et al. (2019) da necessidade da retomada da autonomia feminina frente à medicalização dos cuidados pré-natais que houve nos últimos anos.

Discussão

Encontrou-se um número relevante de estudos em que puderam ser observados os benefícios da atenção ao estado psicológico da gestante durante o acompanhamento do pré-natal, sobretudo em casos difíceis com complicações, malformação congênita ou aborto espontâneo e em apenas alguns estudos (n=6) foram conduzidas reflexões sob a ótica de uma determinada abordagem, ou linha teórica específica, sendo eles: 3 sobre Psicanálise (Aguiar & Bonadese, 2019, Braga, Silva & Bonassi, 2021, Bonassi & Melgaço, 2020), 1 sobre Psicodrama (Forlin et al., 2019), 1 sobre Interacionismo Simbólico (Lopes & Silveira, 2021) e 1 sobre Teoria de Representações Sociais, uma vertente da Psicologia Social (Pereira et al., 2023). Nem mesmo nesses materiais foi apontado uma determinada abordagem como a única possível no contexto. Também não foram encontrados estudos que demonstrassem, explicitamente, a escolha dos profissionais pela Logoterapia. Deixando em aberta a decisão pelo referencial teórico na atuação com mulheres durante a realização do pré-natal.

De acordo com Cordeiro (2022, p. 61), o fato de não ser estipulada abordagem específica para o acompanhamento psicológico de gestantes, abre espaço para a utilização da Logoterapia. A autora compreende os benefícios dessa pois “existe um sentido que a mulher grávida pode encontrar na maternidade, e também nos desafios específicos encontrados na gestação, assim como possibilidades de dar uma resposta consciente, livre e responsável” às adversidades que encontra em seu caminho. Além disso, “a mulher também na gravidez pode viver essa capacidade especificamente humana da autotranscendência que é essa possibilidade de sair de si para ir ao encontro de um sentido ou de alguém a amar”, visto pela autora como uma “importante dimensão para a saúde e a prevenção, enfrentamento e superação de crise”.

Silva (2020, pp. 9-10) dedicou-se à compreensão da utilização da Logoterapia em um grupo de gestantes intitulado “Barriga de Amor”, no Sistema Único de Saúde (SUS), com o objetivo de “demonstrar a importância de um acompanhamento em grupo, fundamentado na Logoterapia e Análise Existencial, para gestantes, a partir do reconhecimento das fragilidades e enfrentamentos do período gravídico e contribuir para saná-los”. Entre as fragilidades mencionadas estavam aspectos relacionados à: dificuldades familiares, relacionamento com companheiro, vivências no lar, sentimentos de ansiedade e depressão, violência doméstica e expectativas sobre o período pós-parto.

Outra aplicação da Logoterapia se dá na vivência do chamado “luto perinatal”, quando a mulher se vê diante da perda gestacional. Dias e Zubicueta (2022) consideram que nesse momento a mulher se depara com a “Triade Trágica” da existência humana, como já apresentado, pois, “do ponto de vista psicológico, a literatura nos mostra que as perdas gestacionais podem gerar sofrimento para a mulher, sentimento de culpa e impotência” (Carvalho & Meyer, 2007, Silva & Nardi, 2014 como citado em Dias & Zubicueta, 2022, p. 2). No trabalho realizado pelas autoras, com gestantes que enfrentaram esse sofrimento inevitável, elas identificaram a vivência dos valores de atitude para esse enfrentamento.

Considerações Finais

Dentro do delineamento inicial da pesquisa, não foram encontrados materiais que correlacionassem a Logoterapia com a atuação de Psicólogos no contexto da realização do Pré-Natal Psicológico. Porém, foram encontrados outros dados na literatura que demonstraram a oportunidade de diálogo entre a abordagem e o campo de atuação, uma vez que essa escola oferece reflexões acerca de momentos de grande sofrimento, como podem também ser descritos os momentos em que a gestante se depara com adoecimento psíquico, relações sociais conturbadas, diagnóstico de malformação congênita, necessidade de realização do parto prematuro e perda gestacional,



pontos que mais chamaram atenção nas contribuições dos autores encontrados nesta pesquisa. O que reforça a necessidade de mais estudos que correlacionem a teoria logoterapêutica com a prática perinatal.

Sendo, portanto, o período gestacional um momento que mobiliza de forma muito sensível a mulher, o bebê, a família e a sociedade, como um todo, como visto no presente estudo, observa-se ainda que mais estudos da Psicologia, de uma forma geral, sobre essa temática são imprescindíveis. Além disso, apesar de terem sido encontrados dados relevantes sobre a importância de se debruçar um olhar mais cuidadoso sobre o aspecto psicológico das gestantes, e da maioria desses terem sido publicados em revistas de Psicologia (n=12), encontrou-se um número significativo (n= 5) de materiais escritos pela área da Enfermagem. Apontando que um maior diálogo entre essas áreas poderia contribuir com a atuação profissional de ambas.

Referências

- Aguiar, H. C., & Bodanese, P. L. (2019). Atendimento psicológico durante o pré-natal de risco: ameaça de aborto e hospitalização prolongada. *Revista da SBPH*, 22(spe), 116-132. Recuperado em 14 de novembro de 2024, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582019000200010&lng=pt&tlng=pt.
- Almeida, D., Silva, A., Batista, M., Nobre, T., & Maia, E. (2022) O apoio social e a vivência gestacional: uma revisão integrativa. *Revista Psicologia, Saúde & Doenças*, vol. 23, Nº. 1, 66-73. doi: 10.15309/22psd230107.
- Aquino, T. A. A. (2011). *Logoterapia e análise existencial: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl*. UFPB: Ed. Universitária.
- Araújo, N. D. S., & Leite, B. de M. O. (2023). O pré natal psicológico como intervenção preventiva no período gravídico puerperal: uma revisão integrativa da literatura. *Arquivos De Ciências Da Saúde Da UNIPAR*, 27(6), 2308–2323. <https://doi.org/10.25110/arqsaude.v27i6.2023-012>.
- Benincasa, M., Freitas, V. B., Romagnolo, A. N., Januário, B. S., & Heleno, M. G. V. (2019). O pré-natal psicológico como um modelo de assistência durante a gestação. *Revista da SBPH*, 22(1), 238-257. Recuperado em 14 de novembro de 2024, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582019000100013&lng=pt&tlng=pt.
- Biblioteca Virtual em Saúde*. (s.d.). Brasil. Recuperado em 30 de abril de 2024 de: <https://bvsmis.saude.gov.br>.
- Bonassi, S. M., & Melgaço, D. A. C. (2020). Somatização na gestação: a relação das ansiedades e impressões oníricas sob a perspectiva psicanalítica. *Vínculo*, 17(1), 138-162. <https://doi.org/10.32467/issn.19982-1492v17n1p138-162>.
- Braga, M. C. A., Silva, N. A., & Bonassi, S. M. (2021). Vínculo mãe-bebê: acolhimento e intervenções no âmbito institucional, combate aos desamparos da maternidade. *Vínculo*, 18(2), 1-10. <https://doi.org/10.32467/issn.19982-1492v18nesp.p468-484>.
- Brasil. (1998). *Portaria nº 3.477, de 20 de agosto de 1998* (Revogada pela PRT nº 1020/GM/MS de 29 de maio de 2013). Brasília, DF. Recuperado em 16 de fevereiro de 2025, de https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/1998/prt3477_20_08_1998.html.
- Brasil. (2013). *Portaria nº 1.020, de 29 de maio de 2013*. Brasília, DF. Recuperado em 16 de fevereiro de 2025, de https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt1020_29_05_2013.html.
- Castro, I. R., Melo, M. C. P., Morais, R. J. L., & Santos, A. D. B. (2019). Partear de primíparas: reflexos na amamentação. *Revista Enfermagem UERJ*, 27, e43354. <https://doi.org/10.12957/reuerj.2019.43354>.
- Cordeiro, M. C. (2022). *Maternidade: contribuição da Logoterapia no auxílio às mães que enfrentam estresse no período gestacional* (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica do Salvador, Salvador, Brasil.
- Descritores em Ciências da Saúde*. (s.d.). Brasil. Recuperado em 30 de abril de 2024 de: <https://decs.bvsalud.org>.
- Dias, L. M. F., & Zubicueta, F. P. C. (2022). Experiência de mulheres com histórico de perdas gestacionais: contribuições da Logoterapia. *Revista do NUFEN*, 14(2), 1-16. Recuperado em 14 de novembro de 2024, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912022000200006&lng=pt&tlng=pt.
- Forlin, K. A., Castro, A., Alberton, N. V. B., & Fernandes, F. S. (2019). Marcas da maternidade: do ventre para a vida toda. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 27(2), 186-198. <https://doi.org/10.15329/2318-0498.20190021>.



- Frankl, V. (2020). *Psicoterapia e existencialismo: Textos selecionados em Logoterapia*. Trans. Ivo Studart Pereira; revisão técnica Heloísa Reis Marino. São Paulo, SP: É Realizações.
- Frankl, V. E. (2017). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração* (42a ed.). Trans. Walter O. Schulpp e Carlos C. Aveline. São Leopoldo, RS: Sinodal: Petrópolis, RJ: Vozes.
- Fundação Oswaldo Cruz. Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira. (2014, 13 de outubro). *Estratificação do Risco Gestacional: aspectos clínicos*. Portal de Boas Práticas em Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente. Rio de Janeiro, RJ. Recuperado em 24 de novembro de 2024 de: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/atencao-mulher/estratificacao-do-risco-gestacional-aspectos-clinicos/>.
- Fundação Oswaldo Cruz. Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira. (2021, 20 de janeiro). *Principais questões sobre saúde mental perinatal*. Portal de Boas Práticas em Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente. Rio de Janeiro, RJ. Recuperado em 24 de novembro de 2024 de: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/atencao-mulher/principais-questoes-saude-mental-perinatal/>.
- Irurita-Ballesteros, C., Falcão, D. V. S., Rocinholi, L. F., & Landeira-Fernandez, J. (2019). Saúde mental e apoio social materno: influências no desenvolvimento do bebê nos dois primeiros anos. *Contextos Clínicos*, 12(2), 451-475. <https://doi.org/10.4013/ctc.2019.122.04>.
- ISPPM – International Society for Prenatal and Perinatal Psychology and Medicine (s.d.). *Über uns*. Recuperado em 27 de maio de 2024 de: <https://isppm.ngo/ueber-uns/#geschichte>.
- Janus, L. (s.d.). *Die psychologische Dimension in der Schwangerschaft – die primäre Lebens- und Erlebenswirklichkeit zwischen Kind und Mutter in der Zeit vor der Geburt*. Recuperado em 27 de maio de 2024 de: https://www.ludwig-janus.de/images/Downloads/Schwangerschaft_final.pdf.
- Krüger, H. (2017). *Crenças e sentido da vida*. Curitiba, PR: CRV.
- Ladino, G. L. M., Fernandes, R. C. B., Cunha, A. C. B., & Monteiro, L. F. (2023). Intervenções Psicológicas Necessárias: A Prática Como Residente no Serviço de Medicina Fetal. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 43, e244244. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003244244>.
- Lima, R. V. A., Melo, L. C. de O., Barbosa, N. G., Arciprete, A. P. R., & Monteiro, J. C. dos S.. (2023). Transtorno depressivo em mulheres no período pós-parto: análise segundo a raça/cor autorreferida. *Acta Paulista De Enfermagem*, 36, eAPE03451. <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2023AO03451>.
- Lopes, B. G., Carletto, M. R., Ivastcheschen, T., & Borges, P. K. O. (2021). Sentimentos maternos frente ao óbito perinatal. *R. pesq.: cuid. fundam. online* 13:1493-1498. doi: <http://dx.doi.org/0.9789/2175-5361.rpcfo.v13.10213>.
- Lopes, M. R. & Silveira E. A. A. (2021). Expectations and experiences in the childbirth process from the perspective of symbolic interactionism. *Online Braz J Nurs [Internet]*. 20:e20216483. <https://doi.org/10.17665/1676-4285.20216483>.
- Maffei, B., Menezes, M., Krenkel, S., & Crepaldi, M. A. (2022). Redes sociais significativas de gestantes de alto risco: um estudo qualitativo. *Psicologia Em Estudo*, 27, e48904. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v27i0.48904>.
- Maldonado, M. T. (2013). *Psicologia da gravidez*. Rio de Janeiro: Jaguatirica [Versão digital].
- Marconi, M. A. & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica* (5a ed.) São Paulo: Atlas.
- Medeiros, A. C. R., Vitorino, B. L. C., Spoladori, I. C., Maroco, J. C., Silva, V. L. M., & Salles, M. J. S. (2021). Sentimento Materno ao receber um diagnóstico de malformação congênita. *Psicologia Em Estudo*, 26, e45012. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v26i0.45012>.
- Medeiros, R. M. K., Figueiredo, G., Correa, Á. C. de P., & Barbieri, M. (2019). Repercussões da utilização do plano de parto no processo de parturição. *Revista Gaúcha De Enfermagem*, 40, e20180233. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2019.20180233>.
- Ministério da Saúde. (2022). *Manual de gestação de alto risco [recurso eletrônico]*. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Ações Programáticas. Brasília. Recuperado em 22 de fevereiro de 2025 de: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_gestacao_alto_risco.pdf.



- Ministério da Saúde. (2024). *Boletim Epidemiológico*. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. v.55 n.13. Recuperado em 22 de fevereiro de 2025 de: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2024/boletim-epidemiologico-volume-55-no-13.pdf>
- Miranda, T. B. P. A. (2022). *Pré-natal Psicológico e sua Importância na Saúde Mental Materna*. In R. A., Schiavo (Org.), *II Mobilização nacional pela saúde mental materna*. Agudos, SP: Instituto Mater Online.
- Oliveira, A. A., Almeida, M. F., Silva, Z. P., Assunção, P. L., Silva, A. M. R., Santos, H. G., & Alencar, G. P. (2019). Fatores associados ao nascimento pré-termo: da regressão logística à modelagem com equações estruturais. *Cadernos De Saúde Pública*, 35(1), e00211917. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00211917>.
- Onusseit, Y. (s.d.) *Unser Expertenteam*. Recuperado em 27 de maio de 2024 de: <https://www.profemina.org/de-ueber-uns/unser-expertenteam#kathrin-psychologin-bsc>.
- Pereira, A. A., Rodrigues, I. L. A., Nogueira, L. M. V., Palmeira, I. P., Nunes, H. H. M., Andrade, E. G. R., & Silva, F. O. (2023). Social representations of pregnant women about high-risk pregnancy: repercussions for prenatal care. *Rev Esc Enferm USP*. 2023;57:e20220463. <https://doi.org/10.1590/1980-220X-REEUSP-2022-0463en>.
- Queiroz, L. L. G., Azevedo, A. P. B., Cherer, E. Q., & Chatelard, D. S. (2020). A psicologia na maternidade hospitalar: um relato de experiência. *Fractal: Revista De Psicologia*, 32(1), 57-63. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i1/5679>.
- Santos, D. M. B. (2021). *Aprendendo a logoterapia e análise existencial com recursos lúdicos-didáticos*. Ribeirão Preto: IECVF.
- Santos, S. G. A. G. & Vega, V. da S. P. (2019) *Realizando valores através da Maternidade*. In: A. W. S., Vasconcelos & T. N. S., Vasconcelos (Org.), *Ciências humanas [recurso eletrônico]: características práticas, teóricas e subjetivas* 2. Ponta Grossa, PR: Atena Editora.
- Schiavo, R. de A. (s.d.) *A expansão da psicologia perinatal no Brasil*. Recuperado em 27 de maio de 2024 de: <https://www.sbp-online.org.br/2019/05/a-expansao-da-psicologia-perinatal-no-brasil>.
- Schiavo, R. de A.; Rodrigues, O. M. P. R.; Santos, J. S. dos; Campos, B. C. de; Nascimento, L. M. B., & Dornelas, L. M. C. de S. (2021). Saúde emocional materna e prematuridade: influência sobre o desenvolvimento de bebês aos três meses. *Pensando famílias*, 25(2), 98-113. Recuperado em 02 de fevereiro de 2026, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2021000200008&lng=pt&tlng=pt.
- Silva, A. P. (2021). *Contribuições da Logoterapia no acompanhamento do grupo de gestantes "Barriga de Amor": um relato de experiência*. (Monografia) Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB.
- Souza, A. S.; Oliveira, G. S. & Alves, L. H. (2021). *A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos*. Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.64-83. Recuperado em 21 de fevereiro de 2024 de: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>.
- Steen, M., & Francisco, A. A.. (2019). Bem-estar e saúde mental materna. *Acta Paulista de Enfermagem*, 32(4), III-IV. <https://doi.org/10.1590/1982-0194201900049>.
- Stockinger, R. C., Cavalcante, T. A., Reis, M. S., Zanatta, C., Santana, C. M. L. de, & Domingos, L. F. (2022). Bases conceituais da Logoterapia e suas contribuições para o cuidado integral e para a autorregulação de valores. *RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar - ISSN 2675-6218*, 3(7), e371621. <https://doi.org/10.47820/recima21.v3i7.1621>.
- Szejer, M., & Stewart, R. (1997). *Nove meses na vida da mulher*. Tradução: Maria Neymar Brandão. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Vicente, S. R., Paula, K. M. P., Lopes, A. M., Muniz, S. A., Mancini, C. N., & Trindade, Z. A. (2016). Emotional impact and maternal coping of congenital anomaly of babies in the nic. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 17(3), 454-467. <https://doi.org/10.15309/16psd170312>.

Recebido em 15.12.2024 – Primeira Decisão Editorial em 05.02.2025 – Aceito em 25.03.2025



A TRAJETÓRIA INTELECTUAL E A TEORIA DE FRANKL: SOBRE OS OMBROS DE GIGANTES

Frankl's intellectual trajectory and theory: on the shoulders of giants
La trayectoria intelectual y la teoría de Frankl: Sobre los ombros de gigantes

SAM CYROUS*
MARIA INÊS GANDOLFO CAONCEIÇÃO**

DOI: <https://doi.org/10.62506/0hwgbb48>

Resumo: O artigo propõe uma retomada de aspectos contextuais que marcaram a trajetória de Viktor Frankl e que foram integrados à formulação da Logoterapia e Análise Existencial. A partir de três perspectivas – biográfica, experiencial e intelectual –, sustenta-se que a compreensão de seu pensamento requer situá-lo em suas circunstâncias históricas e nas interlocuções teóricas que o constituem. Nesse horizonte, delineiam-se os fundamentos da Logoterapia como uma abordagem centrada no sentido (logos), estruturada na liberdade da vontade, na vontade de sentido, e no sentido da vida, compreendendo o último como algo que se realiza na relação com o mundo e com o outro. Focado na trajetória intelectual, o texto explicita, ainda, diálogos com diferentes tradições filosóficas e psicológicas que contribuíram para a elaboração de sua proposta. Argumenta-se que essa leitura permite evidenciar a densidade teórico-contextual da obra frankliana e sua inserção no campo das psicoterapias de orientação fenomenológico-existencial.

Palavras-chave: Logoterapia; Liberdade; Relações Interpessoais; Análise Existencial.

Resumen: El artículo propone una revisión de aspectos contextuales que marcaron la trayectoria de Viktor Frankl y que fueron integrados a la formulación de la Logoterapia y Análisis Existencial. A partir de tres perspectivas – biográfica, experiencial e intelectual –, se sostiene que la comprensión de su pensamiento requiere situarlo en sus circunstancias históricas y en las interlocuciones teóricas que lo constituyen. En ese horizonte, se delinean los fundamentos de la Logoterapia como un enfoque centrado en el sentido (logos), estructurado en la libertad de la voluntad, la voluntad de sentido, y el sentido de la vida, comprendiendo el último como algo que se realiza en la relación con el mundo y con el otro. Enfocado en la trayectoria intelectual, el texto explicita, además, diálogos con diferentes tradiciones filosóficas y psicológicas que contribuyeron a la elaboración de su propuesta. Se argumenta que esa lectura permite evidenciar la densidad teórico-contextual de la obra frankliana y su inserción en el campo de las psicoterapias de orientación fenomenológico-existencial.

Palabras-clave: Logoterapia; Libertad; Relaciones Interpersonales; Análisis Existencial.

Abstract: The article proposes a review of contextual aspects that marked Viktor Frankl's trajectory and were integrated into the formulation of Logotherapy and Existential Analysis. From three perspectives – biographical, experiential, and intellectual –, it argues that understanding his thought requires situating it in its historical circumstances and theoretical interlocutions that constitute it. On this horizon, the foundations of Logotherapy are outlined as an approach centered on meaning (logos), structured on the freedom of will, the will to meaning, and the meaning of life, understanding the latter as something that is realized in relation to the world and to others. Focusing on the intellectual trajectory, the text also makes explicit dialogues with different philosophical and psychological traditions that contributed to the elaboration of his proposal. It argues that this reading allows highlighting the theoretical-contextual density of Frankl's work and its insertion in the field of phenomenological-existential psychotherapies.

Keywords: Logotherapy; Freedom; Interpersonal Relations; Existential Analysis.

* Universidade de Brasília, UnB, Brasília. Email: shcyrous@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7097-6285>

** Universidade de Brasília, UnB, Brasília. Email: inesgandolfo@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4052-3813>



Introdução

Heurísticamente, pode-se arriscar dizer que há três versões de Frankl, a primeira das quais a pessoa do Viktor Emil, cuja figura e trajeto podemos admirar. Uma segunda versão, mais conhecida, de Frankl nos Campos de Concentração. E uma terceira que é o Frankl pensador e intelectual que criou a Logoterapia e Análise Existencial. Nas palavras de Bianchi (2020), “estudar o indivíduo na História permite-nos tentar entendê-lo no meio em que viveu, suas relações com sua classe e seu grupo, além de estudar suas obras e buscar as influências e desdobramentos de suas ideias, ou seja, mostrar o significado histórico da vida de um indivíduo” (p. 10). Por isso, compreender Viktor Emil Frankl é compreender as circunstâncias que conduziram o seu pensamento, através de um diálogo entre suas próprias ideias e as ideias que foi encontrando em sua trajetória intelectual.

Viktor Emil Frankl nasceu em março 1905 e faleceu em setembro em 1997, filho do século XX e de pais judeus. Prisioneiro de três campos de concentração (Theresienstadt, Auschwitz e Dachau¹) sob o número 119.104, Frankl passou pelas agruras da Guerra. Casado em dezembro de 1941 com Tilly Grosser, viria a sofrer perdas devastadoras ao longo dos anos seguintes. O filho ou a filha, ainda por nascer (Harry ou Marion), foi vítima de aborto compulsório decretado pelo estado. Perdeu também a esposa, cujos detalhes sobre os últimos dias de vida só viria a conhecer já no Brasil. O pai faleceu em Theresienstadt, quando ainda estavam todos reunidos, e, posteriormente, tomou conhecimento da morte do irmão e da mãe, quando liberto dos campos em abril de 1945. Apenas ele na Áustria, e sua irmã na Austrália, estariam vivos, vindo a falecer pouco tempo depois de perder a sua irmã em 1997. Nesse ínterim, ao perder a primeira esposa, também nos campos, casou-se novamente com Elly Schwindt (1947), teve uma filha e dois netos.

Sua casa continua sob a gerência da família, principal responsável pela contínua publicação de suas obras em vários idiomas. Viveu a vida falando sobre sentido de vida, inspirado, entre outros, pelo sofrimento trágico que os campos lhe proporcionaram, sem desistir da vida, já que inclusive nos campos trabalhou salvando pessoas do suicídio (na prevenção e no cuidado aos sobreviventes das tentativas), como inclusive teria feito antes, no cuidado de jovens com intenção de morte por suicídio nos Centros Juvenis que havia criado em sua própria juventude. Tornou-se palestrante, professor universitário e viajou o mundo. Ao Brasil veio em 1984 pela primeira vez, para Porto Alegre, a convite da professora Izar Aparecida Xausa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, onde recebeu, em 28 de abril de 1984, o doutorado *honoris causa*, título que lhe foi também agraciado pela Universidade de Brasília. Retornou ainda duas vezes ao Brasil, estando no Rio de Janeiro em 1986 e em Brasília em 1987.

Sobre seu trabalho, Frankl (2010) chega mesmo a dizer que todo aquele que desenvolve um sistema de psicoterapia, descreve apenas a sua história. Isso nos faz recordar Ortega y Gasset (1914) quando afirma: “Eu sou eu e minha circunstância, e se a ela não salvo, não me salvo a mim. (...) Ou seja, buscar o sentido do que nos rodeia” (p. 26). Circunstâncias são, etimologicamente, tudo o que que está erguido à nossa volta ou, se preferirmos, aquilo que simplesmente está conosco. São nessas circunstâncias que moldam o percurso de formação e desenvolvimento dos pensamentos de um intelectual e que também nos atravessam a nós, estudiosos, na tarefa de compreender as raízes desse pensamento. Assim, compreender quem são as pessoas à volta é compreender o autor que enxerga mais longe, criando uma escola de pensamento.

É isso que o adágio latino, possivelmente do século XII, *nani gigantum humeris insidentes* diz: “duendes em pé sobre ombros de gigantes” enxergam mais longe. Talvez por isso tantas vezes Frankl revisita a expressão popularizada por Newton, em uma carta datada de 5 de fevereiro de 1675, para Robert Hooke: “se vi mais longe, foi por levantar-me sobre os ombros de gigantes”. Porque para conhecer Frankl, torna-se necessário conhecer os gigantes sobre os quais ele se ergue.

A Logoterapia, Breve Traçado Teórico

A ciência ou escola de pensamento fundada por Frankl, a Logoterapia e Análise Existencial, deriva seu nome do grego *logos*, que, entre outras coisas significa *sentido*. Uma forma muito simplista de defini-la seria então dizer que a Logoterapia seria a terapia a partir do sentido, seja esse o da vida, no seu geral, ou a dos acontecimentos específicos, que ocorrem em cada vida. Contudo, ela é mais complexa que apenas isso, já que enquanto conceito teórico, o sentido se assenta sobre outros dois aspectos, que criam o que Frankl (2020) designa de “cadeia de [três] elos interconectados” (p. 22).

¹ No caso de Dachau, considerando seu vasto sistema que alcançava 140 subcampos, com 67.665 prisioneiros registrados, Frankl esteve em Kaufering e Türkheim (Fonte: encyclopedia.ushmm.org).



O primeiro, Liberdade da Vontade, implica a ideia de que o ser humano é livre, ainda que haja condicionantes que influenciem sua vida: é livre para adotar uma posição, para além e apesar das condicionantes. Graças a essa vontade que é livre, o ser humano consegue refletir sobre si e suas ações e até rejeitar a si e suas ações. É a isso que Frankl (2016) se refere quando explica que a pessoa é “livre para”, mesmo não sendo “livre de” (p. 62):

Evidentemente, o homem está determinado, isto é, sujeito a condições (...) e, neste sentido, de modo algum é livre: o homem não está livre de condições e, em geral, não está livre *de algo*, mas está livre para algo, quer dizer, livre para uma *tomada de posição* perante todas as condições (Frankl, 2016, p. 62).

No fundamento de Liberdade da Vontade, percebe-se ainda que a liberdade vem associada à responsabilidade (*Verantwortung*), que nada mais é que a capacidade de oferecer respostas (*Antworten*) às situações da vida, uma tomada de posição ante as condições. Frankl explica que mesmo perante a incapacidade de controlar ou escolher as contingências que afetam, somos sempre capazes de escolher as ações.

O segundo elemento, a Vontade de Sentido, contrapõe-se às vontades de prazer e de poder que podem dominar seres humanos. Enquanto o último é um meio para um fim (o poder é visto como elemento para poder alcançar o propósito), o primeiro é um epifenômeno ou recompensa do fim. E quando se confundem com o fim em si mesmo, catapultam uma espécie de alienação na pessoa, onde emergem a vontade de poder — que pode conduzir a comportamentos e atos de agressão — e a vontade de prazer — com adições e vícios das mais diferentes índoles. É assim que Frankl propõe que o elemento motivacional nuclear da existência humana, o fim ao qual se deve almejar, é a vontade de sentido que, se não alcançada, pode levar à sensação de vazio existencial. Essa centralidade da vontade de sentido explica porque a intencionalidade muitas vezes parece frustrar o alcançar de objetivos centrados em si mesmos — seja buscando incessantemente a felicidade, ou a busca de poder político que atropela processos e pessoas, a busca de prazer frustrada num ato sexual ineficaz, ou em mudanças estéticas por meio de procedimentos diversos que nunca parecem esgotar.

A Vontade de Sentido é, então, a motivação para a ação, enquanto o Sentido da Vida, o terceiro e derradeiro elemento dessa cadeia, seria como se fosse a própria ação ou meta em si. Frankl (2022) chega a comparar o sentido com ação, afirmando “nossa resposta pode ser uma resposta ativa, dada por meio de uma ação” (p. 39), para depois acrescentar: “só nos resta ainda uma coisa: agir, e agir no cotidiano” (p. 125). De maneira ilustrativa, Frankl (2020) narra o texto talmúdico, constante de Gênesis, Êxodo e Números, sobre o pilar de nuvem que ia à frente dos hebreus conduzindo o seu caminho pelo deserto. De dia, o pilar mantinha-se em movimento, e os hebreus percorriam o deserto em seu encaço, sem alcançá-lo; por vezes o pilar de nuvem em movimento parava se convertia num pilar de fogo imóvel que iluminava o acampamento. Ora, se a nuvem parasse, os hebreus teriam uma neblina, e se o fogo andasse incendiaria e mataria tudo à sua volta. Frankl revisita a versão nuvem do pilar, explicando que: o sentido é movimento, o ser é a essência tal como se é, e o processo é ir em direção aonde se deveria estar, ainda que nunca se alcance, porque o movimento é tensional, é uma busca. A versão fogo do pilar ensina também que o sentido varia conforme a ocasião. Desta forma, o sentido não é apenas ação, é mudança; não é apenas movimento é pilar; não é apenas pessoal, é externo, na medida que nenhum hebreu tinha dentro de si a nuvem (ou o fogo). Afinal, “o sentido marca a marcha do ser. A existência vacila, a menos que seja vivida nos termos de uma transcendência em direção a algo além de si mesmo” (Frankl, 2020, p. 31).

E há, em sua concepção, duas formas de viver a experiência dessa tensão entre ser e sentido. À primeira chama de *peacemakers* (pacificadores) e à segunda *pacemakers* (marcadores de passo). Os pacificadores são os que buscam amenizar conflitos e aliviar “o fardo da confrontação de sentido” (Frankl, 2020, p. 32), são os que tentam acalmar e reconciliar. Já os marcadores de passo são os que marcam o passo dos processos, orientados em direção aos sentidos, como Moisés que “não aliviou a consciência humana; ao contrário, ele a incitou” (Frankl, 2020, p. 32). Só assim a liberdade se torna responsabilidade, uma “responsabilidade *perante* algo, seja a sociedade, a humanidade ou a própria consciência” (Frankl, 2020, p. 32). Assim, não é possível prescrever um sentido a terceiros, porque a pessoa precisa marcar seu próprio passo e é papel do profissional de Logoterapia ampliar a visão da pessoa, fazendo-a ver seus feitos, trabalhos, ações criativas que doa ao mundo (Frankl designa de valores de criação), sua abertura às experiências que recebe da vida (que designa de valores de vivência) e sua atitude perante elementos trágicos como dor, culpa e finitude ou morte (atitude que designa de valores de atitude e elementos que são a tríade trágica).

Para Frankl, a alteridade do ser é crucial. Afinal, os valores realizam-se na experiência com o mundo e não se autorrealizam dentro da própria pessoa. Erwin Strauss defendia que a experiência (ao menos a sensorial) era em simultâneo de si-mesmo e do mundo, e que não era sobre si-mesmo antes do outro, nem o outro sem si-mesmo, mas sobre ambos em simultâneo. Por isso, o sentido é encontrado no que nos rodeia. E é, por isso também, fundamental compreender que circunstâncias ou alteridade que Frankl evoca em seus escritos.



Os Gigantes

O pensamento e as circunstâncias intelectuais de Frankl emergem muito antes de seu nascimento, remontando porventura a Hipócrates (Ἱπποκράτης), que viveu entre os séculos V e IV a.C. Pensador inovador, focado no corpo físico, percebeu que as doenças que existiam na época manifestavam-se fisicamente, uma teoria inovadora à época. Segundo Hipócrates, as coisas possuíam dois tipos de espíritos, o *espírito vital* e o *espírito animal*. O espírito vital provê vida, está presente no ar, de onde é sintetizado a partir do ato de respirar e inspirado pelo corpo, transmitido pela veia pulmonar até o coração, e daí para o sistema circulatório através das artérias. Uma vez no cérebro, o espírito era lá sintetizado e transportados para o resto do corpo, via sistema nervoso; nesse processo de síntese ele se convertia no espírito animal, responsável pelas sensações e por movimentos voluntários, exclusivos dos animais. Hipócrates focava, na medida do que a ciência da época permitia, a dimensão física. Afinal, todos temos um corpo.

Com a consolidação da medicina, no final do século XIX, um jovem médico em Viena, Sigmund Freud, trabalhou outras questões que se viram publicadas em 1900, sob o título original *Die Traumdeutung* (A Interpretação dos Sonhos). Se Hipócrates havia dado um primeiro passo, focando na dimensão física, e, por consequente, no nascimento da medicina ocidental, Freud deu o segundo, e institui a importância da estrutura psíquica, e a psiquiatria nasceu (ou consolidou-se).

Assim, entre os gigantes que Frankl diz ter-se erguido para ver mais longe, estão Freud e Alfred Adler. Adler (2005) diz que o foco humano está no “sentimento de solidariedade” (p. 37) social, o que determina a atitude e a orientação da pessoa. É na comunidade, nas relações com a comunidade, nos processos educacionais, circunstanciais, relacionais que somos e descobrimos quem somos. Para Adler, o sentimento de dignidade humana advém do estreito vínculo da comunidade, já que ser humano é ser parte de um todo e, mais, sentir-se parte de um todo. Em uma de suas obras, chega a dizer que se pensamos na vida do homem, ou das pessoas, ou da pessoa, na existência da raça humana, não podemos compreender a sobrevivência dessa raça humana, a não ser que consideremos a ajuda que se conquista quando se une cada um de nós a essa comunidade humana.

Com Freud e Adler, Frankl encontra espaço para começar a desenvolver seu pensamento científico sobre o sentido da vida e temas como liberdade e responsabilidade. Notou, contudo, o que veio a chamar de psicologismo em ambos: a psicanálise focada na vontade de prazer e a psicologia individual na de poder. Por um lado, Freud atribuía a auto-preservação (ou vida) ao Eros, como pulsão de atração a elementos prazerosos, já que é responsável pela regulação da libido governada pelo princípio de prazer (manifesto inclusive em todas as fases da vida, com o ser humano buscando prazer focado a diferentes partes do corpo); por outro lado, Adler dizia que diferenças ou desequilíbrios de poder na sociedade eram uma constante que precisaria ser trabalhada, para que a comunidade (ou qualquer outra estrutura social) possa sobreviver, cunhando expressões como *complexo de superioridade* e *complexo de inferioridade*. Eventualmente trocou correspondência com Freud, que publicou trecho de uma carta, na qual explicava a relação entre o comer de uma criança e a comunicação não-verbal, no *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse* (1924), e foi aluno direto de Adler, em cuja associação adentrou influenciado por Allers e Schwarz.

Rudolf Allers e Oswald Schwarz, apesar de pouco conhecidos, são dois dos gigantes que influenciaram muito o pensamento do jovem Frankl. Schwarz era cirurgião, especialista em urologia, do Hospital Policlínico de Viena, e um dos fundadores do que hoje chamamos de psicossomática. Concebe uma relação entre corpo e mente, pela qual transtornos mentais podem ter manifestações físicas. A 23 de setembro de 1925 foi quem assinou a entrada na Sociedade de Psicologia Individual do jovem Frankl, impressionado pelos *insights* acadêmicos e científicos e pelas reflexões do pensador, mas sobretudo por sua coragem. Junto com Allers, Schwarz começou a explorar a sexualidade, tornando-se guia e companheiro de Frankl. Frankl aprendeu com Schwarz que há algo além do psicológico e da somática. Por isso, é possível inferir que Schwarz influenciou Frankl a começar a pensar uma antropologia médica que se abre à dimensão espiritual (uma espiritualidade que nada tem a ver com o religioso), provocando reflexões sobre reducionismos antropológicos, como o psicologismo, e o perigo desses reducionismos no trabalho médico. Por isso também, Schwarz impulsionou Frankl a investir ainda mais na prática clínica, para conseguir compreender mais profundamente os seres humanos. Em 1925, Frankl publica “Psicoterapia e cosmovisão” no *Internationale Zeitschrift für Individualpsychologie* e em 1926 tentou inserir reflexões sobre o poder como meio e não como fim dos processos da Psicologia Individual.

Em 1927, no auditório do Instituto de Histologia em Viena, em evento no qual Adler estava sentado numa das primeiras fileiras, separado por uma cadeira vazia de Frankl, se assistia no palco Allers e Schwarz tecendo comentários sobre as limitações da Psicologia Individual, seus incômodos epistemológicos e científicos na Psicologia Individual de Adler, no que veio a ser a última noite de ambos na escola. Após a escuta, Adler olhou para o lado e perguntou às duas pessoas ao lado, uma sendo o Frankl: “E vocês heróis?”. A verdade é que Frankl viria a se afastar do gigante Adler.

Encorajado por Schwarz, o jovem Viktor Emil sistematizou e escreveu seus pensamentos sobre uma psicologia para além do psicologismo, uma psicologia que complementasse as demais perspectivas, em seu livro que veio a se chamar *Ärztliche Seelsorge*, que poderia ser traduzido em português como Cuidado Médico do Espírito. Começou a escrevê-lo em 1941, com o prefácio de Schwarz, mas o livro foi queimado em sua quase totalidade quando Frankl foi enviado a Auschwitz em 1944. O livro foi eventualmente reescrito, com



novas adições, incluindo relatos sobre a experiência nos Campos e como essas experiências se conjugavam com as hipóteses previamente desenvolvidas, por sua psicoterapia orientada à existência².

Na concepção de Frankl, a psicoterapia à luz da perspectiva adleriana carecia de algo a ser complementada. E esse algo foi descoberto em *Formalismo na Ética*, com o qual se depara ainda estudando Adler, de Max Scheler, orientado pelo filósofo e prêmio Nobel de literatura (1908) Rudolf Christoph Eucken. Para Eucken, os seres humanos têm uma alma e seu esforço deve ser alcançar uma vida espiritual por meio de um ativismo ético e um idealismo prático, uma visão focada na melhora da sociedade e no sentido da vida. Sob a influência de Eucken, Scheler publicou *Die Wissenformen und die Gesellschaft*, criando uma nova área de conhecimento, a sociologia do conhecimento, apresentando nela suas ideias sobre mente / espírito como impotente enquanto não se convertem em prática, realizadas em situações concretas. Para ele, o ser humano, ou *homo faber*, é um ser prático, que manipula as coisas para conseguir resultados desejáveis. Scheler fala ainda do amor ágape, motivado pela abundância; e, por isso, quanto mais amor existir, mais amor existirá. Fala da importância de encontrar um sentido nuclear para o conhecimento — diferente de consciência, na medida em que o primeiro advém da relação, não uma construção artificial, e a sua descoberta virá da vontade dos envolvidos. Com Scheler, Frankl conseguiu ver novas consistências em suas reflexões. O *homo faber* é o ser humano que executa, afinal, como diria “só nos resta ainda uma coisa: agir, e agir no cotidiano” (Frankl, 2022, p. 125), já que “é muito mais importante o que escrever livros ou ministrar conferências: pôr em prática o conteúdo consoante seu próprio ser. O que é posto em prática é muito mais efetivo” (Frankl, 2022, p. 30), não se importando com a quantidade de outros homens que também agem. É com Scheler que possivelmente Frankl passa a afirmar que o sentido da vida, preocupação que tinha desde jovem, é, como o conhecimento, descoberto, na relação, tendo o amor um papel no processo. Afinal, “o encontro preserva a humanidade da parceira; o amor descobre a unicidade como pessoa” (Frankl, 2005, pp. 66-7). Para Frankl, o amor, advindo de uma dimensão profunda que Scheler (2017) denominaria de “essência” (p. 22), manifesta-se com mais força no encontro dialógico que permite compreender o que faz cada pessoa única e singular. E esse processo, de ir em direção a algo maior, permite a descoberta do que Frankl designa de sentido, ou logos.

Scheler (2017), como que esclarecendo a perspectiva adleriana, oferece o derradeiro convite para que Frankl saísse da Psicologia Individual, ao afirmar o papel do poder, central para aquela teoria: “Qualquer dever está fundado num *poder* e esta consciência do poder, do poder espiritual para ser *mais* o que aquilo em que nos tornamos, nas condições (...), é o que nos dá a última certeza intuitivamente evidente da sobrevivência” (Scheler, 2017, p. 68). Assim, poder assume um papel de meio e não fim, um meio para ser mais do que se é, uma caminhada em direção a algo que transcenda. Nas palavras de Frankl (2022), “nesse caminho de ser amado, ele alcança o que, em suas realizações, tem que conquistar como mérito, sem qualquer mérito” (p. 89), mudando a lógica do *homo faber* para um novo ser, o ser que ama, o *homo amans*. O ser humano agora vê o que Platão chamaria de os Transcendentais, o bom, o belo e o verdadeiro, elementos centrais para a realização do sentido, não por esforço ou mérito, mas pela graça, diria Frankl, da presença do outro. O amor a uma pessoa torna-se então o logos encarnado na pessoa única e singular, numa relação pessoal, havendo também um logos impessoal, do encontro que ocorre pela autotranscendência, característica exclusivamente humana. E o encontro assume o papel de permitir às pessoas, em coexistência e abertas ao logos, transcenderem a si mesmas (autotranscendência) enquanto auxiliam na transcendência mútua (transcendência). Essa ideia de *encontro* terá porventura nascido do conhecimento que Frankl tinha de Buber, até porque, em dado momento, cita-o como um dos responsáveis pela descoberta do “lugar central que o encontro ocupa na vida do espírito humano”, uma vida que é dialógica e, portanto, possível apenas “entre um Eu e um Tu” (Frankl, 2005, p. 61).

Em seu clássico *Eu e Tu*, Buber (2003) descreve os conceitos de Eu-Isso e Eu-Tu. No primeiro caso, por meio da experiência e do uso, surge uma consciência individual de si mesmo enquanto se afasta dos demais seres, enquanto no segundo, a consciência subjetiva percebe a si e ao outro como sujeitos, na medida em que se aproximam. No primeiro, demarca-se e no segundo contacta-se, relaciona-se, e “quem está na relação participa de uma realidade” (p. 66) da qual não se apossa, porque a realidade Eu-Tu é aquela na qual ambos são sujeitos e sua participação se torna mais completa, permitindo que mais o Eu se torne real. Assim, a pessoa Eu da relação Eu-Isso não compreende mudança, “porque conhecer-se significa (...) construir uma autoaparência forte e convincente cada vez mais apta para totalmente o iludir; e, pela contemplação e veneração de tal aparência, obter a ilusão de conhecer seu próprio *ser-assim*” (Buber, 2003, p. 67). O mundo para esta pessoa é uma realidade permanente, funcional, usável; enquanto a pessoa Eu da relação Eu-Tu está em diálogo e “concretiza-se na conversação” (Buber, 2003, p. 69). Talvez a isso se refira Frankl quando fala de um “monólogo recíproco”: à relação Eu-Isso, já que nos encontros Eu-Tu há logos e diálogos (Frankl, 2005, p. 61), ou, nas palavras de Buber (2003), “o espírito não está no *Eu*, mas entre o *Eu* e o *Tu*” (p. 43), o logos não ocorre na pessoa, mas na relação! Talvez por isso não haja planos ou saber prévio no verdadeiro diálogo, apenas a reciprocidade da relação. Talvez aqui se adquira a verdadeira liberdade da relação Eu-Tu: a liberdade de não julgar o outro,

² A saída de Frankl da Psicologia Individual levou-o a várias vezes cruzar com Adler em um café por ele frequentado, sem jamais ser cumprimentado pelo seu ex-mestre, apesar da amizade mantida com Alexandra, a filha de Alfred. Já Schwarz, após a Guerra, em Londres, com uma natural saudade de sua terra natal, trocava correspondência com Frankl; numa das quais dizia que ninguém estava interessado nos esforços em criar uma psicoterapia orientada à existência. E, sem ver sentido para mais, acabou por tirar a sua própria vida em 1949.



onde ambos conhecem “a relação e a presença do *Tu*” (Buber, 2003, p. 55) e não se enxergam como “mero meio para um fim” para “manipulá-lo” (Frankl, 2020, p. 96). Para Frankl, o diálogo só existe entre o Eu e o Tu. Frankl (2005) explica que, segundo a Teoria da Linguagem, a relação acontece quando há expressão do Eu que apela ao Tu, por meio da representação da realidade, dirigindo-se ao outro comunicando sobre algo.

Essa teoria é de Karl Bühler, psicólogo especialista em linguística, residente na mesma rua onde Schwarz morava. Amigo pessoal de Frankl, Bühler, professor universitário de psicologia, considerava necessário que as palavras tivessem um plano operacional, que permitisse ordenar as palavras pensadas. Objetos ou situações teriam então que ser pensadas e representadas simbolicamente, para poderem ser expressas por um emissor com um apelo ao receptor. Essa perspectiva, que complementa a posição de Buber, permite que cada sujeito assuma a cada momento a posição de Eu, enquanto o outro assume a posição de Tu, numa flutuação constante. O primeiro desafio da dupla Eu e Tu, talvez seja então, quando ambos em comunicação, representam coisas dentro de um mesmo padrão linguístico. Assim, Bühler esclarece, há uma dominância da função representativa na comunicação, porventura pela necessidade de ambos falarem conceitos compreensíveis e tangíveis ao outro. Para Bühler (2020), “coisas e processos perceptivos foram os primeiros a demandar nomes” concretos (p. 291) e, com o tempo, a sociedade foi criando nomes e conceitos, ou signos e símbolos, que foram sendo usados de maneira a representar um vasto campo de fenômenos. Por fim, é no apelo que se torna evidente o comportamento do receptor, convidando-o a uma ação que só cabe numa “*história dos atos*” (p. 95), o que permite também entender o que aconteceu ou predizer o que acontecerá, ou seja, prover um contexto histórico, um “campo de ação” (p. 94).

Um diálogo frankliano, uma comunicação bühleriana ou um encontro buberiano assentam-se sobre os mesmos pressupostos de ver o outro não como objeto, mas como sujeito, e a essa relação como uma relação dialógica, no senso em que só se atinge a meta se, para Buber, houver um encontro, para Bühler, houver a expressividade com ideias representadas que convoquem e apelem a uma ação e, para Frankl, um respeito tal que permita o encontro de um sentido que é compartilhado. A expressão de si mesmo seria uma forma distorcida desse processo comunicacional, que impediria o que Frankl chama de autotranscendência, enquanto a mera representação de um conceito não leva a nenhuma ação. E, como deixa claro Frankl, “O que é posto em prática é muito mais afetivo. A palavra, por si só, realiza muito pouco” (Frankl, 2022, p. 30).

Há ainda um aspecto relevante do pensamento de Karl Bühler: o conceito de Eu. Bühler convida a uma reflexão no mínimo curiosa. Ele propõe a possibilidade de o termo *ho* do indo-europeu tenha evoluído para *gho* no protogrego, dando origem à palavra *ego* em grego e, conseqüentemente, *eu* em português. Ao mesmo tempo, a mesma palavra indo-europeia *ho* pode ter evoluído para o latim *hic* que deu origem a dois conceitos em alemão, o *ich* (eu) e o *hier* (aqui). Postulamos então, ao menos etimologicamente, a raiz das palavras *eu* e *aqui* como a mesma. Em termos de comunicação e seus signos e símbolos não é muito distinto: ambas palavras convidam o receptor da mensagem à mesma ação, olhar para a pessoa que emite ou para o local que a mensagem é emitida, e a fonte e a posição do falante são virtualmente a mesma coisa. Isso permite conjecturar sobre a facilidade de muitos focarem no que poder-se-ia chamar de Eu-Aqui, fonte referencial da visão de mundo de cada um, de seu referencial e, por ende, da sua imaginação. Nossas expressões se baseiam, portanto, nas nossas experiências pessoais, e nossa compreensão do apelo do outro advirá também de nossas experiências pessoais, e nosso Eu e de nosso Aqui. Destarte, Eu e Aqui poderiam ser considerados o mesmo fenômeno desde uma psicologia da comunicação. Por isso a empatia maior com aqueles que sentem dores similares às nossas e nos relacionamos com pessoas parecidas a nós. A esse fenômeno chamaria de autocentrismo, termo aqui cunhado para descrever o exato oposto da proposta de Frankl, o autodistanciamento, estratégia por ele proposta para esquecer de nós mesmos, afastando-nos de nós mesmos e de nossos problemas. Quando nos autocentramos, consideramos nosso mundo o único aceitável, com suas limitações e problemas e nossas ações são reações a fenômenos no mundo. Quando nos autodistanciamos buscamos algo para além desse mundo que nos é familiar, arriscaríamos em dizer um Tu-Aí. Se as teorias de Buber e Bühler se cruzam, é nessa ideia de autodistanciamento proposta por Frankl!

Em Karl Jaspers (2022) encontramos justamente essa ideia de esquecer de nós mesmos e nos satisfazer-mos “praticando aqueles conhecimentos” (p. 36), usando a comunicação que “é apenas um veículo para significados impessoais e valores” e que são apenas possíveis na presença dos outros diferentes, já que “sozinho não sou nada”. O encontro “sem reservas entre seres humanos que convivem e lutam entre si em sua comunidade livre” é o que permite “preencher a vida” e “encontrar a verdade” (p. 42). Para Jaspers, ao superar os momentos trágicos de dor, falta de força, impotência que conduzem ao desespero, “novamente nos esquecemos de nós e deslizamos para a felicidade” (p. 37).

Nesse processo de autodistanciamento, a pessoa não incorre na “liberdade ilusória da arbitrariedade, que se entende como autonomia supostamente absoluta do ‘eu quero’”, e “a maior liberdade é experimentada no desapego ao mundo, e essa liberdade mantém uma ligação profunda com a transcendência”. A pessoa que chamamos aqui de autocentrada, cedo ou tarde terá sua ilusória liberdade convertida em “perplexidade do estar-vazio”, “desespero para ser si mesmo” e “desespero para não ser si mesmo” (Jaspers, 2022, p. 61). Enquanto isso, Frankl propõe a conjunção com a autotranscendência, de ser mais do que se é. Nesse contexto, poder-se-ia dizer que o autocentrado quer as coisas e o autodistante e autotranscendente sabe seu dever, sua vocação (apelo, chamado) para realizar suas possibilidades únicas, que não se repetem (Frankl, 2015, p. 124). Por isso,



Frankl (2015) recorda que “Jaspers denomina o ser o homem como um ser ‘que decide’ um ser que não ‘é’, sem mais, mas que só em cada caso decide ‘o que ele é’” (p. 75), ou o que deveria ser.

A totalidade do fenômeno da existência humana é inefável e não pode ser circunscrita, exceto por uma frase “eu sou”. Esse “eu sou” fora, primeiramente, interpretado nos termos de “eu tenho de” (ou seja, sou forçado por certas condições e determinantes, impulsos e instintos, hereditariedade e fatores, e impactos ambientais), ao passo que, no período seguinte, o “eu sou” foi compreendido nos termos de um “eu posso” (isto é, tenho capacidade de realizar este ou aquele aspecto de meu ser).

Um terceiro conceito, no entanto, ainda está faltando. Pois, se quisermos alcançar uma visão apropriada da realidade humana em sua plena dimensionalidade, devemos ir além das necessidades e das possibilidades e trazer — somando-se aos aspectos do “eu tenho de” e do “eu posso”, que integram o fenômeno total “eu sou” — aquela dimensão que pode ser chamada de “eu devo” (Frankl, 2020, pp. 71-72).

Com isso, Frankl explica que não se trata meramente de seguir os ditames da biologia ou do ambiente, nem meramente falar do potencial como no pensamento atribuído a Píndaro. Trata-se de responder às questões que a vida coloca ante cada um, já que, por um lado, há o que ele já fez e, por outro, o que ele ainda deveria fazer. Essa resposta que se dá às situações é o verdadeiro exercício da liberdade, uma liberdade que é, sem sombra de dúvidas, de sua responsabilidade. E, por isso, a etimologia novamente oferece esse paralelo: para recordar-nos a todos que as RESPostas que devemos dar são da nossa RESPonsabilidade — a mesma raiz etimológica não é acaso! “A logoterapia vê na responsabilidade a essência mesma da existência” (Frankl, 2020, p. 33). Por isso, o conceito de autorresponsabilidade, tão em voga em alguns círculos, torna-se obsoleto por sua redundância: o ser humano é responsável por suas escolhas, escolhas essas que “deverão ser realizadas e, assim, resgatadas para a eternidade” (Frankl, 2020, p. 66).

Se ficarmos pelo querer-Ser apresentado acima por Jaspers, fala-se apenas em liberdade ou, melhor, na ilusão de liberdade. Apenas o dever-Ser permite a plena liberdade, articulada com responsabilidade. Por isso, liberdade e responsabilidade são um binômio fundamental da Logoterapia. Com essa compreensão, percebe-se que:

O que “eu devo” fazer, contudo, é, em cada caso preencher o sentido concreto que me desafia em cada situação de minha vida. Em outras palavras, quando trazemos à baila “eu devo”, complementamos o aspecto subjetivo da existência humana, o *ser*, com sua contraparte objetiva, que é o *sentido* (Frankl, 2020, p. 72).

O ser humano, portanto, é livre e responsável por, a cada situação, seja ela aprazível ou não, decidir realizar o seu sentido. E não cabe a ninguém prescrever ou decidir o sentido da vida ou das situações de terceiros, porque, entre outros, retiraria da pessoa em causa, sua responsabilidade por suas respostas às questões colocadas pela vida. Mas, não podemos nos iludir: “há algo terrível na responsabilidade do ser humano — e, ao mesmo tempo, algo magnífico!” (Frankl, 2020, p. 72). Sua periculosidade está no peso de que tudo o que decidimos fazer ou não, se eterniza, com suas potenciais consequências, imagináveis e inimagináveis. Mas sua beleza está em “saber que o futuro, o meu próprio e, com ele, o futuro das coisas, das pessoas ao meu redor (...) depende da minha decisão a cada momento” (Frankl, 2020, p. 127). Por essa ambivalência talvez “em média, as pessoas são muito indolentes para assumir sua responsabilidade” (Frankl, 2020, p. 127).

É nesta mesma linha que Hermann Cohen (1995) esclarece que a compreensão de si mesmo só é possível quando a pessoa assume responsabilidade por seus atos, incluindo sua culpa e seu pecado. É importante pausar para esclarecer o conceito de *pecado*. Para Cohen (1995) pecados são consequências do livre-arbítrio, não um erro que porta um castigo divino; um equívoco ético que permite novas ações para uma possível redenção, onde uma nova forma de ser emerge, lembrando das palavras poéticas em Ezequiel que afirma que um coração de pedra como que se torna em coração de carne. O processo de se tornar a pessoa que se deveria ser é, em sua perspectiva: assumir seus pecados, renunciá-los e criar uma nova vida.

Ao assumir essa responsabilidade, a pessoa assume sua individualidade, afastando-se da humanidade, já que percebe quem é. Lendo Cohen (1995), extraímos duas lições de humildade: a primeira, que sofrer permite enxergar a si mesmo como imperfeito, e a segunda permite compreender a existência das imperfeições e dos sofrimentos de outros seres humanos. Então, ao mesmo tempo que instiga um “simples isolamento”, demanda também que esse seja “substituído pelo companheiro crente por uma nova e positiva responsabilidade” focada na comunidade, tanto pelo presente como pelo futuro. Afinal, como lembra: “todos os israelitas atestam uns pelos outros” (p. 369). Assim, a pessoa (*Mensch*) tem um sofrimento (*Leid*) que lhe é individual. Só que ao estar ante outros, percebe o sofrimento do companheiro, daqueles com (*mit*) quem se encontra, a comunidade (*Mitmenschen*), onde há um sentimento real de compaixão (*Mitleid*) — o sofrimento compartilhado ou, mais adequadamente, a compaixão: a capacidade comunitária de entender que todos sofrem, porque todas as pessoas erram!

Cohen (1995) afirmou que “uma medida dessa auto-responsabilidade é o reconhecimento do valor do sofrimento. Não pode ser eliminado. É a pré-condição para o indivíduo que é consciente de si mesmo. E o indivíduo é transferido às pessoas” (p. 229). Aqui emerge a consciência de si e, por ende, a consciência da existência da comunidade. Esse processo, por sua vez, existe apenas porque existe o amor, um “amor [que] não é



conhecimento" (p. 162), mas que complementa o conhecimento, um conhecimento que permite, em última instância, reconhecer "liberdade como a responsabilidade do homem" (p. 408) em buscar uma ética que lhe permita caminhar para a perfeição, ainda que nunca lá chegue. Por isso, "a mais elevada ação e a mais elevada realização permitida a um homem" é a aceitação de "um destino autêntico" onde "compreendemos igualmente as palavras de Hermann Cohen: 'A suprema dignidade do homem é o sofrimento'" (Frankl, 2015, p. 74).

É no sofrimento que o ser humano transcende e descobre do que é capaz, descobre seu mais profundo ser, e o *homo amans* se pode converter num *homo patiens*. *Patiens*, que em latim significa literalmente *o que sofre*, dá origem a diversos vocábulos tais como *paciência* e *paciente*. Mas em Logoterapia e Análise Existencial não se fala de uma paciência como se fosse resignação, mas uma paciência que age, que se move lendo a realidade e descobrindo novos sentidos para ela — talvez esse seja o caminho de quem é paciente da consulta logoterápica: descobrir a paciência não da resignação, mas da revelação ou descoberta de novos sentidos! E "a capacidade de suportar o próprio sofrimento", nessas condições, "nada mais é que realizar o que chamo de valores de atitude", "o valor supremo", "o mais alto valor" que permite "cumprir o sentido mais profundo" (Frankl, 2015, p. 73).

É aqui que a pessoa se dispõe a transformar o imutável. Não se muda a doença, mas muda-se a atitude ante ela. Não se muda a morte, mas a atitude ante a vida. É um processo de converter a dor, a culpa e a morte em atitudes responsáveis que fazem valorizar os momentos. Como tantas pessoas que passaram por tantos desafios em suas vidas e começam a empreender no campo social para ajudar outras pessoas que passam pelos mesmos desafios. Como tantas pessoas com doenças crônicas que enxergam os momentos da vida com maior apreciação. Trata-se de "aceitar um sofrimento que vem necessariamente marcado pelo destino", mas não o aceitar de maneira inerte; não se trata de aceitar "um sofrimento desnecessário", que deve ser evitado; trata-se de ter uma atitude onde a atitude parece inexistente a priori. É por isso que um cognato de *patiens* é *pathos*, palavra que significa, entre outras coisas, emoções. É sobre aceitar emoções desafiadoras e não as negar. E, por fim, talvez possamos inferir que Hermann Cohen, ainda que não atribua o nome, esteja inferindo sobre a *em-patia*: a ideia que o *pathos* do outro pode ser, no mínimo, compreendido por quem também sofre com o peso de seu próprio *pathos*.

Nesse processo que podemos aqui chamar *empático*, percebe-se ainda mais o valor da comunidade (Cohen), onde o encontro (Jaspers) entre Eu-Tu (Buber) emerge via uma comunicação eficaz (Bühler), que almeja a melhora da sociedade (Eucken) por meio da ação (Scheler). Esse sentimento de solidariedade (Adler) é o que permite uma saudável relação dialógica.

É nessa caminhada que o livro *O sofrimento de uma vida sem sentido* é dedicada a Leo Beck, uma figura controversa, mas que assenta em si todos esses aspectos. Liderança espiritual da comunidade judaica em Theresien, era o principal negociador da comunidade judaica com o regime nazista. Por exemplo, conseguiu, certa vez, organizar que crianças saíssem de Theresien para Londres, via trem. Ao mesmo tempo, era acusado de impedir que os prisioneiros do Campo soubessem dos massacres em Auschwitz, impedindo o acesso à verdade. Seu foco era comunicar com seus companheiros para criar um senso de comunidade e de sociedade solidária, onde todos pudessem se sentir *bem* (na medida do que um campo permite). Agia como pastor ou padre (quando necessário para os poucos prisioneiros cristãos) e organizava palestras sobre Kant e Platão, oferecendo reflexões sobre o *para quê* de estarem lá e continuarem vivos. Focava no imperativo divino, o verbo *dever* já aqui explorado, instigando todos a pensarem em uma missão de vida. Talvez com Beck, Frankl tenha aprendido a ir para barracões em Auschwitz e Dachau, palestrar sobre sentido de vida. Talvez com Beck, tenha Frankl descoberto um senso de missão ainda mais aguçado que antes.

Já em Hipócrates, compreendeu seu foco no corpo e seu trabalho como médico, e em Freud, seu trabalho como psiquiatra. Durante os campos, Frankl salvou vidas, seja cuidando em casos de febre tifoide, uma aguda doença bacteriana, transmitida por mosquitos ou roedores, que sem tratamento levava quatro semanas para uma cura, mas que no caso de uma ampla maioria conduzia à morte (dezenas de milhares só em Auschwitz); seja antes e durante o trabalho de pós-venção a tentativas de suicídio e prevenção nos casos identificáveis (geralmente os homens deixavam de fazer a barba parecendo menos saudáveis porque simplesmente desistiam). Finalmente, regressando a Scheler, compreende-se a dimensão da essência que busca sentido, uma dimensão que permite à pessoa ser *homo faber* (termo scheleriano) no fazer e *homo amans* na relação, alcançando a condição de *homo patiens*, sofrendo: é-se, portanto, o homem que doa de si para o mundo, o homem que se abre para receber amor do mundo e o homem que se faz capaz de sofrer no mundo, respectivamente, encontrando sentido em cada circunstância.

E, nesse esforço de autotranscendência pessoal em direção ao outro que emerge o diálogo e, por conseguinte, nossa capacidade humana de ver no Aí no Tu (no outro), o sofrimento que o Eu tem Aqui, e juntos agir num esforço de autotranscendência mútua, uma comunidade que percebe o papel um do outro. E aqui emerge:

A comunidade [que] se baseia no *nós*, isto é, na relação entre o *eu* e o *tu* (...). A comunidade humana aparece como algo *exigido* interiormente cujo sentido está na *ser-para-os-demais*. Assim, o sentido da personalidade humana é, para Frankl, sempre orientado e referido à comunidade (Xausa, 1986, pp. 135-136).



Referências

- Adler, A. (2005). *La Tecnica della Psicologia Individuale* (E. E. Marasco, Trad.). Newton Compton. (Trabalho original publicado em 1932)
- Bianchi, J. (2020). *Os escritos políticos de Cunha Leal e os impasses do colonialismo português em África (1961-1963)* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Goiás]. <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10865>
- Buber, M. (2014). *Eu e tu* (A. Morão, & S. Favila, Trans.). Paulinas. (Trabalho original publicado em 1923)
- Bühler, K. (2020). *Teoria da Linguagem* (P. Costa, Trad.). Kirion. (Trabalho original publicado em 1934)
- Cohen, H. (1995). *Religion of reason out of the Sources of Judaism* (S. Kaplan, Trad.). Scholars. (Trabalho original publicado em 1919)
- Frankl, V. (2005). *Um sentido para a vida: Psicoterapia e Humanismo* (V. Lapenta, Trad.). Idéias & Letras. (Trabalho original publicado em 1978)
- Frankl, V. (2010). *O que não está Escrito em meus Livros*. É Realizações. (Trabalho original publicado em 1995)
- Frankl, V. (2015). *O Sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver* (K. Bocarro, Trad.). É Realizações. (Trabalho original publicado em 1977)
- Frankl, V. (2016). *Psicoterapia e Sentido de Vida: fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial* (A. Castro, Trad.). Quadrante. (Trabalho original publicado em 1946)
- Frankl, V. (2020). *Psicoterapia e Existencialismo: textos selecionados em logoterapia* (I. Studart, Trad.). É Realizações.
- Frankl, V. E. (2022). *Sobre o sentido da vida* (V. Schneider, Trad.). Vozes/Nobilis. (Trabalho original publicado em 1946)
- Jaspers, K. (2022). *Caminhos para a sabedoria: uma introdução à vida filosófica* (C. Dornbusch, Trad.). Caminhos Vida Integral / Vozes. (Trabalho original publicado em 1953)
- Ortega y Gasset, J. (1914). *Meditaciones del Quijote*. Titivillus.
- Xausa, I. (1986). *A psicologia do sentido da vida*. Vozes.

Recebido em 11.02.2026 – Primeira Decisão Editorial em 18.03.2026 – Aceito em 30.03.2026



PSICOTERAPIA E RELIGIÃO: UMA QUESTÃO (NO)ÉTICA

Psychotherapy and Religion: A (no)ethical issue

Psicoterapia y Religión: Una cuestión (no)ética

ADRIANA PATRÍCIA EGG-SERRA*

DOI: <https://doi.org/10.62506/8z0jzt20>

Resumo: Este estudo teórico analisa a tensão ético-política entre a liberdade religiosa do psicólogo e o dever de laicidade da prática clínica, evidenciada por recentes embates institucionais no Brasil. O objetivo é propor a integração da dimensão espiritual na psicoterapia a partir da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl. Metodologicamente, realiza-se uma articulação conceitual sobre a ontologia dimensional, a dimensão noética e o inconsciente espiritual, dialogando com a literatura da área. Discute-se que a evitação sistemática da espiritualidade e da religiosidade nos processos formativos gera insegurança profissional e contraria a essência do método psicoterapêutico, focado em desvelar o sofrimento para reorganizá-lo. Os resultados demonstram que a distinção frankliana entre espiritualidade, compreendida como fenômeno antropológico universal, e religiosidade, vista como manifestação cultural específica, permite ao terapeuta acolher a visão de mundo do paciente mantendo a neutralidade axiológica, sem incorrer em proselitismo ou reducionismo cientificista. Conclui-se que a superação dessa polarização exige a inclusão do debate crítico sobre o tema na formação em psicologia, capacitando o profissional para oferecer um cuidado cientificamente rigoroso e existencialmente acolhedor.

Palavras-chave: Religião e Psicologia; Espiritualidade; Psicoterapia; Ética Profissional; Educação em Psicologia.

Abstract: This theoretical study analyzes the ethical-political tension between the psychologist's religious freedom and the duty of secularity in clinical practice, evidenced by recent institutional conflicts in Brazil. The objective is to propose the integration of the spiritual dimension into psychotherapy based on Viktor Frankl's Logotherapy and Existential Analysis. Methodologically, a conceptual articulation is carried out regarding dimensional ontology, the noetic dimension, and the spiritual unconscious, in dialogue with the literature in the field. It is argued that the systematic avoidance of spirituality and religiosity in training processes generates professional insecurity and contradicts the essence of the psychotherapeutic method, which focuses on unveiling suffering in order to reorganize it. The results demonstrate that the Franklian distinction between spirituality, understood as a universal anthropological phenomenon, and religiosity, seen as a specific cultural manifestation, allows the therapist to embrace the patient's worldview while maintaining axiological neutrality, without engaging in proselytism or scientific reductionism. It is concluded that overcoming this polarization requires the inclusion of critical debate on the subject in psychology training, empowering professionals to offer care that is both scientifically rigorous and existentially welcoming.

Keywords: Religion and Psychology; Spirituality; Psychotherapy; Ethics, Professional; Psychology, Educational.

Resumen: Este estudio teórico analiza la tensión ético-política entre la libertad religiosa del psicólogo y el deber de laicidad de la práctica clínica, evidenciada por recientes conflictos institucionales en Brasil. El objetivo es proponer la integración de la dimensión espiritual en la psicoterapia a partir de la Logoterapia y el Análisis Existencial de Viktor Frankl. Metodológicamente, se realiza una articulación conceptual sobre la ontología dimensional, la dimensión noética y el inconsciente espiritual, en diálogo con la literatura del área. Se discute que la evitación sistemática de la espiritualidad y la religiosidad en los procesos formativos genera inseguridad profesional y contradice la esencia del método psicoterapêutico, enfocado en desvelar el sufrimiento para reorganizarlo. Los resultados demuestran que la distinción frankliana entre espiritualidad, comprendida como fenómeno antropológico universal, y religiosidad, vista como manifestación cultural específica, permite al terapeuta acoger la visión del mundo del paciente manteniendo la neutralidad axiológica, sin incurrir en proselitismo o reduccionismo cientificista. Se concluye que la superación de esta polarización exige la inclusión del debate crítico sobre el tema en la formación en psicología, capacitando al profesional para ofrecer un cuidado científicamente riguroso y existencialmente acogedor.

Palabras-clave: Religión y Psicología; Espiritualidad; Psicoterapia; Ética Profesional; Educación en Psicología.

* Universidade Federal do Paraná, Curitiba. E-mail: patricia.egg.serra@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9024-7610>



Introdução

Em maio de 2026, foi criada no Brasil a “Frente Parlamentar Mista em Defesa da Liberdade Religiosa dos Psicólogos Cristãos”. O processo institucional ocorreu em duas etapas: aprovação do Projeto de Resolução do Senado (PRS 3/2026), em 27 de maio, e promulgação oficial com publicação no Diário Oficial da União no dia 29, sob o registro de Resolução do Senado Federal nº 11 de 2026. A criação desta Frente tem movimentado discussões intensas no meio acadêmico e institucional, polarizando o cenário jurídico e profissional. O debate gira em torno do equilíbrio entre as liberdades individuais do profissional e o dever de laicidade da ciência psicológica.

Os defensores da Frente fundamentam-se nas garantias individuais previstas na Constituição Federal de 1988, que asseguram a liberdade de consciência, de crença e de manifestação religiosa. O argumento é de que o Estado deve proteger estes direitos de invasões institucionais. Alega-se que resoluções de autarquias públicas – como o Conselho Federal de Psicologia (CFP) – têm gerado punições excessivas, configurando uma suposta perseguição institucional contra profissionais que professam a fé cristã. Em seu parecer, o relator no Plenário aponta legitimidade do Legislativo na busca por um equilíbrio entre a regulação profissional e a preservação das liberdades individuais. A Frente defende que ninguém deve ser constrangido a ocultar sua fé ou abdicar da visão de mundo que possui para estar qualificado ao exercício técnico da profissão que escolheu.

As entidades contrárias, lideradas pelo Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira (FENPB) – que emitiu nota de repúdio à formação da frente – sustentam que a proposta fere preceitos republicanos e científicos. Segundo eles, a constituição determina separação estrita entre Estado e Religião e, como autarquia estatal, o CFP deve garantir à sociedade uma prestação de serviços estritamente laica. Defende-se que a Psicologia é uma ciência regulamentada por critérios técnicos e validados e práticas profissionais não podem ser guiadas ou substituídas por convicções ou dogmas particulares do terapeuta. Amparam-se na Resolução CFP nº 7/2023 (CFP, 2023), que proíbe o uso da fé como ferramenta de tratamento ou proselitismo. O objetivo declarado é mitigar riscos éticos, evitando que dogmas pessoais induzam o paciente ou fundamentem discriminações mascaradas de clínica. Critica-se a Frente pela suposta tentativa de fragilizar e esvaziar a competência legal e constitucional do Sistema Conselhos de regular, disciplinar e fiscalizar o exercício da profissão.

Na disputa institucional entre a regulação laica da Psicologia e os movimentos de liberdade religiosa, o maior prejudicado pela polarização resultante é o sujeito dos cuidados psicológicos. O tensionamento dessa disputa de poder pode afetar a pessoa que recebe tais cuidados de duas formas principais, dependendo de como o profissional maneja o conflito. Ao abrir margem para que preceitos religiosos infiltrem-se em procedimentos cientificamente embasados de modo irrefletido, corre-se o risco de moralizar o sofrimento psíquico ou existencial e reduzi-lo a elementos de ordem dogmática, desconsiderando o sofrimento real da pessoa. O terapeuta jamais deve impor valores pessoais ao paciente, pois isso implica em privá-lo de sua autonomia. Além disso, a imposição de dogmas rígidos sobre temas sensíveis pode gerar adoecimento iatrogênico, gerando culpa patológica e agravando quadros de ansiedade e depressão.

Por outro lado, com o banimento ou patologização de qualquer manifestação espiritual no *setting* clínico corremos o risco de um extremismo cientificista e reducionismo materialista, silenciando uma dimensão importante para muitas pessoas, o que igualmente as prejudica. Ignorar a espiritualidade do sujeito é uma clara redução ao psicologismo. O ser humano acaba limitado a uma confluência de impulsos ou condicionamentos psicológicos que ignora suas possibilidades existenciais mais profundas. A fé e a religiosidade são, para muitos indivíduos, as principais fontes de sentido e recursos para o enfrentamento de dificuldades (Corrêa et al., 2016; Esperandio et al., 2019; Ferreira et al., 2020; Hefti, 2019; Koenig et al., 1998) e muitas vezes atuam como eixos estruturantes na construção dos conceitos de saúde, sofrimento, esperança e identidade, definindo a própria interpretação que o sujeito faz de sua existência. Além disso, pessoas religiosas que sentem sua cosmovisão ridicularizada ou rejeitada pela Psicologia podem acreditar que parte do seu mundo subjetivo não tem lugar neste contexto ou mesmo abandonar o tratamento, privando-se de um suporte importante em saúde mental (Baungart & Amatuzzi, 2007; Bruscagin, 2004; Dein, 2004).

Para superar essa dicotomia, é fundamental revisitar o próprio conceito de laicidade. A aplicação irrefletida desse princípio exclusivamente como restrição ou apagamento do fenômeno religioso aproxima-se do laicismo, uma postura incompatível com a laicidade participativa do Estado brasileiro (Brasil, 1988). Sob a ótica do filósofo Jürgen Habermas (2007), em sua análise da sociedade pós-secular, a esfera pública – e em nosso caso, por extensão, o espaço clínico – não deve exigir que os cidadãos mutilem suas identidades religiosas para serem ouvidos. A laicidade participativa pressupõe que as cosmovisões religiosas sejam acolhidas e traduzidas em uma linguagem acessível e respeitosa, garantindo a pluralidade sem impor dogmas. Assim, a laicidade na psicologia não significa a exclusão da espiritualidade, mas a garantia de um espaço seguro onde múltiplas formas de sentido possam coexistir.



Este último, por sinal, é outro ponto crítico na discussão. Sabemos que a dificuldade de pessoas religiosas para encontrar psicólogos que compreendam sua cosmovisão sem ignorá-la ou patologizá-la é um fenômeno real (Brito, 2011; Cunha & Scorsolini-Comin, 2019a; Peres et al., 2007). Muitas vezes, por não se sentirem acolhidas em sua vivência de mundo como sujeitos religiosos, estas pessoas buscam profissionais que professem a mesma fé (Coliath, 2007; Henning-Geronasso & Moré, 2015; Savio & Bruscatin, 2008), gerando tensionamento entre a demanda do sujeito e os limites impostos pelas resoluções profissionais. A grande responsabilidade por esta tensão, no entanto, não provém de psicólogos religiosos tentando impor suas crenças aos utentes de seus serviços, nem de regulamentações restritivas que impedem a abordagem da espiritualidade e/ou religiosidade na clínica psicológica.

De um modo geral, os profissionais da psicologia (incluindo os religiosos) tendem a evitar qualquer abordagem que tangencie a religião, geralmente por uma preocupação em ultrapassar os limites éticos de sua área de competência, uma vez que não se sentem preparados para o acolhimento e manejo clínico de tais questões (Assis & Medeiros, 2018; Beneduzzi, 2012; Cambuy et al., 2006; Cunha & Scorsolini-Comin, 2019a; Oliveira et al., 2019; Paulino, 2019). Por outro lado, as próprias resoluções do Sistema Conselhos, tanto a CFP nº 7/2023 (CFP, 2023), quanto o documento oficial de Posicionamento do Sistema Conselhos de Psicologia para a Questão da Psicologia, Religião e Espiritualidade (CFP, 2014) – além de um número elevado de textos produzidos¹ – deixam claro que “pautar-se na obrigatoriedade da laicidade não implica negar uma interface que pode ser estabelecida pela psicologia e a religião, e pela psicologia e a espiritualidade” (CFP, 2014); que o exercício profissional deve considerar “a dimensão da religiosidade e da espiritualidade como elemento formativo das subjetividades e das coletividades” (CFP, 2023); e que “tanto a religião quanto a psicologia transitam num campo comum, qual seja, o da produção de subjetividades, entendendo ser fundamental o estabelecimento de um diálogo entre esses conhecimentos” (CFP, 2014).

Os tensionamentos neste campo são provenientes de uma total falta de reflexão e debate acerca dos modos como a psicologia pode promover a integração da dimensão espiritual à atuação profissional (Cunha & Scorsolini-Comin, 2019a; Egg-Serra & Holanda, 2022; Oliveira et al., 2019; Pereira & Holanda, 2019). Como forma de contribuir para uma análise crítica da espiritualidade em quanto constructo teórico dentro do campo psicológico, queremos trazer alguns conceitos de Viktor Frankl que nos permitem compreender e abordar as questões religiosas e espirituais de um modo fundamentado no campo do conhecimento científico, nos afastando de qualquer proselitismo religioso. O conhecimento técnico e a neutralidade axiológica defendidos por Frankl fornecem ao psicólogo condições para acolher a fé do consultante de maneira ética, independentemente das crenças pessoais do sujeito ou do próprio terapeuta.

1. Frankl e a Questão Noética

A compreensão da espiritualidade na obra do psiquiatra e filósofo austríaco Viktor E. Frankl (1905-1997) exige, primeiramente, situá-la no contexto de sua teoria: a Logoterapia e Análise Existencial. Fundada em bases fenomenológicas e existenciais, e atravessada pelas experiências extremas do autor em campos de concentração nazistas, a Logoterapia propõe uma visão de homem centrada na busca de sentido. Para tornar essa teoria acessível, é fundamental compreender como Frankl estrutura o ser humano e, a partir disso, definir o que ele entende por espiritualidade, diferenciando-a de conceitos puramente religiosos.

1.1 A estrutura tridimensional do ser humano

Diferente das abordagens psicológicas de sua época, que tendiam a circunscrever o ser humano a partir dos seus instintos (psicanálise) ou dos seus condicionamentos ambientais (behaviorismo), Frankl propõe uma “ontologia dimensional” (Frankl, 1975/1978; Lima Neto, 2013). Nessa visão, o ser humano é compreendido como *unitas multiplex* (unidade múltipla), constituída por três dimensões inseparáveis: a biológica ou somática, a psicológica ou psíquica e a espiritual ou noológica (Aquino, 2020; Egg-Serra et al., 2023).

As dimensões biológica e psicológica formam o que Frankl chama de campo “psicofísico”, uma esfera regida por leis de causa e efeito, instintos e condicionamentos. No entanto, é na terceira dimensão – a espiritual – que reside a verdadeira essência humana. Para evitar confusões com o misticismo ou com a religião institucional, Frankl frequentemente utiliza o termo grego *nous* (mente/espírito) para denominar essa esfera como dimensão noética (Coelho Júnior & Mahfoud, 2001; Lima Neto, 2013).

1.2 O conceito de espiritualidade (ou dimensão noética)

Para Frankl, a espiritualidade não é uma instância, mas um dinamismo, um “puro movimento” (Frankl, 1975/1978; Aquino, 2020). Ela é a manifestação da liberdade, da responsabilidade e da consciência. Enquanto

¹ Há inúmeras publicações sobre a temática tanto no Conselho Federal como em diversos Conselhos Regionais, basta procurar nos sites das autarquias.



os animais vivem inteiramente determinados por sua biologia e instintos, o ser humano possui a capacidade única de se opor às determinações de seu próprio psicofísico (Frankl, 1975/1978; Aquino, 2020). A espiritualidade, portanto, é a dimensão onde o indivíduo deixa de ser apenas um produto de sua herança genética ou de seu meio social, e passa a ser o protagonista de sua existência. Frankl ilustra isso com uma metáfora: a biologia e o meio social nos dão os "tijolos", mas o "construtor" é a pessoa espiritual, que decide o que fazer com esse material (Frankl, 1975/1978; Aquino, 2019). Essa dinâmica espiritual opera fundamentalmente através de duas capacidades exclusivamente humanas: o autodistanciamento e a autotranscendência (Frankl, 1969/2020; Egg-Serra et al., 2023).

O autodistanciamento é a capacidade do ser humano de se afastar de si mesmo e de suas próprias dores, instintos ou condições sociais para avaliá-los. Frankl reconhece que o homem sofre influências do seu destino biológico, psicológico e sociológico, como doenças, traumas e limitações oriundas do ambiente que o cerca. Contudo, a dimensão espiritual garante que o indivíduo não seja totalmente determinado por elas. O homem não é livre *das* condições, mas é livre *para* tomar uma atitude diante delas (Frankl, 1969/2020; Aquino, 2019 e Egg-Serra et al., 2023). É essa liberdade de escolha que emancipa o sujeito de seus automatismos.

A autotranscendência é uma característica inerente à existência humana, que sempre aponta para algo além de si mesma. O ser humano não encontra a realização focando em si próprio ou buscando o prazer, mas sim na intencionalidade que o remete sempre ao mundo. A espiritualidade se realiza quando a pessoa se entrega a uma causa a servir, a um trabalho a realizar ou a outra pessoa a quem amar. É nesse "esquecimento de si" que o indivíduo encontra o sentido da vida (Frankl, 1948/2017; Egg-Serra et al., 2023).

2. Espiritualidade versus Religiosidade

É crucial para o rigor acadêmico separar a espiritualidade da religiosidade na obra de Frankl. A dimensão espiritual é uma característica ontológica, ou seja, constitutiva de *todo* ser humano, independentemente de ser ele ateu, agnóstico ou um sujeito de fé. Todos possuem a capacidade de amar, de ser responsáveis e de buscar sentido (Frankl, 1948/2017; Lima Neto, 2013; Egg-Serra et al., 2023). A religiosidade, por sua vez, é uma manifestação específica e facultativa dessa dimensão espiritual. Ela ocorre quando o indivíduo, impulsionado por sua autotranscendência, direciona-se não apenas a um sentido imediato, mas a um Sentido Último (ou Suprassentido), estabelecendo uma relação de diálogo com um "Tu" transcendente, que pode ser representado pela figura de Deus ou o sagrado (Frankl, 1948/2017; Coelho Júnior & Mahfoud, 2001; Lima Neto, 2013).

Frankl argumenta que, diante da impossibilidade de compreender racionalmente o sentido último do universo, o ser humano pode dar um salto de fé. A fé, nesse contexto, não é a negação da realidade, mas uma decisão existencial de confiar que há um sentido maior encoberto (Frankl, 1948/2017; Egg-Serra et al., 2023). Portanto, a religião genuína é sempre uma escolha livre da pessoa espiritual, e não um impulso cego (Frankl, 1948/2017; Coelho Júnior & Mahfoud, 2001). A tabela comparativa entre o espiritual e o religioso na Logoterapia, apresentada abaixo, nos ajuda a visualizar melhor suas diferenças.

Tabela 1:
Comparativo Espiritual versus Religioso na Logoterapia

Característica	O Espiritual (Noético)	O Religioso
Escopo	Universal (está em todos os homens).	Particular (depende de crença/adesão).
Natureza	Fenômeno antropológico e científico.	Fenômeno teológico e cultural.
Foco Clínico	A busca por sentido na vida cotidiana (trabalho, amor, sofrimento).	A relação do sujeito com o Sagrado e com o Transcendente.
Ateus possuem?	Sim. Um ateu tem dimensão noética ativa ao buscar valores e propósitos.	Não necessariamente. O ateu escolhe não manifestar sua espiritualidade via religião.

3. O Inconsciente Espiritual

Na obra *A Presença Ignorada de Deus* (cujo título original em alemão é *Der unbewusste Gott*, ou "O Deus Inconsciente"), publicada em 1948, Frankl (1948/2017) expande as fronteiras da psicologia clássica, introduzindo o conceito de inconsciente espiritual. A fundação da Logoterapia partiu de uma crítica ao reducionismo das teorias psicológicas de sua época (Lima Neto, 2013). Na psicanálise de Sigmund Freud, o inconsciente era compreendido predominantemente como um reservatório de instintos, pulsões reprimidas e desejos primitivos (o *id*).

Frankl não nega a existência desse inconsciente instintual, mas argumenta que ele explica apenas uma fração da totalidade humana. Baseado em sua ontologia dimensional, ele postula que, assim como existe um inconsciente instintual, existe também um inconsciente espiritual (Frankl, 1948/2017; Coelho Júnior & Mahfoud, 2001). Isso significa que as raízes da nossa dimensão mais elevada (o espírito) também mergulham no



inconsciente. O ser humano não é impulsionado apenas por desejos ocultos, mas é igualmente atraído por valores e sentidos que habitam as profundezas de sua espiritualidade.

3.1 A espiritualidade e a consciência moral

Para compreender o inconsciente espiritual, é necessário entender como o espírito opera na visão de Frankl. A dimensão espiritual/noética é o espaço da liberdade, da responsabilidade e da autotranscendência – a capacidade humana de se dirigir para fora de si mesmo, em direção a um sentido a realizar ou outra pessoa a quem amar. Segundo Frankl (2048/2017), a pessoa espiritual, em sua dimensão mais profunda, é *sempre* inconsciente. Isso ocorre porque o espírito atua como uma "realidade de execução" (puro ato). No momento exato em que o espírito está agindo, ele está tão absorvido na execução do ato que não consegue refletir sobre si mesmo simultaneamente. Assim como o olho é capaz de ver o mundo, mas não a si próprio no ato de enxergar, o espírito humano atua a partir de uma profundidade pré-reflexiva. A verdadeira essência espiritual escapa à auto-observação racional no momento em que se realiza.

Se o núcleo do espírito é inconsciente, como ele se manifesta na vida cotidiana? Frankl defende que fenômenos genuinamente humanos, como a inspiração artística, o amor e, principalmente, a consciência moral (*Gewissen*), brotam do inconsciente espiritual. Na Logoterapia, a consciência moral difere radicalmente do superego freudiano (que se constitui na internalização de regras sociais e proibições parentais). Para Frankl, a consciência é o "órgão do sentido". Ela é uma capacidade intuitiva e pré-lógica de captar o sentido único e exclusivo que cada situação concreta da vida exige (Frankl, 1946/2019; Coelho Júnior & Mahfoud, 2001). A voz da consciência surge do inconsciente espiritual como uma bússola interna, orientando o indivíduo não por meio de raciocínios lógicos calculados, mas por uma intuição profunda do que "deve ser feito" no aqui e agora.

3.2 A religiosidade inconsciente como fato ontológico

É por meio da análise dessa consciência moral que Frankl chega à relação do homem com a transcendência. Ao escutar a "voz da consciência", o ser humano percebe que essa voz possui um caráter de autoridade que não provém dele mesmo, mas atua como amplificador de uma instância transcendente. Através do inconsciente espiritual, o homem possui uma relação intencional, ainda que muitas vezes velada ou reprimida, com o sagrado. Frankl denomina isso de religiosidade inconsciente ou "fé inconsciente". Trata-se da presença de um "Tu" transcendente com o qual o indivíduo se relaciona nas profundezas de seu ser (Frankl, 1948/2017).

Neste ponto, é vital compreender que a palavra "fé", na Logoterapia, significa primariamente "fé no sentido" (*Sinn-Glaube*). É a capacidade estrutural do espírito de confiar que, por trás da aparente fragmentação do mundo, existe um sentido maior. Essa abertura não é um instinto que leva o indivíduo a crer em dogmas, mas uma intencionalidade livre para buscar significado (Coelho Júnior & Mahfoud, 2001). O conceito de religiosidade inconsciente frequentemente gera um mal-entendido: a falsa premissa de que, no fundo, todo ateu é um crente em negação ou alguém que apenas não descobriu a sua fé religiosa. Isso seria um erro categórico. A espiritualidade é tratada como um fato ontológico, que se refere, portanto, à estrutura do ser humano, e não como uma crença dogmática oculta.

Frankl não invalida o ateísmo; pelo contrário, o ateísmo é respeitado como uma escolha intelectual e existencial consciente. Dizer que o ateu possui um inconsciente espiritual não significa afirmar que ele abriga uma crença teológica reprimida, mas que a estrutura do espírito de um ateu continua orientada para o sentido. A religiosidade verdadeira deve ser existencial e espontânea, uma decisão do "eu" e não um impulso do "id" (Frankl, 1948/2007; Lima Neto, 2013). O indivíduo pode rejeitar a ideia de Deus, mas ainda assim dedicar sua vida à busca da verdade, à ética, à ciência ou ao amor ao próximo, vivenciando desta maneira a sua fé no sentido – a religiosidade inconsciente –, mesmo rejeitando uma expressão religiosa dessa fé. Frankl sustenta, portanto, que mesmo o homem irreligioso possui uma "fé inconsciente" no sentido, porém não personifica em uma figura divina a instância transcendente que fala através de sua consciência (Frankl, 1948/2007; Coelho Júnior & Mahfoud, 2001).

Assim, o ateu é aquele que reconhece o sentido concreto das situações e obedece rigorosamente à sua consciência moral, mas recusa-se a dar o passo de nomear a fonte dessa consciência como "Deus" ou "Transcendência". Para a Logoterapia, isso não é uma falha ou uma ausência de espírito, mas apenas uma elaboração conceitual ou uma escolha de vocabulário, já que o ateu atribui a voz da consciência a si mesmo, à razão ou à humanidade, não reconhecendo nela um caráter transcendente. Em uma de suas formulações célebres, Frankl afirma que a "solidão última" diante da consciência leva à "honestidade última". Ele sugere que, se Deus existe, Ele certamente não se ofenderia se um ateu O confundisse com a sua própria consciência (Frankl, 1948/2017; Egg-Serra et al., 2023). Para a Logoterapia, o que importa não é o modo como o indivíduo nomeia a transcendência, mas a autenticidade com que ele responde às demandas originárias da vida impostas por ela.

O conceito de inconsciente espiritual atua como uma ponte entre a teologia e a psicologia secular, democratizando a espiritualidade, que deixa de ser um monopólio das religiões organizadas e passa a ser reco-



nhceda como o denominador comum da humanidade. Nesse cenário, Frankl demonstra que a grandeza do ser humano – sua capacidade de autotranscendência, de ética e de responsabilidade – não depende da adesão a um credo. O ateísmo consciente pode coexistir perfeitamente com uma profunda "fé no sentido" inconsciente. Ao reconhecer o inconsciente noético, a Logoterapia representa uma verdadeira reumanização da psicoterapia, devolvendo ao homem sua dignidade integral e revelando que, para crentes ou ateus, o que define a essência humana é a honestidade com que cada um escuta e responde às questões com as quais a vida vem ao seu encontro.

4. Reflexões Necessárias

Sob a ótica da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl a dimensão noética (espiritual) é a sede da cura e da dignidade humana. O termo "espiritual" não possui aqui uma conotação mística, sobrenatural ou teológica, mas refere-se a uma característica antropológica universal e inerente a todo e qualquer ser humano, que não pode ser identificada com a religiosidade institucional, embora esta última se apresente como uma de suas expressões legítimas. Ela representa o núcleo da liberdade, dos valores e da busca por sentido na existência do sujeito. Essa distinção é fundamental para garantir que a terapia acolha a totalidade do ser humano, sem se transformar em um aconselhamento pastoral ou dogmático.

A religiosidade, para Frankl, é a esfera da fé coletiva, uma manifestação específica e institucionalizada que pode se originar a partir da dimensão espiritual, mas não a esgota. Ela não é universal, trata-se de uma escolha consciente ou cultural de aderir a um sistema de crenças, dogmas, rituais, símbolos e comunidades estruturadas e envolve uma relação com o Transcendente, pois manifesta-se por meio da busca por um sentido último e absoluto, frequentemente personificado na figura de um Deus ou de uma força divina superior. Embora seja altamente prevalente, tanto na população mundial como brasileira, é apenas uma das muitas formas pelas quais a dimensão noética de uma pessoa pode se expressar no mundo, não podendo ser entendida como sua manifestação única e necessária.

O psicólogo, portanto, deve estar preparado para um acolhimento da espiritualidade, o que significa compreender como o sujeito vivencia sua busca por sentido e a responsabilidade com que responde à própria consciência moral – validando sua espiritualidade mesmo na ausência de crenças e, no caso de pessoas religiosas, ouvindo e usando a fé *desta pessoa* como ferramenta terapêutica de cura e resiliência, independentemente de qual seja a religião professada de ambos. A Psicologia é laica, mas o sujeito do cuidado psicológico não. Negar esse espaço de expressão impede o sujeito de acessar sua vontade de sentido. O caminho para proteger a pessoa que recebe cuidados psicológicos não está no apagamento ou imposição da fé, mas no respeito incondicional. O psicólogo cristão ou ateu (ou de qualquer outra matriz religiosa) somente atua eticamente quando sua fé (ou ausência dela) serve como bússola de integridade pessoal interna, mas jamais como um roteiro de intervenção ou julgamento sobre a vida de quem atende.

O psicólogo precisa acessar a dimensão espiritual (noética) da pessoa sob seus cuidados para ajudá-la a encontrar sentido no sofrimento, na dor ou na culpa, mas jamais deve tentar proporcionar cuidado por meio de seus preceitos religiosos. Se o sujeito for religioso, suas crenças devem ser respeitadas e acolhidas como um recurso da sua dimensão noética, mas independentemente da sua fé ou ausência dela, crenças e interpretações religiosas ou antirreligiosas nunca podem ser impostas pelo profissional. Do ponto de vista frankliano, se o psicólogo utiliza o espaço clínico de forma indevida para introduzir convicções pessoais, ele viola a liberdade noética do sujeito, impedindo-o de encontrar seu *próprio* sentido.

Na psicoterapia, o objetivo é ajudar o outro a ouvir sua consciência moral pessoal, estimular o resgate de seus valores mais profundos e permitir que ele se reconecte com sua própria transcendência, seja ela expressa por meio de uma religião tradicional ou por meio da arte, da filosofia ou do amor. O grande desafio do terapeuta é guiá-lo até o seu inconsciente espiritual sem se tornar um conselheiro moral ou doutrinador. Frankl defendia uma postura de neutralidade axiológica que prima pela não imposição de valores (religiosos ou arreligiosos). Em suma, o terapeuta não reduz o sujeito a um receptáculo de sentidos pré-fabricados; ele apenas acende uma lanterna para que o próprio indivíduo enxergue o que já possui em seu inconsciente noético.

Como tentamos demonstrar, tanto a dimensão espiritual quanto sua expressão religiosa podem ser acolhidas e exploradas na clínica por meio de métodos válidos dentro da ciência psicológica. Obviamente, sendo este artigo dirigido a um dossiê temático, exploramos uma vertente teórica específica, mas há muito material produzido nesta área que pode nortear uma atuação profissional verdadeiramente ética, que não cede nem ao proselitismo nem à negação da religiosidade ou à sua exclusão do *setting* terapêutico. Por que, então, seguimos nos digladiando em embates improdutivos entre posições dogmáticas e polarizadas?

Se pararmos para olhar atentamente, os discursos apresentados no início deste texto não se encontram necessariamente em oposição. A expressão pessoal da religiosidade do psicólogo não tem conexão direta e imprescindível com sua utilização inapropriada na atuação do profissional. Por outro lado, o cuidado para evitar o uso desta fé pessoal como ferramenta de tratamento ou proselitismo é importante e necessário. A questão principal é que a melhor forma de efetivar este cuidado tem sido ampla e sistematicamente negligenciada. Em sua ânsia por regular, disciplinar e fiscalizar o exercício da profissão, o Sistema Conselhos tem levado a um segundo plano sua função de orientar o exercício profissional.



A raiz do problema, que temos apontado repetidamente nos últimos anos, em consonância com o trabalho de muitos colegas (Cavalheiro, 2010; Costa et al., 2008; Egg-Serra et al., 2022; Ferreti, 2010; Freitas, 2002; Gandelman, 2013; Gastaud et al., 2006; Pereira & Holanda, 2016; Pinho, 2012; Silva, 2016; Swatowski et al., 2019; Vieira et al., 2013), é uma lacuna na formação geral em psicologia. Ao impor um afastamento tácito da religiosidade, excluindo-a completamente dos debates acadêmicos, o estudante não tem qualquer oportunidade de articular sua fé ou ausência dela com princípios e conceitos da psicologia ou com os mais diversos estudos que vêm sendo produzidos em profusão nas últimas décadas, acerca da interface entre espiritualidade, saúde mental e psicoterapia (Assis & Medeiro, 2018; Borges, 2015; Cunha & Scorsolini-Comin, 2019; Freitas, 2014; Freitas & Vilela, 2017; Henning-Geronasso & Moré, 2015; Holanda, 2017; Machado et al., 2016; Machado & Holanda, 2016; Mariano et al., 2015). Essa alienação impede a apropriação do conhecimento científico sobre o tema, deixando um vácuo que pode ser preenchido indevidamente com conceitos religiosos ou resultar na total falta de compreensão de que o cuidado terapêutico deve estar em consonância com as realidades espirituais, culturais e comunitárias nas quais a saúde e o sofrimento são significados.

Em um estudo robusto, que ao longo de seis anos confirmou essa lacuna (Egg-Serra et al., 2022) e propôs uma disciplina de Psicologia e Religião criada a partir de demandas concretas da formação (Egg-Serra & Holanda, 2022a), Egg-Serra e Holanda (2022b, 2023) implementaram e avaliaram seu impacto. Os autores tiveram a oportunidade de explorar uma série de temas na área, junto com os estudantes, refletindo sobre as possibilidades e limitações de uma atuação capaz de integrar a E/R de modo ético e responsável. A experiência, documentada em uma dissertação de mestrado (Egg-Serra, 2021) e uma tese de doutorado (Egg-Serra, 2025) que vêm sendo publicadas em uma série de artigos independentes, permitiu testemunhar a força da cultura do silenciamento que ainda prevalece no ambiente acadêmico brasileiro. As consequências da ausência de debates na área são evidenciadas em análises das vivências dos estudantes com o tema durante a formação, desvelando um cenário preocupante de discriminação e hostilidade, no qual a E/R é frequentemente tratada como tabu ou reduzida a uma visão cientificista que a opõe à racionalidade (Cavalheiro, 2010; Costa et al., 2008; Ferreti, 2010; Freitas, 2002; Gandelman, 2013; Gastaud et al., 2006; Pereira & Holanda, 2016; Pinho, 2012; Silva, 2016; Swatowski et al., 2019; Vieira et al., 2013).

Tal atitude faz com que estudantes religiosos sintam que sua fé é incompatível com a profissão que escolheram, além do medo de ter que abandonar suas crenças para serem bons profissionais, enquanto estudantes ateus ou agnósticos são privados de reconhecer a E/R sequer como manifestação histórica e antropológica relevante. Embora a cautela em relação à E/R não seja proveniente apenas do preconceito, mas também de uma preocupação legítima em preservar a laicidade da ciência psicológica contra investidas de proselitismo e imposições morais, a exclusão do tema nos processos formativos não protege a laicidade, apenas alimenta o mito do embate entre Ciência e Religião e preconceitos históricos que imprimem sua violência simbólica no ambiente acadêmico, exacerbando as tensões entre as duas esferas.

Em contrapartida, a abertura de um espaço qualificado para essa discussão demonstrou ser um gesto disruptivo e potente. Os dados do estudo de Egg-Serra e Holanda (Egg-Serra, 2025) confirmaram que a participação na disciplina proposta resultou em um aumento estatisticamente significativo na segurança profissional percebida pelos estudantes para o manejo da E/R, que representava o maior receio da grande maioria deles. O contato com a produção científica da área e discussões conceituais desconstrói o mito do conflito entre ciência e religião e promove um deslocamento de visões reducionistas para uma postura mais crítica e aberta, permitindo um vislumbre da psicologia como saber dialógico, capaz de integrar a E/R como recurso terapêutico, respeitando os limites éticos e focando na experiência singular do sujeito. Esse movimento alinha-se perfeitamente à postura de neutralidade axiológica defendida por Frankl, em que a fé do sujeito é acolhida sem imposições dogmáticas.

Apesar de reconhecer que disciplinas em E/R não eliminam todos os questionamentos práticos sobre como realizar esse manejo adequadamente, dúvidas qualificadas têm o poder de movimentar a busca por conhecimento, enquanto certezas dogmáticas (de que a E/R não é um tema pertinente ao atendimento psicológico, por exemplo) impedem uma postura de abertura e resultam em um dado preocupante, apontado no trabalho de Paulino (2019): quanto mais se avança em termos de formação acadêmica na psicologia, menos se acredita no potencial benéfico da E/R – o que contraria diretamente os achados acumulados em milhares de estudos científicos ao longo das últimas décadas (Cunha & Scorsolini-Comin, 2019a; Dalgalarrrondo, 2006; Hefti, 2019; Koenig, 2012; Moreira-Almeida & Lucchetti, 2016; Panzini et al., 2007), ainda que seja necessário manter o rigor metodológico para não superestimar os efeitos positivos da E/R em detrimento de suas possíveis manifestações negativas.

A constatação de que a dúvida e o incômodo retiram o aluno de uma zona de conforto dogmática reforça a premissa de que a formação crítica é o único antídoto tanto contra o proselitismo quanto o reducionismo. Integrar a dimensão espiritual à prática psicológica demanda exatamente essa postura reflexiva. Em uma revisão sistemática de literatura sobre iniciativas de ensino na área, observa-se, por um lado, a escassez de ações formativas sobre Espiritualidade e Religiosidade (E/R) para estudantes e profissionais de psicologia no Brasil (apenas oito estudos entre 2010 e 2024; Cunha et al., 2020; Cunha & Scorsolini-Comin, 2019b; Egg-Serra & Holanda, 2022b; Gonçalves et al., 2016; Nardini-Bubols et al., 2024; Osório et al., 2017; Rossato et al., 2021; Viegas Junior, 2022). Ao mesmo tempo, no entanto, as iniciativas analisadas relataram bons resultados na cri-



ação de abertura para um acolhimento ético e cientificamente embasado da E/R.

O paradoxo dessa escassez formativa torna-se evidente quando olhamos para a própria essência da práxis psicológica. Independentemente da abordagem teórica do profissional em psicologia – seja ela psicanalítica, cognitivo-comportamental, humanista ou existencial –, o cerne do processo psicoterapêutico não é eliminar o problema, mas alterar as relações que estabelecemos com ele. O primeiro movimento da psicoterapia é o desvelamento. Muitas vezes, o sofrimento se perpetua porque o problema está oculto, mal formulado ou emaranhado em narrativas rígidas. Trazer o problema à tona significa dar-lhe contorno, nome e voz. É o processo de tirar o conflito da sombra onde atua e colocá-lo em evidência – seja pela associação livre e interpretação do inconsciente; pela identificação de crenças centrais e pensamentos automáticos; ou pela descrição da experiência vivida. Em todas elas, o objetivo inicial é o mesmo: tornar o implícito, explícito.

O desvelamento da questão proporciona um distanciamento que faz com que deixemos de ser reféns da situação. O problema deixa de ser o sujeito da frase e passa a ser o objeto de reflexão. Essa exploração nos permite reorganizar nossa atitude diante desses mesmos fatos, mudando a *relação* que temos com eles. Se este é o poder da psicoterapia, a arte por excelência da psicologia, por que a disciplina faz exatamente o contrário quando se trata da questão da E/R? Por que tentamos lidar com os problemas referentes a esta questão por meio do silenciamento, do veto, da aplicação irrefletida de conceitos como ética e laicidade exclusivamente como restrição? Falhamos em discutir o real significado da laicidade e ignoramos as consequências dessa repressão institucional não apenas sobre questões políticas, mas sobre a vida das pessoas aos nossos cuidados.

Considerações Finais

A essência da psicologia é trazer à luz o que está oculto para que o sujeito possa reorganizar sua relação com o sofrimento; contudo, quando o assunto é a Espiritualidade/Religiosidade, a academia e a profissão têm feito historicamente o oposto – silenciando e evitando o tema sob o pretexto irrefletido da laicidade. Se pretendemos uma atuação verdadeiramente ética, que não seja atravessada pelo proselitismo nem pela negligência da dimensão espiritual, nossa única alternativa é aplicar o método psicoterapêutico à própria formação: trazer o tema para a luz do diálogo e do debate, estimulando a reflexão crítica. Enfrentar sua negligência sistemática exige a construção coletiva de propostas formativas que sensibilizem o futuro psicólogo a romper com o paradoxo institucional.

Retomando a dicotomia apresentada no início deste ensaio – a disputa entre a Frente Parlamentar em defesa da liberdade religiosa e as diretrizes de laicidade do Sistema Conselhos –, a teoria de Viktor Frankl oferece uma síntese integradora. A liberdade religiosa do psicólogo é uma garantia inalienável em sua esfera pessoal. Sua atuação clínica, contudo, deve ser pautada pela neutralidade axiológica. A conclusão lógica que se desdobra a partir dos argumentos apresentados é que a única saída ética contra o proselitismo e o reducionismo é a formação crítica. Somente por meio dela será possível capacitar o futuro psicólogo a iluminar a busca por sentido de seus pacientes, garantindo um cuidado que seja, simultaneamente, cientificamente rigoroso e existencialmente acolhedor.

Referências

- Aquino, T. A. A. de. (2019). A dimensão espiritual no pensamento de Viktor Frankl e suas implicações socio-políticas. *REVER - Revista de Estudos Da Religião*, 19(3), 267–277. <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2019vol19i3a16>
- Aquino, T. A. A. de. (2020). Espiritualidade e transcendência na perspectiva de Viktor Frankl. *Aufklärung: Journal of Philosophy*, 7(esp), 65–72. <https://doi.org/10.18012/arf.v7iesp.56740>
- Assis, C. L., & Medeiro, E. D. de. (2018). Religião e psicoterapia: Um estudo a partir de psicólogos de Cacoal - RO, Brasil. *Integración Académica En Psicología*, 6(16). <http://www.integracion-academica.org/25-volumen-5-numero-15-2017/178-religiao-e-psicoterapia-um-estudo-a-partir-de-psicologos-de-cacoal-ro-brasil>
- Baungart, T. de A. A., & Amatuzzi, M. M. (2007). Experiência religiosa e crescimento pessoal: Uma compreensão fenomenológica. *Revista de Estudos Da Religião*, 4, 95–111.
- Beneduzzi, T. M. (2012). *Experiências de integração da espiritualidade na clínica psicológica* [Dissertação de Mestrado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15220>
- Borges, R. S. P. C. (2015). *A Religião em Psicoterapia: Experiências de Terapeutas com Clientes Religiosos* [Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica]. ISPA - Instituto Universitário.



- Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm
- Brito, H. L. de. (2011). *Coping religioso: Implicações para a prática clínica* [Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica de Goiás]. <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/2049>
- Bruscagin, C. (2004). Família e religião. In C. M. de O. Cervený (Ed.), *Família e ...* (pp. 163–186). Casa do Psicólogo.
- Cambuy, K., Amatuzzi, M. M., & Antunes, T. de A. (2006). Psicologia Clínica e Experiência Religiosa. *REVER - Revista de Estudos Da Religião*, 3, 77–93. www.pucsp.br/rever/rv3_2006/p_cambuy.pdf77
- Cavalheiro, C. M. F. (2010). *Espiritualidade na clínica psicológica: Um olhar sobre a formação acadêmica no Rio Grande do Sul* [Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade do Vale do Rio do Sinos]. <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2909>
- Coelho Júnior, A. G., & Mahfoud, M. (2001). As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: Distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl. *Psicologia USP*, 12(2), 95–103. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642001000200006>
- Coliath, A. A. de M. (2007). *Escolha do terapeuta associada à denominação* [Dissertação de Mestrado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15587>
- Conselho Federal de Psicologia - CFP. (2014). *Posicionamento do sistema conselhos de psicologia para a questão da psicologia, religião e espiritualidade*. <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2014/06/Texto-aprovado-na-APAF-maio-de-2013-Posicionamento-do-Sistema-Conselhos-de-Psicologia-para-a-questão-da-Psicologia-Religião-e-Espiritualidade-8-2.pdf>
- Conselho Federal de Psicologia - CFP. (2023). *Resolução No 7, de 06 de abril de 2023*. <https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-7-2023-estabelece-normas-para-o-exercicio-profissional-em-relacao-ao-carater-laico-da-pratica-psicologica?origin=instituicao>
- Corrêa, C. V., Batista, J. S., & Holanda, A. F. (2016). Coping religioso/espiritual em processos de saúde e doença: revisão da produção em periódicos brasileiros (2000–2013). *Revista PsicoFAE: Pluralidades Em Saúde Mental*, 5(1), 61–78. <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/82>
- Costa, C. C. da, Bastiani, M. de, Geyer, J. G., Calvetti, P. Ü., Muller, M. C., & Moraes, M. L. A. de. (2008). Qualidade de vida e bem-estar espiritual em universitários de psicologia. *Psicologia Em Estudo*, 13(2), 249–255. <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a07v13n2.pdf>
- Cunha, V. F. da, Rossato, L., Gaia, R. da S. P., & Scorsolini-Comin, F. (2020). Religiosidade/espiritualidade em saúde: uma disciplina de pós graduação. *Estudos Interdisciplinares Em Psicologia*, 11(3), 232. <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2020v11n3p232>
- Cunha, V. F. da, & Scorsolini-Comin, F. (2019a). A dimensão Religiosidade/Espiritualidade na prática clínica: Revisão integrativa da literatura científica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35419>
- Cunha, V. F. da, & Scorsolini-Comin, F. (2019b). A religiosidade/espiritualidade (R/E) como componente curricular na graduação em Psicologia: relato de experiência. *Psicologia Revista*, 28(1), 193–214. <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2019v28i1p193-214>
- Cunha, V. F. da, & Scorsolini-Comin, F. (2019). Best professional practices when approaching religiosity/spirituality in psychotherapy in Brazil. *Counselling and Psychotherapy Research*, 19(4), 523–532. <https://doi.org/10.1002/capr.12241>
- Dalgalarrondo, P. (2006). Relações entre duas dimensões fundamentais da vida: Saúde mental e religião. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28(3), 177–178. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462006000300006>
- Dein, S. (2004). Working with patients with religious beliefs. *Advances in Psychiatric Treatment*, 10(4), 287–294. <https://doi.org/10.1192/apt.10.4.287>
- Egg-Serra, A. P. (2021). *Inserção da espiritualidade/religiosidade na formação de profissionais de psicologia no Brasil*. Universidade Federal do Paraná.



- Egg-Serra, A. P. (2025). *Psicologia & Espiritualidade: Contribuições de uma disciplina para a formação profissional*. Universidade Federal do Paraná.
- Egg-Serra, A. P., & Holanda, A. F. (2022a). Psicologia e religião - o que é isso?: Uma proposta curricular. In V. A. Angerami (Ed.), *Psicologia e Religião* (pp. 355–372). Artesã.
- Egg-Serra, A. P., & Holanda, A. F. (2022b). Narrativas sobre Ciência e Religião e seu impacto na formação em Psicologia. *Revista Pistis Praxis*, 14(3), 913–937. <https://doi.org/10.7213/2175-1838.14.003.AO04>
- Egg-Serra, A. P., & Holanda, A. F. (2023). Noções de espiritualidade e religiosidade para estudantes de psicologia: Uma análise fenomenológica. *Interações*, 18(2), e182d08. <https://doi.org/10.5752/P.1983-2478.2023v18n2e182d08>
- Egg-Serra, A. P., Holanda, A. F., Pereira, K. C. L., & Sudaro, F. K. D. (2022). Silêncio que fala: Espiritualidade/religiosidade nos currículos de psicologia em universidades públicas brasileiras. In A. F. Holanda (Ed.), *Espiritualidade, religiosidade, psicologia e saúde: Diálogos e pesquisas* (pp. 15–45). Editora Fi. <https://doi.org/10.22350/9786559174966>
- Egg-Serra, A. P., Holanda, A. F., & Scaduto, A. A. (2023). Espiritualidade na clínica psicológica: Contribuições do pensamento de Viktor Frankl. *Revista PsicoFAE: Pluralidades Em Saúde Mental*, 12(1), 36–51. <https://doi.org/10.55388/psicofae.v12n1.426>
- Esperandio, M. R. G., Escudero, F. T., Fanini, L., & Macedo, E. P. N. de. (2019). Envelhecimento e Espiritualidade: O Papel do Coping Espiritual/Religioso em Idosos Hospitalizados. *Interação Em Psicologia*, 23(2). <https://doi.org/10.5380/psi.v23i02.65381>
- Ferreira, L. F., Freire, A. de P., Silveira, A. L. C., Silva, A. P. M., Sá, H. C. de, Souza, I. S., Garcia, L. S. A., Peralta, R. S., & Araujo, L. M. B. (2020). A Influência da Espiritualidade e da Religiosidade na aceitação da doença e no tratamento de pacientes oncológicos: Revisão integrativa da literatura. *Revista Brasileira de Cancerologia*, 66(2). <https://doi.org/10.32635/2176-9745.RBC.2020v66n2.422>
- Ferreti, M. L. C. (2010). *Crenças religiosas entre estudantes de graduação em psicologia* [Dissertação de Mestrado em Educação em Ciências e Saúde, Universidade Federal do rio de Janeiro]. <http://www.nutes.ufrj.br/mestrado/arquivos/dis.MaraFerretti.pdf>
- Frankl, V. E. (1978). *Fundamentos antropológicos da psicoterapia* (R. Bittencourt (trans.)). Zahar (Trabalho original publicado em 1975).
- Frankl, V. E. (2017). *A presença ignorada de Deus* (W. O. Schlupp & H. H. Reinhold (trans.); 2a ed.). Sinodal/Vozes. (Trabalho original publicado em 1948).
- Frankl, V. E. (2019). *Psicoterapia e sentido da Vida* (A. M. de Castro (trans.); 7a ed.). Quadrante. (Trabalho original publicado em 1946).
- Frankl, V. E. (2020). *A vontade de sentido* (I. S. Pereira (trans.); 1a ed.). Paulus. (Trabalho original publicado em 1969).
- Freitas, M. H. de. (2002). *Crença religiosa e personalidade em estudantes de Psicologia: um estudo por meio do Questionário Pratt e do Método de Rorschach* [Tese de doutorado, Universidade de Brasília]. <https://pt.scribd.com/document/409562638/Crenca-religiosa-e-personalidade-em-estudantes-de-psicologia-Um-estudo-por-meio-do-Questionario-Pratt-e-do-Metodo-de-Rorschach>
- Freitas, M. H. de. (2014). Religiosidade e saúde: Experiências dos pacientes e percepções dos profissionais. *Revista Pistis Praxis*, 6(1), 89–105. <https://doi.org/10.7213/PP.V6I1.13046>
- Freitas, M. H. de, & Vilela, P. R. (2017). Leitura fenomenológica da religiosidade: Implicações para o psicodiagnóstico e para a práxis clínica psicológica. *Revista Da Abordagem Gestáltica*, 23(1), 95–107. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000100011
- Gandelman, T. C. (2013). *A religiosidade e a espiritualidade dos alunos no curso de formação de psicólogo* [Dissertação de Mestrado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15267>
- Gastaud, M. B., Souza, L. D. de M., Braga, L., Horta, C. L., Oliveira, F. M. de, Sousa, P. L. R., & Silva, R. A. da.



- (2006). Bem-estar espiritual e transtornos psiquiátricos menores em estudantes de psicologia: Estudo transversal. *Revista de Psiquiatria Do Rio Grande Do Sul*, 28(1), 12–18. <https://doi.org/10.1590/S0101-81082006000100003>
- Gonçalves, L. M., Osório, I. H. S., Oliveira, L. L., Simonetti, L. R., dos Reis, E., & Lucchetti, G. (2016). Learning from listening: Helping healthcare students to understand spiritual assessment in clinical practice. *Journal of Religion and Health*, 55(3), 986–999. <https://doi.org/10.1007/s10943-015-0146-y>
- Habermas, J. (2007). *Entre Naturalismo e Religião*. Tempo Brasileiro.
- Hefti, R. (2019). Integrando espiritualidade no cuidado com a saúde mental, psiquiatria e psicoterapia (H. August & P. L. T. Santos, trans.). *Interação Em Psicologia*, 23(2), 308–321. <https://doi.org/10.5380/psi.v23i02.68486>
- Henning-Geronasso, M. C., & Moré, C. L. O. O. (2015). Influência da Religiosidade/Espiritualidade no Contexto Psicoterapêutico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(3), 711–725. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000942014>
- Holanda, A. F. (2017). Fenomenologia e Psicologia da Religião no Brasil: Fundamentos, desafios e perspectivas. *Revista Pistis Praxis*, 9(1), 131–151. <https://doi.org/10.7213/2175-1838.09.001.DS06>
- Koenig, H G, Pargament, K. I., & Nielsen, J. (1998). Religious coping and health status in medically ill hospitalized older adults. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 186(9), 513–521. <https://doi.org/10.1097/00005053-199809000-00001>
- Koenig, Harold George. (2012). Religion, spirituality, and health: The research and clinical implications. *ISRN Psychiatry*, 2012, 1–33. <https://doi.org/10.5402/2012/278730>
- Lima Neto, V. B. (2013). A espiritualidade em logoterapia e análise existencial: O espírito em uma perspectiva fenomenológica e existencial. *Revista Da Abordagem Gest?Ltica*, 19(2), 220–229.
- Machado, F. R., Zangari, W., Maraldi, E. de O., Martins, L. B., & Shimabucuro, A. H. (2016). Contribuições da psicologia para a compreensão das relações entre a espiritualidade, a religiosidade e as experiências anômalas1. *Clareira - Revista de Filosofia Da Região Amazônica*, 3(2), 2–21. <https://periodicos.unir.br/index.php/clareira/article/view/3624/2504>
- Machado, J. L. C., & Holanda, A. F. (2016). Religiosidade e bem-estar psicológico no contexto da clínica psicoterápica: Um estudo fenomenológico. In M. H. de Freitas, N. B. Zaneti, & S. H. N. Pereira (Eds.), *Psicologia, Religião e Espiritualidade* (pp. 63–83). Juruá Editora.
- Maciel, R. F. L. A. (2023). *Beer-laa-roi – “eu vi aquele que me vê”: Relações entre mulheres evangélicas e seus processos psicoterápicos* [Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_320633c7320e75ae4749fd47e9ec8524
- Mariano, S. C., Sant’anna, P. R., Silva, L. C. G. F. da, & Esperandio, M. R. G. (2015). Espiritualidade na prática psicológica em saúde: Revisão de literatura do período de 2002 a 2015. In M. R. G. Esperandio (Ed.), *Anais do X Seminário de Psicologia & Senso Religioso*. <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/spsr>
- Moreira-Almeida, A., & Lucchetti, G. (2016). Panorama das pesquisas em ciência, saúde e espiritualidade. *Ciência e Cultura*, 68(1), 54–57. <https://doi.org/10.21800/2317-66602016000100016>
- Nardini-Bubols, M., Costa, D. B., Moret-Tatay, C., & Irigaray, T. Q. (2024). Effects of the religious and spiritual competencies training in brazilian psychologists: A pilot study. *International Journal of Latin American Religions*, 8(1), 209–224. <https://doi.org/10.1007/s41603-024-00234-z>
- Oliveira, L. P. de, Serur, G., Michel, R. B., & Esperandio, M. R. G. (2019). A formação acadêmica para a integração da religiosidade/espiritualidade na prática do psicólogo. *Psicologia Argumento*, 37(96), 167. <https://doi.org/10.7213/psicolargum.37.96.AO02>
- Osório, I. H. S., Gonçalves, L. M., Pozzobon, P. M., Gaspar Júnior, J. J., Miranda, F. M., Lucchetti, A. L. G., & Lucchetti, G. (2017). Effect of an educational intervention in “spirituality and health” on knowledge, attitudes, and skills of students in health-related areas: A controlled randomized trial. *Medical Teacher*, 39(10), 1057–1064. <https://doi.org/10.1080/0142159X.2017.1337878>



- Panzini, R. G., Rocha, N. S. da, Bandeira, D. R., & Fleck, M. P. de A. (2007). Qualidade de vida e espiritualidade. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 34, 105–115. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000700014>
- Paulino, P. R. V. (2019). *Religiosidade/Espiritualidade em uma amostra nacional de psicólogos brasileiros: Perfil e implicações na prática profissional* [Tese de Doutorado em Psicologia]. Universidade Federal de Juiz de Fora.
- Pereira, K. C. L., & Holanda, A. F. (2016). Espiritualidade e religiosidade para estudantes de psicologia: Ambivalências e expressões do vivido. *Revista Pistis Praxis*, 8(2), 385–413. <https://doi.org/10.7213/PP.V8I2.1405>
- Pereira, K. C. L., & Holanda, A. F. (2019). Religião e espiritualidade no curso de psicologia: Revisão sistemática de estudos empíricos. *Interação Em Psicologia*, 23(2), 222–235. <https://doi.org/10.5380/psi.v23i02.65373>
- Peres, J. F. P., Simão, M. J. P., & Nasello, A. G. (2007). Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 34(suppl 1), 136–145. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000700017>
- Pinho, R. B. de S. (2012). *Crenças religiosas e conhecimento psicológico na perspectiva do aluno do curso de psicologia* [Dissertação de Mestrado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15114>
- Rossato, L., Carvalho, P. P., Favarin, D. B., Souza, D. C. de, & Scorsolini-Comin, F. (2021). Como acolher a religiosidade/espiritualidade em saúde: Experiência com grupo operativo na pós-graduação. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 16(4), e-3738. http://www.seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/e3738/2764
- Savio, A., & Bruscagin, C. (2008). A religiosidade na prática clínica: construindo diálogos com o cliente religioso. In C. Bruscagin, A. Savio, F. Fontes, & D. M. Gomes (Eds.), *Religiosidade e psicoterapia* (pp. 19–36). Roca.
- Silva, L. A. C. da. (2016). *Espiritualidades e bem-estar espiritual no processo formativo de estudantes de psicologia do Recife-PE à luz da abordagem Integral/Transpessoal* [Dissertação de Mestrado em Educação]. Universidade Federal de Pernambuco.
- Swatowski, C., Silva, D., & Alvarenga, O. (2019). Religião no contexto universitário: Uma pesquisa entre estudantes de Ciências Sociais e Psicologia da UFU. *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares*, 20(2). <https://doi.org/10.12957/irei.2018.39031>
- Viegas Junior, L. C. da S. (2022). *Espiritualidade e religiosidade na graduação em psicologia no Rio Grande do Sul: Conhecendo o cenário e propondo um caminho* [Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre]. <https://repositorio.ufcspa.edu.br/items/e7ef8be7-974b-4d71-beaf-6d038184ef98/full>
- Vieira, T. M., Zanini, D. S., & Amorim, A. D. P. (2013). Religiosidade e Bem-Estar Psicológico de Acadêmicos de Psicologia. *Interação Em Psicologia*, 17(2). <https://doi.org/10.5380/psi.v17i2.26678>



TEXTO CLÁSSICO – APRESENTAÇÃO À TRADUÇÃO

APRESENTAÇÃO À TRADUÇÃO: ROGERS E SKINNER PARA ALÉM DOS ESTEREÓTIPOS: UMA LEITURA DO DIÁLOGO DE 1962

DOI: <https://doi.org/10.62506/fbze4x89>

LUCIA MARQUES STENZEL*
PAULO COELHO CASTELO BRANCO**
ADRIANO FURTADO HOLANDA***

Introdução

Carl Rogers (1902-1987) e Burrhus Frederic Skinner (1904-1990) ocupam posições marcantes na Psicologia do século XX. No cotidiano acadêmico, Rogers é associado ao Humanismo e à valorização da experiência subjetiva (Grogan, 2012). Skinner, por sua vez, vincula-se ao Behaviorismo Radical e ao desenvolvimento de uma ciência experimental do comportamento (Cruz, 2019).

Essas diferenças são relevantes, mas podem produzir leituras excessivamente polarizadas quando tomadas como chave suficiente para compreender a relação entre os autores. Suas contribuições partiram de campos empíricos distintos. As pesquisas clínicas e quase-experimentais sobre os fenômenos da mudança de personalidade em psicoterapia, no caso de Rogers, e a investigação experimental do comportamento, no caso de Skinner (Rogers & Dymond, 1954; Holland & Skinner, 1961/2023). Ambas se inseriram em um cenário marcado pela diversidade de fundamentos da Psicologia (Gomes, 2021).

O diálogo realizado em 1962, na Universidade de Minnesota em Duluth (UMD), oferece uma oportunidade para examinar essas diferenças para além de caracterizações gerais. O evento, intitulado *Education and the Control of Human Behavior: A Dialogue*, reuniu mais de quinhentas pessoas e abordou problemas relativos à educação, ao controle do comportamento, à subjetividade, à liberdade, aos valores e à ciência (Psychologists Set for UMD, 1962; University of Minnesota Duluth, 2020). Embora Rogers argumentasse a partir da tradição humanista e Skinner a partir do Behaviorismo Radical, a interlocução evidencia aproximações, distinções e divergências que não se reduzem a uma oposição simples entre subjetividade e objetividade.

Esse encontro integrou uma sequência de interlocuções corrente entre os autores. Rogers e Skinner participaram de um debate sobre controle do comportamento humano em 1956 (Rogers & Skinner, 1956), encontraram-se novamente em atividades promovidas pela American Academy of Arts and Sciences em 1960 (Kirschenbaum, 2007) e participaram, em 1964, de um simpósio sobre Behaviorismo e Fenomenologia na Rice University (Wann, 1964). A transcrição do encontro de 1962, contudo, somente foi publicada em 1989, no livro *Carl Rogers: Dialogues*, organizado por Howard Kirschenbaum e Valerie Land Henderson (Rogers & Skinner, 1989).

A tradução desse documento para a língua portuguesa, destarte, amplia o acesso a uma fonte primária relevante para compreender a interlocução entre Rogers e Skinner e suscitar estudos. Este artigo, de caráter ensaístico e teórico, apresenta essa tradução e examina algumas dimensões estruturais e reflexivas das formas de organização das teorias presentes no diálogo de 1962. Para isso, analisa as estruturas argumentativas mobilizadas pelos autores e, em seguida, assume uma perspectiva de metadiálogo, discutindo implicações teóricas que permitem compreender suas aproximações e divergências para além de representações estereotipadas.

Procedimento Lógico-Reflexivo

Esta reflexão foi orientada pelo modelo de análise estrutural de teorias proposto por Gomes (2024). Operacionalmente, entende-se esse modelo como um procedimento de leitura histórico-epistemológica destinado a explicitar a organização interna de uma teoria psicológica. Seu foco é identificar o objeto central da teoria, o modo pelo qual esse objeto é conhecido, a forma de justificação de seus argumentos e as consequências práticas ou éticas que decorrem de sua formulação.

O modelo parte do pressuposto de que toda teoria psicológica se organiza em torno de uma estrutura conceitual/argumentativa. Essa estrutura articula definições ontológicas, modos de co-

* Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). Email: lstenzel@ufcspa.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2040-1998>.

** Universidade Federal do Ceará. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2040-1998>.

*** Universidade Federal do Paraná. Email: aholanda@yahoo.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7171-644X>



nhecimento, formas de argumentação e implicações axiológicas. Por isso, a análise não se limita à descrição histórica de autores, escolas ou conceitos. Ela busca examinar como uma teoria define seu objeto, como o torna inteligível, como sustenta logicamente suas proposições e para que finalidades práticas, clínicas, educacionais ou sociais se dirige (Gomes, 2024).

A primeira etapa consistiu na *delimitação do corpus de análise*. Foi selecionado o diálogo entre Rogers e Skinner (1989), ocorrido em 1962, que teve como pauta, os temas da educação e controle do comportamento humano – voltaremos a essa questão mais adiante, por ser central aqui. Em seguida, realizou-se uma leitura exploratória geral do material, com atenção ao vocabulário argumentativo empregado e às principais ideias apresentadas sobre o tema e seus desdobramentos no diálogo.

A segunda etapa consistiu na *análise ontológica*. Buscou-se responder à pergunta: “o que é?”. Foram identificadas as definições explícitas ou implícitas das ideias de Rogers e Skinner (1989) no diálogo analisado. A análise observou como cada autor discute educação, ciência, controle, liberdade, subjetividade e planejamento cultural. Observa-se que o diálogo examinado constitui um encontro distinto de debate anterior entre os dois autores (Rogers & Skinner, 1956), pois neste, Rogers e Skinner puderam dialogar de modo mais extenso e direto sobre suas convergências e divergências do que naquele anterior. Essa etapa foi tomada como ponto de partida porque, segundo Gomes (2024), a definição ontológica de uma teoria tende a orientar suas demais dimensões.

A terceira etapa consistiu na *análise gnosiológica e epistemológica*. Buscou-se responder à pergunta: “como é conhecido?”. Foram examinados os modos pelos quais o objeto psicológico é acessado, descrito, investigado ou validado. Consideraram-se os métodos mobilizados, as formas de observação ou interpretação, os critérios de conhecimento e as condições que possibilitam afirmar algo sobre o fenômeno psicológico analisado. Essa etapa permitiu compreender a relação entre objeto, método e validade do conhecimento produzido.

A quarta etapa consistiu na *análise lógica*. Buscou-se responder à pergunta: “por que é?”. Foram examinadas as relações entre premissas, conceitos, argumentos e conclusões estabelecidas por Rogers e Skinner (1989) durante o diálogo. O objetivo foi verificar como cada teoria justifica suas proposições e se há coerência entre suas definições, seus procedimentos de conhecimento e suas consequências explicativas. Essa etapa permitiu identificar continuidades, tensões, contradições ou deslocamentos argumentativos no interior do texto analisado.

A quinta etapa consistiu na *análise axiológica*. Buscou-se responder à pergunta: “para que é?”. Foram identificadas as finalidades práticas, éticas, clínicas, educacionais ou sociais associadas ao diálogo entre os autores. Considerou-se que determinada concepção de vida psíquica implica modos específicos de cuidado, intervenção, formação, diagnóstico, educação ou transformação humana. Seguindo Gomes (2024), essa dimensão foi compreendida em sentido amplo, envolvendo valores, finalidades e implicações práticas do diálogo.

A sexta etapa consistiu em uma *síntese comparativa* dos achados. Nessa etapa, as quatro dimensões foram articuladas para compreender a coerência global do diálogo versado. A síntese buscou mostrar como ontologia, gnosiologia/epistemologia, lógica e axiologia se relacionam. Também permitiu comparar diferentes posições teóricas, distinguindo aproximações, divergências, continuidades e rupturas. Assim, o modelo foi utilizado como uma matriz analítica para examinar a organização interna do diálogo e suas funções no desenvolvimento do pensamento psicológico de Rogers e Skinner (1989).

Finalmente, com base e para além do que foi apurado anteriormente, discutiram-se alguns elementos que os autores deste artigo acharam pertinentes para pensar implicações do diálogo.

Vale ressaltar que o presente estudo foi construído exatamente na interlocução com o processo de tradução do referido diálogo – ainda pouco conhecido pelo público brasileiro, embora o tema tenha sido debatido durante alguns anos no país. A rigor, o debate em torno de “tecnologias” do ensino e aprendizagem remonta às grandes teorias pedagógicas e do desenvolvimento – como Montessori, Piaget, Pestalozzi, dentre outras (Gadotti, 2003) – mas ganha novos contornos na década de 70, notadamente em torno das ideias de Ensino ou Instrução Programada, associadas ao nome de Skinner, por um lado, propalado principalmente pelo livro “Tecnologia do Ensino”, originalmente de 1968 (Skinner, 1972); e o Ensino Centrado no Estudante, por outro, e associado a Rogers, que ficou conhecido do grande público pelos livros “Liberdade para Aprender”, de 1969 (Rogers, 1973) e “Liberdade para Aprender em nossa Década” (Rogers, 1986), uma de suas posteriores revisões. A despeito da literatura concernente às duas propostas, o “conflito” entre os dois pensadores acabou sendo mais disseminado do que seus próprios diálogos, e o público brasileiro até mesmo deixou de lado as obras autorais, centrando sua atenção, por exemplo, na versão de Milhollan & Forisha (1978), intitulada “Skinner x Rogers: maneiras contrastantes de encarar a educação”.

Resultados

Dimensão ontológica: o que é o humano?

Em Rogers, o objeto psicológico central é a pessoa em processo de experiência. O ser humano não é apenas um organismo que responde a condições externas. Ele é um sujeito que vive, sente, simboliza, escolhe, atribui sentido e se torna a si mesmo. Por isso, Rogers insiste na realidade da liberdade subjetiva, mesmo reconhecendo que, do ponto de vista científico externo, o comportamento pode ser descrito em termos de causalidade. A pessoa é compreendida como um processo emergente, aberto à experiência e capaz de autodireção (Rogers & Skinner, 1989).



Já para Skinner, o objeto psicológico central é o comportamento do organismo em relação às contingências ambientais. O ser humano é entendido como um organismo situado em uma história genética e ambiental. Seus atos são produtos de contingências de reforçamento, punição, privação, esquemas de consequências e práticas culturais. Skinner não nega que existam eventos internos. Contudo, recusa atribuir a eles função causal explicativa. Para ele, sentimentos, propósitos, valores e escolhas devem ser compreendidos a partir das condições que os produzem e dos comportamentos aos quais se vinculam, portanto, igualmente delimitada por fatores externos (Rogers & Skinner, 1989). Essa posição torna-se particularmente explícita quando Skinner admite que acontecimentos passados podem produzir mudanças duradouras no indivíduo, mas questiona que termos como “ansiedade” descrevam adequadamente essas mudanças ou possam, por si mesmos, explicar e prever o comportamento presente (pp. 145–147). Isso não implica, entretanto, uma concepção estática dos valores ou das práticas culturais. Ao discutir *Walden Two*, Skinner reconhece que os valores que orientam inicialmente uma cultura são historicamente situados (inclusive identificando os seus como valores relacionados à sua condição e formação de classe média) e sustenta que uma cultura experimental deveria permitir que eles fossem continuamente testados e modificados.

Assim, a divergência ontológica fundamental não está em saber se o humano é determinado ou não. Ambos aceitam, em algum nível, a determinação científica do comportamento. A diferença fundamental está no estatuto atribuído à subjetividade nesse processo. Para Rogers, a experiência subjetiva é uma dimensão constitutiva e irreduzível do humano: a pessoa não apenas responde às condições que a afetam, mas experiencia seu mundo, simboliza essa experiência, atribui-lhe significado e pode orientar-se a partir dela. Para Skinner, o humano é igualmente um ser histórico e passível de transformação, mas sua subjetividade não constitui uma dimensão autônoma ou originária: sentimentos, valores, propósitos e escolhas têm, eles próprios, uma história e se constituem nas relações do organismo com as contingências ambientais e culturais. Em outros termos, para Rogers, a subjetividade é uma dimensão constitutiva do humano; para Skinner, os eventos privados são parte do fenômeno comportamental e devem ser compreendidos no interior de uma análise mais ampla das relações entre organismo, história e ambiente.

Essa diferença torna-se particularmente evidente na maneira como ambos concebem a liberdade. Para Rogers, a liberdade está vinculada à própria condição de um sujeito capaz de experienciar, simbolizar e orientar-se a partir de sua experiência, ainda que sempre situado em condições que o afetam. Essa liberdade não é apresentada como negação da determinação: Rogers a descreve como uma realidade experiencial que coexiste, paradoxalmente, com a determinação observável a partir da perspectiva científica externa. Em Skinner, por sua vez, liberdade não significa ausência de determinação nem a expressão de uma capacidade interior originária. O indivíduo pode desenvolver repertórios de autogestão e autocontrole que possibilitam a redução progressiva de formas explícitas e aversivas de controle externo, mas esses repertórios são, eles próprios, produtos de uma história de aprendizagem. É nesse sentido que Skinner chega a concordar com Rogers quanto à necessidade de “liberar a liberdade interior do indivíduo”, esclarecendo, contudo, que entende essa liberdade como liberdade em relação a controles externos explícitos e, particularmente, aversivos (Rogers & Skinner, 1989, p. 129). A proximidade terminológica, portanto, não elimina a divergência ontológica: ambos falam em liberdade, mas atribuem estatutos distintos à sua origem e ao seu lugar na compreensão do humano.

Dimensão gnosiológica e epistemológica: como o humano é conhecido?

Rogers propõe uma epistemologia ampliada. Ele reconhece a importância da ciência objetiva, da pesquisa empírica e da observação do comportamento. Contudo, sustenta que uma ciência do humano não pode *excluir* a experiência subjetiva, o que parece ser uma tônica na perspectiva skinneriana: o conhecimento psicológico deve incluir o mundo vivido da pessoa, seus significados, sua percepção de liberdade, seus valores e seu modo de experienciar a si mesma. A psicoterapia aparece, nesse sentido, como uma via privilegiada de acesso ao campo fenomenal do cliente (Rogers & Skinner, 1989). Mas, como destaca Rogers, isso não significa recusar a investigação objetiva da subjetividade. No próprio diálogo, Rogers considera legítima a busca por indicadores objetivos de eventos subjetivos internos e distingue explicitamente esse problema metodológico da questão mais ampla acerca da importância da subjetividade na vida da pessoa (Rogers & Skinner, 1989, p. 146–147).

Skinner, por sua vez, sustenta uma epistemologia operacional e antimentalista. O conhecimento psicológico deve se orientar pela análise das variáveis que controlam o comportamento. Termos como personalidade, propósito, conhecimento, coragem, interesse ou escolha podem ser utilizados provisoriamente, mas tendem a se tornar explicações fictícias quando substituem a análise das contingências que os produzem. Por isso, Skinner prefere descrever o comportamento, suas condições antecedentes e suas consequências (Rogers & Skinner, 1989). Sua crítica, portanto, não decorre simplesmente da impossibilidade de reconhecer eventos internos, mas do risco de que sua nomeação seja tomada como explicação – como “suposição de eficácia causal”, como diz Skinner no diálogo –, produzindo a impressão de que se conhece mais sobre o comportamento do que aquilo que os dados efetivamente permitem afirmar.

A diferença epistemológica pode ser sintetizada do seguinte modo: Rogers busca uma ciência que inclua a experiência subjetiva como dado relevante; Skinner busca uma ciência que explique inclusive a experiência subjetiva por meio de relações comportamentais observáveis ou inferíveis a partir da história ambiental do organismo. A oposição entre ambos, portanto, não pode ser reduzida ao binômio subjetividade versus objetividade. Rogers não recusa a observação objetiva como procedimento científico – ele próprio destaca que não possui qualquer “diver-



gência fundamental quanto à abordagem que se deve adotar na tentativa de resolver uma questão científica” (Rogers & Skinner, 1989, p. 107) –; mas que recusa acolher que ela esgote os dados relevantes para uma ciência do humano. A divergência situa-se, portanto, no alcance atribuído à perspectiva objetiva e no estatuto que outras formas de acesso à experiência humana podem assumir dentro de uma ciência da pessoa.

Essas diferenças epistemológicas também remetem às distintas concepções antropológicas que sustentam as duas perspectivas. Rogers e Skinner não divergem apenas quanto ao modo de produzir conhecimento sobre o humano, mas também quanto à própria compreensão do humano que esse conhecimento procura alcançar. Em Rogers, a pessoa é concebida como um ser experiencial e relacional, capaz de simbolização, escolha e autodireção, cuja existência não se esgota em sua determinação objetiva. Em Skinner, o humano é concebido como um organismo histórico e comportamental, constituído em sua relação com contingências genéticas, ambientais e culturais, capaz de desenvolver repertórios de autocontrole e autogestão sem que seja necessário postular uma liberdade interior como sua origem. Essa dimensão antropológica é explicitada pelo próprio Skinner ao afirmar que a discussão ultrapassa o problema filosófico do livre-arbítrio versus determinismo e envolve a construção de uma diferente “imagem do ser humano”, simultaneamente compatível com uma ciência do comportamento e passível de ser considerada útil, digna e valiosa (Rogers & Skinner, 1989, p. 134).

Dimensão lógica: por que a teoria se justifica assim?

A lógica de Rogers é paradoxal e complementar. Ele argumenta que o ser humano pode ser visto, de um lado, como objeto de uma ciência determinista e, de outro, como sujeito que vive a liberdade, a escolha e a responsabilidade. Essas duas perspectivas não se anulam. Elas coexistem em tensão. Rogers usa essa lógica para criticar qualquer ciência que transforme o humano apenas em objeto manipulável. Uma teoria psicológica seria insuficiente se explicasse o comportamento, mas perdesse a pessoa (Rogers & Skinner, 1989). Essa complementaridade é explicitada por Rogers por meio de uma analogia com a Física: assim como as teorias ondulatória e corpuscular da luz podiam ser sustentadas por evidências, embora naquele momento não fossem plenamente reconciliáveis, determinação objetiva e liberdade experiencial poderiam constituir perspectivas distintas e simultaneamente legítimas sobre o humano. Sua argumentação, portanto, não procura resolver o paradoxo eliminando um de seus polos, mas sustentar diferentes níveis de compreensão sem reduzir um ao outro (Rogers & Skinner, 1989, pp. 132-133).

Já a lógica de Skinner é funcional e consequencial. Se o comportamento é determinado por contingências, então a tarefa da ciência é identificar tais contingências e organizá-las de modo mais eficaz. A questão não é se há controle, mas que tipo de controle está operando. Para Skinner, o controle coercitivo, punitivo e aversivo deve ser substituído por formas planejadas, positivas e culturalmente mais eficazes de controle. O argumento é dedutivo e pragmático: se todo comportamento é controlado, a melhor alternativa é planejar conscientemente os controles (Rogers & Skinner, 1989). Essa lógica aparece também na maneira como Skinner trata conceitos psicológicos. Diante de termos como personalidade, ansiedade, propósito ou escolha, seu movimento argumentativo consiste em perguntar que trabalho explicativo esses conceitos efetivamente realizam e se não seria possível retornar às condições históricas e ambientais que produziram o comportamento a ser explicado. É nesse sentido que caracteriza a personalidade como uma “ficção explicativa”: uma vez identificadas as condições que supostamente explicariam a personalidade, essas mesmas condições podem ser utilizadas para explicar diretamente o comportamento, tornando dispensável o termo intermediário (Rogers & Skinner, 1989, p. 133-134). A mesma lógica orienta sua defesa do planejamento cultural: práticas culturais podem surgir acidentalmente e sobreviver por seus efeitos, mas o desenvolvimento de uma ciência do comportamento permitiria antecipar alguns desses efeitos e planejar deliberadamente práticas que antes dependeriam da evolução cultural fortuita (Rogers & Skinner, 1989, pp. 147-149).

Nesse ponto, a tensão entre os dois se torna mais clara. Rogers teme que a lógica skinneriana reduza a pessoa a um objeto de tecnologia social. Skinner teme que a lógica rogeriana conserve ficções mentalistas ou introspeccionistas, e impeça uma ciência efetiva do comportamento humano. Entretanto, o próprio desenvolvimento do diálogo mostra que essas lógicas não operam como sistemas argumentativos inteiramente fechados. Rogers reconhece reiteradamente sua concordância com Skinner quanto aos procedimentos da ciência e à determinação do comportamento quando observado de uma perspectiva científica. Skinner, por sua vez, chega a afirmar que foi modificado por um argumento de Rogers e que começava a compreender o que este queria dizer com “tornar-se” (*becoming*) (Rogers & Skinner, 1989, pp. 144-145). O diálogo evidencia, assim, não apenas duas formas distintas de justificação, mas a possibilidade de deslocamentos argumentativos produzidos pelo confronto entre elas.

Dimensão axiológica: para que serve a teoria?

Em Rogers, a função prática da teoria é facilitar o crescimento da pessoa. A Psicologia deve criar condições relacionais que favoreçam liberdade, autodireção, criatividade, abertura à experiência, autenticidade e responsabilidade. Na educação, isso implicaria uma aprendizagem centrada no estudante, orientada por interesses próprios, escolha pessoal e participação ativa. Na cultura, implica uma sociedade aberta, democrática e processual, na qual os indivíduos sejam confrontados com diferenças e possam escolher suas posições. Essa orientação também se expressa na valorização de relações genuínas, nas quais os limites não são eliminados, mas podem emergir do contato en-



tre as experiências e os sentimentos das pessoas envolvidas. Ao discutir a criação dos filhos, Rogers sustenta que um clima marcado pela genuinidade, pela valorização da pessoa e pela compreensão de seu mundo de significados favorece formas mais construtivas de desenvolvimento (p. 140-141). Nesse sentido, Rogers distingue influência de controle: não recusa o estabelecimento deliberado de condições capazes de produzir consequências, mas sustenta que elas devem ampliar as possibilidades de escolha, participação, espontaneidade e autodireção da própria pessoa (p. 151-153).

Em Skinner, a função prática da teoria é planejar contingências para produzir formas mais eficazes de vida individual e coletiva. A Psicologia deve contribuir para uma tecnologia do comportamento capaz de melhorar a educação, a formação moral, o autocontrole, a organização social e a evolução cultural. No campo da educação, isso implica organizar condições de aprendizagem que instalem repertórios desejáveis eficientemente; enquanto na cultura, implica planejar práticas sociais que sobrevivam por seus efeitos benéficos. Essa orientação pressupõe escolhas acerca das condições de vida que uma cultura pretende favorecer. Ao discutir a possibilidade de reduzir conflitos, neuroses e guerras, Skinner admite que determinadas formas históricas de heroísmo ou produção artística poderiam perder seu sentido, mas sustenta que isso não diminuiria a criatividade ou a genialidade humana (p. 141-142).

Curiosamente, podemos perceber que tanto Rogers quanto Skinner têm uma orientação axiológica reformadora. Ambos desejam ampliar as potencialidades humanas e transformar as condições que restringem seu desenvolvimento. A diferença está no meio privilegiado. Rogers enfatiza a criação de condições relacionais que favoreçam processos de valoração, autodireção e desenvolvimento da pessoa; Skinner enfatiza o planejamento de contingências e práticas culturais capazes de produzir formas de vida consideradas mais eficazes para indivíduos e coletividades. Em ambos os casos, portanto, a teoria psicológica não se restringe à descrição ou explicação do comportamento humano, mas se articula a uma concepção acerca das condições que deveriam favorecer seu desenvolvimento.

Uma Síntese Comparativa entre Rogers e Skinner

Dimensão	Rogers	Skinner
Antropologia Filosófica	O humano é concebido como pessoa experiencial e relacional, capaz de simbolização, escolha e autodireção, cuja existência não se esgota em sua determinação objetiva.	O humano é concebido como organismo histórico e comportamental, constituído em relações com contingências genéticas, ambientais e culturais, capaz de adquirir repertórios de autogestão e autocontrole
Ontologia	Pessoa como sujeito experiencial, processual, capaz de simbolização, escolha e autodireção.	Organismo comportamental situado em história genética, ambiental e cultural.
Gnosiologia e Epistemologia	Ciência ampliada, incluindo experiência subjetiva e mundo fenomenal.	Ciência operacional do comportamento, centrada em contingências e variáveis controladoras.
Lógica	Complementaridade paradoxal entre determinação objetiva e liberdade subjetiva.	Determinismo funcional: comportamento é explicado por contingências históricas e ambientais.
Axiologia	Processo de valoração autônomo, aberto à experiência e intrinsecamente relacional/social. Facilitar crescimento, liberdade, autenticidade, participação e aprendizagem autodirigida.	Gênese e manutenção das práticas valorativas nas contingências sociais e culturais, Planejar contingências, reduzir controle aversivo, formar repertórios e aprimorar práticas culturais.
Função teórica psicológica	Fundar uma psicologia da pessoa e da relação facilitadora.	Fundar uma tecnologia científica do comportamento e da cultura.

Fonte: Elaboração dos autores, inspirada em Gomes (2024).

Com base na síntese comparativa, o diálogo entre Rogers e Skinner (1989) pode ser entendido como o confronto entre duas estruturas teóricas completas. A divergência envolve o objeto da Psicologia, o modo adequado de conhecê-lo, a forma legítima de explicação e a finalidade ética da intervenção psicológica. Rogers privilegia a pessoa e a experiência vivida. Skinner privilegia as contingências e a análise funcional. Desse contraste derivam duas funções históricas da Psicologia no século XX: a defesa



da subjetividade, da autenticidade e da autodireção; e a construção de uma ciência objetiva capaz de intervir na educação, na cultura e no comportamento humano.

Gomes (2024) indica que a análise estrutural permite distinguir se a perspectiva dominante de uma teoria é ontológica, quando vai do objeto ao método; epistemológica, quando vai do método ao objeto; ontoaxiológica, quando vai da prática ao objeto; ou metafísica, quando recorre ao sobrenatural. O modelo também examina a relação entre ontologia, gnosiologia, epistemologia/lógica e ética, isto é, entre o que se entende por psique, como ela sente, pensa e age, por que a teoria é válida e como essa psique deve ser educada e cuidada.

À luz desses critérios, os argumentos de Rogers se aproximam de uma posição ontoaxiológica. Seu ponto de partida não é uma definição abstrata da pessoa, nem um método científico previamente estabelecido. O argumento nasce de uma prática relacional, sobretudo psicoterapêutica e educacional. A partir dela, Rogers formula o objeto psicológico como pessoa experiencial, relacional e capaz de crescimento. A prática de cuidado terapêutico e de facilitação grupal e educacional antecede e sustenta essa formulação (Rogers & Skinner, 1989).

Os argumentos de Skinner, por sua vez, aproximam-se de uma posição epistemológica. Seu ponto de partida é o modo científico de conhecer o comportamento. Ele parte de um critério metodológico: a Psicologia deve explicar o comportamento por meio de relações funcionais entre organismo, ambiente, contingências e consequências. A partir desse método, o objeto psicológico é delimitado como comportamento em relação às contingências de controle. A prática, nesse caso, decorre da epistemologia: primeiro vem o critério de cientificidade; depois, a definição do objeto; finalmente, a intervenção (Rogers & Skinner, 1989).

Essa classificação não elimina a dimensão ética do diálogo. Ambos discutem que tipo de educação, sociedade e formação humana a Psicologia deve promover. Em Rogers, a ética decorre da confiança na pessoa e na criação de condições de liberdade, autenticidade e participação responsável. Em Skinner, decorre da responsabilidade de planejar contingências menos aversivas e mais efetivas para a vida social e educacional. A diferença está no ponto de partida dominante de cada argumento.

Discussão: Implicações para além do diálogo entre Rogers e Skinner

Rogers e Skinner: estilos de argumentação

A análise estrutural do diálogo entre Rogers e Skinner permite ultrapassar leituras dicotômicas acerca do encontro de 1962. Com frequência, Rogers é apresentado como defensor da subjetividade, da autenticidade e da experiência interna, ao passo que Skinner é associado à objetividade científica, ao controle e à análise rigorosa do comportamento. Embora essa oposição possua algum fundamento histórico, ela tende a simplificar a complexidade epistemológica do diálogo.

O encontro entre os autores é, antes, um debate sobre os fundamentos da Psicologia como ciência. Nele, estão em questão o objeto legítimo da investigação psicológica, o estatuto da experiência subjetiva, o papel da linguagem, a função da educação e os limites éticos da intervenção sobre o comportamento humano. Por isso, Rogers e Skinner não divergem apenas em suas teses. Eles divergem também no modo como constroem suas argumentações (Rogers & Skinner, 1989).

Essa diferença manifesta-se no próprio estilo argumentativo. Skinner tende a construir suas respostas por sequências conceituais, distinções lógicas e deslocamentos explicativos. Seu esforço é retirar o peso causal de termos mentalistas e reconduzir a explicação às contingências. Rogers desenvolve seu pensamento de modo mais processual, recorrendo à experiência vivida, a reformulações, a nuances e a descrições clínicas. Essas diferenças estilísticas expressam posições epistemológicas em debate (Rogers & Skinner, 1989). Um breve intercâmbio ao longo do diálogo torna particularmente visíveis esses diferentes movimentos argumentativos. Retomando a explicação de Skinner sobre o funcionamento de um fole, Rogers transforma o exemplo, originalmente utilizado para discutir a transmissão de práticas culturais, em uma metáfora da própria comunicação. Sugere que, em encontros entre indivíduos ou grupos, seria necessário “subir devagar”, assimilando e procurando compreender o que o outro diz, e “descer devagar”, expressando-se de maneira refletida (Rogers & Skinner, 1989, p. 139-140). Rogers, assim, apropria-se de um exemplo apresentado pelo interlocutor e amplia seu significado em direção à experiência relacional. Skinner responde reconduzindo a metáfora ao funcionamento concreto do objeto, observando que o ar lançado pelo fole sobre o fogo é frio, ao que Rogers simplesmente reconhece: “Tem razão” (p. 140). O pequeno intercâmbio evidencia, em ato, dois movimentos recorrentes no diálogo: enquanto Rogers frequentemente amplia os exemplos em direção à experiência e à relação, Skinner tende a reconduzi-los às condições concretas e funcionais dos fenômenos que descreve.

A passagem revela, entretanto, algo além da diferença entre estilos. Há momentos em que o diálogo se torna efetivamente responsivo: a formulação de um autor passa a constituir matéria para a elaboração



do outro. Rogers não apenas apresenta sua posição, mas incorpora o exemplo de Skinner e o transforma; Skinner, por sua vez, responde à reformulação proposta por Rogers, que acolhe sua observação. Nesses momentos, as posições deixam de aparecer apenas em paralelo e passam a ser construídas e tensionadas na própria interação. Essa dinâmica também pode ser observada em outras passagens do encontro, como quando a breve pergunta de Rogers, “Subjetivamente?”, desloca a discussão sobre reforçamento e controle para o estatuto da experiência subjetiva, exigindo de Skinner uma resposta direta a esse problema (Rogers & Skinner, 1989, p. 125). Assim, o modo como Rogers e Skinner respondem um ao outro constitui, ele próprio, uma dimensão relevante para compreender as diferenças epistemológicas que o diálogo torna visíveis.

Rogers e Skinner: duas perguntas diferentes sobre a ciência

Um dos núcleos mais relevantes do diálogo está na diferença entre as concepções de ciência sustentadas por Rogers e Skinner (1989). Para Rogers, a ciência nasce da experiência humana. Antes de existir como corpo público de conhecimentos, a atividade científica emerge de sujeitos que vivem, escolhem, formulam perguntas, atribuem significados e decidem o que investigar. Nessa perspectiva, a ciência é uma prática humana que parte da experiência e procura transformá-la em conhecimento comunicável.

Skinner desloca a questão para o funcionamento público da ciência. Para ele, o conhecimento científico não pode ser confundido com aquilo que ocorre na experiência privada do cientista. A ciência depende de práticas compartilhadas, procedimentos replicáveis, linguagem pública e critérios coletivos de validação. O que torna uma afirmação científica não é sua vivência subjetiva originária, mas sua possibilidade de ser comunicada, examinada, testada e utilizada por outros (Rogers & Skinner, 1989).

Essa diferença indica que os autores falam, muitas vezes, em níveis distintos. Rogers discute as condições humanas de possibilidade da ciência. Skinner discute suas condições públicas de validação. O primeiro, pergunta como a ciência se torna possível para seres humanos que experienciam o mundo; o segundo, pergunta como o conhecimento pode ultrapassar a experiência privada e tornar-se verificável e funcionalmente útil.

Essa diferença torna-se ainda mais explícita quando Rogers questiona uma concepção das ciências do comportamento que, em nome do rigor do método científico, restrinja o lugar da subjetividade na investigação científica. Sua crítica não se dirige à ciência, mas à delimitação do que pode ser reconhecido como dado científico. Para Rogers, a experiência subjetiva não constitui apenas um fenômeno a ser explicado a partir de outras variáveis; ela própria integra o campo de fenômenos que uma ciência do humano deve investigar. Por isso, defende uma ciência capaz de considerar “todo o conjunto dos dados” e “o ser humano em sua totalidade” (Rogers & Skinner, 1989, p. 130). A resposta de Skinner torna mais precisa essa divergência: ele não nega nem exclui de sua consideração os eventos internos, reconhecendo inclusive o contato particularmente íntimo que o indivíduo mantém com eles; questiona, entretanto, se esses eventos precedem e determinam a ação ou se devem, eles próprios, ser compreendidos no âmbito das condições relacionadas ao comportamento (p. 131). Skinner questiona o estatuto causal dos eventos internos, mas, sobretudo, sua suficiência explicativa (p. 145).

A divergência entre os autores incide, assim, menos sobre a existência ou a legitimidade da experiência subjetiva como fenômeno do que sobre seu estatuto epistemológico e explicativo em uma ciência do humano. Rogers não recusa a observação objetiva como procedimento científico; recusa que ela esgote os dados relevantes para uma ciência do humano. Ele afirma: “Procurei indicar que nossa ciência deveria ser suficientemente ampla para incluir uma preocupação e um interesse pela subjetividade, assim como pelos comportamentos puramente externos. Também indiquei que precisamos reconhecer o fato de que uma perspectiva científica não constitui a totalidade da vida e não é uma base suficiente para uma filosofia abrangente da vida ou das pessoas. Para mim, é disso que esta discussão tem tratado” (Rogers & Skinner, 1989, p. 135).

A posição rogeriana aproxima-se da formulação posteriormente desenvolvida em *Toward a Science of the Person*. Nesse texto, Rogers (1964) propõe uma ciência da pessoa capaz de integrar dimensões subjetivas, objetivas e interpessoais. No diálogo com Skinner, essa posição já se torna evidente quando Rogers reconhece como legítima a busca por indicadores objetivos da experiência subjetiva, ao mesmo tempo que distingue o problema metodológico de como estudá-la cientificamente do estatuto que a experiência subjetiva possui na vida da pessoa (Rogers & Skinner, 1989). Essa distinção é fundamental para que o debate entre Rogers e Skinner não seja reduzido a uma oposição entre subjetividade e ciência objetiva. Para Rogers, investigar objetivamente a experiência subjetiva não significa retirar dela seu estatuto próprio como dimensão da vida humana. Essa concepção de conhecimento não se restringe à atividade científica e também ajuda a compreender a função epistemológica que Rogers atribui à psicoterapia. Ao tornar-se mais aberto à própria experiência, o cliente pode formular hipóteses sobre seu modo de estar no mundo, testá-las na vida cotidiana e revisá-las à luz de novas experiências (Rogers & Skinner, 1989).



Experiência subjetiva: uma divergência menos óbvia entre Rogers e Skinner

Outro ponto que exige atenção é a experiência subjetiva. Uma leitura apressada poderia afirmar que Rogers a defende e Skinner a nega. O diálogo, contudo, mostra algo mais complexo. Skinner reconhece sensações, dor, emoções, imagens, pensamentos e relatos subjetivos. O problema, para ele, está em tomar esses eventos como causas explicativas do comportamento (Rogers & Skinner, 1989).

Um exemplo importante aparece quando Skinner discute como uma criança aprende a utilizar a expressão “dor de dente”. A comunidade verbal ensina a criança a empregar essa expressão a partir de sinais públicos, como reações observáveis, comportamentos de dor ou evidências corporais. Posteriormente, a criança passa a utilizá-la para descrever uma experiência privada. Skinner não nega a dor. Ele procura explicar como se aprende a falar sobre ela (Rogers & Skinner, 1989).

A divergência está no estatuto do significado. O próprio Skinner especifica, no diálogo, aquilo que busca compreender como a “experiência e a vida interior do ponto de vista de uma ciência do comportamento” (Rogers & Skinner, 1989, p. 99). Convém ressaltar que as divergências entre os dois pensadores – e a tensão que se construiu em torno desse encontro – não evitaram que ambos tivessem uma produtiva troca de ideias, inclusive regadas a deliciosas brincadeiras, entre si. Skinner continua sua exposição sobre as distinções de sentido para a questão da “vida interior”:

Não nego, nem por um momento, que cada pessoa tem dentro de sua própria pele uma pequena parte do universo com a qual possui conexões especialmente boas. Você pode ter sua dor de dente, mas eu não posso tê-la, e isso vale para outras condições fisiológicas. Ora, apesar de uma difamação frequentemente lançada contra mim, não creio que o organismo esteja vazio (*Rogers ri*). Tenho certeza de que todo o tipo de atividade acontece lá dentro, mas preocupo-me em não precisar esperar até que os fisiologistas tenham esclarecido tudo para seguir adiante, e acredito que o senhor seguiria na mesma linha (Rogers & Skinner, 1989, p. 99-100).

Para Rogers, contudo, a experiência já se apresenta como vivida, sentida, implicada e significativa, ainda que nem sempre esteja plenamente simbolizada. Para Skinner, o significado também deve ser explicado por histórias de aprendizagem, contingências de reforçamento e práticas da comunidade verbal. Em Rogers, a experiência vivida é ponto de partida para compreender a pessoa. Em Skinner, ela é um fenômeno a ser situado em relações funcionais mais amplas (Rogers & Skinner, 1989).

Essa distinção evita caricaturas. Rogers não abandona a observação, a pesquisa ou a validação; ele propõe que a ciência psicológica inclua os dados da experiência vivida e os submeta a exame crítico. Skinner, por sua vez, não nega a subjetividade; ele recusa que eventos privados sejam tomados como explicações causais autossuficientes.

O próprio diálogo, contudo, impede que essa diferença seja reduzida a uma oposição entre objetividade e subjetividade. Ao discutir os procedimentos da investigação científica, Rogers afirma explicitamente que ele e Skinner se encontram em acordo e que, “do ponto de vista da ciência”, o comportamento observável interessa a ambos. Como exemplo, menciona as pesquisas sobre o processo de mudança em psicoterapia, nas quais se buscava identificar e estudar comportamentos observáveis indicativos de mudança. Acrescenta ainda que, à medida que a ciência amadurece, as teorias deveriam constituir-se pela conciliação e integração de grandes conjuntos de dados observados, e não como “construções da fantasia” (Rogers & Skinner, 1989, p. 134). Rogers, portanto, não recusa a observação objetiva como procedimento científico; recusa que ela esgote os dados relevantes para uma ciência do humano. Sua concepção de teoria permanece claramente empírica, mas admite que a investigação científica da pessoa não pode restringir-se a uma única perspectiva sobre o fenômeno humano. A oposição entre Rogers e Skinner não é, assim, entre ciência objetiva e subjetividade, mas diz respeito ao alcance atribuído à perspectiva objetiva e ao estatuto que outras formas de acesso à experiência humana podem assumir na produção do conhecimento científico.

Experiência corporal, significado e comportamento: três perspectivas em diálogo

No diálogo, Skinner reconhece que estados emocionais são acompanhados por sensações corporais e eventos privados. Contudo, recusa que tais eventos sejam tomados como base suficiente para definir cientificamente os fenômenos psicológicos. Sensações semelhantes podem ocorrer em contextos diferentes. Por isso, uma definição psicológica deve considerar a função do fenômeno, suas condições de ocorrência e suas relações com o ambiente (Rogers & Skinner, 1989). Sua crítica dirige-se, portanto, me-



nos à existência da experiência corporal do que à possibilidade de convertê-la, por si só, em explicação do comportamento. Ao discutir a ansiedade, por exemplo, Skinner admite a ocorrência de mudanças fisiológicas sentidas pelo indivíduo, mas questiona o que sua nomeação como “ansiedade” efetivamente acrescenta à explicação de sua história e de seu comportamento presente (pp. 145–146).

Rogers atribui à experiência corporal outro estatuto. Ela não é apenas um conjunto de sensações fisiológicas, mas uma forma de contato pré-reflexivo da pessoa consigo mesma e com o mundo. Muitas vezes, o sujeito sente algo antes de conseguir nomeá-lo. O trabalho clínico consiste, então, em favorecer condições para que essa experiência seja simbolizada de modo mais adequado (Rogers & Skinner, 1989). Experienciar e simbolizar não são, portanto, processos equivalentes: parte da experiência pode permanecer ainda não formulada, e a possibilidade de aproximar a simbolização da experiência vivida constitui um aspecto importante do processo de mudança.

Essa intuição rogeriana aproxima-se de desenvolvimentos posteriores de Eugene Gendlin (1996/2024), especialmente da noção de senso sentido (*felt sense*). O conceito descreve uma experiência corporal implícita, global, pré-conceitual e carregada de significado. O corpo não é tratado apenas como sede de reações fisiológicas, mas como participante dos processos de simbolização e de emergência de novos sentidos. Gendlin permite, assim, aprofundar uma questão já presente no horizonte rogeriano: a experiência pode carregar significados que ainda não estão disponíveis de forma conceitualmente explícita, mas que podem adquirir novas formas de simbolização no processo experiencial.

Desse modo, a experiência corporal pode ser compreendida por três vias. Em Skinner, ela é fenômeno real a ser explicado funcionalmente. Em Rogers, integra a experiência vivida e participa do processo de simbolização. Em Gendlin, aprofunda-se como dimensão implícita e corporalmente sentida de significados ainda não plenamente formulados. Os três, portanto, não se distinguem simplesmente entre reconhecer ou não a experiência corporal, mas pelo estatuto epistemológico e pela função psicológica que lhe atribuem: em Skinner, ela integra os eventos a serem explicados por suas relações funcionais; em Rogers, participa da experiência e de sua simbolização; em Gendlin, torna-se uma via privilegiada para compreender a emergência de significados ainda implícitos. A diferença não está em admitir ou negar sua existência, mas no papel que ela exerce na compreensão psicológica.

A consciência como “consciência de”: por que Skinner por vezes soa fenomenológico?

Em alguns momentos do diálogo, Skinner parece aproximar-se de descrições fenomenológicas da ação humana. Um exemplo ocorre quando se compara um homem que corre para entrar em um trem com outra pessoa que corre para treinar para uma corrida. Do ponto de vista fisiológico, os dois comportamentos parecem semelhantes. No entanto, eles são distintos em função das variáveis que os controlam. Em um caso, o comportamento relaciona-se a pegar o trem. Em outro, ao treinamento para uma competição futura (Rogers & Skinner, 1989). Esse exemplo pode soar fenomenológico porque descreve uma ação orientada. A conduta aparece dirigida a algo, situada em um contexto e articulada a um mundo significativo. Na tradição fenomenológica, essa direção é pensada a partir da intencionalidade: a consciência é sempre consciência de algo, e o sujeito não se relaciona com estímulos isolados, mas com situações dotadas de sentido (Merleau-Ponty, 1951/1973). A rigor, podemos sim dizer que há um diálogo – ou aproximação, se preferirmos – entre fenomenologia e behaviorismo. E esse diálogo não é estranho, dado que a descrição do comportamento, ou das relações comportamentais, fazem parte do contexto da reflexão do que se pretende compreender por subjetividade (Wann, 1964; Paulino, Marcon & Furlan, 2018).

A aproximação, contudo, é apenas parcial. Skinner não formula uma teoria fenomenológica da intencionalidade. Ele preserva a orientação funcional da ação, mas a explica por contingências, histórias de reforçamento e variáveis de controle. Aquilo que poderia ser descrito fenomenologicamente como propósito é reinterpretado como efeito de ocorrências passadas que selecionaram determinadas formas de comportamento.

Esse ponto evita duas leituras simplificadoras. De um lado, Skinner não deve ser interpretado como mecanicista incapaz de reconhecer a complexidade da ação humana. De outro lado, sua proximidade descritiva com a fenomenologia não elimina a diferença de fundo. Para a fenomenologia, o sentido é constitutivo da experiência. Para Skinner, ele deve ser explicado pelas contingências que moldam o comportamento e a linguagem. Portanto, a delimitação dos “condicionantes” do comportamento parece ser o determinante do debate: se, por um lado, o vetor parece tender para “fora” (para o externo); por outro, tende para “dentro”, para uma subjetividade ou para uma “vida interior”.



Impactos na prática clínica: a compreensão e o papel da linguagem

As diferenças entre Rogers e Skinner (1989) também produzem implicações clínicas, sobretudo no modo de compreender a linguagem. Para Skinner, a fala é comportamento verbal. Ela é moldada por contingências sociais, mantida por consequências e organizada em práticas de interação. Por isso, não funciona como acesso privilegiado a uma interioridade causal, mas como comportamento situado, historicamente aprendido e funcionalmente analisável.

Nas abordagens fenomenológicas, humanistas e experienciais, a linguagem assume outro estatuto. A narrativa expressa modos de existir, significar e experienciar o mundo. Ela permite simbolizar aspectos implícitos da experiência, construir continuidade autobiográfica e produzir novas compreensões de si. Nas perspectivas clínicas inspiradas por Rogers e Gendlin, a relação terapêutica favorece esse processo ao permitir que o cliente escute, nomeie, teste e reorganize a própria experiência.

Essa diferença não impede que fenômenos clínicos semelhantes sejam observados. Em diferentes abordagens, podem ocorrer mudanças narrativas, ampliação de repertórios relacionais, maior flexibilidade diante de si e transformação de padrões de ação. Contudo, as explicações subjacentes permanecem distintas. Na perspectiva behaviorista radical, tais mudanças tendem a ser compreendidas em termos de contingências, efeitos da interação e reorganização de repertórios verbais. Na perspectiva humanista-experiencial, são compreendidas como reorganização da experiência vivida, ampliação da simbolização e emergência de novos significados na relação terapêutica.

A partir disso, o diálogo de 1962 continua a incidir sobre problemas contemporâneos da clínica psicológica. Como compreender a fala do cliente? Como articular experiência, linguagem e mudança? A narrativa é apenas comportamento verbal ou também forma de organização da experiência vivida? A mudança clínica decorre da reorganização de contingências, da simbolização da experiência ou de ambas em níveis distintos de análise?

A fecundidade do encontro reside nessa tensão. Rogers preserva a pessoa contra o risco de uma ciência que a transforme apenas em objeto de controle. Skinner preserva a ciência contra o risco de uma Psicologia que transforme experiências subjetivas em explicações causais autossuficientes. Assim, o diálogo evidencia duas exigências que continuam a atravessar a Psicologia: compreender a pessoa em sua experiência vivida e explicar o comportamento em suas condições históricas, ambientais e culturais (Rogers & Skinner, 1989).

Considerações Finais

O diálogo entre Rogers e Skinner fala mais do que de oposições – como ente subjetivismo ou objetivismo; ou entre liberdade e determinismo. Esse diálogo (bem como os outros realizados entre os dois pensadores) fala muito mais do que do que similaridades ou diferenças. Fala de construções do conhecimento. Fala de modos de apreensão de mundo; bem como de modelos de percepção de sujeito. O que se observa é a presença de duas formas distintas de organizar a Psicologia como ciência, prática e projeto de intervenção. Ao mesmo tempo, o diálogo evidencia zonas de convergência que tornam insuficiente sua representação como confronto entre uma Psicologia da subjetividade e uma ciência objetiva do comportamento. Ambos reconhecem a determinação do comportamento quando considerado sob uma perspectiva científica, a relevância da investigação empírica e a possibilidade de estabelecer condições capazes de produzir determinados efeitos. Divergem, sobretudo, quanto ao alcance dessa perspectiva científica, ao estatuto atribuído à experiência subjetiva e ao lugar da escolha e do controle na compreensão e transformação do humano.

Rogers parte da experiência relacional, clínica e educacional para sustentar uma concepção de pessoa aberta à simbolização, à escolha e ao crescimento. Nesse sentido, aproxima-se de uma posição predominantemente ontoaxiológica, pois sua compreensão humana emerge de uma prática voltada à facilitação do crescimento. Skinner parte de critérios metodológicos e funcionais para definir o comportamento como objeto científico em relação com contingências históricas, ambientais e culturais. Por sua vez, aproxima-se de uma posição predominantemente epistemológica, pois sua definição do objeto psicológico decorre de uma exigência de cientificidade, previsão e controle funcional do comportamento. Ambos, contudo, culminam em implicações éticas e educacionais, ainda que por caminhos distintos. O próprio desenvolvimento do encontro mostra, ainda, que essas posições não permanecem inteiramente imóveis: Rogers reconhece que as diferenças entre ambos haviam diminuído ao longo das discussões, enquanto Skinner chega a afirmar ter sido modificado por um dos argumentos de Rogers e que começava a compreender sua noção de “tornar-se” (Rogers & Skinner, 1989). Esses deslocamentos não eliminam as divergências, mas evidenciam o caráter efetivamente dialógico do encontro.

A presente análise – e esforço de apresentação – merece uma ressalva: a de que os três autores desse artigo têm suas histórias associadas à orientação humanista rogeriana, e a uma perspectiva fenomenológica. O reconhecimento desse lugar teórico dos autores constitui um limite interpretativo da análise,



especialmente na leitura de conceitos e argumentos skinnerianos. Por isso, sugerimos fortemente o desenvolvimento de novos estudos sobre a mesma temática, contudo, por outra ótica.

O diálogo que ora apresentamos – bem como os demais realizados por ambos os protagonistas – permanece relevante para pensar os limites, os métodos e as finalidades da Psicologia contemporânea. O estudo não resolve a tensão entre humanismo e behaviorismo, mas a torna mais inteligível. Uma de suas contribuições consiste justamente em mostrar que essa tensão não precisa ser compreendida pela exclusão de um de seus polos: o diálogo revela divergências profundas, mas também problemas compartilhados acerca de como conhecer, compreender e intervir sobre o humano.

Referências

- Cruz, R. (2019). *B. F. Skinner: Uma biografia do cotidiano científico*. Artesã.
- Gadotti, M. (2003). *História das Ideias Pedagógicas*. São Paulo: Ática.
- Gendlin, E. (2024). *Psicoterapia orientada à focalização: Um manual do método experiencial* (P. Pereira, Trad.). Paulus. (Publicado originalmente em 1996).
- Gomes, W. (2021). Pluralidade de objeto versus pluralismo de concepções em teorias psicológicas. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 38. <https://doi.org/10.35699/1676-1669.2021.25462>
- Gomes, W. (2024). Modelo para análise estrutural de teorias no contexto da história da psicologia. In R. Batista & C. Lhullier (Eds.), *Experiências de ensino de história da psicologia em contexto brasileiro* (p. 401-440). Editora do Portal História da Psicologia.
- Grogan, J. (2012). *Encountering America: Humanistic psychology, sixties culture & the shaping of the modern self*. Harper Perennial.
- Holland, J., & Skinner, B. (2023). *A análise do comportamento* (R. Azzi, Trad.). Editora Pedagógica Universitária. (Publicado originalmente em 1961).
- Kirschenbaum, H. (2007). *The life and work of Carl Rogers*. PCCS Books.
- Merleau-Ponty, M (1973). *Ciências do Homem e Fenomenologia* (S. Tannus, Trad.). Saraiva. (Publicado originalmente em 1951).
- Milhollan, F. & Forisha, B. E. (1978). *Skinner x Rogers: maneiras contrastantes de encarar a educação* (Tradução de Aydano Arruda). São Paulo: Summus.
- Paulino, L. R. P.; Marcon, G. H. & Furlan, R. (2018). Behaviorismo e fenomenologia: direcionamentos para um diálogo entre Skinner e Merleau-Ponty. (2018). *Memorandum: Memória E História Em Psicologia*, 34, 33-59. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6858>
- Psychologists Set for UMD. (1962). *The UMD Statement*, 32(25). <https://hdl.handle.net/11299/186372>
- Rogers, C. (1964). Toward a science of the person. In T. Wann (Ed.), *Behaviorism and phenomenology: Contrasting bases for modern psychology* (pp. 109–140). University of Chicago Press.
- Rogers, C. (1974). In retrospect: Forty-six years. *American Psychologist*, 29(2), 115–123. <https://doi.org/10.1037/h0036098>
- Rogers, C. R. (1973). *Liberdade para aprender*. Belo Horizonte: Interlivros.
- Rogers, C. R. (1986). *Liberdade de aprender em nossa década*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Rogers, C., & Dymond, R. (Eds.). (1954). *Psychotherapy and personality change*. University of Chicago Press.
- Rogers, C., & Skinner, B. (1956). Some issues concerning the control of human behavior: A symposium. *Science*, 124(3231), 1057–1066. <https://doi.org/10.1126/science.124.3231.1057>



- Rogers, C., & Skinner, B. (1989). A dialogue on education and the control of human behavior. In H. Kirschenbaum & V. L. Henderson (Eds.), *Carl Rogers: Dialogues: Conversations with Martin Buber, Paul Tillich, B. F. Skinner, Gregory Bateson, Michael Polanyi, Rollo May, and others* (pp. 79–152). Houghton Mifflin Company.
- Skinner, B.F. (1972). *Tecnologia do Ensino*. São Paulo: E. P. U (Tradução de Rodolpho Azzi / Edição original de 1968).
- University of Minnesota Duluth. (2020). *A historic dialogue*. <https://cehsp.d.umn.edu/articles/skinner-and-rogers>
- Wann, T. (Ed.). (1964). *Behaviorism and phenomenology: Contrasting bases for modern psychology*. University of Chicago Press.



TRADUÇÃO - TEXTO CLÁSSICO

CARL ROGERS EM DIÁLOGO COM B. F. SKINNER (1962) * **

DOI: <https://doi.org/10.62506/v8ngvr68>

CARL R. ROGERS & B. F. SKINNER

Burrhus Frederic Skinner nasceu no dia 20 de março de 1904, em Susquehanna, nordeste da Pensilvânia. Filho de William, advogado, e Grace Burrhus Skinner. Criado em um ambiente descrito como caloroso e estável, Skinner era uma criança dinâmica e questionadora, fascinada por mecânica, estava “sempre construindo algo”.

Ele também desenvolveu um amor pela leitura e pela escrita. Se formou em literatura pelo *Hamilton College*, em Clinton, Nova York. Nos seus dois últimos anos de graduação, participou do workshop Breadloaf para escritores em Middlebury, Vermont, onde Robert Frost encorajou o jovem escritor. Depois de ganhar o *Hawley Greek Prize*¹ e se formar na *Phi Beta Kappa*², passou o ano seguinte escrevendo ficção e “descobriu o infeliz fato de que não tinha nada a dizer”. Embora tenha abandonado a escrita de ficção, manteve seu interesse pelo comportamento humano.

Em 1928, intrigado com os escritos de Bertrand Russell e John B. Watson, decidiu fazer pós-graduação em psicologia na Universidade de Harvard, onde concluiu seu doutorado em 1931. Permaneceu em Harvard conduzindo pesquisas em psicologia experimental por mais cinco anos. Casou-se com Yvonne Blue em 1936. O casal teve duas filhas.

Skinner lecionou na Universidade de Minnesota entre 1936 e 1945, seguido por quase três anos como professor de psicologia e chefe de departamento na Universidade de Indiana em Bloomington. Em 1947, foi convidado a retornar a Harvard para ser *William James Lecturer*³ e, posteriormente foi nomeado professor universitário em 1948. Ele permaneceu em Harvard até sua aposentadoria em 1974 e continuou depois disso como professor emérito.

Skinner, como cientista rigoroso, em seus experimentos, concentrou-se no comportamento espontâneo de um organismo em resposta ao seu ambiente. Ele chamou esse comportamento de “operante”, e quando o comportamento era reforçado – seja positivamente, para encorajar, ou negativamente, para desencorajar – o chamou de “condicionamento operante”. Durante a Segunda Guerra Mundial, Skinner fez experiências com pombos acreditando que o condicionamento operante poderia ser usado para treiná-los para realizar tarefas como guiar mísseis, bombas ou torpedos para interceptar e destruir aeronaves inimigas. Embora o plano tenha se mostrado viável, ele nunca foi implementado.

Foi depois da guerra, em 1945, quando publicou um artigo no *Ladies' Home Journal*⁴, que Skinner foi reconhecido nacionalmente pela primeira vez. Nele, descrevia o “berço aéreo” que havia projetado e construído para sua filha primogênita. Era uma caixa do tamanho de um berço, climatizada, à prova de som e com janela deslizante de vidro de segurança, projetada para proporcionar um ambiente ideal para o bebê. Embora tenha despertado interesse expressivo, vários pediatras e psicólogos infantis proeminentes expressaram hesitação, e nunca foi amplamente fabricado. Skinner defendeu dizendo: “A ideia era proporcionar à criança um ambiente confortável e estimulante”.

Acreditando que poderia haver uma ciência do comportamento independente da neurologia, fisiologia ou psicologia, que abarcariam conceitos como “mente”, “pensamento”, “objetivos” e “sentimento”, Skinner concentrou todo o seu trabalho no comportamento observável e seus reforços. Com décadas de pesquisa, ensino e escrita, ele se tornou a figura principal na escola de psicologia comportamental. Não somente os princípios da psicologia comportamental e do condicionamento operante são ensinados em faculdades e universidades ao redor dos Estados Unidos e grande parte do mundo, como esses princípios exerceram também uma profunda influência em diversos cam-

¹ O “Prêmio Hawley de Grego” refere-se mais comumente aos Prêmios Hawley em Grego e Latim, concedidos pelo *Hamilton College* por excelência em estudos de Grego e Latim. Esses prêmios são concedidos a alunos que demonstram realizações excepcionais nessas disciplinas (Nota dos Revisores).

² Sociedade de honra dos Estados Unidos, fundada em 1776. Skinner foi indicado a compor a sociedade em 1926, quando estudava literatura no *Hamilton College* (N. dos R.).

³ *Lecturer* é um especialista acadêmico contratado para lecionar em período integral ou parcial, que também pode realizar pesquisas. As “William James Lectures” são uma série de conferências e palestras patrocinadas pelos departamentos de Psicologia e Filosofia da *Harvard University*, criadas em homenagem ao iminente pensador William James (1842-1910), que fora docente da instituição. O programa principiou em 1930, com dotação legada por Edgar Pierce, outro ex-docente de Harvard e continua até os dias atuais, envolvendo figuras de renome de várias áreas do conhecimento (N. dos R.).

⁴ Foi importante uma revista feminina estadunidense, que apresentava uma variedade de conteúdo, incluindo ficção, não ficção e artigos sobre causas sociais, além de ilustrações e anúncios (N. dos R.).

* Originalmente publicado em Kirschenbaum, H. & Henderson, V. L. (1989) (Eds). *Carl Rogers: Dialogues* (pp. 79-152), Houghton Mifflin Company, Boston. Nossos mais sinceros agradecimentos aos editores Howard Kirschenbaum e Valerie Land Henderson, bem como a Natalie Rogers, pela gentileza de autorizar a tradução do presente diálogo. Há dois outros diálogos de Rogers, da publicação supracitada, traduzidas e publicadas em português: com Paul Tillich (Rogers & Tillich, 2008) e com Martin Buber (Rogers & Buber, 2008). As referências completas estão disponíveis ao final desse texto, na seção “Bibliografia” (Nota do Editor).

** Tradução de Julia Kulcheski Paludo (Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-2452-2403>) e Julie Fank (Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-1393-9678>), com tradução e revisão técnica de Lucia Marques Stenzel (Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2040-1998>). Revisão Técnica de Paulo Coelho Castelo Branco (Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4071-3411>) e Virgílio Soares Luna Coelho (Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-7106-9881>).



pos. A instrução programada, a psicoterapia comportamental, a teoria dos sistemas familiares, o biofeedback, a linguística e a educação são apenas algumas das áreas que foram significativamente influenciadas ou mesmo criadas como resultado da escola de pensamento behaviorista.

Entre as principais obras de Skinner estão *Science and Human Behaviour* (1953)⁵, *Verbal Behaviour* (1957)⁶, *Schedules of Reinforcement* (1957)⁷, *The Analysis of Behaviour: A Program for Self-Instruction* (1961)⁸, *The Technology of Teaching* (1968)⁹, *Beyond Freedom and Dignity* (1971)¹⁰, *About Behaviourism* (1974)¹¹, e a primeira parte de sua autobiografia, *Particulars of My Life* (1976). Em seu polêmico livro *Walden Two* (1948)¹², que vendeu mais de um milhão de exemplares, Skinner extrapolou os princípios behavioristas para a organização da sociedade e tentou resolver os principais problemas inerentes ao controle do comportamento humano, com foco em soluções para problemas sociais contemporâneos.

Junto com outras homenagens, Skinner recebeu a *National Medal of Science* (1968) e a *Gold Medal of the American Psychological Association* (1971). Ele foi membro da *Royal Society of Arts*, membro da *National Academy of Sciences*, da *American Philosophical Society*, *the American Academy of Arts and Sciences*, *the American Psychological Association* e de sociedades profissionais no exterior.

Com o desenvolvimento simultâneo dos movimentos behaviorista e humanista na psicologia, era inevitável que os líderes de ambas as escolas de pensamento acabassem por conhecer o trabalho um do outro. Especialmente porque Skinner e Rogers tendiam a generalizar e ampliar as descobertas dos seus próprios laboratórios para uma variedade de contextos mais amplos. Se tivessem permanecido concentrados nos problemas científicos específicos apresentados pelo seu trabalho individual, talvez nunca tivessem entrado em conflito publicamente. No entanto, à medida que começaram a escrever com convicção sobre a criação dos filhos, a educação e a sociedade, tornou-se cada vez mais evidente o contraste entre os seus pontos de vista. Assim, quando finalmente falaram diretamente um com o outro sobre as questões em que discordavam, o “debate Rogers-Skinner” logo se tornou uma discussão amplamente popularizada sobre as diferenças entre a psicologia behaviorista e a psicologia humanista.

O primeiro simpósio Rogers-Skinner, em 1956, levantou reflexões acerca de “Algumas Questões Relativas ao Controle do Comportamento Humano”, e foi impresso e reimpresso em inúmeras revistas e antologias. Embora o evento tenha sido importante, este intercâmbio, por ter sido relativamente curto, dificilmente pode ser chamado de diálogo. Ambos leram os artigos uns dos outros antes da conferência. Skinner deu início ao simpósio lendo seu próprio artigo, em seguida, Rogers fez o mesmo, incluindo suas reações às observações de Skinner. Por fim, Skinner fez uma réplica breve e preparada. Um segundo encontro entre os dois, ainda mais curto, ocorreu numa pequena reunião de psicólogos proeminentes organizada pela *American Academy of Arts and Sciences*, em dezembro de 1960. Mais uma vez, foram entregues documentos preparados para o evento, mas os Anais nunca foram publicados.

Reconhecendo que o intercâmbio Rogers-Skinner de 1956 era apenas o começo, Gerald Gladstein¹³ e seus colegas da Universidade de Minnesota, em Duluth, conseguiram reunir os dois para uma reunião prolongada entre 11 e 12 de junho de 1962. Diante de uma audiência de mais de quinhentas pessoas, Rogers e Skinner, pela primeira vez, puderam dialogar verdadeiramente entre si sobre questões relativas à “Educação e o Controle do Comportamento Humano”. Embora tenham recorrido algumas vezes a observações preparadas ou exposições conhecidas de seus pensamentos, em outros momentos eles de fato conversaram e ouviram um ao outro e, como disse o moderador de outro diálogo de Rogers, disseram coisas que nunca haviam dito antes. Foi uma ocasião histórica.

Surpreendentemente, a transcrição deste “Diálogo sobre Educação e o Controle do Comportamento Humano” nunca foi publicada, embora Gladstein e a Jeffrey Norton Publishers tenham produzido um álbum com seis fitas cassete contendo o registro do evento (veja a referência na *Introdução*). No entanto, como a versão gravada teve circulação muito restrita, o encontro de 1962 permaneceu praticamente desconhecido. Temos o prazer de apresentar este importante encontro aqui, pela primeira vez, em formato publicado.

⁵ Traduzido para o português como: *Ciência e Comportamento Humano*, Editora Martins Fontes (2019) (N. dos R.).

⁶ Traduzido para o português como: *O Comportamento Verbal*, Editora Cultrix (1978) (N. dos R.).

⁷ Traduzido para o português como: *Contingências de Reforço*, Editora Abril Cultura (1975) (N. dos R.).

⁸ Traduzido para o português como: *A Análise do Comportamento: Um Programa para Autoinstrução*, Editora LTC (1992) (N. dos R.).

⁹ Traduzido para o português como: *A Tecnologia de Ensino*, Editora EPU (2006) (N. dos R.).

¹⁰ Traduzido para o português como: *Para além da Liberdade e Dignidade*, Editora Edições 70 (2000) (N. dos R.).

¹¹ Traduzido para o português como: *Sobre o Behaviorismo*, Editora Cultrix (2001) (N. dos R.).

¹² Traduzido para o português como: *Walden Two: Uma Sociedade do Futuro*, Editora EPU (1987) (N. dos R.).

¹³ Gerald A. Gladstein foi Professor *Emeritus* do “Warner Graduate School of Education and Human Development”, *University of Rochester*. Gladstein destacou-se por investigar a empatia como um processo observável e mensurável dentro da relação terapêutica, por exemplo (Gladstein, 1983). Ele desenvolveu instrumentos e métodos de avaliação que influenciaram programas de treinamento de conselheiros e terapeutas clínicos. Sua abordagem buscava unir rigor científico e compreensão humanista, enfatizando o papel da empatia na eficácia da psicoterapia e na promoção do crescimento pessoal do cliente (N. dos R.).



ROGERS: É bom estar aqui, ver Fred Skinner novamente e ter a oportunidade de aprofundar alguns dos nossos interesses e diferenças. Também olho para esse público, que esperava ser pequeno, e fico tentado a dizer: “Quem são vocês?”; mas confio que compreenderemos isso à medida que começarmos a receber perguntas e contribuições de vocês. Gostaria de resumir brevemente o que me parecem ser alguns dos elementos importantes subjacentes ao nosso diálogo.

Penso que há uma nova corrente na nossa cultura, uma brisa fresca soprando pelo mundo, que se mostra de várias maneiras e fala por meio de diversas vozes. Expressa-se num interesse crescente pelo existencialismo e pelo ponto de vista existencialista. E que é evidenciada em formas que podem parecer estranhas a alguns, como o interesse no Zen Budismo. Isso se evidencia na preocupação com o *self* em psicologia e no interesse por uma abordagem fenomenológica dos problemas psicológicos. Mesmo na cena política, isso pode ser visto na emergência contínua de novos países, erguendo-se para fora de um passado colonial. Mostra-se naquilo que Maslow chamou de “terceira força” na psicologia norte-americana¹⁴: o desenvolvimento de teorias do *self*, a preocupação com a pessoa na sua dimensão existencial, a discussão do ser e do tornar-se em oposição às duas forças mais antigas, particularmente o ponto de vista do behaviorismo positivista e o ponto de vista freudiano. À medida que me esforço para compreender esta nova e vigorosa tendência cultural, parece-me que é a voz do ser humano subjetivo falando alto por si mesmo. Faz tempo que o humano se sente como uma marionete na vida, moldado pelas forças mundiais e pelas forças econômicas. Ele foi escravizado por pessoas, por instituições e, mais recentemente, por aspectos da ciência moderna. Mas ele está estabelecendo firmemente uma nova declaração de independência. O ser humano está descartando os alibis da “falta de liberdade”. Está escolhendo a si mesmo, esforçando-se para se tornar ele mesmo: não um fantoche, não um escravo, não uma cópia de algum modelo, mas seu próprio eu individual e único. Ele está dizendo, sem muitos rodeios: “Eu sou. Eu existo. Eu escolho a mim mesmo na vida. Eu escolho o significado da morte”.

Sinto-me solidário com essa tendência porque está profundamente alinhada com a experiência que tive trabalhando com os clientes em terapia. Um terapeuta disse, certa vez, que a essência da terapia é o movimento do cliente de sentir-se sem liberdade e controlado por outros em direção à assustadora, mas recompensadora, sensação de liberdade para traçar e escolher sua nova personalidade. Descrevi o desenvolvimento terapêutico como “um processo de aprender a ser livre iniciado pelo próprio eu”. Este aprendizado é composto tanto por um movimento de afastamento, quanto por um movimento de aproximação. Os clientes afastam-se de serem impulsionados por forças internas que não compreendem, afastam-se do medo e da desconfiança desses sentimentos profundos e de si mesmos, e afastam-se de viver de acordo com valores que adotaram de outros. Eles movem-se em direção à aceitação e à fruição de seus próprios sentimentos, em direção à valorização e confiança nas camadas mais profundas de sua natureza, encontrando força em suas próprias singularidades e em direção à vida baseada em valores advindos de suas próprias experiências. Essa aprendizagem, esse movimento, permite-lhes viver como pessoas individualizadas, criativas, receptivas e responsáveis. Os clientes, na maioria das vezes, têm plena consciência de tais direções em si mesmos, mesmo quando se movem com apreensão em direção a serem livremente eles mesmos.

Mas como posso falar de liberdade quando, como cientista comportamental, realizo pesquisas sob o pressuposto de que as sequências de causa e efeito operam tanto no mundo psicológico quanto no mundo físico? Que definição possível de liberdade pode haver no mundo moderno?

Deixe-me tentar dizer o que isso significa para mim:

Em primeiro lugar, a liberdade que os meus clientes experienciam¹⁵ é essencialmente algo interior, algo que existe na pessoa viva um tanto quanto independentemente de qualquer escolha externa de alternativas, que tantas vezes pensamos constituir a liberdade. Refiro-me ao tipo de liberdade que Viktor Frankl descreve vividamente na sua experiência no campo de concentração, quando tudo – posses, identidade, escolha de alternativas – foi tirado dos prisioneiros. Meses e até anos em tal ambiente mostraram apenas que “Tudo pode ser tirado de um homem¹⁶, exceto uma coisa: a última das liberdades humanas, de escolher a própria atitude em qualquer conjunto de circunstâncias, de escolher o próprio caminho”. É essa liberdade interior, subjetiva e existencial que tenho observado. É a compreensão dos meus clientes de que “posso viver o aqui e o agora por minha própria escolha”. É a qualidade de coragem que permite a uma pessoa dar um passo na incerteza do

¹⁴ No original: “(...) in American psychology”. A expressão, tradicionalmente, referia-se ao cenário envolvendo os três países da chamada “América do Norte”, com Canadá e México, em que pese o destaque aos Estados Unidos em termos de protagonismo. A despeito disto, e dado o fato da expressão não distinguir especificidades, até muito recentemente, e ao fato que – à época – era comum o trânsito de informações e pesquisas entre os diversos países (temos grandes nomes da Psicologia moderna que são de origem canadense, como Albert Bandura, p. ex; e ao fato do México ter sido palco de pesquisas relevantes, como a de Erich Fromm, p. ex.), optamos por manter uma tradução mais tradicional (ao contrário de traduzir por “estadunidense”) (Nota do Editor).

¹⁵ No original, temos o termo “experience”, que pode ser traduzido de múltiplas formas para o português, mas que tem um sentido de “experiência”, o que pode indicar tanto “experimentar” quanto “experienciar”. No contexto da perspectiva clínica de Rogers, optou-se por “experienciar”, como uma experiência singular, “interna”, como o próprio autor indica na sequência. Convém ressaltar, contudo, que Rogers não faz uma distinção muito detalhada entre os conceitos, tal qual temos na Fenomenologia tradicional, a partir dos termos *Erfahrung* ou *Erlebnis*, ambos podendo ser traduzidos por “experiência” (N. do E.).

¹⁶ Optou-se por manter o termo “homem” nesta tradução em respeito à formulação original utilizada por Viktor Frankl e ao contexto histórico-filosófico da obra. Embora reconheçamos os debates contemporâneos acerca da linguagem inclusiva, compreende-se que, no pensamento existencial-humanista de Frankl, o termo é empregado em uma referência à condição humana de modo universal. A manutenção da expressão busca preservar a fidelidade conceitual, estilística e histórica do texto original. Eventualmente será usado “ser humano”, na mesma direção, como sinônimo (N. dos R.).



desconhecido ao escolher a si mesma. É a descoberta do significado a partir de dentro, que vem da escuta sensível e aberta das complexidades do que se está vivenciando. É o fardo de ser responsável por quem você escolhe ser. É o reconhecimento de que a pessoa é um processo emergente e não um produto final estático. O indivíduo que então está profunda e corajosamente pensando seus próprios pensamentos tornando-se a sua própria singularidade, escolhendo-se responsabilmente, podendo ter a sorte de ter centenas de alternativas objetivas entre as quais escolher, ou ele pode ter a infelicidade de não ter nenhuma, mas sua liberdade existe, apesar disso. Portanto, estamos falando antes de tudo de algo que existe *dentro* do indivíduo, de algo fenomenológico e não objetivo¹⁷, mas que ainda assim deve ser valorizado.

Um segundo ponto na definição desta experiência de liberdade é que ela existe não como uma contradição à imagem do universo psicológico como uma sequência de causa e efeito, mas como um complemento de tal universo. A liberdade, corretamente compreendida, é a realização, por parte da pessoa, da sequência ordenada da sua vida. Como diz Martin Buber: “O homem livre acredita no destino e considera que este precisa dele”¹⁸. Ele se move de forma voluntária, livre e responsável, para desempenhar o seu papel significativo num mundo cujos acontecimentos determinados se movem através dele e através da sua escolha e vontade espontâneas.

Esta é a experiência do cliente à medida que ele avança na terapia em direção à aceitação das realidades do mundo exterior e interior de si mesmo, no sentido em que avança para se tornar um agente responsável neste mundo real. Como indiquei, esta significativa liberdade humana existe paralelamente ao completo determinismo da ciência moderna como um paradoxo. Ela existe na nossa experiência humana com tanta realidade como os fatos da ciência, e não podemos ignorá-la sabiamente. Uma das grandes contribuições do nosso século é o fato de começarmos a perceber que os estados de espírito, as atitudes, as ações humanas, as suas adaptações e desadaptações, podem ser entendidas nos mesmos termos de lei que os acontecimentos do mundo físico. Visto desta perspectiva objetiva, parece provável que seremos cada vez mais capazes de compreender as ações humanas em termos de leis semelhantes às descobertas nas ciências naturais. É isso que leva à possibilidade de controlar o comportamento humano. É isso que leva ao tema desta discussão.

Não parece haver dúvidas de que as ciências comportamentais se moverão firmemente na direção de tornar o ser humano um objeto para si mesmo, uma sequência complexa de eventos não diferentes em espécie da complexa cadeia de equações pelas quais várias substâncias químicas interagem para formar novas substâncias ou liberar energia. Mas não importa quão completamente o ser humano¹⁹ chegue a compreender-se como um fenômeno determinado, o produto de elementos e forças passadas, e a causa determinada de acontecimentos e comportamentos futuros, ele nunca poderá viver como um objeto. Ele só pode viver subjetivamente. Alguns dos indivíduos mais patéticos que conheço são aqueles que tentam continuamente entender e prever seu comportamento de forma objetiva. Cada ação só tem significado para eles como efeito predeterminado de causas precedentes, e toda a sua vida se torna uma infeliz caricatura da centopeia que observa conscientemente seus próprios pés. Na minha experiência, alguns dos fracassos da terapia psicanalítica exibem essa objetividade excessivamente intelectualizada.

A pessoa que está desenvolvendo seu pleno potencial, no entanto, é capaz de aceitar o aspecto subjetivo de si mesmo e de viver subjetivamente. Quando ela está com raiva, ela está com raiva, e não apenas exibindo os efeitos da adrenalina. Quando ela ama, está realmente amando e não apenas investindo energia psíquica ao objeto de amor²⁰. Ela se move em direções autosselcionadas. Move-se em direções auto-selecionadas. Escolhe com responsabilidade. Ela é uma pessoa que pensa, sente e experiencia. Ela não é meramente um objeto no qual esses eventos ocorrem. Não podemos, sem grande perigo, negar este elemento subjetivo em nós mesmos. Isto precede nossas atividades científicas. É mais abrangente que o conhecimento científico. É uma parte essencial do ser humano, de ser uma pessoa. Nenhum desenvolvimento presente ou futuro das ciências comportamentais poderá jamais contradizer este fato básico.

No entanto, estou bem ciente de que a corrente de pensamento experimentalista-positivista-comportamentalista em psicologia e o Dr. Skinner, como um proponente mais hábil dessa tendência, mantêm vi-

¹⁷ Neste contexto, o termo “fenomenológico” refere-se ao campo da experiência subjetiva tal como é vivida e significada pelo próprio indivíduo, isto é, ao seu mundo interno de percepções, sentimentos e sentidos pessoais. Em contraste, o “objetivo” diz respeito ao que pode ser observado, descrito e verificado externamente. Rogers argumenta que, embora a experiência fenomenológica não seja diretamente observável, ela possui relevância fundamental para a compreensão psicológica e não pode ser reduzida apenas a critérios externos de observação (Rogers, 1963b) (N. dos R.).

¹⁸ Convém destacar que Rogers e Buber fizeram um diálogo, em Ann Harbor, em 18 de abril de 1957, numa conferência na Universidade de Michigan, moderado pelo tradutor e comentador de Buber, Maurice Friedman. O texto do diálogo compõe a mesma publicação organizada por Kirschenbaum & Henderson (1989) e está traduzido para o português (Rogers & Buber, 2008). (N. do E.)

¹⁹ Ver Nota 16 (N. dos R.).

²⁰ No original: “When he loves, he is loving and not merely cathected toward a love object”, fazendo clara alusão a noções predominantes na clínica da época. Neste trecho, Rogers contrapõe a perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa às leituras fisiológicas, comportamentais e psicanalíticas predominantes em sua época. Sua crítica dirige-se às concepções que reduzem a experiência humana a mecanismos biológicos, respostas observáveis ou investimentos pulsionais, defendendo, em contraste, a legitimidade da experiência subjetiva como dimensão real e constitutiva da existência humana. Assim, sentimentos como amor, raiva ou escolha não são compreendidos apenas como efeitos de processos subjacentes, mas como experiências efetivamente vividas pela pessoa em seu processo de tornar-se (N. dos R.).



sões muito diferentes. Por exemplo, aqui estão algumas das palavras e conceitos que usei e que são quase totalmente sem significado no quadro de referência behaviorista: liberdade é um termo sem significado; escolha, no sentido em que a utilizei, não tem sentido; a subjetividade é, creio eu, considerada de pouca importância; propósito, autodireção, valor ou escolha de valor – nenhum destes tem qualquer significado; a responsabilidade pessoal como conceito não tem significado. A filosofia democrática da natureza humana, salientou o Dr. Skinner, tem sido um recurso útil dos revolucionários no passado, mas agora está muito provavelmente “fora de moda”. Portanto, fica claro que alguns dos conceitos mais básicos desta nova terceira força na psicologia não têm qualquer significado para o grupo behaviorista. Confio que este diálogo possa nos ajudar a esclarecer quaisquer mal-entendidos sobre tais diferenças, e também a esclarecer as nossas diferenças reais, onde quer que elas existam.

Em resumo: na medida em que uma perspectiva behaviorista em psicologia nos leva a desconsiderar a pessoa, a tratá-la principalmente como objetos manipuláveis, a controlar a pessoa moldando seu comportamento sem a sua escolha como participante, ou a minimizar a importância do subjetivo – questiono-a profundamente. A minha experiência leva-me a dizer que tal ponto de vista vai contra uma das tendências mais fortes da vida moderna e levá-los por um caminho com consequências destrutivas.

SKINNER: Eu sempre cometo o mesmo erro. Ao debater com Carl Rogers presumo que ele não fará nenhum esforço para influenciar o público. Então, depois tenho que segui-lo e falar, como faço agora, para um grupo de pessoas que de pessoas que estão longe de serem livres para aceitar meus pontos de vista. Na verdade, acabei de me lembrar de uma história que ouvi uma vez sobre Carl Rogers e que vou contar agora, na esperança de que ele a confirme ou a negue. Suponho que seja apócrifa. Pelo menos tenho certeza de que cresceu nesta dimensão. A história que ouvi é a seguinte: Carl Rogers nunca foi muito dado à caça de patos, mas foi convencido, em certa ocasião, a ir caçar patos. Ele e alguns amigos foram até um esconderijo e ficaram ali sentados durante uma madrugada fria e sombria. Nenhum pato apareceu até o momento em que foi possível atirar. Finalmente, um único pato apareceu e os amigos de Rogers permitiram que ele atirasse, e ele atirou. Ao mesmo tempo, ao longo da costa, a algumas centenas de metros de distância, outro homem atirou no mesmo pato. O pato caiu. *Plop!* Rogers saiu do esconderijo e foi em direção ao pato. O outro homem saiu de seu esconderijo e foi em direção ao mesmo pato. Eles chegaram simultaneamente. Rogers virou-se para o homem e disse: “Você sente que este pato é seu”. Lembrei-me dessa história porque o desfecho é que Rogers trouxe o pato para casa. Farei o meu melhor para evitar um resultado semelhante (*Skinner ri*).

Nós concordamos em muitas coisas, e eu gosto de sentir que talvez tenha tido alguma influência sobre Carl Rogers, porque de tempos em tempos ele cedeu a certos assuntos. Ele concordou que o comportamento humano tem sido controlado e provavelmente passará a ser controlado com sucesso cada vez maior à medida que a ciência do comportamento evolui. A controlabilidade do comportamento é uma história antiga, é claro. Os historiadores sempre ficaram encantados quando podiam comprovar a influência de algum tipo de acontecimento biográfico sobre um herói. Os biógrafos seguem a mesma linha. As ciências sociais certamente trouxeram mais evidências de natureza estatística, e uma análise experimental do comportamento de um organismo individual essencialmente assegurou a questão. Não acredito que se possa provar que todo o comportamento de um organismo humano seja controlado, mas creio que a suposição é cada vez mais plausível, pelo menos como uma suposição de trabalho para a ciência e também para os assuntos humanos em geral.

Ora, Carl Rogers, ao admitir isto, tem tendido a restringir a noção de controle. Ele cita como exemplos de avanços recentes no controle do comportamento a evidência de que, sob certas condições sociais, um homem pode ser levado a fazer julgamentos que são contrários à evidência dos seus sentidos. Em outros experimentos foi demonstrado que uma pessoa pode mudar a sua opinião sem estar consciente do que a influenciou a fazê-lo. Ele citou a estimulação elétrica satisfatória como um tipo de gratificação como um tipo de gratificação irresistível que poderia muito bem ser usada para controlar o comportamento e, é claro, os efeitos das drogas na produção de alucinações, de mudanças de disposição ou de personalidade, também seriam citados por ele.

Mas controle, para mim, significa muito mais que isso. Estes exemplos específicos são exemplos de um controle sub-reptício, controle esse em que o controlado não tem consciência de que está sendo controlado. Eles são exemplos específicos de formas intensas de controle²¹. O que estou falando, quando digo “o controle do comportamento humano”, é qualquer contribuição que seja feita para determinar a ação de um indivíduo. Não precisa ser sub-reptício. Isso não significa que o indivíduo não esteja plenamente consciente do que está sendo feito com ele. E não significa que seria cem por cento bem-sucedido. Estou falando do controle que é alcançado na economia por meio dos diversos sistemas salariais, sejam os comuns, um tanto ineficazes, ou os salários de incentivos especiais, e assim por diante. E basta examinar outras nações, outras culturas, para avaliar até que ponto, nos Estados Unidos, o nosso sistema econômico energiza as pessoas – torna-as produtivas e empreendedoras na realização de novas atividades. Refiro-me por “controle” às várias forças policiais e militares que os governos usam para manter as pessoas trabalhando dentro de certas estruturas legais. Refiro-me por “controle” às várias técnicas que são usadas na educação para promover o que podemos chamar de aquisição de conhecimento ou traços de caráter, e assim por diante.

²¹ No original: “They are specific examples of powerful control”. Neste trecho, Skinner amplia a noção de controle para além de formas explícitas de coerção ou imposição direta. A ideia de “powerful control” refere a formas altamente eficazes de influência sobre o comportamento, frequentemente operando de maneira sutil ou pouco perceptível ao próprio indivíduo. Na perspectiva behaviorista radical, o comportamento humano é compreendido como resultado das contingências ambientais e históricas que contribuem para determinar a ação do indivíduo, mesmo quando ele não tem consciência desses processos de controle (N. dos R.).



Agora, o fato de que ocasionalmente um funcionário não vai trabalhar durante o dia, ou um homem se torna um andarilho e para de trabalhar completamente, ou um estudante falta à aula, ou alguém infringe uma lei ou foge da prisão, isso não significa que as influências não sejam poderosas e controladoras. As exceções são esperadas, porque em nenhum desses casos as variáveis que são manipuladas são as *únicas* variáveis e, portanto, o controle não é de cem por cento. Portanto, quando estivermos falando aqui sobre “controle”, espero que falemos de forma mais geral, e não limitemos a discussão ao controle oculto, embora eu concorde que existam problemas específicos envolvidos nisso. Espero também lidar não apenas com um controle que é cem por cento eficaz. Eu gostaria de declarar isso nestas observações iniciais. Acho que isso voltará a aparecer nas discussões.

Outra questão tem a ver com as implicações da noção de que o comportamento humano é controlado. Vamos, por um momento, falar apenas sobre controle total. Outro dos meus oponentes de valor nesta linha de pensamento é Joseph Wood Krutch, cujo livro *The Measure Of Man*²² é em grande parte um ataque a *Walden Two*²³, meu romance utópico, e a outras obras de minha autoria. Ele voltou recentemente ao ataque num artigo na *Saturday Review Of Literature*²⁴, no qual, de repente, me encontro classificado com os existencialistas, sendo citado por Krutch como simbolizando o que ele chama de beco sem saída da tendência representada por Darwin e Marx. Ele me cita negando, categórica e absolutamente, que o indivíduo tenha qualquer controle sobre seu destino, ou que tenha qualquer poder de escolha ou determinação. Ele prossegue documentando isso dizendo que escrevo em meu livro *Science and Human Behaviour*: “O homem interior que é considerado responsável pelo comportamento do organismo biológico externo é apenas um substituto pré-científico para os tipos de causas que são descobertas no curso de uma análise científica, e todas essas causas estão fora do indivíduo”.

Agora, suponhamos por um momento, que o homem seja completamente controlado pela sua história genética e ambiental. Isto não significa de forma alguma que ele não possa controlar o seu próprio destino. Ele tem feito isso tanto no campo da genética quanto no campo do meio ambiente. Desde o início da civilização, da cultura ou do homem como o conhecemos, o homem tem trabalhado sobre as forças genéticas e ambientais que são responsáveis pela sua existência. Os geneticistas hoje falam abertamente sobre a possibilidade de melhorias no homem por meio de intervenção genética. Existe uma visão atual que favorece os bancos de esperma ou a paternidade de doadores especiais. Isso poderá significar que, no mundo do futuro, um pai terá orgulho não de que o filho seja do seu próprio sangue, mas de que o filho tenha o melhor sangue que o dinheiro pode comprar. O controle ambiental já está aqui e existe há milhares de anos. O homem é amplamente responsável pelo ambiente em que os homens vivem. Vivemos cada vez mais num mundo feito pelo homem, e é um mundo que o homem construiu em grande parte devido aos seu efeito sobre o seu comportamento. Reduziu-se a necessidade de escapar de temperaturas extremas e assim por diante. Tendemos a estar razoavelmente confortáveis e bem alimentados, e podemos nos dedicar a coisas que são de maior importância. Esta é uma contribuição da tecnologia física.

Mas a tecnologia social, a tecnologia cultural, que acompanhou isso é ainda mais importante. O homem criou um mundo no qual ele é governado, no qual ele é empregado ou pode contratar e no qual pode obter riquezas por meio de empréstimos ou roubos. Nesse sentido, ele controlou a si mesmo. Se o comportamento humano é cem por cento produto da história genética e ambiental, o homem, no entanto, criou e pode modificar essa história genética e ambiental e, nesse sentido, pode controlar a si mesmo. Não estou fazendo um jogo de palavras. Muitas vezes, o homem que constrói o ambiente – seja no mundo físico ou cultural –, não é aquele que é controlado por ele, por mais que esta seja a maioria dos casos. As técnicas de autocontrole, que podem ser extraídas de obras religiosas, éticas e morais do passado, podem ser analisadas em termos de manipulação do ambiente. O homem que assim manipulou o ambiente se comportará de uma forma que lhe causará menos problemas ou lhe trará mais conquistas. Portanto, mesmo em um mundo no qual o comportamento humano é totalmente controlado, *nós* controlamos a nós mesmos, porque modificamos esse comportamento. Isso pode parecer logicamente impossível, mas a questão é que fazemos isso não porque saímos de qualquer fluxo causal ou do fluxo da história, mas porque é da natureza do homem agir dessa maneira.

Isso me leva a um terceiro tema com o qual certamente lidaremos repetidamente neste debate: a chamada escolha de valores. Por que nós, ao controlar o homem, o controlamos em uma direção e não em outra? Como decidimos antecipadamente como queremos controlar? Isso surge no caso da educação. Suponha que você tenha uma técnica educacional poderosa. O que você ensinará? Sua psicologia pode lhe indicar as técnicas. Ela pode lhe dizer o que deve ser ensinado? Esse é o campo do julgamento de valor, mas não está necessariamente fora do domínio da ciência. Para mim, existe apenas ciência. Existe apenas uma maneira de saber. Pode estar nas mãos de cientistas ou de outras pessoas, mas o resultado é o mesmo. Não conheço nenhuma forma especial de sabedoria que permita decidir em que momento

²² Joseph Wood Krutch (1893-1970) foi um ensaísta e crítico humanista norte-americano conhecido por suas críticas ao cientificismo e às concepções mecanicistas da natureza humana. Em obras como *The Measure of Man* (1954), defendeu a subjetividade, a liberdade e a dimensão ética da experiência humana, tornando-se uma referência importante para correntes humanistas e ecológicas do século XX (Rowley, 1995) (N. dos R.).

²³ *Walden Two* é um romance filosófico escrito por B. F. Skinner e publicado em 1948. O livro descreve uma comunidade utópica organizada a partir dos princípios do behaviorismo. Skinner imagina uma sociedade em que o comportamento humano é planejado cientificamente por meio do controle ambiental e do reforçamento positivo, com o objetivo de produzir indivíduos mais cooperativos, felizes e socialmente ajustados. O título faz referência direta a *Walden* – uma autobiografia escrita por Henry David Thoreau, como um manifesto poético contra uma sociedade industrial, e publicada em 1854 –, mas enquanto Thoreau defendia uma vida simples baseada na autonomia individual e na relação contemplativa com a natureza, Skinner propunha uma reorganização social planejada cientificamente (N. dos R.).

²⁴ A *Saturday Review of Literature* foi uma influente revista cultural e literária norte-americana fundada em 1924, dedicada à crítica literária e ao debate intelectual no contexto cultural dos Estados Unidos do século XX (N. dos R.).



a ciência deveria parar e deixar a escolha de valores para outros. A questão dos valores diz respeito a algumas características do comportamento humano que levaram a várias explorações no *design* da cultura²⁵.

Algumas atividades do homem, como no caso da tecnologia física, podem ser explicadas apelando para os resultados imediatos. Os povos primitivos caçavam e pescavam porque, na caça e na pesca, você é reforçado imediatamente com algo comestível. Culturas posteriores desenvolveram métodos de armazenamento de alimentos: secagem, preservação, congelamento. Foram desenvolvidos métodos de agricultura em que algo era feito no início da primavera para ser consumido no final do verão. Lentamente, uma cultura desenvolve a capacidade de fazer coisas com consequências que são cada vez mais remotas. Isso também é verdade no caso da tecnologia cultural. Um homem que é capaz de chicotear qualquer outra pessoa em uma batalha pode roubar, tirar dos outros e forçá-los a trabalhar para ele. Esse é um tipo primitivo de estrutura governamental. Pode ser explicado em termos do reforço imediato do mais forte. Mais adiante, o governo que se tornar mais sensível em sua compreensão das consequências de longo prazo desenvolverá formas de controle que não recorram à força bruta e terá maior sobrevivência no longo prazo, porque esse governo faz melhor uso das pessoas governadas. Assim como ocorre na tecnologia física, a importância crescente de consequências cada vez mais remotas também pode ser vista na tecnologia cultural, e isso, acredito, nos leva à questão crucial.

Agora, o Dr. Rogers sugeriu que há três maneiras de ver o comportamento humano: a freudiana; a behaviorista positivista; ou aquela que enfatiza o senso de si do indivíduo, um interesse no “eu”²⁶ como fonte de sabedoria e força na alteração da conduta. Meu colega David McClellan escreveu um livro sobre psicanálise e religião que adotou o mesmo tema. McClellan observou que a Reforma Protestante, o movimento místico hassídico judaico e Freud em sua psicanálise, exemplificaram um tipo de revolta contra o controle externo. Esse é um exemplo do conflito entre a psicanálise e as operações governamentais. É o voltar-se geral para o indivíduo para encontrar a salvação. Esse é o tema da Reforma Protestante: que cada um pode buscar seu Deus dentro de si mesmo. Freud leva isso adiante na esperança de encontrar dentro do indivíduo a fonte de um padrão de vida que não seja imposto de fora.

Eu não acredito que essa seja uma maneira correta de expor o caso. Acho que pode ser modificada de uma forma que se ajuste muito bem aos meus propósitos. A mudança não é do controle externo do indivíduo para o controle interno. É uma mudança do controle coercitivo e punitivo para outras técnicas de controle, que estão relacionadas, em última análise, ao reforço positivo. Existem maneiras de controlar as pessoas que influenciam o que elas querem fazer. E existem maneiras de controlá-las que as forçam a fazer o que não querem fazer. Uma mudança de um sistema coercitivo legalista para a liberdade individual, toda a teoria da democracia, parece tirar o bom comportamento do cidadão das mãos da polícia e entregá-lo ao próprio indivíduo. Eu sugiro que o controle interno que é então descoberto nada mais é do que o produto de outro tipo de controle externo que se preocupou em fazer com que os indivíduos queiram se comportar de determinadas maneiras, em vez de coagi-los a se comportar dessas maneiras por causa de uma ameaça externa.²⁷

Vejo a evolução da cultura se afastando das formas punitivas imediatas de controlar as pessoas e se movendo para técnicas mais remotas, baseadas no conhecimento do comportamento humano, que exigem uma compreensão sensível dessas técnicas que, a longo prazo, exercem um controle poderoso. Eu acredito que esse tipo de controle tem maior probabilidade de construir um grupo mais forte porque, e aqui eu concordaria com o Dr. Rogers, ele libera recursos do indivíduo que são completamente perdidos sob o controle aversivo.

Esses são os três aspectos que eu gostaria de mencionar. Concordamos que o comportamento é controlado, mas quero interpretar isso de forma ampla. Concordamos, espero, que mesmo sob a suposição de um determinismo completo, o homem é e tem sido livre para determinar seu destino de acordo com o planejamento do mundo que o determina. E a lenta evolução das práticas culturais poderia muito bem estar trabalhando para liberar as potencialidades do indivíduo sem necessariamente deixar que ele determine seu próprio comportamento.

ROGERS: Eu acho que gostaria de esclarecer a história do pato. Há muita verdade nela, exceto pelo desfecho da piada. Em vez de eu dizer: “Você sente que atirou no pato”, recorremos a um procedimento bastante conceituado nos círculos científicos: jogamos uma moeda ao ar e isso provou que eu havia atirado no pato.²⁸

²⁵ Neste trecho, Skinner parece sustentar que a questão dos valores não se encontra fora do campo científico, mas pode ser compreendida a partir da análise do comportamento humano e dos processos culturais. Assim, a discussão sobre valores aparece articulada à noção de “cultural planning”, conceito importante em sua proposta de uma ciência do comportamento que coaduna com a ideia de uma organização deliberada da cultura.

²⁶ No original, “the self”. A ideia de um *self* é compartilhada por várias psicologias e filosofias, e trata de um conceito ou noção polimórfica, sendo traduzida como “eu” ou “eu mesmo”, e identificada com uma interioridade. Por se tratar de uma palavra usual no inglês, mas nem sempre identificada com algum conceito em particular, faremos a opção de traduzir por “eu”, entre aspas, com vistas a designar um conceito a ser refletido em seu próprio contexto de apresentação (N. do E.).

²⁷ Esta passagem ilustra um aspecto central do behaviorismo radical de Skinner: a crítica à noção de “homem autônomo”, isto é, à ideia de que o comportamento humano teria origem em uma causalidade interna independente das contingências ambientais. Para o autor, mesmo aquilo que é vivido como autocontrole ou escolha pessoal permanece relacionado à história de reforçamento do indivíduo. Assim, em vez de uma passagem do controle externo para a liberdade interior, Skinner sugere uma transformação das formas de controle: em sistemas coercitivos, as pessoas obedeceriam por medo da punição; já em sociedades democráticas, o comportamento pareceria partir do próprio indivíduo, embora continue sendo compreendido como produto de formas socialmente internalizadas de controle (N. dos R.).

²⁸ Rogers utiliza aqui uma ironia em relação à pretensão de objetividade de certos procedimentos científicos. Ao afirmar que “jogamos uma moeda” para decidir quem havia “atirado no pato”, o autor satiriza a ideia de que um procedimento formalmente reconhecido como científico garantiria, por si só, maior acesso à verdade. A piada funciona também como uma crítica à redução da experiência subjetiva a critérios exclusivamente externos de validação, aspecto central das divergências entre Rogers e Skinner. Enquanto Rogers defendia a legitimidade da



Enquanto ouvia, senti o mesmo que costumo sentir quando leio seus materiais: há muito em que estamos realmente de acordo. É intrigante saber por que quinhentas pessoas compareceram para ver quais são as diferenças. No entanto, levo a sério o fato de que, embora pareçamos estar alinhados em vários pontos, ainda assim existem algumas diferenças reais. Há algo mais em jogo aqui do que a semântica. Não tenho certeza se posso definir essas diferenças. Um sentimento que tive, enquanto ele falava, é que a visão científica é o mundo inteiro para Skinner. Não se trata de uma maneira útil de perceber o mundo: é o mundo inteiro. Percebi que ele não comentou o paradoxo que, para mim, tem um significado considerável. Espero que ele comente sobre isso.

Há mais de um ano que eu queria fazer uma pergunta ao Dr. Skinner. Estávamos ambos em uma conferência em Boston. Ele havia apresentado seu artigo sobre o *design*²⁹ de culturas e depois fez comentários sobre ele. Depois de ouvir seus comentários, dirigi essas observações a ele. Eu disse: “Pelo que entendi do que o Dr. Skinner disse, ele entende que, embora possa ter pensado que escolheu vir a este seminário, ou possa ter pensado que tinha um propósito ao fazer este discurso, tais pensamentos são, na realidade, ilusórios. Na verdade, ele fez certas marcas no papel e emitiu certos sons aqui simplesmente porque sua constituição genética e seu ambiente passado condicionaram operantemente seu comportamento de tal forma que era recompensador emitir esses sons, e que ele, como pessoa, não entra nisso. Na verdade, se eu entendi corretamente o pensamento dele, do ponto de vista estritamente científico, ele, como pessoa, talvez não exista”. Eu pensei em provocá-lo sobre o lado subjetivo do motivo pelo qual ele estava lá, mas, para minha surpresa, ele disse que não entraria na questão de ter ou não alguma escolha no assunto e acrescentou: “Eu aceito sua caracterização da minha própria presença aqui”. Desde então, tenho me questionado sobre isso. Eu gostaria que você comentasse mais sobre, porque acho que isso chega próximo do cerne de algumas das diferenças entre nós.

SKINNER: Acredito que sim. Acho que está muito próximo. Existe esse estranho sentimento de que, se você nega a liberdade individual ou nega uma interpretação do indivíduo baseada na liberdade e na responsabilidade pessoal, de alguma forma o indivíduo desaparece. Esta não é, de forma alguma, a conclusão a que se poderia chegar. Acho que se pode partir da suposição que cada pessoa está completamente determinada a fazer o que está fazendo agora e o que vai fazer devido à sua própria história genética e ambiental. Digo isso à minha turma no final do semestre. Ministro um curso sobre comportamento humano com um número razoavelmente grande de alunos, e muitos deles ficam muito ansiosos com isso. De fato, só este ano fiquei sabendo de duas coisas estranhas sobre meu curso em Harvard: uma, que ele envia mais alunos para cursos na escola de teologia do que qualquer outro curso de graduação; e também que envia mais para o serviço de saúde. Há uma síndrome reconhecível que aparece.

Agora, tento tranquilizar meus alunos ressaltando que cada um deles é um *locus* absolutamente único pelo qual passam certas linhas de força. Cada um de vocês representa uma combinação genética de fatores absolutamente única na evolução da raça humana. Cada um de vocês representa uma combinação absolutamente única de forças ambientais: sua família, sua infância, a escola pela qual passou, os livros que leu, as várias forças governamentais e econômicas sob as quais viveu, e assim por diante. Agora, posso visualizar o crescimento de um ser humano cada vez mais bem-sucedido como um organismo biológico, e de uma cultura ou sociedade cada vez mais bem-sucedida como uma organização cultural, ou um organismo emergindo dos princípios comuns de evolução e seleção como uma versão mais poderosa quando a diversidade aparece. Isso me dá um sentido razoável de minha própria individualidade e um bom motivo para dizer a qualquer outra pessoa que ela é um indivíduo e que pode ter contribuições muito importantes a fazer. Não faço isso para exortar³⁰ meus alunos. Isso seria bastante inconsistente de minha parte, exceto na medida em que eu possa provar que minha própria história sugere que eu os exortasse para produzir determinados efeitos. Não acredito em exortação. Eu não acredito na noção de responsabilidade pessoal num sentido jurídico. Acho que ela desaparece quando se recorre a técnicas não aversivas de controle. Quando as pessoas são responsabilizadas pelos seus atos – cujas consequências elas previram –, então a noção de responsabilidade faz sentido, no sentido de que elas podem ser punidas justamente. Mas quando as pessoas são induzidas a se comportar de determinadas maneiras, sem que consequências aversivas entrem em cena, não há significado para a concepção de responsabilidade pessoal. No entanto, nunca se há qualquer dúvida sobre a singularidade do indivíduo ou sua possível importância na evolução de uma cultura futura. Nada do que temos agora é, de forma alguma, a última palavra.³¹

ROGERS: Eu gostaria de voltar à primeira parte disso. Uma das coisas em que pensei é que significado isso

experiência subjetiva e da compreensão fenomenológica, Skinner questionava explicações baseadas em introspecção e causalidade interna, privilegiando a análise das contingências ambientais do comportamento (N. dos R.).

²⁹ O termo *design of cultures* refere-se, em Skinner, à organização deliberada de contingências sociais e ambientais capazes de modelar práticas culturais e comportamentos coletivos. No campo da psicologia e das ciências do comportamento, a expressão “engenharia cultural” é frequentemente utilizada como aproximação conceitual dessa proposta, embora não corresponda literalmente ao termo empregado pelo autor (N. dos R.).

³⁰ “Exortar” significa “dar estímulo”, “animar”, “estimular”; podendo também ser entendido como “persuadir” ou “induzir”. Exortação seria, pois, encorajamento, estímulo, incitação (ou ainda, conselho, advertência) (Houaiss, 2001) (N. do E.).

³¹ Nesta passagem, Skinner distingue a singularidade do indivíduo da noção tradicional de livre-arbítrio ou responsabilidade moral autônoma. Para o autor, cada pessoa é única em razão de sua história particular de contingências e reforçamentos, o que não implica a existência de uma causalidade interna independente do ambiente. Assim, o behaviorismo radical não elimina a importância do indivíduo, mas questiona concepções jurídicas e morais de responsabilidade pessoal fundamentadas na ideia de um agente autônomo (N. dos R.).



teria para um *Freedom Rider*³²; por exemplo, dizer-lhe que ele é o *locus* de uma série de forças únicas que o pré-determinaram a se deslocar para o sul e a se sentar em certos lugares ilegais; que ele foi operantemente condicionado a se comportar de maneiras que o colocam em conflito com a lei; que ele considera recompensador emitir certos sons quando é espancado, etc. Eu reconheço a descrição do comportamento que você apresenta como compatível, em linhas gerais, com o nosso conhecimento atual das pessoas quando observadas de fora. No entanto, percebo que você evita cuidadosamente olhar para a pessoa a partir de dentro. E quando penso em tentar explicar a um *Freedom Rider* suas ações nesses termos, não apenas acredito que ele não aceitaria isso, mas também que tal abordagem esvaziaria de sentido algo que possui significado social. Isso faz algum sentido para você?

SKINNER: Tenho dois pontos aqui. Suponha que eu pudesse convencer esse *Freedom Rider* de que eu estava certo. Ele deixaria de ser um *Freedom Rider*? Você está querendo chegar a isso, não está? Que ele tem uma concepção de si mesmo como alguém que pode fazer algo para promover uma mudança importante, pela qual ele será capaz de receber um crédito modesto, e que as pessoas, pelo menos algumas, o admirarão por ter feito isso. Agora, eu acho que ele faz isso por causa de uma herança que lhe veio de sua própria cultura, assumindo uma espécie de martírio e submetendo-se a um tratamento punitivo a fim de promover algum outro tipo de situação. Se ele foi formado em uma cultura que valoriza isso, ele fará dessa maneira. Há culturas que jamais produziram *Freedom Riders*.

Além de saber se ele pararia, há outra questão: se é correto dizer que ele está fazendo isso por motivos que são importantes para ele além de seu treinamento³³. O inverso disso é o caso do delinquente ou do alcoólatra, quando se apropria dessa justificativa e diz: “Bem, desculpe-me, sei que sou um velho bêbado, mas na verdade estou doente. Vocês não deveriam reclamar. Não deveriam me criticar. Preciso de tratamento”. Ora, até certo ponto, a sociedade controlou a embriaguez envergonhando o bêbado da cidade, ensinando as crianças a rir ou a culpar essas pessoas, apontando como suas famílias sofrem. Esse é um esforço para controlar por meio de punição.

Nossa visão moderna é que isso simplesmente não funciona, e a melhor maneira é tentar encontrar outras formas de tratar um alcoólatra. O alcoólatra, então, pode valer-se disso para escapar da censura e da culpa. Bem, ele tem mais ou menos o direito de fazer isso, no sentido de que você se deixou aberto a isso.³⁴ Quando você muda de uma técnica de controle, de punição, para outra – que pode ser médica ou podem ser medidas educacionais positivas –, há um período de transição em que as pessoas parecem estar sem rumo³⁵. Elas estão perdidas: o sistema antigo não está funcionando, o novo sistema não assumiu o controle. Em ambos os casos, você tem uma forma de controle, mas, a longo prazo, terá uma forma melhor se desenvolver um tratamento educacional positivo para o alcoolismo. Isso envolve uma grande dose de engenharia cultural³⁶ e é muito difícil. Acho que qualquer governo que se preze deveria proibir a publicidade que torne o consumo de bebidas alcoólicas atraente, honroso ou distinto. Não estou dizendo que as pessoas devam ser impedidas de comprar bebidas alcoólicas. Isso não funcionou. Mas acho que os anunciantes não devem ter permissão para fazer com que o consumo de bebidas alcoólicas pareça bonito ou glamoroso. Esse é um tipo de falha de projeto da cultura e, se pudéssemos eliminar tudo isso com um programa educacional positivo, poderíamos tratar o alcoólatra sem que ele tivesse de ser envergonhado, jogado na cadeia, punido, ameaçado de condenação ou qualquer outro controle aversivo. E eu preferiria uma cultura que funcionasse dessa forma. Não apenas por causa de minha preferência por técnicas não aversivas, mas porque, a longo prazo, essa cultura seria mais eficaz. Em uma cultura assim, não haveria luta moral, não haveria necessidade de exercer a responsabilidade pessoal.

ROGERS: Enquanto ouço, a mensagem que recebo, e ficaria feliz em ser corrigido, é que você está dizendo: “Falarei o quanto quiser sobre como alguém influencia ou controla o comportamento de fora, mas não quero entrar em discussões sobre se a visão subjetiva que o homem tem de si mesmo possui alguma importância”.

E o que eu tentei indicar, quando falei sobre o *Freedom Rider*, é que se adotarmos apenas a perspectiva objetiva e externa do homem – e se esse for uma espécie de calvinismo moderno, em que o relógio recebeu corda originalmente e agora corre inevitavelmente para sua conclusão –, e se dissermos: “Esse é o quadro total do homem”, então não há mais a dizer sobre esse *Freedom Rider* ou qualquer outra pessoa, exceto que ele está inevitavelmente fazendo exatamente o que foi condicionado a fazer e que, como pessoa, não tem parte nisso.

³² Os *Freedom Riders* eram grupos de ativistas dos Direitos Civis, compostos por afro-americanos e brancos que participaram dos “passeios de liberdade”, viagens de ônibus pelo sul dos Estados Unidos em 1961 para protestar contra a segregação racial (N. dos R.).

³³ Skinner utiliza aqui o termo “treinamento” em vez de “condicionamento”, sugerindo uma compreensão mais ampla da formação do comportamento humano em contexto cultural e social. No behaviorismo radical, embora o comportamento continue sendo entendido como produto de contingências ambientais, conceitos como treinamento, práticas culturais e história de reforçamento podem assumir nuances distintas dependendo do nível de análise adotado pelo autor. Neste contexto, Skinner parece enfatizar menos o condicionamento operante em sentido estrito e mais os processos culturais e sociais de formação de repertórios comportamentais, valores e disposições para a ação (N. dos R.).

³⁴ A posição apresentada por Skinner nesta passagem aproxima-se das teses desenvolvidas em *Beyond Freedom and Dignity* (1971), obra na qual o autor critica concepções tradicionais de livre-arbítrio, culpa e responsabilidade moral. Em lugar de categorias morais e jurídicas centradas no indivíduo autônomo, Skinner propõe uma análise funcional do comportamento humano, enfatizando o papel das contingências ambientais, sociais e culturais na produção e manutenção das ações humanas. Ver Skinner (1973) (N. dos R.).

³⁵ Nesse contexto, a expressão “sem rumo” busca transmitir a ideia de desorientação temporária que pode emergir quando antigas referências de controle deixam de operar antes que novas contingências culturais estejam consolidadas (N. dos R.).

³⁶ A expressão original utilizada por Skinner, *cultural engineering*, refere-se à ideia de planejamento deliberado de contingências sociais e culturais capazes de modificar práticas coletivas e comportamentos humanos, conceito central em sua proposta de análise e transformação cultural (N. dos R.).



Se isso é apresentado como nossa visão completa de homem, para mim é insuficiente, inadequado, e dá uma imagem de homem sem sentido. Creio que nos fornece também uma imagem do universo como algo sem sentido.

A razão pela qual tenho uma opinião tão firme sobre isso é que essa visão não condiz em nada com o que aprendi com as pessoas a partir do lado de dentro. Em outras palavras, concordo noventa por cento com tudo o que você diz sobre as pessoas quando as analisa de fora, mas percebo que você não está disposto a compreendê-las a partir de dentro.

O motivo de eu ter sentimentos fortes sobre isso é que não corresponde em nada com o que eu aprendi. Em outras palavras, concordo em noventa por cento do que você diz sobre as pessoas quando está falando sobre elas do lado de fora, mas percebo que você não está disposto a abordá-las interiormente (pelo lado de dentro)³⁷.

SKINNER: Este pode ser um ponto em que simplesmente continuaremos discordando. Não questiono a realidade das evidências que você está apontando, e surpreendo muitas pessoas ao falar sobre meus próprios sentimentos. Sinto que faço isso.

ROGERS: Isso realmente me deixa aliviado.

SKINNER: Quem sabe o que *você* vai revelar. No entanto, recorrendo também à minha experiência como cientista, sempre retorno à descoberta de que, quando desisto de tentar explicar algo por meio de algum tipo de entidade interna e tento – de forma muito desajeitada no início, a princípio –, lidar com entidades externas que possam ser responsáveis por isso, a longo prazo, a questão se resolve. Durante muito tempo, usei o conceito de *drive* (impulso)³⁸, por exemplo, para falar sobre comportamento. Acho que foi a última das ficções de que me despojei em minha história como teórico. E era estranhíssimo, em vez de dizer que um rato tem um “intenso impulso de fome”, dizer: “este rato está com oitenta por cento de seu peso corporal” ou “ele foi privado de comida por vinte e quatro ou quarenta e oito horas”, ou algo assim. Parece tão simples. Existe algo chamado fome e é isso mesmo. Na verdade, na prática, é extremamente valioso insistir nas condições que geram esse impulso. Isso é positivismo, é claro, mas acho que é uma prática valiosa. Se eu pudesse lhe dar outro exemplo sobre isso. Acho que ambos estamos tentando entender um ao outro.

ROGERS: Sim.

SKINNER: No momento, estou escrevendo um livro sobre a tecnologia do ensino, no qual não haverá uma longa exposição sobre máquinas de ensinar³⁹, mas uma análise dos processos de instrução sob esse ponto de vista. Há certos capítulos que considero particularmente interessantes porque representam uma busca pelos correlatos externos dos tipos de traços de caráter que sempre atribuímos ao homem interior. Podemos nos desfazer, creio eu, do conhecimento e das habilidades. Esses são ficções. O conhecimento de algo só é evidente quando você pode falar inteligentemente sobre. Prefiro falar do comportamento de falar sobre as coisas ao invés de falar sobre o conhecimento. Considere, por exemplo, coisas como o prazer pela literatura, o interesse pelo que se está fazendo, a dedicação, o empenho, a perseverança diante da fadiga provocada pelo excesso de trabalho ou a coragem de fazer algo apesar de consequências aversivas. Essas características são facilmente atribuídas a traços de personalidade que parecem vir “com o bebê”. Pessoas que os possuem conseguem fazer essas coisas; pessoas que não os possuem, não conseguem. O cientista dedicado que permanece quinze horas por dia em seu laboratório parece possuir algo: zelo, uma dedicação que muitas pessoas não têm. Supomos que grande parte das pessoas jamais conseguiria se absorver em um assunto a esse ponto⁴⁰.

³⁷ Embora Rogers utilize neste trecho uma formulação mais coloquial ao afirmar que Skinner fala das pessoas “do lado de fora”, sua crítica não se dirige simplesmente à objetividade científica em si, mas à redução da psicologia à observação externa do comportamento e à equiparação dessa perspectiva externa como única forma legítima de conhecimento científico. No texto “Toward a Science of the Person” (Rogers, 1963b), contemporâneo a este diálogo, Rogers desenvolve essa posição de maneira mais sistemática, argumentando que a experiência subjetiva e fenomenológica da pessoa constitui uma dimensão legítima da ciência psicológica. Nesse contexto, Rogers propõe uma ampliação epistemológica da psicologia, capaz de integrar modos subjetivos de conhecimento (primeira pessoa), objetivos (terceira pessoa) e interpessoais (segunda pessoa, denominados por ele como fenomenológicos), em vez de excluir a experiência vivida do campo científico (N. dos R.).

³⁸ O termo “drive”, traduzido aqui como “impulso”, foi amplamente utilizado na psicologia do século XX para designar estados motivacionais internos hipoteticamente responsáveis pela energização do comportamento, como fome, sede ou sexualidade. Nesta passagem, Skinner critica o conceito como uma “ficção explicativa”, isto é, uma entidade interna inferida que, em sua perspectiva, pouco acrescentaria à explicação funcional do comportamento. Em vez de recorrer a causas internas hipotéticas, Skinner propõe descrever diretamente as condições ambientais e fisiológicas observáveis relacionadas ao comportamento, como privação alimentar, peso corporal ou história de reforçamento (N. dos R.).

³⁹ A expressão “máquinas de ensinar” refere-se aos dispositivos mecânicos e aos sistemas de ensino programado desenvolvidos por Skinner nas décadas de 1950 e 1960, considerados por ele parte de uma tecnologia do ensino baseada nos princípios do condicionamento operante. Embora a expressão possa soar datada ao leitor contemporâneo, ela possui relevância histórica no contexto do desenvolvimento das tecnologias educacionais behavioristas (N. dos R.).

⁴⁰ Nesta passagem, Skinner questiona explicações psicológicas baseadas em traços internos de personalidade, disposições ou entidades mentais hipotéticas, como “dedicação”, “coragem”, “interesse” ou “vontade”. No contexto do behaviorismo radical, tais conceitos são frequentemente compreendidos como descrições de padrões comportamentais e não como causas internas do comportamento. Assim, em vez de atribuir determinadas ações a características internas do indivíduo, Skinner procura explicá-las a partir da história de reforçamento e das contingências



Há uma certeza razoável, com base nas evidências atualmente disponíveis, de que até que ponto uma pessoa aprecia música, arte ou literatura, ou até que ponto uma pessoa continua a trabalhar com elevado interesse em um determinado campo, pode ser atribuído a histórias afortunadas de reforçamento⁴¹. Por exemplo, considere o gosto pelos livros. Uma escola quer se gabar do nível de seus alunos e, por isso, faz com que leiam livros antes do momento adequado. Ninguém fez um esforço razoável para programar uma sequência de livros de modo que, depois de obter um resultado bem-sucedido com a leitura de uma página e depois de outra página e assim sucessivamente, o leitor continue lendo e obtenha satisfações periódicas que mantenham esse comportamento. Se isso fosse feito corretamente, estou certo de que poderíamos desenvolver em qualquer indivíduo uma capacidade extraordinária de apreciar livros, e o mesmo se aplica à música, e assim por diante.

No caso do zelo científico, ensinar alguém a querer tornar-se cientista é algo bastante diferente de ensiná-lo a usar os aparelhos em um laboratório. Você quer programar a descoberta de modo que ele tenha a experiência de fazer uma descoberta no primeiro dia, em sua primeira tentativa. Dois ou três dias depois, ele deve fazer outra e, dez dias depois, outra, e sabemos como estender esse cronograma. Eventualmente, teremos ou um pombo pressionando uma alavanca dez mil vezes por dia durante vários anos, ou um cientista batendo a cabeça contra as paredes de seu laboratório dezesseis horas por dia, durante anos.

Se você já viu uma sala cheia de mulheres jogando bingo (*Rogers ri*), não sei por que as mulheres jogam bingo, mas elas demonstram uma dedicação extraordinária, do tipo que a indústria estadunidense adoraria conseguir por meio dos sistemas salariais habituais. O esquema de razão variável presente no jogo de bingo é suficiente para produzir isso. Elas ficam sentadas por horas com quatro ou cinco cartelas, ouvindo os números e observando atentamente. Isso é algo com que nasceram? Não, é algo que está nelas em razão de sua história de reforçamento, e eu usaria palavras como “prazer” ou “coragem” como exemplos daquilo que você encontraria no indivíduo que estou tentando localizar fora dele.

ROGERS: Essa é uma boa formulação. Também penso nas possibilidades e potencialidades do controle humano que todos nós teremos de enfrentar, assim como nas suas consequências. Tenho dois comentários sobre o que você acabou de dizer. Ao falar das causas externas do comportamento, você falou como se, para cada causa externa que conseguimos encontrar, pudéssemos descartar alguma causa interna equivocada anteriormente postulada. Quero deixar claro que não é exatamente disso que estou falando. Acho que isso certamente faz parte do avanço da ciência. Comportamentos que antes eram tratados como se fossem causados por pequenos homúnculos dentro do indivíduo, ou por diferentes causas internas, passam agora a ser vistos como tendo outros tipos de causa. No entanto, o sujeito possui uma vida subjetiva, além de ser uma cadeia de causa e efeito. Parece-me que isso possui uma importância que você não reconhece.

Quando você disse que frequentemente falava sobre seus sentimentos, eu me perguntei: “Por quê?”. Talvez você ainda não tenha descoberto suas causas. Mas me parece que existem outras razões para falarmos sobre nossos sentimentos. A vida subjetiva do indivíduo possui significado como uma perspectiva sobre a vida que permanece separada e, paradoxalmente, relacionada à nossa visão dele como uma molécula na vasta cadeia de causas e efeitos. Alguém poderia dizer: “Bem, mas essa é apenas uma maneira diferente de olhar para as coisas. Na realidade, isso não faz diferença”. Não, isso não é verdade de forma alguma. Quando a vida subjetiva parece ter importância, adotamos cursos de ação diferentes daqueles que adotamos quando a consideramos destituída de qualquer importância.⁴²

Agora, gostaria de voltar às suas observações sobre as “máquinas de ensinar”. Acho que talvez elas deversem ser chamadas de “máquinas de aprender”, não acha?

SKINNER: Se me permite interromper, o pessoal da informática fala de uma máquina que aprende...

ROGERS: Hmmm, estou entendendo. Então isto seria uma “máquina de aprender”.

SKINNER: ... uma máquina que se modifica em função de sua própria experiência, e acho que eles têm o direito de chamá-la de máquina de aprender.

ROGERS: Está bem.

SKINNER: Em francês, pode-se usar a mesma palavra tanto para aprender quanto para ensinar, mas isso não é possível no inglês.

ambientais relacionadas ao comportamento observado (N. dos R.).

⁴¹ O termo “afortunadas” preserva a ideia presente no original de que tais histórias dependem, em grande medida, de encontros contingentes, históricos e não planejados entre o indivíduo e ambientes que reforçam certos interesses, práticas ou formas de engajamento (N. dos R.).

⁴² A posição expressa por Rogers nesta passagem aproxima-se diretamente da discussão desenvolvida em *Toward a Science of the Person* (Rogers, 1963b). Nesse texto, Rogers argumenta que reconhecer relações causais no comportamento humano não implica reduzir a experiência da pessoa a uma simples cadeia objetiva de causas e efeitos. Ao criticar perspectivas centradas exclusivamente na observação externa do comportamento, o autor afirma que “limitar-se à consideração de comportamentos externamente observáveis e excluir todo o universo de significados internos (...) parece significar fechar os olhos para vastas áreas que se apresentam quando olhamos para o mundo humano” (p. 80). Assim, a vida subjetiva aparece, para Rogers, como uma dimensão legítima e irreduzível da compreensão psicológica e científica da pessoa (N. dos R.).



ROGERS: Está bem, então vamos chamá-las de “máquinas de ensinar”. Parece-me que, dependendo da importância que atribuímos à subjetividade, podemos utilizar o aprendizado programado de maneiras diferentes. A matemática de um aluno está inadequada. Se, naquele momento, ele pudesse recorrer a um programa de matemática para aprender aquilo que precisa saber, isso seria excelente. Se ele precisar saber sobre ótica e houver programas nessa área, poderá recorrer a outro programa e aprender o assunto. Tudo isso justamente em um momento em que seu interesse e necessidade são máximos. A aprendizagem será rápida e eficiente. Essa situação pode conduzir ao que considero o melhor do ensino e da aprendizagem centrados no aluno. Agora vamos escolher alguns exemplos um pouco mais discutíveis. Suponha que o aluno deseje aprimorar sua apreciação da arte. Ele poderia facilmente seguir um programa de apreciação de arte que o levaria a entender os princípios da arte representativa. Ele também poderia fazer um curso que o levasse a entender e apreciar algumas das coisas que os pintores abstratos estão tentando alcançar. Isso seria excelente porque ele se depararia com seus próprios valores, suas próprias decisões, sua própria apreciação pessoal e sua própria posição. Mesmo no campo político, não consigo pensar em nada mais educativo do que haver uma boa sequência de aprendizado programado sobre os princípios e benefícios do modo de vida comunista e um bom programa sobre os princípios e benefícios de uma abordagem mais democrática. Se um estudante tivesse que passar por ambas disciplinas, ele se confrontaria com uma preocupação subjetiva interna, um conflito, uma diferença, que ele teria que resolver dentro de si mesmo. É a isto que me refiro quando digo que dar importância ao subjetivo leva a uma abordagem diferente daquela que consiste simplesmente em moldar o comportamento de uma pessoa.

SKINNER: Talvez eu deva dedicar algum tempo para dizer como vejo a experiência e a vida interior do ponto de vista de uma ciência do comportamento. Não nego, nem por um momento, que cada pessoa tem dentro de sua própria pele uma pequena parte do universo com a qual possui conexões especialmente boas. Você pode ter sua dor de dente, mas eu não posso tê-la, e isso vale para outras condições fisiológicas. Ora, apesar de uma difamação frequentemente lançada contra mim, não creio que o organismo esteja vazio (*Rogers ri*). Tenho certeza de que todo o tipo de atividade acontece lá dentro, mas preocupo-me em não precisar esperar até que os fisiologistas tenham esclarecido tudo para seguir adiante, e acredito que o senhor seguiria na mesma linha.

Mas qual é a natureza da auto-observação nesse caso? Se há coisas acontecendo dentro de você com as quais você possui uma conexão especial, pode-se dizer que essas são aspectos sobre você que ninguém mais poderia conhecer da mesma maneira. Mas será que você as conhecerá? Eu analisei esse problema. Posso ensinar cores a uma criança, caso ela tenha visão cromática, fazendo com que diga “vermelho”, “azul”, “verde” e assim por diante nos momentos apropriados, enquanto estou mostrando o vermelho, o azul e o verde, supondo que eu também tenha visão cromática ou que essas cores estejam identificadas, ou ainda que eu possa analisá-las com um espectrógrafo ou algo do gênero. De qualquer forma, sei algo sobre o estímulo e posso dizer a ele “certo” ou “errado”, à medida que se aprende os nomes das cores. Mas não posso ensinar da mesma forma os nomes de suas próprias emoções. Não posso dizer: “Veja bem, isso é desconfiança, e isso é constrangimento”. Posso acertar corretamente que ele está se sentindo constrangido e usar a palavra constrangido, e ele pode usá-la, mas será que ele a usa da mesma forma que eu? É muito difícil estabelecer um vocabulário comum para a descrição de eventos internos, e isso inclui não apenas eventos emocionais, mas também sensoriais, eventos experienciais, a observação de suas próprias tendências comportamentais, a probabilidade de você se comportar de determinada maneira hoje ou amanhã e o que você fez no passado, bem como o relato de seu comportamento⁴³.

Portanto, embora as pessoas *realmente* observem coisas acontecendo dentro delas enquanto estão sendo estimuladas e enquanto estão agindo de várias maneiras, isso sempre ocorre *após* a ação ou a estimulação. É sempre algo *ex post facto*⁴⁴. E eu diria que os eventos internos que nos parecem tão importantes não são essenciais para a ação e provavelmente não precedem a ação em nenhum caso importante. Quando falo sobre essas coisas internas como ficções, você usou a palavra “errôneo”. Eu não as chamaria de erros: Acho que são ferramentas verbais dispensáveis das quais podemos nos livrar, e lucrar com isso.

Mas quando falo sobre o assunto, as pessoas dizem: “Sim, mas eu consigo sentir minha fome, minha ansiedade, minha timidez”, e assim por diante. Bem, conseguem? Acho que Freud fez uma importante contribuição com a noção de inconsciente. E essa noção de inconsciente não me incomoda. Para mim, os comportamentos consciente e inconsciente são a mesma coisa, com a única diferença de que, no caso do comportamento consciente, você sabe o que está fazendo ou por que está fazendo. No caso do inconsciente, você não sabe. Em outras palavras, essa coisa *ex post facto* pode acontecer no caso de atos conscientes, mas não acontece no caso dos inconscientes. Acho que Freud mostrou claramente que os tipos de variáveis que influenciam o comportamento consciente também podem ser demonstrados como responsáveis pelo comportamento inconsciente. Ele liberou a natureza causal da experiência da necessidade de observação. Ou seja, o que acontece com você afetará seu comportamento, quer você saiba

⁴³ Nesta passagem, Skinner aborda um problema central do behaviorismo radical: a dificuldade de estabelecer um vocabulário público e compartilhado para a descrição de eventos privados, como emoções, sensações e experiências subjetivas. Sua crítica dirige-se especialmente à introspecção clássica, entendida como a ideia de que os indivíduos poderiam observar diretamente seus próprios estados internos e descrevê-los de maneira objetiva e cientificamente confiável. Para Skinner, embora os eventos privados existam, a linguagem utilizada para descrevê-los é aprendida socialmente e depende de critérios públicos de uso. Assim, termos referentes à experiência subjetiva não seriam acessados de maneira puramente privada ou imediata (N. dos R.).

⁴⁴ Expressão latina que significa “de algo feito após o fato” (Nota das Tradutoras).



disso ou não. Quando você sabe, dizemos que é consciente. Quando não sabe, dizemos que é não consciente. A evidência de Freud não é conclusiva para todos, mas aceitamos o princípio geral de que há coisas que fazemos que não sabemos que estamos fazendo, ou que não sabemos que fizemos, ou que não sabemos que vamos fazer. Há razões para agir que não temos conhecimento. Há outras que conhecemos. Se esse for o caso, então a experiência será sempre algo que se segue à ação, ou pelo menos à disposição para agir, e não terá nenhum status causal. E eu olharia, além da experiência, para aquilo que dá origem à experiência.

Suas referências à educação seguem a linha, é claro, que Rousseau retratou pela primeira vez de forma tão bela naquele maravilhoso livro *Émile*, que John Dewey, William James e outros defendiam no final do século passado, de que é preciso que o aluno esteja interessado. Se você conseguir interessá-lo, ele aprenderá. O senhor sugere que, se alguém quiser construir um telescópio, recorrerá ao programa adequado para aprender sobre ótica. O que me preocupa é o fato de ele querer construir o telescópio. Se para você isso significa que há algo dentro dele que o leva a construir um telescópio, então a máquina de ensino se aplicaria apenas para mostrar a ele como fazer isso. Mas eu quero rastrear o desejo de construir um telescópio até eventos anteriores fora dele, nos quais ele entrou em contato com telescópios, ou fotos de telescópios, ou livros sobre, e assim por diante. Quanto ao aluno que deseja aprender mais sobre arte, você diz que não há problema em utilizar a instrução programada para ensinar ao aluno aquilo que ele deseja saber. Mas eu quero ensiná-lo a querer saber mais sobre arte, e acredito que isso pode ser feito, não é algo que surge espontaneamente dentro dele; isso vem de sua própria história passada.

ROGERS: Tenho várias ideias sobre o que você está dizendo, mas me parece que talvez eu possa me comunicar melhor por meio de uma história que considero relevante para essa discussão. Há pouco tempo, um dos meus clientes estava tentando me contar como ele sempre conseguiu lidar com a autoridade e com todos os tipos de situações difíceis, jogando-se para o nada. Foi uma descoberta nova para ele perceber que simplesmente se retraía e travava sempre que alguém fazia muitas exigências a ele. Enquanto eu escutava tudo o que ele dizia (era mais confuso do que o modo como estou contando), eu disse a ele: “A maneira como eu ouço o que você está me contando é que você tinha uma espécie de piada interna contra o mundo. Ninguém poderia derrotá-lo. Você podia simplesmente se recolher para dentro de si mesmo e essa era sua pequena piada”. Ele ouviu e pensou por um momento e depois começou a rir. Depois, começou a rir de forma incontrolável e ficou envergonhado, pois queria parar. Nós dois percebemos que, pela primeira vez, ele estava desfrutando abertamente de uma brincadeira que vinha fazendo com o mundo há anos⁴⁵.

Agora, onde isso se encaixa? Bem, para mim, encaixa-se de várias maneiras. Sem dúvida, quando falo com ele sobre aquele incidente, estou falando de um comportamento que tem suas raízes no passado – não há dúvida quanto a isso. Estou falando também da sua afirmação de que não poderíamos ensinar a uma pessoa o que nomear de sentimento. De certa forma, a psicoterapia é parcialmente isso, e esse é um exemplo bastante vívido disso. Ele certamente nunca pensou em si mesmo como alguém que estivesse fazendo uma brincadeira com a vida ou com as pessoas que tentavam controlá-lo. No entanto, quando isso foi colocado nesses termos, de repente todos os tipos de alarmes internos foram disparados e ele percebeu: “É isso mesmo”, e começou a rir da brincadeira que vinha fazendo com a vida há anos.

Talvez, ao contar um pequeno incidente desse tipo, eu também possa comunicar que uma explicação puramente externa não constitui um retrato completo da aprendizagem interna que ocorreu. Tenho certeza de que ambos somos influenciados por nossas próprias experiências passadas, pois provavelmente você não teve a oportunidade de saber o que se passa dentro do pombo e do rato da mesma forma que eu tive a chance de saber o que se passa dentro do ser humano. Acho que, por causa dessa diferença em nossas experiências passadas, você tende a focalizar apenas uma dimensão da situação, enquanto, para mim, ambas as dimensões são significativas⁴⁶.

SKINNER: Bem, deixe-me relatar minhas reações a essa história. O fenômeno de fugir dos possíveis controladores é, obviamente, característico. O estudante mata aula. A educação tem sua própria palavra para isso – “eva-

⁴⁵ O episódio clínico descrito por Rogers sugere uma compreensão da experiência humana que não se reduz a uma interioridade puramente individual ou subjetivista. O reconhecimento experiencial do cliente emerge no contexto relacional da escuta terapêutica, por meio de um processo interpessoal de ressonância e cocompreensão. Em “Toward a Science of the Person”, Rogers (1963b) desenvolve essa dimensão interpessoal da experiência ao discutir formas fenomenológicas de conhecimento humano. Rogers responde a Skinner com uma situação clínica na qual a compreensão de uma experiência emerge precisamente através da interação interpessoal. Ou seja, a nomeação não surge nem de uma observação privada isolada nem de uma mera rotulação externa, mas de um processo relacional de reconhecimento. Trata-se de um contraexemplo direto à tese do Skinner apresentada algumas páginas antes. Skinner havia argumentado que é extremamente difícil ensinar alguém a nomear eventos internos porque não existe um critério público equivalente ao que existe para as cores. Em diálogo com essas formulações, perspectivas fenomenológicas contemporâneas sobre intersubjetividade, como as desenvolvidas por Dan Zahavi em “Você, eu e nós: o compartilhamento de experiências emocionais” (2014), descrevem a experiência subjetiva não como produto de uma mente isolada, mas como constituída em processos de coparticipação interpessoal e reconhecimento mútuo (N. dos R.).

⁴⁶ Ao afirmar que “ambas as dimensões são significativas”, Rogers parece referir-se simultaneamente à observação externa do comportamento e à experiência subjetiva vivida pela pessoa. Essa posição é desenvolvida de forma mais sistemática em “Toward a Science of the Person” (1963b), texto contemporâneo a este diálogo, no qual Rogers argumenta que uma compreensão adequada do ser humano exige a articulação de diferentes perspectivas de conhecimento. É interessante notar que, no exemplo clínico apresentado anteriormente, o reconhecimento da experiência não emerge apenas da observação externa (terceira pessoa) nem exclusivamente da auto-observação do cliente (primeira pessoa), mas de um processo interpessoal de comunicação e construção compartilhada de significado entre terapeuta e cliente, sugerindo também a importância de uma dimensão relacional ou dialógica da experiência. Essa leitura permite compreender a posição rogeriana não como uma oposição entre subjetividade e objetividade, mas como uma tentativa de integrar diferentes perspectivas de acesso à experiência humana (N. dos R.).



são”⁴⁷ – que, aliás, deriva de uma antiga palavra que significa algo como “vagabundo” ou “miserável”⁴⁸. A religião tem sua apostasia. O governo tem seus desertores (sua própria versão de apostasia). A economia tem as greves, nas quais as pessoas se recusam a trabalhar, embora sejam pagas, ou os boicotes de consumidores, nos quais se recusam a comprar produtos considerados caros, e assim por diante. Essas são reações a tentativas de controle, exercidas não apenas por controladores organizados, mas também pelo controle ético mais amplo, no sentido de controle exercido pelo grupo ao qual a pessoa pertence. O eremita é um fugitivo da vida social. Um *beatnik*⁴⁹ é um tipo diferente de fugitivo. O tipo de pessoa interior, fechada e retraída também é assim.

Agora, evidentemente você está trabalhando com uma pessoa que recorreu a esse tipo de reação ao controle. Se ele próprio usou as expressões “fechou-se” e “se sentiu inexpressivo”⁵⁰ sem nenhuma orientação, isso me indicaria que ele estava caracterizando seu comportamento de uma forma um tanto quanto metafórica. Talvez você não queira que seja uma metáfora, mas eu quero. Penso comigo: “Puxando-se para dentro?”⁵¹ Não sei o que isso significa para você. Você tem o mesmo tamanho que tinha antes. Mas você pode estar se tornando histericamente cego para o ambiente, ou simplesmente não notando as coisas. Você certamente está se fechando em seu mundo, pois está cortando as reações a ele (ao ambiente). Agora, evidentemente, você está trabalhando com uma pessoa que recorreu a esse tipo de reação ao controle. Se ele próprio usou as palavras “puxar-se para dentro e ficar inexpressivo”, sem qualquer orientação, isso me indicaria que estava caracterizando o comportamento de forma bastante metafórica. Talvez você não queira que isso seja uma metáfora, mas eu quero. Penso comigo: “Puxar-se para dentro? Não sei o que isso significa. Você continua do mesmo tamanho que tinha antes. Mas pode estar se tornando histericamente cego ao ambiente, ou simplesmente deixando de perceber o que existe ao seu redor. Você certamente está se recolhendo ao seu próprio mundo, pois está interrompendo suas reações a ele”⁵². Então, o primeiro passo na história dessa pessoa é que ela reagiu dessa forma e, presumivelmente, isso a colocou em dificuldade. Foi por isso que ele veio falar com você. Então, talvez pela primeira vez, você lhe mostrou, ou ao conversar com você ela indicou a si mesmo, que estava usando esse recurso para evitar ser controlada. Talvez ela nunca tenha percebido isso por conta própria. O eremita pode não perceber que a razão pela qual ele gosta da vida de eremita é que ninguém o critica, ou alguma outra razão do tipo. Mas agora ele passa a ter um *insight*⁵³, se preferir, do reforço negativo que o está levando a comportar-se dessa maneira. Esse seria o segundo passo. Primeiro, a fuga efetiva do controle. Segundo, o reconhecimento de que se trata de uma fuga. Ele pode muito bem escapar sem saber que está fazendo isso. Agora ele vê que está fazendo isso.

Não consigo explicar o riso dele. Talvez tenha sido pela súbita percepção do que estava acontecendo, mas, de qualquer modo, eu não sei explicar o riso, então isso não me incomoda. Nesse caso, o riso ocorreu, mas não suponha que ocorreria inevitavelmente com alguém que subitamente percebesse que estava se afastando da sociedade e escapando de suas influências. Algumas dessas coisas talvez já lhe fossem conhecidas antes de procurar você. Tenho certeza de que, ao conversar com você, ele percebeu mais claramente o que estava fazendo e as razões pelas quais o fazia. Para mim, essa é a substância humana do processo de autocompreensão em um caso como esse.

ROGERS: Bem, não sei se isso nos leva a algum lugar na discussão intelectual. Sua recusa em compreender qualquer experiência humana que não seja em termos altamente estruturados e intelectualistas, realmente me fascina; e fiquei particularmente intrigado com sua reação à frase “puxar-se para dentro”. Você comenta que, na verdade, ele continuava tão grande depois de se recolher quanto era antes. Isso certamente é verdade, mas é diferente do tipo de coisa que tem sido significativa em minha própria experiência. Quando um cliente começa a falar em termos de analogias e fantasias, percebo que ele está começando a chegar a algum lugar. A pessoa que é capaz de falar em

⁴⁷ Skinner utiliza aqui um termo associado à tradição educacional norte-americana que remete ao ato de faltar deliberadamente às aulas ou esquivar-se da frequência escolar obrigatória (*truancy*). Optamos pela tradução “evasão” por aproximá-la do campo educacional, embora o termo não corresponda exatamente ao sentido contemporâneo de evasão escolar em português, que costuma designar o abandono definitivo dos estudos. No contexto da argumentação de Skinner, o exemplo é utilizado para ilustrar formas de resistência ou fuga diante de tentativas de controle social, isto é, comportamentos pelos quais indivíduos resistem, evitam ou escapam de tentativas de controle exercidas por outras pessoas ou instituições. (N. dos R.)

⁴⁸ Etimologicamente, é algo como “conduta do faltoso”, “negligência” do dever (N. do E.)

⁴⁹ A palavra *Beatnik* refere ao participante do movimento *beat*, movimento de contracultura nos anos 1950 nos Estados Unidos. Associado a artistas, escritores músicos, e poetas, apontava para uma vida antimaterialista. A expressão “geração beat” foi introduzida por Jack Kerouac, em 1948 (N. dos R.).

⁵⁰ No original: “If he, himself, used the words “pulled in and became blank” without any direction”. Outra possibilidade de tradução seria “puxar-se para dentro e se tornar inexpressivo”, ou “puxar-se para dentro e se tornar inerte”. Como destacado pelas primeiras tradutoras, “became blank” dá uma ideia de que alguém fica apático, paralisado, ausente emocionalmente, inerte, dormente, congelado, esvaziado ou externo ao campo sensorial imediato (N. do E.).

⁵¹ Ou “fechou-se”? (N. do E.).

⁵² A argumentação de Skinner ilustra uma diferença importante entre as perspectivas dos dois autores: enquanto Rogers toma expressões como “puxar-se para dentro” ou “fechar-se” como descrições significativas da experiência vivida, Skinner procura reinterpretá-las como formas metafóricas de descrever alterações observáveis na relação do indivíduo com o ambiente (N. dos R.).

⁵³ No original: “But now he gets an insight...”. A palavra *insight* está consideravelmente presente da literatura, e costuma ser traduzida por “visão”, “iluminação” ou “compreensão”, no sentido de uma apreensão de algo. Dada sua circulação na linguagem e na literatura, preferimos manter a palavra no original sem tradução em particular (N. do E.).



termos de fantasia ou metáfora, termos não relacionados à estrutura estrita da vida cotidiana, está pensando e sentindo significativamente sobre os significados mais profundos de sua própria vida. Tenho certeza de que tanto o “fechar-se” quanto o “ficar inexpressivo” que ele descreveu poderiam ser considerados termos sem sentido comportamental, mas, como termos descritivos de sua própria orientação subjetiva diante da vida, são extremamente significativos.

De alguma forma, em suas últimas observações, percebi com mais clareza do que antes qual pode ser a diferença entre nós. Parece-me que você está dizendo que toda a vida, ou qualquer incidente específico, pode ser cuidadosamente organizado ou analisado em termos estritamente intelectuais, que nada têm a ver com significado e que constituem meras descrições diretas de acontecimentos externos. Isso é ótimo, se for possível fazê-lo, mas eu não acredito nisso. Um ponto de vista tão restrito corre o mesmo risco de alguns alunos que costumávamos encontrar em Chicago, que haviam se comprometido toda a sua vida com a crença de que “não preciso sentir; não preciso escolher; tudo pode ser resolvido de forma racional; minha vida será vivida sobre uma base completamente”. Isso é muito bom, exceto pelo fato de que simplesmente não funciona.

SKINNER: Achei que havia concordado com a existência dessas experiências. O que eu contesto é a suposição de eficácia causal. Eu sei que você não deve ser responsabilizado pela psicologia freudiana...

ROGERS: Não, realmente não deveria.

SKINNER: ... mas eu gostaria de dar um exemplo. O que quero destacar é que, com Freud, devido à metáfora elaborada que ele usou para lidar com a relação entre os eventos mentais internos e a autoridade externa que ele alegou alcançar (e conversei com bons psicanalistas que concordam com isso), não há evidências disponíveis para estabelecer a sequência temporal entre a cura e a lembrança de uma experiência traumática. Pode ser que, como os freudianos gostariam que fosse, com base na analogia da excisão de um tumor, o fato de trazer a experiência traumática para fora do inconsciente provoque a cura. Mas também pode ser que a cura permita que o paciente reconheça e se lembre de uma experiência traumática. Portanto, não é possível ter certeza de que você extirpou a causa do problema e produziu o efeito terapêutico em si

Agora, como eu disse, não estou atribuindo isso a você, mas penso que você tende a ordenar os eventos de tal forma que a compreensão da experiência interior preceda as consequências evidentes dela. Você disse que quando um cliente começa a falar em termos de analogias ou a relatar fantasias, ele começa a chegar a algum lugar. Presumo que esse “chegar a algum lugar” signifique que ele agora começa a compreender a si mesmo, talvez até mesmo a encontrar melhores maneiras de lidar com o mundo. Se você me permite supor que esse “chegar a algum lugar” é passível de uma descrição racional, acho que a questão entre nós é se a compreensão racional de uma pessoa sobre sua posição no mundo decorre ou não de vislumbres irracionais ou fantasiosos de sua própria experiência, ou se as experiências vêm depois de alguma compreensão do fato racional. Meu exemplo do “fechar-se” seguiu essa linha. Sugerir que a primeira coisa que aconteceu com esse cliente foi entender que, ao se recolher em si mesmo, como ele disse, estava de fato fugindo de aspectos desagradáveis do mundo ao seu redor. Ele poderia ter realizado esse afastamento e percebido que o fazia sem saber que a principal consequência era libertar-se de estimulação aversiva. Então, eu teria dito que qualquer metáfora que ele pudesse usar, talvez associada a uma piada (que, nesse caso, lhe foi sugerida), viria depois, e não antes da compreensão efetiva dos acontecimentos externos. Por acontecimentos externos, refiro-me ao comportamento em relação às variáveis de controle. Ele percebeu que estava se afastando de coisas importantes no ambiente porque, ao fazê-lo, reduzia a estimulação aversiva em sua vida.

Teremos que concordar em discordar sobre esse ponto ou tentar esclarecê-lo melhor. Estou levantando a questão da importância relativa dessas experiências, não de sua existência.

ROGERS: Muito bem. Eu não acredito que tenhamos qualquer divergência fundamental quanto à abordagem que se deve adotar na tentativa de resolver uma questão científica. Por exemplo, estou muito interessado no que realmente produz mudanças na psicoterapia. Já considerei todos os tipos de hipóteses, inclusive a possibilidade de a psicoterapia ser um condicionamento operante. Ambos acreditamos, creio eu, que poderiam ser realizados estudos que gradualmente lançariam luz sobre as causas da mudança. Não penso que discordemos quanto ao tipo de abordagem necessária para obter uma resposta científica para um determinado problema. Mas minha própria hipótese é que a experiência precede o *insight*, e entendi que você estava afirmando o contrário. Penso que, quando essa pessoa soltou uma gargalhada incontrolável, ela estava apreciando e experimentando a satisfação de enganar seus controladores, para usar sua terminologia, e que, posteriormente, como consequência dessa experiência, seria capaz de colocar esse tipo de *insight* em palavras. Novamente, isso é uma questão empírica, e a evidência pode revelar exatamente o oposto.⁵⁴

⁵⁴ A hipótese formulada por Rogers neste trecho, segundo a qual a experiência precede a tomada de consciência, encontra ressonância em “Toward a Science of the Person” (1963b). Nesse texto, Rogers argumenta que a experiência humana não se reduz ao que já foi conceitualmente organizado ou verbalizado pela pessoa. Ao contrário, a experiência imediata constitui um campo mais amplo de vivências, significados e sentidos ainda não plenamente simbolizados, dos quais a consciência reflexiva representa apenas uma parcela. Nessa perspectiva, a compreensão explícita e a formulação verbal não são o ponto de partida da mudança, mas podem emergir posteriormente como tentativas de simbolizar e dar sentido a algo que já estava sendo vivido experiencialmente. Assim, a posição defendida por Rogers neste diálogo sugere que certos aspectos da experiência podem ser sentidos e vividos antes de serem reconhecidos, compreendidos ou colocados em palavras. Nesse sentido, a divergência entre Rogers e Skinner neste trecho parece dizer respeito não à existência da experiência subjetiva, mas à sequência pela qual ela se torna



Outro comentário que gostaria de fazer é que me parece que você ainda acredita que, quando falo de experiências subjetivas, experiências internas e assim por diante, estou tratando-as como causas de algo externo. Em outras palavras, como se eu estivesse introduzindo alguma força externa para produzir determinados efeitos. Não é esse o significado que lhes atribuo. A experiência subjetiva do ser humano, em minha opinião, é uma dimensão anterior; uma dimensão que precede nossos interesses científicos, nossas atividades científicas e nosso comportamento científico. É um fato mais primitivo do que nosso comportamento científico. Não a considero um pequeno dispositivo destinado a produzir explicações causais. Penso nela como uma dimensão significativa da vida: mais primitiva, mais básica, um aspecto da existência ao qual recorreremos para avaliar se consideramos uma abordagem científica melhor do que outra. Como parte de nossa vida e experiência subjetivas, desenvolvemos gradualmente um conjunto maravilhosamente complexo de regras para evitar o autoengano, e chamamos isso de ciência. Tenho grande respeito por isso e penso que avançamos significativamente por meio da ciência, mas seria lamentável se essa perspectiva mais restrita da ciência nos cegasse para o fato de que somos também, e fundamentalmente, seres subjetivos⁵⁵.

SKINNER: Bem, acho que isso continuará sendo uma diferença.

ROGERS: Suspeito que sim.

SKINNER: Você tem algumas autoridades poderosas e importantes do seu lado. Houve um considerável ressurgimento do interesse nos aspectos pessoais da ciência. O professor Bridgman⁵⁶, antes de morrer, costumava defender essa posição. Passei horas tentando explicar a ele como lidar com a questão de saber se o verde que ele vê não é o vermelho que eu vejo, e assim por diante, e ele foi para o túmulo sem saber a resposta e muito preocupado com isso. Acho que essa é a perspectiva errada. Não considero que a ciência seja a experiência dos cientistas. Ela é um conjunto de procedimentos e práticas. Eu detestaria pensar que a física é, de alguma forma, aquilo que se passa na mente de um físico. Ela é aquilo que os físicos fizeram e aquilo que podem fazer. É uma série de marcas pertencentes a linguagens convencionais que permitem que outras pessoas façam coisas, inclusive falar sobre elas mesmas quantitativamente.

Se a experiência parece imediata, valiosa e importante, acho que é outra consequência do fato de que cada um de nós tem uma pequena parte do universo dentro de sua própria pele e está em contato com ele. Se eu quiser ensinar a uma criança o significado da expressão “dor de dente”, preciso saber quando ela está com dor de dente. Se eu for um dentista e estiver examinando a criança e ela der um pulo, digo: “aí está, isso é uma dor de dente”. Ou, se a criança chega e sua mandíbula está inchada, digo: “você está com dor de dente”. A evidência para o dentista é a visão de um dente cariado e de um instrumento metálico tocando-o. A visão de uma mandíbula inchada ou de uma mão apoiada sobre a mandíbula constitui outro tipo de evidência. Esses são os estímulos mediadores que me permitem ensinar à criança o significado da expressão “dor de dente”. Mas a criança está recebendo uma estimulação muito poderosa do próprio dente e, daí em diante, é isso que ela quer dizer quando usa a expressão “dor de dente”. Isso é muito mais importante para ela do que os critérios externos que a comunidade utilizou para lhe ensinar esse termo.

Quando há estímulos poderosos desse tipo, eles naturalmente assumem o controle da palavra, e aquilo a que a palavra se refere para a criança é o estímulo doloroso real, não uma mão na mandíbula. No caso do comportamento humano e de outras situações em que lidamos com uma variedade de estímulos externos sem fortes contrapartidas internas, os termos continuam a referir-se àquilo que é evidente para a comunidade. Isso geralmente se aplica à linguagem que descreve nosso próprio comportamento. Aprendemos essa linguagem quando o comportamento é suficientemente evidente e amplo para que possamos dizer: “Sim, agora você está levantando a mão. Agora está dizendo a palavra ‘Now’ (agora), e assim por diante”. Mais tarde, porém, você pode levantar a mão sem mover um músculo e pode dizer uma palavra para si mesmo, movendo pequenos músculos ou até mesmo nenhum. Você diz: “Sim, há pouco falei algo para mim mesmo”. Fecho os olhos e consigo ver esta sala razoavelmente bem, e sou perfeitamente franco ao dizer que estou fazendo isso. Está acontecendo algo semelhante ao que aconteceria quando meus olhos estavam abertos, e posso relatar isso.⁵⁷

compreensível. Enquanto Skinner enfatiza a compreensão das contingências comportamentais como condição para o reconhecimento da experiência, Rogers sugere que a experiência vivida pode anteceder sua simbolização e posterior elaboração consciente (N. dos R.).

⁵⁵ Neste trecho, Rogers procura esclarecer uma possível interpretação equivocada de sua posição. Ao defender a importância da experiência subjetiva, ele não a apresenta como uma hipótese explicativa, uma entidade teórica ou uma causa interna do comportamento. Pelo contrário, argumenta que a experiência constitui uma dimensão mais primitiva e fundamental da existência humana, anterior às próprias atividades científicas pelas quais buscamos explicar o comportamento. Essa posição é desenvolvida de forma mais sistemática em “Toward a Science of the Person”, onde Rogers (1963b) sustenta que a experiência imediata não é um objeto a ser explicado pela ciência, mas o campo originário a partir do qual toda investigação científica se torna possível. Nesse sentido, a experiência subjetiva não é tratada como uma variável causal concorrente às explicações científicas, mas como uma condição de possibilidade para qualquer forma de conhecimento, inclusive o conhecimento científico. Essa formulação aproxima-se de perspectivas fenomenológicas segundo as quais toda atividade reflexiva e científica emerge de uma experiência pré-reflexiva do mundo (N. dos R.).

⁵⁶ Percy W. Bridgman (1882-1961) foi um físico norte-americano, vencedor do Prêmio Nobel de Física em 1946, conhecido por sua formulação do operacionalismo. Bridgman interessou-se por questões relativas à relação entre experiência subjetiva e conhecimento científico, incluindo o problema filosófico de saber se diferentes pessoas vivenciam qualidades perceptivas, como as cores, da mesma maneira. Skinner menciona esse debate como exemplo de uma questão que considerava secundária para a prática científica (N. dos R.).

⁵⁷ Este trecho ilustra uma das formulações centrais do behaviorismo radical de Skinner acerca dos chamados eventos privados. Diferentemente



Em geral, enquanto aqueles que lidam com a experiência tendem a dar grande importância à estimulação interna, aqueles que lidam com o comportamento tendem a falar mais sobre os elementos comuns disponíveis tanto para a comunidade verbal quanto para o indivíduo. Naturalmente, eu gostaria de minimizar a importância da dor de dente e lidar com uma definição operacional de “dor de dente”. (Rogers *ri*). Isso pode parecer terrivelmente tolo, porque sabemos o que são dores de dente e o quão importantes e poderosas elas são. Mas as definições operacionais que descrevem o próprio comportamento e os estados de humor são bastante diferentes e, em geral, prefiro permanecer no nível do comportamento, sem negar de forma alguma que, quando estou com raiva de alguém, algo está acontecendo comigo ao qual posso reagir como reajo a uma dor de dente, embora eu ainda defina a raiva em termos do dano causado aos outros. Quero uma definição comportamental da raiva, embora, em muitos casos, tenha sido possível obter uma razoável consistência pedindo às pessoas que descrevessem sensações como pressões vividas e opacas no peito, como se fazia antigamente ⁵⁸.

ROGERS: Mas esse desejo por uma descrição comportamental da raiva dificilmente se aplicaria quando você está com raiva.

SKINNER: Não teria se aplicado quando eu era jovem. Agora, como cientista, aplica-se muito. Quando eu era criança, não saberia descrever o comportamento e teria escolhido a palavra “raiva” associado-a aos estímulos marcantes, embora nem sempre consistentes, produzidos pelo sistema nervoso autônomo, entre outras coisas. Agora, quero definir a raiva de uma forma que descreva meus atos de raiva. Se eu tivesse dito algo hoje com a intenção de magoá-lo e não tivesse percebido isso, eu estaria demonstrando falta de discernimento científico, não desconhecimento dos meus sentimentos. Confesso que não senti raiva de você em nenhum momento hoje, mas se alguém pudesse me provar que eu usei um exemplo ou uma figura de linguagem como uma provocação, essa seria uma definição comportamental objetiva de raiva, e eu confiaria mais na evidência de outra pessoa de que eu senti raiva de você do que na evidência dos meus próprios sentimentos.

ROGERS: Bem, isso é extremamente interessante. Não tenho certeza se quando você sente raiva, você diz a si mesmo: “Estou tendo algumas reações autonômicas dirigidas a fulano de tal”. É realmente tão intelectual assim?

SKINNER: Não. Em geral, certos tipos de padrões de comportamento são acompanhados por descargas autonômicas. Nem sempre se trata de emoção. Exercício físico intenso também produz esse tipo de reação.

ROGERS: Claro.

SKINNER: Essa coisa que chamamos de raiva, que eu gostaria de definir em termos comportamentais como uma predisposição para prejudicar ou causar dano – essa é uma definição comportamental – é muitas vezes acompanhada por estímulos que são relativamente consistentes, de modo que, sem me mover e sem perceber⁵⁹ qualquer impulso real para agir de determinada forma, posso relatar que sinto raiva. Uma das coisas que Freud fez foi nos levar a examinar nossos atos. Não para descobrir nossos sentimentos, porque estes eram inconscientes, mas para descobrir as consequências que participavam da determinação de nosso comportamento. Considero isso uma análise comportamental de uma emoção. Todo comportamento inconsciente, por definição, tem de ser compreendido nesses termos.

ROGERS: Terei que refletir a respeito disso. Estou tentando descobrir se você tem ou não consciência de viver subjetivamente. Em alguns momentos, você parece se expressar a partir das duas perspectivas, e por isso já não tenho tanta certeza a esse respeito. Pelo seu bem, espero que sim, mas...

SKINNER: Bem, espero que sim. Se você quer dizer que aprendi a observar certos estados do meu próprio corpo e a discuti-los de maneira consistente em conexão com os meus comportamentos, posso relatar a você que

de interpretações que atribuem ao behaviorismo uma negação da experiência subjetiva, Skinner reconhece a existência de sensações, pensamentos, imagens mentais e outras experiências acessíveis apenas ao próprio indivíduo. Seu interesse, entretanto, concentra-se em explicar como aprendemos a descrevê-las. Segundo sua proposta, a comunidade verbal ensina inicialmente o uso das palavras com base em situações públicas e observáveis. Posteriormente, essas mesmas palavras passam a ser utilizadas para descrever eventos privados, como dor, pensamento ou imaginação. Assim, a questão central para Skinner não é a existência da experiência subjetiva, mas os processos pelos quais ela se torna passível de descrição e comunicação (N. dos R.).

⁵⁸ A referência às descrições de “pressões vividas e opacas no peito” parece remeter aos métodos introspeccionistas desenvolvidos por psicólogos estruturalistas no final do século XIX e início do século XX, particularmente associados a Edward Titchener. Nessa tradição, os participantes eram treinados a descrever suas experiências conscientes em termos de qualidades sensoriais elementares. Skinner menciona esse procedimento para contrastá-lo com sua própria proposta de definição psicológica. Embora não negue a existência das sensações associadas às emoções, ele argumenta que fenômenos como a raiva devem ser definidos principalmente por sua função comportamental e pelas relações que estabelecem com o ambiente, e não pelas sensações subjetivas que os acompanham. Skinner está discutindo o critério de definição científica da emoção, não a existência da emoção em si (N. dos R.).

⁵⁹ No original: “...without being aware of any real impulse to act in a certain way”, sendo o “perceber” correlato a “being aware”, como “estar ciente” (N. dos R.).



gosto de ouvir Wagner e o que estou fazendo quando o escuto, e assim por diante. Suponho que vivo uma vida emocional, nesse sentido. Mas não é isso que me interessa nas minhas emoções. Espero continuar aproveitando a vida dessa maneira. O que me interessa é a minha emoção no sentido da minha disposição de agir desta ou daquela forma em relação a uma variedade de situações. Muitas vezes voltei a algo que escrevi e fiquei chocado ao descobrir palavras carregadas emocionalmente. Eu não tinha consciência disso naquela época e não consigo acreditar agora que me sentisse assim em relação a alguém; e, ao dizer isso, tudo o que quero dizer é que eu estava inclinado a prejudicar essa pessoa de alguma forma. Esta é uma descoberta independente de qualquer estímulo aqui (*gestos em direção ao seu corpo*) ou onde quer que ele esteja. Acho que, para mim, é algo trivial descobrir que estou com raiva. Acho importante descobrir se meu comportamento em relação às pessoas em geral é ou não um comportamento raivoso, e isso parece estar praticamente desconectado do que está acontecendo dentro de mim. Posso gostar de estar com raiva de alguém, e posso desfrutar de outras emoções melhores do que a raiva. Espero continuar fazendo isso. Nesse sentido, é claro que eu vivo uma vida de experiência.

ROGERS: Eu compartilho isso com você, porque também vivo uma vida de sentimentos. Às vezes me arrependo deles e, em outros momentos, desfruto deles, e assim por diante. Parte do que tenho tentado dizer é que o sentimento subjetivo da própria vida é uma parte extremamente importante de ser humano. Não vejo razão para me sentir constrangido em relação a isso. Isso confere dimensão e perspectiva às nossas visões objetivas.

Antes de nos aprofundarmos nesse assunto, gostaria de voltar a alguns de seus comentários sobre ciência que me interessaram bastante. Se eu entendi corretamente, você realmente vê o conhecimento científico como um *corpus* de fatos externos que existe independentemente de você, de mim, do físico ou de qualquer outra pessoa, como algo que está aí, em um espaço semântico. Acho que um dos esforços da ciência é alcançar tal corpo de verdade, separado de qualquer indivíduo. Ainda assim, a prática efetiva da ciência é algo altamente pessoal, governada por decisões subjetivas nas quais escolhas subjetivas determinam muitas coisas: o que estudaremos; os métodos que utilizaremos; o tipo de significado que extrairemos disso. Quando pessoas suficientes extraem significados semelhantes de experiências similares, dizemos: “Isso parece ser um fato científico bem verificado”. Mas ainda assim se baseia em uma base subjetiva.

Acho que nunca tentei colocar o que vou dizer em palavras, e não tenho certeza de como vai soar, mas ao observar clientes que caminham em direção a um melhor ajustamento, à medida que elaboram suas questões na terapia, tenho a impressão de que aprendem, de certa forma, a viver uma ciência subjetiva. Talvez isso pareça uma contradição em termos, mas, à medida que a pessoa se torna mais aberta ao que está acontecendo dentro de si, ela dispõe de melhores dados sobre os quais agir. É mais provável que suas hipóteses sejam confirmadas por sua experiência. O sujeito está, de uma maneira curiosa, vivendo o melhor da ciência em uma base subjetiva interna, no que diz respeito aos eventos que ocorrem dentro de si, às hipóteses que ele formula a partir desses eventos e aos comportamentos consequentes sobre os quais ele age. Isso sempre me intrigou.

SKINNER: Bom, estávamos nos dando bem por um ou dois minutos. Eu estava admitindo que apreciava minhas experiências e você estava apreciando as suas. Tudo ia bem até que você começou a atribuir a elas a responsabilidade por escolhas e decisões, e aí você passa a tratá-las como fazendo algo, mas elas não fazem nada. Elas são o resultado de se fazer algo. Quando uma pessoa está tomando uma decisão, sem dúvida está trabalhando sobre si mesma, mas por meio do ambiente, ou por meio de uma internalização da ação que foi inicialmente aprendida no ambiente. Posteriormente, ela poderá sentir a convicção de uma escolha ou decisão, mas isso é algo que vem depois.

Se eu fosse ensinar alguém a tomar decisões, não tentaria ensiná-lo a partir de sua vida interior. Eu lhe ensinaria os procedimentos externos, matemáticos e estatísticos que permitem chegar à decisão mais provável em um determinado conjunto de circunstâncias. Agora, o que acontece quando se toma uma decisão relâmpago? Não acho que você ou eu saibamos. Nenhum de nós dispõe de dados internos ou externos. A coisa acontece rápido demais para ser acompanhada. Eu insisto na distinção de eficácia casual. Não quero dizer que uma pessoa que chegou a uma decisão sobre sua própria vida não sinta essa decisão. Ela sente que a decisão é correta. Sente aquilo que agora vai fazer, e assim por diante. Mas eu iria o mais longe possível ao questionar se os ingredientes essenciais aqui não seriam o ambiente e suas manipulações autogeridas e autocontroladas [do ambiente].

ROGERS: Eu sinto muitas coisas sobre isso, mas você teve a gentileza de me conceder a primeira fala nesta tarde, e vejo pelo relógio que nosso tempo realmente se esgotou, então vou lhe dar a última palavra em nossa discussão hoje⁶⁰.

[Fim do debate do primeiro dia]

SKINNER: Dr. Rogers gentilmente se ofereceu para me deixar começar primeiro desta vez, já que eu o deixei fazer isso ontem. Espero que isso seja simbólico de um esforço contínuo para tratarmos um ao outro de maneira justa ao longo deste extenso diálogo. Quero retomar dois pontos em minhas observações iniciais desta manhã. Pri-

⁶⁰ A fala de Rogers encerra o primeiro dia de discussão. Na página seguinte, Skinner inicia sua intervenção mencionando explicitamente que Rogers havia aberto o debate “ontem”, indicando a retomada da conversa no segundo dia. De acordo com Martin (2017), este encontro foi o mais intenso, extenso e interativo dos debates públicos entre Rogers e Skinner. (N. dos R.)



meio, quero responder à sugestão do moderador de que deveríamos começar a falar sobre educação mais adiante. Também quero tentar avançar na construção de um entendimento com o Dr. Rogers acerca das técnicas que empregamos para alcançar o que tenho certeza de que são objetivos muito semelhantes. A principal questão que foi desenvolvida ontem dizia respeito à questão da experiência interior e ao seu lugar no comportamento humano. Vou tentar expor minha posição da forma mais clara possível e espero que possamos verificar se existe um desacordo fundamental entre nós ou se, em certo sentido, estamos falando sobre a mesma coisa.

Quero examinar três casos, tomados da área da educação que envolvem supostos eventos internos considerados relevantes para aquilo que é necessariamente um processo externo de instrução. Não responsabilizo o Dr. Rogers por nenhuma dessas posições, mas preciso considerá-lo como um companheiro de viagem, no sentido de que os argumentos que apresentarei me parecem exemplificar uma tentativa de explicar o comportamento atribuindo o evento originário a algo relacionado à experiência interior. Quero abordar três problemas educacionais: o ensino do conhecimento (conhecimento verbal ou habilidades verbais), o ensino do pensamento e o ensino de alguns traços de personalidade que mencionei brevemente ontem.

O primeiro desses problemas diz respeito ao significado de comportamento verbal. Escrevi um livro bastante longo e, segundo me dizem, muito difícil, no qual tento explicar o comportamento verbal por parte do falante e as respostas a estímulos verbais por parte do ouvinte, sem recorrer: primeiro, à noção de significado; segundo, à noção mais antiga de ideia ou proposição; ou, terceiro, à noção mais recente de informação. Esses três termos cometem um erro fundamental ao supor que existe algum tipo de atividade cognitiva que não seja, em si mesma, verbal; que ocorre antes do comportamento verbal, e que o comportamento verbal seja apenas o sintoma ou símbolo dessa atividade. As palavras, na verdade, significam atividade interior⁶¹.

Agora, tomando primeiro um exemplo não verbal, havia aquela velha piada da diferença entre um homem correndo para pegar um trem e um outro homem treinando para uma corrida. Fisiologicamente, ambos estão fazendo a mesma coisa. Em que diferem um do outro? Se você acredita que o significado é algo que caracteriza o comportamento, então teria de supor que seus comportamentos não são idênticos. Eles podem ser fisiologicamente iguais, mas um deles carrega o sentido de pegar um trem, enquanto o outro possui o significado de melhorar a si mesmo para uma corrida futura⁶². Eu procuro essa diferença – não no comportamento, que eu penso ser, ou pode ser, o mesmo em ambos os casos –, mas nas variáveis responsáveis pelo comportamento. Em cada caso, há uma história diferente, e o que poderia ser chamado de um propósito diferente. Ora, propósito é outra dessas coisas internas que o Dr. Rogers mencionou como algo sem significado para uma análise comportamental⁶³. Eu penso que isso tem grande significado e tentei sugerir que o reforçamento nada mais é do que outra maneira de falar sobre propósito. A única diferença é que o reforçamento identifica o momento característico em que um evento é importante.

Na evolução do comportamento, se você disser que uma aranha constrói uma teia para capturar moscas, de modo que a aranha sobreviva e perpetue sua espécie, parecerá que a futura captura das moscas na teia teve algo a ver com a construção da teia. Na verdade, penso que um biólogo concordaria que essa é ordem incorreta dos acontecimentos e que o propósito da teia está no passado. Ou seja, aranhas que, no passado, construíram teias eficazes encontraram uma fonte de alimento. Isso significou que sobreviveram com seu comportamento, e acredito que esse seja um padrão de comportamento herdado responsável pela obtenção de alimento. Assim, no esquema biológico-evolutivo das coisas, aquilo que parece ser o propósito futuro de um evento é, na verdade, uma referência de ocorrências passadas.

Isso também é verdade no caso de comportamento operante, porque aquilo que estou fazendo agora para produzir um efeito em você dificilmente pode ser determinado por um efeito que ainda não produzi. É determinado pelos efeitos que produzi no passado, os quais moldaram meu comportamento verbal de várias maneiras, e você, é claro, vai moldar meu comportamento nos próximos cinco ou dez minutos. Aceito de bom grado a piada do rato que diz ter me treinado muito bem. Qualquer ciência acaba sendo moldada, enquanto atividade humana, por seu próprio objeto de estudo. O homem que projeta um ciclotron o projeta precisamente para que certos eventos ocorram nele de uma determinada maneira. Se ele não fizer isso, seu ciclotron será descartado e o de outra pessoa sobre-

⁶¹ Nesse trecho, Skinner rejeita explicitamente a ideia de que a linguagem funcione como mera expressão de conteúdos mentais internos previamente constituídos. Sua crítica dirige-se a noções como “significado”, “ideia”, “proposição” e “informação”, entendidas como entidades cognitivas internas das quais o comportamento verbal seria apenas um sintoma ou representação externa. Tal posição contrasta fortemente com formulações que se consolidariam posteriormente no âmbito da chamada “revolução cognitiva”, especialmente os modelos de processamento de informação centrados em representações mentais internas. O trecho é particularmente relevante por evidenciar que parte importante do projeto behaviorista skinneriano consistia justamente em evitar explicações mentalistas ou representacionais do comportamento verbal. Para um aprofundamento histórico e epistemológico sobre a chamada “revolução cognitiva” e o paradigma do processamento de informação, ver Lopes et al. (2018) (N. dos R.).

⁶² Nesse trecho, Skinner procura preservar a noção de propósito sem recorrer a explicações mentalistas ou à ideia de intenções internas como causas do comportamento. Em vez disso, tenta reinterpretar funcionalmente a direção da ação em termos de histórias de reforçamento e contingências ambientais. O trecho é particularmente interessante porque sugere que, embora Skinner rejeite uma concepção fenomenológica da experiência, sua análise continua reconhecendo que o comportamento humano aparece orientado em relação a contextos, finalidades e situações específicas. O que distingue radicalmente as duas perspectivas não é necessariamente o reconhecimento de que a ação humana é orientada, contextual e dirigida ao mundo, mas o estatuto epistemológico e ontológico atribuído a essa orientação. Enquanto a fenomenologia compreende a intencionalidade como condição constitutiva da experiência, Skinner busca explicá-la sem recorrer à experiência como instância causal ou fundante (N. dos R.).

⁶³ No original, “behavioristic analysis” (N. do E.).



viverá. Portanto, os sentimentos que você tem de que o significado daquilo que está fazendo – o propósito do que você está fazendo – é muito importante que sejam genuínos o suficiente. Se eu pergunto a alguém: “Por que você está correndo?” e ele responde: “Estou correndo para pegar um trem”, isso não significa que ele esteja consciente de seu propósito, exceto no sentido de que está consciente das condições sob as quais está correndo e da condição que fará essa corrida chegar ao fim. Ele observa isso como um propósito em seu passado.

Ao analisar o ensino do conhecimento verbal, penso que é importante compreender que ele está sempre relacionado ao ensino do comportamento, e não exatamente das ideias expressas no comportamento. Logicamente, não existe algo como uma proposição separada de todas as maneiras pelas quais essa proposição pode ser expressa. Essa é uma afirmação bastante lógica, mas que não faz muito sentido. O que se faz para ensinar uma determinada ideia em profundidade é ensiná-la por meio de muitas formas de expressão. Isso é o mais próximo que se pode chegar de uma ideia separada do comportamento verbal; algum conjunto de condições responsáveis por um conjunto de respostas verbais. A diferença entre aprendizagem mecânica e ensino com compreensão frequentemente é apenas esta: ensina-se algo não como uma única resposta verbal memorizada, mas como um conjunto de respostas relacionadas às mesmas variáveis.

Agora, o segundo exemplo diz respeito à busca de algo dentro do estudante para explicar seu comportamento. Para mim, isso representa uma interpretação equivocada do objetivo da educação. Há um exemplo disso. Existe uma passagem em Platão na qual Sócrates pretende ensinar ao jovem escravo o Teorema de Pitágoras. Ora, Platão era um devoto da vida interior e acreditava que a alma conhece a verdade e que aprender é apenas lembrar ou relembrar. Talvez relembrar no sentido de recompor algo, sugerindo que o processo educacional consiste apenas em trazer à tona algo que está latente no estudante. Essa ainda é uma atitude predominante na educação atual.

Vamos examinar esse caso. Sócrates quer provar que qualquer organismo humano conhece uma proposição muito difícil: a duplicação de um quadrado. Ele chama o jovem escravo e passa por um procedimento ritualístico bastante socrático em essência. Primeiro constrói um quadrado e depois diz ao rapaz: “Isto é um quadrado, não é?”. O rapaz responde: “Sim”. Então ele diz: “Se eu fizer isto, ele se divide em duas partes, não é?”. O rapaz responde: “Sim”, e ele prossegue desta maneira. Esse exemplo ainda é citado hoje como prova de uma maneira de ensinar a compreensão intuitiva de um teorema matemático, segundo o padrão geral de extrair a solução de um estudante. Certa vez me dei ao trabalho de reunir as respostas do rapaz nessa passagem e, quando colocadas juntas, elas duram exatamente um minuto. O conjunto de respostas do rapaz é algo como: “Sim”. “Certamente, Sócrates”. “Muito bem, Sócrates”. “Não, é claro que não, Sócrates”. “Sim, sem dúvida você está correto, Sócrates”, e assim por diante. Quando ele termina, nenhum esforço é feito para mostrar se o rapaz conseguiria passar por isso novamente. Tenho certeza de que não poderia. Ele não tinha feito nada além de concordar com Sócrates. Esta é uma das grandes fraudes da literatura educacional, e ainda hoje é citada como um exemplo de como se pode extrair a verdade da experiência interior do estudante.

Esta é a teoria por trás de diversos programas curriculares atuais de matemática: que você deve deixar o estudante animado; que você deve fazer com que ele descubra por si mesmo. A implicação é que você não sabe realmente algo até descobri-lo por conta própria, e que aquilo que descobre dessa maneira será melhor lembrado. Não tenho dúvidas de que, nas mãos de um bom professor, esse tipo de técnica socrática pode estimular o interesse, a curiosidade e talvez até a dedicação por parte do estudante. Mas quando você analisa o que está acontecendo, isso retorna à manipulação comportamental. Nunca houve nenhuma demonstração de que todos nós possuímos Euclides internamente em alguma forma latente, e que podemos ser levados a descobri-lo por nós mesmos. Os homens descobriram a geometria. Euclides, suponho, reuniu uma longa história de descobertas e a colocou em um livro. Foi algo difícil, e, imaginar que precisamos refazer tudo isso antes de aprender geometria me parece uma maneira ineficiente de abordar a educação. Vi um professor de sétima série tentando ensinar gramática dessa maneira. Ora, os gregos descobriram a gramática assim como a geometria. Foi uma grande descoberta que deve ter levado um longo tempo. Por que razão uma turma de sétima série deve passar por tudo isso novamente por conta própria, eu não sei. Esse professor tinha uma frase escrita no quadro e tentava levar os estudantes a dizer: “Essa é uma palavra de ‘coisa’ e essa é uma palavra de ‘ação’”. Os estudantes que respondiam “substantivo” e “verbo” eram interrompidos e orientados a não usar essas palavras — “Vamos descobrir isso por nós mesmos”. Então, durante um longo período de aula, os estudantes se esforçaram para reconhecer duas categorias de palavras que, eventualmente, acabariam sendo chamadas de “substantivos” e “verbos”. Bem, isso pode ter algum efeito motivador, mas consigo pensar em maneiras muito melhores de motivar as crianças.

Meu terceiro exemplo diz respeito a alguns dos traços de caráter dos quais falei ontem como exemplos de comportamento que gostamos de atribuir a algo dentro do organismo. Mencionei a apreciação da arte, da música, da literatura, o interesse da pessoa por aquilo que faz. Alguém levantou a questão do condicionamento emocional, e darei um exemplo. Há crianças que conseguem suportar punições sem chorar. Elas parecem ser particularmente corajosas e conseguem enfrentar experiências novas sem entrar em pânico. Ora, como isso é produzido? Haverá algo chamado coragem que nasce em alguns de nós e em outros não, ou será que estes traços de caráter podem ser dados a qualquer pessoa? No livro *Emile*, um notável tratado sobre o comportamento humano que, embora provavelmente fundamentalmente equivocado, foi ainda assim um livro extremamente engenhoso para sua época, Rousseau sugere maneiras pelas quais as crianças podem ser ensinadas a suportar estímulos fortemente aversivos sem reação emocional. Ele começa com a ideia da água fria do banho, que faria um bebê chorar. Sugere que se comece, no primeiro dia, com água na temperatura do corpo e depois a temperatura seja reduzida diariamente. Recomenda



o uso de um termômetro para tornar o procedimento científico. A temperatura é reduzida um grau a cada dia. Eventualmente, você estará colocando o bebê em água gelada, e o bebê lidará perfeitamente bem com isso, sem ficar perturbado de modo algum. Ora, você pode não chamar isso de emoção, mas trata-se da capacidade de suportar algo que uma criança comum - uma criança que não passou por esse percurso histórico - não conseguiria suportar e que poderia permanecer tímida ou covarde por toda a vida⁶⁴.

Rousseau também tomou o caso de um exemplo mais emocional. Ele conta a história de Heitor, Andrômaca e o bebê que se assustou com o elmo de guerra do pai quando este se despedia dele. Ele levanta a questão do motivo de crianças pequenas se assustarem com máscaras ou rostos feios. Sugere que se construa uma série de máscaras, percorrendo gradualmente desde um rosto muito agradável até um rosto aterrorizante, em passos muito pequenos. Trabalhe com o bebê um dia com o rosto agradável e, em seguida, passe gradualmente para a máscara assustadora. O resultado é que a criança nunca mais será perturbada diante desse espetáculo assustador. Acreditado que tenhamos negligenciado seriamente o treinamento emocional em nossos sistemas educacionais. As pessoas reagem violentamente à cena em *Walden Two* em que as crianças devem usar pirulitos no pescoço, mas não devem tocá-los com a língua durante o dia. Mas eu gostaria de ver um pouco mais de autocontrole moral e ético ensinado. Creio que isso pode ser feito de modo que todos se tornem homens ou mulheres corajosos, capazes de suportar estímulos dolorosos necessários sem vacilar e de não se perturbarem diante de circunstâncias que, de outra forma, seriam terrivelmente emocionais. Isso poderia incluir períodos de fracasso ou frustração.

Tomei esses três exemplos: o significado de uma proposição verbal, o raciocínio envolvido na resolução de um problema matemático e um traço de caráter. Todas essas são áreas nas quais existe uma tendência cultural de supor que o indivíduo marcado por essas características possui algo muito importante dentro de si. A pessoa que sabe algo o tem aqui dentro de si. Ele pode falar sobre isso, mas, mesmo quando não está falando, isso continua aqui dentro. Bem, tenho certeza de que isso também está aqui dentro, em alguma condição fisiológica. Também estou certo de que, muito frequentemente, a pessoa sabe se isso está aí ou não. Mas isso está aí porque foi colocado aí. O conhecimento foi implantado, não extraído. Muitas pessoas compreendem mal o significado da palavra "educar". *Educare*: extrair algo de dentro do estudante. O conhecimento é implantado, e nosso trabalho como educadores é implantar ou moldar o comportamento - construí-lo e fortalecê-lo, em vez de encontrá-lo já no estudante e extraí-lo. Não nego por um instante a existência de coisas que alguém pode perceber quando olha para si mesmo e relata o que encontra - se está com medo ou não, se está compreendendo este problema ou não, se percebe o sentido da explicação de um teorema, e assim por diante. Tenho certeza de que isso acontece. A questão entre nós não é a existência dos eventos internos, mas seu *status* como causas explicativas e eficazes do comportamento manifesto que é tarefa da educação estabelecer.

Mais um ponto rápido. Quando você coloca um estudante numa situação difícil - uma situação que poderia assustá-lo, mas não assusta, porque ele é capaz de se controlar; uma situação que poderia deixá-lo confuso, mas não deixa, porque ele resolve o problema; uma situação que poderia revelar sua ignorância, mas não revela, porque ele consegue apresentar a resposta - quando você utiliza essa técnica do "afunde ou nade", criando uma situação em que a criança ou o estudante precisa ser conhecedor, perspicaz e corajoso, você deixa para o próprio indivíduo a tarefa de resolver seus problemas instrucionais, e essa tem sido a tendência da educação. Por outro lado, quando ele consegue resolvê-los, nos raros casos em que isso acontece, você o admira. Você admira Abraham Lincoln por ter conseguido uma educação, embora ninguém o tenha ensinado. Você não admira Franklin Roosevelt por ter estudado em Harvard porque Harvard o ensinou. (*Rogers ri*). Não há nada a admirar se o sistema educacional for poderoso o suficiente para produzir esses resultados em todos. O único motivo para admirar alguém é compensar as deficiências da sua educação. Eu preferiria um mundo em que todos obtivessem uma educação sem precisar se esforçar. Se não temos esse mundo, compartilharei de sua admiração por uma pessoa que consegue uma pessoa que consegue uma educação em condições muito desfavoráveis. A diferença é que, em um mundo eficaz, as razões para admiração desaparecerão. Sentiremos falta disso, mas é algo com que teremos de aprender a viver sem.

ROGERS: O Dr. Skinner me disse que se levantou cedo esta manhã - eu não sabia que ele se acordava *tão* cedo. Quanto a tudo o que ele vem dizendo, sinto que não tenho muita certeza de com quem ele está falando, mas, de algum modo, ele não está falando comigo. Digo isso muito seriamente. Como acontece com frequência quando as diferenças são reais e bastante profundas, é difícil impedir que a comunicação deslize para fora do eixo. Eu não tenho nenhuma resposta específica para o que ele acabou de dizer, porque não sinto que ele esteja falando do tipo de questões que vivencio. Em vez disso, sinto-me compelido a fazer um discurso próprio. A verdadeira reconciliação, a transformação disso em um verdadeiro diálogo, talvez venha mais tarde, ou talvez só possa ocorrer com vocês [a plateia], não tenho certeza. Teremos de ver.

Quando pensei sobre a sessão de ontem, senti que, como o tópico era controle do comportamento, minhas observações tenderam a ser críticas e "anti-". Isso não é do meu feitio. Sou uma pessoa que afirma mais do que critica, e por isso me senti um pouco desconfortável com isso. Talvez para compensar, eu gostaria de fazer algumas observações sobre o planejamento de uma cultura, para usar a boa expressão do Dr. Skinner. Também abordarei a

⁶⁴ A referência ao *Emile*, de Rousseau, é utilizada por Skinner para defender que características como coragem, timidez ou tolerância emocional não deveriam ser compreendidas como essências internas ou traços inatos do indivíduo, mas como repertórios comportamentais moldados historicamente pelas condições ambientais. O trecho exemplifica o esforço behaviorista de deslocar explicações psicológicas centradas em disposições internas para análises baseadas em aprendizagem, condicionamento e história de reforçamento (N. dos R.).



questão da educação, mas gostaria de fazer isso dentro desse contexto. Parte do meu objetivo ao fazer isso é indicar que, ao projetar uma cultura, tomam-se direções diferentes quando se valorizam os aspectos subjetivos da experiência. O que me levou a pensar especificamente sobre isso foi o desafio que Wendel Johnson⁶⁵ nos fez ontem à noite, de que deveríamos apontar as diferenças entre pombos e pessoas. Isso teve um significado real para mim.

As pessoas têm *de fato* a capacidade de “tomada de consciência”⁶⁶. Temos uma rica capacidade de simbolização, que acredito ser sinônimo de consciência. Temos a capacidade de uma rica vivência subjetiva. Temos a capacidade de um processo de avaliação organísmica. Isto é, somos capazes de testar objetos e acontecimentos em termos de nossa própria experiência e avaliar os valores que eles possuem para nos promover ou para serem destrutivos em nossa experiência. Essas são algumas das capacidades que as pessoas possuem. A maioria daqueles pombos têm relativamente pouca capacidade para qualquer coisa, exceto talvez para esta última, e nisso é possível que possamos aprender com eles. Gostaria de falar sobre o planejamento de uma cultura que maximizasse as qualidades verdadeiramente humanas, para construir uma cultura para pessoas, não para pombos.

Começarei fundamentando minhas observações em algumas pesquisas sobre psicoterapia, porque sou, em certa medida, um cientista, embora tenha achado engraçado, ontem à noite, pensar em mim mesmo apenas como um profissional sobrecarregado. No entanto, também tive alguma experiência com o lado científico. Alguns dos estudos realizados em psicoterapia indicam o tipo de clima psicológico⁶⁷ que promoveria e maximizaria as qualidades mais verdadeiramente humanas e começaram a especificar alguns dos elementos desse clima psicológico. Sabemos que, quando uma pessoa é estimada como pessoa, valorizada como pessoa, isso é benéfico. Sabemos que, quando os significados pessoais que uma pessoa encontra em sua própria experiência são profundamente compreendidos por outra pessoa, de modo que encontram confirmação para ela, isso também constitui uma qualidade desse clima psicológico capaz de liberar qualidades humanas construtivas. Sabemos ainda que, quando uma pessoa entra em um encontro subjetivo genuíno com outras pessoas reais, isso também é um elemento libertador.

No tipo de cultura que eu defenderia projetar, pais, professores e outras pessoas poderiam ser ajudados a estabelecer essas condições nas situações de vida das pessoas com quem se relacionam. Eu esperaria, e também esperaria descobrir, outros elementos que possuísem essa mesma qualidade libertadora. Nosso objetivo, em estudos e pesquisas dessa natureza, seria identificar as condições que aumentassem a capacidade de escolha pessoal, de autodireção, de espontaneidade e criatividade, de independência e de flexibilidade. Tais condições fortaleceriam a tendência, tão bem descrita na mesa-redonda de ontem à noite, em direção a um *locus* científico pessoal; isto é, viver de acordo com princípios científicos na própria vida pessoal e subjetiva. Em suma, ao estabelecer essas condições, tenderíamos a criar a probabilidade de que os indivíduos não pudessem ser moldados por controladores.

Agora, algumas palavras sobre a aplicação dessas ideias à situação educacional. Em diversas ocasiões, procurei estabelecer essas condições como um clima de aprendizagem para os estudantes. Nem sempre fui bem-sucedido. Ainda há muito que não sabemos sobre os tipos de condições que realmente liberam a liberdade nas pessoas. E, no entanto, quando se consegue estabelecer o clima psicológico que permite aos indivíduos tornarem-se mais livres para escolher, mais autodirigidos em direção a seus objetivos, de modo que passem a confiar mais em sua própria iniciativa, os resultados são suficientemente convincentes para que não se possa deixar de procurar desenvolver ainda mais esse campo. Estou falando aqui de algo que pode ser empiricamente mensurado e estudado. É o tipo de clima educacional que eu esperaria encontrar em uma cultura que pudessemos planejar para pessoas. Creio que esse clima favoreceria e promoveria a aprendizagem autodirigida. Isso não significa voltar e percorrer, passo a passo, toda a trajetória do que os gregos aprenderam séculos atrás. Significa, antes, dar continuidade aos focos atuais de interesse da própria pessoa, utilizando todos os recursos modernos disponíveis e fazendo isso sobre uma base escolhida por ela mesma, autodirigida e autoiniciada. Uma educação desse tipo não alcançaria objetivos estáticos que

⁶⁵ Wendel Johnson (1906-1965) foi um psicólogo e pesquisador da linguagem, conhecido principalmente por seus trabalhos sobre comunicação, semântica e gagueira. Segundo Stewart (1992), Johnson interessava-se particularmente pelos efeitos da linguagem na experiência humana e nos processos interpessoais. Sua provocação acerca das diferenças entre “pombos e pessoas” parece tocar diretamente uma tensão central deste diálogo: até que ponto princípios derivados do estudo experimental do comportamento animal poderiam explicar adequadamente dimensões subjetivas e simbólicas da experiência humana (N. dos R.).

⁶⁶ No original, temos a palavra *awareness*. No inglês, há duas palavras para significar “consciência”: *consciousness* e *awareness*. No dicionário Merriam-Webster (<https://www.merriam-webster.com/>), temos a definição de *consciousness* como “estar ciente” das coisas, seja ao seu redor, seja algo em si mesmo; enquanto *awareness* corresponderia a ter conhecimento ou compreensão de que algo está acontecendo. Neste sentido, *consciousness* corresponde a estar desperto, por exemplo, e falar de *consciousness* é falar de estado físico e mental, estar acordado (no caso de se estar dormindo, não se estaria *conscious*, por exemplo). Já *awareness* tem sido apropriado – principalmente pelas ditas psicologias humanistas ou “fenomenológicas” – como um “tomar consciência” ou “ter consciência de”, na direção de uma consciência da própria consciência, ou seja, um “dar-se conta” (N. do E.). A opção por traduzir *awareness* por “tomada de consciência”, procura referir à capacidade de uma pessoa permanecer aberta à própria experiência organísmica, permitindo que sentimentos, percepções, impulsos corporais e significados experienciais tornem-se simbolicamente disponíveis à consciência sem distorção defensiva. Trata-se menos de uma autoconsciência puramente reflexiva ou intelectual e mais de um contato experiencial vivo com aquilo que está sendo sentido no presente. Rogers descreve esse processo como uma ampliação da “abertura à experiência”, na qual o indivíduo passa a confiar progressivamente na própria experiência organísmica como fonte legítima de orientação existencial (N. dos R.).

⁶⁷ A expressão *psychological climate* empregada por Rogers remete diretamente ao conjunto de condições relacionais descritas em seu artigo clássico *The Necessary and Sufficient Conditions of Therapeutic Personality Change* (Rogers, 1957). Nesse trabalho, Rogers propõe que a mudança terapêutica depende da presença de determinadas condições na relação; entre elas a congruência do terapeuta, a consideração positiva incondicional e a compreensão empática. No presente diálogo, a noção de “clima psicológico” parece funcionar como uma síntese dessas condições, enfatizando menos técnicas específicas e mais a qualidade da relação interpessoal como elemento promotor do desenvolvimento humano (N. dos R.).



pudessem ser definidos antecipadamente. Ela promoveria o desenvolvimento de pessoas em constante mudança, pessoas com maior confiança em sua própria capacidade de dirigir a si mesmas.

É exatamente disso que o mundo moderno necessita com urgência. A meu ver, toda a filosofia da democracia e sua ênfase na autodeterminação fizeram, até agora, muito pouco progresso no mundo. Ela se estabeleceu, em certa medida, no âmbito político e começou a se difundir, ainda que discretamente, em outras áreas. Mas estou falando de estender a filosofia da democracia à vida individual, à aprendizagem individual e à vida em grupo e em família. Não apenas o valor do indivíduo, mas também sua capacidade e seu direito à autodeterminação e à escolha seriam aspectos fundamentais. Evidentemente, o tipo de sociedade que estou descrevendo não produziria uma sociedade fechada. Ninguém poderia planejá-la antecipadamente como um sistema fechado. Ela produziria uma sociedade aberta e em constante transformação. A mudança e o processo de mudança estariam incorporados a essa sociedade. Creio que isso tem grande valor. Ao desenvolvermos uma sociedade na qual pais, professores e todos aqueles que ocupam posições de liderança, sejam governamentais ou de outra natureza, fossem capacitados para proporcionar as condições que favorecem o crescimento pessoal, teríamos uma sociedade em que a variabilidade e a autorrealização individual estariam presentes. Teríamos indivíduos desenvolvendo-se de maneira singular, com um senso de liberdade pessoal, buscando livremente soluções para os problemas que eram reais para elas e, ao mesmo tempo, procurando soluções para os problemas da sociedade. Nesse tipo de cultura, cada cidadão seria um planejador responsável. Teríamos iniciado um processo contínuo e autodirigido de mudança, e não uma comunidade orientada por objetivos estáticos estabelecidos por uma única pessoa ou por uma elite. A probabilidade de a sociedade tornar-se um fluxo vivo e em permanente transformação, constituído por um encontro inteligente com os problemas enfrentados no mundo, seria enormemente ampliada.

Para mim, a tarefa mais importante das ciências do comportamento é descobrir e procurar estabelecer as condições que liberam a variabilidade, liberam o comportamento criativo e a autodireção, tornando assim o indivíduo menos previsível e menos suscetível ao controle. Esse é um objetivo tão viável para as ciências do comportamento quanto o de estabelecer um controle planejado. Bem, fim do discurso.⁶⁸

(Seguiu-se um pequeno intervalo enquanto a fita estava sendo trocada).

ROGERS: Ouvi uma história – não sei se é verdadeira; se não for, deveria ou poderia ser – de que um dos primeiros pesquisadores a investigar o condicionamento operante do comportamento verbal fez uma apresentação muito convincente a seus estudantes sobre pesquisas que demonstravam ser possível condicionar o comportamento verbal das pessoas. Alguns de seus estudantes acharam que seria divertido condicioná-lo por meio do condicionamento operante. Ele tinha um determinado gesto que costumava fazer e todos combinaram de acenar com a cabeça, sorrir ou demonstrar atenção especial sempre que ele utilizasse esse gesto – isto é, “recompensá-lo” por esse comportamento e condicionar seu comportamento para aumentar a frequência desse gesto. Foi o que fizeram, e funcionou. Aos poucos, ele passou a utilizar cada vez mais o gesto que eles reforçavam. Quando consideraram que ele já estava suficientemente condicionado, contaram-lhe sobre o experimento e todos deram boas risadas juntos.

Agora, o ponto que considero crucial é que, uma vez que o professor percebeu que estava sendo manipulado pelas recompensas, elas deixaram de funcionar como recompensas. É evidente que, embora todos os comportamentos externos permanecessem exatamente os mesmos – os estudantes poderiam continuar condicionando operantemente aquele gesto –, as recompensas deixariam de ser eficazes. Por quê? Porque houve uma mudança na percepção subjetiva do professor acerca do que constitui uma recompensa. Os acenos de cabeça e os sorrisos deixaram de ser percebidos como recompensas. É esse tipo de fenômeno que penso que precisamos incluir em nosso universo científico.

SKINNER: Primeiro, deixe-me esclarecer essa anedota. Na verdade, há duas histórias misturadas aqui. Em uma delas, modeléi o comportamento de um psiquiatra que participava de uma mesa-redonda e que, na minha opinião, estava falando um pouco demais para que houvesse uma boa comunicação. Passei um bilhete a um amigo meu ao longo da mesa, dizendo: “Observe a mão esquerda do Dr. X. Vou modelar aquele gesto de corte com a mão”. Aconteceu que o Dr. X estava sentado do outro lado da mesa e olhava principalmente para mim. Além disso, costumava gesticular bastante. Então, eu simplesmente desviava o olhar para um lado e, pelo canto do olho, conseguia observar razoavelmente bem sua postura geral. Sempre que seu braço esquerdo estava levantado, eu olhava para ele com expressão impassível. E, sempre que sua mão esquerda baixava, eu fazia um gesto afirmativo com a cabeça. Em menos de cinco minutos, ele já estava segurando o próprio relógio de pulso. O bilhete voltou: “Agora quero ver você extinguir esse comportamento”. E devo confessar que não consegui.

A outra história, que acho que faz parte dessa história apócrifa que vocês acabaram de ouvir, é a seguinte. Há algum tempo dei uma série de palestras em uma faculdade do Meio-Oeste dos Estados Unidos, e um professor da instituição ficou furioso por eu ter sido convidado para falar. Na primeira aula da semana em que estive lá, disse à

⁶⁸ Este trecho sintetiza uma das diferenças centrais entre Rogers e Skinner. Ambos atribuem às ciências do comportamento a tarefa de identificar empiricamente as condições que influenciam o comportamento humano. A divergência reside na finalidade desse conhecimento. Enquanto Skinner enfatiza a construção de contingências que permitam um planejamento cultural eficaz, Rogers propõe que a investigação científica busque as condições que ampliem a autodireção, a criatividade e a variabilidade do comportamento humano, tornando os indivíduos progressivamente menos suscetíveis ao controle externo. A oposição, portanto, não se estabelece entre ciência e humanismo, mas entre diferentes concepções sobre o propósito da própria ciência psicológica (N. dos R.).



sua turma que eu era uma ameaça e que, enquanto permanecesse em minha torre de marfim, tudo estaria bem; mas que, se algum dia eu desse sinais de produzir algum efeito prático, ele seria favorável a convocar um pelotão de fuzilamento. (*Rogers ri.*) Os estudantes dessa turma ficaram um pouco ressentidos com aquilo e resolveram pregar-lhe essa peça. Combinaram que primeiro o reforçariam por caminhar até o canto direito da plataforma e, quando conseguissem isso, passariam a reforçá-lo por voltar e ficar de frente para o quadro-negro. Faziam isso permanecendo completamente impassíveis até que ele se movesse naquela direção; então começavam a sorrir e a concordar com ele. Em pouco tempo, ele já estava equilibrando-se na beirada da plataforma. Então veio o sinal de que aquilo já bastava. Ele continuou por algum tempo equilibrando-se ali, mas todos permaneceram completamente impassíveis. Quando voltou a ficar de frente para o quadro-negro e depois se virou para olhar a turma, todos voltaram a acenar afirmativamente com a cabeça. Eu não estava lá, mas me disseram que ele terminou a aula voltado para o quadro-negro, falando por cima do ombro.

Em nenhum desses casos, até onde sei, a pessoa condicionada chegou a descobrir o que havia acontecido, e eu não gostaria de imaginar quais seriam as consequências se isso ocorresse. Porque é certamente verdade que, quando você descobre que esses reforçadores sociais característicos foram utilizados com uma finalidade específica, você desenvolve resistência a eles. Aquele sujeito que segue a cartilha de Dale Carnegie⁶⁹, que vive distribuindo tapinhas nas costas porque quer conquistar sua amizade e influenciá-lo, não vai muito longe se você também tiver lido Dale Carnegie. Isso não significa, entretanto, que os reforçadores deixem de funcionar. Não conheço ninguém que, até certo ponto, não tenha sido reforçado pela bajulação, mesmo sabendo dos propósitos ocultos do bajulador. O jogador patológico pode muito bem saber por que joga, se estudou livros sobre esquemas de reforçamento. Ele é vítima de um esquema de razão variável e, por isso, não consegue parar. O reforço social da aprovação – um sorriso, por exemplo – pode perder sua eficácia se você descobrir que a pessoa que o utiliza pretende controlá-lo, porque isso desvaloriza o reforçador. Mas, quando o reforçador possui estabilidade, como acontece com o dinheiro, você pode saber perfeitamente que ele está sendo utilizado para controlá-lo e, ainda assim, continuar sob seu controle.

ROGERS: Posso fazer um comentário sobre isso? É extremamente interessante refletir sobre essa questão. Uma teoria do comportamento humano que só é eficaz quando seu modo de operar pode ser ocultado daqueles sobre quem ela atua parece-me uma teoria relativamente insatisfatória do comportamento humano. Se, por exemplo, as pessoas de *Walden Two* se tornassem conscientes do planejamento que lhe deu origem e se, nessa medida, isso destruísse a eficácia de muitos dos reforçadores, então essa não seria uma teoria completa nem uma teoria eficaz do comportamento. Essa é uma das questões que têm me deixado perplexo, e me interessa o fato de o Dr. Skinner concordar com isso.

Da mesma forma, há algumas teorias da psicoterapia que só funcionam de maneira eficaz se o cliente permanecer bastante alheio à teoria segundo a qual o terapeuta atua e aos princípios que procura promover. Na abordagem terapêutica que faz sentido para mim, quanto mais o indivíduo compreender o clima que procuro criar e os princípios que considero atuantes, mais inteligentemente poderá participar da experiência da terapia. Parece-me que o mesmo seria verdadeiro em relação à cultura que eu estava procurando descrever. Quanto mais o indivíduo compreendesse os princípios fundamentais que buscamos promover, ou quanto mais compreendesse a teoria do que está acontecendo, mais inteligente e, provavelmente, mais entusiástica seria sua participação nessa cultura. Para mim, essa é uma das razões para considerar essa uma teoria mais potente e de aplicação mais ampla: ela não é destruída pelo fato de as pessoas se tornarem conscientes do que está acontecendo.

SKINNER: Receio não ter conseguido deixar claro o meu ponto. O motivo pelo qual descobrir que alguém está bajulando você sem sinceridade leva a uma ação de contracontrole de sua parte não é que haja algo errado com a noção de reforço, mas sim que aquele reforçador específico foi desvalorizado.

ROGERS: Subjetivamente, você diria?

SKINNER: Não, na verdade eu não diria isso. O dinheiro, uma nota de um dólar, possui poder reforçador, valor, porque pode ser trocado por bens que funcionam como reforçadores imediatos, de um tipo ou de outro. Se o dinheiro se desvaloriza, se essa nota perde seu valor, ela deixa de funcionar como reforçador. Mas isso não invalida seus efeitos reforçadores enquanto possuía esse valor específico. O que a desvaloriza é o fato de ela já não poder ser trocada por nossos reforçadores primários. Não conheço nenhum caso em que o conhecimento do processo de reforçamento destrua seus efeitos. Se alguém é insincero em seus elogios, o efeito é destruído, assim como o efeito do dinheiro como reforçador é destruído por uma inflação excessiva. Eu mesmo trabalho para ganhar a vida, embora saiba perfeitamente que estou sendo reforçado com dinheiro. Vim até aqui porque estou sendo reforçado. Mesmo sabendo disso, ainda assim vim e, na verdade, estou muito satisfeito por estar aqui. Se você está tentando perder ou controlar o peso, sabe muito bem quais são os efeitos reforçadores de diversos alimentos. Embora possa

⁶⁹ Dale Carnegie (1888-1955) foi um escritor e palestrante norte-americano, amplamente conhecido pelo livro *How to Win Friends and Influence People* (de 1936), publicado em português como "Como fazer amigos e influenciar pessoas". A obra popularizou estratégias de influência interpessoal baseadas em demonstrações de interesse, aprovação, elogios e cordialidade. Ao mencionar "aquele sujeito adepto de Dale Carnegie", Skinner refere-se, de forma irônica, a alguém que utiliza esse tipo de comportamento social como estratégia deliberada para conquistar a simpatia e influenciar os outros. Seu argumento é que tais reforçadores sociais podem perder eficácia quando a intenção manipuladora é percebida (N. dos R.).



conseguir exercer contracontrole sobre eles, você não nega que sejam reforçadores. E, se não tomar cuidado, eles fortalecerão comportamentos de ingestão a ponto de prejudicá-lo. É um equívoco bastante comum pensar que, se você sabe que está sendo influenciado, isso deixa de funcionar. Se você sabe que o dinheiro usado para pagá-lo é um dinheiro sem valor, ele deixa de funcionar, mas isso ocorre porque houve uma extinção do processo de condicionamento que o tornou, em primeiro lugar, um reforçador condicionado.

ROGERS: Interessa-me sua afirmação de que, na medida em que o indivíduo percebe que o reforçador é oferecido de maneira insincera, seu valor se modifica para ele. Isso me leva a uma reação emocional muito real que eu gostaria de expressar. Tenho grande respeito por sua sinceridade. Você me parece uma pessoa genuinamente sincera. No entanto, quando ouço suas teorias descritas em termos práticos, tenho uma sensação muito diferente. Fiquei perplexo ontem à noite ao perceber como estava reagindo à leitura do trecho de *Walden Two*. Fazia bastante tempo que eu não lia *Walden Two*, de modo que aquilo chegou a mim como algo novo, e fiquei genuinamente surpreso com a repulsa que senti. Depois, tentei compreender por quê, pois o que estava sendo descrito eram exercícios de terapia de grupo e de caráter devocional que, em si mesmos, certamente pareciam bastante inofensivos.

Acho que a razão de eu ter reagido daquela maneira foi que me pareceu que, no mundo como você gostaria de vê-lo, nada é realmente genuíno. Tudo possui uma qualidade de “pseudo”. Em razão de sua desvalorização do subjetivo, tudo o que é real é algo diferente daquilo que parece ser. Por exemplo, para as pessoas que participavam dos exercícios de caráter devocional, as expressões de lealdade ao código seriam vivenciadas subjetivamente como verdadeira devoção. Mas Frazier [o planejador da sociedade] sabe, e já sabia, que elas haviam sido planejadas dessa maneira, que não eram reais, que não passavam de uma forma de engenharia humana destinada a manter as pessoas alinhadas ao código. Percebi que, se algum indivíduo em *Walden Two* viesse a saber disso, o mínimo que faria seria deixar de participar desses exercícios. Assim, tal como o compreendi, toda a sociedade se baseava na noção de controle dissimulado. Isso me fez perguntar quanto tempo um *Walden Two* real duraria. Essa não é uma pergunta ociosa, pois ouvi dizer que você está tentando obter recursos para estabelecer um *Walden Two* de fato. Portanto, apesar de sua sinceridade, na qual realmente confio, parece-me que os mundos hipotéticos que você constrói são fundamentalmente insinceros. Eles não são aquilo que parecem ser. Não são genuínos.

SKINNER: Fico contente que você tenha me dado a oportunidade de responder aos comentários de ontem à noite sobre *Walden Two*, embora eles não tenham sido propriamente feitos para aquecer o coração de um autor. (Rogers ri.) Mas, na verdade, eu planejei que fosse assim. (Rogers ri novamente.) Há duas coisas a respeito desse livro que precisam ser levadas em consideração ao discutir Frazier. Levantou-se a questão da dificuldade que um crítico enfrenta ao identificar o autor com um personagem específico. Uma coisa que se pode fazer é perguntar ao autor. Bem, estou aqui para dizer que, quando escrevi o livro, eu tinha sérias dúvidas a respeito de Frazier. Acho que o livro é, em grande parte, uma luta entre dois aspectos de minha própria personalidade, representados por Burris e Frazier. Mas, quando dei a Frazier, como personagem fictício, a oportunidade de dizer coisas que eu mesmo não ousava dizer, tudo aquilo começou a fazer sentido para mim, e agora sou um frazeriano convicto.

Isso, no entanto, não faz daquela passagem uma passagem particularmente convincente, por duas razões. Em primeiro lugar, o próprio Frazier levanta essa questão. Eu deliberadamente fiz dele uma pessoa desagradável, e há uma cena em que toda essa questão é discutida. O ponto central aqui é, como diz Frazier, que uma pessoa pode, por meio de uma análise científica, elaborar um modo de vida melhor e, ainda assim, não ser capaz, ela própria, de viver dessa maneira. Ela própria pode não ser o tipo de pessoa admirável que aquela cultura é agora capaz de produzir, porque não é um produto dela. Frazier dizia coisas em sentido contrário: é possível chegar a boas práticas culturais sem ser capaz de assimilá-las pessoalmente. Frazier tem o que se poderia chamar de carisma negativo. Todos os grandes líderes tiveram carisma. Jesus tinha carisma. São Paulo tinha carisma. Outros líderes tiveram um carisma menos admirável. Eram eficazes como pessoas, mas Frazier não é eficaz como pessoa. Ninguém sabe quem ele é, e ninguém conhece sua participação na fundação da comunidade. Ele tenta fazer com que dois arquitetos venham explicar alguma coisa a um pequeno grupo, mas eles vão nadar em vez disso, e assim por diante. Ele não é, de modo algum, um líder no sentido corrente, e isso foi deliberadamente colocado no livro.

Portanto, a descrição que Frazier faz dos serviços dominicais pretendia ser cínica, pretendia despertar no leitor uma atitude crítica. Além disso, escrevi o livro para alertar as pessoas para as possibilidades de uma utopia. O principal problema, como alguém já observou, está presente há muito tempo no pensamento crítico sobre as utopias. O problema hoje não é saber se elas são possíveis, mas como impedi-las. (Rogers ri.) Isso pode ser sério. Como disse o Dr. Rogers, sou sincero a esse respeito. Estou muito preocupado com o possível uso indevido de uma tecnologia do comportamento.

A outra razão pela qual essa passagem é fraca é que, tal como foi interpretada ontem à noite, ela introduziu os vários valores que Frazier enumera. Eu queria escrever um livro que descrevesse um experimento e tive de supor qual seria o resultado daqueles dez anos de experimento. O ponto central do livro é que todas as culturas são experimentais — ou deveriam ser. Elas são experimentais, quer tenham sido planejadas para isso ou não, porque, se não forem fortes, acabarão desaparecendo. Uma cultura adequadamente planejada deveria planejar a si mesma como um experimento, de modo que pudesse ser testada e pudesse mudar conforme as circunstâncias exigissem. Tive de supor quais valores teriam emergido ao final daqueles dez anos. E eles acabaram sendo valores de classe média. Tenho plena consciência disso. Tenho consciência de minha condição de classe média e de minha formação de clas-



se média e, naturalmente, tendo a preferir coisas como saúde, sabedoria, riqueza, conforto, produtividade, criatividade e assim por diante.

Mas a passagem em que essas questões são discutidas diretamente, penso eu, apresenta-as sob uma luz mais favorável. Para começar, é preciso definir algum plano para uma comunidade. Como disse Frazier: “Para começar, prefiro a saúde à doença. Prefiro a sabedoria à ignorância.” E assim por diante. Acho que todos poderíamos concordar com isso, sem deixar de reconhecer que pode haver momentos em que seja necessário decidir se devemos valorizar a saúde acima da sabedoria, e assim por diante. Começa-se um planejamento baseado em alguns desses princípios. Eles não são realmente valores no sentido filosófico. É preciso planejar para alguma coisa. Planeja-se visando alguma coisa e, para começar, escolheríamos aquilo que parece melhor em nosso modo de vida. Nas condições de uma comunidade experimental, porém, é bem possível que essas coisas venham a mudar. Minha preocupação é que sejamos bem-sucedidos demais, não em regimentar as pessoas, mas em torná-las irrequietas demais e difíceis de controlar.

Não tenho certeza de que algum dia chegarei a criar uma comunidade experimental, mas, se o fizer, um dos aspectos mais desafiadores seria o controle ecológico total da criança⁷⁰, desde o nascimento até os primeiros cinco ou seis anos de vida. Esses são os anos de maior desperdício em nossa cultura atual. Durante esse período, esses organismos sensíveis são capazes de realizações fantásticas e, ainda assim, todos chegam aos cinco ou seis anos bastante prejudicados. Isso pode, porém, ser feito de outra maneira. Pode ser feito, no início, com controle total por parte do ambiente, e isso produzirá técnicas de autogestão e autocontrole, de modo que, à medida que a criança cresça, o controle exercido pelo ambiente possa ser progressivamente relaxado e ela possa seguir por conta própria. Concordo plenamente com o Dr. Rogers que precisamos liberar a liberdade interior do indivíduo, entendendo por isso a liberdade em relação a controles externos explícitos e, particularmente, aversivos. Quero ensinar a pessoa a falar consigo mesma, repassar seus planos, examinar a si mesma como indivíduo e assim por diante.

Técnicas de autogestão podem e devem ser ensinadas desde muito cedo. Não há razão para que uma criança de seis anos não possa já ter desenvolvido um sistema bastante eficaz de autogestão ética. Não é cedo demais. Não sabemos o que seria cedo demais. Toda essa noção de prontidão⁷¹ é uma das coisas terríveis dessas forças internas que, estou certo, o Dr. Rogers condenaria tão prontamente quanto eu. “A criança não pode aprender a ler até que esteja pronta para ler” é uma das piores limitações inibidoras, experienciais internas, fictícias e hipotéticas do comportamento humano. Na Universidade Yale, há crianças de três anos e meio digitando frases completas em máquinas de escrever elétricas, com o posicionamento correto dos dedos. Não se trata, de modo algum, de padrões rotineiros aprendidos por repetição mecânica. São respostas verbais a frases projetadas na tela. Três anos e meio! São crianças de classe média de New Haven. Não são, de modo algum, gênios. Não fazemos a menor ideia do que esse organismo humano tão complexo é capaz de fazer.

Quero dar ao Dr. Rogers tempo para responder antes de encerrarmos, mas espero que, antes que esta manhã termine, eu também possa levantar a questão de como os pombos diferem das pessoas.

ROGERS: Certo. Uma das questões realmente fundamentais em que o Dr. Skinner e eu concordamos é nossa visão das vastas potencialidades ainda inexploradas do organismo humano, que nunca foram plenamente liberadas ou plenamente desenvolvidas. Embora possamos seguir caminhos um tanto diferentes para chegar a isso, penso que estamos realmente de acordo nesse ponto. Não tenho certeza de quanta influência — ele chamaria de controle, eu chamaria de influência — eu possa ter exercido sobre o Dr. Skinner. Fiquei intrigado com sua afirmação de que, se vamos planejar uma cultura ou uma sociedade, temos de escolher determinados valores como ponto de partida. Não sei o que significa, em sua terminologia, dizer que temos de escolher determinados valores, porque, pelo que eu havia compreendido, era precisamente nesse ponto que ele considerava que isso não era possível. Concordo plenamente, no entanto, com sua afirmação de que temos, sim, de escolher determinados valores e de que essas escolhas precedem nossa tentativa de redesenhar uma cultura. Espero também que escolhamos valores que incorporem todo o processo de mudança. Nunca me agradou muito o tipo bastante estático de valores, sejam eles de classe média ou não, incorporados em *Walden Two* ou em outros escritos do Dr. Skinner.

Agora, gostaria de mudar um pouco de assunto para introduzir outra questão que ainda não abordamos. Trata-se da preocupação de que possamos acabar nos contentando com uma visão excessivamente estreita das ciências do comportamento. Penso que essa é uma das verdadeiras diferenças entre nós. Gostaria de ler rapidamente duas afirmações, uma de um psiquiatra e outra de um psicólogo. O psiquiatra diz: “Infelizmente, aqueles que fazem do método científico um fetiche, tendem a excluir a subjetividade de seus dados por considerá-la não ‘científica’.” De minha parte, não posso acreditar que qualquer estudo do ser humano que exclua o subjetivo possa sequer ser uma ciência. Na melhor das hipóteses, é apenas uma ciência parcial. Penso que uma ciência deve incluir todos os dados da experiência. E, quando os problemas da vida constituem seu objeto de estudo, os dados da subjetividade devem

⁷⁰ A expressão “controle ecológico” (*ecological control*) refere-se aqui ao controle exercido pelo conjunto das condições ambientais que circundam a criança e participam da formação de seu comportamento, e não ao sentido contemporâneo de “ecológico” relacionado ao meio ambiente natural. No contexto da argumentação de Skinner, trata-se da organização ampla das condições de vida e das contingências ambientais desde os primeiros anos, que, segundo o autor, poderiam progressivamente dar lugar ao desenvolvimento de repertórios de autogestão e autocontrole (N. dos R.).

⁷¹ *Readiness* (“prontidão”) refere-se, no contexto educacional, à ideia de que determinadas aprendizagens dependeriam de a criança alcançar previamente um nível de maturação ou um estado de preparação considerado necessário para realizá-las. Skinner questiona aqui o uso dessa condição interna como explicação para os limites da aprendizagem (N. dos R.).



ter um peso extraordinariamente grande. Um psicólogo da Califórnia coloca a questão em termos um pouco drásticos demais para o meu gosto, mas, ainda assim, significativos. Ele diz: “Os behavioristas nos mostraram a verdadeira natureza da neurose, não naquilo que ensinaram, mas na maneira como redefiniram o ser humano para evitar o verdadeiro perigo de adotarmos uma perspectiva excessivamente estreita quando voltamos os instrumentos de nossa ciência para o estudo do ser humano.” Espero que, ao tentarmos planejar culturas, ao nos empenharmos em melhorar a educação e em liberar essas potencialidades no indivíduo, possamos contar com uma ciência que considere todo o conjunto dos dados e o ser humano em sua totalidade.

SKINNER: Quero fazer apenas uma observação antes do intervalo. Não creio que eu exclua coisa alguma de minhas considerações. Pensei ter reconhecido várias vezes a existência de eventos no interior do indivíduo, com os quais esse indivíduo mantém um contato especialmente íntimo. Confessei que tenho sentimentos e assim por diante. Confessei a importância deles em minha vida. Como cientista, levanto a questão de saber se eles são algo que precede e determina minha ação ou se constituem uma observação de meu próprio comportamento depois do fato — ou, possivelmente, antes do fato, se aquilo que estou de fato observando são as condições que serão responsáveis por meu comportamento no futuro.

Penso que estamos chegando aqui a dois resultados bastante satisfatórios. Identificamos algumas diferenças fundamentais. Por outro lado, tirei grande proveito disso. Você perguntou a quem eu estava me dirigindo e disse sentir que, em minhas observações iniciais, eu não estava falando com você. Parece-me que você e eu deveríamos ser capazes de analisar o comportamento verbal melhor do que isso. Você tem se interessado, mais do que qualquer outra pessoa, penso eu, pela natureza do contato verbal. Eu escrevi um livro sobre isso e também tenho me interessado pelo tema. Não acredito, assim como você não acredita, nessa comunicação de ideias de um lado para o outro, na implantação de opiniões ou atitudes. Essas não são maneiras eficazes de falar sobre o comportamento verbal. Não vim até aqui para lhe dizer alguma coisa no sentido comum de comunicar, nem para que me dissessem alguma coisa nesse sentido. Vim para participar de uma certa quantidade de comportamento verbal, assim como poderia ter vindo até aqui para jogar futebol ou algo semelhante, mas espero sair daqui mudado por isso, e penso que já estou mudado, embora talvez não saiba em que medida. Há uma história sobre Gertrude Stein que é pertinente aqui. Certa noite, Gertrude Stein e sua companheira, Alice B. Toklas, estavam jantando com Robert Hutchins, quando ele era presidente da Universidade de Chicago. Mortimer Adler estava presente, assim como outros intelectuais, e houve uma discussão muito animada. Quando a noite chegou ao fim, Alice B. Toklas aproximou-se de Mortimer Adler e disse: “Gertrude Stein disse coisas aqui esta noite que levará meses para ela própria compreender.” Aguardo, portanto, um ótimo mês depois desta conferência.

ROGERS: Vamos fazer um intervalo.

MODERADOR: Durante esta próxima hora, esperamos ajudá-los a esclarecer algumas das questões que estão diante de vocês. Na primeira meia hora, trataremos de algumas perguntas escritas que nos foram entregues ontem à noite, como resultado das reuniões dos grupos. De centenas delas, fizemos uma síntese que resultou em cerca de vinte. Dessas vinte, procuramos selecionar dez. (*Rogers ri*.) Esperemos conseguir passar de cinco. Eu apresentarei a pergunta. O Dr. Skinner e o Dr. Rogers têm, cada um, uma cópia da lista. A pessoa a quem a pergunta foi dirigida será convidada a responder. Se o outro quiser responder, também poderá fazê-lo. A primeira pergunta é dirigida ao Dr. Rogers: Um sentimento subjetivo de liberdade constitui evidência suficiente de que essa liberdade é real e de que o ser humano não está sujeito ao controle de suas condições genéticas e ambientais?

ROGERS: Penso que essa pergunta indica algum mal-entendido em relação ao ponto de vista que apresentei porque, como já disse, estou em pleno acordo com o Dr. Skinner de que, quando considerado a partir de uma perspectiva externa, científica e objetiva, o ser humano é determinado por influências genéticas e culturais. Também afirmei que, em uma dimensão inteiramente diferente, coisas como liberdade e escolha são extremamente reais. Eu os lembraria do exemplo que dei de Viktor Frankl no campo de concentração. Teria sido interessante tentar dizer a ele que a liberdade de escolha, que sentia ainda lhe restar, era completamente irreal. Ele sabia que era real porque viu pessoas que não exerciam essa liberdade e que, sentindo-se de fato completamente controladas, morriam como moscas. Aqueles que tinham maiores chances de sobreviver eram os que preservavam a concepção de que: “Sou uma pessoa, eu escolho.” Portanto, para mim, trata-se de uma dimensão inteiramente diferente, que não é facilmente conciliável com o ponto de vista determinista. Vejo isso como algo semelhante à situação na física, em que se pode demonstrar que tanto a teoria ondulatória da luz quanto a teoria corpuscular são sustentadas por evidências, embora pareçam contraditórias entre si. No estado atual do conhecimento, elas não são conciliáveis, mas negar uma ou outra significaria restringir nossa percepção da física. É nesse mesmo sentido que considero ambas essas dimensões reais, embora existam em uma relação paradoxal.

MODERADOR: Dr. Skinner, gostaria de responder?

SKINNER: Sim. Há regiões do mundo em que as pessoas têm muito pouco dessa concepção de si mesmas ou de valor pessoal, e é difícil para nós, vindos de nossa cultura, lidar com elas e compreender o que está envolvido



nisso ou por que não agem mais em defesa de si mesmas. Não atribuo isso a uma diferença genética nem a algo relacionado à estrutura básica dos organismos, mas, antes, ao que chamamos de literatura da democracia. Quando se tenta derrubar o controle despótico de um governante, é provável que a única força disponível esteja no próprio povo. A literatura da democracia proporcionou ao indivíduo uma história na qual lhe foi assegurado que ele é a fonte última do poder e que ele próprio pode se insurgir contra alguém que pretenda controlá-lo; que pode, ao se organizar com outros que tenham inclinações semelhantes, tornar-se uma força poderosa e que, em certo sentido, pode governar a si mesmo. Ao menos, pode consentir em ser governado por alguém que governe de acordo com seus próprios interesses. Isso foi, a meu ver, uma descoberta. Foi a descoberta de uma teoria da democracia — e não me refiro à democracia grega ou romana, que era uma democracia de elite. Foi a descoberta da importância do homem comum. Ela lançou luz sobre o fato de que ele poderia ser transformado em uma pessoa capaz de empreender ações políticas e, por vezes, revolucionárias ou militares, e de derrubar outras formas de controle. Temos isso em nossa própria cultura. Ensinamos às nossas crianças que elas próprias são a medida final, que a vida é planejada para elas e que, se não estão conseguindo o que desejam, podem fazer algo a respeito.

Isso, ao que parece, transferiu-se apenas de maneira bastante limitada para os campos de concentração e para os campos de prisioneiros de guerra, por exemplo, na Coreia ou na China. Há evidências de que o modo de vida democrático está sofrendo. Ele não está sendo bem transmitido por nossa cultura, e a razão disso, penso eu, é que entra em conflito com certos fatos científicos sobre a liberdade e a iniciativa pessoais. Estou interessado em tentar elaborar uma filosofia que faça tanto pelo indivíduo quanto essa concepção fez, mas que não se expresse em termos de liberdade e de atividade iniciada internamente, que cumpriram seu propósito e que, penso eu, estão agora ultrapassadas.

MODERADOR: A segunda pergunta, dirigida principalmente ao Dr. Skinner: o senhor falou de sua preferência por estudar comportamentos observáveis em vez de aspectos menos observáveis, como traços de personalidade. Considera que o estudo e a mensuração desses comportamentos são suficientes para uma ciência do comportamento humano ou acredita que seria necessário, então, subir na escala de abstração e, de algum modo, relacionar os comportamentos observáveis a conceitos mais amplos, como o de personalidade?

SKINNER: Bem, estou ciente da simplificação excessiva da situação operante enquanto situação experimental. Toda ciência, em seus estágios iniciais, é excessivamente simplificada, porque não se pode fazer nada até que se desenvolvam técnicas que permitam lidar com relações simples. Uma vez que se dispõe dessas técnicas, pode-se lidar com relações mais complexas. Atualmente, no campo do condicionamento operante, lidamos com amostras ou segmentos complexos de comportamento e poderíamos, penso eu, estabelecer uma analogia razoável com alguns dos elementos que temos discutido nesta conferência. No entanto, deixarei para mais tarde minhas observações sobre a diferença entre pombos e pessoas.

A questão a respeito da personalidade não é se ela constitui uma área a ser estudada, mas se é um conceito útil. Trata-se de um desses termos internos, e tem sido um termo perigoso. Se você diz que um jovem em conflito com a lei sofre de uma personalidade desordenada e, então, procura explicar essa personalidade desordenada, precisa remontar à história anterior do indivíduo e, talvez, a fatores genéticos e, ainda mais provavelmente, ao seu condicionamento cultural. Uma vez que tenha retornado a esses fatores, pode utilizá-los para explicar o próprio comportamento delinquente, em vez de recorrer ao termo intermediário “personalidade”. A meu ver, personalidade é uma ficção explicativa que, por vezes, parece oferecer a possibilidade de falar sobre padrões mais amplos de comportamento — constelações comportamentais mais abrangentes do que aquelas que podem ser convenientemente tratadas em termos do comportamento em si — e, no estágio atual de nosso conhecimento, pode cumprir alguma função heurística. Entretanto, quem se interessa pela personalidade terá, em algum momento, de retornar àquilo por meio do qual uma personalidade se expressa e, uma vez que isso seja analisado de maneira eficaz, chegará a uma forma alternativa de lidar com esses problemas que será muito mais satisfatória. O comportamento problemático deveria ser relacionado às diversas condições que influenciam o comportamento, sem ser denominado expressão de uma personalidade problemática. Não vejo vantagem no termo, exceto uma vantagem temporária, na medida em que permite falar sobre questões importantes de maneira não excessivamente complicada. Penso, contudo, que evitar essa dificuldade tem um preço muito alto.

MODERADOR: Dr. Rogers, gostaria de responder a isso?

ROGERS: Gostaria de fazer um breve comentário. Toda vez que uma questão diz respeito ao procedimento científico, o Dr. Skinner e eu nos vemos de acordo. Do ponto de vista da ciência, é o comportamento observável que interessa a nós dois. Por exemplo, ao estudar o processo de mudança tal como ocorre na psicoterapia, temos dedicado muito tempo a tentar identificar os comportamentos observáveis que indicam mudança e a estudá-los. No que diz respeito à teoria, à medida que nossa ciência amadurecer, cada vez mais as teorias constituirão uma conciliação e integração de grandes conjuntos de dados observados, em vez de serem construções da fantasia.

MODERADOR: A próxima pergunta é dirigida a ambos: trata-se apenas de mais uma discussão filosófica



sobre livre-arbítrio versus determinismo? Se não, em que ela difere?

SKINNER: Não se trata apenas de mais uma discussão filosófica, porque ambos estamos preocupados com importantes consequências práticas. Minha preocupação é chegar a uma concepção do indivíduo que possamos aceitar, que consideremos útil, digna e valiosa e que, ao mesmo tempo, seja compatível com a abordagem de uma ciência natural ou social do comportamento humano. Chegou o momento de retirar essa questão do domínio da discussão filosófica e enfrentá-la deliberadamente. Se ainda tendemos (como ocorre na ciência política, na crítica literária e em muitas áreas que tratam do comportamento humano) a trabalhar com uma concepção de ser humano que deixa ampla margem para o capricho, para mudanças individuais espontâneas e assim por diante, teremos problemas. Precisamos tornar aceitável e valiosa uma imagem diferente do ser humano. E, embora a questão do determinismo certamente esteja colocada, espero que aquilo que dissemos aqui vá muito além do que costuma ser dito nas discussões sobre esse tema, tarde da noite, nos dormitórios universitários.

ROGERS: Certamente concordo que esta não parece ser uma discussão filosófica sobre livre-arbítrio versus determinismo. Em primeiro lugar, ambos concordamos que, quando considerado a partir de uma perspectiva científica, o comportamento humano de fato parece ser determinado, e que todo o campo das ciências do comportamento está interessado em estudar essas sequências de causa e efeito. Procurei indicar que nossa ciência deveria ser suficientemente ampla para incluir uma preocupação e um interesse pela subjetividade, assim como pelos comportamentos puramente externos. Também indiquei que precisamos reconhecer o fato de que uma perspectiva científica não constitui a totalidade da vida e não é uma base suficiente para uma filosofia abrangente da vida ou das pessoas. Para mim, é disso que esta discussão tem tratado.

MODERADOR: A próxima pergunta é mais prática e, suponho, dirigida principalmente ao Dr. Rogers: um orientador escolar de ensino médio pode utilizar tanto princípios de condicionamento quanto a psicoterapia rogeriana com igual eficácia?

ROGERS: Um orientador escolar de ensino médio, ou qualquer outro orientador⁷², tem a obrigação de buscar continuamente aquilo que é eficaz para produzir mudanças construtivas na personalidade. Felizmente, esta é uma questão que, a longo prazo, poderá ser respondida por meio da investigação empírica. Até o momento, foram realizadas poucas pesquisas nessa direção e, que eu saiba, nenhuma com estudantes do ensino médio. Um estudo remotamente relacionado foi realizado por dois pesquisadores que procuraram utilizar três tipos diferentes de terapia com pessoas com alcoolismo em uma instituição. Um deles era uma abordagem baseada na teoria da aprendizagem (não uma abordagem de condicionamento operante, mas uma abordagem baseada na teoria da aprendizagem); outro era uma abordagem analítica; e o terceiro, uma abordagem centrada no cliente. Os resultados foram estudados objetivamente por meio de testes, de dados sobre o retorno ao hospital em razão do alcoolismo e assim por diante. Essa pesquisa tem sido de grande interesse para mim porque os grupos que a conduziram partiram do viés pessoal — e é quase impossível, em uma situação como essa, escapar de algum viés pessoal — de que a abordagem baseada na teoria da aprendizagem seria a mais útil. No entanto, verificou-se que ela foi a menos útil. De fato, essa abordagem apresentou evidências objetivas de ter causado algum dano a esses indivíduos. A abordagem que se mostrou mais eficaz foi a centrada no cliente. Não tomo isso, contudo, como uma conclusão definitiva nem nada semelhante. Foi um único estudo. Precisamos de muitos estudos sobre o que é efetivamente capaz de produzir mudanças construtivas.

SKINNER: Não me surpreende nem um pouco que uma abordagem baseada na teoria da aprendizagem possa dar errado, porque já vi tantas delas tão mal planejadas que eu nem as reconheceria. (*Rogers ri.*) Eu precisaria conhecer os detalhes antes de admitir qualquer preocupação com esse caso específico.

ROGERS: Se isso o deixar menos preocupado, tratava-se da teoria da aprendizagem de Mowrer, e ele atuou como consultor no estudo; portanto, a abordagem foi conduzida em termos que ele próprio considerava adequados.

SKINNER: Sim, bem, isso ainda não me tranquiliza. A palavra “aconselhamento”⁷³ aqui me incomoda. Obviamente, não sou a autoridade nesta mesa nesse campo e não me sinto nada à vontade tentando imaginar alguma forma de aplicar princípios do condicionamento operante a uma situação em que há um estudante de um lado da mesa e um conselheiro do outro. Eu diria que ainda há muito a ser feito antes que um conselheiro possa trabalhar com segurança simplesmente no campo do reforçamento para ajudar as pessoas. Eu diria que o conselheiro interes-

⁷² No original, “counselor”. Essa palavra deriva de *counseling* que corresponderia ao prelúdio do trabalho clínico que, no Brasil dos anos 60-70 foi conhecido como “aconselhamento psicológico”. A palavra *counselor* foi traduzida por conselheiro ou aconselhador, com óbvias limitações de interpretação. Nos Estados Unidos, como se define um *professional counselor*? “Conselheiros profissionais ajudam as pessoas a obter insights pessoais, desenvolver estratégias e encontrar soluções práticas para os problemas e desafios que enfrentam em todas as áreas da vida. Como profissionais qualificados e credenciados, eles realizam esse trabalho conhecendo seus clientes, estabelecendo relacionamentos seguros e positivos e sugerindo ferramentas e técnicas que acreditam ser benéficas para eles” (definição disponível no próprio site da *American Counseling Association*: <https://www.counseling.org/mental-health-counseling/what-is-counseling#>). (N. do E.).

⁷³ No original, “counseling”.



sado na chamada saúde mental de seu sistema escolar talvez empregasse melhor seu tempo fora daquela mesa. Em vez disso, deveria examinar como se lida com as crianças na escola; como elas chegam à escola; como seus horários são organizados; o que obtêm da escola; que problemas surgem em razão dos professores com os quais são colocadas e assim por diante. Nesse caso, eu adotaria uma abordagem terapêutica mais preventiva, e tenho certeza de que o Dr. Rogers se interessa por isso tanto quanto eu. Não penso que esses problemas precisem esperar até que o estudante e o conselheiro estejam frente a frente a uma mesa de aconselhamento e, certamente, não em um divã de aconselhamento. A aplicação à educação dos princípios que considero produtivos e úteis estaria muito mais voltada para o problemático modo como o sistema educacional é planejado do que para lidar com seus efeitos específicos sobre estudantes individualmente.

MODERADOR: A pergunta seguinte é dirigida a ambos: qual é o papel de um “código de conduta” ou de uma “religião” em uma cultura, tal como os senhores a concebem?

ROGERS: Tenho refletido bastante sobre a questão de como as pessoas chegam a seus valores. Receio que “código de conduta” seja uma expressão que não teria muito significado para mim no tipo de cultura que procurei descrever esta manhã. Por outro lado, espero que o tipo de processo de valoração que parece caracterizar as pessoas psicologicamente maduras em nossa cultura também seja característico dos indivíduos no tipo de cultura que eu gostaria de ver estabelecida. Não tenho certeza de que consiga descrevê-lo brevemente, mas vou tentar. A pessoa psicologicamente madura tende a estar aberta aos diversos aspectos de sua experiência. Está aberta aos aspectos externos: às exigências da sociedade, à possibilidade de relações interpessoais harmoniosas ou turbulentas, às exigências legais, às exigências do ambiente físico e assim por diante. Também está aberta e sensível às reações afetivas e aos significados pessoais presentes em seu próprio experienciar e que se desenvolveram a partir de suas aprendizagens passadas. A partir disso, cada novo objeto, cada novo acontecimento, é avaliado por ela em seu próprio experienciar em termos de favorecer ou não seu próprio bem-estar. Isto é, acredito que o processo de valoração mais sensível que existe encontra-se na pessoa psicologicamente madura. Quando ela está envolvida nesse processo de valoração — na interação com seu ambiente e assim por diante —, não se trata de uma forma egoísta de valorar, embora, certamente, ela valore as coisas em função de favorecerem ou não sua própria atualização. Trata-se, contudo, essencialmente de um processo de valoração de natureza social, simplesmente porque a natureza do animal humano revela-se profundamente social. Portanto, eu não estaria inclinado a discutir um código de conduta, nem estaria inclinado a discutir uma religião nessa sociedade, nessa cultura que procurei descrever. Estaria, porém, muito preocupado em assegurar que os indivíduos fossem capazes de, com sensibilidade e abertura, ser seus próprios avaliadores das experiências e dos acontecimentos nos quais estivessem envolvidos.

SKINNER: Vejo essa pergunta como relacionada a toda a questão da evolução das práticas culturais. Quando um grupo de pessoas começa a viver junto, seus membros começam a afetar uns aos outros; cada um faz parte do ambiente dos demais. Um homem forte pode, por exemplo, espoliar todos os outros por causa de sua força física, mas os demais rapidamente — pelo menos, rapidamente em termos de tempo evolutivo — podem exercer contra-controle, organizando-se e passando a considerar errado usar a força. Mais tarde, talvez alguém se torne esperto, use sua astúcia e engane outras pessoas, chegando até mesmo a enganar o homem forte. É Br'er Rabbit enganando Br'er Wolf e Br'er Fox. Br'er Fox⁷⁴ também aparece aí do lado dos astutos. Mas então passa-se a considerar errado falsear, errado enganar. Não quero dizer que isso seja “decidido” no sentido de alguém se sentar e chegar a essa conclusão. As pessoas simplesmente começam a punir aqueles que usam a força ou enganam os outros. Tudo isso pode acontecer sem que essas práticas sejam formalizadas em um código. Tenho certeza de que os judeus já praticavam os princípios presentes nos Dez Mandamentos antes que eles fossem formulados como um código. O valor dessa formalização é tornar mais claras as práticas do grupo e permitir que o indivíduo se conforme a elas com maior facilidade. Ela tem uma função instrutiva.

Isso fica mais claro se passarmos da tecnologia cultural para a tecnologia física. As primeiras técnicas físicas, como aquelas que um artesão precisava ensinar a seu aprendiz, eram frequentemente transmitidas na forma de regras, máximas ou provérbios. Por exemplo, na Idade Média, um ferreiro, ao ensinar um menino a manejar o fole que mantinha acesa a forja, ensinava-lhe um pequeno verso, mais ou menos assim: “Bem para cima, bem para baixo; rápido para cima, devagar para baixo — é assim que se deve soprar.” O que está em questão aqui é simplesmente a maneira correta de manejar o fole. É preciso percorrer toda a extensão do movimento: bem para cima, bem para baixo. Na subida, o fole não está soprando ar sobre o fogo, por isso pode-se subir rapidamente; na descida, é preciso ir devagar, pois, do contrário, o sopro pode dispersar o fogo. Depois de aprender o pequeno verso, você se torna um verdadeiro especialista em manejar o fole. As primeiras leis científicas provavelmente eram desse tipo: formulações que descrevem comportamentos eficazes ou orientam a agir de maneira eficaz. Não há mistério no fato de que os grandes formuladores de códigos, os grandes

⁷⁴ Br'er Rabbit, Br'er Fox e Br'er Wolf são personagens de narrativas da tradição oral afro-americana, posteriormente popularizadas nas histórias de *Uncle Remus*, publicadas por Joel Chandler Harris a partir do final do século XIX. Br'er Rabbit (“Brother Rabbit”) é uma figura do tipo *trickster*, que frequentemente supera personagens fisicamente mais fortes, como Br'er Fox e Br'er Wolf, por meio da astúcia e do engano. Nos quadrinhos e traduções publicados no Brasil (como pela Editora Abril), o malandro Br'er Rabbit ficou conhecido como Compadre Coelho ou Coelho Quincas, enquanto seus eternos rivais ganharam nomes como Compadre Raposo e Compadre Urso. A referência de Skinner ilustra, nesse contexto, a passagem do uso da força física para o uso da esperteza como forma de controlar ou obter vantagem sobre os outros (N. dos R.).



legisladores, tenham sido sempre tão respeitados. Os romanos desempenharam um papel importante na civilização ao formalizar em códigos leis que, sem dúvida, já eram praticadas anteriormente. E há algo a ganhar com essa formalização: pode-se ensinar por preceitos, em vez de pela prática. Perdemos muito quando decidimos que princípios éticos e morais deveriam ser ensinados apenas pela prática, e não por preceitos. Se ensinamos ciência por meio de preceitos, não vejo por que não poderíamos ensinar ética da mesma forma. E podemos fazê-lo se conseguirmos controlar a motivação do estudante. De modo geral, essa preferência pela prática em vez do preceito tem sido uma busca por motivar o estudante, mais do que por uma instrução eficaz.

A diferença entre um código moral desse tipo e uma religião está simplesmente nas sanções implícitas ou expressas envolvidas. Se você diz que, ao se comportar dessa maneira, as pessoas gostarão de você e isso será melhor para todos, isso constitui uma religião naturalista⁷⁵. Trata-se de apontar para as consequências que conferem valor a uma prática cultural. Por outro lado, se você diz que o código foi revelado por um profeta e é a palavra de Deus — se as sanções se encontram em outro mundo e, caso você siga o código, será recompensado com a expressão máxima de todas as recompensas, o céu, mas, caso não o siga, será punido com a expressão máxima de todo reforçamento negativo⁷⁶, o inferno —, então você está no campo da religião. Não há dúvida de que essas sanções têm sido eficazes e podem continuar a sê-lo. A abordagem naturalista sustenta que o ser humano não necessita desse tipo de sanção sobrenatural e que é possível haver uma ética puramente humanista. Penso que isso é algo que ainda precisa ser demonstrado. Toda essa questão da formalização em códigos me parece uma invenção cultural — um planejamento cultural — que torna mais claras as forças de controle que o grupo exerce sobre o comportamento do indivíduo.

ROGERS: Gostaria de comentar que talvez o problema com encontros desse tipo, e com qualquer tentativa de resolver questões entre indivíduos ou grupos, seja o fato de não seguirmos aquele verso do fole. Deveríamos subir devagar, para aos poucos assimilar e realmente compreender o que está sendo dito, mas geralmente subimos rápido. Deveríamos descer devagar, para nos expressarmos de maneira refletida, mas o que geralmente acontece é que descemos rápido e sai uma grande rajada de ar.

SKINNER: Permita-me observar, porém, que o que vai para o fogo é ar frio.

ROGERS: Boa observação.

(A gravação é retomada ao final da fala de Skinner, em resposta a uma pergunta sobre criação dos filhos.)

SKINNER: ... concordava com a afirmação de Frazier de que o lar não é o lugar para criar crianças.

ROGERS: O tipo de clima psicológico que promove crescimento e desenvolvimento é o mesmo, quer estejamos falando de terapia, da escola ou do lar. Estamos fazendo progressos científicos sólidos na compreensão dos elementos e das atitudes que compõem um clima psicológico capaz de favorecer o desenvolvimento individual e pessoal mais construtivo. As evidências indicam que pessoas que são genuínas, que não têm medo de se mostrar a partir dos sentimentos que estão de fato experienciando, são mais construtivas nas relações humanas do que aquelas que mantêm uma fachada. Um clima no qual o indivíduo é valorizado, quer estejamos falando de uma criança pequena ou de um cliente em terapia, tem grande probabilidade de promover crescimento. Quando uma pessoa percebe que sua vida interior de significados é compreendida por outra e reconhece que não vive em isolamento existencial, isso também contribui para seu crescimento e desenvolvimento. Quando se trata dos tipos de limites que seriam mais úteis na criação de uma criança, muitas vezes pensamos em termos daquilo que a criança deveria ou não deveria ter permissão para fazer. Eu gostaria que, tanto quanto possível, os limites necessários ao comportamento surgissem do encontro entre os sentimentos de ambos. A mãe que está completamente exausta e diz ao filho à noite: “Bem, acho que você não tem dormido o suficiente ultimamente. Acho que seria melhor você ir para a cama uma hora mais cedo hoje” está procurando problemas. Ela não está sendo genuína e encontra resistência. Se fosse honesta em relação ao que está sentindo e dissesse: “Estou simplesmente cansada demais esta noite para aguentar você por mais um minuto. Você vai para a cama; não aguento mais!”, essa seria uma relação muito mais saudável. A criança ainda ficará descontente por ter de ir para a cama, mas será pela razão real, e isso poderá existir como um aspecto real da relação entre os dois. Além disso, isso produz um efeito recíproco sobre a mãe. Tendo expressado abertamente seu sentimento de “Cheguei ao meu limite”, ela então percebe que também tem outros sentimentos e provavelmente colocará a criança na cama com mais ternura do que teria feito de outro modo. Assim, minha concepção dos melhores limites para o comportamento infantil é aquela em que os sentimentos da criança estão em contato real com os sentimentos dos pais e, desse contato, podem surgir limites realistas para o comportamento que, a longo prazo, sejam mutuamente aceitáveis. Em algumas situações, esses limites podem ser mais aceitáveis

⁷⁵ Skinner emprega aqui a expressão “religião naturalista” (naturalistic religion) para se referir a uma orientação moral cujas sanções ou consequências se situam no âmbito das relações humanas e da vida social, em contraste com sistemas religiosos que fundamentam suas sanções em uma ordem sobrenatural. Nessa perspectiva, a questão não é estabelecer quais valores seriam verdadeiros em si mesmos, mas compreender as contingências que fazem com que determinadas práticas sejam valorizadas, mantidas e transmitidas por uma cultura (N. dos R.).

⁷⁶ Skinner emprega aqui a expressão *negative reinforcement* (“reforçamento negativo”) ao caracterizar o inferno como consequência punitiva. Na terminologia comportamental contemporânea, reforçamento negativo não é sinônimo de punição: refere-se ao aumento da probabilidade de um comportamento pela retirada ou prevenção de uma condição aversiva. Mantém-se na tradução a expressão utilizada no original (N. dos R.).



para um do que para o outro, mas, a longo prazo, ambos chegam a uma relação realista entre seus sentimentos, mutuamente aceitável, que os ajuda a viver em um mundo humano de sentimentos.

MODERADOR: Neste ponto, chegamos à segunda parte do nosso período de perguntas. Não conseguimos responder a algumas das questões que nos foram encaminhadas por escrito. Talvez alguns de vocês queiram apresentá-las pessoalmente. Alguma pergunta? Sim, senhora... A pergunta, pelo que entendi, é a seguinte: em uma comunidade ideal, na qual reduzíssemos todas as tensões, reduziríamos também a probabilidade do surgimento da genialidade?

SKINNER: Suponho que essa pergunta seja dirigida a mim. Freud se deparou com a mesma questão. Depois de mostrar que grandes obras de genialidade eram essencialmente neuróticas, propôs então curar as neuroses, o que parece indicar que tinha alguma coisa contra a genialidade, ou contra as obras de genialidade. Mas sua resposta, e penso que é uma resposta perfeitamente válida, é que as pessoas podem ser gênias, sejam quais forem as condições em que estejam vivendo. Em um mundo no qual existem muitas neuroses, algumas delas serão neuroses realmente notáveis, e nós as chamaremos de obras de arte ou obras de genialidade. Mas, em um mundo no qual as pessoas levem uma vida mais organizada ou mais bem-sucedida, também haverá obras de genialidade, em razão da capacidade humana de realizar grandes coisas. Elas serão, contudo, um pouco diferentes. Não será uma arte baseada em tendências neuróticas, e não poderá ser uma literatura que trate de conflitos pessoais se não houver conflitos pessoais. Um exemplo disso aparece nas histórias infantis em que o bombeiro é retratado como uma figura heroica. Se existem edifícios sujeitos a incêndios, é muito importante contar com bombeiros corajosos. Mas, se forem inventados edifícios à prova de fogo e eliminados todos aqueles que não o são, já não haverá necessidade de bombeiros corajosos. Isso significa que, no mundo do futuro, todas aquelas coisas sobre as quais adorávamos ler quando crianças deixariam de existir, e algo estaria faltando.

O mesmo se aplica, de maneira muito mais importante, à guerra. No passado, a guerra tem sido inevitável; espero que isso não seja verdade no futuro. Mas aprendemos a apreciá-la transformando guerreiros em heróis, e grande parte da literatura mundial tem tratado de guerreiros heroicos. Se algum dia alcançarmos um mundo em paz, e essa paz for tão completa que sequer consigamos imaginar um mundo em guerra, já não haverá interesse por uma literatura sobre heróis que matam outras pessoas em batalha. E as obras de, digamos, Dostoiévski se tornariam relativamente sem sentido em um mundo no qual ninguém tivesse necessidade de confessar um pecado imaginário ou algo semelhante. Pessoalmente, eu me daria por satisfeito com isso. Sacrificaria as obras de Dostoiévski para alcançar um mundo assim. Não imagino, nem por um momento, que as pessoas se tornariam menos criativas, menos imaginativas ou demonstrariam menos genialidade simplesmente porque a natureza dos temas tivesse mudado. Há casos de pessoas que foram artisticamente muito produtivas sem que se tratasse de dar vazão a neuroses. Johann Sebastian Bach teve dezenove filhos, e podemos concluir alguma coisa disso quanto ao fato de estar livre de neuroses e, ainda assim, ele simplesmente não conseguia deixar de compor. Continuava compondo música em seu leito de morte. Essa é uma resposta freudiana, e eu mesmo a utilizaria. Tenho certeza de que existem atividades nas quais a genialidade humana continuará a se manifestar e, se ela não tiver de lidar com temas neuróticos, tanto melhor.

ROGERS: Concorde com essa última afirmação, mas, de modo geral, adoto uma abordagem um pouco diferente em relação a essa questão. No tipo de cultura sobre a qual tentei falar brevemente esta manhã, espero não ter dado a impressão de que não haveria tensões. Acabei de dar um exemplo bastante pontual do tipo de tensão que existiria, ao falar sobre a mãe e a criança. Há sempre tensões nas relações interpessoais. Há tensões em todos nós quando nos deparamos com tarefas novas e mais exigentes na vida. E dessas tensões, que não são incapacitantes nem destrutivas por natureza, dessas tensões construtivas podem surgir enorme criatividade e genialidade.

MODERADOR: Alguma pergunta nesta parte da plateia?... Pelo que entendi, a pergunta é: talvez não tenhamos dado a devida atenção ao poder do reforçamento positivo, e o conceito de autorrealização de Rogers estaria relacionado a isso? Dr. Skinner?

SKINNER: Não penso, nem por um momento, que o reforçamento positivo seja o único processo que possa ser utilizado no planejamento de uma cultura. Acredito, porém, que seja um processo muito importante. Mas uma análise completa das diferentes forças que impulsionam a ação humana me parece relevante para qualquer aspecto do comportamento humano. E não diria que eu melhoraria as práticas do Dr. Rogers ao reinterpretar o que ele faz em meus próprios termos, mas penso que poderia fazer isso. Tenho certeza de que o Dr. Rogers e eu estamos ambos lidando com o organismo humano tal como constituído pelo processo genético da espécie humana e, na medida em que somos bem-sucedidos, descobrimos características importantes desse organismo. Eu gostaria de ver o ser humano se autorrealizar, alcançar plenamente suas potencialidades, e acredito que, quando tivermos um vislumbre disso, será algo bastante surpreendente.

ROGERS: Não sei se compreendi essa pergunta com clareza suficiente para comentá-la de maneira útil, mas diria que o reforçamento é, sem dúvida, um recurso positivo. No desenvolvimento das potencialidades do indivíduo, entretanto, muitas vezes pensamos apenas em reforçamentos externos. A natureza do organis-



mo humano é tal que muitas coisas se revelam internamente gratificantes. Por exemplo, não precisamos recompensar a criança por seu comportamento curioso e exploratório. Isso é algo que lhe é organicamente satisfatório. O mesmo se aplicaria a várias das atividades da vida do indivíduo que avança em direção ao desenvolvimento de suas potencialidades.

MODERADOR: Pelo que entendi, a pergunta é a seguinte: talvez os dois conjuntos de valores, o de Rogers e o de Skinner, sejam aproximadamente os mesmos e, em particular, para o Dr. Skinner, a maneira como ele forma seus próprios estudantes difere da maneira como se poderia trabalhar em psicoterapia?

SKINNER: Bem, não sei se estou mais satisfeito com a maneira como formo meus estudantes do que com a maneira como crio meus próprios filhos, já que não tenho muito controle sobre o ambiente educacional, embora esteja tentando fazer mais a esse respeito. Acredito que exista algo que se possa chamar de comportamento racional, geralmente exemplificado pela ciência, e suponho que o objetivo, para um paciente em terapia, seja ver o mundo ao seu redor e seus próprios problemas em termos racionais, e não irracionais. Talvez o Dr. Rogers sustentasse que há aqui elementos emocionais ou experienciais bastante diferentes do processo científico, mas, na medida em que é útil responder ao mundo de maneira racional, a educação é uma espécie de terapia preventiva e não poderia também ser utilizada como terapia depois que os problemas já tivessem surgido⁷⁷. Dediquei bastante tempo à análise do comportamento supersticioso e de outras formas de comportamento irracional. As técnicas da ciência são concebidas para nos proteger de algumas dessas formas de comportamento e, nessa medida, constituem práticas culturais úteis. Acredito que o terapeuta faça algo semelhante ao esclarecer as influências que tiveram um efeito prejudicial e colocar o indivíduo mais estritamente sob o controle do ambiente tal como ele realmente é.

ROGERS: Fico contente por ter sido lembrado daquele artigo muito inspirador do Dr. Skinner, publicado no *American Psychologist*, sobre os processos da ciência tal como ele os experienciou em sua própria carreira. Pelo que me lembro desse artigo, o Dr. Skinner apresenta uma imagem muito vívida da vida científica como processo. Isso é exatamente o tipo de coisa que tenho tentado descrever como a "Vida Plena". Longe de saber onde chegaria, ele teve de viver em processo e permitir que os aprendizados emergissem à medida que surgiam, modelando seu novo comportamento. Isso desperta em mim muitos sentimentos em relação ao Dr. Skinner, ao perceber que, em sua própria vida... (*Skinner ri*) ...em sua própria vida, ele valoriza esse processo emergente e imprevisível. O que tenho tentado dizer sobre o tipo de cultura que eu gostaria de planejar, e sobre os tipos de resultados que observo na terapia quando ela é bem-sucedida, é que isso conduz exatamente a esse tipo de coisa. O indivíduo torna-se um processo contínuo de viver, no qual o resultado não está definido. Não há objetivos estáticos. Você nem sequer sabe se, ao final, será feliz. Você vive isso dia após dia, procurando estar aberto a toda a sua experiência. Esse era outro aspecto daquele artigo: procurar estar aberto a todos os aspectos do que havia ocorrido, de modo a aprender com eles. Esse é um ótimo exemplo de uma vida pessoal que consiste, essencialmente, em viver uma abordagem científica. Nesse ponto, poderíamos realmente nos encontrar, porque essa compreensão da vida como processo, que só pode ser vivida existencialmente para que tenha significado, faz todo o sentido. Faz muito mais sentido do que dizer: "É aqui que devemos chegar, e precisamos planejar as coisas para que seja assim."

SKINNER: Este pode ser um momento histórico. Acho que fui modificado por esse argumento. Na verdade, o objetivo do meu artigo era criticar a codificação da ciência por metodólogos, estatísticos e especialistas em delineamento experimental que, tendo muito pouca experiência com a ciência tal como ela é praticada, tentam dizer como o cientista trabalha. É um grande erro ensinarmos ciência aos jovens psicólogos sob a forma de estatística, porque isso tem muito pouco a ver com a prática científica real. No entanto, não vou conceder tudo, porque estou interessado em ensinar a prática científica e, com um planejamento habilidoso, seria possível fazer com que mais pessoas fossem produto de histórias afortunadas desse tipo do que ocorre atualmente. Tenho certeza de que tive muita sorte, que não apenas me conduziu em direções proveitosas, mas também me manteve seguindo em frente por meio do esquema de reforçamento particularmente afortunado que experienciei. Isso deveria ser considerado um fator muito importante na construção da dedicação científica, e parte dessas condições pode ser planejada. Concordo, porém, que não se podem prever todos os caminhos que esse processo irá tomar. Agora começo a compreender o que você quer dizer com "tornar-se".

ROGERS: Isso é muito significativo para mim, porque compartilho bastante desse seu sentimento. Eu também gostaria de ensinar uma abordagem científica. Quero enfatizar novamente que o tipo de vida profissional, e a experiência de viver uma vida profissional científica que você descreveu naquele artigo, aproxima-se muito do que estou falando quando me refiro a uma pessoa em processo de tornar-se. É muito gratificante constatar que encontramos uma profunda semelhança nesse aspecto.

⁷⁷ A construção desta frase no original apresenta uma ambiguidade, pois "could not" pode ser lido, no contexto, como parte de uma formulação interrogativa cuja pontuação não está explicitada no texto. Considerando o encadeamento do argumento, adotou-se a leitura: "e não poderia também ser utilizada como terapia depois que os problemas já tivessem surgido?". Essa interpretação mantém a continuidade entre a caracterização da educação como "terapia preventiva" e a possibilidade de aplicação de princípios semelhantes após o surgimento de problemas (N. dos R.).



MODERADOR: Acho que temos tempo para uma última pergunta nesta parte... Pelo que entendi, a pergunta é a seguinte: quanto a esses fatores ou variáveis internas, o Dr. Skinner indicou que sempre se podem identificar causas externas. O que nos impediria, então, de concluir que poderíamos partir desses fatores internos como possíveis causas originárias?

SKINNER: Acho que a pergunta diz respeito principalmente à prática da ciência. Concordo que toda a cadeia causal remonta indefinidamente ao passado, que deve haver alguma razão para que o ambiente seja como é no momento em que influencia um indivíduo, e assim por diante. Questiono essas coisas principalmente por suas conotações históricas de mentalismo, de mediadores ou agentes não físicos de eventos físicos, o que não constitui, de modo algum, uma abordagem útil. Se considerarmos que esses eventos internos podem ser descobertos como tais, então não nego que, se algo acontece comigo quando criança e minha incapacidade de lidar abertamente com um colega hoje reflete uma ansiedade resultante de eu ter sido punido por brigar com meu irmão, ou algo assim, alguma coisa permaneceu em mim. Alguma coisa sobreviveu em mim, desde a punição pela rivalidade entre irmãos, cinquenta anos atrás, até minha incapacidade de lidar abertamente com um irmão figurativo no grupo de hoje. Minha objeção a esses eventos experienciais internos – quando não mentalistas –, é que eles não descrevem adequadamente que mudança ocorreu em mim cinquenta anos atrás, nem oferecem muita ajuda para prever o que está acontecendo comigo agora como resultado daquele acontecimento de cinquenta anos atrás.

Suponha que você diga: “Fui punido por bater repetidamente em meu irmão, até chegar ao ponto em que deixei de bater nele, mas sempre me sentia ansioso porque estava prestes a bater nele. Essa é uma ansiedade que persistiu até o presente e que torna impossível para mim ser aberto com meus amigos hoje”, ou algo assim. O que a palavra “ansiedade” faz aqui? Se fui punido por bater em alguém e, quando agora estou inclinado a bater, isso produz em mim alterações fisiológicas que descrevo como ansiedade, tudo bem. Mas a palavra “ansiedade” não representa com muita precisão, a história daquela punição, e certamente não fornece detalhes que permitam prever o que posso ou não posso fazer no momento presente. Não questiono que algo tenha acontecido no indivíduo e que esteja dentro dele, e não questiono o fato de que algum dia, e penso que isso ocorrerá em um futuro distante, neurologistas e fisiologistas nos dirão o que é esse algo. O que critico, no momento, é o uso puramente verbal desses conceitos, porque penso que eles prejudicam nossa análise ao nos fazer acreditar que sabemos mais do que realmente sabemos e descrevem de maneira equivocada variáveis que muitas vezes são importantes.

ROGERS: Nesse aspecto, eu me encontro, de modo geral, de acordo com o Dr. Skinner. Tem-se feito uso excessivo de eventos internos como se os conhecêssemos descritivamente e, então, nós os utilizamos como explicações causais de outros eventos. Inferências de longo alcance, em que se vai longe demais para chegar a uma conclusão, nunca me atraíram, e não acredito que constituam uma parte justificável da ciência. Um pesquisador de pós-doutorado que trabalhou conosco há um ou dois anos escreveu alguns artigos sob o título geral “Rumo a uma Ciência da Experiência Subjetiva”, apontando os avanços que vêm sendo feitos na identificação de indicadores objetivos de eventos subjetivos internos. Isso nos aproximará da possibilidade de estudar objetivamente alguns dos significados internos e das experiências subjetivas que operam em nosso comportamento. A questão é: até que ponto podemos nos aproximar deles ao estudá-los? Esse interesse em buscar indicadores mais objetivos dos aspectos subjetivos da experiência está relacionado, mas de modo algum é a mesma coisa, à ênfase na importância da subjetividade na vida, que destaquei anteriormente.

MODERADOR: ... E agora, começamos pelo Dr. Skinner, com suas considerações finais.

SKINNER: Quero retomar essa questão do planejamento e de saber se ele prejudica aquilo que é planejado. É muito importante ter em mente que uma cultura – qualquer cultura, em qualquer época – é uma espécie de experimento comportamental. Toda criança que nasce hoje na sociedade americana estará submetida a determinadas práticas culturais muito poderosas. [Ainda precisamos] ter uma educação que aproveite ao máximo as capacidades da constituição genética da população americana. Se temos práticas éticas, religiosas e morais que mantêm as pessoas se comportando de maneiras que reduzam sua necessidade de se defender de ataques, preocupações e coisas desse tipo, então os Estados Unidos são fortes. Continuaremos a desenvolver práticas melhores e daremos uma contribuição muito importante para as práticas do futuro.

Essas coisas funcionam de maneira semelhante à evolução biológica, embora não inteiramente. Na evolução cultural, alguém chega a uma prática cultural: uma nova maneira de lidar com as crianças no jardim de infância; uma nova maneira de pagar salários. Existem milhares desses pequenos planejamentos culturais, dessas invenções. Alguns sobrevivem porque contribuem para a força do grupo. Outros desaparecem porque produzem problemas. Desse modo, avançamos, por meio da codificação ou de outras formas. Construímos um conjunto de práticas culturais que será testado, queiramos ou não, no crivo da sobrevivência. Se a Rússia, a China ou alguma outra cultura avançar mais rapidamente, quer gostemos ou não, teremos então de ficar em segundo plano. Não acredito nisso nem por um momento. Estive na Rússia há um ano e não fiquei nem um pouco impressionado com a maneira como mobilizam o comportamento de sua população. Não me impressionaram seus padrões de uma vida boa, nem nada desse tipo. Mas ainda assim não acho que possamos descansar sobre os louros.

Cabe-nos examinar a cultura. Mesmo que se chegue acidentalmente a uma invenção cultural, ela pode se re-



velar uma prática muito boa. O fato de ser boa ou não tem pouco a ver com suas origens. Uma pessoa pouco inteligente poderia chegar a uma maneira melhor de criar seus filhos, que poderia ser copiada por outros e tornar-se uma prática estabelecida por muito tempo. As origens não são importantes. Os efeitos sobre a sobrevivência, sim. Mas, em algum ponto da história desse processo evolutivo, surge algo novo: o desenvolvimento da ciência como uma maneira de lidar com a natureza e, posteriormente, a aplicação da ciência ao comportamento humano. Quando as técnicas da ciência estiverem bem desenvolvidas e forem aplicadas ao problema do comportamento humano, estaremos em melhores condições de compreender a relação entre as práticas culturais e o comportamento forte ou fraco resultante no indivíduo que foi exposto a elas. Poderemos então planejar práticas com base em efeitos previstos que sejam importantes para nós, e elas serão importantes para nós da mesma maneira que as práticas surgidas acidentalmente. Elas também sobreviverão ou desaparecerão da mesma maneira. Assim, em determinado momento, com o desenvolvimento de uma ciência do comportamento, o ser humano torna-se capaz de acelerar a evolução das culturas planejando práticas, em vez de permitir que elas surjam ao acaso.

Isso também é verdadeiro no caso da evolução genética. Hoje somos capazes, até certo ponto, de modificar o plasma germinativo. Há algum tempo somos capazes de modificar estruturas genéticas por meio da seleção dos progenitores. Podemos produzir mutações e não estamos longe de realizar modificações bastante específicas nos cromossomos, e assim por diante. Nesse ponto, algo novo terá ocorrido na evolução do organismo como entidade biológica. Algo novo já ocorreu na evolução das culturas. Assim, podemos, utilizando a inteligência e o método científico, aprimorar nossa cultura.

Isso pode, entretanto, ser interpretado como intromissão, como fazer alguma coisa em relação a outras pessoas, como uma tentativa de controlar outras pessoas. E, evidentemente, a palavra “controle” é uma palavra carregada de valor. Todos nós já fomos controlados com propósitos de exploração. Fomos controlados por meio de técnicas que são, elas próprias, aversivas. Por isso, desenvolvemos uma filosofia que se opõe ao controle e até mesmo ao planejamento. Acho isso absurdo. Se insistirmos que as culturas humanas não sejam planejadas, fecharemos a porta para uma oportunidade extraordinária que talvez nunca mais se apresente. Joseph Wood Krutch atacou *Walden Two* de maneira contundente porque a obra descreve um mundo que é “planejado”.

Permitam-me propor a seguinte situação. O Sr. Krutch prefere o Sudoeste e costuma perambular por aquela região como naturalista amador. Suponhamos que, em uma de suas andanças, ele chegue a uma mesa, suba até seu topo e descubra uma comunidade indígena vivendo ali em condições exatamente comparáveis às de *Walden Two*. Seu sistema educacional as prepara para a vida que irão encontrar. As crianças são bem cuidadas, felizes e produtivas. Possuem práticas econômicas que proporcionam a todos uma vida simples, mas boa. Têm o que precisam para se alimentar e se vestir; desenvolvem atividades artísticas, a música floresce, e assim por diante. Não desceria Krutch daquela montanha anunciando ao mundo: “Como somos tolos! É isto! Aqui está um modo de vida que considero aceitável porque está maximizando todas as potencialidades das pessoas que nele vivem?”

Mas suponhamos então que um indígena, seguindo-o na descida da mesa, toque em seu ombro e diga: “Há apenas uma coisa que esqueci de lhe contar. Um velho indígena chamado Skinner planejou tudo dessa maneira”. Isso destruiria tudo. Saber que alguém havia pensado e planejado aquilo, em vez de ter sido o produto de uma evolução acidental das culturas, faria com que tudo perdesse completamente seu valor. Aquele velho indígena teria tido todo tipo de motivos despóticos e tirânicos. Mesmo que agora já estivesse morto, talvez, teria estado controlando as pessoas. Essas pessoas estariam vivendo uma vida que ele planejou. Ora, se formos tolos a ponto de permitir que nossas reações às formas de controle do passado interfiram no livre exercício da ciência no planejamento da cultura, então teremos exatamente aquilo que viemos a ter. Mas outros não serão tão tolos, e serão eles que contribuirão para o mundo do futuro.

ROGERS: O Dr. Skinner comentou anteriormente que continuaríamos descobrindo o que aprendemos neste encontro durante semanas e meses depois dele. Sinto que isso é muito verdadeiro. Acho difícil chegar a quaisquer considerações realmente conclusivas. Gostaria de dizer que adquiri um respeito cada vez maior pelo Dr. Skinner como pessoa, por sua sinceridade, sua gentileza, seu humor, seus amplos interesses acadêmicos e pela honestidade com que procura enfrentar as implicações dos rumos para os quais as ciências do comportamento estão nos conduzindo. Aprendi profundamente com ele, tanto no passado quanto durante estes encontros. Muitas vezes pensei, e gostaria de dizer, que considero que ele é a pessoa, dentro da vertente comportamental da Psicologia, que exerceu um impacto altamente significativo sobre nossa sociedade e nossa cultura, e respeito seu trabalho.

Permanecem algumas diferenças profundas entre nós, embora eu pense que sejam definitivamente menores do que quando estas discussões começaram, e suspeito que as diferenças mais profundas não serão reconciliadas por nós. Elas serão reconciliadas por vocês e por outras pessoas. Não sei se o Dr. Skinner sabe disso, mas um ex-aluno dele e um ex-aluno meu estão trabalhando juntos no desenvolvimento de uma forma de instrução programada para a melhoria das relações interpessoais. Você sabia disso? (*Skinner ri.*) Assim, em uma espécie de segunda geração, é possível que haja um trabalho significativo em direção a uma reconciliação.

Vejo grandes áreas de concordância entre nós, embora não tente especificar todas elas. Uma delas está no fato de que muitas das observações feitas pelo Dr. Skinner apontam para uma ciência do comportamento que, no futuro, terá um papel significativo no planejamento de nossa cultura. A questão profunda permanece: que tipo de papel ela desempenhará? Certamente estamos de acordo quanto às regras da ciência e quanto ao ser humano quando considerado de uma perspectiva científica. A partir dessa perspectiva, ambos vemos o comportamento como determina-



do e ambos reconhecemos a possibilidade de estabelecer condições prévias que levem aos efeitos desejados e que, em essência, constituam a base para o planejamento de uma cultura.

Mas há uma diferença na maneira como concebemos a ciência. Pelo que entendo, Skinner vê a si mesmo e o mundo, assim como o indivíduo de seu *Walden Two*, como figuras automatizadas movendo-se inexoravelmente por caminhos predeterminados. Considero essa perspectiva fecunda em meu trabalho como cientista, mas não como uma visão de mundo total, e a considero inadequada como uma perspectiva sobre o ser humano em sua totalidade.

Ficou evidente ao longo de nossas discussões que uma de nossas diferenças mais marcantes diz respeito ao lugar da subjetividade. Para mim, palavras como “liberdade” possuem profundo significado experiencial, realidade e importância. Espero ter ajudado a mostrar que, quando acreditamos na liberdade e na escolha individuais como uma realidade paradoxal em um mundo determinado, seguimos direções diferentes e temos uma consideração diferente pelo indivíduo humano daquela que teríamos se não sustentássemos essa perspectiva. Acredito que esse seja um ponto em que divergimos, embora eu tenha me surpreendido com várias coisas que ouvi o Dr. Skinner dizer e agora esteja um pouco menos certo sobre qual é, exatamente, sua posição. Em determinado momento, ontem, ele disse com verdadeira convicção: “Eu acredito...”. Fiquei tão abalado com isso que esqueci exatamente no que ele acreditava. Ele também mencionou que, se fôssemos planejar uma cultura, seria necessário escolher os valores que desejássemos estabelecer. Depois, nesta manhã, falou em elaborar uma filosofia que fosse apropriada. Para mim, uma filosofia é o significado da experiência. Isso me parece contradizer algumas das outras coisas que ele disse. Portanto, não tenho certeza. De qualquer modo, ficou claro que ele possui e vive uma vida subjetiva na qual a crença e a liberdade operam. Parece-me, contudo, que ele atribui importância secundária, ou pouca importância, à vida subjetiva dos outros e não a considera muito seriamente em seu planejamento de uma cultura. Nesse aspecto, de fato, divergimos profundamente.

Outra diferença é que acredito que o Dr. Skinner não distingue entre controle e influência. Para mim, são coisas bastante distintas. É importante saber se a pessoa com quem estamos lidando tem a possibilidade de participar da escolha. Se compreendo corretamente o Dr. Skinner, isso é secundário e não tem importância especial. O que valorizo neste encontro é que vocês, da plateia, são livres para escolher subjetivamente aquilo que desejam aceitar ou rejeitar. Uma das coisas que eu valorizaria, não apenas neste encontro, mas em qualquer tipo de cultura de cujo planejamento eu participasse, é que ela fosse repleta de experiências como esta. As pessoas seriam confrontadas com a dificuldade e a realidade da escolha, expostas a diferentes fatos, pontos de vista, opiniões e assim por diante, e teriam de escolher a posição a assumir diante dessas questões. Uma das bases essenciais para maximizar o potencial humano é tornar continuamente disponíveis a oportunidade e a necessidade de escolha.

Outro ponto em que talvez discordemos, e aqui novamente estou um pouco intrigado, diz respeito ao valor da genuinidade. Passei a considerar, particularmente em meu trabalho em psicoterapia, que uma das qualidades mais importantes nas relações humanas é a genuinidade, o fato de uma pessoa estar em contato real e genuíno com outra: um indivíduo sendo, tão plenamente quanto lhe é possível, os sentimentos que está experienciando naquele momento. Em uma cultura que eu pudesse planejar, esperaria ter líderes capazes de ser transparentes: não ocultariam aquilo que são; seriam pessoas dispostas a expor seus pontos de vista, atitudes e sentimentos aos indivíduos com quem estivessem trabalhando, de modo que os encontros entre as pessoas fossem reais e se baseassem nas realidades internas existentes. Não tenho qualquer dúvida quanto à genuinidade pessoal do Dr. Skinner. Fico intrigado, entretanto, quando ele fala em planejar culturas, porque, nesse caso, parece que, para simplificar excessivamente e talvez ser um pouco extremo, nada é realmente “para valer”. Isto é, os comportamentos que são produzidos servem a outros propósitos, e não a si mesmos. Acredito que ele considere que, uma vez que todas as relações humanas são simplesmente formas de manipulação, tenhamos ou não consciência disso, a qualidade da genuinidade não possui importância. Posso compreender essa posição, mas ela não corresponde à minha experiência.

Outra diferença que reconheço diz respeito à nossa disposição para controlar. Aqui, novamente, aparece a diferença entre controle e influência. Eu esperaria ser capaz, tanto ao lidar com indivíduos quanto com grupos, de estabelecer condições que libertem, favoreçam a liberação e promovam a espontaneidade, de estabelecer condições prévias que produzam determinadas consequências. Minhas experiências ao fazer isso me deram grande confiança nas características básicas do indivíduo humano quando ele é livre. Assim, meu objetivo principal seria proporcionar condições para uma liberação e um crescimento ótimos, em vez de estar voltado primordialmente para o controle.

Há nisso algo de útil, esperançoso e irônico: para um homem que acredita que as palavras “valor”, “escolha” e “propósito” conservam muito pouco de seu significado habitual em um mundo científico, não há dúvida de que o trabalho do Dr. Skinner provocou, e continuará provocando, enorme controvérsia em torno da escolha de valores, dos propósitos e das direções que escolhemos seguir. Nesse sentido, sinto que estamos realmente do mesmo lado, porque é exatamente isso que eu também gostaria de fazer. É assim que vejo o propósito deste encontro. Procuramos apresentar diferentes pontos de vista, diferentes propósitos possíveis, diferentes valores em relação à educação e ao planejamento de uma cultura futura; e a escolha desses valores é algo sobre o qual todos nós continuaremos trabalhando nos próximos anos.



Bibliografia⁷⁸

- Gladstein, G. A. (1983). Understanding empathy: Integrating counseling, developmental, and social psychology perspectives. *Journal of Counseling Psychology*, 30(4), 467-482. <https://doi.org/10.1037/0022-0167.30.4.467>
- Hoauiss, A. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Kirschenbaum, H. & Henderson, V. L. (1989) (Eds). *Carl Rogers – Dialogues: Conversations with Martin Buber, Paul Tillich, B. F. Skinner, Gregory Bateson, Michael Polanyi, Rollo May, and others*. Houghton Mifflin Company: Boston, Massachusetts.
- Lopes, E. J.; Rossini, J. C.; Lopes, R. F.; Gomes, W. B. & Carone, I. (2018). Revolução cognitiva e processamento de informação sessenta anos depois: retrospectiva e tendências. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 35, 40-64. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6887>
- Martin, J. (2017). Carl Rogers' and B. F. Skinner's approaches to personal and societal improvement: A study in the psychological humanities. *Journal of Theoretical and Philosophical Psychology*, 37(4), 214-229. <https://doi.org/10.1037/teo0000072>. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2017-49603-001>
- Rogers, C. R. & Buber, M. (2008). Carl Rogers Dialogues – Diálogo entre Carl Rogers e Martin Buber. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 14 (2), 233-243 (Tradução de Andréa de Alvarenga Lima e Revisão Técnica de Adriano Holanda). Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000200012&lng=pt&tlng=pt.
- Rogers, C. R. & Tillich, P. (2008). Carl Rogers Dialogues – Diálogo entre Carl Rogers e Paul Tillich. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 14(1), 121-127 (Tradução de Marcos Ricardo Janzen; e revisão técnica de Gustavo Vieira da Silva e Adriano Holanda). Disponível em: https://pepsic.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000100017
- Rogers, C. R. (1957). The necessary and sufficient conditions of therapeutic personality change. *Journal of Consulting Psychology*, 21(2), 95-103. <https://doi.org/10.1037/h0045357>
- Rogers, C. R. (1963a). The concept of the fully functioning person. *Psychotherapy: Theory, Research & Practice*, 1(1), 17-26. <https://doi.org/10.1037/h0088567>
- Rogers, C. R. (1963b). Toward a Science of the Person. *Journal of Humanistic Psychology*, 3(2), 72-92. <https://doi.org/10.1177/002216786300300208>
- Rowley, R. (1995). Joseph Wood Krutch: The Forgotten Voice of the Desert. *The American Scholar*, 64(3), 438-443. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41212355>
- Skinner, B. F. (1973). *O Mito da Liberdade*. Rio de Janeiro: Editora Bloch.
- Stewart, J. L. (1992). Wendell Johnson: A memoir. *ETC: A Review of General Semantics*, 49(4), 424-432. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/42577384>
- Zahavi, D. (2014). Você, eu e nós: o compartilhamento de experiências emocionais. *Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia*, Rio de Janeiro, 3 (2), 151-170. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/Ekstasis/article/view/15182/12116>

⁷⁸ Obras citadas ao longo do texto, por tradutoras e revisores. O texto original não traz citações (N. do E.).



Editor – Adriano Furtado Holanda

Departamento de Psicologia / Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Universidade Federal do Paraná (UFPR) – <http://www.humanas.ufpr.br/portal/psicologia/>
Praça Santos Andrade, 50 – Sala 215 [Ala Alfredo Buffren]
80060.240 – Curitiba / PR – BRASIL
Email: aholanda@yahoo.com / aholanda@ufpr.br

